

Best-seller do *New York Times* — mais de 40 semanas



A Terceira Xícara de Chá



A história de um homem que combateu o terror
com escolas e livros no Afeganistão e no Paquistão

GREG MORTENSON e DAVID OLIVER RELIN



Ediouro





GREG MORTENSON e
DAVID OLIVER RELIN

Three Cups of Tea 2009

A Terceira Xícara de Chá

GREG MORTENSON e DAVID OLIVER RELIN

A história de um homem que combateu o terror com escolas e livros no Afeganistão e no Paquistão

Tradução de: Thereza Christina Rocque da Motta Ediouro Título original Three
Cups of Tea

Copyright © Greg Mortenson e David Oliver Relin, 2009

Copyright da tradução © Ediouro Publicações, 2007

Adaptação da capa

Código Fonte Comunicação Ltda

Imagem da capa Greg Mortenson

Copidesque Masé Sant'Ana

Revisão Beatriz Branquinho

Damião Nascimento

Produção editorial Cristiane Marinho

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M871t

Mortenson, Greg

A terceira xícara de chá: a história de um homem que combateu o terror com escolas e livros no Afeganistão e no Paquistão / Greg Mortenson e David Oliver Relin ; tradução de Thereza Christina. — Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

Tradução de: Three Cups of Tea ISBN 978-85-00-02252-4

1. Educação feminina — Paquistão. 2. Educação feminina — Afeganistão. 3. Assistência humanitária — Paquistão. 4. Assistência humanitária — Afeganistão. I. Relin, David Oliver. II.

Título.

07-3402. CDD: 370.19345 CDU: 34.015.4

07 08 09 10 11 6 5 4 3 2 1

Todos os direitos reservados à Ediouro Publicações S.A.

Rua Nova Jerusalém, 345 — Bonsucesso

Rio de Janeiro — RJ — CEP 21042-235

Tel.: (21) 3882-8200 Fax: (21) 3882-8212/8313

www.ediouro.com.br

Contracapa

Certo dia, em 1993, Greg Mortenson vagava perdido e sozinho no alto das montanhas mais inóspitas da Terra, sentindo o corpo e o espírito alquebrados, após uma frustrada tentativa de chegar ao pico do K2, a montanha mais difícil de escalar em todo o mundo. Quando os moradores de uma aldeia pobre nas encostas do Himalaia no Paquistão, o encontraram e curaram suas feridas, Mortenson fez uma promessa a si mesmo: um dia voltaria para construir uma escola para eles. Embora fosse um “sem-teto” que dormia num velho carro em Berkeley, Califórnia, Mortenson vendeu tudo o que tinha para iniciar uma das campanhas humanitárias mais notáveis de nossos dias.

Das geleiras onde leopardos da neve espreitam suas presas a aldeias fundamentalistas, e seguindo as mortais trilhas de ópio num Afeganistão em guerra, **A Terceira Xícara de Chá** descreve a odisseia de Mortenson.

Durante dez anos, ele construiu escolas na região onde nasceu o Talibã e que serve de refúgio para a Al-Qaeda. Declarou guerra às raízes do terrorismo — pobreza e ignorância —, fornecendo uma educação equilibrada e não extremista. Mas, por contrariar interesses, foi vítima de sequestro por militantes extremistas e recebeu fatwas de mulás enfurecidos; foi ameaçado de morte por americanos que o consideravam um traidor e sofreu com a dolorosa separação de sua família. Desde a realização de sua primeira e difícil promessa, já ergueu 55 escolas que atendem as comunidades mais pobres do Paquistão e do Afeganistão. E, enquanto este verdadeiro Indiana Jones da vida real cruza o Himalaia e o Hindu Kush, lutando para manter essas escolas abertas, dá esperança a dezenas de milhares de crianças e mostra o que uma pessoa dedicada e verdadeiramente apaixonada pode fazer no mundo.

Greg Mortenson é diretor do Instituto da Ásia Central. Ex-alpinista e militar da reserva, dedica-se alguns meses do ano à construção de escolas no Paquistão e

no Afeganistão. Vive em Montana com mulher e dois filhos.

David Olliver Relin é jornalista de reputação mundial e recebeu mais de 40 prêmios nacionais por seus artigos. Ex-membro e professor da



Oficina Literária de Iowa, é assíduo colaborador da Parade e da Sking Magazine. Vive em Portland, Oregon.

"Os governos do Paquistão e do Afeganistão estão abandonando os jovens em idade escolar de forma absurda. O trabalho que Mortenson está fazendo, propiciando aos estudantes mais carentes uma educação equilibrada, impede as madrassas extremistas de recrutá-los.

Ahmed Rashid, autor do best-setler Taliban: Militant Islam, Oil and Fundamentalism in Central Asia.

"Como as-alpinista, Greg Mortenson conhece as dificuldades. Mas, quando se lê *A terceira xícara de chá*, percebe-se que o pico que ele almeja alcançar como ativista é muito mais difícil de escalar do que qualquer montanha!

Conrad Anker, alpinista renomado, coautor de *The Lost Explorer: Finding Mallory on Mount Everest*.

Best-Seller do **New York Times**

Mais de 40 semanas

A Terceira Xícara de Chá

A história de um homem que
combateu o terror com escolas e livros
no Afeganistão e no Paquistão

*Para Irvin "Dempsey" Martenson, Barry "Barrei" Bishop e Lloyd Henry Relin
por terem mostrado o caminho enquanto estavam por aqui*

Em branco

Introdução

Na órbita do sr. Mortenson

LUZINHA VERMELHA DO PAINEL JÁ ESTAVA PISCANDO

FAZIA CINCO MINUTOS, até Bhangoo percebê-la.

— Os indicadores de combustível dessa velha máquina são totalmente duvidosos
— disse o general-de-brigada Bhangoo, um dos pilotos de helicóptero mais

experientes do Paquistão, batendo o dedo no visor. Não sei se disse isso com a intenção de me tranquilizar.

Eu estava sentado ao lado de Bhangoo, olhando debaixo dos pés pelo para-brisa redondo do helicóptero Alouette, da época da guerra do Vietnã.

Seiscentos metros abaixo, serpenteava um rio, por entre as margens rochosas, que despontavam dos dois lados do vale do Hunza. À altura dos olhos, voávamos por geleiras recém-formadas, reluzindo sob um sol tropical. Bhangoo prosseguia, sem se perturbar, batendo a cinza do cigarro por um respiradouro, ao lado de um adesivo que alertava: "Não Fume."

Do fundo do helicóptero, Greg Mortenson esticou seu longo braço e tocou o ombro de Bhangoo sob a jaqueta de voo.

— General — gritou Mortenson —, acho que estamos indo na direção errada.

O general-de-brigada Bhangoo fora o piloto particular do presidente Musharraf antes de se aposentar da vida militar e ingressar numa empresa de aviação civil. Estava beirando os 70 anos, tinha cabelos grisalhos e um bigode tão certinho quanto as vogais que herdara da escola britânica particular que frequentou quando era jovem com Musharraf e outros futuros líderes do Paquistão.

O general atirou o cigarro pela janelinha e soltou a fumaça. Então se inclinou para comparar a unidade de GPS que equilibrava no joelho com o mapa militar que Mortenson dobrara, para destacar o que acreditava ser a nossa posição.

— Sobrevoou o norte do Paquistão há quarenta anos — respondeu ele, meneando a cabeça, um movimento característico dos habitantes do subcontinente. — Como você conhece a região melhor que eu?

Bhangoo imbicou o Alouette bruscamente, retomando a direção da qual viemos.

A luzinha vermelha que me preocupara antes começou a piscar mais rápido. A agulha oscilante do indicador mostrava que tínhamos menos de 100 litros de combustível. Esta parte do norte do Paquistão era tão remota e inóspita, que tínhamos de conhecer quem pudesse fornecer tonéis com combustível de avião, transportados por jipe em locais estratégicos. Se não chegássemos ao ponto de aterrissagem, estaríamos, literalmente, numa enrascada, uma vez que o cânion acidentado que acabáramos de sobrevoar não possuía áreas planas adequadas

para a aterrissagem do Alouette.

Bhangoo subiu ainda mais, para girar em direção a um ponto de pouso mais distante, caso ficássemos sem combustível, e empurrou o manche para a frente, acelerando até noventa nós. Quando a agulha bateu no fundo do indicador e a luzinha vermelha de alerta começou a apitar, Bhangoo tocou com o trem de pouso no centro de um imenso H desenhado no heliporto com pedras brancas, ao lado dos tanques de combustível.

— Essa foi por pouco — disse Bhangoo, acendendo outro cigarro. —

Mas poderia não ter dado certo, se não fosse o sr. Mortenson.

Mais tarde, depois de reabastecer com uma bomba manual de um tanque de combustível enferrujado, sobrevoamos o vale do Braldu até a aldeia de Korphe, o último ponto habitado antes da geleira do Baltoro, que se estende até o K2, e a maior concentração de cumes acima de 6 mil metros de altura. Depois de uma tentativa fracassada de escalar o K2 em 1993, Mortenson chegara a Korphe totalmente exausto. Nesta empobrecida comunidade de chalés de pedra em meio à lama, a vida de Mortenson e das crianças paquistanesas do Norte mudou de rumo. Uma noite, adormeceu ao lado de uma fogueira como um alpinista perdido durante a escalada e, pela manhã, após tomar um bule de chá com os anfitriões e calçar novamente as botas, ele havia se tornado um humanitário que fora ao encontro de uma missão que deveria cumprir para o resto de sua vida.

Ao chegar a Korphe com dr. Greg, Bhangoo e eu fomos recebidos de braços abertos, com cabeças de íbex, cabras selvagens recém-caçadas, e inúmeras xícaras de chá. E ao ouvir as crianças 'didas de Korphe — uma das comunidades mais pobres do mundo — contarem como suas

esperanças e sonhos para o futuro haviam crescido exponencialmente desde que este grande americano chegara há dez anos para construir a primeira escola da aldeia para eles, o general e eu ficamos exaustos.

— Sabe — disse Bhangoo, cercado por 120 alunos que nos puxavam pela mão para ver a escola —, ao voar com o presidente Musharraf, conheci muitos líderes mundiais, muitos homens e mulheres notáveis, mas acho que Greg Mortenson é a pessoa mais notável que conheci.

Qualquer pessoa que tem o privilégio de ver Greg Mortenson agir no Paquistão

fica surpresa com o quanto ele aprendeu sobre uma das regiões mais remotas do mundo. E muitas delas se vêem atraídas, quase sem querer, para sua órbita. Durante a última década, após uma série de fracassos e acidentes que o transformaram de alpinista em humanitário, Mortenson atraiu o que se pode chamar de uma das equipes mais subqualificadas e, ao mesmo tempo, mais bem-sucedidas dentre as organizações de caridade do mundo.

Carregadores iletrados que vivem nos planaltos na região de Karakoram, no Paquistão, baixaram seus fardos para receber dele poucos salários para que os filhos pudessem ter a educação de que foram privados.

Um taxista que teve a sorte de pegar Mortenson no aeroporto de Islamabad vendeu o táxi e se tornou seu fiel e dedicado "quebra-galhos". Ex-combatentes do Talibã renunciaram à violência e à opressão às mulheres depois que conheceram e passaram a trabalhar com Mortenson, construindo, pacificamente, escolas para meninas. Ele atraiu voluntários e admiradores de todos os estratos da sociedade paquistanesa e de todos os setores combatentes do Islã.

Aparentemente, jornalistas objetivos correm o risco de serem atraídos para a sua órbita também. Por três vezes, acompanhei Mortenson até o norte do Paquistão, voando até os vales mais distantes do Karakoram, no Himalaia, e do Hindu Kush, em helicópteros que já deveriam estar pendurados nos tetos de museus. Quanto mais tempo passei vendo Mortenson trabalhar, mais me convencia de que estava diante de uma pessoa extraordinária.

Os relatos que ouvi sobre as aventuras de Mortenson para construir as escolas para meninas nas remotas regiões montanhosas do Paquistão pareciam dramáticos demais para serem verdade. A história que apurei entre os caçadores de íbex nos vales elevados do Karakoram — em assentamentos nômades na fronteira selvagem com o Afeganistão, em

mesas de reunião com o alto escalão do Exército do Paquistão, e bebendo incontáveis xícaras de **paiyu** cha — chá amanteigado que é a base da alimentação dos baltis, em salões tão esfumaçados que eu tinha de apertar os olhos para enxergar meu bloco de anotações — foi ainda mais notável do que eu poderia imaginar.

Como jornalista experiente nesse estranho ofício de me imiscuir na vida alheia, por duas décadas, conheci um número muito maior de figuras públicas do que eu

deveria que não correspondiam ao que as assessorias de imprensa delas alardeavam. Mas, em Korphe — e em todas as aldeias paquistanesas em que fui recebido como um membro da família que há muito tempo não viam, porque outro americano se deu ao trabalho de criar laços de amizade com eles — assisti à história dos últimos dez anos da vida de Greg Mortenson se desdobrar e ramificar com uma riqueza e complexidade que transcendem ao que a grande maioria conquista ao longo de toda uma vida.

Esta é uma forma simpática de dizer que este é um relato que não pude apenas observar. Qualquer um que visite as 53 escolas do Instituto da Ásia Central [Central Asia Institute] com Mortenson começa a trabalhar e, ao longo do processo, passa a defendê-lo. E depois de passar a noite em claro em jirgas com os anciões da aldeia avaliando propostas para novos projetos, ou de fazer uma demonstração numa sala de aula lotada de meninas de 8 anos de idade, ansiosas para aprender como usar o primeiro apontador de lápis que alguém se importou em lhes dar, ou de improvisar uma aula sobre gíria em inglês para uma turma de alunos extremamente circunspectos, é impossível continuar sendo apenas um jornalista.

Thomas Fowler, personagem do romance **O americano tranquilo**, de Graham Greene, aprendeu que, às vezes, para ser humano, é preciso escolher um lado.

Escolho o lado de Greg Mortenson. Não por que ele não tenha defeitos. Seu sentido fluido de tempo impossibilitou a concatenação da narrativa de muitos dos fatos deste livro, como aconteceu ao entrevistar os baltis com quem ele trabalha que não possuem tempos de verbo em sua língua e dão pouca importância ao tempo linear, como o homem que eles chamam de dr. Greg.

Durante os dois anos em quem trabalhamos neste livro, Mortenson atrasava-se com tanta frequência para as nossas entrevistas que cheguei a pensar em abandonar o projeto. Muitas pessoas, especialmente nos

Estados Unidos, desistiram de se relacionar com Mortenson após experiências semelhantes, chamando-o, no mínimo, de "não-confiável".

Mas descobri, como sua esposa, Tara Bishop, costuma dizer, que "Greg não é como nós". Ele funciona num "tempo de Mortenson"; resultado, talvez, de ter crescido na África e trabalhado grande parte da vida no Paquistão. E seu método de ação — contratando pessoas com pouca experiência baseado em sua intuição,

forjando alianças de trabalho com personagens normalmente inadequados e, acima de tudo, improvisando, mesmo de forma desordenada e não-convencional — moveu montanhas.

Para um homem que conquistou tantas coisas, Mortenson é surpreendentemente despretensioso. Depois que concordei em escrever este livro, ele me passou uma folha de seu bloco de anotações com dezenas de nomes e números anotados até a margem em letra miúda. Era a lista de seus inimigos.

— Converse com todos eles — disse ele. — Ouça o que eles têm a dizer. Nós temos os resultados. É o que mais importa para mim.

Ouvi centenas de aliados e inimigos de Mortenson. E para preservar sua segurança e/ou privacidade, alterei alguns nomes e lugares.

Trabalhar neste livro foi uma mera colaboração. Eu escrevi a história, mas Greg Mortenson a viveu. Juntos, assistimos a milhares de slides, revisamos documentos e vídeos, amealhados ao longo de uma década, gravamos centenas de horas de entrevistas e viajamos para visitar as pessoas que são o centro desta narrativa incomparável.

E, como pude constatar no Paquistão, o Instituto da Ásia Central (IAC) de Mortenson, incontestavelmente, produz resultados. Numa parte do mundo em que os americanos são, no mínimo, mal compreendidos e, mais frequentemente, temidos e odiados, este gentil ex-alpinista de Montana de 1,95m de altura colecionou uma série de sucessos improváveis. Embora nunca afirme isso, ele modificou, sozinho, a vida de dezenas de milhares de crianças e, de forma autônoma, conquistou mais corações e mentes do que todas as propagandas oficiais americanas que abundam na região.

Assim, confesso: em vez de simplesmente relatar o andamento, quero ver Greg Mortenson vencer. Desejo sucesso a ele, porque ele está combatendo o terrorismo do modo como penso que deveria ser combatido.

Atravessando a "Rodovia" do Karakoram em seu velho Land Cruiser e correndo imensos riscos pessoais para semear com escolas a região que

deu origem ao Talibã, Mortenson combate as principais causas do terrorismo toda vez que dá a um aluno a chance de receber educação equilibrada, em vez de estudar numa madrassa extremista.

Se nós, americanos, devemos aprender com os nossos erros, a partir do modo truculento e incompetente com que conduzimos como nação a guerra contra o terrorismo depois dos ataques de 11 de setembro, e do modo como nos tornamos indefensáveis perante a maioria moderada de pessoas amantes da paz no coração do mundo muçulmano, precisamos dar ouvidos a Greg Mortenson. Eu o ouvi, e foi uma das experiências mais gratificantes da minha vida.

— *David Oliver Relin Portland, Oregon*

Capítulo 1

Fracasso

Quando escurece, podemos ver as estrelas.

— *Provérbio persa*

NO KARAKORAM, PAQUISTÃO, NUMA ÁREA DE QUASE 160

QUILÔMETROS DE largura, mais de sessenta das mais altas montanhas do mundo ostentam sua austera beleza alpina em altitudes raramente visitadas. Exceto pelos leopardos da neve e íbices, poucos seres passaram por esta deserta paisagem de gelo, em que a presença do K2, a segunda montanha mais alta do planeta, era praticamente um boato para o resto do mundo até a virada do século XX.

Descendo do K2 em direção às altas regiões povoadas do vale do Indo, entre as quatro torres de granito dos Gasherbrums e as formas pontiagudas das Grandes Torres Trango, a geleira do Baltoro mal perturba esta soberba catedral de pedra e gelo. E até o movimento deste rio congelado, que corre, em média, 10 centímetros por dia, é praticamente imperceptível.

Na tarde de 2 de setembro de 1993, Greg Mortenson sentiu como se não estivesse se movimentando mais rápido do que isso. Vestindo um shalwar kamiz marrom todo remendado, como seus carregadores paquistaneses, ele tinha a sensação de que as pesadas botas de alpinismo de couro escuro faziam-no descer o Baltoro em sua velocidade glacial, através de uma esquadra de geleiras, alinhadas como as velas de mil navios de gelo.

A qualquer momento, Mortenson esperava encontrar Scott Darsney

— companheiro de expedição com quem estava retornando à civilização

— sentado numa pedra, caçoando por ele estar andando tão devagar. Mas a parte superior do Baltoro é mais um labirinto do que uma trilha.

Mortenson ainda não percebera que estava perdido e sozinho. Ele se afastara da parte central da geleira por um atalho que o conduziria não

para o oeste, para Askole —uma aldeia que ficava a 80 quilômetros, onde esperava encontrar um motorista de jipe disposto a levá-lo para longe dessas montanhas — pelo contrário, ele estava indo em direção ao sul, a um labirinto impenetrável de cascatas de gelo partido e, pior, para a fronteira de guerra em que soldados paquistaneses e indianos trocavam tiros no ar rarefeito.

Normalmente Mortenson teria prestado mais atenção. Teria se mantido alerta a questões de sobrevivência, como o fato de que Mouzafer, o carregador que surgira como uma bênção e se oferecera para carregar a mochila pesada com o equipamento de alpinismo e a tenda, também estava levando a tenda e praticamente toda a sua comida, e o manteria sempre à vista. Também teria levado mais em conta os aspectos físicos assustadores à sua volta.

Em 1909, o duque de Abruzzi, um dos maiores alpinistas e, talvez, o maior conhecedor de paisagens escarpadas de seu tempo, conduziu uma expedição italiana pelo Baltoro numa frustrada tentativa de atingir o K2.

Ele ficou estupefato com a rude beleza dos picos da região. "Nada se comparava àquilo em termos de beleza alpina", ele registrou num diário.

"Era um mundo de geleiras e penhascos, uma vista incrível que agradaria tanto um artista quanto um alpinista."

Mas quando o sol se pôs por trás das grandes cerrações de granito da Torre Muztagh a oeste, e as sombras lançaram-se sobre as encostas do vale a leste, na direção dos monólitos afiados de Gasherbrum, Mortenson nem sequer notara. Ele estava introspectivo naquela tarde, absorto e aturdido por algo inédito em sua vida até aquele momento — o fracasso.

Dentro do bolso de seu shalwar, ele tocou o colar de contas de âmbar que sua irmã caçula Christa sempre usara. Aos 3 anos de idade, vivendo na Tanzânia, onde os pais de Mortenson, nascidos no Minnesota, trabalharam como professores e missionários luteranos, Christa contraíra meningite aguda e nunca se recuperou completamente. Greg, 12 anos mais velho que ela, se

autodenominou seu guardião. Embora Christa se esforçasse para fazer coisas simples — vestir-se todos os dias de manhã tomava quase uma hora — e sofresse fortes ataques epiléticos, Greg pressionou a mãe, Jerene, para permitir que ela tivesse um pouco de independência. Ele ajudou Christa a conseguir um emprego em trabalhos manuais, ensinou-lhe os trajetos dos ônibus públicos de Twin Cities, para que pudesse ir

aonde quisesse e, para a vergonha de sua mãe, discutiu detalhes sobre controle de natalidade, quando descobriu que ela estava namorando.

Todos os anos, servindo como médico e comandante de pelotão do Exército americano na Alemanha, trabalhando como enfermeiro em Dakota do Sul, estudando neurofisiologia da epilepsia numa faculdade em Indiana, na esperança de descobrir uma cura para Christa, ou vivendo como um alpinista sem-teto num carro em Berkeley, Califórnia, Mortenson insistia que a irmã viesse visitá-lo durante um mês ao ano.

Juntos, iam assistir a espetáculos que muito alegravam Christa. Iam às 500

Milhas de Indianápolis, ao Kentucky Derby, iam de carro à Disneylândia, e ele conduziu-a através da estrutura arquitetônica de sua catedral pessoal naquela época, as paredes de granito do Parque Nacional de Yosemite.

Para o vigésimo terceiro aniversário, Christa e a mãe planejaram uma peregrinação do Minnesota aos campos de trigo em Deyersville, Iowa, onde o filme a que Christa assistira inúmeras vezes, O campo dos sonhos, fora filmado. Mas no dia de seu aniversário, nas horas que antecederam à partida pela manhã, Christa morreu, depois de sofrer uma forte convulsão.

Após a morte de Christa, Mortenson pegou o colar entre os poucos pertences guardados da irmã. Ainda tinha o cheiro da fogueira que acenderam na última vez em que viera visitá-lo na Califórnia. Ele trouxe o colar para o Paquistão envolto em uma bandeira tibetana de oração, com um plano para honrar a memória da irmã caçula. Mortenson era alpinista e decidira prestar a homenagem mais significativa para ele. Iria escalar o K2, o cume que a maioria dos alpinistas considera o mais difícil de alcançar, e deixar o colar de Christa a 8.611 metros de altitude.

Ele crescera numa família que gostava de se incumbir de tarefas difíceis, como construir uma escola e um hospital na Tanzânia, nas encostas do Monte

Kilimanjaro. Mas apesar da aparência tranquila da fé inquestionável de seus pais, Mortenson ainda não havia se decidido sobre a natureza divina. Ele deixaria uma oferenda a qualquer divindade que vivesse nas altas atmosferas.

Três meses antes, Mortenson saltitara nesta geleira com um par de sandálias sem meias, carregando uma mochila de 40 quilos além do ponto da aventura que o atraía até o Baltoro. Ele estava percorrendo a trilha de 113 quilômetros a partir de Askole com uma equipe de dez alpinistas ingleses, irlandeses, franceses e americanos, que fazia parte de uma

tentativa parcamente financiada, porém corajosa, de escalar o segundo pico mais alto do mundo.

Comparado ao Everest, (1) a 1.600 quilômetros a sudeste ao longo da espinha dorsal do Himalaia, o K2, todos eles sabiam, era praticamente inacessível. Para os alpinistas, que o chamam de "O Pico Selvagem", continua sendo o teste mais árduo, uma pirâmide de granito recortado tão íngreme que a neve não consegue se assentar sobre suas faces pontiagudas.

E Mortenson, então um tipo destemido de 35 anos de idade — que escalara o Kilimanjaro aos 11, aprendera a subir nas paredes de granito puro do Yosemite, e graduara-se em meia dúzia de escaladas bem-sucedidas no Himalaia —, não duvidava, quando chegou, em maio, que logo colocaria o pé no que considerava "o maior e o pior cume da Terra".

Ele chegou muito perto, a 600 metros do topo, mas o K2 se ocultara entre as névoas por trás dele e o colar continuava em seu bolso. Como isso pôde acontecer? Ele enxugou os olhos com a manga do casaco, desorientado por estar chorando e pensou que fosse a altitude. Ele não se reconhecia. Depois de 78 dias de luta nas altitudes do K2, sentia-se insignificante e ridículo. Ele simplesmente não sabia se teria as reservas para andar por mais 80 quilômetros sobre um terreno perigoso até Askole.

O som agudo e certo de uma pedra caindo fez com que voltasse à realidade. Viu uma rocha do tamanho de um prédio de três andares acelerar, bater e girar sobre a encosta de cascalho embaixo, e pulverizar uma montanha de gelo na trilha à sua frente.

Mortenson tentou voltar a si e manter-se alerta. Olhou para cima, viu quão alto as sombras se projetavam sobre os picos a leste, e tentou se lembrar quando

tinha sido a última vez que vira outras pessoas por perto.

Haviam se passado horas, desde que Scott Darsney desaparecera adiante na trilha. Uma hora antes, ou talvez mais, ele ouvira os sinos de uma caravana de mulas do Exército carregando munição até a geleira de Siachen, o campo de batalha a 6.096 metros de altitude, 19 quilômetros a sudeste, onde os soldados paquistaneses congelavam em seu perpétuo combate ao Exército indiano.

Ele começou a vasculhar a trilha em busca de vestígios. Em qualquer parte ao longo do caminho de volta para Askole teria de encontrar detritos deixados pelos soldados. Mas não encontrou fezes de mula. Nenhuma ponta de cigarro. Nenhuma lata de conserva. Nenhum resto de palha que os condutores carregavam para alimentar os animais. Percebeu que não se

parecia com uma trilha, apenas uma senda em meio a um labirinto instável de pedras e gelo, e começou a imaginar como teria chegado àquele lugar.

Tentou se concentrar para clarear as ideias. Mas os efeitos da longa exposição à altitude haviam minado sua capacidade de pensar e agir com clareza.

Passou uma hora subindo uma encosta de cascalho, para atingir uma posição vantajosa acima das pedras e das geleiras, um local em que pudesse visualizar o ponto de referência que estava procurando, o grande promontório rochoso de Urdukas, que se elevava no Baltoro como um punho de pedra, e arrastar-se de volta até a trilha. Mas ao atingir o topo, sentiu-se exausto. Havia se afastado 12 quilômetros da trilha escalando um vale desértico e, no lusco-fusco, até os contornos dos picos que ele conhecia tão bem pareciam estranhos a partir desse novo ângulo.

Sentindo o medo aumentar sob o estupor induzido pela altitude, Mortenson sentou-se para checar o que trazia consigo. Em sua pequena mochila roxa desbotada tinha um cobertor de lã fino do Exército paquistanês, um cantil vazio e apenas uma barra de proteína. O saco de dormir forrado de plumas, as roupas quentes, a tenda, o fogão, a comida, até mesmo o lampião e todos os fósforos estavam na mochila que o carregador transportava.

Ele teria de passar a noite na montanha e procurar a trilha à luz do dia. Embora a temperatura já tivesse caído muito abaixo de zero, não morreria por exposição, ele pensou. Além disso, foi consciencioso o suficiente para saber que caminhar, à noite, sobre uma geleira mutante, onde as fendas se abriam a centenas de

metros até depósitos de gelo em lagos subterrâneos, era muito mais perigoso. Retomando o caminho de descida do monte de cascalho, Mortenson procurou um lugar distante o suficiente da encosta da montanha para não ser atingido por uma queda de rocha durante o sono, e firme o bastante para que não se partisse e o lançasse nas geleiras profundas.

Encontrou uma laje que parecia firme, pôs neve no cantil com as mãos nuas, e embrulhou-se no cobertor, tentando não pensar no quão sozinho e exposto ele estava. Seu antebraço estava ferido pelas queimaduras de corda do resgate, e ele sabia que deveria tirar as bandagens de gaze com sangue coagulado e drenar o pus das feridas que não cicatrizariam por causa da altitude, mas não se animou a fazê-lo.

Encostando-se em uma rocha inclinada e tremendo de frio, Mortenson viu

a última réstia de sol, tingir de vermelho os cumes pontiagudos a leste e depois sumir, deixando imagens recortadas por um tom azul profundo.

Cerca de um século antes, Filippo De Filippi, médico e cronista da expedição do duque de Abruzzi ao Karakoram, registrou a desolação que sentira nestas montanhas. Apesar de estar com outros vinte europeus e 260

carregadores locais, que transportavam cadeiras de armar e serviços de prata para o chá, e de terem jornais da Europa entregues a eles regularmente por uma equipe de correios, sentiu-se insignificante diante daquela paisagem. "Um silêncio profundo cobria todo o vale", ele escreveu, "pesando sobre os nossos espíritos de forma indescritível. Não há nenhum outro lugar no mundo onde o homem se sinta tão só, tão isolado, tão completamente ignorado pela natureza, tão incapaz de comunicar-se com ela".

Talvez tenha sido a experiência de solidão, como a única criança americana entre centenas de africanos, ou as noites que passou a mil metros no alto do Semidomo, em Yosemite, no meio de uma escalada de vários dias, mas Mortenson estava despreocupado. Se perguntarem a ele por quê, atribuirá à demência induzida pela altitude. Mas qualquer pessoa que tenha conhecido Mortenson, que o tenha observado convencer um congressista, um filantropo relutante ou um general afegão teimoso, até conseguir liberar fundos de assistência atrasados, uma doação ou a autorização que queria para entrar em territórios tribais, teria compreendido esta noite como mais um exemplo da

mente tenaz de Mortenson.

O vento se intensificou e a noite tornou-se cristalina e insuportavelmente fria. Ele tentava distinguir os picos à sua volta, mas não conseguia enxergar, tamanha era a escuridão. Depois de uma hora sob o cobertor, pôde amolecer a barra de proteína congelada com o calor do corpo e descongelar gelo suficiente para conseguir beber, o que fez com que tiritasse de frio. Dormir, nesse lugar gélido, parecia totalmente impraticável. Então Mortenson continuou deitado sob a luz das estrelas, perscrutando o céu, e resolveu pensar nas causas de seu fracasso.

Os líderes de sua expedição, Dan Mazur e Jonathan Pratt, junto com o alpinista francês, Etienne Fine, eram bem treinados. Ágeis e desenvoltos, herdaram a capacidade genética de se movimentar com técnica naquela altitude. Mortenson era mais lento e forte como um urso. Com 1,95m de

altura e pesando 95,5 quilos, frequentou a Faculdade Concórdia do Minnesota, graças a uma bolsa para jogar no time de futebol americano.

Embora ninguém tenha dito que deveria ser assim, as escaladas lentas e trabalhosas caíam como uma luva para ele e Darsney. Por oito vezes, Mortenson serviu de burro de carga, transportando comida, combustível e tubos de oxigênio para diversos esconderijos ao longo do caminho do Corredor Japonês, uma frágil cabana que a expedição montou a 600 metros do cume do K2, suprimindo os acampamentos da expedição no alto, de forma que os líderes tivessem os suprimentos no local quando decidissem se deslocar para o topo.

Todas as outras expedições na montanha naquela temporada escolheram desafiar o pico de forma tradicional, escalando o caminho feito pela primeira vez há quase um século, a face sudeste da Cadeia Abruzzi do K2. Porém, eles escolheram fazer pela Cadeia Oeste, uma rota muito mais difícil, cheia de minas terrestres com marcos técnicos íngremes, que somente fora escalada com sucesso uma única vez, 12 anos antes, pelo alpinista japonês Eiho Otani e seu companheiro paquistanês Nazir Sabir.

Mortenson adorou o desafio e ficou orgulhoso por terem escolhido a rota mais difícil. E a cada vez que alcançava um dos marcos a que se agarravam na Cadeia Oeste, e descarregavam as latas de combustível e os rolos de corda, notava que se sentia mais forte. Ele podia ser lento, mas alcançar o topo começou a parecer inevitável.

Certa noite, depois de mais de setenta dias nas montanhas, Mortenson e Darsney retomaram ao acampamento-base, prontos para cair no sono após 96 horas de escalada depois de concluir outra missão de reabastecimento. Todavia, ao olharem pela última vez para o cume através do telescópio logo após anoitecer, Mortenson e Darsney viram uma luz tremeluzindo no alto da Cadeia Oeste do K2. Concluíram que deveriam ser membros da expedição, sinalizando com as lanternas do capacete, e que seu colega francês deveria estar em apuros.

— Etienne era um **alpiniste** — explica Mortenson, destacando com uma pronúncia francesa exagerada o respeito e a arrogância que o termo pode adquirir entre os demais montanhistas. — Ele conseguia viajar rápido e leve com a menor quantidade de bagagem possível. E tivemos de salvá-lo antes, quando subira rápido demais e sem aclimação.

Mortenson e Darsney, duvidando que tivessem forças suficientes para escalar novamente até Fine logo após fazer uma descida exaustiva, chamaram voluntários de cinco outras expedições no acampamento-base.

Ninguém se apresentou. Por duas horas ficaram deitados nas tendas descansando e reidratando, depois embalaram as mochilas e voltaram à montanha.

Ao descer do Acampamento IV, a 7.600 metros de altitude, Pratt e Mazur corriam risco de vida.

— Etienne havia subido para nos acompanhar numa escalada até o topo — explica Mazur. — Mas quando nos alcançou, ele desmaiou. Ao tentar recuperar o fôlego, ele nos disse que ouviu um som rascante nos pulmões.

Fine estava com edema pulmonar, um derrame dos pulmões produzido pela altitude que pode matar se não for imediatamente levado até um nível mais baixo.

— Foi terrível — diz Mazur. — Etienne estava espumando sangue.

Tentamos chamar por socorro, mas havíamos deixado o rádio cair na neve, e este parara de funcionar. Então começamos a descida.

Pratt e Mazur alternavam-se carregando Fine, e descendo-o de rapel pela Cadeia Oeste nos pontos mais íngremes.

— Era como pendurar um saco de batatas na ponta de uma corda —

explica Mazur. — E tínhamos de fazer isso lentamente para não nos matar também.

Com seu eufemismo característico, Mortenson não explica muito sobre as 24 horas que lhe custou subir e alcançar Fine, limitando-se a dizer que foi "um pouco árduo".

— Dan e Jon foram os verdadeiros heróis — responde ele. — Eles desistiram de seguir até o topo para trazer Etienne de volta.

Quando Mortenson e Darsney encontraram os companheiros numa encosta de pedra próxima ao Acampamento I, Fine estava semiconsciente, e também com edema cerebral, um inchaço da massa encefálica provocada pela altitude.

— Ele não conseguia engolir e tentava tirar as botas — disse Mortenson.

Mortenson, que trabalhara como enfermeiro de traumatologia de um pronto-socorro por causa do horário irregular, que era um modo de ter disponibilidade para treinar escaladas, aplicou injeções de Decadron em

Fine para fazer o edema ceder, e os quatro alpinistas já exauridos iniciaram uma odisseia que durou 48 horas para arrastá-lo e baixá-lo por encostas de pedras pontiagudas.

Mortenson conta que às vezes, Fine, que falava fluentemente inglês, acordava balbuciando em francês. Lembra também que, nos marcos mais técnicos, com o instinto de autopreservação de alpinista adquirido ao longo de toda a sua vida, Fine acordava para tentar manter-se preso à corda e voltava a ficar inconsciente.

Setenta e duas horas depois que Mortenson e Darsney partiram, o grupo conseguiu trazer Fine ao acampamento-base avançado em solo firme. Darsney passou um rádio para a expedição canadense que estava abaixo, que repassou o pedido ao Exército paquistanês para enviarem um helicóptero. Na época, foi um dos resgates mais altos já feitos. Mas a base de comando do Exército respondeu que as condições climáticas estavam muito ruins e que ventava muito, e ordenou que Fine fosse levado até um nível mais baixo.

Uma coisa era dar uma ordem. E outra, quatro homens praticamente exaustos,

tentarem executá-la. Por seis horas, depois de amarrar Fine num saco de dormir, comunicando-se apenas por grunhidos, arrastaram o amigo, descendo uma trilha tecnicamente perigosa através da geleira de Saboia.

— Estávamos tão cansados e exauridos que, por vezes, só conseguíamos descer nos arrastando — Darsney relembra.

Finalmente o grupo se aproximou do acampamento-base do K2, arrastando Fine dentro do saco de dormir atrás deles.

— Todas as outras expedições cruzaram cerca de meio quilômetro pela geleira para vir nos cumprimentar e nos saudar por nosso heroísmo —

Darsney conta. — Depois que o helicóptero do Exército paquistanês chegou e removeu Etienne, os membros da expedição canadense prepararam um repasto e fizeram uma festa. Mas Greg e eu não paramos para comer, beber e nem mesmo urinar: caímos nos sacos de dormir, mortos de cansaço.

Por dois dias, Mortenson e Darsney tiveram o sono perturbado pela altitude que aflige mesmo aqueles que se sentem mais cansados. Ao mesmo tempo em que o vento batia em suas tendas, ouviam o tinir dos pratos de metal, gravados com os nomes dos 48 alpinistas que perderam a

vida na Montanha Selvagem, batendo soturnamente no Memorial de Art Gilkey, alpinista morto durante a expedição americana de 1953.

Quando despertaram, encontraram um bilhete de Pratt e Mazur, que haviam retornado ao acampamento elevado. Eles convidaram os companheiros de equipe para se juntarem a eles numa tentativa de chegar ao topo quando se recuperassem. Mas eles estavam longe de se sentirem recuperados. O resgate, logo após a subida de reabastecimento, havia esgotado todas as suas reservas de energia.

Quando finalmente ressurgiram de suas tendas, mal conseguiam andar. Fine fora salvo a um custo muito alto. A provação iria custar-lhe provavelmente os dedos dos pés. E o resgate custou a Mortenson e Darsney toda e qualquer preparação para chegar ao topo. Mazur e Pratt anunciariam ao mundo que pisaram o cume uma semana depois e voltariam para casa com os louros da conquista. Mas o número de pratos de metal batendo ao vento(2) se multiplicaria, pois quatro dos

alpinistas que subiram naquela temporada morreram durante a descida.

Mortenson não queria que seu nome fosse acrescentado ao memorial.

Darsney tampouco. Eles decidiram fazer juntos a trilha de volta à civilização, se tivessem forças. Perdido, lembrando o resgate, sozinho sob o fino cobertor de lã nas horas que antecediam o amanhecer, Greg Mortenson lutava para encontrar uma posição mais confortável. Com sua altura, não conseguia se esticar sem deixar a cabeça para fora. Ele perdera 13 quilos durante a estada no K2, e não importava para que lado se virasse, um osso magro pressionava a pedra fria. Alternando momentos de consciência, em que ouvia sons misteriosos emanados pela geleira, aceitou o fracasso de sua tentativa em homenagear Christa. *Fora o corpo que falhara*, ele pensou, não o seu espírito, e todo corpo tem seus limites. Ele, pela primeira vez, encontrara o seu limite físico.

1. Qomolangma Feng — 27°59N 95°260. Pico da montanha no Himalaia na Ásia Central, na fronteira entre o Nepal e a região do Tibet na China; altura (em 1999) 8.850m; a maior montanha do mundo; batizada com este nome por Sir Andrew Waugh, governador-geral da Índia colonial britânica, em homenagem ao topógrafo-geral da Índia na época, Sir George Everest (1790-1866); as tentativas em 1921 e 1922, Mallory e Irvine, membros da Expedição Britânica de 1924, foram além de 8.534m, mas não retornaram; o topo foi alcançado pela primeira vez pela Cadeia Sudeste em 29/05/1953 por Sir Edmund Hillary e o sherpa Tenzing Norgay, do Nepal, na expedição britânica comandada pelo coronel John Hunt; o pico foi alcançado pela

Cadeia Oeste pela equipe americana em 1963, a Face Sudoeste pela equipe britânica em 1975, e a Face Norte por uma equipe japonesa em 1980; reivindicada pela China, em 1952, os chineses aboliram o nome Everest e passaram a chamá-lo Chomolangma ou Qomolangma Feng ("a mãe sagrada das águas" ou "a mãe do universo"). (Crystal Reference Encyclopedia.

<http://www.reference.com/browse/crystal/11284>). (N. da T.) 2. Refere-se ao Memorial aos alpinistas mortos feito com os pratos de metal que usavam para comer. (N. da T.)

Capítulo 2

A margem errada do rio

Por que tentar adivinhar o futuro, e enganar tua mente para vencera perplexidade?

Anda despreocupado, e deixa Alá com seus planos — Ele os fez todos sem consultara ti.

— Ornar Khayyam, O Rubaiyat

MORTENSON ABRIU OS OLHOS.

A manhã tranquila contrastava com a súbita falta de ar. Ainda tonto de sono, desvencilhou as mãos do cobertor que o prendia como um casulo, arrancando-o pela cabeça, e estendeu-o, exposto aos elementos sobre a laje de pedra. A boca e o nariz estavam cobertos por uma película de gelo.

Mortenson partiu-a e respirou aliviado. Depois se sentou, rindo de si mesmo.

O pouco tempo de sono servira apenas para deixá-lo totalmente desorientado. Ao espreguiçar e friccionar o corpo para eliminar a dormência provocada pela pedra fria, começou a fazer uma avaliação do lugar onde estava. Os picos estavam avermelhados e difusos — em tons rosa, violeta e azul-claro — e o céu, logo antes de o sol se levantar, estava límpido e imóvel.

Os detalhes de suas condições clarearam à medida que a circulação de suas pernas retornava — ainda perdido e sozinho —, mas Mortenson não se preocupou. A manhã fazia toda a diferença.

No alto do Baltoro, um gorak(3) circulava, esperançoso, as imensas asas negras contrastando com os picos em tons pastéis. Com as mãos fechadas de frio, Mortenson socou o cobertor dentro da pequena mochila roxa e, em vão, tentou girar a rosca e abrir o cantil semivazio. Guardou-o com cuidado, e pensou em

beber a água assim que as mãos descongelassem. O gorak, vendo Mortenson se mover, afastou-se da geleira para procurar outra fonte de alimento.

3. Tipo de ave de rapina, provavelmente um abutre-da-montanha. (N. da T.)

Talvez tenha dormido o máximo que conseguiu, mas Mortenson achou que estava pensando mais claramente agora. Ao olhar para trás no vale, calculando a distância que percorrera, percebeu que, se refizesse o caminho por algumas horas, acabaria por encontrar a trilha.

Partiu em direção ao norte, tropeçando um pouco nas pedras, esforçando-se para saltar até mesmo as fendas mais estreitas com as pernas ainda dormentes, mas achou que estava fazendo progressos. Em sua mente, como sempre acontecia, uma canção da infância acompanhava os passos: "Yesu ni refiki Yangu, Ah kayee Mbinguni" ("Jesus é nosso amigo, Ele vive nos Céus"), cantarolava em swahili, a língua usada na igreja, com o Kilimanjaro ao fundo, nos cultos de domingo. A canção estava por demais enraizada para Mortenson pensar no que estava fazendo naquele momento — ele, um americano, perdido no Paquistão, cantarolando um hino alemão em swahili. Em vez disso, em meio a esta paisagem lunar de pedras e gelo, onde os pedregulhos que se moviam sob os pés desapareciam pelas fendas em segundos antes de mergulhar em rios subterrâneos, ardia com um calor nostálgico, um chamado do país que uma vez chamara de lar.

Uma hora se passou assim. E depois outra hora. Mortenson seguiu uma trilha íngreme para fora da ravina onde estava caminhando, escalou um promontório coberto com neve e gelo, e postou-se sobre a elevação no momento em que o sol se erguia sobre as encostas do vale.

O brilho cegou-o imediatamente.

Era uma vista colossal. Gasherbrum, o Grande Pico, o Pico Mitre e a Torre Muztagh — esses gigantes cobertos de gelo, sob a luz direta do sol, ardiam como fogueiras.

Mortenson sentou-se numa grande pedra redonda e bebeu a água do cantil até

esvaziá-lo. Mas não se cansava de olhar para o que via. Galen Rowell, fotógrafo de paisagens silvestres, passou anos, até morrer em 2002 num acidente aéreo, tentando capturar a beleza transcendental dessas montanhas que percorrem todo o Baltoro até as planícies. As imagens captadas são impressionantes, mas Rowell sempre achou que não se comparava a vê-las ao vivo, à grandiosidade do espetáculo do que

considerava o lugar mais belo do mundo, que chamou de "a sala do trono dos deuses da montanha".

Embora Mortenson estivesse ali havia meses, admirou aqueles picos como se nunca os tivesse visto antes.

— De certo modo, eu nunca os tinha visto — explica ele. — Durante todo o verão, encarei essas montanhas como alvos, focado apenas na mais alta, o K2. Pensava nas altitudes e nos desafios técnicos que representavam para mim, como alpinista. Mas, naquela manhã, pela primeira vez, simplesmente olhei para elas. Foi extasiante.

Ele continuou a caminhada. Talvez tenha sido a perfeição arquitetônica das montanhas — a composição de saliências e reentrâncias de granito em tons ocre e marrom-avermelhado que se erguiam, numa intensidade sinfônica, em direção aos pináculos solitários — mas, apesar de seu estado combalido, da falta de comida e precisando de roupas mais quentes, das parcas probabilidades de sobrevivência se não encontrasse logo alimento ou novas roupas, Mortenson sentiu-se estranhamente feliz.

Ele encheu o cantil com água corrente de uma pequena fonte degelada e contorceu-se de frio enquanto bebia. Comida *não seria um problema por alguns dias*, ele pensou, mas não poderia se esquecer de ingerir líquido.

No final da manhã, ouviu um tinir de sinos ao longe, e mudou de direção seguindo para oeste. Era uma caravana de jumentos. Ele procurou os marcos de pedra que indicavam a trilha principal de descida do Baltoro, mas apenas viu pedras dispostas de forma aleatória. Ao chegar à encosta da geleira cheia de detritos, deparou-se, de repente, com uma parede de mais de 1.500 metros que bloqueava qualquer tentativa de seguir em frente. Constatou que passara pela trilha sem perceber, então, retomou o mesmo caminho em que viera, forçando-se a olhar para baixo à procura de rastros, e não para cima, extasiado com os picos.

Depois de trinta minutos, encontrou uma guimba de cigarro, depois outro marco de pedra. Desceu a trilha ainda imprecisa em direção aos sinos que ouvia mais nitidamente agora.

Ele não conseguia divisar a caravana. Mas, finalmente, meio quilômetro ou mais à frente, distinguiu a silhueta de um homem de pé em uma pedra sobre a geleira, recortada contra o céu. Mortenson gritou, mas o som de sua voz não o alcançou. O homem desapareceu por alguns instantes, depois reapareceu sobre outra pedra, 100 metros mais próximo.

Mortenson urrou com todas as forças e, desta vez, ele se virou

instintivamente em sua direção, em seguida desceu do promontório e sumiu de vista. Embaixo, no meio da geleira, num depósito de pedras, vestindo roupas marrons, Mortenson não era visível, mas conseguia que sua voz ecoasse contra a rocha.

Como não conseguia correr, trotava, sem fôlego, em direção ao último ponto no qual vira o homem, e gritava a intervalos regulares, emitindo um urro que até o assustava. Ali estava o homem na extremidade de uma larga fenda, com um sorriso mais largo ainda. Sob o peso da mochila abarrotada de Mortenson, Mouzafer, o carregador que contratara para conduzir a ele e sua bagagem de volta à aldeia, procurou a menor distância na abertura e saltou, sem esforço, com mais de 40 quilos às costas.

— Sr. Gireg, sr. Gireg! — gritou ele, deixando cair a mochila e dando um abraço de urso em Mortenson. — **Allah Akbhar!** Graças a Alá, está vivo!

Mortenson se abaixou, sem jeito, quase sem fôlego por causa do vigor e da força daquele homem, 30 centímetros mais baixo e 20 anos mais velho do que ele.

Então Mouzafer o soltou e começou a bater nas costas de Mortenson de felicidade. Talvez pelo pó que se desprende de seu shalwar ou pelas batidas de Mouzafer em suas costas, Mortenson começou a tossir, e dobrou-se ao meio, sem conseguir parar.

— Cha, sr. Gireg — receitou Mouzafer, preocupado com o aspecto enfraquecido de Mortenson. — Cha vai lhe devolver as forças!

Mouzafer levou Mortenson a uma pequena caverna para abrigá-lo do vento.

Tirou dois punhados de artemísia do maço que tinha atado à mochila, remexeu nos bolsos do casaco largo e usado, sobra de uma das inúmeras expedições que guiou através do Baltoro, pegou uma lasca de pedra e uma panela de metal, e sentou-se para preparar o chá.

Mortenson encontrou Mouzafer Ali pela primeira vez quatro horas depois de sair do K2 com Darsney. A caminhada de 5 quilômetros até o acampamento-base do Grande Pico, que levava apenas 45 minutos, quando passaram antes no verão para visitar uma mulher — membro da expedição mexicana que Darsney tentara seduzir por toda a temporada — tornou-se uma provação de quatro horas de caminhada dura, com as pernas tensas devido à altitude, sob um peso que nem imaginariam ter de carregar por mais de 100 quilômetros.

Mouzafer e seu amigo Yakub haviam concluído o serviço para a equipe mexicana e iriam para casa descendo o Baltoro sem carga. Eles se ofereceram para levar as pesadas mochilas de Mortenson e Darsney até Askole por quatro dólares ao dia. Os americanos concordaram rapidamente e, embora estivessem com suas rúpias contadas, planejaram presentear ambos com mais alguma coisa assim que terminassem a jornada.

O povo balti, de onde vinha Nouzafer, habitou as regiões mais altas e inóspitas dos vales no norte do Paquistão. Os baltis originalmente emigraram do sudoeste, saindo do Tibet, passando por Ladakh, há mais de 600 anos, e seus preceitos budistas, que se esvaeceram ao atravessarem as passagens rochosas, foram substituídos por uma religião mais afeita à severidade da nova paisagem — o islamismo xiita. Mas mantiveram a língua, um tibetano arcaico.

Com pouca estatura, rigidez e grande capacidade de sobreviver em altitudes que poucos seres humanos vêm visitar, para muitos alpinistas que escalam o Baltistão, lembram fisicamente os primos distantes do leste, os sherpas do Nepal. Mas outras qualidades dos baltis, uma taciturna desconfiança dos estrangeiros, junto com uma fé inquebrantável, evitaram que os ocidentais os celebrizassem da mesma forma como idealizam os sherpas budistas.

Fosco Maraini, membro da expedição italiana de 1958, que realizou a primeira escalada do Gasherbrum IV, um vizinho enrugado do K2, ficou tão surpreso e fascinado com os baltis, que seu livro erudito sobre a expedição, Karakoram: A escalada do Gasherbrum IT7 — parece mais um tratado acadêmico sobre o modo de vida dos baltis do que um relato sobre um triunfo alpinístico. "Eles são

fingidos, reclamações e atrapalhados até as raias da insanidade. E além de federem, são mal-encarados", escreveu Maraini. "Mas se conseguir relevar a sua rudeza, descobrirão que são fiéis, servis e bem-humorados. Fisicamente, são fortes; principalmente na demonstração de resistência diante de dificuldades e de cansaço. São homenzinhos magros com pernas de cegonha, que levantam 40 quilos de peso todos os dias, por trilhas que fariam estrangeiros pensar duas vezes antes de se aventurarem por elas sem levar peso nas costas."

Mouzafer agachou-se na caverna, soprando forte sobre a artemísia que acendera com a lasca de pedra, até soltar uma faísca de fogo. Tinha aparência simpática, embora a falta de dentes e a pele tostada de sol

fizessem parecer muito mais velho do que um homem de 50 e poucos anos. Ele preparou um paiyu cha. Depois de coar o chá verde em uma panela de lata escurecida, acrescentou sal, bicarbonato de sódio e leite de cabra, tirando uma raspa de mar — a manteiga rançosa e envelhecida de iaque, que os baltis prezam acima de todas as guloseimas, e dissolveu-a no chá com o dedo indicador sujo.

Mortenson observava, aflito. Ele sentira o cheiro do paiyu cha desde que chegara ao Baltistão e o seu aroma, que ele descreve como "mais fedido que o queijo mais terrível que os franceses já inventaram", fez com que arranjasse todos os tipos de desculpa para não ter de bebê-lo.

Mouzafer passou-lhe a caneca fumegante.

Mortenson primeiro hesitou, mas seu corpo precisava do sal e do calor da bebida, então bebeu tudo de uma vez. Mouzafer encheu de novo a caneca. Ele bebeu tudo outra vez.

– **Zindabad!** Muito bem, sr. Gireg! — exclamou Mouzafer, depois da terceira caneca, batendo com satisfação no ombro de Mortenson, enchendo a pequena caverna com mais poeira que se desprendia da roupa de Mortenson.

Darsney seguira em frente em direção a Askole com Yakub e, nos três dias seguintes, até saírem do Baltoro, Mouzafer jamais perdia Mortenson de vista. Na trilha que Mortenson ainda lutava para seguir, mas que Mouzafer via nitidamente, o carregador segurava a mão de Mortenson, enquanto caminhavam, ou insistia que se apoiasse nos calcanhares dos tênis chineses de plástico barato que usava sem meias. Mesmo durante as cinco preces diárias, Mouzafer, um homem de fé inquebrantável, deixava de olhar para Meca para certificar-se de

que Mortenson ainda estava por perto.

Mortenson aproveitava a sua companhia e perguntava a Mouzafer os nomes em balti para tudo o que viam pela frente. Geleira era **gangs-zhing**, avalanche, **rdo-rut**. E os baltis tinham tantas denominações para pedra quanto os inuítes têm para neve. Brak-lep era a rocha lisa, boa para dormir ou cozinhar. Khrok era formato de cunha, ideal para vedar buracos em casas de pedra. E os pequenos monólitos arredondados eram khodos, que se aqueciam no fogo, depois se cobria com massa de pão para preparar o kurba, pão não-fermentado em forma de crânio, que assavam toda manhã antes de seguir viagem. Com o ouvido afiado para línguas, Mortenson logo aprendeu o vocabulário básico do balti.

Entrando por um estreito desfiladeiro, era a primeira vez em mais de três meses que Mortenson pisava fora do gelo. A ponta da geleira do Baltoro ficava no fundo do cânion, enegrecido com detritos, e tinha um formato semelhante ao nariz de um avião 747. A partir dessa abertura, os rios subterrâneos que corriam debaixo de 62 quilômetros de gelo emergiam com um jorro como a turbina de um motor a jato. A espuma, uma fonte turbulenta, era a nascente do rio Braldu. Cinco anos mais tarde, um remador de caiaque sueco trouxe uma equipe para filmar um documentário, e se instalou no mesmo lugar, tentando descer o Braldu até o rio Indo, por toda a extensão de 2.896 quilômetros até o mar Árábico.

Morreu, arremessado contra as pedras pela força do Braldu, minutos depois de bater na água.

Mortenson via a primeira flor, depois de meses, uma flor rosada com cinco pétalas, e ajoelhou-se para examiná-la, marcando o retorno do inverno eterno. Juncos e artemísias cobriam as margens e a vida, embora diminuta neste desfiladeiro de rio pedregoso, parecia verdejante para Mortenson. O ar de outono a 3.352 metros de altitude tinha um peso e um esplendor que ele havia esquecido.

Agora que tinham deixado os perigos do Baltoro para trás, Mouzafer seguia a trilha na frente, acampando e preparando o jantar toda noite antes que Mortenson chegasse. Embora Mortenson por vezes se afastasse onde a trilha bifurcava em direção a uma pastagem usada durante o verão, ele logo reencontrava o caminho e parecia fácil seguir o rio até ver a fumaça da fogueira de Mouzafer a cada anoitecer. Caminhar com pernas fracas e doloridas não era tão simples, mas, como não tinha escolha, marchava adiante, parando cada vez mais para

descansar.

Sete dias depois de sair do K2, no alto de um promontório na margem sul do desfiladeiro do rio Braldu, Mortenson avistou as primeiras árvores.

Eram cinco álamos curvados pelo vento, como o aceno de uma mão acolhedora. Haviam sido plantados em fileira, indicando a presença humana, em vez da força bruta do Karakoram, que fazia lascas de pedra e gelo descerem pelas encostas atingindo sem temor criaturas tão insignificantes quanto um homem solitário. As árvores diziam a Mortenson que havia conseguido chegar ao sopé das montanhas com vida.

Extasiado, contemplando o aspecto verdejante das árvores, ele não viu a trilha principal que se bifurcava até o rio, indo até uma zamba —

uma "ponte" de corda de pêlo de iaque, pendurada sobre a torrente entre duas grandes pedras arredondadas. Pela segunda vez, Mortenson se perdeu.

A ponte seguia ao seu destino, Askole, a 13 quilômetros ao norte do rio.

Em vez disso, continuou sobre o promontório que margeava o sul do rio, seguindo em direção às árvores.

Os álamos cercavam pomares de damascos. Aqui, a 3 mil metros de altitude, a colheita já havia terminado em meados de setembro. Montes de frutas maduras empilhadas em uma centena de cestas espalhavam-se sob os damasqueiros com cores brilhantes. Havia mulheres ajoelhadas junto às cestas, cortando as frutas e pondo de lado os caroços para serem abertos e tiradas as sementes. Mas elas cobriram os rostos com os véus assim que o viram e correram para se esconder atrás das árvores, evitando o **Angrezi**, o forasteiro branco.

As crianças não faziam a mesma reserva. Mortenson parecia uma cauda de cometa ao passar pelos campos amarelados onde outras mulheres olhavam furtivamente para ele sobre pés de trigo e cevada, suspendendo no ar as foices com que faziam a colheita. As crianças tocavam o shalwar e seus punhos, procurando um relógio que ele não usava, e revezavam-se dando-lhe a mão para caminhar ao seu lado.

Pela primeira vez, em vários meses, Mortenson notou sua aparência.

Seu cabelo estava longo e sem corte. Ele se sentia cansado e sujo.

— Naquele momento, fazia mais de três meses desde a minha última chuveirada — conta ele.

Ele se curvou para ficar mais próximo das crianças. Mas elas não se sentiram ameaçadas por ele. Os shalwar kamiz dele eram tão manchados e rasgados quanto o delas, e a maioria estava descalça, apesar do frio.

Mortenson sentiu o cheiro da aldeia de Korphe meio quilômetro antes de se aproximar dela. O odor de fumaça de madeira de zimbro e de civilização rústica era inebriante, depois de sentir o ar estéril das altas regiões. Pensando ainda estar na trilha correta, presumiu que estava se aproximando de Askole, que atravessara três meses antes, a caminho do K2, mas não reconheceu o lugar. Quando chegou à entrada oficial da aldeia, um simples arco de ripas de madeira de álamo erguido à beira de uma plantação de batatas, estava conduzindo uma procissão de cinquenta crianças.

Olhou para a frente, esperando ver Mouzafer na entrada da cidade.

Em vez disso, do outro lado do portão, vestindo um topi, um gorro de lã de ovelha no mesmo tom cinza da barba, um ancião, com feições tão

marcadas como se estivessem esculpidas nas encostas de pedra do cânion, o esperava. Seu nome era Haji Ali, e ele era o nurmadhar, o chefe, de Korphe.

— **As-salgam Alaaikum** — disse Haji Ali, apertando a mão de Mortenson.

Ele o recebeu no portão com a hospitalidade que os baltis se obrigam a oferecer, conduzindo-o primeiro até uma fonte especial para visitas, onde pediu que Mortenson lavasse as mãos e o rosto, e depois entrasse em sua casa.

Korphe está localizada num platô a 250 metros acima do rio Braldu, ao longo de uma das faces do cânion, como uma plataforma projetada próximo a um penhasco. Os chalés de pedra de três andares achatados formavam um complexo de casas construídas sem adorno e quase passariam despercebidos entre as encostas do cânion se não fosse pela abundância de damascos, cebolas e trigo empilhados que coloriam os tetos horizontais.

Haji Ali conduziu Mortenson a uma cabana que não parecia mais nobre que as

demaís. Sacudiu uma pilha de cobertas, até espalhar toda a poeira pelo balti, a grande sala central, colocando almofadas no lugar de honra próximo a uma lareira aberta e instalou Mortenson ali.

Nada foi dito ou perguntado enquanto se preparava o chá, apenas o roçar de pés e a chegada de mais almofadas, à medida que vinte membros masculinos da extensa família de Haji Ali entravam e se acomodavam tomando seu lugar em volta da lareira. Boa parte da fumaça acre do fogo de esterco de iaque sob o bule de chá saía, felizmente, por um grande respiradouro quadrangular aberto no teto. Quando Mortenson olhou para cima, viu as carinhas das cinquenta crianças que o seguiram, em volta da abertura no teto. Nunca um estrangeiro viera a Korphe.

Haji Ali esfregava com vigor pedaços azedos de carne-seca de íbex com folhas de mascar verdes de odor forte conhecidas como naswar dentro do bolso de sua roupa bordada. Ele ofereceu um pedaço a Mortenson, depois de temperá-lo, e Mortenson engoliu sem mais perguntas, sob o olhar de aprovação de todos à volta.

Quando Haji Ali lhe passou uma xícara de chá amanteigado, Mortenson bebeu-o, quase com prazer.

Depois de cumprido aquele cerimonial de hospitalidade, o líder se inclinou e encarou Mortenson com o rosto barbudo.

— **Cheezaley?** — inquiriu ele, uma palavra em balti indispensável, que significa, mais ou menos, "Que diabos?"

Com algumas expressões em balti e muita gesticulação, Mortenson contou à atenta plateia que era americano, que viera escalar o K2 (ao que os homens emitiram murmúrios de aprovação entre eles), que se sentira fraco e doente, e que havia chegado a Askole esperando encontrar um jipe que o levasse a Skardu, a capital do Baltistão, a oito horas de distância.

Mortenson reclinou-se nas almofadas, sentindo-se esgotado, depois de longos dias de caminhada e do esforço de fornecer tantas informações.

Aqui, aquecido pela lareira, sentado em almofadas macias, arrebatado por aquela manifestação de humanidade, sentiu a exaustão que tentava evitar que o dominasse há algum tempo.

— Met Askole (não Askole) — disse Haji Ali, rindo.

Ele apontou para o chão sob os pés.

— Korphe — disse ele.

A adrenalina fez Mortenson empertigar-se novamente. Ele nunca ouvira falar de Korphe. Tinha certeza de que não vira qualquer referência a ela em nenhum mapa do Karakoram que conhecia, e já havia estudado dezenas deles. Levantando-se, explicou que tinha de chegar a Askole e encontrar um homem chamado Mouzafer, que carregava todos os seus pertences.

Haji Ali segurou o seu hóspede pelos ombros com mãos fortes e empurrou-o de volta contra as almofadas. Chamou seu filho Twaha, que viajara a Skardu vezes suficientes para aprender um pouco da língua ocidental, e pediu-lhe que traduzisse.

— Hoje andar Askole não ir. Grande problema. Metade um dia caminhada — disse o homem, que era uma reencarnação do seu pai, sem barba. — **Inshallah**, amanhã Haji manda procurar homem Mouzafer.

Agora você dorme.

Haji Ali se colocou de pé e ordenou que as crianças saíssem da claraboia que já escurecia. Os homens foram lentamente se afastando da lareira, retornando às suas casas. Apesar da ansiedade que cruzava seus pensamentos, a raiva por ter-se afastado novamente da trilha, por estar se sentindo absolutamente deslocado, Greg Mortenson deslizou entre as almofadas e adormeceu imediatamente.

Capítulo 3

“Progresso e perfeição”

— *Diga-nos, se houvesse algo que pudéssemos fazer por vossa aldeia, o que seria?*

— *Com todo o respeito, Sahib, tendes pouco a nos ensinar em termos de força e resistência.*

Não invejamos vossos espíritos inquietos. Talvez sejamos mais felizes do que vós. Mas gostaríamos que nossos filhos estudassem. De todas as coisas que possuíis, o aprendizado é o que mais desejamos para nossos filhos.

— Diálogo entre Sir Edmund Hillary e Urkien Sherpa, em *Schoolhouse in the Clouds* [*Escola nas nuvens*]

ALGUÉM

COLOCOU

UMA

MANTA

PESADA

SOBRE

MORTENSON. ELE SE APRESSOU para se cobrir por inteiro, desfrutando do calor. Era a primeira noite que não passava ao relento, desde o final da primavera. Sob a luz tênue que emanava das brasas da lareira, ele conseguia distinguir o contorno de outras pessoas dormindo.

No cômodo, roncava-se de todos os modos, em diferentes tons. Ele se virou e voltou a dormir.

Quando acordou novamente, estava sozinho, e, pela abertura quadrada no teto, podia ver o céu azul. A mulher de Haji Ali, Sakina, viu-o se mexer e trouxe-lhe um lassi,⁴ um chapatti⁵ recém-assado e o chá doce. Era a primeira mulher balti a se aproximar dele. Mortenson pensou que o rosto de Sakina era o mais gentil do mundo. Tinha marcas de expressão que sugeriam que as rugas de seu sorriso irradiavam dos cantos da boca e dos olhos espalhando-se por todo o rosto. Tinha cabelos longos trançados à moda tibetana, sob uma urdwa, um gorro de lã enfeitado com contas, conchas e moedas antigas. Ela ficou esperando de pé, até Mortenson experimentar seu desjejum.

4. Bebida láctea, semelhante a iogurte líquido. (N. da T.) 5. Tipo de pão usado para o desjejum. (N. da T.)

Ele deu uma mordida no chapatti morno mergulhado no lassi, comeu tudo e bebeu todo o chá doce. Sakina riu de prazer e trouxe-lhe outra porção. Se Mortenson soubesse quão raro e precioso era o açúcar para os baltis, quão raramente o usavam, teria recusado a segunda xícara de chá.

Sakina se afastou e ele aproveitou para checar a sala. Era um cômodo espartano que denotava pobreza. Um pôster de viagens desbotado de um chalé suíço em meio a um campo de flores silvestres estava pregado numa das paredes. Todos os demais objetos, de utensílios de cozinha escurecidos a lâmpadas a óleo remendados, davam um aspecto totalmente prático e funcional. A pesada manta que lhe ofereceram era feita de lã de seda marrom decorada com pequenos espelhos. Os cobertores que os demais haviam usado eram de lã fina e gasta, remendados com todo tipo de tecido.

Era evidente que lhe haviam oferecido o bem mais precioso da casa de Haji Ali.

No final da tarde, Mortenson ouviu uma gritaria e foi, com a maioria dos moradores da aldeia, até o penhasco sobre o Braldu. Viu um homem pendurado sobre uma caixa suspensa por um cabo de aço estendido a 60

metros acima da água. Cruzar dessa maneira economizava meio dia de caminhada e atravessar a ponte acima de Korphe, mas uma queda ali seria fatal. Quando o homem chegou ao meio do desfiladeiro, Mortenson reconheceu Mouzafer, e viu que ele estava enfiado no pequeno cesto, feito de restos de tábuas de madeira, em cima de uma mochila de 40 quilos.

Desta vez, os tapas nas costas de saudação de Mouzafer não o pegaram desprevenido, e Mortenson conseguiu evitar tossir. Mouzafer deu um passo atrás e olhou-o de cima a baixo, com os olhos marejados, então, ergueu as mãos para o céu, gritando: "Allah Akbhar!", e agitou-as como se o maná estivesse caindo sobre os seus pés.

Na casa de Haji Ali, durante um repasto de biango, galinha assada tão dura e seca quanto o povo balti que criara as aves, Mortenson descobriu que Mouzafer era bastante conhecido em todo o Karakoram. Por trinta anos, trabalhou como o carregador de altitude mais qualificado do Himalaia. Seus feitos eram incontáveis e variados e incluíam acompanhar o famoso alpinista Nick Clinch na primeira escalada americana do Masherbrum em 1960. Mas o que Mortenson achou mais impressionante sobre Mouzafer foi que jamais mencionara seus feitos durante o tempo que passou caminhando e conversando com ele.

Mortenson discretamente deu a Mouzafer três mil rúpias, muito mais do que o pagamento combinado, e prometeu visitá-lo em sua aldeia, quando estivesse totalmente recuperado. Ele não poderia saber, naquele momento, que Mouzafer permaneceria presente em sua vida ao longo dos dez anos seguintes, ajudando-o a vencer os obstáculos rotineiros no norte do Paquistão com a mesma mão firme que mostrara escapando de avalanches e saltando precipícios.

Com Mouzafer, Mortenson reencontrou Darsney e fizeram a longa viagem de jipe até Skardu. Mas, após desfrutar os prazeres comuns de uma refeição bem preparada e de uma cama confortável no famoso alojamento dos alpinistas chamado K2 Motel, Mortenson sentiu que algo o chamava de volta ao Karakoram. Imaginou ter encontrado algo raro em Korphe, e retornou assim que

conseguiu uma carona.

A partir da casa de Haji Ali, Mortenson criou uma rotina. Todas as manhãs e tardes circulava por Korphe, sempre acompanhado pelas crianças que o puxavam pelas mãos. Ele viu como este pequeno oásis verde em meio ao deserto rochoso e empoeirado sobrevivia, graças ao trabalho dedicado, e admirou as centenas de canais de irrigação feitos manualmente, mantidos pela aldeia, que distribuíam a água das geleiras regando os campos e pomares.

Fora do Baltoro, fora de perigo, percebeu quão precária havia sido a sua sobrevivência, e como estava enfraquecido. Mal conseguia descer o caminho que levava até o rio e ali, na água gelada, quando tirou a camisa para lavá-la, ficou chocado com a aparência: — Meus braços pareciam palitos de dentes, pareciam ser de outra pessoa — disse Mortenson.

Arrastando-se de volta até a aldeia, sentia-se trêmulo como os anciões que ficavam sentados por longas horas sob os damasqueiros de Korphe, fumando de hookahs e mascando sementes de damasco. Depois de uma hora ou duas por dia perambulando, sucumbiu à exaustão, e voltou a olhar para o céu deitado em seu ninho de almofadas junto à lareira de Haji Ali.

O nurmadhar observava Mortenson com atenção, e ordenou que um dos preciosos **chogo rabak** da aldeia, um grande carneiro, fosse abatido.

Quarenta pessoas retiraram toda a carne assada dos ossos do animal, depois os partiram com pedras, arrancando a medula com os dentes. Vendo a avidez com que a carne era devorada, Mortenson percebeu o quanto esta

refeição era rara para o povo de Korphe, e quão próximos estavam da inanição.

À medida que sentia suas forças voltarem, seu poder de percepção se aguçou. Num primeiro momento em Korphe, ele pensou que havia encontrado ao acaso uma espécie de Shangri-lá. Muitos dos ocidentais que haviam atravessado o Karakoram tiveram a impressão de que os baltis viviam de um modo mais simples e melhor do que eles nos seus países desenvolvidos. Os primeiros visitantes, tentando encontrar nomes românticos adequados, chamaram-no de o "Tibet dos Damascos".

Os baltis "realmente parecem saber saborear a vida", Maraini escreveu em 1958, depois de visitar Askole e admirar "os anciões sentados ao sol, fumando seus

cachimbos pitorescos, os mais jovens trabalhando em ofícios primitivos à sombra das amoreiras com o ar de sabedoria que advém da experiência de toda uma vida, e dois rapazes catando piolhos com todo o cuidado.

"Respirávamos um ar de completa satisfação, de perpétua paz", ele continuou. "Tudo isto suscita uma pergunta. Não é melhor viver ignorando tudo, asfalto, calçamento de ruas, veículos, telefones, televisão, para viver feliz sem saber de nada?"

Trinta e cinco anos depois, os baltis ainda viviam com a mesma falta de conveniências modernas, mas depois de poucos dias na aldeia, Mortenson começou a constatar que Korphe estava longe de ser o inocente paraíso da fantasia ocidental. Em todas as casas, ao menos um membro da família sofria de bócio ou catarata. Os cabelos ruivos das crianças, de que ele gostara tanto, tinham essa cor devido a um tipo de má-nutrição provocada por uma dieta com excesso de carboidratos e falta de proteínas.

E descobriu, a partir das conversas com Twaha, que o médico mais próximo estava a uma semana de caminhada, em Skardu, e uma a cada três crianças de Korphe morria antes de completar 1 ano de idade.

Twaha disse a Mortenson que a mulher, Rhokia, morrera durante o parto de sua filha única, Jahan, havia sete anos. A coberta marrom e espelhada que Mortenson usara para dormir fora a peça principal do dote de Rhokia.

Mortenson acreditava que não teria como retribuir a acolhida que recebera de seus anfitriões em Korphe, mas determinou-se a tentar. Ele começou a dar todos os seus pertences. Pequenos objetos úteis como garrafas térmicas e lampiões eram inestimáveis para os baltis, que

caminhavam longas distâncias para pastorear seus animais durante o verão, e distribuiu-os entre os membros da extensa família de Haji Ali.

Para Sakina, deu o fogão de acampamento, que poderia utilizar o querosene existente em todas as aldeias baltis. Colocou seu casaco de lã bordô sobre os ombros de Twaha, insistindo que aceitasse, mesmo sendo de um tamanho muito maior que o dele. A Haji Ali, ele presenteou com a jaqueta térmica que o mantivera aquecido no K2. Pág. 39

Mas foram os suprimentos que levava no kit médico da expedição, além de sua

experiência como enfermeiro de traumatologia, os itens mais valiosos. Todos os dias, à medida que se recuperava, passava cada vez mais horas escalando as íngremes passagens entre as casas de Korphe, fazendo o possível para atendê-los no que precisavam. Com tubos de pomada antibiótica, tratou feridas abertas, lancetou e drenou ferimentos infeccionados. Aonde fosse, em todos os lares, via olhares implorando por auxílio, e baltis mais velhos que sofriam em silêncio há longos anos. Ele tratou de ossos quebrados e fez o que pôde com analgésicos e antibióticos.

A notícia sobre o seu atendimento se espalhou, e os doentes que viviam nas redondezas de Korphe começaram a enviar parentes para buscar o "Dr.

Greg", como ele passou a ser conhecido a partir de então no norte do Paquistão, não importava quantas vezes tentasse lhes dizer que era apenas enfermeiro.

Frequentemente, durante a permanência em Korphe, Mortenson sentiu a presença de sua irmã caçula Christa, especialmente quando estava com as crianças da aldeia.

— Tudo na vida deles era com sacrifício — disse Mortenson. — Eles me lembravam o modo como Christa penava para fazer as coisas mais simples. E também como ela perseverava, não importava que dificuldade que a vida lhe apresentasse.

Ele decidiu que queria fazer algo por eles. Talvez, quando chegasse a Islamabad, pudesse usar o último dinheiro que tinha para comprar livros didáticos para serem usados na escola ou outro material escolar. Deitado junto à fogueira, antes de dormir, Mortenson disse a Haji Ali que queria visitar a escola de Korphe, e insistiu na ideia mesmo depois de perceber o olhar evasivo do homem. Finalmente, o chefe concordou em levá-lo à primeira hora, na manhã seguinte.

Depois do café-da-manhã familiar, com chapattis e chá, Haji Ali conduziu Mortenson por uma escarpa até uma extensa laje a 250 metros

acima do Braldu. A vista era esplêndida, com as geleiras gigantescas do alto do Baltoro contra o azul muito acima das paredes rochosas e cinzentas de Korphe. Mas Mortenson não estava admirando a paisagem. Ele estava estupefato ao ver 82 crianças, 78 meninos e quatro meninas que tiveram a coragem de acompanhá-los, ajoelhados no chão gelado, a céu aberto. Haji Ali, evitando encarar Mortenson, disse que a aldeia não possuía uma escola, e que o governo

paquistanês não lhes mandara um professor. O

salário de um professor era de um dólar ao dia, ele explicou, que era mais do que a aldeia poderia pagar. Então, dividiam um professor com a aldeia vizinha de Munjung que lecionava em Korphe três dias por semana.

Durante o restante do tempo, as crianças faziam sozinhas as lições que lhes eram passadas.

Mortenson observou, com o coração na boca, os alunos atentos começarem seu "dia escolar" cantando o hino nacional do Paquistão.

Abençoada seja a terra sagrada. Feliz o reino de abundância, símbolo das altas esferas, a terra do Paquistão, eles entoavam com doce inocência, com a fumaça saindo de seus hálitos dando sinal da proximidade do inverno.

Mortenson viu a filha de 7 anos de Twaha, Jahan, alta e imponente, usando um véu sobre a cabeça, enquanto cantava. Que a nação, o país e o estado brilhem em perpétua glória. O crescente e a estrela desta flâmula conduzam o caminho para o progresso e a perfeição.

Durante a convalescença em Korphe, Mortenson ouviu muitas vezes os aldeões reclamarem do governo paquistanês dominado pelo Punjabi, que consideravam um poder estrangeiro oriundo das planícies.

Normalmente, comentavam que a combinação de corrupção e negligência exauria os poucos recursos financeiros destinados ao povo do Paquistão no longo percurso de Islamabad, a capital, até os distantes vales entre as montanhas. Eles achavam irônico que o governo de Islamabad tivesse lutado tanto para tomar esta região, que antes pertencia à Índia, e fizesse tão pouco pela sua população.

E era óbvio que grande parte do dinheiro que chegava à altitude fosse destinada ao Exército para financiar a luta armada contra as forças indianas. Mas, Mortenson ponderou, como poderia um governo, mesmo do Paquistão, não ter um dólar por dia para pagar o salário de um professor?

Por que não podiam, como dizia a letra do hino nacional, conduzir estas crianças, o mínimo que fosse, em direção "ao progresso e à perfeição"?

Quando entoaram a última nota do hino, as crianças se sentaram em círculo e

começaram a copiar as tabuadas de multiplicação. A maioria escrevia no chão com gravetos que haviam trazido consigo. As mais

"afortunadas", como Jahan, tinham tabuletas de madeira, nas quais escreviam com varetas com a ponta umedecida de lama.

— Você pode imaginar uma turma de quarta série nos Estados Unidos, sozinha, sem professor, sentada, em silêncio, fazendo suas lições?

— pergunta Mortenson. — Isso me cortou o coração. Havia neles uma vontade de aprender tão grande, apesar de todas as dificuldades, que me lembrou Christa. Eu sabia que tinha de fazer alguma coisa.

Mas o quê? Greg tinha apenas dinheiro suficiente, se comesse pouco e ficasse nas hospedagens mais baratas, para viajar de jipe e de ônibus de volta a Islamabad e pegar o avião para casa.

Na Califórnia, ele somente poderia esperar por trabalhos esporádicos de enfermagem, e a maior parte de seus bens cabia no porta-malas do "La Bamba", o Buick borgonha, bebedor de gasolina, que era o que poderia chamar de lar. Ainda assim, deveria haver algo que pudesse fazer.

Ao lado de Haji Ali, num ponto alto do vale, com uma visão cristalina das montanhas que cruzara a metade do mundo para escalar o K2, todo o propósito de colocar um colar de Christa no alto, de repente, perdera o sentido. Havia algo muito mais significativo que poderia fazer para homenagear a memória de sua irmã. Colocou as mãos sobre os ombros de Haji Ali, um gesto que o ancião fizera tantas vezes desde que tomaram sua primeira xícara de chá.

— Vou construir uma escola para vocês — disse ele, ainda sem perceber que, com estas palavras, o rumo de sua vida acabara de mudar definitivamente de direção, tomando um caminho muito mais serpenteado e árduo do que as trilhas erradas que tomara desde que descera do K2.

— Eu vou construir uma escola — disse Mortenson. — Prometo que vou.

Capítulo 4

Autodepósito

A grandeza sempre se baseia nisto: na capacidade de se destacar, falar e agir como a pessoa mais comum do mundo.

— Shams-ud-din Muhammed Hafiz

O CONTÊINER TINHA O MESMO CHEIRO DA ÁFRICA. PARADO

NA ENTRADA DE um espaço que media 1,80 x 1,40 metro, um verdadeiro cubículo, com o trânsito da hora do rush fumegando pela avenida San Pablo, Mortenson sentiu o deslocamento que 48 horas de avião pode infligir a alguém. Ao sair de Islamabad, ele se sentira muito motivado, armando dezenas de modos diferentes para levantar dinheiro para a construção da escola. Mas, de volta a Berkeley, Califórnia, Greg Mortenson estava desorientado. Sentia-se ofuscado sob o céu ensolarado entre prósperos estudantes universitários passeando, despreocupados, indo tomar o próximo café expresso, e a promessa a Haji Ali parecia mais um filme visto pela metade entre aqueles durante os quais adormecera num dos seus três vôos intermináveis.

Diferença de fuso horário. Choque cultural. Não importa o nome que desse ao mal desse deslocamento, ele já fora incomodado por ele vezes demais no passado. E era o motivo por que havia chegado até ali, como sempre fazia depois de voltar de uma escalada — para o contêiner 114 do autodepósito de Berkeley. Esse lugar bolorento era a sua âncora.

Procurou, no escuro, a cordinha que acendia a lâmpada no teto e, ao encontrá-la e puxá-la, viu livros de alpinismo empoeirados, empilhados contra a parede, uma caravana de lindos elefantes esculpidos em ébano africano que pertencera a seu pai e, sobre um velho álbum de retratos, GiGi, um macaco de pelúcia marrom que fora seu companheiro mais íntimo em suas reminiscências de infância.

Pegou o brinquedo e viu que o enchimento do macaco estava saindo por um rasgo no peito. Pressionou-o contra o nariz e aspirou-o, e viu-se novamente na grande casa de tijolos cinzentos, no seu quintal, sob os longos galhos da pimenteira. Na Tanzânia.

Como seu pai, Mortenson nasceu no Minnesota. Em 1958, aos 3

meses de idade, partiu com os pais para a grande aventura de suas vidas, uma oportunidade de trabalho como professores missionários na Tanzânia, à sombra do mais alto pico do continente, o Monte Kilimanjaro.

Irvin Mortenson, pai de Greg, nascera em uma família luterana guiada por Garrison Keillor. Como os homens taciturnos do lago Wobegon, a língua era uma moeda de troca que ele não poderia desperdiçar. Com mais de 1,82m de altura, atleta magro como o filho, Irvin Mortenson era chamado "Dempsey", um bebê comprido incomum, e o apelido eclipsou o nome de batismo pelo resto da vida. Sétimo filho e caçula de uma família economicamente exaurida pela Grande Depressão Americana, as proezas atléticas de Dempsey — ele jogava no time de futebol americano do colégio e no de basquete — fez com que deixasse Pequot Lakes, uma pequena cidade pesqueira ao norte do Minnesota, e colocasse o pé na estrada. Frequentou a Universidade do Minnesota com uma bolsa de estudos graças ao futebol, formando-se em educação física, ao mesmo tempo em que tratava das contusões sofridas na linha de defesa.

Jerene, que se tornaria sua esposa, apaixonou-se por ele logo depois que a família se mudou de Iowa para Minnesota. Ela também era uma atleta, e fora a capitã do time de basquete do colégio. Eles se casaram num impulso, enquanto Dempsey, então servindo ao Exército, estava de folga em Fort Riley, Kansas, durante uma dispensa de três dias.

— Dempsey tinha o vírus da viagem — diz Jerene. — Ficou estacionado no Japão e adorou conhecer o mundo fora do Minnesota.

Voltou para casa um dia quando eu estava grávida de Greg e disse: "Estão precisando de professores na Tanzânia. Vamos para a África!" Eu não poderia negar. Quando se é jovem, não sabemos o que desconhecemos.

Simplesmente viajamos.

Eles foram enviados a um país que nenhum dos dois conhecia, muito além da

localização no mapa da África Oriental, entre o Quênia e Ruanda.

Depois de quatro anos trabalhando nas remotas Montanhas Usambara, mudaram-se para Moshi, que significa "fumaça" em swahili, onde a família foi alocada pela sociedade missionária luterana numa imensa casa de tijolos cinzentos de um comerciante de armas grego, que fora preso pelas autoridades. E com a tranqüilidade que normalmente sobrevém à impetuosidade, toda a família se apaixonou profundamente pelo país, rebatizado de Tanzânia após a independência de 1961.

— Quanto mais velho fico, mais aprecio a minha infância. Foi um paraíso — diz Mortenson.

Mais do que a casa, que se esparramava confortavelmente por um extenso jardim, Mortenson via a gigantesca pimenteira como lar.

— Aquela árvore era a imagem da estabilidade — diz Mortenson. —

Ao anoitecer, as centenas de morcegos que moravam ali saíam para caçar.

E depois que chovia, o jardim ficava cheirando a pimenta. Era um cheiro divino.

Com Dempsey e Jerene se entregando à profissão de fé de forma amorosa, o lar da família Mortenson tornou-se mais uma comunidade que um centro religioso. Dempsey lecionava na escola dominical. Também criou um campo de beisebol junto à pimenteira e lançou a primeira liga de basquete colegial da Tanzânia. Mas havia dois projetos grandiosos que dominariam as vidas de Dempsey e Jerene.

Dempsey pôs todas as células do corpo para trabalhar no grande empreendimento de sua vida — levantar fundos para a inauguração do primeiro hospital-escola da Tanzânia, o Centro Médico Cristão do Kilimanjaro. Jerene empenhou-se com a mesma obstinação para formar a Escola Internacional de Moshi, que atendia um cadinho cosmopolita de crianças expatriadas. Greg frequentava a escola, deleitando-se no mar formado pelas diversas línguas e culturas. As separações entre diferentes nacionalidades significavam tão pouco para ele, que acabava se aborrecendo quando disputavam entre si. Durante um período de intenso conflito entre a Índia e o Paquistão, Greg sentiu-se perturbado pela forma explícita com que os alunos indianos e paquistaneses brincavam de guerra durante o recreio, fingindo metralhar e degolar uns aos outros.

— Fora isso, era um lugar fantástico para se estudar — diz ele. —

Parecia uma miniatura das Nações Unidas. Havia 28 nacionalidades diferentes e comemorávamos todos os feriados: Hanukkah, Natal, Diwali, a Festa do Id.

Mortenson cresceu feliz, sem se importar com diferenças raciais.

Logo aprendeu a falar swahili fluentemente sem nenhum sotaque, a ponto de pensarem que fosse oriundo da Tanzânia quando atendia ao telefone.

Ele cantava hinos europeus arcaicos no coro da igreja, e entrou num grupo de dança africana que competiu num concurso de dança tribal televisionada para todo o país para o Saba Saba, o dia da independência da Tanzânia.

Aos 11 anos, Greg Mortenson escalou uma montanha pela primeira vez. — Desde os 6 anos, olhava para o pico e pedia para meu pai me levar até lá. Finalmente, quando Dempsey achou que o filho estava grande o suficiente para escalar, levou-o à viagem até o teto da África. Greg diz: —

Reclamei e xinguei o caminho todo até o Kilimanjaro. Odiei a subida.

Mas chegar ao cume ao amanhecer, vendo a savana africana abaixo, fez com que eu me apaixonasse de vez pelo alpinismo.

Jerene teve três filhas: Kari, Sonja Joy e, por fim, quando Greg tinha 12 anos, Christa. Dempsey passava meses fora de casa, levantando fundos e recrutando equipes hospitalares qualificadas na Europa e nos Estados Unidos. E Greg, com mais de 1,82m de altura, aos 13 anos desempenhava facilmente o papel de homem da casa durante as ausências do pai. Quando Christa nasceu, seus pais a levaram para ser batizada, e Greg se ofereceu para ser o padrinho.

Diferente dos três irmãos mais velhos, que cresceram rapidamente até atingirem a altura de seus pais, Christa continuou pequena e delicada. E na época em que passou a frequentar a escola, eram marcantes as diferenças em relação ao restante da família. Ainda criança, Christa teve uma reação terrível à vacina contra varíola.

— O braço dela ficou preto — diz Jerene.

Ela acredita que a injeção tóxica de vírus bovino vivo marcou o começo da

disfunção cerebral de Christa. Aos 3 anos, contraiu meningite e, para a mãe, ela nunca se recuperou totalmente da doença. Aos 8, começou a ter convulsões constantes e foi diagnosticada como epilética.

Mas, entre os surtos, Christa também adoecera.

— Ela logo aprendeu a ler — diz Jerene. — Mas eram apenas sons para ela. Ela não fazia a menor ideia do que as frases queriam dizer.

Um Greg adolescente tornou-se o protetor da irmã caçula.

— Christa era a melhor de nós — diz ele. — Ela encarava as limitações com desenvoltura. Ela levava horas para se vestir de manhã, então separava as roupas na noite anterior, tentando não nos atrasar para a escola. Ela tinha imensa consideração pelas outras pessoas. De algum modo, ela era como meu pai. Ambos eram bons ouvintes.

Dempsey ouvia, especialmente, os africanos jovens e ambiciosos em Moshi. Eles ansiavam por oportunidades, mas a Tanzânia pós-colonial —

naquela época, como agora, um dos países mais pobres da Terra — tinha pouco a lhes oferecer além do trabalho agrário. Quando seu hospital-

escola já estava de pé e funcionando parcialmente, ele insistiu, contra os desejos de muitos diretores estrangeiros, que concentrassem as bolsas de estudo médico para os excelentes alunos locais, em vez de simplesmente distribuí-las entre os alunos estrangeiros e os filhos da elite rica da África Oriental.

Logo depois que Greg completou 14 anos, o hospital com 640 leitos foi finalmente concluído, e o presidente da Tanzânia, Julius Nyerere, discursou na inauguração. O pai de Greg comprou galões de pombe, a cerveja de banana da região, e mandou cortar todos os arbustos do jardim para acomodar melhor as 500 pessoas, entre locais e estrangeiras, que convidou para o churrasco em comemoração à conclusão do hospital. No palco que construiu para os músicos, sob a pimenteira, Dempsey, envergando uma veste negra tradicional da Tanzânia, falou à comunidade que aprendera a amar.

Depois de 14 anos vivendo na África, ele havia engordado muito, mas mantinha-se altivo enquanto falava, e parecia, para o filho, senão o atleta que fora um dia, um homem bastante admirável. Ele começou agradecendo ao seu parceiro, John

Moshi, a quem Dempsey atribuiu tanta responsabilidade pelo sucesso do centro médico quanto a si mesmo.

— Vou fazer uma previsão — ele disse em swahili, parecendo tão tranquilo, que Greg se lembra que era a primeira vez que o pai não ficava nervoso na frente de uma plateia. — Em dez anos, o chefe de cada departamento no Centro Médico Cristão do Kilimanjaro será alguém nascido na Tanzânia. É o seu país. E o seu hospital.

— Senti o orgulho dos africanos — lembra Mortenson. — Os estrangeiros queriam que ele dissesse: "Vejam o que fizemos para vocês."

Mas ele estava dizendo: "Vejam o que vocês fizeram por vocês mesmos e quanto mais poderão fazer."

— Meu pai foi atacado pelos estrangeiros por este motivo — diz Mortenson. — Mas quer saber? Isso aconteceu. O lugar que ele construiu está lá até hoje, o principal hospital-escola da Tanzânia e, uma década depois de ter sido concluído, todos os chefes de departamento eram africanos. Ao vê-lo no palco, senti orgulho de saber que aquele homem grande e gordo era meu pai. Ele me ensinou, ensinou a todos nós, que, se acreditarmos em nós mesmos, podemos fazer qualquer coisa.

Com a escola e o hospital bem estabelecidos, o trabalho da família Mortenson na Tanzânia havia terminado. Dempsey recebeu uma oferta

tentadora —estabelecer um hospital para refugiados palestinos no Monte das Oliveiras, em Jerusalém — mas os Mortenson decidiram que já era hora de seus filhos conhecerem os Estados Unidos da América.

Greg e suas irmãs estavam entusiasmados e ansiosos para voltar ao lugar que eles ainda consideravam seu país, apesar do fato de apenas terem estado lá por breves períodos uma meia dúzia de vezes. Greg lera o verbete sobre cada um dos cinquenta estados na enciclopédia da família, tentando descrever e se preparar para retornar aos Estados Unidos. Por 14

anos, seus parentes no Minnesota escreveram sobre as reuniões de família que os Mortenson africanos haviam perdido, e enviavam recortes de jornal sobre a Minnesota Twins, que Greg guardava em seu quarto e relia à noite, adereços de uma cultura exótica que ele esperava compreender.

Os Mortenson reuniram seus livros, bordados e esculturas de madeira e se mudaram para a antiga casa de quatro andares dos pais de Jerene, em St. Paul, antes de comprar uma casa verde-clara bem barata num subúrbio de classe média chamado Roseville. No primeiro dia de aula num colégio americano, Greg estava aliviado por ver vários alunos negros nos corredores da St. Paul Central. Ele não se sentia tão longe de Moshi. Logo se espalhou a notícia de que o menino alto e esquisito de 15 anos tinha vindo da África.

Num dos intervalos de aula, um jogador de basquete alto e sinuoso que usava um símbolo de capota de um Cadillac preso numa corrente de ouro em volta do pescoço encurralou Mortenson contra um bebedouro, enquanto os amigos se aproximaram ameaçadores.

— Você não é africano — resmungou ele e, em seguida, o grupo de rapazes começou a socar Mortenson, enquanto ele cobria a cabeça, sem saber o que fizera de errado.

Quando finalmente pararam, Mortenson abaixou os braços, trêmulo.

O líder do grupo se aproximou e deu-lhe um soco no olho. Outro garoto pegou uma lata de lixo e enfiou-a sobre a cabeça dele. Mortenson ficou ao lado do bebedouro, com uma lata de lixo em cima da cabeça, ouvindo as gargalhadas se distanciando pelo corredor.

Na maioria dos aspectos, Mortenson mostrou-se adaptável à cultura americana. Ele tirava excelentes notas, especialmente em matemática, música e ciências e, claro, tinha a predisposição genética para ser bem-sucedido em esportes.

Depois que os Mortenson se mudaram para o subúrbio, a presença constante de Greg no time de futebol americano do Colégio Ramsey, na linha de defesa, abriu o caminho para, senão a amizade, a camaradagem com os demais alunos. Mas em um aspecto ele continuou avesso em relação à vida americana.

Greg nunca foi pontual em toda a sua vida — diz sua mãe. — Desde pequeno, sempre teve uma noção africana de tempo.

O trabalho da família na África fora recompensador em todos os modos, exceto financeiramente. Pagar mensalidade numa escola particular cara estava fora de

questão, então Mortenson perguntou ao pai o que deveria fazer.

— Eu fui para a faculdade graças ao G.I. Bi116 — respondeu Dempsey. — Você poderia tentar algo parecido.

6. A Lei de Adaptação dos Servidores de 1944 (mais conhecida como G.I. Bill ou Montgomery GI Bill em homenagem a um dos seus principais proponentes, o ex-representante do Congresso americano Gillespie V. Montgomery, do estado do Mississippi) fornecia recursos para a faculdade ou a educação vocacional aos veteranos da Segunda Guerra Mundial (comumente chamada de Gl's ou G.I. .), bem como o pagamento de auxílio-desemprego por um ano. Também provia empréstimos para veteranos da Segunda Guerra para adquirir casa e abrir empresa. (N. da T.)

Em abril, antes da formatura, Greg visitou o departamento de recrutamento do Exército em St. Paul e se alistou para dois anos de serviço militar.

— Foi algo muito estranho de fazer logo após a guerra do Vietnã —

diz Greg. — E meus colegas ficaram espantados por eu ter resolvido entrar para o Exército. Mas estávamos sem dinheiro.

Quatro dias depois da formatura no colégio, Mortenson iniciou o treinamento básico no Forte Leonard Wood, no Missouri. Enquanto a maioria dos colegas estava dormindo durante o verão antes de iniciar a faculdade, ele foi acordado na primeira manhã, às cinco, por um sargento

de treinamento, que chutou e sacudiu seu beliche, gritando: — Levante a bunda da cama e calce as meias!

— Decidi que não deixaria esse cara me aterrorizar — diz Mortenson.

Então, na manhã seguinte, às cinco, cumprimentou o sargento de treinamento Parks, inteiramente vestido, esperando, no escuro, sentado no beliche estreito. Ele me xingou por eu não ter dormido por oito horas, me obrigou a fazer quarenta levantamentos seguidos e marchar até o QG, onde me entregou uma

faixa. Depois me mandou marchar de volta até o beliche.

— Este é Mortenson, ele é o novo líder do pelotão — disse o sargento. — Ele supera todos vocês molengas, então, vão fazer o que ele mandar.

Mortenson era muito tímido para dar ordens aos demais soldados.

Mas ele se superou no Exército. Estava em excelentes condições físicas graças ao futebol americano e ao time do colegial, então os rigores do treinamento básico não foram tão marcantes para Mortenson quanto o baixo moral que encontrou no Exército no período após a guerra do Vietnã.

Ele aprendeu táticas e técnicas de artilharia avançada, depois iniciou seu estudo permanente de medicina, quando recebeu treinamento como paramédico, antes de ser enviado para a 33ª Divisão Armada, na Alemanha.

— Eu era realmente muito ingênuo quando me alistei, mas o Exército tem um modo de extirpar isso — diz Mortenson. — Muitos dos rapazes tornaram-se viciados em heroína depois do Vietnã. Eles morriam de overdose em seus beliches e precisávamos retirar os corpos.

Ele também se lembra de uma manhã de inverno quando teve de recolher o corpo de um sargento que levava uma surra e fora deixado numa vala coberta de neve para morrer, porque seus companheiros descobriram que era homossexual.

Enviado para Bamberg, na Alemanha, próximo à fronteira da Alemanha Oriental, Mortenson aperfeiçoou a capacidade que adquiriu para o resto da vida, graças aos horários irregulares do Exército, de dormir em qualquer canto, sem prévio aviso. Ele foi um soldado exemplar.

— Nunca disparei uma arma contra ninguém — diz Mortenson —, mas isso foi antes da queda do Muro de Berlim, e passávamos bastante tempo olhando pela mira das M-16 para os guardas da Alemanha Oriental.

Durante a ronda, Mortenson tinha autorização para disparar contra os atiradores comunistas se abrissem fogo contra civis alemães orientais que

tentassem escapar.

— Isso acontecia às vezes, mas nunca quando eu estava no posto —

diz Mortenson —, graças a Deus.

A maioria dos soldados brancos que ele conheceu na Alemanha passava os fins de semana "pegando gonorreia, se embebedando ou dando tiros". Mortenson, em vez disso, pegava voos de carreira com os soldados negros — para Roma, Londres ou Amsterdã. Era a primeira vez que Mortenson viajava sozinho e achou que as experiências, além das companhias, foram sensacionais.

— No Exército, meus melhores amigos eram negros — diz Mortenson. —No Minnesota isso sempre parecia esquisito, mas no Exército a diferença racial era a menor de nossas preocupações. Na Alemanha, me senti aceito e, pela primeira vez desde que saí da Tanzânia, não me sentia sozinho.

Mortenson recebeu a Medalha de Comenda do Exército, por evacuar soldados feridos durante um exercício de tiro. Foi dispensado com honras após dois anos de serviço, satisfeito por ter servido. Então, ele se dirigiu à Faculdade Concórdia, em Moorhead, Minnesota, com a bolsa de estudos de futebol americano, onde seu time venceu o Campeonato Nacional de 1978. Mas logo se entediou com a homogeneidade entre as pessoas no pequeno e indistinto campus universitário, e pediu transferência para a Universidade da Dakota do Sul, em Vermillion, mais diversificada, usando uma bolsa de estudos do Exército.

Jerene estava estudando para completar o doutorado em Ph.D. em educação, e Dempsey encontrara um emprego desestimulante, em troca de um pouco de salário, trabalhando longas horas no porão de um departamento de Estado, então o dinheiro estava ainda mais curto para a família Mortenson. Greg se sustentava para fazer a faculdade, lavando pratos na lanchonete da escola e sendo atendente no plantão noturno no Hospital da Dakota. Todo mês, remetia, escondido, parte de seus ganhos para o pai.

Em abril de 1981, no segundo ano de Greg em Vermillion, Dempsey recebeu o diagnóstico de que estava com câncer. Estava com 48 anos. Greg era aluno de química e enfermagem e, quando soube que o câncer do pai havia criado metástases e se espalhara pelos nódulos linfáticos e o fígado, percebeu a rapidez com que iria perdê-lo. Enquanto prestava mais exames e mantinha os empregos na faculdade, Mortenson aguentava dirigir seis horas até em casa, no Minnesota, nos fins de semana, a cada 15 dias, para

passar algum tempo com o pai. E a cada duas semanas ficava chocado ao ver

quão rapidamente o estado físico de Dempsey se deteriorava.

Mortenson, já bem experiente em tratamentos clínicos, convenceu os médicos de Dempsey a interromper a radiação, por saber que a condição de seu pai era terminal e decidiu que ele deveria ter a oportunidade de aproveitar o tempo que lhe restava de vida. Greg insinuou abandonar a faculdade e tomar conta do pai em período integral, mas Dempsey disse ao filho: — Nem ouse fazer isso.

Então, as visitas quinzenais prosseguiram. Quando o tempo estava bom, carregava o pai até o ar livre, a uma cadeira no jardim, onde tomava um pouco de sol, impressionado com a perda de peso. Dempsey, talvez ainda lembrando a grama verde de sua casa em Moshi, cuidava bem de seu herbário, e pedia ao filho que tirasse toda erva daninha.

Tarde da noite, ouvia o barulho da máquina de escrever de Dempsey, determinando, mesmo com dor, como gostaria que fosse a cerimônia de seu próprio enterro. Jerene adormecia no sofá, esperando que parasse de datilografar para acompanhar o marido até a cama.

Em setembro, Greg visitou o pai pela última vez. Dempsey, nessa época, estava internado no Midway Hospital em St. Paul.

— Eu tinha uma prova na manhã seguinte e não queria chegar em casa no meio da noite, mas não conseguia deixá-lo — lembra Greg. — Ele não se sentia muito à vontade em demonstrações de carinho, mas manteve a mão sobre meu ombro o tempo todo enquanto eu estava com ele.

Finalmente, levantei-me para ir embora e ele disse: "Está terminado. Está tudo bem. Está tudo resolvido." Era nítido que não estava com medo de morrer.

Como em Moshi, onde fizera uma grande festa para marcar o final bem-sucedido de seu período na África, Dempsey, tendo detalhado a cerimônia para marcar o final de seu tempo na Terra até o último hino, morreu em paz na manhã seguinte.

Na abarrotada Igreja Luterana Príncipe da Paz, em Roseville, a assistência recebeu o programa que Dempsey chamou de "A alegria de voltar para casa". Greg fez um discurso de despedida em swahili, chamando-o de Baba, kaka, ndugu, "Pai, irmão, amigo". Orgulhoso de ter servido no Exército, Dempsey foi enterrado no Cemitério Nacional do Forte Snelling, em Twin Cities.

Com a morte de Dempsey e uma graduação com honra em enfermagem e química nas mãos, Mortenson sentiu necessidade de buscar novos projetos. Ele se inscreveu e foi aceito na Faculdade de Medicina da Case Western University, mas não conseguia se imaginar esperando mais cinco anos até começar a ganhar dinheiro. Depois da morte do pai, ficou obcecado com a possibilidade de perder Christa, cujas convulsões haviam se tornado mais frequentes. Então voltou para casa por um ano para ficar com a irmã mais nova. Ele a ajudou a encontrar um emprego em uma fábrica de sacolas e andou nos ônibus de St. Paul com ela uma dezena de vezes até ela ser capaz de fazer o trajeto sozinha. Christa interessou-se muito pelas namoradas do irmão e fez perguntas detalhadas sobre sexo que ela sentia vergonha de perguntar à mãe. E quando Greg descobriu que Christa estava saindo com alguns rapazes, trouxe uma enfermeira para lhe dar orientação sexual.

Em 1986, Mortenson começou um curso de graduação em neurofisiologia na Universidade de Indiana, esperando, idealisticamente, que, com esforço e inspiração, ele pudesse ser capaz de encontrar uma cura para a irmã. Mas as engrenagens da pesquisa médica giram muito lentamente para um rapaz de 28 anos impaciente e quanto mais Mortenson estudava sobre epilepsia, mais longe vislumbrava qualquer possibilidade de cura. Examinando livros de medicina e sentado em laboratórios, percebeu que sua mente se voltava para os intrincados veios de quartzo incrustados no granito em As Agulhas, formações rochosas pontiagudas nos Montes Negros, na Dakota do Sul, onde tivera suas primeiras lições de alpinismo um ano antes com dois colegas da faculdade.

Ele se sentia cada vez mais atraído por escaladas. Tinha o velho carro Buick borgonha de sua avó, que apelidara de La Bamba. Tinha alguns milhares de dólares que economizara, e visões de um tipo diferente de vida, mais ao ar livre, como a vida que amava na Tanzânia. A Califórnia parecia ser um lugar melhor, então, colocou tudo o que possuía no La Bamba e partiu para o Oeste.

Como a maioria das buscas a que se dedicou profundamente, a velocidade de aprendizado de Greg Mortenson em alpinismo era tão acelerada quanto a inclinação das encostas rochosas que logo começou a escalar. Depois de viver uma infância totalmente ordenada na casa organizada de sua mãe, servir ao Exército, cursar a faculdade e a pós-graduação, a liberdade do alpinismo e esforçar-se apenas o necessário para

escalar mais um pouco era algo novo e contagiante. Mortenson começou a

trabalhar como enfermeiro de traumatologia, fazendo plantões noturnos e em feriados nos pronto-socorros da Área da Baía, (7) pegando os turnos que ninguém queria em troca da liberdade de desaparecer no mundo quando as montanhas o chamassem.

O cenário de escalada da Área da Baía pode ser bastante desgastante, e Mortenson acabou-se deixando engolir por ele. Entrou num clube de alpinismo, o City Rock, num antigo depósito de Emeryville, onde passava horas refinando os movimentos. Começou a correr em maratonas e se exercitava, constantemente, entre as expedições para subir a face norte do Monte Baker, o Annapurna IV, em Baruntse, e vários outros picos do Himalaia.

— Entre 1989 e 1992, minha vida era só escalar — diz Mortenson.

E a atração por alpinismo tinha um efeito tão forte sobre ele como a necessidade de medir forças contra as muralhas de pedra. Arrebanhou um conhecimento enciclopédico sobre a história do alpinismo e garimpava nas lojas de livros usados da Área da Baía procurando relatos do século XIX

sobre façanhas alpinas.

— Meu travesseiro na época era uma bíblia do alpinismo chamada **Freedom of the Hills** [Liberdade das montanhas] — diz Mortenson.

Christa vinha visitá-lo todos os anos, e ele tentava explicar a ela seu amor pelas montanhas, levando-a de carro para Yosemite, e apontando com o indicador meia dúzia de trilhas que subira nos monólitos de granito do Semi-Domo.

Em 23 de julho de 1992, Mortenson estava no Monte Sill, no lado leste de Sierra, com sua namorada da época, Anna Lopez — uma exploradora que passava meses sozinha fora da cidade. As 4h30 da manhã, estavam descendo uma geleira em que haviam se instalado para passar a noite depois de atingir o topo, quando Mortenson tropeçou, girou 360°

para a frente no ar, e escorregou encosta abaixo. A inércia fez com que descesse a geleira, sendo lançado 1,5 metro no ar a cada salto chocando-se contra a neve e gelo compactos. Sua mochila pesada se retorceu e deslocou seu ombro esquerdo, partindo o osso do braço. Ele caiu verticalmente por 250 metros, até prender a ponta de seu picador de gelo na neve e segurar-se com o outro braço.

7. Área metropolitana de San Francisco conhecida como Bay Area. (N. da T.)

Depois de Mortenson ter passado 24 horas de dor alucinante para terminar de descer a montanha e chegar até a cabeça da trilha, Anna levou-o de carro ao pronto-socorro mais próximo, em Bishop, Califórnia.

Mortenson ligou para a mãe do hospital para lhe dizer que havia sobrevivido. O que ouviu feriu-o mais do que a queda que sofrera. Na mesma hora em que Greg caía no Monte Sfil, sua mãe abria a porta do quarto de Christa para acordá-la e fazerem a viagem que haviam planejado para o dia do seu 23º aniversário, até Dyersviller, Iowa, o lugar onde o filme **O campo dos sonhos** fora rodado.

— Quando fui chamá-la, Christa estava de joelhos, como se estivesse tentando voltar para cama depois de ter ido ao banheiro — diz Jerene. —

Sua pele estava azulada. Ela morreu de súbito, devido a uma forte convulsão que congelou onde estava.

Mortenson foi ao enterro no Minnesota com o braço na tipóia. O

irmão de Jerene, o pastor Lane Doerring, fez a oração diante do caixão, acrescentando uma variação apropriada para a frase mais famosa do filme favorito de Christa.

— Nossa Christa vai acordar e dizer: "Isto é Iowa?" E eles responderão: "Não, é o céu" — ele disse diante de uma assembleia em prantos na mesma igreja em que se despediram de Dempsey.

Na Califórnia, Mortenson sentiu-se mais à deriva do que nunca. O

telefonema de Dan Mazur, um reconhecido alpinista que Mortenson conhecia por sua obstinação, pareceu um aceno do destino. Ele estava planejando uma expedição para o K2, a maior das provas de alpinismo, e precisava de um paramédico para acompanhar a equipe. Será que Mortenson poderia vir? Aqui estava um caminho, um meio através do qual Mortenson poderia retomar o curso e, ao mesmo tempo, prestar uma homenagem à altura para a irmã. Ele subiria ao

cume que seus companheiros de profissão mais respeitavam, e dedicaria esta escalada à memória de Christa. Parecia uma forma de extrair algum significado daquela perda.

Saindo da espécie de transe que o retorno para casa o levou, sem graça, Mortenson afastou GiGi do rosto, e colocou o macaco novamente sobre o álbum de retratos. Um caminhão pesado passava ao largo na San

Pablo, sacudindo o pequeno contêiner. Saiu do guarda-móveis e tirou o equipamento de alpinismo do porta-malas do La Bamba.

Desta vez, ao pendurar os cabos, cordas, grampos, arcos, pregos e puxadores nos ganchos, nos quais permaneciam apenas por algum tempo entre as viagens nos últimos cinco anos, estes equipamentos que o levaram através dos continentes, a escalar picos outrora inacessíveis aos homens, pareciam impotentes. De que ferramentas precisaria para levantar dinheiro? Como ele convenceria os americanos a se importar com um grupo de crianças sentadas em círculo, no frio, do outro lado do mundo, rabiscando suas lições com gravetos no chão duro? Puxou a cordinha da lâmpada, fazendo com que os objetos desaparecessem no escuro dentro do contêiner. Uma nesga de sol da Califórnia brilhou nos olhos de plástico do macaquinho de pelúcia antes de Mortenson trancar a porta com o cadeado.

Capítulo 5

580 cartas e um cheque

Deixe a dor da saudade viver em seu coração. Nunca desista, nunca perca as esperanças. Alá diz: "Bem-aventurados os desvalidos."

Estraçalhe o seu coração.

Viva alquebrado.

— Shaikh Abu Saeed Abil Kheir, também conhecido como Ninguém, Filho de Ninguém

A MÁQUINA DE ESCREVER ERA PEQUENA DEMAIS PARA AS

MÃOS DE MORTENSON. Ele continuava batendo em duas teclas ao mesmo tempo, rasurando a carta e tendo de recomeçar, o que custava mais caro. Um dólar a hora para alugar uma velha máquina IBM parecia razoável, mas depois de cinco horas no Centro de Cópias Krishna, em Berkeley, ele só havia datilografado quatro cartas.

O problema era que Mortenson não tinha certeza exatamente de sobre o que deveria dizer. "Cara sra. Wmfrey", ele datilografou, com as pontas dos indicadores, começando uma quinta carta, "Sou um admirador do seu programa. Parece-me que a senhora realmente se importa com o que seja o melhor para as pessoas. Estou escrevendo para lhe falar sobre uma pequena aldeia no Paquistão chamada Korphe, e a escola que estou querendo construir para eles. Sabia que para muitas crianças nessa bela região do Himalaia não há nenhuma escola?"

Neste ponto ele parava de escrever. Ele não sabia se deveria ir direto ao assunto e mencionar a doação em dinheiro ou apenas pedir ajuda. E se pedisse dinheiro, seria o caso de estipular um valor? "Desejo construir uma escola com cinco salas para educar cem alunos até a quinta série", Mortenson escreveu. "Quando fui ao Paquistão para escalar o K2, o segundo pico mais alto do mundo (que não consegui alcançar), consultei alguns profissionais da região. Utilizando materiais e mão-de-obra de

operários locais, tenho certeza de poder concluir a escola com 12 mil dólares."

E aqui vinha a parte mais difícil. Ele deveria pedir o valor total?

"Qualquer contribuição que puder fazer será uma bênção", Mortenson resolveu escrever. Mas seus dedos falhavam e a última palavra foi soletrada como "benção". Ele amassou a folha e começou novamente.

Na hora de ir para San Francisco para o plantão noturno no pronto-socorro do

Centro Médico na UCSF, Mortenson havia terminado, lacrado e selado seis cartas. Uma para Oprah Winfrey. Uma para cada um dos âncoras das redes de notícias, incluindo Bernard Shaw, da CNN, já que a CNN estava se tornando tão grande quanto as demais. E uma carta que redigiu livremente para a atriz Susan Sarandon, por ela parecer tão legal e tão dedicada a causas.

Ele dirigiu o La Bamba pelo rush do final de tarde, manobrando o Buick com um único dedo. Esta era uma máquina que servia perfeitamente para o tamanho das mãos de Mortenson. Ele estacionou, abaixou o vidro da janela do banco de passageiro e colocou as cartas na portinhola de uma caixa de coleta sobre a calçada do Posto dos Correios de Berkeley.

Não era muito para um dia inteiro de trabalho, mas pelo menos havia começado. Ele pegaria o ritmo, disse a si mesmo. Teria de fazer isso, uma vez que havia resolvido enviar quinhentas cartas. Conduzindo o La Bamba na direção oeste do tráfego da Ponte da Baía, ele se sentia ansioso, como se tivesse acendido um pavio, e uma explosão de boas notícias viesse logo em seguida.

No pronto-socorro, um plantão poderia restringir-se a ferimentos a faca e abscessos estuporados. Ou, de madrugada, sem entradas de pacientes com risco de morte, passava despercebido até o amanhecer.

Nesses momentos, Mortenson dormitava sobre catres ou conversava com médicos como Tom Vaughan. Alto, esguio, com ar sério, de óculos, Vaughan era um pneumologista e um alpinista. Ele chegara a 6.705 metros no Aconcágua, nos Andes — a mais alta montanha fora da Ásia — e atingiu o pico Nanda Devi, o mais elevado da Índia. Mas foi sua experiência como médico de expedição durante a tentativa americana, em 1982, de escalar o Gasherbrum II, no Paquistão, que forjou a amizade entre o médico e o enfermeiro.

— Dava pra ver o K2 do Gasherbrum II — diz Vaughan. — Era incrivelmente bonito e amedrontador. E eu tinha muitas perguntas a fazer a

Greg sobre como se sentira escalando-o.

Vaughan participara de uma tentativa no que normalmente é considerado o mais fácil dos picos a 8 mil metros de altura. Mas durante sua temporada na montanha, nenhum membro da equipe atingiu o cume, e outro, Glen Brendeiro, foi lançado de um penhasco por uma avalanche e nunca foi encontrado.

Vaughan sabia o que era quase chegar a um pico tão difícil quanto o K2. Entre crises, eles conversavam sobre a grandeza e a desolação do Baltoro, que ambos acreditavam ser o lugar mais espetacular do planeta. E

Mortenson enchia Vaughan de perguntas a respeito da pesquisa que estava fazendo sobre edemas pulmonares, o inchaço dos pulmões provocado pela altitude que causava tantas mortes e danos entre os alpinistas.

— Greg era muito rápido, calmo e competente numa emergência —

lembra Vaughan. — Mas quando você conversava sobre medicina com ele, sua atenção acabava. A impressão que eu tinha dele, na época, era a de que estava apenas dando um tempo para voltar ao Paquistão.

A mente de Mortenson poderia estar focada numa aldeia nas montanhas a 19.300 quilômetros de distância. Mas ele não desviava os olhos de certa residente de anesthesiologia que o balançava toda vez que se encontravam: dra. Marina Villard.

— Marina tinha uma beleza natural — diz Mortenson. — Ela era alpinista. Não usava maquiagem. E tinha cabelos escuros e lábios grossos que eu mal conseguia encarar. Eu entrava em parafuso toda vez que tinha de trabalhar com ela. Eu não sabia se deveria convidá-la para sair ou evitá-

la para conseguir pensar direito.

Para economizar enquanto tentava levantar fundos para a escola, Mortenson decidiu não alugar um apartamento. Ele tinha o guarda-móveis.

E o banco de trás do La Bamba tinha o mesmo tamanho de um sofá.

Comparado a uma tenda no Baltoro, parecia um lugar bastante confortável para se dormir. Ele se manteve sócio do City Rock, tanto para ter acesso ao chuveiro como para escalar a parede em boa parte da semana e se manter em forma. Toda noite, Mortenson se esgueirava pelo Berkeley Flats, um bairro de armazéns próximo à baía, procurando um lugar em volta do quarteirão, que fosse escuro e sossegado, para poder descansar sem ser perturbado. Dentro do saco de dormir, com as pernas quase estiradas no banco de trás do La Bamba, pegava-se pensando em Marina pouco antes de adormecer.

— Ouça o que estou dizendo — aconselhava ele. — Você está ficando velho e precisa começar uma família. O que está esperando?

Mortenson ficava sem graça toda vez que tentava convidá-la. Mas nos recessos no Centro Médico do UCSF, começou a contar a Marina histórias sobre o Karakoram e os planos para construir uma escola. Tentando não ficar com cara de bobo com os olhos daquela mulher, Mortenson se fixava em suas memórias enquanto falava. Porém, quando olhava novamente para ela, depois de descrever o resgate do alpinista francês, os dias que passou perdido no Baltoro ou sua temporada em Korphe, sendo tratado por Haji Ali, os olhos de Marina estavam brilhando. E depois de dois meses de conversa, ela pôs fim à agonia de Mortenson convidando-o para sair com ela.

Mortenson vivia como um monge desde que voltara do Paquistão. Na maioria das vezes, gastava 99 centavos de dólar na promoção especial de café da manhã — uma xícara de café e um pãozinho — comprado na lanchonete cambojana na avenida MacArthur. Muitas vezes não comia de novo senão à noite, quando devorava um burrito de 3 dólares abarrotado de recheio em uma das casas de tacos no centro de Berkeley.

Em seu primeiro encontro, Mortenson levou Marina de carro a um restaurante de frutos do mar flutuante em Sausalito e pediu uma garrafa de vinho branco, fazendo vista grossa para o preço da comida. Ele mergulhou na vida de Marina de cabeça. Marina tinha duas filhas de um primeiro casamento, Blaise, de 5 anos de idade e Dana, de 3. E Mortenson logo se sentiu quase tão ligado a elas quanto à mãe delas.

Em alguns fins de semana, quando as meninas ficavam com o pai, ele e Marina iam de carro até Yosemite, dormiam no La Bamba, e escalavam cumes como o Pico da Catedral. Quando as meninas estavam em casa, Mortenson levava-as para Indian Rock, uma elevação na exuberante Berkeley Hills, quando lhes dava lições básicas de alpinismo.

— Parecia que, de repente, eu tinha minha própria família — diz Mortenson —, que descobri que eu realmente queria ter. E se o levantamento dos fundos para a escola estivesse indo bem, eu estaria me sentindo completamente feliz.

Jerene Mortenson acompanhava ansiosamente a odisseia de seu filho do novo lar em River Falls, Wisconsin. Depois de concluir seu Ph.D., ela fora contratada

como diretora da Escola Elementar de Westside. Jerene

convenceu o filho a dar uma palestra com apresentação de slides para seiscentos alunos de sua escola.

— Encontrei muita dificuldade em explicar aos adultos por que quero ajudar estudantes no Paquistão — diz Mortenson. — Mas a garotada entendeu tudo. Quando viram as fotos, não conseguiam acreditar que houvesse um lugar onde as crianças se sentavam ao ar livre, no frio, e tentavam estudar sem professores. Eles decidiram fazer alguma coisa a esse respeito.

Um mês depois de retornar a Berkeley, Mortenson recebeu uma carta de sua mãe. Ela explicou que os alunos haviam lançado, espontaneamente, uma campanha chamada "Centavos para o Paquistão". Eles encheram duas latas de lixo de 40 galões com 62.345 moedas de 1 centavo. Quando depositou o cheque que a mãe lhe mandou de 623,45 dólares, Mortenson sentiu que a sua sorte estava finalmente mudando.

— As crianças deram o primeiro passo para a construção da escola —

diz Mortenson. — E elas fizeram isso com algo que praticamente não tem nenhum valor em nossa sociedade: moedas de um centavo. Porém, no exterior, moedas de um centavo podem mover montanhas.

Outros passos vieram muito lentamente. Seis meses se passaram desde que Mortenson enviara a primeira das 580 cartas e, finalmente, recebeu a sua primeira e única resposta. Tom Brokaw, como Mortenson, era ex-aluno da Universidade da Dakota do Sul. Como jogadores de futebol americano, ambos foram treinados por Lars Overskei, um fato que a carta de Mortenson destacava. Brokaw mandou um cheque de 100

dólares e um bilhete desejando sorte. E, uma a uma, chegaram as cartas das fundações, como marteladas sobre as suas esperanças, informando a Mortenson que todos os 16 pedidos de fundos tinham sido rejeitados.

Mortenson mostrou o bilhete de Brokaw a Tom Vaughan e admitiu que seus esforços para levantar fundos não estavam progredindo. Vaughan apoiava a American Himalayan Foundation [Fundação Americana do Himalaia] e decidiu ver se o órgão poderia ajudar. Ele escreveu um pequeno artigo sobre a escalada de Mortenson ao K2 e seus esforços para construir uma escola para Korphe, que

foi publicado no newsletter nacional da FAH. E ele lembrava aos associados da FAH, muitos deles alpinistas de elite dos Estados Unidos da América, do legado de Sir Edmund Hillary (8) no Nepal.

8. Sir Edmund Hillary (Percival) (1919) — Alpinista e explorador, escritor e palestrante, nascido em Auckland, Nova Zelândia. Como membro da expedição de John Hunt, ele alcançou com Tenzing Norgay, o cume do Monte Everest em 1953, feito pelo qual foi sagrado cavaleiro. Em 2003, recebeu a cidadania honorária do Nepal para marcar o 50º aniversário da primeira subida ao Monte Everest. (N. da T.) Depois de conquistar o Monte Everest com Tenzing Norgay, em 1954, Hillary voltou várias vezes ao vale do Khumbu. E ele se determinou a cumprir uma missão que considerou mais difícil do que subir até o pico mais alto do mundo: construir escolas para as empobrecidas comunidades sherpas, de onde os carregadores possibilitaram sua subida.

Em seu livro sobre os esforços humanitários de 1964, *Schoolhouse in the Clouds* [Escola nas nuvens], Hillary escreveu com incrível antecipação sobre a necessidade de projetos de ajuda aos lugares mais pobres e remotos do planeta. Lugares como Khumbu e Korphe.

Lenta e dolorosamente, assistíamos à aceitação mundial do fato de que os países mais ricos e avançados tecnologicamente têm a responsabilidade de ajudar os subdesenvolvidos. Não apenas por caridade, mas porque somente dessa maneira podemos esperar ver qualquer paz e segurança permanentes no mundo.

Contudo, de certa forma, o caminho de Hillary foi muito mais fácil do que a empreitada quixotesca de Mortenson. Ao conquistar o pico mais alto da Terra, Hillary tornou-se um dos homens mais famosos do mundo.

Quando ele se aproximava de doadores de empresas para ajudar a financiar o esforço para a construção de escolas, eles se digladiavam para apoiar sua

"Expedição das Escolas do Himalaia". A **World Book Encyclopedia** inscreveu-se como principal patrocinadora, fazendo um empréstimo bancário para Hillary de 52 mil dólares em 1963. E a Sears Roebuck, que começara, havia pouco, a vender as tendas e sacos de dormir com a marca de Sir Edmund Hillary, superou as expectativas da expedição e enviou uma equipe de filmagem para documentar o trabalho de Hillary. Mais fundos se somaram à medida que os representantes

de Hillary vendiam direitos autorais de filmes europeus e de imprensa, e recebiam um adiantamento por um livro sobre a expedição antes de Hillary viajar ao Nepal.

Mortenson não só falhara em atingir o cume do K2, como voltara para casa sem um tostão. E para não estragar o seu relacionamento passando a depender muito de Marina, ainda dormia várias noites no La Bamba. Ele passou a ser conhecido entre os policiais. E eles o acordavam no meio da noite com as lanternas acesas e faziam-no dar voltas, cheio de sono, no Berkeley Flats, praticamente caindo ao volante, à procura de outra vaga para estacionar onde não o incomodassem até o amanhecer.

Nos últimos tempos, Mortenson começara a se desentender com Marina por causa de dinheiro. Dormir no La Bamba durante as viagens de escalada nos fins de semana havia perdido o charme para ela. Ele não soube lidar muito bem com isso quando, numa tarde fria no início da primavera, a caminho do Yosemite, ela sugeriu se hospedarem no histórico hotel Ahwahnee, uma jóia da arquitetura rústica do Oeste. Um único fim de semana no Ahwahnee custaria, por baixo, o equivalente a todo o dinheiro que havia levantado para a escola até aquele momento. E depois de Mortenson ter recusado terminantemente a sugestão, o fim de semana no carro úmido ferveu sob a tensão silenciosa.

Numa manhã nevoenta e fria, típica do verão de San Francisco, Mortenson chegou ao plantão e Tom Vaughan lhe entregou uma página arrancada de seu receituário.

— Este cara leu o artigo sobre você no newsletter e me ligou — disse Vaughan.
— Ele é alpinista e um grande cientista. Ele também me pareceu, sinceramente, uma figura. Perguntou se você era um drogado que gastaria o dinheiro dele. Mas acho que ele tem grana. Você deveria dar uma ligada para ele.

Mortenson olhou para o que estava escrito no papel e leu "dr. Jean Hoerni" (9) ao lado de um telefone de Seattle. Agradeceu a Vaughan e enfiou-o no bolso a caminho da sala de emergência.

9. *Jean Hoerni* (26/09/1924-12/01/1997). (N. da T.) No dia seguinte, na Biblioteca Pública de Berkeley, Mortenson pesquisou o nome do dr. Jean Hoerni. Ele ficou surpreso em encontrar centenas de referências, principalmente em recortes de

jornal sobre a indústria de semicondutores.

Hoerni era um físico suíço formado em Cambridge. Com um grupo de cientistas da Califórnia que se intitulavam os "Oito Traidores" — por

terem desertado de um laboratório do destemperado vencedor do Prêmio Nobel, William Shockley — inventou um tipo de circuito integrado que abriu o caminho para o chip de silicone. Hoerni, cujo brilhantismo se equiparava apenas ao seu mau humor, mudava frequentemente de emprego, sempre batendo de frente com os colegas de trabalho. Porém, ao longo de uma carreira impressionante, fundou meia dúzia de empresas que, depois de sua saída, cresceram e se transformaram em gigantes da indústria como a Fairchild Semiconductors, a Teledyne e a Intel. Quando ele ligou para Tom Vaughan tentando localizar Mortenson, já estava com 70 anos, e sua fortuna havia crescido em centenas de milhões de dólares.

Hoerni também era alpinista. Quando jovem, tentou escalar o Everest e chegou ao pico de montanhas nos cinco continentes. Com uma resistência física tão grande quanto sua teimosia, sobreviveu a uma noite de frio na altitude forrando o saco de dormir com jornal. Então escreveu uma carta ao editor do Wall Street Journal elogiando-o como "de longe, o jornal mais quente da atualidade".

Hoerni tinha uma afeição especial pelo Karakoram, onde fez caminhadas, e contou a amigos que voltara assombrado com a discrepância entre o magnífico cenário montanhoso e a vida brutal dos carregadores baltis.

Mortenson trocou 10 dólares em moedas de 25 centavos e ligou para Hoerni, em Seattle, do telefone público da biblioteca.

— Oi — disse ele, depois de gastar minutos muito caros esperando Hoerni finalmente vir atender ao telefone. — Sou Greg Mortenson. Tom Vaughan me deu o seu número e eu estou ligando porque...

— Eu sei o que você quer — interrompeu uma voz rascante com sotaque francês. — Diga-me, se eu lhe der os fundos para a sua escola, você não vai se mandar para uma praia no México, fumar todas e trepar com a namorada, vai?

— Eu... — respondeu Mortenson.

— O que você disse?

— Não, senhor, claro que não. Apenas quero educar as crianças.

Ele pronunciou "educar" com a cadência sincera do Meio-Oeste com que sempre pronunciava sua palavra favorita: "e-djuu-car".

— No Karakoram. Eles realmente precisam de sua ajuda. Eles não têm praticamente nada.

— Eu sei — respondeu Hoerni. — Fui até lá em 1974. A caminho do Baltoro. — Estava lá para fazer uma caminhada ou com uma...?

— Então. Quanto, exatamente, sua escola custará? — retrucou Hoerni. Mortenson colocou mais moedas no telefone.

— Falei com um arquiteto e um empreiteiro em Skardu, e eles apuraram o valor de todo o material — respondeu Mortenson. — Quero que tenha cinco cômodos, quatro para salas de aula, e um refeitório para...

— Um número! — cortou Hoerni.

— Doze mil dólares — respondeu Mortenson, nervoso —, mas qualquer valor com que o senhor quisesse contribuir para...

— Isso é tudo? — perguntou Hoerni, incrédulo. — Não está de sacanagem? Consegue realmente construir sua escola com 12 mil?

— Sim, senhor — respondeu Mortenson.

Ele sentia as batidas do coração em seus ouvidos.

— Tenho certeza disso.

— Qual é o seu endereço? — inquiriu Hoerni.

— Bem, esta é uma pergunta interessante...

Mortenson passou meio trôpego pelos alunos que enchiam a avenida Shattuck, caminhando em direção ao carro. Ele concluiu que esta seria uma noite em que teria um bom motivo para não dormir no La Bamba.

Uma semana depois, Mortenson abriu sua caixa postal. Dentro havia um

envelope com um cheque de 12 mil dólares que Hoerni havia remetido, nominal a Mortenson, para a FAH, com um bilhete curto rabiscado num papel gráfico dobrado: "Não me sacaneie. Cordialmente, J.H."*

Os livros foram os primeiros a serem transformados em recursos para a viagem. Mortenson gastara anos fuçando a livraria Black Oak Books, em Berkeley, especialmente a sala dos fundos, onde comprou centenas de livros históricos sobre alpinismo. Ele tirou seis caixas de livros do carro que, junto com várias edições raras de seu pai, trazidas da Tanzânia, completaram quase seiscentos dólares pagos pelo dono do sebo.

Enquanto esperava o cheque de Hoerni compensar, Mortenson transformou tudo o que tinha no dinheiro que precisava para comprar a passagem de avião e pagar as despesas pelo tempo que tivesse de permanecer no Paquistão. Disse à Marina que seguiria o caminho a que havia se proposto desde que a conhecera até o fim — até cumprir a promessa que fizera às crianças de Korphe. Quando voltasse, ele prometeu a ela, as coisas seriam diferentes. Trabalharia em período integral,

encontraria um lugar de verdade para morar e levaria uma vida menos atabalhoada.

Levou o equipamento de alpinismo até a loja Wilderness Exchange, na avenida San Pablo, lugar em que gastou muito dinheiro ao longo dos anos, desde que se tornara um devotado alpinista. Levava apenas quatro minutos de carro do guarda-móveis até a loja, mas Mortenson se lembra do episódio de forma viva, como se tivesse cruzado o país de leste a oeste.

— Eu me sentia como se estivesse me afastando da vida que tinha desde que passara a viver na Califórnia — ele diz.

Ele saiu da loja com quase 1.500 dólares a mais no bolso.

Na véspera da viagem, Mortenson levou Marina de carro ao trabalho, então se desfez do bem mais difícil. Num pátio de venda de carros usados em Oakland, estacionou o La Bamba numa vaga e vendeu-o por 500

dólares. O bebedor de gasolina o transportara fielmente do Meio-Oeste à nova vida como alpinista na Califórnia. Servira de casa para ele por um ano, enquanto lutara para levantar fundos para a escola. Agora, o que conseguiu com a venda do carro iria ajudá-lo a chegar ao outro lado da Terra. Acariciou o imenso capô

borgonha, enfiou o dinheiro no bolso e carregou a mochila até o táxi que estava esperando para levá-lo ao próximo capítulo de sua vida.

Capítulo 6

Sobre os telhados de Rawalpindi ao anoitecer

A prece é melhor que o sono.

— do hazzan, ou "chamado para a adoração"

ELE ACORDOU DEBRUÇADO SOBRE O DINHEIRO, BANHADO

EM SUOR. DOZE MIL e oitocentos dólares em maços de cem notas estavam dentro de uma bolsa de mão de náilon verde desbotada. Doze mil para a escola. Oitocentos para segurar as despesas pelos próximos meses.

O quarto era tão espartano que não tinha sequer um lugar para esconder o dinheiro, exceto sob a roupa. Acariciou o dinheiro instintivamente, como passara a fazer desde que saiu de San Francisco, jogou as pernas para fora do charpoy (10) e colocou os pés sobre o chão de cimento quente.

10. Cama de armar. (N. da T.)

Mortenson abriu a cortina e viu uma nesga de céu, recortado entre o minarete de azulejos verdes e a Mesquita do Serviço de Transporte do Governo. O céu tinha

um tom violeta que tanto poderia indicar o nascer quanto o pôr-do-sol. Tentou espantar o sono, pensando que horas seriam.

Era o pôr do sol, com certeza. Ele chegara a Islamabad de manhã e deveria ter dormido o dia inteiro.

Cruzara metade do globo percorrendo um itinerário ao longo de 56

horas de acordo com o bilhete econômico, de San Francisco a Atlanta, depois de Frankfurt a Abu Dhabi e Dubai e, finalmente, emergindo desse túnel de fusos horários e salas de embarque com ar-condicionado para o fumegante e frenético aeroporto de Islamabad. E aqui estava ele num quarto singelo na cidade-irmã de Rawalpindi, onde o gerente do hotel Khyaban garantiu a ele ser o "mais barrato". (11)

11. "Cheapliest", como está no original, um erro gramatical comum em inglês entre os povos de língua árabe, é intraduzível, porém pode ser expresso como um "erre" arrastado, frequente entre estrangeiros quando falam portugueses. (N. da T.) Cada rúpia contava agora. Cada dólar desperdiçado roubava tijolos ou livros da escola. Por oitenta rúpias por noite, cerca de dois dólares, Mortenson moraria nesse cafofo, um cubículo no sótão que media 2,5 x 2,5 metros, que mais parecia um galpão de jardim do que um quarto de hotel. Vestiu as calças, descolou a camisa shalwar do peito e abriu a porta.

O ar do começo da noite não estava mais fresco, porém, ao menos, soprava uma brisa.

Agachado, usando um shalwar kamiz azul-claro desbotado, o chokidar do hotel, Abdul Shah, olhou para Mortenson com sua única vista boa.

— **Salaam Alaaikum, Sahib, Greg Sahib** — exclamou o porteiro, como se estivesse esperando a tarde toda até Mortenson dar sinal de vida, e levantou-se correndo para buscar o chá.

Numa cadeira dobrável enferrujada no telhado, ao lado de uma pilha de blocos de cimento, indicando as futuras ambições do hotel, Mortenson aceitou um bule de porcelana lascada com chá e leite superadoçado, e tentou alinhar os pensamentos para traçar um plano.

Quando um ano antes hospedara-se no hotel Khyaban, ele integrava uma expedição meticulosamente planejada. Todos os momentos do dia eram cheios de tarefas, desde empacotar e separar sacos de farinha e comida desidratada a obter autorizações e comprar passagens aéreas, alugar carregadores e mulas de carga.

— Sr. Greg, Sahib — perguntou Abdul, como se adivinhasse seus pensamentos —, posso lhe perguntar por que está voltando?

— Vim construir uma escola, **Inshallah** — respondeu Mortenson. —

Aqui em 'Pindi, Greg Sahib?

Enquanto bebia o bule de chá, Mortenson contou a Abdul a história de seu insucesso ao tentar escalar o K2, de ter-se perdido na geleira, e o modo como os habitantes de Korphe cuidaram de um estrangeiro que chegara à sua aldeia.

Acocorado, Abdul limpava os dentes e coçava a barriga, pensativo.

— O senhor é homem rico? — perguntou ele, olhando desconfiado para os tênis usados e o shalwar marrom desbotado.

— Não — respondeu Mortenson.

Ele não conseguia encontrar palavras para explicar o esforço sobre-humano do ano que passara na Califórnia antes de regressar ao Paquistão.

— Muitas pessoas na América deram um pouco de dinheiro para a escola, até crianças — disse Mortenson, finalmente.

Ele retirou a bolsa de mão de náilon verde debaixo da camisa e mostrou o dinheiro para Abdul.

— Isto é exatamente o valor para se construir uma escola, se eu não desperdiçar.

Abdul pôs-se de pé, resoluto.

— Pela luz sagrada de Alá, o Todo-Poderoso, amanhã barganharemos para adquirir o material. Devemos pechinchar muito — disse ele, recolhendo o aparelho de chá e retirando-se rapidamente.

De sua cadeira dobrável, Mortenson ouviu o estalo eletrônico dos cabos sendo ligados no minarete da Mesquita do Serviço de Transporte do Governo, antes de o lamento amplificado do hazzan chamar os fiéis para a prece vespertina. Mortenson observou uma revoada de pássaros levantarem-se ao mesmo tempo, ainda com a forma do tamarineiro onde estavam empoleirados no jardim do hotel, antes de planarem sobre os telhados.

Por toda a Rawalpindi, o lamento dos **muezins** (12) de meia dúzia de outras mesquitas encheu o lusco-fusco com exortações. Mortenson esteve neste telhado há um ano, e ouvira a textura do anoitecer em Rawalpindi como parte da trilha sonora exótica de sua expedição. Mas agora, sozinho no telhado, os muezzins pareciam falar diretamente com ele. Suas vozes antigas, mergulhadas em séculos de pregação de fé e dever, soavam como chamados à ação. Ele pôs de lado as dúvidas sobre a sua capacidade de construir a escola que o assombrou por um ano, quando Abdul retirou a bandeja de chá. No dia seguinte eles começariam.

12. Clérigo que entoia as orações do alto da Mesquita. (N. da T.)

A batida na porta de Abdul soou junto com o chamado matutino do muezzin. Às quatro e meia, quando o estalo eletrônico do microfone soou ao ser ligado, e com o pigarro amplificado antes de a sonolenta Rawalpindi ser conclamada a rezar, Mortenson abriu a porta do galpão e viu Abdul segurando a bandeja de chá, ansioso.

— O táxi está esperando, mas chá antes, Greg Sahib.

— Táxi? — perguntou Mortenson, esfregando os olhos.

— Para o cimento — respondeu Abdul, como se estivesse explicando uma lição de aritmética elementar a um aluno distraído. — Como pode construir uma escola sem cimento?

— É impossível, é claro... — acrescentou Mortenson, rindo, e engolindo o chá às

pressas, esperando que a cafeína fizesse efeito.

Ao nascer do sol, eles dispararam na direção oeste, por onde passava a rodovia do Grand Trunk, serpenteando por 2.600 quilômetros de Cabul a Calcutá, que agora fora rebaixada a Via Expressa Nacional I, desde que as fronteiras com o Afeganistão e a Índia passaram a ser fechadas com frequência. O pequeno Suzuki compacto amarelo parecia não ter suspensão. Ao saltarem sobre os buracos a mais de 100 quilômetros por hora, Mortenson, encaixado no minúsculo banco de trás, tentava evitar que o queixo batesse em seus joelhos dobrados.

Quando chegaram à cidade de Taxila, às seis, já fazia calor. Em 326

a.C., Alexandre, o Grande, havia alojado o Exército ali, no último avanço das tropas, no extremo leste de seu império. A posição de Taxila, na confluência das rotas comerciais de leste-oeste que se tornaria a rodovia do Grand Trunk, onde se bifurcava a rota da seda que vinha da China descendo desde o Himalaia, fora um dos pontos estratégicos da Antiguidade. Hoje, Taxila guardava as ruínas do mundo antigo. Tinha sido o local do terceiro maior mosteiro budista do mundo e a base de disseminação dos ensinamentos de Buda ao norte das montanhas. Porém, hoje, as mesquitas históricas de Taxila haviam sido restauradas e pintadas, enquanto os templos budistas ruíam. A extensa cidade empoeirada, resistindo aos sopés do Himalaia, tornara-se uma cidade industrial. Aqui, o Exército paquistanês fabricava réplicas dos antigos tanques soviéticos. E

as quatro emissões de fumaça denunciavam a localização das imensas fábricas de cimento que forneciam a base de grande parte da infra-estrutura do Paquistão.

Mortenson queria entrar na primeira fábrica e começar a pechinchar, mas novamente Abdul repreendeu-o como a um aluno inocente.

— Mas, Greg Sahib, primeiro beber chá e conversar sobre o cimento.

Equilibrando-se num banquinho de brinquedo, Mortenson soprava sua quinta xicrinha de chá verde e tentava decifrar o diálogo entre Abdul e três anciões frequentadores da casa de chá que tinham a barba branca manchada de nicotina. Pareciam conversar acaloradamente, e Mortenson acreditava que estavam debatendo detalhes sobre o cimento.

— Bem — Mortenson perguntou depois de colocar algumas notas de rúpias

suja sobre a mesa. — Qual a fábrica? Fetco? Fauji? Askari?

— Você sabe que eles não souberam me dizer? — replicou Abdul. —

Eles indicaram outra casa de chá, onde o primo do dono costumava trabalhar com cimento.

Duas outras casas de chá e inúmeras xícaras de chá verde depois, a manhã já ia alta até encontrarem uma resposta. O cimento da Fauji era considerado razoável e sem muitos aditivos que o fizessem esfarelar nas condições climáticas do Himalaia. Para comprar as cem sacas de cimento que Mortenson estimou que a escola precisaria era necessária muita barganha. Preparando-se para negociar pesado, Mortenson surpreendeu-se quando Abdul entrou no escritório da fábrica de cimento Fauji, simplesmente fez o pedido, e pediu que Mortenson pagasse 100 dólares.

— E a barganha? — Mortenson perguntou, dobrando o recibo que prometia que as cem sacas seriam entregues no hotel Khyaban ainda aquela semana.

Pacientemente, divertindo-se com seu aluno, mais uma vez, Abdul acendeu um cigarro Tander fedido dentro do táxi abafado, e abanou a fumaça, desfazendo as preocupações de Mortenson.

— Barganha? Com cimento não pode. Cimento é um negócio... —

explicou ele, procurando uma palavra para definir para o amigo americano pouco perspicaz — ...da Máfia. Amanhã no bazar Rajá muita bes, muita barganha.

Mortenson encaixou os joelhos debaixo do queixo e o táxi voltou para

'Pindi.

No hotel Khyaban, puxando a camisa de seu shalwar marrom pela cabeça, no chuveiro dos homens, Mortenson sentiu o tecido se rasgar. Ele levantou as costas da camisa para examiná-la, e viu que havia um rasgo bem no meio, que ia do ombro até a cintura. Ele enxaguou o quanto pôde a

poeira da estrada com os pingos de água do chuveiro, e depois vestiu de novo a única peça de roupa paquistanesa que possuía. O shalwar que comprara serviu-

lhe bem todo o caminho até o K2, ida e volta, mas agora precisaria de outro.

Abdul interceptou Mortenson antes de ele chegar ao quarto, lamentando o rasgo, e sugeriu que fossem a um alfaiate.

Saíram do oásis do jardim do Khyaban, e entraram na verdadeira cidade de 'Pindi. Do outro lado da rua, doze táxis-charretes puxados a cavalo estavam a postos, os cavalos espumando e batendo os cascos no chão quente e empoeirado, enquanto um homem idoso com barba de hena pechinchava o preço freneticamente.

O alfaiate não tinha um cartaz de divulgação. Ele estava enfiado no meio de uma colmeia de lojas de concreto ao longo da rua Haider que parecia estar ruindo há uma década, ou eternamente esperando a conclusão da obra. Manzoor Khan podia estar espremido numa minúscula loja de 1,8

metros, de frente, diante de um ventilador, com alguns rolos de tecido e um manequim de costura, mas exultava uma dignidade imperial. A armação preta de seus óculos e a barba branca bem aparada dava-lhe um ar professoral. Enquanto tirava as medidas de Mortenson, olhava espantado para o número apontado na fita métrica, media novamente, depois lançava os números num bloquinho de papel.

— Manzoor, Sahib, quer pedir desculpas, mas o seu shalwar precisará de seis metros de tecido, enquanto nossos conterrâneos usam apenas quatro. Então, ele tem que cobrar cinquenta rúpias a mais. Acho que ele diz verdade — tentou explicar Abdul.

Mortenson concordou e pediu dois conjuntos de shatzvar kamiz.

Abdul subiu na plataforma do alfaiate e puxou com força os rolos azuis e verdes mais fortes. Mortenson, lembrando da poeira do Baltistão, insistiu que fossem dois conjuntos marrons idênticos.

— Assim a sujeira não aparece — instruiu ele a um Abdul desapontado.

— Sahib, Greg Sahib — consentiu Abdul —, muito melhor ser um cavalheiro limpo. Assim muitos homens vão respeitá-lo.

Mortenson lembrou-se da aldeia de Korphe, onde a população sobrevivia aos

intermináveis meses de inverno no sótão de suas casas de pedra e barro, abraçados aos seus animais, em torno de fogueiras

esfumaçadas de esterco de iaque, vestindo a única peça de roupa que tinham.

— Marrom está bom — disse Mortenson.

Quando Manzoor recebeu o pagamento de Mortenson, o lamento de um muezzin atravessou a colmeia de lojinhas. O alfaiate rapidamente colocou o dinheiro de lado e desenrolou um pequeno tapete de prece rosa desbotado. Alinhou-o com precisão.

— Pode me ensinar a rezar? — perguntou Mortenson, num impulso.

— Você é muçulmano?

— Respeito o Islã — respondeu Mortenson, enquanto Abdul olhava para ele, satisfeito.

— Venha aqui — disse Manzoor, feliz, conduzindo Mortenson sobre o estrado atulhado, ao lado do manequim sem cabeça, espetado com alfinetes.

— Todo muçulmano deve se lavar antes de rezar — disse ele. — Eu já fiz o wudu, então o demonstrarei da próxima vez.

Estendeu o rolo de tecido marrom que Mortenson escolhera próximo ao tapete e disse ao americano para se ajoelhar ao seu lado.

— Primeiro, olhamos na direção de Meca, onde nosso sagrado profeta, que a paz esteja com ele, descansa — disse Manzoor. — Então devemos nos ajoelhar perante Alá, o Todo-Poderoso, santificado seja o seu nome.

Mortenson tentou ajoelhar-se no cubículo do alfaiate e, sem querer, derrubou o manequim, que caiu em cima dele como um deus irado.

— Não! — disse Manzoor, pegando Mortenson pelos pulsos com as mãos fortes, cruzando os seus braços. — Não ficamos perante Alá como se estivéssemos esperando o ônibus. Prostramo-nos perante ele.

Mortenson manteve os braços cruzados e ficou ouvindo, enquanto Manzoor

começou a entoar docemente a primeira de todas as orações islâmicas, a Sbahada, ou "ser testemunha".

— Ele está dizendo que Má é amável e grandioso — disse Abdul, tentando ajudá-lo.

— Eu entendi isso.

— Khamosh! Silêncio! — disse Manzoor Khan, num tom firme. Ele se dobrou à frente e encostou a testa no tapete.

Mortenson tentou imitá-lo, mas inclinou-se somente um pouco adiante, parando quando sentiu os lados da camisa rasgada se esgarçarem

deselegantemente e o sopro do ventilador tocar a sua pele. Ele olhou para o seu instrutor.

— Bom? — perguntou ele.

O alfaiate olhou para Mortenson, perscrutando o aluno através da grossa armação de óculos pretos.

— Tente novamente quando vier buscar seu shalwar kamiz — ele disse, enrolando novamente o tapete. — Talvez você já tenha melhorado.

A cobertura de vidro no telhado do Khyaban, onde estava Mortenson, recebia a luz do sol o dia inteiro e ficava abafada à noite. Durante o dia, o som das peças de carne de ovelha sendo desossadas a golpes de cutelo ecoava sem cessar, subindo do açougue que ficava na loja embaixo.

Quando Mortenson tentava dormir, a água borbulhava dentro dos canos sob o piso embaixo da cama e, no teto, uma lâmpada fluorescente permanecia acesa de forma impiedosa. Mortenson procurou um interruptor por toda a parte, dentro e fora do quarto, para desligá-la, mas não encontrou. Revirando-se nos lençóis úmidos de suor poucas horas antes do amanhecer, de repente, ele teve uma ideia. Ficou de pé sobre a rede de dormir, balançando e equilibrando-se e, lentamente, aproximou-se da lâmpada, conseguindo desenroscá-la. No escuro completo, ele dormiu feliz, até a primeira batida de Abdul na porta.

Ao amanhecer, o bazar Rajá era um cenário de caos perfeitamente organizado

que emocionou Mortenson. Apesar de ter apenas o olho esquerdo bom, Abdul tomou Mortenson pelo braço e conduziu-o pelo labirinto de carregadores portando rolos de arame na cabeça e canetas puxadas a burro, correndo para entregar blocos de gelo antes que um calor senegalês derretesse o seu valor.

Em torno do perímetro de um imenso quarteirão havia lojas vendendo todo o tipo de implemento imaginável para a construção ou demolição de edifícios. Oito lojas enfileiradas ofereciam vitrines de machadinhas quase idênticas. Outra dúzia delas vendia apenas pregos de diferentes tamanhos.

Era emocionante, depois de passar tanto tempo imaginando como levantar o dinheiro e encontrar apoio, ver o material para a construção de sua escola todo arrumado à sua volta. Ali estava o último prego a ser pregado quando ficasse pronta a escola em Korphe.

Mas antes de se deixar levar pelo sentimentalismo, lembrou-se de pechinchar. Debaixo do braço, envolto num jornal, estava o maço de rúpias que recebera na casa de câmbio por dez das notas de 100 dólares.

Começaram a comprar na loja de madeira, que se destacava em meio às outras todas praticamente iguais que se estendiam de cada lado, mas Abdul foi firme em sua escolha.

— Este homem é bom muçulmano — explicou ele.

Mortenson deixou-se conduzir por um longo e estreito corredor, através de uma carreira de ripas de madeira de telhado encostadas contra as paredes. Sentou-se numa grossa pilha de tapetes desbotados ao lado de Ali, o proprietário, cujo shalwar cor de lavanda imaculado parecia um milagre em meio à poeira e à agitação de sua loja. Mortenson ficou mais envergonhado ainda por estar usando o seu shalwar rasgado manchado de gordura, que Abdul havia cerzido para que usasse até que as novas roupas ficassem prontas. Ali se desculpou porque o chá ainda não estava coado, e mandou um menino buscar três garrafas de refrigerante de laranja sem gelo enquanto esperavam.

Por duas notas de 100 dólares, Abdul Rauf, um arquiteto, cujo escritório fora montado num cubículo no saguão do hotel Khyaban, desenhou plantas baixas para a escola com as cinco salas em L que Mortenson tinha em mente. Nas margens, detalhou os materiais de que a construção do prédio de 600 metros quadrados precisaria. A madeira certamente seria a maior despesa da escola.

Mortenson desenrolou as plantas e leu a caligrafia minúscula do arquiteto: "92 vigas de 2,5 metros de comprimento de 2x4 polegadas; 54 chapas de compensado de madeira de 4x8 polegadas." Para isto, o arquiteto indicou o custo de 2.500 dólares.

Mortenson entregou as plantas baixas para Abdul.

Ao mesmo tempo que bebericava o refrigerante de laranja morno com um canudinho, Mortenson via Abdul ler os itens em voz alta e fazer caretas, enquanto os dedos experientes de Ali apertavam as teclas da calculadora equilibrada sobre o joelho.

Finalmente, Ali ajeitou o barrete alvíssimo sobre a cabeça e coçou a longa barba antes de dar o resultado da somatória. De súbito, Abdul ergueu-se de sua posição de lótus e pôs a mão na testa como se tivesse levado um tiro. Começou a gritar num lamento, entoando uma sequência de insultos. Mortenson, com sua incrível habilidade de entender línguas, já compreendia muitas das expressões diárias utilizadas em urdu. Mas os xingamentos e lamentos que Abdul exortava continham insultos elaborados que Mortenson jamais ouvira. Afinal, quando Abdul avançou em direção de Ali com os dedos indicadores em riste, Mortenson ouviu

claramente Abdul perguntar a Ali se ele era um muçulmano ou um infiel.

Este senhor que o honrava oferecendo-se para comprar a sua madeira era um hamdard, um santo que viera realizar um ato de zakat, ou caridade. Um verdadeiro muçulmano agarraria esta chance para ajudar as pobres crianças, em vez de tentar roubar o seu dinheiro.

Durante toda a manifestação de Abdul, a expressão do rosto de Ali continuou serena, sem se abalar. Ele bebia o refrigerante despreocupado, disposto a esperar o tempo que fosse até Abdul se acalmar.

O chá chegou antes que tivesse de responder aos ataques de Abdul. Os três adicionaram açúcar ao chá verde perfumado servido em raras xícaras de porcelana chinesa e, por um momento, o único som que se ouvia era o sutil tilintar das colheres mexendo o chá.

Ali bebeu um longo gole, assentiu com a cabeça e, em seguida, passou a dar ordens em voz alta. Abdul, ainda xingando, pousou a xícara de chá sobre as

pernas cruzadas sem tocá-la. O filho adolescente de Ali apareceu carregando duas vigas transversais de 2x4 polegadas. Colocou-as sobre o tapete, de cada lado da xícara de Mortenson, como suportes de livros.

Bochechando o chá como um vinho bordô envelhecido, Ali engoliu, e então começou a fazer um discurso em tom professoral. Apontou para a tábua de madeira à direita de Mortenson. A superfície tinha nós escuros e manchas de gordura. As extremidades estavam desfiadas. Ele levantou a tábua, virou-a de comprido como um telescópio e olhou para Mortenson através dos buracos.

— Processo local — ele disse, em inglês.

Ali indicou a outra viga de madeira.

— Processo inglês — ele disse.

A viga não tinha nós e seu corte em diagonal era preciso. Ali colocou-a sob o nariz de Mortenson com uma das mãos, e abanou a outra sob a tábua, mencionando o vale do Kaghan, a floresta de pinheiros ancestrais de onde havia sido trazida.

O filho de Ali retornou com duas vigas de compensado de madeira, que colocou sobre blocos de cimento compacto. Ele tirou as sandálias e subiu nas tábuas. Ele não pesava mais que 45 quilos, mas a primeira vergou com o peso, arqueando e rangendo. A segunda tábua flexionou apenas poucos centímetros. A pedido de Ali, o rapaz começou a saltar para provar o seu ponto. A madeira continuava firme.

— Três camadas — disse Ali a Mortenson, fazendo muxoxo, desviando o olhar da primeira tábua.

— Quatro camadas — disse ele, olhando com orgulho para aquela na qual seu filho ainda se equilibrava em segurança.

Tornou a falar em urdu. Não era necessário acompanhar o que ele estava dizendo. Certamente estava explicando que qualquer um poderia comprar madeira barata. Mas que tipo de madeira? Havia a madeira sem qualidade que comerciantes inescrupulosos podiam vender. Vá em frente e construa uma escola com ela! Durará um ano. Então, um dia um menino de 7 anos vai recitar uma passagem do Alcorão com seus colegas de classe, quando o assoalho se romperá

com um estrondo e sua pele será dilacerada por este material não confiável. Você condenaria um menino de 7 anos a sangrar lentamente até a morte, porque foi pão-duro demais para comprar madeira de qualidade?

Mortenson secou a segunda xícara de chá e tamborilou os dedos sobre a pilha de tapetes empoeirados, enquanto a encenação continuava. Por três vezes Abdul ameaçou sair pela porta e por três vezes o preço que Ali pedia caía mais um pouco. Mortenson entornou o bule de chá vazio. Já na segunda hora de negociação, Mortenson chegou ao limite de sua paciência.

Levantou-se e fez menção para que Abdul saísse da loja com ele. Havia 36

outras barganhas semelhantes que teriam de fazer se ele quisesse encher o caminhão e partir para o Baltistão depois de amanhã, e não podia perder nem mais um minuto.

— Baith, baith! Sente-se, sente-se! — exclamou Ali, agarrando Mortenson pela manga da camisa. — Você já ganhou! Ele conseguiu derrubar o meu preço! Mortenson olhou para Abdul.

— Sim, ele diz a verdade. Greg Sahib. Você pagará apenas 87 mil rúpias. Mortenson fez um cálculo de cabeça: 2.300 dólares.

— Eu lhe disse — exortou Abdul. — Ele é bom muçulmano. Agora vamos fechar o contrato.

Mortenson fez força para acalmar sua impaciência quando Ali pediu para servirem outro bule de chá.

No final da tarde do segundo dia de barganhas, Mortenson, inchado de tanto tomar chá, arrastou-se até o Khyaban com Abdul atrás da carroça puxada por um pequeno cavalo que parecia ainda mais exausto do que os dois. O bolso do seu shalwar estava abarrotado de recibos de compra de martelos, serras, pregos, placas de alumínio corrugado e madeira decente

para a construção de uma escola infantil. Todos os materiais seriam colocados a partir da manhã do dia seguinte no caminhão que alugaram para fazer a viagem de três dias pela rodovia do Karakoram.

Abdul sugeriu tomarem um táxi para voltar ao hotel. Mas Mortenson, abalado

com a rápida diminuição de sua pilha de rúpias toda vez que fazia mais um pagamento, insistiu que economizassem. A viagem de 3

quilômetros levou mais de uma hora, através de ruas esfumaçadas com as descargas negras dos táxis sem silenciador.

No hotel, Mortenson lavou a poeira do dia de pechincha, entornando baldes e mais baldes de água morna sobre a cabeça, sem se importar em desvestir o shalwar, depois correu ao alfaiate, esperando chegar a tempo de buscar as roupas novas, antes que o ateliê fechasse para as preces vespertinas da sexta-feira.

Manzoor Khan estava passando o shalwar recém-feito de Mortenson com o ferro a carvão, e cantarolando em falsete uma canção popular em urdu. A música ecoava pelo complexo comercial de um aparelho de rádio do sapateiro no final do corredor, acompanhada do som melancólico das portas de aço sendo fechadas no final do dia.

Mortenson pôs a camisa shalwar limpa e clara que ainda guardava o calor do ferro de passar. Então, protegido pelas fraldas da camisa que chegavam aos joelhos, vestiu as novas calças em estilo baggy. Amarrou o azarband, o cordão da cintura, com um laço apertado e virou-se para Manzoor para que o inspecionasse.

— **Bohot Kharab!** Muito horrível! — exclamou Manzoor.

Ele se aproximou de Mortenson, agarrou o azarband, pendurado para fora das calças do infiel e colocou-as para dentro.

— É proibido usá-las para o lado de fora — advertiu Manzoor.

Mortenson sentiu as amarras que o cercavam dentro da cultura paquistanesa — os rígidos códigos de comportamento em que vez por outra ele tropeçava — e decidiu tentar evitar novas explosões de ofensas.

Manzoor limpou os óculos na própria fralda da camisa, revelando suas calças amarradas modestamente, e inspecionou a roupa de Mortenson com cuidado.

— Agora está com aparência 50% paquistanesa — ele disse. — Você vai tentar rezar novamente?

Manzoor encerrou o expediente do ateliê e levou Mortenson para fora. O lusco-fusco tropical estava escurecendo mais rapidamente e, com

ele, ia boa parte do calor. Mortenson andou de braços dados com o alfaiate em direção ao minarete de azulejos da Mesquita do Serviço de Transportes do Governo. Em ambos os lados da rua Caxemira homens caminhavam em duplas ou em três, passando por lojas fechadas ou que baixavam as portas.

Como não há o costume de dirigir carros durante a prece vespertina, o trânsito estava extraordinariamente bom.

Dois quarteirões antes do pomposo minarete da Mesquita do Serviço de Transportes do Governo, que Mortenson entendeu ser para onde estavam indo, Manzoor levou-o até o estacionamento do posto de gasolina da CalTex, espaçoso e empoeirado, onde mais de cem homens estavam realizando o **wudu**, a lavagem ritual obrigatória antes da prece. Manzoor encheu uma **lota**, ou jarra d'água, em uma torneira, e instruiu Mortenson sobre a sequência em que as abluções deveriam ser realizadas. Imitando o alfaiate, Mortenson se abaixou, dobrou a bainha da calça e as mangas da camisa e começou a lavar as partes mais sujas, jogando água sobre o pé esquerdo e depois o direito. Molhou a mão esquerda e estava enxaguando a direita quando Manzoor, inclinando-se para encher novamente a **lota** antes de lavar o rosto, soltou um sonoro peido. Suspirando, o alfaiate se ajoelhou e recomeçou suas abluções pelo pé esquerdo. Quando Mortenson o imitou, ele o corrigiu: — Não. Apenas eu. Estou impuro — explicou ele.

Quando as mãos estavam mais uma vez purificadas, o alfaiate apertou um dedo sobre a narina esquerda e depois a direita, e fungou, e Mortenson também o imitou. À volta deles, uma cacofonia e cusparadas se seguiam a meia dúzia de chamados distantes para a oração. Imitando Manzoor, Mortenson limpou as orelhas. Depois, cuidadosamente bochechou com água a parte do corpo humano que os muçulmanos consideram a mais sagrada, a boca, de onde as preces saem diretamente para os ouvidos de Alá.

Por anos, Mortenson soube, intelectualmente, que a palavra

"muçulmano" significa, literalmente, "submeter-se". E como muitos americanos que se prostravam no templo do individualismo, ele achara a ideia desumanizadora. Mas, pela primeira vez, ajoelhar-se entre uma centena de

estranhos, vê-los lavar não apenas as impurezas, mas também, obviamente, as dores e as preocupações do cotidiano, fez com que vislumbresse o prazer que existe na submissão a um ritual social de oração.

O gerador do posto foi desligado, e os frentistas cobriram as bombas de gás com cobertas de pano. Manzoor retirou um pequeno barrete branco do bolso e amassou-o para que se fixasse na cabeça grande de Mortenson.

Junto a uma fileira de homens, Mortenson e Manzoor ajoelharam-se sobre pequenos tapetes que o alfaiate arrumara. Mortenson sabia que além da parede diante deles, onde um enorme cartaz em cores violeta e laranja anunciava as qualidades da gasolina CalTex, estava Meca. Ele não conseguia evitar pensar que estavam lhe pedindo para reverenciar a venda e as habilidades de refino dos produtores de petróleo do Texas e da Arábia Saudita, mas colocou o cinismo de lado.

Como Manzoor, ele se ajoelhou e cruzou os braços para se dirigir a Alá de forma respeitosa. Os homens à sua volta não estavam olhando para o anúncio na parede, ele sabia, estavam olhando para dentro de si mesmos.

Nem estavam se importando com ele. Ao pressionar a testa sobre o chão ainda morno, Greg Mortenson percebeu que, pela primeira vez em todos esses dias no Paquistão, ninguém o via como um forasteiro. Ninguém estava se importando com ele. **Allah Akbhar**, ele entoava para si mesmo, Deus é grande, unindo a sua voz ao coro no estacionamento às escuras. A fé abundante à sua volta era forte. Foi intensa o suficiente para converter um posto de gasolina em um lugar sagrado. Que outras maravilhas da transformação ainda haveria de encontrar?

Capítulo 7

A difícil volta para casa

Esta dura e esplêndida terra

Com montanhas rochosas cobertas de neve, rios como frio cristal, Densas

florestas de ciprestes, sempre-vivas e cinzas Fazem parte do meu corpo como este que vês.

Não posso me separar deles nem de ti.

Nossos muitos corações têm uma só batida.

— em The Warrior Song of King Gezar (A canção do **guerreiro do rei Gezar**)

A BATIDA DE ABDUL NA PORTA SOOU BEM ANTES DO

AMANHECER. MORTENSON passara a noite acordado, deitado por longas horas na rede. Ele não conseguia dormir com medo de que algo saísse errado nesse dia. Levantou-se e abriu a porta, tentando entender o que fazia um caolho segurando um par de tênis bem lustrados para que ele inspecionasse.

Eram os seus tênis. Abdul certamente passara um tempo enorme, enquanto Mortenson dormia, costurando, esfregando e lustrando os seus Nikes rasgados e desbotados, tentando transformá-los em um calçado mais respeitável. Calçados que um homem que está para iniciar uma longa e difícil jornada se orgulharia de usar. Abdul também se preparara para a ocasião. A barba grisalha estava tingida de laranja escuro, após uma recente aplicação de hena.

Mortenson bebeu o chá, depois se lavou com um balde de água fria e o último pedaço de sabonete Neve do Tibet que vinha economizando durante toda a semana. Seus objetos pessoais mal enchiam a velha mochila. Ele deixou Abdul colocá-la sobre o ombro, sabendo o ataque ofensivo que teria de ouvir caso tentasse carregá-la, e despediu-se alegremente da estufa no telhado.

Diante de seus tênis reluzentes e vendo o quanto as boas aparências agradavam a Abdul, Mortenson consentiu em chamar um táxi para irem até o bazar Rajá. O veículo Morris preto da era colonial, parte dos restos abandonados em 'Pindi ao fim do Império Britânico, trafegava silenciosamente por ruas e esquinas ainda adormecidas.

Mesmo sob a luz fraca do quarteirão do mercado ainda fechado, conseguiram encontrar o caminhão com facilidade. Como a maioria dos caminhões Bedford do país, havia muito pouco do veículo original da década de 1940 que servira de transporte do Exército, quando o Paquistão ainda fazia parte da Índia no período em que era colônia britânica. A maioria das peças havia sido substituída meia dúzia de vezes por outras locais. A pintura verde-oliva original, pouco atraente para o rei dos veículos da rodovia do Karakoram, jazia sob camadas de espelhos e losangos metálicos decorativos. E todo centímetro quadrado de superfície não-decorada fora coberto por uma aplicação de pintura "disco", em uma das inúmeras oficinas de caminhões Bedford em Rawalpindi. Grande parte dos desenhos brilhantes, em verde, dourado e escarlate, eram linhas onduladas e arabescos de acordo com a proibição islâmica quanto à arte figurativa. Mas um retrato em tamanho natural do herói de críquete Imram Khan, no gradil traseiro, segurando um bastão acima da cabeça como um cetro, era uma forma de idolatria que causava um orgulho nacional tão agudo, que poucos paquistaneses, mesmo os mais devotos, se ofenderiam.

Mortenson pagou o taxista e deu a volta no Bedford, procurando a equipe do caminhão, ansioso para começar o trabalho daquele dia. Um ronco sonoro levou-o a se ajoelhar para olhar debaixo do veículo, onde três figuras balançavam em redes, dois deles roncando alto.

O hazzan acordou-os antes que Mortenson os chamasse, entoando a prece lamentosa de um minarete na esquina do quarteirão num volume incompatível com a hora. Enquanto a equipe acordava, empurrando-se para fora da rede, cuspidando de forma extravagante e acendendo o primeiro dos muitos cigarros do dia, Mortenson ajoelhou-se com Abdul e preparou-se para rezar. Parecia para Mortenson que Abdul, como a maioria dos muçulmanos, possuía uma bússola interna permanentemente calibrada virada para Meca. Embora estivessem de frente para o quintal pouco inspirador da madeireira ainda fechada, Mortenson tentou ver além do que estava à volta. Sem água disponível, Abdul enrolou a bainha das calças e as mangas da camisa, e realizou abluções simbólicas mesmo assim,

limpando as impurezas que não poderiam ser lavadas. Mortenson o imitou, e depois cruzou os braços prostrando-se para a prece matinal. Abdul lançou-lhe um olhar crítico, depois assentiu com a cabeça em sinal de aprovação.

— Então — perguntou Mortenson —, estou parecendo um paquistanês? Abdul

limpou a sujeira da testa do americano onde ele a apoiara sobre o chão frio.

— Não paquistanês — respondeu ele. — Mas se disser bósnio, eu acredito.

Ali, vestindo outro conjunto de shalwar imaculado, chegou para abrir a porta da loja. Mortenson cumprimentou-o com a expressão árabe costumeira, "Assalaam Alaaikum", depois abriu um caderninho preto de anotações que comprara no mercado e começou a fazer contas. Quando o caminhão terminasse de carregar o material comprado, mais de dois terços de seus 12 mil dólares teriam sido gastos. Isso lhe deixaria com apenas 3

mil para pagar a mão-de-obra, alugar jipes para levar o material para a escola pelas estreitas estradas até Korphe, e para Mortenson sobreviver até a escola ser terminada.

Meia dúzia de homens da extensa família de Ali carregaram a madeira primeiro, enquanto o motorista e sua equipe supervisionavam.

Mortenson contou as chapas de madeira à medida que eram colocadas no caminhão, e confirmou que eram de fato as placas de quatro camadas confiáveis. Observou, satisfeito, quando uma pilha de vigas 2x4 foi amontoada sobre delas.

Quando o sol começou a bater sobre o mercado, a temperatura já passava de 38°C. Com uma sinfonia metálica, os donos erguiam ou destrancavam os portões de ferro das lojas. Peças da escola abriam caminho em meio à multidão até o caminhão em cima das cabeças dos carregadores, em carretas puxadas por homens, por motocicletas, jumentos, e outro caminhão que descarregava uma centena de sacas de cimento.

Os homens suavam em torno do Bedford, mas Abdul postou-se acima da equipe, cantando cada item que era trazido para Mortenson ir ticando da lista. Mortenson viu, cada vez mais satisfeito — à medida que os 42

diferentes materiais que ele e Abdul barganharam para comprar estavam sendo arrumados — machados junto com colheres de pedreiro, escoradas por uma fileira de pás.

A tarde, uma multidão se reuniu em torno do caminhão, pois se espalhara a notícia de que um grandalhão infiel, em trajes marrons, estava carregando um caminhão com materiais para estudantes muçulmanos. Os carregadores

precisavam forçar a passagem por entre uma multidão de espectadores que haviam formado um grande círculo em volta do veículo para poder entregar as mercadorias. A figura alta de Mortenson causava estranhamento e piadas de mau gosto entre os observadores, que tentavam adivinhar sua nacionalidade.

Bósnia e Chechênia eram os palpites de procedências mais prováveis para este homem taludo para os padrões paquistaneses. Quando Mortenson, com seu urdu rapidamente aprendido, interrompeu a especulação para lhes contar que era americano, a turba olhou para seu shalwar suado e encardido, para sua pele oleosa e enegrecida, e muitos lhe disseram que não acreditavam.

Dois dos itens mais preciosos — uma plaina e um nivelador de chumbo — estavam faltando. Mortenson tinha certeza que os vira serem entregues, mas não conseguia localizá-los dentro do caminhão. Abdul conduzia a busca com fervor, levantando as sacas de cimento e pondo-as de lado até encontrar o ponto em que as ferramentas escorregaram para o fundo. Embrulhou-as num pano e deu instruções severas ao motorista para guardá-las em segurança na cabine até Skardu.

Ao entardecer, Mortenson havia ticado todos os 42 itens da lista. A montanha de materiais atingira a altura de 6 metros, e a equipe trabalhava para fechar a carga de modo seguro antes do anoitecer, colocando uma lona por cima, e amarrando-a com uma grossa rede de corda.

Quando Mortenson desceu para se despedir de Abdul, a multidão se aproximou, oferecendo-lhe cigarros e punhados de notas velhas de rúpias para a escola. O motorista estava impaciente para sair e deu a partida, soltando baforadas de fumaça preta de diesel pelo escapamento duplo do caminhão. Apesar do barulho e do frenesi, Abdul ficou imóvel em meio à turba, executando uma dua, uma prece para uma boa viagem. Fechou o olho e virou a palma das mãos em direção ao rosto, para receber o espírito de Alá. Acariciou a barba e entouou um pedido contrito pelo bem-estar de Mortenson abafado pelo som da buzina do caminhão.

Abdul abriu seu único olho e pegou a mão grande e suja de Mortenson entre as suas. Olhou-o de cima a baixo, notando que os tênis

que polira na noite anterior já estavam pretos de sujeira, bem como o shalwar recém-feito pelo alfaiate.

— Acho que não bósnio, Greg Sahib — completou ele, batendo nas costas de

Mortenson. — Neste momento, parece um paquistanês.

Mortenson subiu no alto do caminhão e acenou para Abdul, sozinho e exausto, diante da multidão. O motorista engatou a primeira.

— Allah Akbhar! — exclamou a turba em uníssono. — Allah Akbhar!
Mortenson ergueu os braços em sinal de vitória e acenou até que a barba vermelha de hena de seu amigo sumisse em meio à multidão.

Rugindo em direção ao oeste de Rawalpindi, Mortenson viajava no alto do caminhão. O motorista, Mohammed, havia-lhe pedido para se sentar na cabine esfumaçada, mas Mortenson queria saborear este momento. Os artistas da loja do caminhão Bedford em 'Pindi haviam soldado uma cobertura simpática para o caminhão, que pendia sobre a cabine como um chapéu elegante. No alto da aba desse chapéu, sobre a cabine barulhenta, em meio ao material amarrado, Mortenson fez um ninho confortável sobre jutas e fardos de feno, que balançavam com a velocidade com que avançavam pela rodovia. Como companhia, tinha engradados de galinhas brancas que Mohammed trouxera para vender nas montanhas, e a desconcertante música popular do Punjabi que gritava pelas janelas abertas do caminhão.

Saindo dos mercados lotados de Rawalpindi, o campo seco e amarronzado se abriu, tomando tons de verde, e os sopés do Himalaia destacavam-se por trás da neblina de calor do final do dia. Veículos menores deixavam o caminhão passar, desviando para o acostamento a cada toque da buzina de ar, depois saudavam quando viam o retrato de Imran Khan e seu bastão de críquete passando destemido por eles.

O humor de Mortenson estava sereno como as tranqüilas plantações de tabaco que beiravam a estrada, esverdeadas como um revolto mar tropical. Depois de viver uma semana acalorada regateando e discutindo cada rúpia, sentiu que finalmente poderia relaxar.

— Fazia frio e ventava em cima do caminhão — lembra Mortenson.

— E eu não sentia um ar fresco desde que chegara a Rawalpindi. Eu me sentia como um rei, velejando em meu trono. E me sentia um vencedor.

Estava sentado sobre a minha escola. Comprara tudo de que precisaríamos, e me mantivera dentro do orçamento. Nem mesmo Jean Hoerni encontraria um erro

em nada que eu fizera. E em poucas semanas, pensei,

a escola estaria construída, e eu poderia voltar para casa e decidir o que faria o resto da vida. Acho que nunca me senti tão satisfeito.

Mohammed pisou fundo no freio, parando no acostamento, e Mortenson teve de se agarrar às gaiolas de galinhas para não ser arremessado em cima do capô. Esticou o pescoço para fora e perguntou, em urdu, por que tinham parado. Mohammed apontou para um modesto minarete branco à beira da plantação de tabaco, e os homens que se dirigiam para lá. No silêncio após a música pop do Punjabi ser rapidamente desligada, Mortenson ouviu o chamado para o hazzan soprado pelo vento. Ele não sabia que o motorista, que parecia tão aflito para pôr o pé na estrada, seria devoto o bastante a ponto de parar a fim de realizar a prece vespertina. Mas havia muita coisa nesta parte do mundo, ele percebeu, que mal compreendia. Ao menos, haveria muitas chances, ele pensou, colocando o pé na porta de passageiro para praticar suas orações.

Depois que escureceu, fortalecido pelo chá verde espesso e três pratos de dhal chana, um prato de lentilhas amarelas ao curry comprado num estande na estrada, Mortenson deitou-se em seu ninho em cima do caminhão, e viu as estrelas despontarem no céu quase negro ao anoitecer.

A 30 quilômetros ao oeste de Rawalpindi, em Taxila, viraram para o norte, saindo do principal acesso rodoviário do Paquistão em direção às montanhas. Taxila pode ter sido o centro no qual o budismo e o islamismo colidiram há centenas de anos, antes de lutarem pela supremacia. Mas para o alpinista Mortenson, a colisão das placas tectônicas que ocorreu nesta região há milhões de anos era mais importante.

Aqui as planícies encontravam as montanhas, e este trecho da antiga rota da seda tornava-se íngreme, e o trajeto passava a ser imprevisível.

Isabella Bird, uma intrépida exploradora, que somente poderia ter sido produto da Inglaterra vitoriana, documentou a dificuldade de se viajar a partir das planícies do subcontinente indiano até o Baltistão, ou o

"Pequeno Tibet", como se referia a ele, durante sua expedição de 1876. "O

viajante que queira alcançar o planalto não pode usar uma carruagem ou uma charrete de montanha", ela escreveu, "porque, em grande parte do caminho, ele

estará viajando na velocidade do passo e, se respeitar o seu cavalo, terá de descer pelo caminho escarpado e íngreme. As 'estradas', ela escreveu, acrescentando aspas sarcásticas, "são construídas com grande esforço e custo, pois a natureza obriga o construtor a seguir seu traçado e a fazer o trajeto atravessando os vales, as ravinas, os desfiladeiros e os

abismos estreitos que ela desenhou. Por muitos quilômetros esta 'estrada'

(...) é apenas a margem acima de uma corredeira enfurecida. Quando duas caravanas se encontram, os animais de uma devem dar passagem a outra, subindo o sopé da montanha, onde não se tem como fixar a pata. Quando passou uma caravana, (...) o cavalo do meu escravo foi empurrado no precipício por uma mula carregada e se afogou."

A rodovia do Karakoram (KKH), a estrada que o caminhão subia resfolegando com o bufar de touro lançado pelo escapamento duplo, foi uma melhoria cara em relação ao tipo de caminho que a expedição de Bird percorreu. Iniciada em 1958 por um Paquistão recém-independente, ansioso para forjar uma conexão viária com a China, seu aliado contra a Índia, e num perpétuo estado de construção a partir de então, a KKH é um dos projetos de engenharia mais ousados que os homens já perpetraram.

Cortando principalmente ao longo do desfiladeiro do rio Indo, a KKH

custou a vida de um operário para cada um de seus 400 quilômetros. A

"rodovia" era tão impenetrável que os engenheiros paquistaneses foram forçados a desmontar suas escavadoras, carregar as peças em lombo de jumento e remontá-las antes de começar o trabalho pesado. O Exército paquistanês tentou transportar escavadoras nos helicópteros russos de carga pesada MI-17, mas o primeiro voo, ao manobrar com ventos fortes no desfiladeiro estreito, bateu num penhasco e destruiu-se no rio Indo, matando os nove passageiros.

Em 1968, os chineses, ansiosos para criar uma rota mais fácil até um novo mercado para seus produtos manufaturados, limitar a influência soviética na Ásia Central e sedimentar uma aliança estratégica contra a Índia, ofereceram-se para supervisionar e custear a finalização dos 1.300

quilômetros de estrada de Kashgar, no sudoeste da China, até Islamabad. E

depois de mais de uma década espalhando o equivalente a um exército de operários para trabalhar na estrada, a recém-batizada "rodovia da amizade"

foi concluída em 1978, espetando o dedo no olho da Índia.

À medida que subiam, o ar começou a esfriar, anunciando a aproximação do inverno, e Mortenson cobriu os ombros e a cabeça com um cobertor de lã. Pela primeira vez, ele se perguntou se seria capaz de terminar a escola antes da chegada do inverno, mas pôs o pensamento de lado, deitou sobre o fardo de feno e, embalado pelo movimento lento do caminhão, adormeceu.

Ao raiar do dia um galo na gaiola a 1,5 metro de distância acordou Mortenson de modo impiedoso. Ele estava duro de frio e precisando ir ao banheiro. Inclinou-se sobre um dos lados do caminhão para pedir que parassem, mas então percebeu o perigo daquele trecho da estrada quando ao se esticar para falar com alguém na cabine viu o alto da cabeça do ajudante grandalhão para fora da janela e, além dela, a 500 metros de profundidade daquele desfiladeiro pedregoso, um rio de águas barrentas espumando contra as margens de pedra. Olhou para cima e constatou que estavam imprensados contra as encostas de granito que se elevavam em 3

mil metros de ambos os lados do rio. O caminhão estava subindo por uma montanha íngreme, e ele escorregara para trás, próximo à beirada, ao mesmo tempo em que Mohammed trocava a marcha, movimentando-a até entrar a primeira. Mortenson, debruçado sobre a cabine do lado do passageiro, podia ver os pneus traseiros do caminhão a 30 centímetros da borda do desfiladeiro, lançando pedregulhos no abismo, enquanto Mohammed pisava fundo no acelerador. Quando os pneus se aproximavam demais da borda, o ajudante soltava um assobio agudo e o caminhão virava para a esquerda.

Mortenson rolou de volta para a parte de cima da cabine, não querendo interferir na concentração de Mohammed. Quando veio escalar o K2, estava por demais preocupado com o seu objetivo para dar atenção à viagem de ônibus que subiu o rio Indo. E ao voltar para casa, estava concentrado em seus planos para levantar dinheiro para a escola. Mas vendo este país selvagem novamente, e o caminhão fazendo força para subir a "rodovia" a 20 quilômetros por hora, ele, mais uma vez, se abismava ao ver o quanto estas montanhas e desfiladeiros separavam o Baltistão do mundo.

Onde o desfiladeiro se alargou o suficiente para permitir que uma aldeia se formasse na ponta, eles pararam para tomar o desjejum de chapattis e dudh patti, chá preto adoçado com leite e açúcar. Depois Mohammed insistiu enfaticamente que à noite Mortenson se sentasse com eles na cabine, e ele acabou aceitando.

Sentou-se entre Mohammed e os dois ajudantes. Mohammed, um homem franzino para um caminhão tão gigantesco, mal alcançava os pedais. O ajudante grandalhão fumava haxixe sem parar, e soprava a fumaça na cara do outro ajudante, um rapaz mirrado que começava a ter buço.

Como o lado de fora, o interior do Bedford era inteiramente decorado, com luzes vermelhas intermitentes, entalhes de madeira da Caxemira, fotos em 3D das adoradas estrelas de Bollywood, dezenas de sininhos de prata reluzente, e um buquê de flores de plástico que batia no rosto de Mortenson toda vez que Mohammed pisava mais forte no freio.

— Eu me sentia num puteiro ambulante — diz Mortenson. — Não que estivéssemos viajando a alta velocidade. Era uma minhoca avançando pela estrada.

Nos trechos mais escarpados da rodovia, os ajudantes desciam do caminhão e calçavam os pneus de trás com pedras grandes. Depois que o Bedford avançava alguns metros, retiravam as pedras e calçavam mais uma vez as rodas, repetindo o destino de Sísifo (13) infinitamente, até que a rodovia se aplainasse. De vez em quando, um jipe particular nos ultrapassava na subida, ou um ônibus seguia desembestado, com as passageiras se protegendo contra a poeira da estrada e arregalando os olhos masculinos. Mas, a maior parte do tempo, rodávamos sozinhos.

O sol desapareceu cedo por trás das encostas perpendiculares do vale e, no final da tarde, escureceu no fundo da ravina. Ao fazer uma curva, Mohammed pisou no freio e por pouco não entrou na traseira de um ônibus. Adiante, na estrada, centenas de veículos — jipes, ônibus e caminhões — aguardavam na entrada de uma ponte de concreto.

Mohammed e Mortenson saíram do Bedford para dar uma olhada.

Ao se aproximarem, ficou claro que não estavam sendo atrasados pela lendária propensão da KKH de queda de barreiras ou de uma avalanche.

Vinte homens diante da ponte. Apontavam lançadores de mísseis e Kaslashnikovs (14) para um grupo de soldados paquistaneses, cujas armas estavam conscienciosamente abaixadas.

13. Lendário rei de Corinto, na Grécia, que foi condenado a empurrar uma enorme pedra até o alto de um monte e ela sempre rolava de novo para a planície, para tornar a empurrá-la até o cume, em vão. (N. da T.) 14. Rifle de assalto (AK-47) usado em muitos países do bloco oriental, projetado por Mikhail Kalashnikov. (N. da T.)

— Mau sinal — disse Mohammed para si mesmo, usando quase todo o seu vocabulário em inglês.

Um dos homens de turbante baixou seu lançador de mísseis e acenou para que Mortenson se aproximasse. Sujo, depois de dois dias na estrada, com um cobertor de lã em volta da cabeça, Mortenson tinha certeza que não pareceria um estrangeiro.

— Você é de onde? — perguntou o homem em inglês. — América?

Ele ergueu o lampião de propano que tinha na mão e olhou bem para o rosto de Mortenson. A luz do lampião, Mortenson viu que o homem tinha olhos azul-claros, delineados com surma, um pigmento negro usado pelos mais devotos, ou se diria fanáticos, formados pelas madrassas fundamentalistas. Os homens que estavam cruzando a fronteira ocidental neste ano de 1994, como soldados da força que estava prestes a assumir o controle no Afeganistão: o Talibã.

— Sim, América — respondeu Mortenson, com cautela.

— Número 1 na América — disse seu inquisidor, baixando o lançador de mísseis e acendendo um cigarro Tander nacional, que ofereceu a Mortenson.

Ele não costumava fumar, mas achou que deveria aceitar fazer uma fumaça com ele. Desculpando-se, sem encará-lo, Mohammed puxou Mortenson delicadamente pelo braço de volta ao caminhão.

Enquanto coava chá num pequeno fogaréu na rabeira do caminhão, sob os olhos atentos de Imran Khan, e preparando-se para passarem a noite ali, Mohammed informou-lhe o boato que circulava entre as centenas de viajantes barrados na estrada. Estes homens haviam fechado a ponte durante todo o dia, e um esquadrão de soldados viera de caminhão de uma base militar a 35 quilômetros, em Pattan, para garantir que fosse desobstruída.

Com o seu urdu incipiente e uma série de informações conflitantes, Mortenson não tinha certeza de ter compreendido os detalhes da história.

Mas entendeu que esta era a aldeia de Dasu, na região do Kohistão, a parte mais desolada da província da fronteira noroeste do Paquistão. O Kohistão era conhecido pelo banditismo e nunca fora realmente controlado por Islamabad. Nos anos após o ataque de 11 de setembro e a guerra dos Estados Unidos para derrubar o Talibã, estes vales remotos e pedregosos atraíram bandos de talibãs e os membros de Al-Qaeda, que sabiam como era fácil se perder nos planaltos selvagens.

Os homens armados que guardavam a ponte viviam num vale próximo e alegavam que um empreiteiro do governo na distante

Islamabad, na planície, chegara com milhões de rápias marcadas para transformar as trilhas de animais em estradas para que esses homens pudessem vender madeira. Mas disseram que o empreiteiro roubara o dinheiro e fugira sem fazer as melhorias. Eles estavam bloqueando a rodovia do Karakoram até ele ser trazido de volta para que fosse enforcado na ponte.

Depois do chá e de um pacote de biscoitos que Mortenson dividiu com os demais, decidiram dormir. Apesar do aviso de Mohammed de que seria mais seguro passar a noite na cabine, Mortenson subiu ao ninho no alto do caminhão. Do seu posto, ao lado das galinhas adormecidas, podia ver os ferozes e rudes kohistaneses falando afegão sobre a ponte, iluminados por lampiões. Os paquistaneses da planície que vieram negociar com eles falavam urdu, e pareciam ser de outra raça, todos bem-vestidos, com boinas azuis e cintos de munição bem justos sobre as cinturas finas. Pela enésima vez, Mortenson imaginou se o Paquistão não seria mais uma ideia do que um país.

Deitou a cabeça sobre o fardo de feno por um momento, certo de que não conseguiria pregar o olho nem por um minuto nessa noite, e acordou, com o sol

já alto, ao som de tiros. Mortenson sentou-se e viu primeiro as pupilas cor-de-rosa e inescrutáveis das galinhas brancas olhando para ele sem expressão e, em seguida, os kohistaneses em cima da ponte, atirando com os rifles AK-47 para o alto.

Mortenson ouviu o caminhão dar partida rapidamente, e viu a fumaça preta ser expelida com força pelo cano duplo de descarga. Ele se inclinou sobre a janela do motorista.

— Bom! — exclamou Mohammed, sorrindo para ele, pisando no acelerador. — Tiros de felicidade! Inshallah!

Ato contínuo, engatou a primeira.

Mortenson viu, saindo pelas portas e vielas da aldeia, lugares onde haviam se recolhido para passar a longa noite de espera, enxames de mulheres envoltas por véus, apressando-se para chegar até os carros.

Atravessando a ponte de Dasu, numa extensa e empoeirada fila de veículos lentos, Mortenson viu o kohistanês que lhe oferecera o cigarro e seus companheiros com os braços no ar, atirando com as armas automáticas como doidos. Nunca, nem mesmo num campo de tiro do Exército, Mortenson vira tantos tiros. Ele não viu nenhum empreiteiro da

planície balançando nas vigas da ponte, e concluiu que os atiradores teriam arrancado uma promessa de indenização daqueles soldados.

Enquanto subiam, as encostas do desfiladeiro se elevavam, deixando apenas uma nesga do céu embranquecido com a névoa quente. Eles estavam contornando o flanco oeste de Nanga Parbat, a 8.125 metros, o nono pico mais alto do mundo, que ancora o extremo ocidental do Himalaia. Mas a "Montanha Nua" estava oculta para Mortenson, graças às profundezas do desfiladeiro do rio Indo. Com a obsessão de um alpinista, ele pôde sentir as montanhas ondulando-se para o leste. Para provar, estudou a superfície do Indo. Rios levando o degelo das geleiras do Nanga Parbat desciam fluindo na ravina abaixo sobre as pedras cobertas de limo, até se unirem ao Indo. Elas pintavam a superfície arenosa e lamacenta do rio com charcos de água azul alpina.

Um pouco antes de Gilgit, a cidade mais populosa das Regiões do Norte do Paquistão, eles deixaram a rodovia do Karakoram antes que principiasse seu

longo retorno em direção à China pela estrada pavimentada mais alta do mundo, o Passo Khunjerab, que atinge 4.730

metros e, por sua vez, acompanhava o Indo a leste até Skardu. Apesar do ar cada vez mais frio, Mortenson sentia-se aquecido por sinais familiares.

Este corredor fluvial escavado entre incontáveis picos de 6 mil metros de altura era a entrada para o seu Baltistão. Embora esta paisagem rochosa lunar no lado ocidental do Karakoram fosse um dos lugares mais inóspitos da Terra, Mortenson sentia como se estivesse voltando para casa. A escuridão empoeirada ao longo das profundezas do desfiladeiro e o sol de altitude batendo contra as pontas destas torres de granito pareciam mais seu habitat natural do que os bangalôs de estuque de cor pastel em Berkeley. Todo o seu interlúdio nos Estados Unidos, o mal-estar cada vez maior com Marina, sua luta para levantar dinheiro para a escola, seus plantões no hospital pareciam tão distantes quanto um sonho apagado.

Estes picos e penhascos rochosos o prendiam.

Há duas décadas, uma enfermeira irlandesa chamada Dervla Murphy sentiu a mesma atração em relação a estas montanhas. Viajando com o mesmo espírito intrépido de Isabella Bird, e ignorando o conselho sábio de aventureiros comedidos que lhe disseram que o Baltistão era impenetrável na neve, Murphy cruzou o Karakoram no alto inverno de ponta a ponta, a cavalo, com a filha de 5 anos.

Em seu livro sobre a viagem, **Where the Indus is young** [Onde o Indo é jovem], a sempre eloquente Murphy sente-se tão fascinada ao tentar descrever a travessia através deste desfiladeiro, que precisa se esforçar para fazê-lo. "Nenhum dos adjetivos normalmente aplicados aos cenários montanhosos se encaixa aqui — realmente, até mesmo a palavra 'cenário'

é ridiculamente inadequada. 'Esplendor' ou 'grandeza' são termos inúteis para dar uma sensação desta incrível ravina, que se esgueira, estreita, sombria, erma e profunda por milhas e milhas, sem uma folha de relva sequer, ou de erva, ou um pequeno arbusto para nos lembrar que o mundo vegetal existe. Apenas as águas verde-jade do Indo — por vezes revolvendo-se em espumas brancas — ameniza os penhascos cinzentos e amarronzados, os precipícios agudos e as íngremes encostas."

Quando Murphy se arrastava pela margem sul do Indo a cavalo, ela pensou no horror de atravessar esta gloriosa trilha de cabras num veículo motorizado. "O motorista aqui deve aceitar o destino", ela escreve, senão ele "nunca conseguirá juntar coragem suficiente para dirigir um jipe sobrecarregado, desequilibrado e mecanicamente imperfeito ao longo da trilha onde por horas sem fim o menor erro poderá lançar o veículo centenas de metros abaixo dentro do rio Indo. Como o rio encontrou o único caminho possível através deste feroz e formidável imbróglio de montanhas, não há alternativa senão segui-lo. Sem viajar através do desfiladeiro do Indo, não se pode conhecê-lo inteiramente. A única forma sã de se passar por este trecho é a pé."

No alto do sobrecarregado, desequilibrado, porém mecanicamente perfeito Bedford, Mortenson balançava com a pilha de 6 metros de material para a escola, raspando pela beira da ravina toda vez que o caminhão passava sobre um monte de pedras soltas. Centenas de metros abaixo, a carcaça de um ônibus acidentado jazia em paz. Com a regularidade dos marcadores de quilômetros, shahid brancos, ou monumentos aos "mártires", homenageavam a morte dos construtores da Organização dos Trabalhadores da Fronteira, que faleceram em sua batalha contra estas encostas de pedra. Graças a milhares de soldados paquistaneses, a rodovia para Skardu fora "melhorada" o suficiente desde a época de Murphy para permitir que caminhões passassem para levar suporte para o esforço de guerra contra a Índia. Mas os deslizamentos de pedras e as avalanches, a pista gasta pelas condições climáticas que se despedaçava de forma imprevisível dentro do abismo, e falta de espaço

para o tráfego em sentido contrário, significava que dezenas de veículos despencavam da estrada todos os anos.

Uma década depois, após o 11 de setembro, Mortenson frequentemente ouvia americanos lhe perguntarem sobre o perigo de enfrentar os terroristas da região.

— Se eu morrer no Paquistão será por causa de um acidente de carro e não de uma bala ou bomba — ele sempre responde. — O verdadeiro perigo lá está nas estradas.

Ele sentiu a abertura pelo aumento de luz, antes de perceber onde estava. Depois de fazerem uma longa descida no final da tarde, o ar clareou. As encostas claustrofóbicas da ravina se alargavam e se esgueiravam até se perderem de vista, elevando-se em um círculo de picos nevados gigantes que cercam o vale

do Skardu. Quando Mohammed acelerou no planalto no fundo do passo, o Indo relaxara seus músculos e se alargava como um lago lamacento. No fundo do vale, dunas de areia queimada tostavam ao sol da tarde. E se não olhássemos para os cumes de neve alvíssima que fulgiam acima da areia, pensou Mortenson, esta poderia ser uma paisagem na Península Arábica.

As redondezas de Skardu, cercadas de pharing e starga, pomares de damascos e nogueiras, anunciavam que a odisseia ao longo do Indo havia terminado. Mortenson, levando sua escola, acenava para os homens que usavam os topis baltis de lã branca típico sobre as cabeças, enquanto colhiam frutas, e acenavam de volta, sorrindo. Crianças corriam ao lado do Bedford, com gritos de aprovação para a imagem de Imran Khan, e o estrangeiro acima da foto. Esta foi a volta triunfal que ele imaginara desde que se sentara para escrever a primeira das 580 cartas. Agora, depois da próxima curva, Mortenson tinha certeza, seu final feliz estaria prestes a começar.

Capítulo 8

Vencido pelo Braldu

Confie em Alá, mas amarre seu camelo.

— Cartaz manuscrito na entrada da base aérea do 5º Esquadrão, em Skardu

O PRIMEIRO GALHO DE ÁLAMO BATEU NO ROSTO DE

MORTENSON ANTES QUE tivesse tempo de se abaixar. O segundo arrancou o cobertor de sua cabeça que ficou pendurado na parte de trás do caminhão. Ele se abaixou no alto do Bedford e viu Skardu surgir ao final de um túnel de troncos de árvores amarradas com tecido, protegidas contra ataques de cabras famintas.

Um helicóptero militar sobrevoou baixo e devagar acima do Bedford, voltando da geleira do Baltoro para a base do 5º Esquadrão Aéreo de Skardu. Mortenson viu um corpo envolto num lençol e amarrado a uma maca no trem de pouso. O alpinista francês Etienne fora transportado deste mesmo modo depois de ser resgatado, lembrou Mortenson, mas ele, pelo menos, sobrevivera.

Junto à base do soturno Karpocho de 250 metros de altura ou Pedra de Skardu, com as ruínas do forte guardando a cidade, o Bedford diminuiu a marcha para deixar um rebanho de ovelhas atravessar o mercado de Skardu. A rua congestionada, cheia de pequenos estâbulos vendendo bolas de futebol, suéteres chineses baratos e pirâmides bem arrumadas de guloseimas estrangeiras como Ovomaltine e Tang, dava uma sensação por demais cosmopolita, após o vazio ensurdecido do desfiladeiro do Indo.

Este largo vale era fértil, exceto nas áreas de dunas. Era um alívio dos rigores dos desfiladeiros e fora uma parada de caravanas na rota comercial de Kargil, hoje na Caxemira indiana, até a Ásia Central. Mas desde a separação e o fechamento da fronteira, Skardu ficara isolada, sem novos recursos no extremo selvagem do Paquistão, ou seja, até sua reinvenção

como base para expedições de trekking para as montanhas de gelo do Karakoram.

Mohammed encostou-se ao acostamento da estrada, mas não longe o suficiente para deixar alguns jipes poderem passar. Ele se debruçou na janela e gritou para perguntar a Mortenson para que lado deveria seguir sob o ruído ensurdecedor das buzinas indignadas. Mortenson desceu de seu trono ambulante no alto do caminhão e entrou na cabine.

Para onde deveria ir? Korphe estava a oito horas de viagem de jipe pelo Karakoram e não havia forma de telefonar e lhes contar que havia chegado para cumprir a promessa. Changazi, um agente de trekking e operador de excursões que organizou sua tentativa de escalar o K2, parecia a pessoa indicada para fazer com que o material da escola fosse transportado pelo vale do Braldu. Eles pararam diante do prédio alvíssimo de Changazi, e Mortenson bateu à porta de madeira dupla pintada de verde.

Mohammed Ali Changazi em pessoa abriu as portas duplas. Estava vestido num branco imaculado e engomado que anunciava que não se imiscuía nos negócios poeirentos do mundo. Ele era alto para um balti. E

com a barba bem aparada, perfil nobre, e belos olhos marrons com uma borda azul, era uma figura impressionante. Na língua balti, "Changazi"

quer dizer "pertencente à família de Gêngis Kahn", e pode ser usada como gíria para indicar uma forma terrível de impiedade.

— Changazi é um agente, em todos os sentidos — diz Mortenson. —

Claro que eu não sabia disso na época.

— Dr. Greg! — exclamou Changazi, dando um longo abraço em Mortenson. — O que está fazendo aqui? A temporada de trekking já terminou.

— Eu trouxe a escola! — disse Mortenson com ar maroto, esperando ser cumprimentado.

Depois do K2, ele havia conversado sobre o projeto com Changazi, que o ajudara a levantar um orçamento do material de construção. Mas Changazi não parecia se lembrar do que ele estava falando.

— Eu trouxe num caminhão de 'Pindi até aqui todos os materiais necessários para construir a escola.

Changazi parecia ainda confuso.

— É muito tarde para construir qualquer coisa agora. E por que não comprou o material em Skardu?

Mortenson não sabia que poderia ter feito isso. Antes que pudesse pensar no que dizer, foram interrompidos pelo som das buzinas de ar do Bedford. Mohammed queria descarregar e voltar para 'Pindi em seguida. A equipe do caminhão desamarrou a carga e Changazi olhou estupefato para a montanha de suprimentos valiosos.

— Você pode colocar isso no meu escritório — disse Changazi. —

Então vamos tomar chá e conversar sobre o que vamos fazer com a sua escola.

Ele olhou Mortenson de cima a baixo, rindo de seu shalwar sujo e engordurado, o rosto encardido e os cabelos empapados.

— Mas por que não se lava primeiro e se põe mais à vontade? —

perguntou ele.

O ajudante barbudo entregou a Mortenson a plaina e o nivelador de chumbo, ainda embrulhados no pano que Abdul lhe entregara. Enquanto cada saca de cimento e placas de compensado de madeira passavam na frente de um Changazi cada vez mais entusiasmado, Mortenson abria uma barra nova de sabonete Neve do Tibet que seu anfitrião lhe entregara.

Começou a esfregar a sujeira de quatro dias de estrada com um jarro d'água que Yakub, empregado de Changazi, aquecera sobre um bujão de gás que tinha sido surrupiado, ele imaginou, de alguma expedição.

Mortenson, de repente, sentindo-se ansioso, queria fazer um inventário de todo o material, mas Changazi insistiu que teriam tempo para fazer isso depois. Com o chamado do muezzin, Changazi conduziu Mortenson ao escritório, onde os empregados haviam aberto um saco de dormir novo forrado com pele de marmota sobre um charpoy que estenderam entre a escrivaninha e a parede, onde

estava um mapa-múndi antigo.

— Agora descanse — disse Changazi, de modo insistente. — Vejo-o após a prece vespertina.

Mortenson acordou com um vozerio na sala ao lado. Levantou-se e constatou, pela luz que refletia da montanha e entrava pela janela, que ele apagara mais uma vez e dormira direto até a manhã seguinte. No cômodo ao lado, sentado no chão de pernas cruzadas, ao lado de uma xícara de chá frio intocada, estava, furioso, o diminuto e musculoso balti que Mortenson reconhecera como Akhmalu, o cozinheiro que acompanhara sua expedição ao K2. Akhmalu se levantou e adiantou-se como se fosse cuspir aos pés de

Changazi, o maior dos insultos baleis, no mesmo instante em que viu Mortenson parado junto à porta.

— Doutor Girek! — exclamou ele, mudando rapidamente a expressão do rosto, como um penhasco subitamente iluminado pelo sol.

Correu, exultante, até Mortenson, e deu-lhe um abraço de urso, à moda dos baltis. Ao tomarem chá e comerem seis fatias de torrada, que Changazi serviu, orgulhoso, com um vidro de geleia de oxicoco austríaca que produzira misteriosamente, Mortenson compreendeu que ali havia se iniciado um cabo-de-guerra. A notícia da chegada do material para a construção da escola se espalhara por toda a Skardu. Como o homem que havia cozinhado o dal e o chapatti para Mortenson por tantos meses, Akhmalu veio garantir o seu direito.

— Dr. Girek, o senhor me prometeu, uma vez, daria salaam para minha aldeia — disse Akhmalu.

E era verdade. Ele tinha.

— Tenho jipe esperando levá-lo à aldeia Khane — explicou ele. —

Vamos agora.

— Talvez amanhã ou depois de amanhã — respondeu Mortenson.

Mortenson olhou em volta. Um caminhão inteiro cheio de material de construção que correspondia a mais de 7 mil dólares havia chegado na tarde da véspera, e

agora não achava sequer um martelo, nem nesta sala, nem na sala ao lado, ou no quintal que divisava pela janela.

— Mas toda a minha aldeia está a sua espera, senhor — insistiu Akhmalu. — Preparamos já um jantar especial.

Sentir-se culpado por desperdiçar um lauto repasto que uma aldeia balti mal poderia pagar para si mesma foi demais para Mortenson.

Changazi acompanhou-o até o jipe alugado de Akhmalu e sentou-se no banco de trás antes de pensar melhor sobre o convite.

O asfalto terminava a leste de Skardu.

— A que distância fica Khane? — perguntou Mortenson, quando o Land Cruiser Toyota vermelho enferrujado começou a pular sobre rochas um pouco menores do que o tamanho dos pneus, atingindo uma estrada sinuosa e estreita um nível acima do rio Indo.

— Muito longe — disse Changazi, caçoando.

— Muito perto — contradisse Akhmalu. — Apenas três ou sete horas.

Mortenson acomodou-se no assento de honra, ao lado do motorista, rindo. Ele deveria saber disso em vez de perguntar o tempo de duração de

uma viagem no Baltistão. Atrás dele, no banco traseiro, sentiu a tensão entre os dois homens tracionar como a suspensão da Toyota. Mas à sua frente, pelo pára-brisa, cheio de fissuras, ele teve a visão dos 4.900 metros do sopé acidentado do Karakoram contra o céu azul com seus graves tons amarronzados, e sentiu-se indescritivelmente feliz.

Eles sacudiram ao longo de um braço do Indo por várias horas até virarem para o sul em direção à Índia, depois subiram o vale do Hushe, pela margem do rio Shyok, com águas azuis glaciais lançando-se sobre pedras recém-caídas — em tempo geológico — dos penhascos em erosão de ambos os lados do estreito vale.

À medida que a estrada ia piorando, o cartão 3D laminado com a imagem do grande cubo negro, a Kaaba, em Meca, pendurado do espelho retrovisor da Toyota, batia contra o pára-brisa com o fervor das orações.

Presume-se que a Al-Hajarul Aswad, a grande rocha negra fincada dentro da Kaaba, seja um asteróide. Muitos muçulmanos acreditam que tenha caído na Terra na época de Adão, como um presente de Alá, e sua coloração negra indique a capacidade de absorver os pecados dos fiéis que têm a sorte de tocar esta superfície que um dia foi branca. Vendo as escarpas cheias de rochas sobre a estrada, Mortenson esperava que estas pedras celestiais escolhessem outro momento para cair na Terra.

Largas encostas, em tons amarronzados e enrugadas, contornavam os terraços onde havia plantações de batata e trigo mescladas, à medida que subiam, como muralhas de castelos erguidos além da escala de compreensão humana. Ao final da tarde, havia uma névoa onde o vale do Hushe se estreitava numa passagem. Mas Mortenson, que estudara mapas de relevo do Karakoram por meses enquanto aguardava amainarem as tempestades no acampamento-base do K2, sabia que um dos picos mais esplêndidos do mundo, o Masherbrum, de 7.821 metros de altura, estava logo à frente.

Diferente de grande parte dos mais altos picos no coração do Karakoram, o Masherbrum era logo visível ao sul, do lugar que fora a joia da coroa da Índia Britânica, a Caxemira. É por isso que, em 1856, T.G.

Montgomerie, um tenente-engenheiro real inglês, batizou a grande muralha cinzenta que se elevava acima da neve de "K1", ou Karakoram 1, para o primeiro cume na remota região que levantou com precisão. Seu vizinho mais alto e indescritível, 20 quilômetros a nordeste, tornou-se, por isso, K2, por causa da data posterior de sua "descoberta". Mortenson

encarou a brancura onde os americanos George Bell, Willi Unsoeld e Nick Clinch fizeram a primeira subida com o companheiro paquistanês capitão Jawed Aktar, em 1960, querendo que a pirâmide do cume do Masherbrum atravessasse as nuvens, mas a montanha desceu o pesado manto: a luz da neve de suas imensas geleiras iluminou a névoa por dentro.

O jipe parou próximo a uma zamba, oscilando sobre o rio Shyok, e Mortenson desceu do carro. Ele nunca se sentiu à vontade atravessando essas pontes de pêlo de iaque, uma vez que foram calculadas para suportar baltis com a metade de seu peso. E quando Akhmalu e Changazi se enveredaram atrás dele, sacudindo as cordas violentamente, ele lutou para se manter de pé. Mortenson agarrou o corrimão duplo e arrastou os imensos pés tamanho 48,5 ao longo da corda

trançada entre ele e as corredeiras 15 metros abaixo. A zamba escorregava devido à umidade, e ele se concentrou tanto em seus passos que não percebeu a multidão que aguardava para cumprimentá-lo na outra margem, senão quando estava quase chegando do outro lado.

Um balti barbudo e franzino, vestindo calças de alpinista Gore-Tex pretas e uma camiseta laranja com os dizeres "Alpinistas vão mais alto", ajudou Mortenson a pisar em terra firme na aldeia de Khane. Este era Janjungpa, que fora chefe dos carregadores de altitude da onerosa expedição holandesa ao K2 durante o período que Mortenson passou na montanha, e que possuía a incrível capacidade de chegar a pé no acampamento-base para fazer uma visita no exato momento em que seu amigo Akhmalu estava servindo o almoço. Mas Mortenson havia desfrutado da companhia de Janjungpa e de sua bravura, e arrancara dele histórias das dezenas de expedições que conduzira pelo Baltoro.

Ocidentalizado o bastante para apertar a mão de um estrangeiro sem invocar Má, Janjungpa conduziu Mortenson através das estreitas ruelas entre as casas de Khane construídas de pedra e barro, segurando-o pelo braço ao cruzarem as valas de irrigação cheias de detritos.

Janjungpa conduziu o grande forasteiro à frente de uma procissão de mais de vinte homens, e duas cabras marrons que os seguiam com olhos amarelos e piedosos. Os homens entraram numa casa pintada de branco e galgaram uma escada de toras de madeira esculpida, seguindo um cheiro de galinha frita.

Mortenson sentou-se nas almofadas, depois que seu anfitrião bateu toda a poeira. Os homens de Khane lotaram o pequeno aposento e se

postaram em círculo sobre um tapete floral desbotado. Do seu assento, Mortenson tinha uma visão perfeita, sobre os telhados das casas vizinhas, olhando para o íngreme ânion de pedra que trazia a água potável até Khane e irrigava as plantações.

Os filhos de Janjungpa abriram uma toalha de mesa de plástico corde-rosa no chão no meio do círculo, e dispuseram travessas de frango frito, salada de nabo cru, e um guisado de fígado e miolos de carneiro aos pés de Mortenson. O anfitrião esperou até Mortenson pegar um pedaço de frango para começar a comer.

— Quero agradecer a sr. Girek Mortenson por honrar-nos vindo construir uma

escola para a aldeia de Khane — disse Janjungpa.

— Uma escola para Khane? — perguntou Mortenson, quase engasgando com o naco de frango.

— Sim, uma escola, como você prometeu — respondeu Janjungpa, olhando firme para os homens sentados em volta, enquanto falava, como se estivesse fazendo alegações finais perante um júri. — Uma escola de alpinismo.

A mente de Mortenson se acelerou e olhou para todos os rostos, procurando indícios de que isto não passaria de uma piada.

Mas os rostos enrugados dos homens de Khane eram impenetráveis como os penhascos lá fora, impassíveis diante do pôr-do-sol. Perscrutou mentalmente os meses que passara escalando o K2. Ele e Janjungpa haviam conversado sobre a necessidade de se fornecer treinamento de alpinismo especializado aos carregadores baltis, que muitas vezes ignoravam as técnicas mais elementares de resgate em montanha, e Janjungpa conhecia há muito o alto número de carregadores baltis que se feriam, bem como os baixos salários que recebiam. Mortenson lembrava-se claramente dele descrevendo a aldeia de Khane e convidando-o a fazer uma visita. Mas tinha certeza de que nunca conversaram sobre uma escola.

Nem uma promessa.

— Girek Sahib, não dê ouvidos a Janjungpa. Ele é doido — disse Akhmalu, e Mortenson sentiu uma onda de alívio.

— Ele fala uma escola de alpinismo — continuou Akhmalu, sacudindo a cabeça com veemência. — Khane precisa de escola normal, para crianças de Khane, não para construir uma casa rica para Janjungpa. É

o que você deve fazer.

O súbito alívio se evaporou tão rapidamente quanto se instalara.

À esquerda, Mortenson viu Changazi reclinado numa grande almofada, retirando delicadamente a carne de uma coxa de galinha com as unhas, e sorrindo de leve. Mortenson tentou encará-lo, esperando que Changazi se manifestasse e pusesse fim a esta loucura, mas uma discussão acalorada irrompeu em balti, entre

defensores de Akhmalu e Janjungpa.

Mulheres subiram nos telhados das casas vizinhas, agarrando os véus para se proteger do vento cortante que descia do Masherbrum, tentando ouvir a discussão, à medida que aumentava de volume.

— Nunca prometi nada — tentou dizer Mortenson, primeiro em inglês, e depois, quando viu que ninguém parecia ter ouvido, repetiu em balti.

Mas era como se a pessoa mais alta da sala tivesse se tornado invisível. Então acompanhou a discussão da melhor forma que pôde.

Repetidas vezes, ouviu Akhmalu chamar Janjungpa de avarento. Mas Janjungpa refutava cada ataque levantado contra ele repetindo a promessa que dizia que Mortenson havia feito a ele.

Mais de uma hora depois, Akhmalu ergueu-se de repente e puxou Mortenson pelo braço. Como se pudesse vencer a discussão levando Mortenson consigo, Akhmalu seguiu à frente de uma turba de homens que ainda gritavam descendo a escada de toras de madeira, passando por cima de uma vala de irrigação barrenta e subindo as escadas de sua casa. Assim que o grupo se acomodou nas almofadas de uma sala de estar menor, o filho adolescente de Akhmalu, que trabalhara como ajudante de cozinha durante a expedição de Mortenson, colocou outra série de travessas aos pés de Mortenson. Um círculo de flores silvestres decorava o prato de salada de nabo, e rins lustrosos boiavam no guisado de miúdos de carneiro, mas a refeição era praticamente idêntica ao banquete que Janjungpa havia servido.

O filho de Akhmalu pegou o melhor pedaço de rim, colocou-o sobre uma tigela de arroz e passou-a a Mortenson, com um sorriso maroto, antes de servir os demais. Mortenson empurrou o rim para um lado da tigela, e comeu somente o arroz empapado com o molho gorduroso, mas ninguém pareceu se importar. Ele ficara invisível novamente. Os homens de Khane comiam tão entusiasticamente quanto discutiam, como se a discussão e a refeição anteriores não tivessem acontecido, e cada ponto da discussão de cada um dos lados tinha de ser destrinchado inteiramente como os ossos de galinha e de carneiro eram destroçados com os dentes.

Depois de quatro horas de discussão, com os olhos ardendo com a fumaça de cigarro que enchia a sala, Mortenson subiu no teto da casa de Akhmalu e

recostou-se sobre um fardo de trigo recém-colhido que bloqueava o vento. A lua, subindo, erguia-se sobre as montanhas a leste. O

vento limpava o pico do Masherbrum, e Mortenson ficou olhando por um longo tempo para as encostas pontiagudas do cume, realçadas pelo luar.

Um pouco mais além, Mortenson sabia, na verdade sentia, assomava-se a grande pirâmide do K2. Como fora simples vir ao Baltistão como alpinista, pensou Mortenson. O caminho era claro. Focalize um pico, como estava fazendo agora, organize alguns homens e equipamentos até alcançá-

lo. Ou até fracassar tentando subi-lo.

Através da grande abertura quadrada no meio do teto, a fumaça de cigarro e de esterco de iaque recendia da sala embaixo, empestando o nicho de Mortenson. E as vozes dos homens de Khane que discutiam abaixo elevavam-se ao mesmo tempo, contaminando o humor de Mortenson. Ele tirou um casaco fino da mochila, deitou-se sobre o feno, e estendeu-o sobre o peito, como um cobertor. A lua, quase cheia, já havia ultrapassado a linha recortada do alto das montanhas. Ostentava-se acima das escarpas como uma pedra branca imensa prestes a cair e esmagar a aldeia de Khane.

"Vamos. Caia", pensou Mortenson, e adormeceu.

De manhã, a face sul do Masherbrum estava mais uma vez encoberta pelas nuvens. Mortenson desceu do telhado com as pernas retesadas e encontrou Changazi bebericando chá com leite. Ele insistiu que Changazi e ele voltassem a Skardu antes que outra rodada de refeições e discussões começasse. Janjungpa e Akhmalu os acompanharam no jipe, não querendo perder a chance de vencer a discussão ao deixar Mortenson escapar.

Todo o caminho de volta para Skardu, Changazi manteve o mesmo sorriso nos lábios. Mortenson amaldiçoou-se por estar desperdiçando tanto tempo. Como para realçar a questão da temperatura ideal para construir a escola, estava geando ao regressarem a Skardu. Nuvens baixas encobriam os picos próximos e uma chuva fina enchia o ar de forma contínua, em vez de cair uma vez só e parar.

Apesar de as cortinas de plástico terem sido abaixadas nas janelas do jipe, o shalwar kamiz de Mortenson estava ensopado com a chuva quando estacionaram diante da residência de Changazi.

— Por favor — disse Changazi, percebendo o shalwar empapado de Mortenson —, vou pedir a Yakub que aqueça água.

—Antes que façamos qualquer outra coisa, vamos esclarecer algumas questões — disse Mortenson, sem conseguir disfarçar a irritação. —

Primeiro: onde estão todos os materiais da minha escola? Não os vejo em parte alguma.

Changazi continuou impassível como um retrato de profeta sagrado.

—Mande transferi-los para o meu outro escritório.

— Transferi-los?

— Sim, transferi-los. Para um lugar mais seguro — ele respondeu, com o ar grave de alguém que está sendo obrigado a explicar o óbvio.

— O que há de errado com este lugar? — perguntou Mortenson. —

Há muitos ladrões por aqui — respondeu Changazi.

—Quero ver todo o material agora — disse Mortenson, erguendo-se e aproximando-se de Changazi.

Mohammed Ali Changazi cerrou os olhos e entrelaçou os dedos colocando um polegar sobre o outro. Abriu os olhos, como se esperasse que Mortenson tivesse desaparecido.

— Está tarde e o meu assistente foi para casa levando a chave —

respondeu Changazi. — Também preciso me lavar e preparar para a prece vespertina. Mas lhe prometo, amanhã, você estará 100% satisfeito. E

juntos, calaremos esses aldeões e começaremos a construir a sua escola.

Mortenson acordou com o raiar do dia. Vestindo o saco de dormir de Changazi como um véu, foi até a rua úmida. A coroa de picos de 5.500

metros de altura que contornavam a cidade ainda estava escondida atrás das nuvens baixas. E sem as montanhas, Skardu, com seu mercado fechado por latas

de lixo, seus prédios baixos de blocos de cimento e tijolos de barro, parecia terrivelmente feia. Durante o período que passou na Califórnia, ele fez Skardu parecer a capital cintilante de um reino mítico entre as montanhas. E lembrava-se dos baltis que o habitavam como puros e corretos. Mas, pensou, sob a chuva fina, se ele havia inventado o Baltistão que acreditava existir. Estaria ele tão feliz de ter sobrevivido ao K2 que seu sentimento coloriu este lugar e este povo além da realidade?

Ele sacudiu a cabeça, tentando afastar as dúvidas, mas elas permaneceram. Korphe estava apenas a 112 quilômetros ao norte, mas parecia outro mundo. Ele encontraria o seu material. Ele conseguiria chegar, de algum modo, a Korphe. Fora tão longe, que tinha de acreditar

em alguma coisa, então escolheu este lugar atrasado e perdido no desfiladeiro do Braldu. Ele chegaria até lá antes de perder as esperanças.

Durante o jejum, Changazi parecia estranhamente solícito. Ele mesmo mantinha a xícara de Mortenson cheia até a borda, e assegurou-lhe que partiriam assim que o motorista chegasse ali com o jipe. Quando o Land Cruiser verde apareceu, Janjungpa e Akhmalu vieram à casa de Changazi, saindo do casebre do motorista do caminhão, onde haviam pernoitado. O grupo partiu em silêncio.

Foram em direção oeste sobre as dunas de areia. Onde as dunas acabavam, sacas de aniagem de batatas recém-colhidas empilhadas esperavam ser carregadas à beira das plantações. Formavam um monte da altura de uma pessoa e Mortenson, num primeiro relance, pensou que fossem homens parados em meio à névoa. O vento aumentou e afastou as nuvens do céu. Vislumbrou alguns trechos nevados acima, como a esperança, e Mortenson sentiu seu ânimo retornar.

Uma hora e meia de viagem depois, deixaram a estrada principal e subiram uma trilha, até chegarem a um conjunto de casas de pedra grandes e confortáveis debaixo de altos chorões. Esta era Kuardu, a aldeia natal de Changazi. Ele conduziu o estranho grupo por um cercado, abrindo caminho entre as ovelhas com pés calçados nas sandálias, e entrou no segundo andar da maior casa da aldeia.

Na sala de estar, eles se recostaram, não nas costumeiras almofadas floridas e empoeiradas, mas em colchonetes de acampamento Thermarest infláveis de cor roxa e verde. As paredes eram decoradas com dezenas de molduras de retratos

de Changazi, metido em roupas brancas imaculadas, posando com membros mal-ajambrados de expedições francesas, japonesas, italianas e americanas. Mortenson viu uma foto sua, com o braço sobre o ombro de Changazi, a caminho do K2, e ele mal conseguia acreditar que a foto tivesse sido tirada apenas um ano antes. O rosto que o mirava da fotografia parecia pertencer a uma pessoa dez anos mais nova.

Através da porta, podia ver as mulheres na cozinha fritando alguma coisa sobre dois fogões de acampamento de expedição.

Changazi desapareceu em outro cômodo e voltou envergando um suéter de caxemira italiana cinza sobre o seu shahvar. Cinco anciões, com barbas desalinhadas e topis de lã marrom empinados na cabeça, entraram e apertaram a mão de Mortenson entusiasmadamente antes de tomarem assento sobre os colchonetes de acampamento. Mais cinquenta homens de

Kuardu entraram e se aglomeraram em torno de uma toalha de mesa de plástico.

Changazi dirigiu um desfile de serviçais que colocaram tantas travessas entre os presentes, que Mortenson precisou colocar as pernas de lado para abrir mais espaço, e elas continuavam chegando. Meia dúzia de galinhas assadas, nabos e rabanetes esculpidos em formato de flores, um prato de biryani incrustado com nozes e passas, couve-flor pakhora frita em um molho de ervas, e a melhor parte de um iaque nadava num caldo de cbilis e batatas. Mortenson nunca vira tanta comida no Baltistão, e o medo que evitara sentir durante a viagem de jipe voltou a amargar sua garganta.

—O que estamos fazendo aqui, Changazi? — perguntou Mortenson.

—Onde está o meu material?

Changazi colocou um pedaço de carne de iaque sobre um grande monte de báyani e pôs o prato diante de Mortenson antes de responder.

— Estes são os anciões de minha aldeia — disse ele, indicando os cinco homens idosos. — Aqui em Kuardu, prometo não haver discussão.

Eles já concordaram que sua escola seja construída em nossa aldeia antes do inverno.

Mortenson levantou-se sem responder e pisou no prato de comida.

Ele sabia quanto era rude recusar a hospitalidade. E sabia que seria indesculpável virar as costas para os anciões deste modo e pisar em sua comida com pés sujos, mas ele precisava sair para respirar ar fresco.

Correu até deixar Kuardu para trás, e subiu, com esforço, um íngreme atalho de pastores. Sentiu a pressão da altitude apertar o peito, mas seguiu em frente, correndo até ficar zozinho e tudo começar a rodar. Numa clareira acima de Kuardu, ele caiu, sem conseguir respirar. Ele não chorava desde a morte de Christa. Mas aqui, sozinho num pasto de cabritos assolado pelo vento, enterrou o rosto entre as mãos, e lavou-as nas lágrimas que não paravam de cair.

Quando finalmente levantou a cabeça, viu umas dez crianças olhando para ele ao lado de uma árvore. Elas haviam trazido um rebanho de cabritos para pastar. Mas a visão de um estranho Angrezi sentado na lama chorando fez com que abandonassem os animais, que vagaram montanha acima. Mortenson pôs-se de pé, limpando as roupas, e foi até elas.

Ele se ajoelhou perto do menino mais velho, de 11 anos.

— O que... você... é? — perguntou o rapazinho, sorrindo, e estendendo a mão para apertar a de Mortenson.

A mão do menino sumiu dentro da sua.

— Eu sou Greg. Eu sou bom — respondeu Mortenson.

— Eu sou Greg. Eu sou bom — repetiram as crianças em uníssono.

— Não, eu sou Greg. Qual é o seu nome? — ele tentou novamente.

— Não, eu sou Greg. Qual é o seu nome? — repetiram as crianças, rindo. Mortenson começou a falar em balti.

— Min takpo Greg. Nga America in. (Meu nome é Greg. Sou americano.) Kiri min takpo in? (Qual é o seu nome?) As crianças bateram palmas, felizes em entenderem o Angrezi.

Mortenson apertou a mão de cada uma delas, à medida que se apresentavam. As

meninas envolviam a mão com cuidado no véu antes de tocar o infiel. Então ele se pôs em pé e, encostado à árvore, começou a ensiná-los.

— Angrezi — disse ele, apontando para si mesmo. — Estrangeiro.

— Estrangeiro — gritaram as crianças em uníssono.

Mortenson apontou para o nariz, o cabelo, orelhas, olhos e boca. Ao ouvir cada palavra que desconheciam, as crianças exclamavam ao mesmo tempo, repetindo-as, antes de cair na gargalhada.

Meia hora depois, quando Changazi o encontrou, Mortenson estava ajoelhado junto às crianças, rabiscando a tabuada no chão com um graveto de amoreira.

— Doutor Greg. Desça. Entre. Tome um chá. Temos muito que conversar — implorou Changazi.

— Não temos nada a conversar até você me levar a Korphe —

respondeu Mortenson, sem desviar os olhos das crianças.

— Korphe é muito longe. E muito suja. Você gosta destas crianças.

Por que não constrói sua escola aqui mesmo?

— Não — disse Mortenson, apagando com a mão o número que uma menina afobada de 9 anos escrevera, colocando a resposta certa. — Seis vezes seis é 36.

— Greg, Sahib, por favor.

— Korphe — respondeu Mortenson. — Não tenho nada a lhe dizer até chegar lá.

O rio estava à direita. As águas lavavam pedras gigantescas. O Land Cruiser derrapava e avançava como se quisesse imitar as corredoiras pardacentas, em vez desta "estrada" ao longo da margem norte do rio Braldu.

Akhmalu e Janjungpa haviam finalmente desistido. Despediram-se acabrunhados rapidamente e pegaram carona num jipe que voltava para Skardu em vez de continuar perseguindo Mortenson pelo vale do rio Braldu acima.

Durante as oito horas que levou para o Land Cruiser chegar a Korphe,

Mortenson teve tempo suficiente para pensar. Changazi se esparramou sobre a saca de arroz basmati no assento de trás com seu topi de lã branca sobre os olhos, e dormiu mesmo com todo o sacolejo da viagem, ou fingiu dormir.

Mortenson ressentiu-se com Akhmalu. Ele queria que apenas as crianças de sua aldeia tivessem uma escola que o governo do Paquistão deixara de fornecer. Mas a raiva de Mortenson em relação a Janjungpa e Changazi, por sua dissimulação e desonestidade, maculou a gratidão que sentira pelos meses de serviço irrepreensível de Akhmalu no acampamento-base do K2 com a mesma cor suja deste rio de águas barrentas.

Talvez ele tivesse sido muito duro com estas pessoas: a disparidade econômica entre eles era enorme. Seria possível que mesmo um americano semi-empregado que tinha todos os seus bens num guarda-móveis parecesse simplesmente um anúncio de néon de uma nota de dólar para o povo da região mais depauperada num dos países mais pobres do mundo?

Ele decidiu que, se o povo de Korphe comesse a fazer um cabo-de-guerra por causa do seu dinheiro, como ficara demonstrado, ele seria mais paciente. Ele ouviria a todos, teria tantas refeições quanto fossem necessárias, antes de insistir que a escola deveria beneficiar a todos, em vez de enriquecer o chefe Haji Ali, ou quem quer que fosse.

Já escurecera havia horas quando chegaram diante de Korphe.

Mortenson saltou do jipe e tentou enxergar a margem do outro lado do rio, mas não conseguia distinguir se havia alguém ali. A pedido de Changazi, o motorista buzinou e piscou os faróis do carro. Mortenson entrou na frente do fecho de luz e acenou para a escuridão até ouvir um grito vindo da margem sul do rio. O motorista virou o jipe de modo que os faróis atingiram o outro lado. Eles lançaram luz sobre um homem franzino que avançava sentado numa caixa frágil, suspensa por um cabo acima do desfiladeiro, vindo na direção deles.

Mortenson reconheceu Twaha, o filho de Haji Ali, logo antes de ele saltar da caixa suspensa à sua frente. Twaha abraçou Mortenson à altura da

cintura, apertando-o e pressionando a cabeça contra o seu peito. Ele recendia a suor e fumaça. Quando finalmente o largou, Twaha olhou para Mortenson, rindo.

— Pai meu, Haji Ali disse Alá mandar você de volta um dia. Haji Ali saber tudo,

senhor.

Twaha ajudou Mortenson a entrar na caixa antes de ser suspenso pelo cabo.

— Era uma caixa, realmente — diz Mortenson. — Como uma imensa casca de fruta presa por alguns pregos. Você se impulsiona ao longo desse cabo engordurado, e tenta não pensar nos barulhos que ela faz. Tenta não pensar no óbvio: se o cabo partisse, você cairia. Se caísse, estaria morto.

Mortenson empurrou a roldana devagar pelo cabo de 100 metros, que balançava ao sabor do vento. Ele sentia os respingos do rio no rosto. E 30

metros abaixo, ele podia ouvir, mas não ver, a força bruta do Braldu batendo sobre as rochas. Então, sobre a ribanceira, bem acima do leito do rio, iluminadas pelos faróis do jipe, ele viu centenas de pessoas perfiladas à espera para recebê-lo. Parecia estar ali toda a população de Korphe. E na extrema direita, no ponto mais alto da ribanceira, divisou um perfil inconfundível. Parado como se esculpido em granito, com as pernas distanciadas, a grande cabeça barbada equilibrada como uma rocha sobre os ombros sólidos, Haji Ali observava a travessia atrapalhada de Mortenson sobre o rio.

Jahan, a neta de Haji Ali, se lembra bem dessa noite.

— Muitos alpinistas fazem promessas ao povo do Braldu e se esquecem quando vão para casa. Meu avô nos disse várias vezes que doutor Greg era diferente. Ele voltaria. Mas levamos um susto quando o vimos voltar tão rápido. E eu levei um susto ao ver, mais uma vez, aquele homem grande. Ninguém no Braldu se parece com ele. Ele era muito...

surpreendente.

Enquanto Jahan e toda a população de Korphe olhavam para baixo, Haji Ali saudou Má por trazer o visitante de volta são e salvo, em seguida, abraçou seu corpanzil. Mortenson estava surpreso ao constatar que a cabeça do homem que ocupara tanto sua imaginação no último ano chegava apenas até a metade do peito.

Junto a uma imensa lareira dentro do balti de Haji Ali, no mesmo lugar em que Mortenson havia se lavado uma vez, perdido e exausto, ele se sentiu completamente em casa. Ele se sentou, alegre, cercado das

pessoas em quem pensou por todos os meses que gastou escrevendo cartas e pedidos de patrocínios e quebrando a cabeça para encontrar um modo de voltar com a notícia de que cumpriria a promessa. Ele estava ansioso para contar a Haji Ali, mas havia formalidades de hospitalidade que precisavam ser atendidas antes.

De um canto escondido da casa, Sakina produziu um velho pacote de biscoitos doces e ofereceu-os a Mortenson numa travessa trincada com chá amanteigado. Ele o partiu em pedacinhos, pegou um, e passou adiante a travessa para reparti-los com os aldeões de Korphe.

Haji Ali esperou até Mortenson tomar um gole do paiyu cha, então deu um tapa em seu joelho, rindo.

— Cheezaley! — exclamou ele, exatamente da mesma forma como da primeira vez que Mortenson viera à sua casa um ano antes. — Mas que diabos?

Mas Mortenson não chegara a Korphe perdido e alquebrado desta vez.

Ele trabalhou um ano para retornar a este lugar com esta notícia, e estava doido para reparti-la com eles.

— Comprei tudo o que precisamos para construir uma escola — disse ele em balti, como havia ensaiado tantas vezes. — Toda a madeira, cimentos e ferramentas. Está tudo em Skardu agora.

Ele olhou para Changazi, que mergulhou um biscoito no chá e, emocionado com aquele momento, sentiu uma onda de carinho até mesmo por ele. Havia, afinal, depois de alguns desvios, vindo até aqui.

— Voltei para manter minha promessa — disse Mortenson, encarando Haji Ali.
— E espero que possamos começar a construí-la em breve, Inshallah.

Haji Ali colocou a mão no bolso do colete, apalpando os pedaços de carne seca de íbex.

— Doutor Greg, pelas mais misericordiosas bênçãos de Má, voltou a Korphe. Acreditei que voltaria e repeti isso tantas vezes quanto o vento sopra pelo vale do Braldu. Por isso todos nós conversamos sobre a escola enquanto estive na América. Queremos muito uma escola para Korphe —

Haji Ali respondeu em balti, olhando fixamente para Mortenson. — Mas tomamos uma decisão. Antes que o íbex possa escalar o K2, ele deve aprender a cruzar o rio. Antes de construir uma escola, devemos construir uma ponte. E isso que Korphe precisa agora.

— Zamba? — repetiu Mortenson, acreditando haver um terrível mal-entendido.

O seu balti não estaria afiado ainda.

— Uma ponte? — ele perguntou em inglês, para não haver equívoco.

— Sim, uma grande ponte, uma de pedra — respondeu Twaha. —

Assim poderemos carregar a escola para a aldeia de Korphe.

Mortenson tomou um longo gole de chá, e ficou pensando, pensando.

Em seguida, tomou outro gole.

Capítulo 9

A opinião pública

Camaradas, por que não se cassa a licença dos lindos olhos de uma bela mulher?

Eles alvejam os homens como um tiro.

São mais afiados que a espada. — grafite em spray na mais velha escultura de pedra de Buda, no vale do Satpara, no Baltistão O AEROPORTO INTERNACIONAL DE SAN FRANCISCO ESTAVA ENTUPIDO COM mães alucinadas agarradas aos filhos. Era quase Natal, e milhares de passageiros ansiosos acotovelavam-se, correndo aos portões de embarque de seus vôos, esperando chegar até as suas famílias a tempo.

Mas o nível de pânico era quase mensurável, à medida que vozes inaudíveis ecoavam pelo terminal, anunciando atrasos em uma sucessão de vôos.

Mortenson foi até o setor de bagagens e esperou a mochila do Exército, retorcida e semivazia, aparecer na esteira de malas superestufadas. Jogou-a sobre o ombro e perscrutou os rostos à volta esperando ver Marina, como fizera no andar de cima, ao sair do avião vindo de Bancoc. Mas ainda com o sorriso abobado dos passageiros que chegam de viagem, não conseguia distinguir os cabelos negros da namorada entre as centenas de cabeças em meio à multidão.

Eles haviam se falado havia quatro dias, numa ligação cheia de eco, de um telefone público num cybercafé em 'Pindi, e ele tinha certeza de que a ouvira dizer que pretendia buscá-lo no aeroporto. Mas a ligação de seis minutos que programara fora cortada antes de ele poder repetir o número do vôo. Estava muito preocupado em não ficar sem dinheiro para fazer outra ligação. Mortenson digitou o número de Marina de um quiosque de telefones públicos e ouviu a secretária eletrônica atender a ligação.

— Ei, querida — disse ele, percebendo o cansaço em sua voz enquanto falava.
— É Greg. Feliz Natal. Como está? Estou com saudades.

Cheguei bem a San Francisco, acredito que vou pegar o BART (15) até chegar ao seu...

15. BART (acrônimo de Bay Area Rapid Transit) é um sistema público de transporte de trem que serve parte da área da baía de San Francisco, na Califórnia, incluindo as cidades de San Francisco, Oakland, Berkeley, Daly City, Richmond, Fremont, Hayward, Walnut Creek e Concord. Também serve o Aeroporto Internacional de San Francisco e mediante autocarros (AirBARTaI) o Aeroporto Internacional de Oakland.

(N. da T.)

— Greg — disse ela, pegando o telefone. — Ei!

— Oi. Você está bem? — perguntou ele. — Você parece meio...

— Ouça — respondeu ela —, temos que conversar. As coisas mudaram desde que você viajou. Podemos conversar?

— Claro — respondeu ele.

Ele sentiu o suor porejar sob os braços. Fazia três dias que não tomava banho.

— Estou indo para casa — disse ele, e desligou.

Ele temia voltar sem ter conseguido qualquer avanço na construção da escola. Mas o pensamento em Marina, Blaise e Dana suavizou seu temor durante o longo vôo sobre o Pacífico. Pelo menos, ele pensou, estava voltando para pessoas que amava, e não simplesmente fugindo do fracasso.

Pegou um ônibus até a estação BART mais próxima, tomou um trem, depois fez baldeação em San Francisco num trole até a Outer Sunset.

Ficou remoendo as palavras que Marina disse ao telefone, preocupado, tentando abster qualquer outro significado senão o que fosse óbvio: ela estava dando o fora nele. Até conversarem em 'Pindi, não ligara para ela por vários meses, ele reconhecia. Mas ela precisava entender que isso acontecera por não poder pagar ligações internacionais se quisesse se manter dentro do orçamento da escola, não é? Ele iria compensá-la.

Levaria Marina e as meninas a algum lugar com o que restava em sua conta bancária em Berkeley.

Quando chegou ao bairro onde Marina morava haviam se passado duas horas e o sol afundara num Oceano Pacífico acinzentado. Caminhou

por várias quadras com belas casas de estuque repletas de luzinhas natalinas sob uma fria e contínua brisa marinha, depois subiu as escadas até o apartamento dela.

Marina abriu a porta de supetão, deu um meio-abraço em Mortenson, e ficou postada na entrada, claramente não o convidando a entrar. — Só vou lhe dizer uma coisa — começou ela.

Ele esperou, a mochila ainda pendurada no ombro.

— Voltei a sair com Mario.

— Mario?

— Você conhece Mario. Da UCSF, o anestesiológico?

Mortenson ficou olhando para ela sem esboçar qualquer reação.

— Meu antigo namorado, lembra-se que lhe disse que éramos...

Marina continuou falando. Presumivelmente estava lhe informando sobre a meia dúzia de vezes que encontrara Mario, das madrugadas que passaram juntos na sala de emergência, mas o nome dele não significava nada. Observou sua boca enquanto falava. Eram seus lábios grossos, ele concluiu. Eles eram a coisa mais linda. Ele não estava prestando atenção a nada do que eles diziam, até que ouviu:
— ...então reservei um quarto de hotel para você.

Mortenson se virou enquanto Marina ainda estava falando, e tornou a caminhar sob a brisa cortante do mar. Havia escurecido e a mochila que ele mal notara até aquele momento, de repente, pareceu tão pesada, que não sabia se conseguiria carregá-la por mais um quarteirão. Felizmente, o luminoso de néon vermelho do Praia Hotel piscava na outra esquina como uma ferida aberta que precisava de cuidados médicos imediatos.

No quarto de lambris de madeira falsa recendendo a cigarro, no qual entrou depois de gastar o último dinheiro que trazia no bolso, Mortenson tomou uma ducha, depois vasculhou a mochila procurando uma camiseta limpa para poder dormir. Escolheu a menos manchada que encontrou e adormeceu com a luz e televisão ligadas.

Uma hora depois, no meio de uma exaustão profunda e sem sonhos, Mortenson foi acordado por batidas na porta. Sentou-se na cama e olhou em volta no quarto, pensando que ainda estivesse no Paquistão. Mas a televisão falava em inglês, uma pessoa chamada Newt Gingrich. E um gráfico com estrelas na tela trazia algo que parecia escrito em outra língua pela total falta de sentido para ele: "Representante da minoria cerceia controle dos republicanos."

Arrastando-se como se o quarto flutuasse em alto-mar, Mortenson alcançou a porta e abriu-a de uma só vez. Marina estava ali, dentro de sua parca GoteTex amarela favorita.

— Me desculpe. Nada aconteceu como eu queria. Você está bem? —

perguntou ela, apertando o casaco dele contra o peito.

— É... Eu acho... Não — respondeu Mortenson.

— Você estava dormindo? — perguntou Marina.

— Sim.

— Olhe, eu não queria que acontecesse desse jeito. Mas eu não tinha como falar com você no Paquistão.

Passava um frio horrível pela porta e Mortenson começou a tremer apenas com a roupa de baixo.

— Eu mandei cartões-postais para você — lembrou ele.

— Escrevendo tudo sobre o preço de materiais para o telhado e, claro, quanto custou alugar um caminhão para Skardu. Eram muito românticos.

Nunca escreveu nada sobre nós, exceto ficar adiando a data que iria voltar para casa.

— Quando você começou a sair com Mario?

Ele se forçou a desviar os olhos dos lábios de Marina e fixou-se em seus olhos, mas pensou melhor e baixou a vista. Eles também eram muito perigosos.

— Essa não é a questão — respondeu ela. — Eu podia sentir nos seus cartões que eu não importava mais para você depois que partiu.

— Isso não é verdade — respondeu Mortenson, pensando se isso seria verdadeiro ou não.

— Não quero que me odeie. Você não me odeia, não é?

— Ainda não — respondeu ele.

Marina descruzou os braços e suspirou fundo. Tinha uma garrafa de licor Baileys na mão direita. Estendeu-a a Mortenson e ele a pegou. Estava pela metade.

— Você é um cara bárbaro, Greg — disse Marina. — Adeus.

— Adeus — respondeu Mortenson, fechando a porta, antes de dizer algo de que se arrependesse depois.

Ficou ali parado no quarto, sozinho, segurando a garrafa. Não era o tipo de bebida que tomaria, de qualquer modo, e ele achava que Marina o conhecesse bem o suficiente para saber disso. Mortenson não costumava

beber, muito menos sozinho e poucas coisas ele detestava tanto quanto licor doce.

Na televisão, uma voz estridente respondia ao entrevistador:

"Iniciamos a nossa segunda revolução americana e você tem minha palavra de honra de que com uma nova maioria republicana no Congresso, a vida nos Estados Unidos será completamente diferente. Essa é a opinião pública".

Mortenson atravessou o quarto até a cesta de lixo. Era grande, feita de metal barato, e encardida com as impurezas de milhares de pessoas que tiveram o infortúnio de se hospedar nesse quarto antes. Ele segurou a garrafa acima da lata de lixo, estendeu o braço e a soltou. A garrafa de Baileys bateu contra a lata de metal com um som que, para o ouvido de Mortenson, foi como uma porta de aço se fechando. Em seguida, desmaiou na cama.

O dinheiro competia com a dor em importância na mente de Mortenson. Depois do feriado, quando tentou sacar 200 dólares da conta-corrente, o caixa do banco disse-lhe que seu saldo bancário era de apenas 83 dólares.

Mortenson ligou para o supervisor no Centro Médico da UCSF, esperando marcar um plantão imediatamente, antes que sua crise financeira se tornasse crítica.

— Você disse que estaria de volta para o plantão no Dia de Ação de Graças — disse ele. — E agora você perdeu o Natal também. Você é um dos melhores enfermeiros que temos, Greg, mas se não aparece, não me adianta de nada. Está demitido.

Uma frase dita no discurso na televisão na noite anterior alojou-se na mente de Mortenson, e ele a repetiu para si mesmo, amargurado, por vários dias: "Essa é a

opinião pública."

Mortenson ligou para meia dúzia de conhecidos de seu círculo de alpinistas até encontrar um colchonete de expedição onde pudesse dormir até resolver o que deveria fazer em seguida. Numa velha casa vitoriana na rua Lorina, em Berkeley, Mortenson dormiu no chão do corredor de um segundo andar por um mês. Formandos da Cal Berkeley e alpinistas indo ou voltando de Yosemite faziam festas regadas a álcool no andar térreo até tarde da noite. Em seu saco de dormir estendido no corredor, Mortenson tentava não ouvir os gemidos de sexo desagradavelmente audíveis através

das paredes finas. Enquanto dormia, passavam por cima dele pára entrar no banheiro.

Um enfermeiro qualificado não fica sem emprego por muito tempo. É

apenas uma questão de motivação. E depois de alguns dias ociosos indo para cima e para baixo de ônibus para fazer entrevistas, em dias chuvosos quando sentia mais falta do La Bamba, foi contratado para trabalhar no plantão noturno menos cobinado no Centro de Traumatologia Geral de San Francisco e na Unidade de Queimados Alta Bates, em Berkeley.

Ele conseguiu economizar o suficiente para alugar um quarto num terceiro andar de um prédio sem elevador na rua Wheeler, em Berkeley, sublocado a um operário polonês chamado Witold Dudzinski. Mortenson passou algumas noites agradáveis na companhia de Dudzinski, que fumava um cigarro atrás do outro, e bebia garrafas azuis sem rótulo de vodca polonesa sem parar que comprava no atacado. Mas tanto quanto desfrutou os primeiros belos solilóquios sobre o Papa João Paulo II, Mortenson descobriu que, depois de beber bastante vodca, Dudzinski falava com qualquer pessoa. Então na maior parte das noites, Mortenson se retirava para o quarto e tentava não pensar em Marina.

— Outras namoradas me deram o fora antes — diz Mortenson —, mas desta vez foi diferente. Desta vez realmente doeu. E não havia nada que eu pudesse fazer senão conviver com a dor. E levou tempo.

Em algumas noites, Mortenson conseguia se abstrair e esquecer as preocupações na roda-viva de atividades. Diante das necessidades imediatas de uma criança de 5 anos de idade com queimaduras de terceiro grau em metade do tórax, era impossível deixar-se levar pela autocomiseração. E havia uma profunda

satisfação que encontrava trabalhando rapidamente e aliviando a dor num bem-equipado hospital do Ocidente, onde toda medicação, equipamento e vestimentas de que precisava estavam à mão, em vez de a oito horas de distância por uma trilha de jipe muitas vezes intransponível, como acontecera durante as sete semanas em que permanecera em Korphe.

Sentado junto ao balti na casa de Haji Ali, depois que o ancião lhe dera a inesperada notícia sobre a ponte, a mente de Mortenson se acelerou loucamente, como um animal peludo tentando fugir de uma armadilha, depois se acalmou, até se sentir surpreendentemente tranquilo. Ele sabia que havia chegado ao final da linha — seu destino, Korphe, a última aldeia antes das terras cobertas por neves eternas. Sair da casa como fizera em

Kuardu, quando tudo se complicou, não resolveria nada. Não havia nenhum outro lugar para ir. Viu o sorriso dissimulado de Changazi se abrir, e entendeu que aquele homem pensava ter ganhado a disputa pela escola de Mortenson.

Apesar de sua decepção, não estava bravo com o povo de Korphe.

Claro que precisavam de uma ponte. Como ele planejava construir a escola? Carregar cada uma das tábuas, cada placa de alumínio corrugado, uma a uma, numa cesta frágil oscilando perigosamente sobre o Braldu?

Em vez disso, ficou bravo consigo mesmo por não ter planejado melhor.

Decidiu ficar em Korphe até que entendesse tudo o mais que teria de fazer para dar vida à escola. Uma série de desvios trouxe-o a esta aldeia. O que seria mais um desvio?

— Fale-me mais sobre a ponte — perguntou ele a Haji Ali, quebrando o silêncio de expectativa na casa cheia com todos os aldeões adultos de Korphe. — Do que precisamos? Como podemos começar?

Mortenson esperava, de início, que a construção da ponte pudesse ser feita rapidamente e a custo baixo.

— Temos de explodir muitas dinamites e cortar muitas e muitas pedras — respondeu Twaha, filho de Haji Ali, a Mortenson.

Então uma discussão começou em balti, sobre se deveriam cortar as pedras no

local, ou se deveriam trazê-las de jipe de um ponto mais distante do vale. Houve uma conversa acalorada sobre quais encostas tinham a melhor qualidade do granito. Em outras questões os homens estavam absolutamente de acordo. Os cabos de aço e as placas de madeira teriam de ser adquiridas e transportadas de Skardu ou Gilgit, e custariam milhares de dólares. Teriam de pagar milhares de dólares a mais pela mão-de-obra especializada. Eram milhares de dólares que Mortenson não tinha mais.

Mortenson disse-lhe que já havia gasto a maior parte do dinheiro no material para a construção da escola e que teria de retornar aos Estados Unidos para tentar levantar mais recursos para a ponte. Ele esperava que os aldeões de Korphe se sentissem tão desolados quanto ele. Mas esperar fazia parte de suas vidas, como respirar o ar rarefeito a 3 mil metros de altitude. Eles esperavam a metade do ano, em cômodos cheios de fumaça de fogueiras de esterco de iaque, até que o tempo se tornasse ameno o suficiente para sair ao ar livre. Um caçador balti perseguiria um único íbex por dias seguidos, manobrando por horas sem-fim para se aproximar o suficiente para arriscar atirar com a única bala, caríssima, que teve

dinheiro para comprar. Um noivo balti poderia esperar por longos anos pelo seu casamento, até que a menina de 12 anos de idade que seus pais escolheram para ele tivesse idade suficiente para deixar a família. O povo do Braldu recebeu promessas de escolas do distante governo paquistanês por várias décadas, e ainda estava esperando por elas. A paciência era sua maior qualidade.

— Muito obrigado — disse Haji Ali, tentando falar em inglês para agradar Mortenson.

Receber agradecimentos por ter estragado totalmente a intenção de construir a escola era mais do que Mortenson conseguia suportar. Ele apertou o ancião contra o peito, aspirando o cheiro de madeira queimada misturado ao de lã molhada. Haji Ali sorriu e chamou Sakina, que estava ao pé do fogo da cozinha, para dar ao convidado uma nova xícara de chá amanteigado que Mortenson apreciava cada vez mais.

Mortenson disse a Changazi para voltar para Skardu sem ele e adorou ver a expressão de espanto que cruzou o seu rosto antes de se recompor rapidamente. Mortenson aprenderia tudo o que precisaria saber sobre a construção da ponte antes de voltar para casa.

Com Haji Ali, percorreu toda a extensão do rio de jipe para estudar as pontes do baixo vale do Braldu. De volta a Korphe, Mortenson esboçou o tipo de ponte que o povo da aldeia havia lhe pedido para construir em seu bloco de anotações. Ele se encontrou com os anciões de Korphe para conversar sobre o local onde deveria construir a escola, quando, Inshallah, ele voltasse da América.

Quando o vento que soprava do Baltoro começou a trazer os flocos de neve que cobriu Korphe, indicando o início dos longos meses que teriam de passar a portas fechadas, Mortenson começou a se despedir. Em meados de dezembro, mais de dois meses depois de haver chegado com Changazi, ele não poderia mais adiar o regresso. Depois de visitar metade das casas de Korphe para tomar uma xícara de chá de despedida, Mortenson cruzou até a margem sul do Braldu num jipe lotado levando os 11 homens de Korphe que insistiram em se despedir dele em Skardu. Eles estavam tão apertados dentro do veículo que toda vez que o jipe ultrapassava um obstáculo, os homens se balançavam, empurrando-se por cima um dos outros para se manter equilibrados e aquecidos.

Indo para casa depois do plantão no hospital, para o quarto vazio no apartamento esfumaçado de Dudzinski, no lusco-fusco antes do amanhecer

quando o mundo parece despovoado, Mortenson sentia-se fatigado de solidão. Parecia estar extremamente distante da camaradagem da vida na aldeia de Korphe. E ligar para Jean Hoerni, a única pessoa que poderia pagar para que pudesse voltar, parecia constrangedor demais para sequer pensar no pedido.

Por todo o inverno, Mortenson se exercitou na parede do ginásio de alpinismo City Rock, num bairro de depósitos entre Berkeley e Oakland.

Foi mais difícil chegar ali do que quando tinha o La Bamba, mas pegava a condução para ir até lá tanto para ter companhia quanto pelo exercício. Ao se preparar para escalar o K2, esforçando-se para entrar em forma, ele era um herói para os sócios do City Rock. Mas agora, toda vez que abria a boca, suas histórias falavam de fracassos: um pico que não alcançara, uma mulher que perdera, uma ponte e uma escola não construídas.

Certa noite, voltando para casa tarde depois do trabalho, Mortenson foi assaltado na calçada em frente à sua casa, do outro lado da rua, por quatro garotos que não tinham mais de 14 anos. Enquanto um tremia com a arma apontada para o peito de Mortenson, o comparsa esvaziava os bolsos de seu casaco.

— Merda. O puto tem só 2 dólares — disse o rapaz, embolsando as notas e envolvendo a Mortenson a carteira vazia. — Por que tínhamos de assaltar o branquelo mais duro de Berkeley?

Duro. Quebrado. Alquebrado. Na primavera, Mortenson lutou contra a depressão. Ele lembrava os rostos esperançosos dos aldeões de Korphe quando o puseram no ônibus para Islamabad, confiantes, Inshallah, de que ele logo voltaria com o dinheiro. Como podiam ter tanta fé nele quando ele acreditava tão pouco em si mesmo?

Ao fim de uma tarde de maio, Mortenson estava deitado em seu saco de dormir, pensando o quanto estava precisando ser lavado, e discutindo consigo mesmo se conseguiria vencer o percurso até uma lavanderia, quando o telefone tocou. Era o dr. Louis Reichardt. Em 1978, Reichardt e seu companheiro de alpinismo Jim Wickwire foram os primeiros americanos a atingir o topo do K2. Mortenson havia ligado para ele antes de partir para o K2 para pedir conselhos a Reichardt, e eles conversavam pouco, mas calorosamente, desde então.

— Jean me contou o que está tentando fazer com a sua escola —

Reichardt disse. — Como está indo?

Mortenson contou-lhe tudo, desde as 580 cartas até a sinuca em que chegara por causa da ponte. Ele também se viu contando àquele senhor paternal os seus problemas pessoais, desde perder a namorada e o emprego, e o que mais temia: perder o rumo.

— Caia na real, Greg. Claro que você tropeçou em alguns obstáculos

—disse Reichardt. — Mas o que está tentando fazer é muito mais difícil do que escalar o K2.

— Vindo de Louis Reichardt, essas palavras significaram muito —

diz Mortenson. — Ele era um dos meus heróis.

As dificuldades que Reichardt e Wickwire tiveram de suportar para alcançar o cume eram lendárias entre as histórias de alpinistas. Wickwire havia tentado, primeiro, chegar ao topo em 1975. E o fotógrafo Galen Rowell, membro da expedição, escreveu um livro sobre o empenho do grupo, documentando um dos

mais terríveis fracassos históricos entre as tentativas de se chegar ao topo de uma montanha.

Três anos depois, Reichardt e Wickwire voltaram e chegaram a 900

metros do topo na temível Cadeia Oeste, de onde tiveram de voltar devido a uma avalanche. Em vez de retornar, seguiram em direção ao K2, a 7.620

metros de altitude, até a rota tradicional que a maioria dos alpinistas havia tentado, a Cadeia Abruzzi, e, de forma notável, chegaram ao topo.

Reichardt, quase sem oxigênio, foi esperto em descer logo. Mas Wickwire continuou no alto, tentando desembacar as lentes de sua câmera para fotografar e saborear a conquista de toda a sua vida. Um erro de cálculo que quase o matou.

Sem lanterna no capacete, não pôde fazer a descida técnica no escuro, e Wickwire foi forçado a passar a noite em uma das maiores altitudes já registradas. Ele ficou sem oxigênio e sofreu sérias queimaduras de frio, pneumonia, pleurisia e um edema pulmonar quase fatal. Reichardt e o restante da equipe lutaram para mantê-lo com vida com cuidados médicos constantes, até Wickwire ser levado de helicóptero a um hospital, depois para casa em Seattle, onde sofreu uma cirurgia torácica para retirada dos coágulos do pulmão.

Louis Reichardt sabia o que era sofrer para atingir objetivos difíceis.

Seu conhecimento de quão duro era o caminho que Mortenson estava tentando seguir fez com que percebesse que não havia fracassado. Apenas não havia concluído a escalada. Ainda.

— Ligue para Jean e diga-lhe tudo o que me contou — disse Reichardt. — Peça-lhe para pagar pela ponte. Acredite-me, ele tem dinheiro para isso.

Mortenson sentiu, pela primeira vez desde que retornara, suas forças voltarem. Desligou o telefone e vasculhou o envelope plástico que servia de agenda de endereços até encontrar o pedaço de papel gráfico com o nome e o número de Hoerni. "Não me sacaneie" estava escrito no papel.

Bem, talvez ele tenha. Talvez não tenha. Dependia de quem ouvisse a história. Mesmo assim, seus dedos digitaram o número. E, em seguida, o telefone começou a tocar.

Capítulo 10

Construindo pontes

Na imensidão destas escarpas, no limite da existência, que o homem pode visitar, mas onde não pode viver, a existência ganha uma nova importância...

Mas Montanhas não são gentis; esquece-se de sua violência.

Indiferentes, atacam quem por elas se aventura, com neve, pedras, vento, frio.

George Schaller, Stones of Silence [Pedras do silêncio]

A VOZ DO HOMEM DO OUTRO LADO DA LINHA PARECIA

ESTAR CUSPINDO À metade da volta da Terra de distância, embora Mortenson soubesse que ele não estaria a mais de 200 quilômetros.

— Pode repetir? — respondeu a voz.

— **Salaam Alaaikum** — gritou Mortenson na ligação cheia de estática.

—Quero comprar cinco rolos de cabo de aço com 120 metros de comprimento. Cabo triplo. O senhor tem?

— Certamente — respondeu ele e, de repente, a linha parou de fazer barulho. — Meia lakh rúpia cada um. Está bom o preço?

— Tenho alternativa?

— Não — riu o vendedor. — Sou o único em todas as Regiões do Norte a ter esse cabo. Posso saber qual é a sua graça?

— Mortenson, Greg Mortenson.

— De onde está ligando, sr. Greg? Também está em Gilgit?

— Estou em Skardu.

— E posso saber por que quer tanto cabo?

— A aldeia de meus amigos no vale do alto Braldu não tem ponte.

Vou ajudá-los a construir uma.

— Ah, você é americano, sim?

— Sim, senhor.

— Ouvi falar de sua ponte. As estradas secundárias até a aldeia têm passagem para jipe?

— Só se não chover. Poderá entregar os cabos?

— **Inshallah.**

Se Alá quiser. Sem negativa. Era uma resposta maravilhosa que Mortenson ouvia depois de uma dúzia de ligações sem sucesso, e a única forma realista de responder a qualquer pergunta envolvendo transporte nas Regiões do Norte. Ele conseguira o cabo, a última e a peça mais difícil de que precisava para começar a ponte. Era início de junho de 1995. E sem maiores atrasos, a ponte estaria terminada antes do inverno, e a obra para a construção da escola poderia ser iniciada na primavera seguinte.

Apesar de toda a ansiedade de Mortenson em ligar para ele, Jean Hoerni foi surpreendentemente gentil ao lhe fazer um cheque com a quantia adicional de 10 mil dólares.

— Sabe, algumas das minhas ex-mulheres gastavam mais do que isso num fim de semana — disse ele.

Hoerni, no entanto, conseguiu arrancar de Mortenson uma promessa.

— Faça com que a escola seja construída o mais rápido possível. E

quando terminar, traga-me uma foto — exigiu Hoerni. — Não estou ficando mais jovem a cada dia que passa.

Mortenson sentiu-se mais que eufórico em lhe garantir que faria isso.

— Este homem tem o cabo? — perguntou Changazi.

— Sim.

— E quanto custará?

— O mesmo que você disse, 800 dólares cada rolo.

— Ele entregará aqui em cima?

— **Inshallah** — respondeu Mortenson, desligando o telefone de Changazi sobre a escrivaninha do escritório.

Reabastecido com o dinheiro de Hoerni e de volta à ação, Mortenson estava novamente contente com a companhia de Changazi. O preço que pagou nas rúpias que Changazi embolsava a cada transação era mais do que compensador em troca de sua vasta rede de contatos. Ele fora policial e conhecia praticamente todo mundo na cidade. E depois que Changazi lhe passara um recibo com a lista de todos os materiais de construção que guardava para a escola de Mortenson, parecia não ter motivo para não tirar vantagem das qualidades de Changazi.

Durante a semana em que Mortenson passou dormindo no charpoy no escritório de Changazi, debaixo do velho mapa-múndi pregado na parede no qual nostalgicamente reconheceu a Tanzânia ainda identificada como Tanganica, ele se entreteve com os relatos das trapaças de Changazi. O

tempo estava excepcionalmente firme durante todo o verão e os negócios estavam indo de vento em popa. Changazi ajudou a montar várias expedições, duas tentativas de escalada do K2, uma alemã e outra japonesa, e um grupo italiano que pretendia fazer a segunda escalada do Gasherbrum IV. Consequentemente, Changazi tinha barras de proteína com rótulos alemães enfiados em todos os cantos do escritório, como o estoque de inverno de um esquilo abarrotado de nozes. E por trás da mesa, uma caixa que continha garrafas de uma bebida japonesa chamada

"Pokhari Sweat" incluía meia dúzia de pacotes de biscoitos de amêndoa.

Mas as guloseimas estrangeiras que Changazi mais apreciava atendiam pelo

nome de Hildegund e Isabella. Apesar de ele ter uma esposa e cinco filhos enfiados em sua casa na distante 'Pindi, e uma segunda mulher numa casa alugada próximo ao Departamento da Superintendência da Polícia em Skardu, Changazi passou a temporada turística servindo-se de uma variedade de turistas e alpinistas femininas que chegavam a Skardu aos borbotões.

Changazi contou a Mortenson como ele enquadrava seus flertes com sua devoção ao islamismo. Indo à mesquita logo depois de outro encontro com Inge ou Aiko, Changazi pedia ao mulá permissão para fazer uma muthaa, ou um casamento temporário. O costume ainda era comum nas regiões do Paquistão 'dita, para homens casados que estivessem distantes de suas mulheres, em guerra, viajando ou em ausência prolongada. Mas Changazi já havia feito diversas muthaas desde que a temporada de alpinismo começara em maio. Melhor santificar a união, mesmo que efêmera, aos olhos de Alá, Changazi explicou alegremente a Mortenson, do que simplesmente ter relações sexuais.

Mortenson perguntou se as mulheres baltis, cujos maridos estivessem distantes, também teriam permissão para fazer uma muthaa.

— Não, claro que não — respondeu Changazi, balançando a cabeça negativamente diante da ingenuidade da pergunta de Mortenson, antes de lhe oferecer um biscoito de amêndoa para molhar no chá.

Agora que o cabo estava encomendado e a caminho, Mortenson comprou uma passagem de ida num jipe para Askole. Subindo o vale do

Shigar, passaram sob pomares de macieiras e damasqueiros maduros. O ar estava tão límpido que as escarpas serrilhadas, ocres e avermelhadas, dos sopés de 5.500 metros de altitude do Karakoram pareciam tão próximas a ponto de serem tocadas. E a estrada era uma trilha de pedra e areia escavada na beira do penhasco.

Mas ao entrarem no vale do Braldu, as nuvens baixaram e cobriram o jipe, vindo rapidamente do sul. Isso indicava a monção que soprava da Índia. E quando chegaram a Askole, todos, no jipe sem janelas, estavam molhados e respingados de lama cinza.

Mortenson desceu na última parada, antes da aldeia de Askole, sob uma chuva forte que abria sulcos na estrada lamacenta. Korphe ainda estava a horas de caminhada, e o motorista não se deixara convencer a continuar subindo a trilha

na escuridão, então Mortenson, contrariado, teve de passar a noite sobre sacas de arroz numa loja ao lado da casa do nurmadhar de Askole, Haji Mehdi, espantando ratos que tentavam escapar do chão inundado.

De manhã ainda estava chovendo de forma apocalíptica, e o motorista do jipe já havia aceitado levar uma carga de volta para Skardu. Mortenson partiu a pé. Como início de trilha de todas as expedições, na direção nordeste para subir o Baltoro fora contaminada pelo contato intensivo com o pior tipo de alpinistas ocidentais que precisavam contratar carregadores ou comprar grampos que se esqueceram de trazer, e oportunistas esperando tirar vantagem deles. Como muitos lugares em extremos habitados, os comerciantes de Askole tinham a tendência de aumentar os preços e recusar-se rudemente de barganhar.

Caminhando por uma alameda com mais de meio metro de enxurrada, entre as paredes arredondadas dos casebres feitos de pedra e barro, Mortenson sentiu alguém atrás dele puxar o seu shalwar. Ele se virou e viu um menino, com a cabeça cheia de piolhos e a mão estendida para o Angrezi. Ele não sabia inglês para pedir dinheiro ou uma caneta, mas ele não poderia ter sido mais claro. Mortenson pegou uma maçã de seu alforje e deu-a ao menino, que a jogou na sarjeta.

Passando por uma plantação ao norte de Askole, Mortenson teve de colocar as fraldas do shalwar sobre o nariz devido ao mau cheiro. A plantação, um terreno usado por dezenas de expedições a caminho para escalar o Baltoro, estava coberta com centenas de pilhas de detritos humanos.

Um livro que lera recentemente, *Ancient Futures* [Futuros anciões], de Helena NorbergHodge, estava sempre na mente de Mortenson.

NorbergHodge passou 17 anos vivendo ao sul dessas montanhas, em Ladakh, uma região muito parecida com o Baltistão, mas separada do Paquistão pelo poder arbitrário que determinou a demarcação das fronteiras coloniais por todo o Himalaia. Após quase duas décadas estudando a cultura ladakhi, NorbergHodge passou a acreditar que preservar o modo de vida tradicional em Ladakh — grandes famílias vivendo em harmonia com a terra — traria mais felicidade a eles do que tentar "melhorar" o padrão de vida dos ladakhis com um desenvolvimento desordenado.

Eu costumava acreditar que a direção do "progresso" era, de certa forma,

inevitável, inquestionável — ela escreve. Eu aceitava passivamente uma nova estrada passando pelo meio do parque, um banco construído de vidro e aço onde costumava existir uma igreja de 200 anos... e o fato de que a vida parecia ficar mais difícil e mais rápida com o passar do tempo.

Não mais. Em Ladakh, aprendi que há mais do que um caminho para o futuro e tive o privilégio de testemunhar outro modo de vida mais saudável, um padrão de existência baseado na co-evolução entre os seres humanos e a Terra.

NorbergHodge continua a discutir não apenas que os fomentadores do desenvolvimento ocidental não deveriam impor cegamente

"melhoramentos" modernos a antigas culturas, mas que os países industrializados tinham de aprender com os povos como os ladakhis como construir sociedades sustentáveis.

"Eu vi", ela escreve, "que a comunidade e um relacionamento próximo com a terra podem enriquecer a vida humana muito além da riqueza material ou da sofisticação tecnológica. Aprendi que é possível fazer de outro modo."

Enquanto subia o desfiladeiro escorregadio até Korphe, tendo a corredeira do Braldu à direita, Mortenson temia pelo efeito que sua ponte causaria sobre aquela aldeia isolada.

— O povo de Korphe tinha uma vida árdua, mas também tinham uma rara pureza — diz Mortenson. — Eu sabia que uma ponte iria ajudá-los a chegar a um hospital em poucas horas em vez de em dias de viagem, e facilitaria a venda de suas colheitas. Mas não conseguia deixar de me

preocupar com o que o mundo exterior, que viria pela ponte, faria a Korphe.

Os aldeões de Korphe encontraram Mortenson na margem do rio e suspenderam-no na cesta para atravessá-lo para o outro lado. Em ambos os lados do rio, onde as duas torres da ponte ficariam, centenas de lajes de granito não lapidado estavam empilhadas, esperando a obra começar. Em vez de ter de atravessar as pedras sobre o rio, Haji Ali, no final, convenceu Mortenson a usar pedras cortadas das encostas a poucas centenas de metros de distância de cada uma das margens do rio. Korphe era muito pobre em recursos, mas dispunha de um suprimento infinito de pedras.

Atravessando a aldeia sob a chuva pesada, Mortenson conduzia uma procissão até a casa de Haji Ali, para convocar uma reunião sobre como deveriam fazer a ponte. Um iaque de pêlo preto e longo parara no caminho entre as duas casas, enquanto Tahira, filha de 10 anos de Hussein, o homem mais educado de Korphe, puxou o iaque por uma rédea presa a uma argola no nariz do animal e tentou forçá-lo a sair da frente. O iaque tinha outras intenções. Sem pressa, evacuou um monte de esterco sobre a lama, depois seguiu despreocupado para a casa de Tahira. Tahira tirou o véu branco que usava da frente e inclinou-se rapidamente para pegar o esterco. Arremessou contra a parede da casa de pedra mais próxima para que secasse sob o beiral, antes que o precioso combustível fosse carregado pela chuva.

Na casa de Haji Ali, Sakina apertou a mão de Mortenson dando-lhe boas-vindas, e ele percebeu que era a primeira vez que uma mulher balti o tocava. Ela sorriu, encarando-o corajosamente, como se quisesse surpreendê-lo. Em resposta, ele também ultrapassou um limite, e entrou em sua "cozinha", que era apenas uma fogueira cercada de pedras, algumas prateleiras e uma braçada de ripas de madeira ressequida sobre o chão de terra para serem cortadas. Mortenson abaixou-se para passar sob um ramo de gravetos, e cumprimentou Jahan, neta de Sakina, que sorriu sem graça, colocando seu véu cor de vinho entre os dentes, e escondeu-se por trás dela.

Sakina, rindo, tentou expulsar Mortenson da cozinha. Mas ele pegou um punhado de tamburok, um chá de ervas verdes da montanha, de uma urna de latão envelhecido e encheu o bule escurecido com água do rio guardada num galão de plástico. Mortenson atizou o fogo com os gravetos e pôs a água para ferver.

Mortenson serviu, ele mesmo, o chá verde amargo para o conselho de anciões de Korphe, depois pegou uma xícara e sentou-se numa almofada entre Haji Ali e a lareira, onde o esterco de iaque queimava, enchendo a sala com fumaça espessa.

— Minha avó ficou chocada quando doutor Greg entrou na cozinha

— diz Jahan. — Mas ela já o via como um filho, então aceitou. Logo, ela mudou o modo de pensar, e começou a provocar meu avô, dizendo que ele deveria aprender a ser mais solícito como o filho americano.

Quanto aos interesses de Korphe, no entanto, Haji Ali raramente relaxava a

vigilância.

— Sempre me surpreendi como, sem telefone, eletricidade ou rádio, Haji Ali se mantinha informado sobre tudo o que acontecia no vale do Braldu e fora dele — diz Mortenson.

Dois jipes que transportavam os cabos para a ponte haviam chegado a 30 quilômetros de Korphe, Haji Ali informou ao grupo, antes que uma avalanche de pedras bloqueasse a estrada. Como esta permaneceria bloqueada por várias semanas, e era pouco provável que as escavadeiras fossem enviadas de Skardu com o mau tempo, Haji Ali propôs que cada homem da aldeia, fisicamente capaz, se voluntariasse para carregar os cabos até Korphe para poderem começar a trabalhar na ponte imediatamente.

Com uma alegria que Mortenson achou surpreendente em homens que partiam para uma missão tão árdua, 35 baltis, desde adolescentes a Haji Ali e seus pares idosos de barba branca, caminharam por todo o dia seguinte sob a chuva, deram meia-volta, e passaram mais 12 horas carregando os cabos até Korphe. Cada rolo de cabo pesava 364 quilos, e eram necessários dez homens para carregar os grossos suportes de madeira de cada um.

Com 30 centímetros de altura a mais que os homens de Korphe, também Mortenson tentou carregar os rolos, mas inclinava tanto a carga que só pôde assistir aos outros homens trabalhando. Ninguém se importou.

A maioria trabalhara como carregador em expedições ocidentais, levando fardos igualmente pesados Baltoro acima.

Os homens marchavam alegres, mascando naswar, o fumo forte que Haji Ali distribuía da inesgotável reserva dos bolsos de seu colete.

Trabalhar tanto para melhorar a vida em sua aldeia em vez de buscar os

objetivos inatingíveis dos alpinistas estrangeiros era um prazer, Twaha disse a Mortenson, sorrindo debaixo da canga ao lado de seu pai.

Em Korphe, os homens cavaram fundações profundas em ambas as margens lamacentas do rio. Mas a monção continuava, e o concreto não secaria com o tempo úmido. Twaha e outros mais jovens propuseram sair para caçar íbex, enquanto persistia a chuva, e convidaram Mortenson a acompanhá-los.

Com tênis, capa de chuva, shalwar kamiz e um suéter de acrílico chinês barato, que comprara no mercado de Skardu, Mortenson se sentiu pouco preparado para fazer uma trilha em alta altitude. Mas nenhum dos outros seis homens estava mais bem-equipado do que ele. Twaha, o filho do nurmadhar, calçava um par de sapatos de couro marrom social reforçado que ganhara de um alpinista. Dois deles tinham sapatos trançados de pele de animal, e os outros usavam sandálias de plástico.

Eles saíram de Korphe e foram na direção norte sob a chuva pesada, atravessando plantações de trigo maduro que tomavam todo o terreno onde chegava a irrigação. Os cachos de trigo bem desenvolvidos pareciam miniespigas de milho. Sob os grossos pingos de chuva, eles balançavam-se na ponta das hastes. Twaha carregava a única arma do grupo no ombro, um mosquete inglês do início do período colonial. E Mortenson quase não acreditou que eles esperariam derrubar um íbex com essa peça de museu.

Mortenson viu a ponte que deixara passar ao regressar do K2, uma balouçante zamba de pêlo de iaque, amarrada entre duas grandes pedras de cada lado do Braldu. Ele sorriu ao vê-la. Ela conduzia a Askole e envolvia o lugar que ele estava começando a chamar de segundo lar. Era como olhar para o caminho menos interessante que sua vida poderia ter tomado se não tivesse se desviado pela trilha que o levaria a Korphe.

Enquanto escalavam, as encostas do cânion se estreitaram, e a chuva e a água respingada do Braldu os molhavam da mesma forma. A trilha subia pela vertiginosa parede do cânion. Gerações de baltis calçaram-na para que não sofresse a erosão causada pelas águas com pedras finas formando frágeis beirais. Os homens de Korphe, carregando apenas leves fardos nos cestos, caminharam por uma beirada de 60 centímetros de largura com a mesma segurança como se estivessem pisando em terreno firme. Mortenson pisava devagar, apoiando-se na parede do cânion com a ponta dos dedos. Ele estava atento à queda de 60 metros de altura até o Braldu que corria embaixo.

Aqui o rio se enfeava contrastando com a beleza dos picos de gelo que alimentavam o seu caudal. Reboando por uma catacumba de pedras negras amarronzadas e lisas, passando por fundas fissuras que a luz do sol mal alcançava, o pardacento Braldu parecia uma serpente contorcida. Era difícil acreditar que esta sombria torrente era a fonte de vida daqueles cachos dourados de trigo e de todas as colheitas de Korphe.

Na entrada da geleira de Biafo a chuva parou. Um fecho de luz rasgou o manto de nuvens e despontou o Bakhor Das, o pico a leste, num fulgor de luz amarela. Estes homens conheciam a pirâmide de 5.791 metros como Korphe K2, uma vez que sua pureza de forma reverberava o seu irmão maior, mais acima, no Baltoro, que pairava sobre suas casas como uma divindade protetora. Nos vales como o Alto Braldu, o Islã nunca venceu completamente as crenças animistas mais ancestrais. E os homens de Korphe interpretavam esta visão de sua montanha como um bom augúrio para a caçada. Liderados por Twaha, todos entoaram uma prece para as divindades do Karakoram, prometendo que abateriam apenas um íbex.

Para encontrarem um íbex, teriam que subir muito. O famoso biólogo e pesquisador George Schaller perseguiu o íbex e os demais de sua família por todo o Himalaia. Uma trilha com Schaller, em 1973, através do Nepal ocidental para estudar o bharal ou ovelha azul, tornou-se a base da obra-de-arte magistral de Peter Matthiessen, **The Snow Leopard** [O leopardo da neve]. Matthiessen consagrou o relato de sua longa caminhada pelas altas montanhas com um toque de peregrinação.

As maiores montanhas do mundo exigem mais do que simples apreciação física. No livro de Schaller, **Stones of Silence**, ele confessa que suas trilhas pelo Karakoram, que ele chamava de "a cordilheira mais enrugada da Terra", eram, para ele, tanto odisséias espirituais quanto expedições científicas. "Dificuldades e decepções marcaram essas viagens", escreve Schaller, mas, "as montanhas se transformam num desafio. Eu queria saber mais sobre o Karakoram."

Schaller subira este mesmo desfiladeiro havia duas décadas, recolhendo dados sobre os íbex, as ovelhas de Marco Polo, e fazendo o reconhecimento de áreas que ele esperava que o governo paquistanês transformasse no Parque Nacional do Karakoram. Mas depois de longos dias encarapitado em seu posto de observação, Schaller viu-se apenas admirando como os íbex haviam se adaptado tão maravilhosamente ao mais inabitável dos meios ambientes.

O íbex alpino é uma cabra montanhesa, grande e musculosa, facilmente identificada por seus longos chifres em formato de cimitarras que os baltis valorizam quase tanto quanto saboreiam a sua carne. Schaller descobriu que os íbex pastam mais alto do que qualquer outro animal no Karakoram. Seus cascos firmes permitiam que andassem por lajes estreitas em altitudes de até 5.200 metros, bem acima de seus predadores, os lobos e os leopardos da neve. No

limite onde ainda há vegetação, ruminavam as gramas alpinas e plantas rasteiras até o talo, e precisavam vagar de dez a 12 horas por dia em busca de comida para manter o peso.

Twaha parou junto à língua de solo congelado que marcava a extremidade da geleira do Biafo e pegou um pequeno objeto circular do bolso do casaco de lã vinho que Mortenson havia lhe dado na primeira visita a Korphe. Era um tomar, ou uma "medalha de coragem". Os baltis penduravam um tomar em volta do pescoço de um recém-nascido para afastar os espíritos malignos que culpavam pelos altos índices de mortalidade infantil em suas comunidades. E nem pensariam em estar num lugar tão perigoso quanto um rio congelado sem tomar as mesmas precauções. Twaha amarrou o medalhão elaborado, tecido com lã de seda vermelha e marrom, ao zíper do casaco de Mortenson. Cada um dos homens fixou o seu tomar no mesmo lugar, então puseram o pé na geleira.

Ao viajar com um grupo de caçadores em busca de comida, em vez de ocidentais que querem chegar aos picos mais altos pelos motivos mais complicados, Mortenson encarou este mar de gelo com outros olhos. Não é surpresa saber que os cumes do Himalaia permaneceram inconquistados até a metade do século XX. Por milhares de anos, os povos que viviam mais próximos às montanhas nunca pensaram em tentar uma coisa dessas.

Arrancar comida e manter-se aquecido para sobreviver no teto do mundo já consumia totalmente as suas energias.

Neste sentido, os baltis não eram tão diferentes dos íbex que perseguiram.

Escalaram na direção oeste, percorrendo um atalho sobre placas de gelo mutantes e lagos de águas azuis profundas. As águas ressoavam do fundo das fendas, e as pedras caíam, rompendo o silêncio, depois de fragmentar-se devido ao constante aquecimento e resfriamento de temperatura. Próximo, ao norte, em algum lugar dentro do cerco de nuvens baixas, estava Ogre, um penhasco de 7.285 metros, que somente fora conquistado em 1977, pelos alpinistas ingleses Chris Bonington e Doug

Scott. Mas Ogre descarregou sua vingança durante a descida, e Scott foi forçado a rastejar de volta até o acampamento-base com as duas pernas quebradas.

O Biafo se eleva a 5.059 metros no lago Neve antes de se unir à geleira Hispar, que desce até o vale do Hunza. Com 122 quilômetros de uma entrada à outra,

forma a mais longa geleira contínua fora das regiões polares. Esta rodovia natural também era o caminho que os grupos de ataque hunzas historicamente usaram para invadir o vale do Braldu. Mas o grupo de caça era o único a atravessar a passagem, exceto pelos rastros eventuais de leopardos da neve que Twaha apontava entusiasmado e dois abutres-barbudos¹⁷ que circulavam curiosos nos altos ventos acima dos caçadores.

17. O abutre-barbudo (Gypaetus barbatus) é originário das montanhas da Europa, Ásia e África. Tal abutre possui plumagem dorsal escura e ventral castanho-clara, cabeça e pescoço emplumados. Também é conhecido pelos nomes de abutre-das-montanhas, abutre-dos-cordeiros e quebra-ossos. (N.

da T.)

Caminhando por horas sobre gelo partido com seus tênis, os pés de Mortenson logo estariam congelados. Mas Hussein, o pai de Tahira, retirou a palha de sua mochila e forrou os Nikes de Mortenson com as folhas dobradas. Com isso, o frio tornou-se suportável. Apenas. Mortenson imaginou, sem tendas ou sacos de dormir, como eles conseguiram passar as noites de frio. Mas os baltis caçavam no Biafo muito antes de os ocidentais começarem a chegar com seus equipamentos de última geração.

A cada noite, dormiam em cavernas que se formavam nos depósitos laterais da geleira, tão conhecidos para os baltis como os poços d'água seriam para uma caravana de beduínos no deserto. Cada caverna tinha pilhas de galhos partidos e um pouco de folhas secas e gengibre para o fogo. Debaixo de pesadas pilhas de pedras, os homens retiravam sacas de lentilhas e arroz deixadas em visitas anteriores. E com os kurbas, pães com formato de crânio que assaram sobre pedras incandescentes, todos repuseram as forças de que precisavam para continuar a caçada.

Após quatro dias, avistaram o primeiro íbex. Era uma carcaça que jazia sobre a pedra, cuja carne fora extirpada por abutres-barbudos ou

leopardos da neve. No alto, numa laje acima dos ossos, Twaha viu um rebanho de 16 íbices pastando, e começou a gritar "Skinn! Skiin!", como são chamados

em balti.

Os grandes chifres encurvados recortavam-se sobre o céu nublado, mas muito alto para que conseguissem caçá-los. Twaha deduziu que um **rdo-rut**, uma avalanche, fizera a carcaça do ibex descer, por estar muito abaixo do local de pastagem. Ele cortou rente à nuca separando a cabeça com os chifres da espinha dorsal do animal e atou-a à mochila de Mortenson. Era um presente.

O Biafo tem fendas entre os altos cumes mais profundas que as do Grand Canyon. Eles subiram até a longa cordilheira norte de Latok, que rechaçou mais de uma dezena de expedições. Por duas vezes eles se aproximaram furtivamente dos rebanhos de íbices, mas os animais pressentiam a aproximação antes que estivessem perto o suficiente para tentar atirar com uma esperteza que deixava Mortenson admirado.

Pouco antes do anoitecer do sétimo dia, Twaha avistou o grande animal numa protuberância 18 metros acima. Ele verteu uma lata de pólvora no mosquete, colocou uma bala de aço, e fechou a tampa.

Mortenson e os demais rastejaram atrás dele, pressionados contra a base do penhasco, esperando ficar escondidos. Twaha puxou os dois gatilhos do cano do mosquete, firmou-o sobre uma pedra, e puxou de volta a trava em silêncio, mas não o suficiente. O íbex virou-se na direção deles. Eles estavam perto o bastante para ver sua longa barba se arrepiar de susto.

Mortenson viu os lábios de Twaha movendo-se em oração ao disparar a arma.

O som do tiro foi ensurdecador, e fez com que uma chuva de pedregulhos despencasse do alto. Um jato de pólvora cobriu o rosto de Twaha com uma película negra como se fosse um minerador. Mortenson tinha certeza de que Twaha tinha errado o tiro, porque o íbex continuou de pé. Então as patas dianteiras da cabra se dobraram, e Mortenson viu a fumaça de calor soltar-se no ar frio da ferida do pescoço do animal. O ibex relutou duas vezes para se manter de pé, ficou imóvel e tombou.

— **Allah-u-Akbhar!** — gritaram os aldeões de Korphe em uníssono.

O retalhamento começou no escuro. Depois, carregaram os pedaços da carcaça para a caverna e acenderam o fogo. Hussein manejava agilmente uma faca curva que tinha o mesmo comprimento de seu antebraço. Ele franziu o rosto longo e

inteligente, concentrado em separar

o fígado para dividi-lo com os demais. Mortenson, ao menos, estava satisfeito em sentir o calor da comida. De todos os aldeões de Korphe, Hussein foi o único a sair do Braldu e ser educado até o final do colégio na distante Lahore, na planície. Encurvado sobre a carcaça dentro da caverna, com os braços ensanguentados, Hussein, para Mortenson, parecia totalmente deslocado dos dias de estudo nas planícies escaldantes do Punjabi. Ele seria o professor ideal para a escola de Korphe, percebeu Mortenson. Ele seria capaz de fazer a ponte entre os dois mundos.

Quando o grupo de caça retornou a Korphe, a monção havia cedido e o tempo estava límpido. Foram recebidos na aldeia como heróis. Twaha seguia à frente ostentando a cabeça do íbex recém-capturado acima da dele. Mortenson, que carregava o seu presente, levantou a mochila, com os chifres daquela vítima da avalanche reluzindo acima de sua cabeça como se fossem seus.

Os homens distribuíram punhados de gordura de íbex cortada em cubos para as crianças que se juntavam à volta deles, chupando os pedaços como se fossem doces. As várias centenas de quilos de carne que carregavam nos cestos foram repartidas igualmente entre as famílias dos caçadores. E depois que carne foi cozida, e os miolos servidos num guisado com batatas e cebolas, Haji Ali colocou os chifres que o filho trouxera junto a uma fileira de troféus pregados acima da porta de casa, prova dos dias em que tinha forças para caçar também.

Mortenson levava seus esboços das pontes que cruzam o baixo Braldu a um engenheiro do Exército paquistanês, na capital regional de Gilgit. Ele examinou os desenhos de Mortenson, sugeriu algumas modificações para reforçar a estrutura, e fez uma planta detalhada para a ponte de Korphe, indicando o local exato da colocação dos cabos. Seu projeto determinava duas torres de pedra de 19,5 metros, encimadas por arcos de concreto armado, largos o suficiente para permitir a passagem das carretas de iaques e um vão de 86,56 metros; 18,28 metros acima do limite das cheias.

Mortenson contratou uma equipe de pedreiros experientes de Skardu para acompanhar a construção das torres. Quatro homens de Korphe levantavam os blocos de pedra lavrada e tentavam colocá-los na posição em cima da laje de cimento que os pedreiros haviam rebocado. As crianças apareciam para se divertir enquanto assistiam, e gritavam, formando uma torcida, encorajando pais

e tios, que se esforçavam segurando firme as

pedras. Bloco a bloco, duas torres de três andares foram erguidas de cada lado do rio, estreitando-se à medida que chegavam ao topo.

A boa temperatura fazia com que os longos dias de trabalho fossem agradáveis, e Mortenson exultava com os resultados visíveis a cada noite ao calcular quantos blocos de pedra haviam conseguido assentar naquele dia. Em boa parte do mês de julho, enquanto os homens construíam a ponte, as mulheres faziam a colheita. À medida que as duas torres eram erguidas acima do rio, as mulheres e crianças podiam vê-las se elevarem de cima dos telhados.

Antes que a claustrofobia do inverno se instalasse, o povo de Korphe passava maior parte do tempo ao ar livre. A maioria das famílias fazia as duas refeições do dia no telhado. E depois de devorar uma tigela de dal e arroz bebendo um chá forte de tamburok, depois de um bom dia de trabalho, Mortenson adorava se aquecer nos últimos raios de sol com a família de Haji Ali, e conversar nos telhados com as dezenas de famílias que faziam o mesmo.

NorbergHodge, surpreendentemente, cita o rei de outro país do Himalaia, o Butão, que diz que a verdadeira medida do sucesso de uma nação não é o produto nacional bruto, mas a "felicidade nacional bruta".

Sobre seus telhados secos e aquecidos, entre as frutas de sua colheita bem-sucedida, comendo, fumando, e jogando conversa fora, desfrutando do mesmo lazer dos parisienses sentados nas calçadas defronte aos cafés, Mortenson teve a certeza de que, apesar de tudo o que não tinham, os baltis ainda possuíam a chave para um tipo de felicidade descomplicada que estava desaparecendo no mundo desenvolvido tão rapidamente quanto as antigas florestas.

À noite, os homens solteiros como Twaha e Mortenson aproveitavam o tempo ameno para dormir sob as estrelas. Nessa época, o balti de Mortenson já era fluente, e ele e Twaha se sentavam para conversar muito depois de grande parte de Korphe já ter ido dormir. Seu assunto preferido eram as mulheres. Mortenson estava chegando aos 40, Twaha, prestes a completar 35.

Ele confidenciou a Mortenson quanto sentia falta de sua mulher, Rhokia. Ela morrera havia nove anos.

— Ela era linda — ele disse, deitado, enquanto olhavam para a Via Láctea que

parecia tão densa que parecia cobri-los como um véu. — Ela

tinha um rosto miúdo, como o de Jahan, e estava sempre saltitando, rindo e cantando, como uma marmota.

— Pretende se casar novamente? — perguntou Mortenson.

— Ah, isso é muito fácil para mim — explicou Twaha. — Um dia serei o nurmadhar e já possuo muitas terras. Por enquanto, não amo nenhuma outra mulher.

Ele baixou a voz e disse num sussurro:

— Mas, às vezes, eu... aproveito.

— Você pode fazer isso sem ter de se casar? — perguntou Mortenson.

Era algo que ele estava curioso para entender desde que viera para Korphe, mas nunca se sentira à vontade para perguntar.

— Sim, claro — respondeu Twaha. — Com viúvas. Temos muitas viúvas em Korphe.

Mortenson pensou nos quartos atulhados de gente embaixo, onde vários membros da família dormiam escarrapachados uns ao lado dos outros em cima das almofadas.

— Onde fazem isso, se é que me entende?

— No handhok, é claro — respondeu Twaha.

Toda casa de Korphe tinha um handhok, um pequeno celeiro coberto de palha sobre o telhado, onde armazenavam os grãos.

— Quer que eu ache uma viúva para você? Acho que algumas já adoram o doutor Greg.

— Não, obrigado — respondeu Mortenson. — Não creio que seja uma boa ideia.

— Tem uma namorada em sua aldeia? — perguntou Twaha.

Mortenson resumiu seus principais fracassos amorosos da última década, encerrando com Marina e notou, enquanto falava, que a ferida estava mais cicatrizada.

— Ah, ela deixou você, porque você não tinha uma casa — disse Twaha. — Isso acontece com frequência no Baltistão. Mas agora você pode dizer a ela que você tem uma casa e uma ponte quase pronta em Korphe.

— Ela não é quem eu quero — respondeu Mortenson, percebendo o peso do que estava dizendo.

— Então vai ter de encontrar logo uma mulher — disse Twaha —, antes que fique velho e gordo demais.

O dia em que amarraram o primeiro cabo entre as duas torres, correu a notícia, trazida pelos carregadores que retornavam do Baltoro, que um

grupo de americanos estava se aproximando. Mortenson estava sentado numa pedra na margem norte do Braldu com as plantas baixas do engenheiro. Ele estava checando, enquanto dois grupos estendiam os cabos principais usado com pares de iaques e os amarraram às torres o mais apertado possível, já que não tinham equipamento de tração. Então o mais ágil apertou os nós, trançando os cabos de suporte através dos pontos de engate que o engenheiro indicara, prendendo-os com as braçadeiras.

Descendo pela margem norte do Braldu, um americano, com um boné de beisebol branco, se aproximou, apoiado numa bengala. Ao seu lado, um guia local, musculoso e bem-apeado, seguia-o para protegê-lo.

— Meu primeiro pensamento foi: "Que homem grande sentado naquela pedra!" — disse George McCown — mas eu não conseguia identificá-lo. Ele tinha cabelos longos. Usava roupas locais. Mas dava para ver que não era paquistanês.

Mortenson escorregou da pedra e estendeu-lhe a mão.

— George McCown? — perguntou ele.

McCown apertou a mão de Mortenson e meneou a cabeça, incrédulo.

— Então, feliz aniversário — disse Mortenson, sorrindo, e entregou ao homem

um envelope fechado e selado.

George McCown era membro da diretoria da Fundação Americana do Himalaia, com Louis Reichardt e Sir Edmund Hillary. Ele passara seu sexagésimo aniversário subindo a trilha do K2 com os filhos, Dan e Amy, para visitar o acampamento-base de uma expedição que estava ajudando a patrocinar. O cartão de aniversário da diretoria do AHF havia chegado a Askole, e depois fora entregue a Mortenson pelas autoridades locais, que imaginavam que um americano saberia como localizar outro.

McCown fora o diretor executivo da empresa Boise Cascade e elevou o capital social de 100 milhões de dólares para 6 bilhões de dólares em seis anos, antes de ela ser dividida. Ele aprendera a lição. Na década de 1980, fundou a própria empresa de investimento em Menlo Park, Califórnia, e começou a comprar cotas de outras sociedades que haviam crescido demais, tornando-se inadministráveis. McCown ainda estava se recuperando de uma cirurgia no joelho, e depois de passar algumas semanas caminhando pela geleira e pensando se o joelho permitiria que voltasse à civilização, a visão de Mortenson alegrou-o sobremaneira.

— Depois de um mês longe de casa, eu estava, de repente, conversando com alguém muito competente, num lugar que pode se tornar

extremamente hostil — diz McCown. — Eu não poderia me sentir mais feliz em encontrar Greg Mortenson.

Mortenson disse a McCown como os recursos para a ponte e a escola haviam sido levantados apenas depois que Tom Vaughan escrevera uma mensagem para o newsletter da AHF. Ambos ficaram contentes com o encontro casual.

— Greg é um homem de quem se gosta e em quem se confia imediatamente — diz McCown. — É uma pessoa que não tem malícia. É

um gigante gentil. Observando todos aqueles operários trabalhando com ele para construir a ponte, ficava evidente que eles o amavam. Ele agia como se fosse um deles, e eu ficava pensando como um americano conseguira fazer isso.

Mortenson apresentou-se ao guia de McCown em balti e, quando ele respondeu em urdu, descobriu que ele não era um balti, mas um membro da tribo wakhi do remoto vale do Charpurson, na fronteira do Afeganistão, e que se chamava

Faisal Baig.

Mortenson perguntou ao seu conterrâneo se ele poderia lhe fazer um favor.

— Eu estava me sentindo isolado em Korphe, fazendo tudo sozinho

— diz Mortenson. — E eu queria que aquelas pessoas vissem que não era apenas eu, que havia um monte de outros americanos preocupados em ajudá-los.

— Ele me passou discretamente um grande maço de rúpias — diz McCown —, e me pediu para agir como se fosse o chefe na América.

Então, entrei na dança. Passei como se desse as ordens por ali, pagando o salário a cada um, dizendo que estavam fazendo um excelente trabalho, e que se dedicassem com afinco, terminando o serviço o mais rápido possível.

McCown se foi, acompanhando os familiares. Mas este dia em que os cabos foram estendidos entre as duas torres os ligaria mais do que as margens norte e sul do Braldu. Como a vida de estrangeiros no Paquistão se tornaria cada vez mais perigosa, Baig ofereceu-se para trabalhar como guarda-costas — de Mortenson. De sua banca em Menlo Park, McCown se tornaria um dos defensores mais poderosos de Mortenson.

No final de agosto, dez semanas depois de perfurar o solo lamacento, Mortenson parou no meio do vão de 86,56 metros, admirando os belos arcos de concreto de cada ponta, as fortes bases de pedra de três andares, e

a trama dos cabos que unia tudo. Haji Ali lhe ofereceu a última tábua e pediu que a pregasse no lugar. Mas Mortenson insistiu que era ele quem deveria concluir a ponte de Korphe. Haji Ali elevou a tábua acima da cabeça e agradeceu a Alá Todo-Poderoso por ter tido a bondade de enviar aquele estrangeiro à sua aldeia, então se ajoelhou, e tampou a última fenda sobre as espumas do Braldu. Do ponto de observação, bem acima da margem sul do rio, as mulheres e crianças de Korphe gritaram em aprovação.

Sem dinheiro novamente, e ansioso para não gastar os fundos que ainda lhe restavam para a escola, Mortenson se preparou para voltar a Berkeley, e passar o inverno e a primavera fazendo dinheiro suficiente para retornar. Na última noite em Korphe, ele se sentou no telhado com Twaha, Hussein e Haji Ali e fizeram os planos para cavar as fundações da escola no verão seguinte. Hussein queria doar

um terreno de sua mulher Hawa para a escola. Possuía uma vista indevassável para o Korphe K2, o tipo de visão que Mortenson pensou que encorajaria os alunos a mirarem para o alto. Ele aceitou, com a condição de que Hussein se tornasse o primeiro professor da escola de Korphe.

Eles selaram o acordo com um chá extremamente adocicado preparado para a ocasião e vários apertos de mão, e conversaram animados sobre a escola até bem depois do anoitecer.

Duzentos e cinquenta metros abaixo, luzes de lampiões fulgiam sobre o Braldu, enquanto o povo de Korphe passeava curioso, indo e vindo sobre a barreira que os separara tão completamente do resto do mundo, o mundo ao qual Mortenson relutava em regressar.

Capítulo 11

Seis dias

Há uma vela em seu coração pronta para ser iluminada.

Há um vazio em sua alma pronto para ser preenchido.

Consegue sentir isso, não?

— Rimai

NA UNIDADE DE QUEIMADOS DE ALTA BATES, (18) UMA CONSTELAÇÃO DE LUZINHAS verdes e vermelhas piscava sobre uma bancada de monitores. Embora fossem quatro horas da manhã, e estivesse metido por trás do balcão de atendimento dos enfermeiros, tentando, sem sucesso, encontrar uma posição confortável numa cadeira de plástico projetada para alguém muito menor que ele, Mortenson deu-se conta de algo que não sentia desde a noite em que deixara cair a garrafa de Baileys dentro da lata de lixo no Praia Hotel — felicidade.

18. Alta Bates Summit Medical Center: hospital localizado em San Francisco. Seus três campi estão situados em Berkeley e Oakland. O hospital recebeu esse nome em homenagem a uma enfermeira. (N. da T.)

Algumas horas antes, Mortenson passara uma pomada antibiótica nas mãos de um menino de 12 anos, cujo padrasto prensara contra o fogão, depois fez um novo curativo com as compressas. Fisicamente, pelo menos, o menino estava cicatrizando. Se não fosse por isso, seria uma noite tranquila. *Ele não precisara viajar para o outro lado do mundo para ser útil*, pensou Mortenson. Estava sendo útil aqui mesmo. Mas cada plantão e os dólares se somando na conta bancária do

Bank of America faziam com que Mortenson se aproximasse do dia em que poderia dar continuidade à construção da escola de Korphe.

Ele estava novamente vivendo no quarto alugado no apartamento de Witold Dudzinski e, aqui, na enfermaria semivazia, estava feliz em passar uma noite pacífica, longe da fumaça e do cheiro de vodca. O uniforme cirúrgico alaranjado de Mortenson parecia um pijama, e a luz era reduzida o bastante para ele cochilar. Se ao menos a cadeira lhe permitisse.

Sonolento, Mortenson voltou a pé para casa depois do plantão. O céu escuro começava a clarear por trás da serra de Berkeley Hills, enquanto bebericava um grosso café, entre mordidas de um pão doce da padaria cambojana. Parado em fila dupla, ao lado do caminhão de Dudzinski, estava um Saab preto, diante da casa de Mortenson. E deitada sobre o banco reclinado, deixando entrever apenas os lábios sob as negras madeixas, estava a dra. Marina Villard. Mortenson lambeu o açúcar dos dedos e, em seguida, abriu a porta do lado do motorista.

Marina se sentou, se espreguiçando, e espantou o sono.

— Você não atendia ao telefone — disse ela.

— Eu estava trabalhando.

— Deixei um monte de recados — disse ela. — Simplesmente apague-os. — O que está fazendo aqui? — perguntou Mortenson.

— Não está feliz em me ver?

Mortenson percebeu que não estava.

— Claro — disse ele. — Como vai você?

— Para dizer a verdade, não muito bem.

Ela virou o espelho retrovisor e mirou-se, antes de passar o batom vermelho.

— O que aconteceu com Mario?

— Um equívoco — respondeu ela.

Mortenson não sabia o que fazer com as mãos. Colocou o copo de café sobre o capô do Saab, depois segurou-o firme com o braço ao longo do corpo.

— Estou com saudades — disse Marina.

Ela puxou a alavanca para reerguer o banco, e o encosto bateu na parte de trás da cabeça.

— Nossa. Está com saudades de mim?

Mortenson teve uma sensação mais forte do que a cafeína da bebida que trouxera da padaria atravessando-lhe o corpo. Aparecer assim, depois de todo esse tempo. Todas as noites passadas no saco de dormir, no chão poeirento de Dudzinski, tentando banir de seus pensamentos tanto ela

quando o sentimento de ter encontrado e depois perdido uma família, para finalmente conseguir dormir.

— A porta está fechada — respondeu Mortenson, batendo-a na cara de Marina Villard e subindo as escadas em direção ao fedor de cigarro e vodca derramada e cair no sono.

Agora que uma ponte estava construída sobre o alto Braldu, e o material para o qual ele forçara Changazi a escrever e assinar um inventário estava pronto para se transformar numa escola; agora que não se sentia como se estivesse se escondendo no apartamento de Dudzinski, apenas economizando até regressar para concluir o trabalho no Paquistão, Mortenson curti conversar com todos que tivessem qualquer ligação com o Karakoram.

Ligou para Jean Hoerni, que lhe enviou uma passagem de avião para Seattle, pedindo-lhe que trouxesse as fotografias da ponte. No apartamento de cobertura de Hoerni, com uma vista deslumbrante sobre o lago Washington e as Cascatas mais além, Mortenson encontrou o homem que achara tão intimidador ao telefone. O cientista era franzino, com um bigode caído e olhos escuros que mediam Mortenson através das lentes de fundo de garrafa. Mesmo aos 70 anos, ele tinha o vigor de alguém que não deixara de ser alpinista ao longo de toda a sua vida.

— Eu sentia medo de Jean, no começo — diz Mortenson. — Ele tinha a fama de ser grosseiro, mas não poderia ter sido mais gentil comigo.

Mortenson desfez a mochila e, logo, Hoerni e ele se debruçaram sobre a mesinha de centro da sala para estudar as fotos, as plantas de projeto, e os mapas que se espalhavam sobre o tapete de cor clara. Hoerni, que fizera duas vezes a trilha para o acampamento-base do K2, conversou com Mortenson sobre todas as aldeias, como Korphe, que não estavam nos mapas. E sentiu um imenso prazer em marcar, com caneta preta, num mapa, a nova ponte sobre o alto Braldu.

— Jean entendeu-se com Greg imediatamente — diz Jennifer Wilson, viúva de Hoerni, que mais tarde se tornou membro da diretoria do Instituto da Ásia Central. — Ele gostava do modo atrapalhado e pouco circunspecto de Greg. Gostava de saber que Greg atuava de forma independente. Jean era um empreendedor e tinha respeito por quem tentasse fazer algo difícil.

Quando leu sobre Greg pela primeira vez no newsletter da AHF, ele me disse: "Americans preocupam-se com budistas, não com muçulmanos.

Este cara não vai conseguir qualquer ajuda. Vou ter de fazer isto acontecer."

— Jean fez muito em vida — diz Jennifer —, mas o desafio de construir a escola de Korphe entusiasmou-o tanto quanto o seu trabalho científico. Ele realmente se sentia ligado àquela região. Depois que Greg saiu, ele me disse: Acho que este rapaz tem 50% de chance de conseguir o que ele quer. E se conseguir, terá ainda mais força."

De volta à Área da Baía, Mortenson ligou para George McCown, e ambos recordaram os fatos que os aproximaram do outro lado do planeta, numa trilha do alto Braldu. McCown o convidou para um encontro na Associação Americana do Himalaia no início de setembro, onde Sir Edmund Hillary faria uma palestra. Mortenson disse que iria até lá para encontrá-lo.

Na quarta-feira, 13 de setembro de 1995, Mortenson, com um paletó esporte de lã marrom que pertencera a seu pai, calças cáqui e sapatos de couro gastos sem meias, chegou ao hotel Fairmont. No alto de Nob Hill, o suntuoso Fairmont está localizado na única interseção para onde convergem todas as linhas de trolés da cidade, um lugar perfeito para a tarde que uniria tantas peças soltas da vida de Mortenson.

Em 1945, diplomatas de quarenta países se reuniram no Fairmont para redigir a Carta das Nações Unidas. Cinquenta anos depois, os convidados do jantar anual beneficente da Fundação Americana do Himalaia no Salão Veneziano

apresentavam a mesma multiplicidade de culturas. Investidores capitalistas bem-educados e gerentes de fundos financeiros lotavam o bar, ombro a ombro com alpinistas inquietos, desconfortáveis de paletó e gravata. As mulheres da sociedade de San Francisco, em vestidos de veludo preto, riam de piadas contadas por monges budistas tibetanos em túnicas cor de canela.

Mortenson inclinou-se para a frente ao entrar no salão e recebeu uma kata, um cachecol de seda branca usado para orar, que as recepcionistas colocavam sobre o pescoço de cada convidado. Ele se endireitou, segurando o cachecol, e deixou-se envolver pelo som das quase mil vozes das pessoas à sua volta, enquanto se situava. O salão estava cheio de associados, um tipo de lugar que nunca conseguira frequentar, e Mortenson se sentiu um estranho. Então viu George McCown acenando do bar, onde se inclinava para ouvir o que um homem mais baixo lhe dizia, que reconheceu ser Jean Hoerni. Aproximou-se e abraçou os dois.

— Acabei de dizer a George que ele precisa lhe dar fundos — disse Hoerni.

— Bem, já devo ter o suficiente para terminar a escola, se eu contiver as despesas — disse Mortenson.

— Não para a escola — retrucou Hoerni. — Para você. Como pretende se manter até acabar de construí-la?

— Que acha de 20 mil dólares? — perguntou McCown.

Mortenson não sabia o que dizer. Sentiu o rosto corar.

— Posso entender esta reação como um sim? — perguntou McCown.

— Pegue uma bebida para ele — disse Hoerni, sorrindo. — Acho que Greg está a ponto de desmaiar.

Durante o jantar, um fotojornalista bem-vestido, sentado à mesa com Mortenson, ficou tão surpreso ao vê-lo com as canelas de fora num jantar formal, que foi à loja de presentes do hotel comprar um par de meias para ele. Fora isso, Mortenson lembra-se pouco do jantar daquela noite, tamanho o estupor que sentia, maravilhado que seus problemas financeiros tivessem desaparecido como num passe de mágica.

Mas ouvir um dos seus heróis proferir uma palestra após o jantar seria uma experiência inesquecível. Sir Edmund Hillary subiu ao palco mancando, lembrando mais o criador de abelhas que ele fora do que o homem célebre sagrado cavaleiro pela rainha da Inglaterra. "Ed dos Extremos",¹⁹ como Hillary costumava referir-se a si mesmo, tinha sobrancelhas grossas sob um tufo de cabelos finos e emaranhados, e dentes malcuidados. Aos 75 anos, o cidadão mais famoso da Nova Zelândia mancava um pouco, e não parecia que pudesse voltar a escalar um pico a 8

mil metros de altitude. Mas, para os entusiastas do Himalaia reunidos ali, ele era uma lenda viva.

19. "Ed from the Edge", em inglês, é um trocadilho intraduzível, entre Ed de Sir Edmund, prenome de Hillary, e

"edge", que quer dizer "extremo", "limite", "fronteira", entre outras acepções. (N. da T.)

Hillary começou projetando slides de sua expedição pioneira ao Monte Everest em 1953. Tinham os tons brilhantes e irreais das antigas fotos em Kodachrome e, nelas, aparecia eternamente jovem, bronzeado e

com olhos semicerrados. Hillary minimizou a primeira escalada, dizendo que muitos poderiam ter chegado ao cume antes dele e Tenzing Norgay.

— Eu era apenas um alpinista entusiasmado com pouca habilidade, disposição e empenho, e com a imaginação e a determinação necessárias

— ele disse diante de uma platéia silenciosa. — Eu era apenas um cara comum. Foi a mídia que tentou me transformar em herói. Mas aprendi, com o passar dos anos, que se não dermos ouvidos a toda baboseira que dizem sobre nós, nada poderá nos prejudicar demais.

Depois das fotos obrigatórias do Everest, Hillary mostrou as tiradas nas décadas de 1960 e 1970, de ocidentais robustos e sherpas franzinos trabalhando lado a lado para construir as escolas e as clínicas no Nepal.

Em uma das imagens tiradas durante a construção de seu primeiro projeto humanitário, uma escola com três salas de aula, concluída em 1961, via-se um Hillary sem camisa, em cima de uma viga no telhado, de martelo na mão. Nas quatro décadas após ter chegado ao teto do mundo, Hillary, em vez de se deitar sobre os louros, voltou várias vezes à região do Everest e, com Rex, seu irmão caçula, construiu 27 escolas, 12 clínicas e dois campos de aterrissagem para os suprimentos chegarem mais facilmente à região do Khumbu.

Mortenson estava tão inquieto que não conseguia continuar sentado.

Desculpou-se e levantou da mesa, indo até os fundos do salão, onde ficou andando de um lado para o outro durante a palestra de Hillary, sem saber se absorvia cada palavra do que ele dizia ou se pegava o primeiro avião que o levasse até Korphe para logo começar o trabalho.

— Não sei se quero ser lembrado por algum feito em especial — ele ouviu Hillary dizer. — Tive grande satisfação em escalar o Everest. Mas o meu feito mais importante foi construir as escolas e as clínicas médicas.

Isso me realizou mais do que deixar uma pegada na montanha.

Mortenson sentiu alguém tocá-lo no ombro e se virou. Uma mulher bonita, num vestido preto, estava sorrindo para ele. Ela tinha cabelos ruivos e curtos, e parecia familiar de uma forma que Mortenson não conseguia entender.

— Eu sabia quem Greg era — diz Tara Bishop. — Tinha ouvido falar sobre o que ele estava tentando fazer, e achei que tinha um sorriso maravilhoso, então decidi me apresentar a ele.

Começaram o tipo de conversa que flui, ininterrupta, um assunto comum puxando outro, um diálogo que continua até hoje.

Sussurrando no ouvido um do outro para não atrapalhar quem estava prestando atenção à palestra de Hillary, os dois ficaram bem juntinhos.

— Greg jura que coloquei minha cabeça no ombro dele — diz Tara.

— Não me lembro disso, mas é possível. Eu me senti completamente envolvida por ele. Lembro de olhar para as mãos dele. Pareciam grandes e fortes, e eu tinha vontade de segurá-las.

O pai de Tara, Barry Bishop, fotógrafo da revista National Geographic, atingiu o pico do Everest em 22 de maio de 1963, como parte da primeira expedição americana a chegar ao topo. Ele escolheu o caminho para escalar a cadeia do cume estudando as fotos da rota fornecidas pelo amigo Sir Edmund Hillary. Bishop documentou a árdua subida para a National Geographic. "O que fazemos quando finalmente chegamos ao topo e despencamos?", escreveu Bishop. "Choramos. Sem qualquer inibição, choramos como bebês. De alegria por ter escalado a maior de todas as montanhas; de alívio, pois a longa tortura da subida terminou."

Seu alívio foi prematuro. Ao descer, Bishop quase caiu de uma laje que o levaria até o Tibet. Ele ficou sem oxigênio, escorregou numa fenda, sofreu queimaduras de frio tão sérias que precisou ser levado para a aldeia de Namche Bazaar por equipes de sherpas, antes de ser removido de helicóptero para um hospital em Katmandu. No final da expedição, Bishop perdera a ponta dos dedos mindinhos, todos os dedos dos pés, mas mantinha o respeito que nutria pelos pioneiros como Hillary que o precedera na escalada ao Everest. "No silêncio do hospital, eu ponderei as lições que aprendemos", ele escreveu. "O Everest é uma imensidão cruel e hostil. Quem o desafiar está declarando guerra. Deve preparar o seu ataque com a habilidade e a impiedade de uma operação militar. E quando a batalha termina, a montanha permanece invicta. Na realidade, não há vencedores; há apenas sobreviventes."

Barry Bishop sobreviveu para voltar para casa em Washington, D.C., onde o presidente Kennedy realizou uma recepção de boas-vindas aos heróis alpinistas no Jardim Rosa da Casa Branca para ele e seus companheiros de expedição. Em 1968, colocou a mulher Lila, o filho Brent e a filha Tara num trailer de camping e dirigiu de Amsterdã a Katmandu. Mudaram-se para Jumla, no Nepal ocidental, onde viveram por dois anos, enquanto Bishop terminava a pesquisa de doutorado sobre as antigas rotas comerciais. George Schaller visitou sua casa, subindo e

descendo as trilhas para fazer um levantamento sobre a fauna silvestre no Nepal, em risco de extinção.

Bishop sobreviveu para trazer a família de volta a Washington, onde foi eleito presidente da Comissão de Pesquisa e Exploração da National Geographic. Em Washington, Tara se lembra, o amigo do pai, Ed Hillary, vinha visitá-los, e os dois incansáveis alpinistas passavam noites ociosas, escarrapachados em frente à televisão, bebendo cerveja barata, trocando memórias sobre o Everest, e

assistindo a uma pilha de velhos filmes de faroeste alugados, que ambos adoravam. Ele sobreviveu para se mudar, em 1994, com a mulher para Bozeman, Montana, e montar uma das melhores bibliotecas particulares do mundo sobre o Himalaia no porão de sua casa.

Mas Barry Bishop não sobreviveu à viagem de carro até San Francisco. Um ano antes, com a mulher, Lila, a caminho para proferir uma palestra neste mesmo evento, o jantar anual beneficente da Fundação Americana do Himalaia, o carro Ford Explorer de Bishop, viajando a 135

quilômetros por hora, perdeu a direção em Pocatello, Idaho, e capotou quatro vezes, até parar num banco de areia. A mãe de Tara estava usando o cinto de segurança e sobreviveu com ferimentos leves. Mas o pai de Tara não estava usando o seu. Foi arremessado para fora do carro e morreu de hemorragia cerebral.

Tara Bishop se viu contando toda essa história a um completo estranho ao seu lado no salão de festas, à meia-luz: que o explorador estava trazendo todos os desenhos de jardim-de-infância e os diários de Tara para ela. Que desconhecidos recolheram, no local do acidente, todas as lembranças pessoais, espalhadas por toda a pista, e as devolveram a ela.

Que ela e seu irmão Brent visitaram o local, para pendurar panos com orações nos arbustos do acostamento e derramaram uma garrafa de gim Bombay, o favorito de seu pai, sobre as manchas de sangue ainda frescas sobre a areia.

— A coisa mais estranha era que não parecia estranho — diz Tara. —

Abrir o coração para Greg fazia mais sentido do que qualquer outra coisa que eu fizera em um ano desde que o meu pai morrera.

Quando as luzes se acenderam no Salão Veneziano, onde Tony Bennett cantou pela primeira vez sua música-tema "I left my heart in San Francisco", [Deixei o meu coração em San Francisco]. Mortenson sentiu o seu coração puxá-lo em direção à mulher que acabara de conhecer.

— Tara estava usando saltos altos, coisa de que nunca gostei —

lembra-se Mortenson. — No final da noite, os seus pés estavam doendo e ela calçou um par de botas do Exército. Não sei por que isso me pegou, mas foi o

que aconteceu. Eu me sentia como um adolescente. Ao vê-la com aquele vestido preto curto e as botas gigantes, tive a certeza de que ela era a mulher para mim.

Juntos, foram cumprimentar Hillary, que disse a Tara quanto ele sentira ao saber da morte de seu pai.

—Foi incrível — diz Mortenson. — Eu estava mais emocionado em ter conhecido Tara do que em falar com o homem que idolatrara por tanto tempo.

Mortenson apresentou Tara a Jean Hoerni e George McCown e, depois, saíram do salão de festas seguindo o fluxo de pessoas até o hall de entrada.

— Tara sabia que eu não tinha carro e se ofereceu para me levar em casa — diz Mortenson. — Eu já tinha uma carona acertada com outros amigos, mas fingi que não tinha, e dei o bolo neles para ficar com ela.

Mortenson chegara ao hotel Fairmont num estado que havia se tornado corriqueiro em sua vida nos últimos tempos, sem dinheiro e solitário, e saía com a promessa de uma renda anual, de braço dado com a futura mulher.

Passando pelas ruas do bairro financeiro de San Francisco no Volvo cinza de Tara, pelo trânsito congestionado da via expressa 101 e cruzando a Ponte da Baía, Mortenson contou suas histórias para Tara. Sobre a infância em Moshi. Sobre a pimenteira, o hospital do pai e a escola da mãe. Sobre a morte de Christa. E depois a morte de Dempsey. Bem acima das águas escuras da baía de San Francisco, navegando em direção às luzes de Oakland Hills, que brilhavam como estrelas desconhecidas, Mortenson estava construindo outra ponte, tecendo histórias para unir duas vidas.

Eles estacionaram em frente ao apartamento de Dudzinski.

— Queria convidar você a entrar — disse Mortenson –, mas lá dentro é uma bagunça infernal.

Ficaram no carro conversando por mais duas horas, sobre o Baltistão e os obstáculos que teve de enfrentar para construir a escola de Korphe. E

sobre Brent, irmão de Tara, que planejava a sua própria expedição para o Everest.

— Sentada no carro ao lado dele, lembro de ter tomado uma decisão

— diz Tara Bishop. — Não tínhamos sequer nos tocado ainda, mas lembro-me de ter pensado: "Vou estar com este homem pelo resto da minha vida." Foi um sentimento muito calmo e amoroso.

— Você se importaria se eu o raptasse? — perguntou ela.

Em seu estúdio-apartamento, uma garagem reformada no charmoso bairro de Rockridge, em Oakland, Tara Bishop serviu duas taças de vinho, e beijou-o longamente pela primeira vez. Tashi, sua terrier tibetana, meteu-se entre os seus pés, latindo nervosamente para aquele estranho.

— Bem-vindo à minha vida — disse Tara, afastando-se para olhar bem para o rosto de Mortenson.

— Bem-vinda ao meu coração — disse ele, envolvendo-a num abraço.

Na manhã seguinte, quinta-feira, voltaram de carro pela Ponte da Baía para o Aeroporto Internacional de San Francisco. Mortenson tinha uma reserva num vôo da British Airways para o Paquistão que deveria partir no domingo. Mas juntos contaram a história a uma agente no balcão de passagens, e convenceram-na a remarcar o vôo para o domingo seguinte, dispensando-o da multa.

Tara tinha acabado de se formar e terminado o doutorado na Escola de Psicologia Profissional da Califórnia, antes de iniciar a carreira que planejava seguir como psicóloga clínica. Com o fim das aulas, seu horário estava livre. E Mortenson não tinha mais plantões marcados no hospital, então passaram todos os instantes de todos os dias seguintes juntos, inebriados com a sua boa sorte. No velho Volvo de Tara, viajaram três horas para o sul até Santa Cruz, e se hospedaram na casa dos parentes de Mortenson na praia.

— Greg foi incrível — diz Tara. — Ele se sentia muito à vontade compartilhando sua vida e família comigo. Tive alguns relacionamentos bastante tortuosos antes e me dei conta de como é bom estar com a pessoa certa.

No domingo em que Mortenson deveria partir para o Paquistão, eles estavam voltando de carro para a Área da Baía, atravessando as colinas amarronzadas encimadas por florestas verdes de carvalhos entrelaçados.

— Então, quando vamos nos casar? — perguntou Tara Bishop, e se virou para olhar para o passageiro ao seu lado, o homem que conhecera havia apenas quatro dias.

— Que tal terça-feira? — retrucou Mortenson.

Na terça, dia 19 de setembro, Greg Mortenson, usando calças cáqui, uma camisa marfim de seda crua e um colete tibetano bordado, subiu as escadas da Prefeitura de Oakland de mãos dadas com a noiva, Tara Bishop.

Ela estava vestindo um blazer de linho e uma minissaia floral. E em deferência ao gosto do homem que logo se tornaria seu marido, ela deixou os sapatos de salto alto em casa e foi para o casamento com sandálias baixas.

— Pensamos que iríamos assinar os papéis, receber a certidão de casamento e fazer uma cerimônia com as famílias quando Greg voltasse do Paquistão — diz Tara.

— Mas a Prefeitura de Oakland fazia casamentos completos. Por 83

dólares, o casal era conduzido por um juiz municipal a uma sala de reunião e pedia que ficassem próximo a uma parede sob um arco de flores de plástico brancas coladas sobre um quadro de avisos. Uma mulher hispânica de meia-idade, chamada Margarita, que estava de plantão na secretaria do juizado, apresentou-se como testemunha, e chorou durante toda a cerimônia.

Seis dias depois de sussurrarem no ouvido um do outro num salão à meia-luz do hotel Fairmont, Greg Mortenson e Tara Bishop fizeram seus votos de casamento.

— Quando o juiz chegou à parte que diz "na riqueza e na pobreza", Greg e eu caímos na gargalhada — diz Tara. — A essa altura, eu já tinha visto onde ele morava no apartamento de Witold, e como costumava pegar as almofadas de sofá toda noite para ter algo mais macio sob o saco de dormir. Eu me lembro de pensar em duas coisas ao mesmo tempo: "Estou me casando com um homem que não tem uma cama. E, Deus, como eu o amo."

Os recém-casados telefonaram a vários amigos que ficaram boquiabertos e pediram para vir encontrá-los num restaurante italiano em San Francisco para comemorar. Um dos amigos de Mortenson, James Bullock, era motorneiro de trole. Ele insistiu para o encontrarem à beira da baía de San Francisco, no

terminal de embarque do trólebus no Embarcadero. Na hora do **rush**, Bullock conduziu-os ao seu trole vermelho e dourado lotado de passageiros, depois tocou a sineta e anunciou a todos o casamento daqueles dois amigos. Enquanto o trole abria caminho pelo bairro financeiro, os moradores de San Francisco davam-lhes charutos, dinheiro e congratulações.

Após a última parada, Bullock trancou as portas e levou os recém-casados para uma volta especial por San Francisco, tocando a sineta ao longo de todo o caminho. O trole seguiu magicamente suspenso pelo cabo invisível, subiu até Nob Hill, passando pelo hotel Fairmont, seguindo pelas ruas vertiginosas, onde a vista mais impressionante de San Francisco se estende em direção ao norte. De braço dado com a mulher, Greg Mortenson assistiu ao sol se pôr sobre o Pacífico além da Golden Gate Bridge, (20) pintando a Angel Island (21) num tom rosado que sempre remeteria à cor exata da felicidade. Ao sentir uma dor muscular incomum no rosto, percebeu que estava sorrindo por seis dias sem parar.

20. Literalmente, Ponte do Portão Dourado. (N. da T.) 21. Ilha do Anjo. (N. da T.)

— Quando conto a história de como me casei com Tara, sempre se espantam — diz Mortenson. — Mas casar com ela depois de seis dias não parece estranho para mim. Foi o que meus pais fizeram e funcionou com eles. O que me surpreende é ter conhecido Tara. Encontrei a única pessoa no mundo com quem eu deveria estar.

No domingo seguinte, Mortenson encheu a mochila, enfiou a capanga com notas de 100 dólares no bolso do paletó e dirigiu até o aeroporto.

Depois de estacionar na área de embarque, não conseguia sair do carro.

Mortenson virou-se para a mulher, que estava sorrindo sob o efeito do mesmo pensamento.

— Eu vou perguntar — disse Mortenson. — Mas não sei se vão me deixar adiar novamente.

Mortenson adiou o voo por duas outras vezes, sempre trazendo a bagagem para o aeroporto, caso não permitissem o adiamento. Mas ele não precisava ter se preocupado. A história de Greg e Tara havia se transformado numa lenda romântica no balcão de passagens da British Airways, e as agentes continuaram abrindo exceções para dar a Mortenson mais tempo para conhecer a nova esposa.

— Foi um período de duas semanas muito especial, um tempo secreto

—diz Mortenson. — Ninguém sabia que eu ainda estava na cidade, e nos entrincheiramos no apartamento de Tara, tentando recuperar todos os anos que não tínhamos nos conhecido.

— Finalmente, saí para respirar e liguei para minha mãe — diz Tara.

— Ela estava no Nepal pronta para começar uma escalada.

— Depois que Tara me achou em Katmandu, ela me disse para eu me sentar. É o tipo de ligação de que nunca se esquece — diz Lila Bishop. —

Minha filha ficava repetindo a palavra "maravilhoso", "maravilhoso", mas tudo o que eu conseguia ouvir era "seis dias".

— Eu disse a ela: "Mãe, me casei com o homem mais maravilhoso do mundo." Ela pareceu chocada. E percebi que ela reagiu de modo cético, mas se recompôs e fez força para se sentir feliz por mim. Ela disse: “Bem, você tem 31 anos e beijou um monte de sapos. Se acredita que este seja o seu príncipe, então tenho certeza de que ele é.

Na quarta vez que o Volvo cinza estacionou diante da British Airways, Mortenson despediu-se com um beijo da mulher como se a conhecesse a vida inteira, e carregou a mochila até o balcão de passagens.

— Tem certeza que quer embarcar desta vez? — provocou a agente de passagens. — Tem certeza do que está fazendo?

— Ah, sim, tenho certeza — respondeu Mortenson, e virou-se para acenar uma última vez através do vidro para a mulher, que também se despedia dele de

longe. — Nunca tive tanta certeza na vida.

Capítulo 12

A lição de Haji Ali

Parece absurdo acreditar que uma cultura "primitiva" no Himalaia possa ter qualquer coisa a ensinar à nossa sociedade industrializada.

Mas nossa busca por um futuro que dê certo vive resgatando uma antiga conexão entre nós e a Terra, uma interconexão que as antigas culturas jamais abandonaram.

— *Helena NorbergHodge*

À PORTA DO PRÉDIO DE CHANGAZI EM SKARDU,

MORTENSON FOI BARRADO POR um leão-de-chácara atarracado até para os padrões baltis. O assistente de Changazi, Yakub, tinha um queixo sem barba e a constituição física de um menino de 12 anos. Mas Yakub era um homem adulto de 30 e poucos anos. Ele plantou seus 41 quilos socados no caminho de Mortenson.

Mortenson tirou o envelope plástico usado no qual guardava todos os documentos importantes de sua mochila, e fuçou até encontrar o inventário do material da escola que Changazi fizera na viagem anterior de Mortenson.

— Preciso pegar este material — disse Mortenson, segurando a lista para Yakub poder ler.

— Changazi Sahib está em 'Pindi — respondeu Yakub.

— Quando ele volta a Skardu? — perguntou Mortenson.

— Em um ou dois meses, no máximo — respondeu Yakub, tentando fechar a porta. — Volte daqui a dois meses.

Mortenson segurou a porta com o braço.

— Vamos ligar para ele agora.

— Não é possível — respondeu Yakub. — A linha para 'Pindi está cortada.

Mortenson lembrou-se de que deveria controlar a raiva. Será que todos os que trabalhavam para Changazi tinham acesso ao mesmo manancial inesgotável de desculpas de seu chefe? Mortenson ponderou se deveria pressionar mais Yakub, ou retornar com um policial, quando um

homem mais velho, de aspecto digno, usando um topi de uma lã marrom mais fina e um bigode bem aparado surgiu por trás de Yakub. Era Ghulam Parvi, um contador que Changazi contratara para ajudá-lo a destrinchar os livros de contabilidade. Parvi tinha se formado em uma das melhores escolas do Paquistão, a Universidade de Karachi. Sua formação acadêmica era rara para um balti, e ele era conhecido e respeitado em toda a Skardu como um devoto profissional xiita. Yakub saiu da frente de Parvi.

— Posso ajudá-lo de alguma forma, senhor? — perguntou Parvi, no inglês mais correto que Mortenson já ouvira em Skardu.

Mortenson se apresentou, explicando o problema, e entregou a Parvi o recibo para que o visse.

— Este é um assunto muito curioso — respondeu Parvi. — Você está se esforçando para construir uma escola para as crianças baltis e, apesar disso, embora soubesse que eu me interessaria pelo projeto, Changazi não me relatou nada sobre este assunto.

Ele meneou a cabeça:

— Muito curioso.

Por algum tempo, Ghulam Parvi fora o diretor de uma organização chamada SWAB, Social Welfare Association Baltistan. (22) Sob sua liderança, a SWAB conseguiu construir duas escolas primárias nas redondezas de Skardu, antes que

os recursos prometidos pelo governo paquistanês se esgotassem e ele fosse forçado a prestar serviços de contabilidade para sobreviver. De um lado da porta de madeira verde estava um estrangeiro com o dinheiro para transformar a escola de Korphe em realidade. Do outro lado estava o homem mais qualificado em todo o norte do Paquistão para assessorá-lo, um homem com quem partilhava os mesmos objetivos.

22. Associação de Previdência Social do Baltistão. (N. da T.)

— Eu poderia gastar mais duas semanas com os livros de contabilidade de Changazi e ainda assim eles não fechariam — disse Parvi, enrolando uma echarpe cor de camelo em volta do pescoço. —

Vamos descobrir o que aconteceu com o seu material?

Instado por Parvi, Yakub levou-os no Land Cruiser de Changazi até um esqualido prédio, próximo à margem do Indo, 1,5 quilômetro a sudoeste da cidade. Era a estrutura do hotel que Changazi estava construindo antes de acabar o dinheiro. O prédio baixo de tijolos de barro não tinha teto, no meio de um furdunço de lixo jogado sobre uma grade de três metros de altura encimada por arame farpado. Pelas janelas sem vidros, eles viam montes de material cobertos por lonas de plástico azul.

Mortenson sacudiu o grosso cadeado que prendia o portão e virou-se para Yakub.

— Apenas Changazi Sahib tem a chave — disse ele, evitando encarar Mortenson.

Na tarde seguinte, Mortenson voltou com Parvi, que tirou um cortador de arame da mala do táxi e brandiu-o, enquanto caminhavam em direção à grade. Um guarda armado levantou-se da pedra em que dormitava e pegou um rifle de caça enferrujado que parecia uma arma de brinquedo. Aparentemente ligar para 'Pindi foi possível no final das contas, pensou Mortenson.

— Você não pode entrar — disse o guarda em balti. — Este prédio foi vendido.

— Changazi pode usar roupas brancas, mas creio que ele tem uma alma muito negra — disse Parvi para Mortenson, se desculpando.

Não havia nenhum tom de desculpa quando Parvi virou-se para o guarda postado junto ao portão. O balti ao ser falado pode adquirir um som áspero e gutural. O discurso de Parvi atacou o guarda como um cinzel entalhando a pedra, atacando sua determinação de bloquear o caminho deles. Quando Parvi finalmente silenciou, e ergueu o cortador de arame em direção ao cadeado, o guarda abaixou o rifle, tirou a chave do bolso e abriu o portão, permitindo-lhes a entrada.

Nos quartos úmidos do hotel abandonado, Mortenson levantou as coberturas azuis e encontrou dois terços do cimento, madeira e folhas de aço corrugado para o telhado. Mortenson não tinha mais toda a carga de caminhão que subira pela rodovia do Karakoram, mas isto era suficiente para começar a construir. Com a ajuda de Parvi, conseguiu os materiais que faltavam ser enviados para Korphe de jipe.

— Sem Ghulam Parvi, nunca teria conseguido nada no Paquistão —

diz Mortenson. — Meu pai pôde construir o hospital, porque tinha John Moshi, um parceiro da Tanzânia, hábil e capaz. Parvi é meu John Moshi.

Quando eu tentava construir a primeira escola, realmente não tinha ideia do que estava fazendo. Parvi me mostrou como fazê-las.

Antes de partir para Korphe de jipe, Mortenson apertou a mão de Parvi calorosamente e agradeceu-lhe a ajuda.

— Não deixe de me dizer se precisar de mais alguma coisa — disse Parvi, com uma rápida reverência. — O que está fazendo para os alunos do Baltistão é mais do que elogiável.

As pedras mais pareciam uma antiga ruína do que tijolos para a construção da nova escola. Embora estivesse num nível bem acima do rio Braldu, a temperatura ideal de outono que fazia a pirâmide do Korphe K2

refulgir, Mortenson estava desconsolado com o que via diante dele.

No inverno anterior, antes de sair de Korphe, Mortenson colocou grampos de fixação de tenda no chão congelado e amarrou cordas de náilon de cor vermelha e azul, demarcando a área que correspondia aos cinco cômodos do projeto que tinha em mente para a escola. Ele dera a Haji Ali dinheiro suficiente para contratar mão-de-obra nas aldeias rio abaixo para ajudarem a cortar e carregar as pedras. E quando chegou, esperava ver ao menos a fundação da escola já escavada. Em vez disso, encontrou duas pilhas de pedras no meio do terreno.

Inspecionando o local com Haji Ali, Mortenson fez força para esconder sua decepção. Com suas quatro idas ao aeroporto com a mulher, mais o atraso até reaver o material para a construção, ele chegara ali em meados de outubro, quase um mês após a data que estimara para Haji Ali.

Eles deveriam estar erguendo as paredes nesta semana, pensou. Mortenson engoliu a raiva e culpou-se pelo atraso. Ele não poderia continuar voltando ao Paquistão toda a vida. Agora que estava casado, precisava construir uma carreira. Ele queria terminar a escola para determinar o que faria de sua vida. E agora o inverno atrasaria a construção mais uma vez.

Mortenson chutou uma pedra, irado.

— O que há? — perguntou Haji Ali em balti. — Você parece um carneiro novo na época do cruzamento.

Mortenson suspirou fundo.

— Por que vocês não começaram? — perguntou ele.

— Doutor Greg, conversamos sobre o projeto depois que retornou para a sua aldeia — respondeu Haji Ali. — E decidimos que era tolice desperdiçar o dinheiro pagando os homens preguiçosos de Munjung e Askole. Eles sabem que a escola está sendo construída por um estrangeiro

rico, então trabalharão pouco e discutirão muito. Então nós mesmos cortamos as pedras. Levou todo o verão, porque muitos dos homens tinham de sair para trabalhar como carregadores. Mas não se preocupe. O

dinheiro está guardado em segurança em minha casa.

— Não estou preocupado com o dinheiro — respondeu Mortenson. —

Mas queria colocar o telhado antes de chegar o inverno para que as crianças tivessem um lugar para estudar.

Haji Ali colocou a mão sobre o ombro de Mortenson, e apertou-o paternalmente, tentando acalmar aquele americano impaciente.

— Agradeço a Alá Todo-Poderoso por tudo o que fez. Mas o povo de Korphe vive aqui sem uma escola há 600 anos — ele disse, sorrindo. — O

que é um inverno a mais?

Caminhando de volta para a casa de Haji Ali, entre cachos de trigo maduros, Mortenson parava a cada 10 metros para cumprimentar os aldeões que deixavam cair os fardos para lhe dar as boas-vindas. Mulheres que voltavam das plantações se inclinavam para derramar pilhas de trigo das cestas que traziam às costas, antes de retornar para colher outra carga com os ancinhos. Tecidas nas urdwas que vestiam sobre as cabeças, refulgindo entre a palha do trigo que se prendia à lã de suas roupas, Mortenson notou fios de sua corda de náilon vermelha e azul. Nada em Korphe era desperdiçado.

Naquela noite, deitado sob as estrelas no telhado de Haji Ali ao lado de Twaha, Mortenson pensou como se sentia sozinho da última vez que dormira naquele lugar. Ele pensou em Tara, lembrando-se do modo amoroso como acenara para ele pelo vidro em San Francisco, e uma bolha de felicidade envolveu-o de tal forma que não poderia deixar de compartilhá-la.

— Twaha, está acordado? — perguntou Mortenson.

— Sim, acordado.

— Preciso lhe contar uma coisa. Eu me casei.

Mortenson ouviu um dique, então apertou os olhos sob o facho da lanterna que trouxera dos Estados Unidos para o amigo. Twaha sentou-se ao seu lado, estudando seu rosto sob a nova luz elétrica para ver se ele estava brincando.

Então largou a lanterna e cumprimentou Mortenson socando-o nos braços e ombros. Twaha atirou-se para trás suspirando de alegria.

— Haji Ali diz doutor Greg parecia diferente desta vez — disse Twaha, rindo. —

Ele realmente sabe tudo.

Ele começou a brincar ligando e desligando o botão da lanterna.

— Posso saber o nome dela?

— Tara.

— Ta... ra — Twaha repetiu, pensando no nome, o termo em urdu para estrela, em sua língua. — Ela é adorável, a sua Tara?

— Sim — respondeu Mortenson, sentindo-se corar. — Adorável.

— Quantas cabras e carneiros você precisa dar ao pai dela? —

perguntou Twaha.

— O pai dela morreu, como o meu — respondeu Mortenson. — E na América, não pagamos um dote pela noiva.

— Ela chorou quando deixou a mãe?

— Ela somente contou à mãe sobre mim depois que nos casamos.

Twaha ficou em silêncio por um instante, refletindo sobre os exóticos costumes matrimoniais dos americanos.

Mortenson fora convidado para dezenas de casamentos desde que viera pela primeira vez ao Paquistão. Os detalhes das núpcias baltis variavam de aldeia para aldeia, mas a característica central de todas as cerimônias que testemunhara permanecia a mesma — a angústia da noiva em deixar a família para sempre.

— Em geral, numa cerimônia de casamento, há um momento solene em que se vê a noiva e a mãe abraçadas, chorando — diz Mortenson. — O

pai do noivo empilha sacas de farinha e de açúcar, e promete cabras e carneiros, enquanto o pai da noiva cruza os braços e vira de costas, pedindo mais. Quando ele acha que o preço é justo, ele se vira de frente, e assente com a cabeça. Aí todo mundo enlouquece. Já vi homens da família do noivo tentando apartar a noiva da mãe com toda a força, enquanto as mulheres gritam e choram. Se uma

noiva deixa uma aldeia isolada como Korphe, ela sabe que provavelmente não verá sua família novamente.

Na manhã seguinte, Mortenson encontrou um precioso ovo cozido em seu prato, ao lado do seu costumeiro desjejum de chapatti e lassi. Sakina sorriu orgulhosa para ele da porta da cozinha. Haji Ali descascou o ovo para Mortenson e explicou: — Assim você terá forças para fazer muitos filhos — ele disse, enquanto Sakina ria por trás de seu véu.

Haji Ali se sentou pacientemente ao seu lado até Mortenson terminar a segunda xícara de chá com leite. Um sorriso arrefeceu, depois

recomeçou no meio da barba espessa.

— Vamos construir a escola — ele disse.

Haji Ali subiu ao telhado e chamou os aldeões de Korphe para se reunirem na mesquita local. Mortenson, carregando cinco pás que recuperara do hotel semiconstruído de Changazi, seguiu Haji Ali pelas alamedas barrentas até a mesquita, enquanto os homens saíam pela porta de cada casa.

A mesquita de Korphe adaptara-se ao meio ambiente mutável ao longo dos séculos, como o povo que o enchia com a sua fé. Os baltis, sem ter língua escrita, compensavam mantendo a tradição oral. Todo balti sabia de cor o nome de seus antepassados, retrocedendo dez a vinte gerações. E

todos em Korphe conheciam a lenda desta construção de madeira reforçada com paredes de terra batida. Estava de pé havia quase quinhentos anos, e fora um templo budista antes de o Islã se estabelecer no Baltistão.

Pela primeira vez, desde que chegara a Korphe, Mortenson ultrapassava o portão e colocava o pé do lado de dentro. Durante suas visitas, ele havia mantido uma distância respeitosa da mesquita, e do líder religioso da aldeia, Sher Takhi. Mortenson não tinha certeza como o mulá se sentia em relação a ter um infiel em Korphe, um infiel que propusera educar as meninas de Korphe. Sher Takhi sorriu para Mortenson e conduziu-o a um tapete de oração no fundo da mesquita. Ele era magro e sua barba, grisalha. Como a maioria dos baltis que viviam nas montanhas, ele aparentava ter muito mais idade do que seus 40 anos.

Sher Takhi, que chamava os fiéis de Korphe para a oração cinco vezes ao dia

sem um amplificador, encheu o pequeno recinto com a voz possante. Ele conduziu os homens numa dua especial, pedindo a bênção e a direção de Alá por terem começado a construir a escola. Mortenson orou como o alfaiate lhe ensinara, cruzando os braços e dobrando-se à frente.

Os homens de Korphe mantinham os braços junto ao corpo e praticamente se deitavam de bruços no chão. Mortenson descobriu que o alfaiate lhe ensinara a forma de orar dos sunitas. (23)

23. Membro de uma das duas grandes seitas religiosas do Islã, que considera os quatro primeiros califas como os legítimos sucessores de Maomé, que destacam a importância da Suna como sua base jurídica. (N. da T.)

Poucos meses antes, Mortenson lera nos jornais de Islamabad sobre a última onda de violência entre sunitas e xiitas (24) no Paquistão. Um ônibus vindo de Skardu passara pelo desfiladeiro do Indo subindo a rodovia do Karakoram. Logo depois de passar Chilas, uma região dominada pelos sunitas, uma dezena de homens mascarados e armados com Kalashnikovs bloquearam a estrada e forçaram os passageiros a sair do veículo. Eles separaram os xiitas dos sunitas e degolaram 18 xiitas, suas mulheres e filhos obrigando a assistir. Agora ele estava orando como um sunita no coração do Paquistão xiita. Entre as seitas hostis do Islã, Mortenson sabia, homens foram mortos por muito menos.

24. Os xiitas consideram Ali, o genro de Maomé, o seu legítimo sucessor, desconsiderando os três califas que o sucederam. (N. da T.)

— Sentime dividido entre tentar aprender rapidamente como rezar como um xiita e aproveitar ao máximo a minha chance para apreciar os antigos entalhes de madeira budistas nas paredes — diz Mortenson.

Se os baltis respeitavam o budismo de forma a seguir a sua fé rígida com as extravagantes suásticas budistas e rodas da vida, Mortenson pensou à medida que passava os olhos pelas esculturas, que provavelmente seriam tolerantes para aceitar um infiel rezando como um alfaiate havia lhe ensinado.

Haji Ali trouxe a corda desta vez. Era um cordame tecido na região, sem as tranças azuis e vermelhas. Junto com Mortenson, tomou as medidas corretas, embebeu as cordas numa mistura de cálcio e cal, e então usou o método ancestral para marcar as dimensões de uma obra. Haji Ali e Twaha estenderam as cordas batendo-as contra o chão, deixando uma marca branca sobre a terra, assinalando onde as paredes da escola deveriam ser erguidas. Mortenson entregou as cinco pás, e ele e cinquenta homens revezaram-se, cavando toda a tarde até abrirem uma vala de 1

metro de largura e outro metro de profundidade à volta do perímetro da escola.

Quando a trincheira estava terminada, Haji Ali apontou para duas grandes pedras que foram cortadas para este fim, e seis homens as ergueram e carregaram com esforço até a vala, colocando-as no canto da

fundação de frente para o K2. Então ordenou que trouxessem o **cbogo rabak**.

Twaha se afastou compenetrado e voltou trazendo um grande carneiro cinzento com belos chifres encaracolados.

— Normalmente é preciso arrastar um carneiro para fazê-lo se mover

—disse Mortenson. — Mas este era o maior carneiro da aldeia. Era tão grande que arrastava Twaha que se esforçava para segurá-lo, enquanto o animal o guiava para a sua própria execução.

Twaha segurou o **rabak** sobre a pedra angular e agarrou-o pelos chifres. Gentilmente, virou a cabeça do animal em direção a Meca, enquanto Sher akhi entoava a passagem de Alá pedindo a Abraão para sacrificar o filho, antes de permitir que o substituísse por um carneiro, após passar pelo teste de lealdade. No Alcorão, a história é contada de forma muito semelhante ao pacto de Abraão e Isaac na Torá e na Bíblia.

— Observando esta cena saída direto da Bíblia que eu aprendera nas aulas de religião aos domingos — diz Mortenson —, pensei o quanto as diferentes regiões tinham em comum, como se poderia distinguir as mesmas raízes em tantas de suas tradições.

Hussain, um carregador de altitude experiente com o físico de um lutador de sumô e a constituição diminuta de um balti, era o sacrificador da aldeia. Os

carregadores do Baltoro recebiam por 25 quilos de carga.

Hussain era conhecido por transportar cargas triplas durante as expedições, nunca levando menos que 70 quilos de cada vez. Ele retirou uma faca de 40 centímetros da bainha e colocou-a logo acima do pêlo sobre a garganta do carneiro. Sher Takhi elevou as mãos, com as palmas viradas para cima sobre a cabeça do rabak e pediu permissão a Má para sacrificá-lo. Então assentiu para o homem que segurava a faca tremeluzente.

Hussain juntou os pés e baixou a lâmina em um só golpe, seccionando a traqueia do carneiro, depois a veia jugular. O sangue quente jorrou, molhando as pedras angulares, reduzindo-se, em seguida, à medida que se esvaziava o coração do animal. Com grunhidos de esforço, Hussain serrou a espinha dorsal do carneiro, e Twaha levantou a cabeça, segurando-a pelos chifres. Mortenson viu os olhos do animal, e eles o encararam, não menos sem vida que antes de Hussain manejar a faca.

As mulheres prepararam arroz e dal, enquanto os homens tiravam a pele e destrinchavam o carneiro.

— Não fizemos mais nada naquele dia — diz Mortenson. — Na realidade, mal fizemos qualquer outra coisa até o final do outono. Haji Ali estava com pressa para santificar a escola, mas não para construí-la.

Apenas fizemos uma grande festa. Para pessoas que só conseguem comer carne poucas vezes por ano, aquele repasto era muito mais importante do que uma escola.

Cada habitante de Korphe recebeu uma porção da carne do carneiro.

Depois que o último osso foi batido e o último pedaço de medula ressecado, Mortenson reuniu-se com um grupo de aldeões que armaram uma fogueira no local onde, em breve, ele esperava, seria o pátio de uma escola terminada. Enquanto a lua se elevava sobre o Korphe K2, eles dançaram em volta da fogueira e ensinaram a Mortenson versos do grande Épico de Gezar do Himalaia, adorado em grande parte do teto do mundo, e apresentaram-no às inúmeras canções folclóricas dos baltis.

Juntos, os baltis e o grande americano dançaram como dervixes e cantaram sobre reinos alpinos hostis, sobre a selvageria dos guerreiros pathan vindos do

Afeganistão, e as batalhas entre os rajás baltis e os primeiros conquistadores europeus a virem do Oeste no tempo de Alexandre, e depois, comandados pelos grurkhas mercenários, da Índia Britânica ao sul e a leste. As mulheres de Korphe, habituadas agora a terem um infiel entre eles, postaram-se em volta da fogueira, com os rostos radiantes, marcando o ritmo com palmas e cantando com os maridos e parentes.

Mortenson descobriu que os baltis tinham uma história e uma rica tradição. O fato de não estar escrita não a tornava menos acessível. Esses rostos à volta da fogueira não precisavam aprender tanto quanto precisavam de ajuda. E a escola era um lugar que poderia ajudá-los.

Mortenson avaliou o local de construção. Era um pouco mais do que uma vala rasa manchada de sangue de carneiro. Ele poderia não fazer muito mais antes de voltar para casa e para Tara, mas durante aquela noite de dança, a escola atingiu o ápice em sua mente — ela se tornou real para ele.

Ele podia ver o prédio terminado à sua frente tão claramente quanto o Korphe K2 iluminado pela lua com cor de cera. Mortenson se virou para olhar a fogueira.

O locador de Tara Bishop recusou-se a permitir que o casal vivesse no confortável apartamento adaptado numa garagem, então Mortenson levou os poucos pertences de sua mulher que caberiam no quarto alugado na casa

de Dudzinski e lotou o contêiner no guarda-móveis com o restante. Ao ver os livros e as luminárias dela junto aos elefantes de ébano de seu pai, Mortenson sentiu suas vidas se entrelaçarem como esses animais fazem —

com a tromba agarrada ao rabo.

Tara sacou o suficiente da pequena herança de seu pai para comprar um sofá-cama tamanho extragrande, que tomou boa parte do espaço do diminuto quarto de dormir. Mortenson ficou extasiado com os efeitos positivos que o casamento teve sobre sua vida. Pela primeira vez desde que viera para a Califórnia, deixava de usar um saco de dormir e passava para uma cama. E, pela primeira vez, em muitos anos, tinha alguém com quem poderia conversar sobre a odisseia em que se metera desde que colocara os pés em Korphe.

— Quanto mais Greg falava sobre seu trabalho, mais eu percebia o tamanho da

minha sorte — diz Tara. — Ele era tão apaixonado pelo Paquistão, e essa paixão contaminava tudo o mais que ele fazia.

Jean Hoerni também ficava boquiaberto com a paixão de Mortenson pelo povo do Karakoram. Ele convidou Mortenson e Bishop para passarem o Dia de Ação de Graças em Seattle. Hoerni e a mulher, Jennifer Wilson, serviram uma refeição tão estupenda que lembrou Mortenson dos banquetes servidos no Baltistão durante a disputa pela escola. Hoerni prestou atenção em cada detalhe e Mortenson descreveu os sequestros de jipe, o duplo jantar em Khane, o iaque inteiro que Changazi serviu em Kuardu, terminando com os últimos acontecimentos. Ele nem sequer tocou a comida, enquanto contava sobre a escavação das fundações da escola de Korphe, o sacrifício do **chogo rabak**, e a longa noite dançando em volta da fogueira.

Naquele Dia de Ação de Graças, Mortenson tinha muito a agradecer.

— Ouça — disse Hoerni, a todos sentados na frente da lareira segurando grandes cálices de vinho —, você ama o que está fazendo no Himalaia e me parece que está se saindo muito bem. Por que não se especializa nisso? As crianças das outras aldeias que tentaram suborná-lo também precisam de escolas. E ninguém no mundo do alpinismo vai levantar um dedo para ajudar os muçulmanos. Eles estão muito ocupados com os sherpas e os tibetanos, além dos budistas. Que tal se eu fizesse uma doação para uma fundação e designasse você como diretor? Você poderia construir uma escola por ano. O que acha?

Mortenson apertou a mão da esposa. A ideia parecia tão perfeita que teve medo de dizer qualquer coisa. Medo de que Hoerni mudasse de ideia.

Ele tomou outro gole de vinho.

Naquele inverno, Tara Bishop engravidou. Com um filho a caminho, o apartamento esfumaçado de Witold Dudzinski se tornava cada vez mais inadequado. A mãe de Tara, Lila Bishop, ouviu os maiores elogios sobre o caráter de Mortenson entre os amigos alpinistas, e convidou o casal para visitar sua graciosa casa artesanal no coração histórico de Bozeman, Montana. Mortenson gostou imediatamente da cidade rústica, aos pés da inexpugnada Cordilheira Gallatin. Ele sentiu que Berkeley pertencia à vida de alpinista que já havia deixado para trás. Lila Bishop ofereceu-lhes um empréstimo para darem de entrada para a compra de uma pequena casa na vizinhança.

No início da primavera, Mortenson cerrou a porta do contêiner 114 do autodepósito de Berkeley pela última vez, e dirigiu até Montana com a mulher num caminhão U-Haul. Mudaram-se para um lindo chalé a dois quartos da casa da mãe de Tara. Tinha um quintal fundo e cercado, onde os filhos poderiam brincar, longe da fumaça de cigarro de operários poloneses e de gangues de meninos de 14 anos armados até os dentes.

Em maio de 1996, quando Mortenson preencheu os formulários de desembarque no aeroporto de Islamabad, sua caneta hesitou antes de preencher a lacuna de "profissão". Por muitos anos ele escrevera

"alpinista". Desta vez, rabiscou com letra de fôrma malfeita "diretor, Instituto da Ásia Central". Hoerni sugerira o nome. O cientista previu uma operação que cresceria tão rápido quanto qualquer de suas empresas de semicondutores, lançando-se para construir escolas e realizar outros projetos humanitários além do Paquistão, por toda a extensão de "-tãos"

que se espalhavam por todos os caminhos que se abrem a partir da rota da seda. Mortenson não tinha tanta certeza. Ele tivera muito trabalho para conseguir que uma escola fosse iniciada para pensar na escala de Hoerni.

Mas tinha um salário anual de 21.798 dólares e procuração para começar a pensar a longo prazo.

De Skardu, Mortenson enviou uma mensagem para a aldeia de Mouzafer oferecendo-lhe salários regulares se viesse para Korphe ajudá-lo na escola. Ele também visitou Ghulam Parvi antes de partir para o norte.

Parvi morava num bairro arborizado ao sopé das montanhas ao sul de Skardu. Seu prédio murado ficava ao lado de uma mesquita decorada que

ajudara a construir no terreno que seu pai doara. Durante o chá no jardim da casa de Parvi, cercados de macieiras e damasqueiros em flor, Mortenson apresentou o modesto plano para o futuro — terminar a escola de Korphe e construir outra em algum lugar no Baltistão no ano seguinte

— e pediu a Parvi que participasse. Autorizado por Hoerni, ofereceu a Parvi um pequeno salário para complementar sua renda como contador.

— Senti a grandeza do coração de Greg imediatamente — diz Parvi.

—Ambos queríamos as mesmas coisas para as crianças do Baltistão.

Como eu poderia me negar diante de um homem desses?

Mortenson chegou a Korphe com Makhmal, um pedreiro experiente que Parvi lhe apresentara em Skardu, numa sexta-feira à tarde.

Atravessando a nova ponte que levava à aldeia, Mortenson surpreendeu-se em ver várias mulheres de Korphe vindo em sua direção, com os melhores véus e sapatos finos que usavam apenas em ocasiões especiais. Elas se curvaram dando-lhe as boas-vindas, antes de se apressarem para visitar suas famílias nas aldeias vizinhas para o Juma, o dia sagrado.

— Agora que era possível voltar na mesma tarde, as mulheres de Korphe passaram a visitar regularmente as famílias às sextas-feiras —

explica Mortenson. — A ponte fortaleceu os laços maternos das mulheres da aldeia, e fez com que elas se sentissem mais felizes e muito menos isoladas. Quem poderia imaginar que uma simples ponte poderia valorizar as mulheres?

Na outra margem do Braldu estava Haji Ali, sempre como uma escultura, no ponto mais alto do precipício. Ao lado de Twaha e Jahan, recebeu seu filho americano com um abraço de urso e cumprimentou calorosamente o convidado que trouxera consigo da cidade.

Mortenson estava satisfeito em ver seu velho amigo Mouzafer logo atrás de Haji Ali. Ele também abraçou Mortenson, depois colocou a mão sobre o coração em sinal de respeito assim que se afastaram. Mouzafer parecia muito mais velho desde que Mortenson o vira pela última vez e não parecia bem.

— Yong chiina yot? — perguntou Mortenson, preocupado, dizendo a saudação balti tradicional, "Como vai você?"

— Eu estava bem naquele dia, graças a Alá — diz Mouzafer, dez anos depois, falando lentamente como um idoso que vai perdendo a audição. —

Apenas um pouco cansado.

Naquela noite, durante o jantar de dal e arroz na casa de Haji Ali, Mortenson descobriu que Mouzafer havia acabado de completar um feito heróico em 18

dias. Uma avalanche havia, mais uma vez, bloqueado a única estrada entre Skardu e Korphe, e Mouzafer, que acabara de retornar de uma viagem de ida e volta de 200 quilômetros no Baltoro com uma expedição japonesa, havia guiado um pequeno grupo de carregadores, levando sacas de cimento de 40 quilos por 28 quilômetros rio acima até Korphe. Um homem franzino, na época em torno dos 60 e poucos anos, Mouzafer fez mais de vinte viagens carregando essa carga pesada, deixando de comer, e caminhando dia e noite para que o cimento estivesse no canteiro de construção a tempo antes da chegada de Mortenson.

— Quando conheci sr. Greg Mortenson no Baltoro, ele era um rapaz amistoso e falante — diz Mouzafer —, sempre brincando e fazendo amizade com pessoas pobres como os carregadores. Quando o perdi de vista e pensei que tivesse morrido no gelo, fiquei sem dormir a noite inteira, rezando a Alá para que me permitisse salvá-lo. E quando o encontrei novamente, prometi protegê-lo para sempre com todas as minhas forças. Desde então, ele fez muito pelos baltis. Eu sou pobre, somente posso oferecer a ele minhas orações. E também a força de minhas costas. Fiz isso com prazer para que ele pudesse construir a escola. Mais tarde, quando voltei à minha aldeia natal, depois de carregar o concreto, minha mulher olhou para meu rosto magro e disse: "O que aconteceu com você? Você estava preso?"

Mouzafer riu ao contar isso.

Na manhã seguinte, antes do nascer do sol, Mortenson andava de um lado para o outro no telhado de Haji Ali. Ele estava ali agora como o diretor de uma organização. Ele tinha responsabilidades maiores do que apenas uma escola em uma aldeia isolada. A fé que Jean Hoerni colocava nele pesava-lhe sobre os ombros largos, e ele decidira que não haveria mais reuniões e banquetes infundáveis: ele dirigiria a construção rapidamente até ser concluída.

Quando a aldeia se reuniu junto à obra, Mortenson encontrou-os com o nivelador de chumbo, o prumo e a plaina na mão.

— Fazer a construção continuar era como reger uma orquestra — diz Mortenson. — Primeiro, usávamos dinamite para tornar as pedras maiores em tamanhos menores. Depois tínhamos dezenas de pessoas passando por cima daquele caos como se fosse música, levando as pedras para os

pedreiros. Então Makhmal, o canteiro, talhava as pedras em tijolos incrivelmente

regulares com poucos golpes de seu formão. Grupos de mulheres traziam água do rio, que misturavam com cimento em grandes buracos que cavamos no chão. Então os pedreiros passavam o cimento, e assentavam os tijolos em fileiras que iam se elevando lentamente.

Finalmente, dezenas de crianças da aldeia entravam correndo, colocando cunhas de pedra nas frestas entre os tijolos.

— Todos queriam ajudar — diz Tahira, a filha do professor Hussein, então com 10 anos de idade. — Meu pai me disse que a escola seria muito especial, mas eu não fazia ideia do que seria uma escola, então vim ver por que estava todo mundo tão interessado, e também para ajudar. Todos da minha família ajudaram.

— Doutor Greg trouxe livros de seu país — diz Jahan, neta de Haji Ali, que então contava 9 anos de idade, que um dia iria se formar com Tahira na primeira turma da escola de Korphe. — E os livros traziam fotos de escolas, então passei a ter uma ideia do que esperávamos construir. Eu achava doutor Greg muito distinto com suas roupas limpas. E as crianças nas fotos pareciam muito limpas também. E eu me lembro de pensar: "Se eu for para esta escola, talvez um dia eu me torne distinta também."

Ao longo de todo o mês de junho, as paredes da escola subiram a uma velocidade constante, porém com metade da equipe de construção em determinados dias, por terem de sair para suas colheitas e pastorear seus animais. Isso progredia lento demais para o gosto de Mortenson.

— Eu tentava ser um mestre-de-obras severo, porém justo — diz Mortenson. — Eu passava o dia inteiro no canteiro de obra, do nascer ao pôr-do-sol, usando o prumo, para certificar se as paredes estavam retas e o nivelador de chumbo, para checar se estavam alinhadas. Eu sempre tinha um bloco de anotações na mão, e controlava todos, ansioso para fazer valer cada rúpia investida. Eu não queria decepcionar Jean Hoerni, então cobrava pesado deles.

Uma tarde, no começo de agosto, Haji Ali tocou o ombro de Mortenson no canteiro de construção e chamou-o para dar uma volta. O

ancião conduziu o ex-alpinista morro acima por uma hora, com pernas fortes o suficiente para humilhar o outro que era muito mais novo.

Mortenson achou que estavam perdendo um tempo precioso, e quando Haji Ali

parou sobre uma laje estreita bem acima da aldeia, Mortenson

estava de língua pra fora, só de pensar em tudo o que estava deixando de acompanhar desde que saíra da obra.

Haji Ali esperou até Mortenson recuperar o fôlego, então lhe pediu que olhasse para a paisagem. O ar estava cristalino de uma forma que só a altitude consegue deixar. Além de Korphe K2, os picos de gelo do interior do Karakoram erguiam-se, sucessivos, contra um profundo céu azul.

Trezentos metros abaixo, Korphe, verdejante entre plantações de cevada madura, parecia pequena e vulnerável, uma jangada viva à deriva sobre um mar de pedra.

Haji Ali estendeu o braço, colocando a mão sobre o ombro de Mortenson.

— Estas montanhas estão aqui há muito tempo — disse ele. — E nós também.

Ele tocou o toei de pele de carneiro marrom-escuro, o único símbolo de autoridade que o nurmadhar de Korphe usava, e ajustou-o no alto da cabeça grisalha.

— Você não pode dizer às montanhas o que fazer — disse ele, com um ar grave que transpassava Mortenson tanto quanto a vista que tinha do alto. Você deve aprender a ouvi-las. Então agora estou lhe pedindo que me ouça. Pela glória de Alá, o Todo-Poderoso, você já fez muito pelo meu povo, e nós lhe agradecemos. Mas agora você precisa fazer uma coisa a mais por mim.

— Qualquer coisa — respondeu Mortenson.

— Sente-se. E fique de boca fechada — disse Haji Ali. — Você está deixando todo mundo doido.

— Ele esticou o braço e pegou meu nivelador de chumbo, meu prumo e meu caderno de anotações, e descemos em direção a Korphe — diz Mortenson. — Eu o segui até a casa, sem entender o que ele estava fazendo. Ele pegou a chave que mantinha pendurada numa tira de couro em volta do pescoço, abriu uma portinhola de madeira decorada com imagens budistas apagadas, e trancou minhas coisas dentro, com um pouco de carne-seca de íbex, seu colar de contas de oração, e seu velho mosquete inglês. Então pediu a Sakina para nos trazer chá.

Mortenson esperou nervoso por meia hora, enquanto Sakina coava o paiyu cha. Haji Ali passava os dedos pelo texto do Alcorão que ele prezava acima de todos os seus pertences, virando as páginas ao acaso e fazendo orações em árabe, quase inaudíveis, com o olhar introspectivo.

Quando as tigelas de porcelana com chá amanteigado escaldante chegaram às suas mãos, Haji Ali tornou a falar: — Se você quer sobreviver no Baltistão, deverá respeitar o nosso modo de vida — disse Haji Ali, assoprando o chá na tigela. — Na primeira vez em que toma chá com um balti, você é um estranho. Na segunda vez, é um convidado de honra. Na terceira, você já faz parte da família e, pela família, fazemos qualquer coisa, até morrer.

Ele colocou a mão amistosamente sobre a de Mortenson.

— Doutor Greg, você precisa de tempo para compartilhar três xícaras de chá. Podemos não ter educação. Mas não somos estúpidos. Vivemos e sobrevivemos neste lugar há muito tempo.

— Naquele dia, Haji Ali me ensinou a lição mais importante que eu aprendi na vida — diz Mortenson. — Nós, americanos, pensamos que temos que realizar tudo rapidamente. Somos o país dos almoços de trinta minutos, e dos dois minutos de exercício de futebol. Nossos líderes pensaram que a campanha de "choque e horror" poria fim à guerra no Iraque, antes mesmo de ela começar. Haji Ali me ensinou a compartilhar três xícaras de chá para diminuir o passo, e fazer com que a construção de relacionamentos fosse tão importante quanto a realização de projetos. Ele me ensinou que eu tinha mais a aprender com as pessoas com quem trabalho do que eu poderia esperar ensinar a elas.

Três semanas depois, com Mortenson destituído do cargo de mestre-de obras para o de espectador, as paredes da escola elevaram-se mais alto do que a altura do americano, restando apenas assentar o teto. As vigas de madeira para o teto que Changazi escamoteou nunca foram recuperadas, e Mortenson voltou a Skardu, onde ele e Parvi supervisionaram a compra e o corte de vigas de madeira que fossem resistentes o suficiente para suportar a neve que congelava Korphe durante os invernos mais rigorosos.

Previsivelmente, os jipes que transportavam a madeira para Korphe foram impedidos de passar por outra avalanche que fechou a trilha, a 29

quilômetros do destino final.

— Na manhã seguinte, enquanto Parvi e eu conversávamos sobre o que deveríamos fazer, vimos uma grande nuvem de poeira subindo o vale

— diz Mortenson. — Haji Ali, de algum modo, soube do nosso problema, e os aldeões de Korphe tinham caminhado por toda a noite. Eles chegaram batendo palmas e cantando, num bom humor impressionante para quem

não havia pregado o olho. E então a coisa mais incrível aconteceu. Sher Takhi viera com eles e insistiu em trazer o primeiro carregamento.

— Os clérigos das aldeias não devem se cansar com trabalhos físicos.

Mas ele não se conteve, e vinha guiando a fila de 35 homens carregando tábuas de madeira por todo o caminho, os 29 quilômetros que restavam percorrer até Korphe. Sher Takhi tivera poliomielite quando criança, e mancava, então deve ter sido muito mais difícil para ele. Mas ele subiu o vale do Braldu, abrindo caminho, sorrindo, enquanto transportava a carga.

Foi a forma deste **mulah** conservador de demonstrar apoio pela educação das crianças de Korphe, mesmo das meninas.

Nem todas as pessoas do Braldu compartilhavam do ponto de vista de Sher Takhi. Uma semana depois, Mortenson estava ao lado de Twaha, com o braço sobre seu ombro, admirando a habilidade com que Makhmal e sua equipe assentavam as vigas do telhado, quando se ouviu um grito dos meninos sobre os telhados de Korphe. Um grupo de estranhos estava cruzando a ponte, eles avisaram, e estavam subindo em direção à aldeia.

Mortenson seguiu Haji Ali até seu posto de observação sobre o precipício bem acima da ponte. Ele viu cinco homens se aproximando.

Um, que parecia o líder, caminhava à frente da procissão. Os quatro homens encorpados que o seguiam traziam bastões feitos de galhos de álamo que batiam contra a palma da mão na mesma cadência dos passos.

O líder era um ancião magro, com aspecto pouco saudável, que se apoiava numa bengala, enquanto subia até Korphe. Ele parou, de modo rude, a 45

metros de Haji Ali, e esperou o nurmadhar de Korphe se aproximar para cumprimentá-lo.

Twaha inclinou-se para Mortenson.

— Este homem é Haji Mehdi. Mau sinal — sussurrou ele.

Mortenson já conhecia Haji Mehdi, o nurmadhar de Askole.

— Ele se gabava de ser um muçulmano devoto — diz Mortenson. —

Mas administrava a economia de todo o vale do Braldu como um chefe da máfia. Ele exigia uma porcentagem sobre cada ovelha, cabra ou galinha que os baltis vendiam, e extorquia alpinistas, estabelecendo preços aviltantes pelos suprimentos. Se alguém vendia um ovo que fosse para uma expedição sem pagar a ele uma taxa, Haji Mehdi enviava seus paus-mandados para agredi-lo com seus bastões.

Depois que Haji Ali abraçou Medhi, o nurnzadbar de Askole recusou o convite para tomar chá.

— Vou logo direto ao assunto aqui mesmo, para que todos possam me ouvir — ele anunciou à multidão postada ao longo do precipício. — Ouvi dizer que um infiel veio envenenar as crianças muçulmanas, tanto meninos quanto meninas, com seus ensinamentos.

Haji Mehdi falava de forma abrupta.

— Alá proíbe a educação de meninas. E eu proíbo a construção desta escola.

— Nós terminaremos de construir nossa escola — disse Haji Ali sem se alterar.
— Você proibindo ou não.

Mortenson deu um passo adiante, esperando diluir a hostilidade que pairava no ar.

— Por que não conversamos sobre isso tomando um pouco de chá?

— Eu sei quem você é, kafir — disse Mehdi, usando o pior termo para infiel. — E não tenho nada a dizer a você.

— E você, você não é um muçulmano? — perguntou Mehdi, virando-se ameaçador para Haji Ali. — Há apenas um Deus. Você venera Má? Ou este

kafir?

Haji Ali bateu a mão no ombro de Mortenson.

— Nunca ninguém mais veio até aqui para ajudar meu povo. Tenho pago a você todos os anos, mas você nada fez pela minha aldeia. Este homem é um muçulmano melhor que você. Ele merece minha devoção mais do que você.

Os homens de Haji Mehdi apertavam seus bastões, ansiosos. Ele ergueu a mão para acalmá-los.

— Se você insiste em manter sua escola kafir, deverá pagar um preço

—disse Mehdi, baixando os olhos. — Exijo 12 dos seus melhores carneiros.

— Como quiser — respondeu Haji Ali, dando as costas para Mehdi, para demonstrar como ele se rebaixava ao chantageá-lo exigindo um suborno. — Tragam o **chogo rabak**!

— Nessas aldeias, um carneiro é como um primogênito, uma vaca premiada, um animal de estimação, tudo num só — explica Mortenson. —

O dever mais sagrado do filho mais velho de cada família era cuidar de suas ovelhas, e eles se sentiram arrasados.

Haji Ali se manteve de costas para os visitantes, até que 12 meninos se aproximaram, puxando os animais de grossos chifres e cascos pesados.

Ele pegou os arreios de cada um e amarrou os carneiros juntos. Todos os

meninos choravam ao entregar seus bens mais estimados ao seu nurmadhar. Haji Ali conduziu a fila de carneiros, passando-os, abatido, para Haji Mehdi, e lhe entregou os arreios sem dizer uma palavra. Então se virou e tocou seu povo em direção ao canteiro da construção da escola.

— Foi uma das coisas mais humilhantes que já vi — diz Mortenson.

— Haji Ali acabara de entregar metade dos bens da aldeia para aquele canalha, mas ele estava sorrindo como se tivesse acabado de ganhar na loteria.

Haji Ali parou diante do prédio que todos na aldeia haviam trabalhado tão duro para erguer. Ele se mantinha firme diante de Korphe K2, com paredes de pedra bem assentadas, rebocadas e pintadas de amarelo, e grossas portas de madeira para proteger do frio. Nunca mais as crianças de Korphe iriam se ajoelhar no chão gelado para fazer as lições.

— Não fiquem tristes — disse ele à multidão comovida. — Muito depois que todos aqueles carneiros tenham sido abatidos e sua carne comida, esta escola ainda estará de pé. Haji Medhi tem sua comida hoje.

Agora nossas crianças terão educação para sempre.

Depois que escureceu, à luz da fogueira que ardia em seu balti, Haji Ali pediu a Mortenson que se sentasse ao seu lado. Ele pegou o Alcorão usado e manchado de gordura e segurou-o diante das chamas.

— Vê como é bonito este Alcorão? — perguntou Haji Ali.

— Sim.

— Não sei lê-lo — respondeu ele. — Não sei ler nada. Esta é a maior tristeza da minha vida. Farei qualquer coisa para que as crianças da minha aldeia não tenham de conhecer esse sentimento. Pagarei qualquer preço para que elas tenham a educação que merecem.

— Sentando ao lado dele — diz Mortenson —, percebi que tudo, todas as dificuldades que eu havia passado, do momento em que prometi construir a escola, através do longo esforço para terminá-la, não era nada comparado aos sacrifícios que ele estava preparado para fazer pelo seu povo. Ali estava aquele homem iletrado, que praticamente nunca saíra de sua pequena aldeia no Karakoram. Mesmo assim, ele era o homem mais sábio que conheci.

Capítulo 13

"Um sorriso vale mais que uma lembrança"

Os waziris são a maior tribo da fronteira, mas seu nível de civilização é muito reduzido. É uma raça de ladrões e assassinos, e o termo waziri é execrado mesmo pelas tribos maometanas vizinhas. Eles foram descritos como selvagens e perigosos, impetuosos e despreocupados, providos de auto-estima, porém vaidosos. Os maometanos de uma região estabelecida, em geral, os consideram como completos bárbaros.

— da edição de 1911 da *Enciclopédia Britânica* DA JANELA DE SEU APARTAMENTO NO SEGUNDO ANDAR DO

HOTEL NO DECRÉPITO haveli, Mortenson observava um rapaz sem as pernas arrastar-se através do caos do mercado Khyber em cima de um carrinho de rolimã. Ele parecia não ter mais do que 10 anos de idade, e a cicatriz que restara levou Mortenson a concluir que ele teria sido vítima de uma mina terrestre. O menino avançava com esforço entre os fregueses postados diante de um carro, onde um senhor de turbante remexia num caldeirão com chá de cardamomo,²⁵ com a cabeça à mesma altura dos canos de descarga dos táxis que passavam. Acima do campo de visão do menino, Mortenson viu um motorista entrar numa picape Datsun carregada com pernas mecânicas e ligar o motor.

25. *Erva (Elettaria cardamomum) nativa da Ásia de uso medicinal e como condimento.* (N. da T.)

Mortenson estava pensando o quanto o menino estava precisando de um par de pernas mecânicas como as que estavam empilhadas na picape, e quão era pouco provável que ele as recebesse, por terem sido escamoteadas de uma instituição de caridade por outro Changazi local,

quando viu o caminhão dando a marcha a ré em direção ao menino.

Mortenson não sabia falar pachto, (26) a língua local mais comum.

— Cuidado! — ele gritou em urdu, esperando que o menino entendesse.

26. Língua indo-europeia do grupo irânico, falada no Estado Islâmico do Afeganistão, onde é o idioma oficial. (N. da T.) Mas Mortenson não precisava ter-se preocupado. Com um sentido de autopreservação altamente desenvolvido, necessário para se manter vivo nas ruas de Peshawar, o menino pressentiu o perigo, e afastou-se rapidamente, rastejando como um caranguejo até a beira da calçada.

Peshawar é a capital da região selvagem a oeste do Paquistão. E com a escola de Korphe praticamente concluída, Mortenson precisou vir até esta cidade na fronteira pela velha rodovia do Grand Trunk, em seu novo papel, como diretor do Instituto da Ásia Central.

Ao menos, foi o que ele pensou que deveria fazer.

Peshawar também é o portão de entrada do Passo Khyber. Através dessa passagem entre o Paquistão e o Afeganistão viajavam as forças históricas. Alunos das madrassas, ou escolas teológicas islâmicas de Peshawar, estavam trocando os livros por rifles e mercenários, e marchando para se unirem ao movimento que ameaçava retirar do poder os desprezados governantes do Afeganistão.

Naquele mês de agosto de 1996, este Exército, formado principalmente por jovens adolescentes, que se autodenominavam Talibã, ou "alunos do Islã", lançaram uma ofensiva-surpresa, e tomaram Jalalabad, uma grande cidade do lado afegão do Passo Khyber. Guardas do Exército da fronteira abriram passagem, enquanto milhares de rapazes de barba, com turbantes e os olhos delineados com surma escura, tomavam a passagem em centenas de picapes duplas, carregando rifles e Alcorões.

Refugiados exauridos, fugindo do confronto, debandavam para o leste em igual número, excedendo a capacidade dos acampamentos enlameados nas redondezas de Peshawar. Mortenson planejava sair da cidade dois dias antes, numa viagem para encontrar possíveis lugares para erguer novas escolas, mas o estado de ânimo do local deteve-o em Peshawar. Nas casas de chá, só se falava das vitórias-relâmpago do Talibã, os boatos corriam mais rápido que as balas atiradas para o alto das armas automáticas que os

homens disparavam a toda hora, ao acaso, comemorando: os batalhões do Talibã estavam se reunindo nos arredores de Cabul, a capital, ou já haviam assumido o

controle. O presidente Najibullah, líder do regime pós-soviético corrupto do Afeganistão, teria fugido para a França ou fora executado num estádio de futebol.

Durante a tempestade, o décimo sétimo filho de uma rica família saudita viajou num jato privativo da Ariana Airlines. Quando ele aterrissou numa base aérea desativada nas proximidades de Jalalabad, com pastas cheias de cédulas de 100 dólares não-seriadas, e um grupo de combatentes, motivados, também como ele, por campanhas anteriores no Afeganistão na luta contra os soviéticos, Osama Bin Laden estava de mau humor. A pressão dos Estados Unidos e do Egito levaram à sua expulsão de uma residência confortável no Sudão. Na fuga, abandonou a cidadania saudita e escolheu a afegã: o caos do país servia-lhe como uma luva. Mas a falta de conforto, não. Depois de reclamar aos anfitriões do Talibã sobre o padrão de qualidade dos aposentos que disponibilizaram para ele, focalizou sua fúria crescente no povo que considerava responsável pelo seu exílio — os americanos.

Na mesma semana em que Greg Mortenson se demorava nas redondezas, em Peshawar, Bin Laden lançou o primeiro apelo, conclamando a luta armada contra os americanos. Em sua "Declaração Aberta aos Jihads contra os Americanos Ocupantes do País dos Dois Lugares Sagrados", referindo-se à Arábia Saudita, onde 5 mil soldados americanos estavam baseados na época, exortou seus seguidores a atacar os americanos onde quer que estivessem, e "causar-lhes tanto mal quanto fosse possível".

Como a maioria dos americanos, Mortenson ainda não tinha ouvido falar de Bin Laden. Ele achava que tinha um papel histórico importante a desempenhar e estava relutante em sair da cidade. Também havia o problema de encontrar o guia adequado. Antes de sair de Korphe, Mortenson conversou sobre os projetos com Haji Ali.

— Prometa-me uma coisa — disse o velho nurmadhar. — Não vá a nenhum lugar sozinho. Encontre um anfitrião em quem confie, um chefe de aldeia seria melhor, e espere até que ele o convide para tomar chá em sua casa. Apenas desse modo estará seguro.

Encontrar alguém em quem pudesse confiar em Peshawar estava se tornando mais difícil do que Mortenson havia imaginado. Como o centro

do mercado negro do Paquistão, a cidade estava cheia de personagens suspeitos. Ópio, armas e tapetes eram a vida da cidade, e os homens que encontrara desde que chegara pareciam desgrenhados e sem caráter como seu hotel barato. O haveli em ruínas onde dormira nas últimas cinco noites já fora a residência de um rico comerciante. O quarto de Mortenson servira de posto de observação das mulheres da família. Como se abria para a rua através de uma tela entalhada na pedra calcária, as mulheres podiam ver a atividade no mercado abaixo, sem aparecer em público, violando o purdah.

Mortenson desfrutava desta vantagem de poder observar por trás da parede telada. Naquela manhã, o chokidar do hotel o prevenira que seria melhor para um estrangeiro ficar fora de vista. Era **Juma**, ou sexta-feira, o dia em que os mulahs faziam sermões mais ferrenhos em mesquitas lotadas com jovens inquietos. O fervor do Juma combinado com as notícias explosivas do Afeganistão poderia se tornar uma composição volátil para um estrangeiro pego no fogo cruzado.

No quarto, Mortenson ouviu uma batida na porta e foi atender. Badam Gul passou rapidamente por ele com um cigarro pendurado no lábio, um embrulho sob o braço, e um bule de chá numa bandeja. Mortenson conhecera esse homem, também hóspede do hotel, na véspera, à noite, junto a um aparelho de rádio no saguão de entrada, onde ambos ouviam o relato da BBC sobre os rebeldes do Talibã que lançavam mísseis sobre Cabul.

Gul contou-lhe que era do Wazíristão e tinha uma carreira lucrativa como colecionador de borboletas raras por toda a Ásia Central, fornecendo-as aos museus europeus. Mortenson presumiu que ele não transportava apenas borboletas ao cruzar as fronteiras da região, mas não o pressionou para saber mais detalhes. Quando Gul soube que Mortenson queria visitar a região de sua tribo ao sul de Peshawar, apresentou-se para oferecer seus serviços como guia até Ladha, sua aldeia natal. Haji Ali não o teria aprovado, porém o parto de sua mulher Tara aconteceria em um mês, e Gul, com sua cara raspada, tinha um verniz de respeitabilidade, e Mortenson não tinha tempo para escolher muito.

Gul serviu o chá antes de abrir o embrulho de jornal com fotos de rapazes de barba a caminho da guerra. Mortenson retirou um grande shalwar kamiz branco, sem colarinho, com finos bordados em prata no peito e um colete cinza-escuro.

— O mesmo que veste um wazir — disse Gul, acendendo um segundo cigarro

na ponta do primeiro. — Consigo maior no mercado geral. Você me pagar agora?

Gul contou as rúpias com cuidado antes de enfiá-las no bolso.

Acertaram em sair ao romper da aurora. Mortenson solicitou uma ligação de três minutos à telefonista do hotel, e disse a Tara que estaria indo para um lugar onde não haveria telefones por alguns dias. E prometeu voltar antes de ela dar à luz o bebê.

O Sedan Toyota cinza estava esperando quando Mortenson desceu devagar as escadas pela manhã, com medo de esgarçar as costuras de sua roupa. A parte de cima do seu shalwar estava esticada sobre os ombros e as calças chegavam apenas até a metade de suas panturrilhas. Gul, sorrindo constrangido, disse-lhe que fora chamado, na última hora, a trabalho, de volta ao Afeganistão. A boa notícia, no entanto, era que o motorista, sr. Khan, era natural de uma pequena aldeia próximo a Ladha, e concordara em levá-lo até lá. Mortenson, por um momento, pensou em desistir, mas acabou entrando no veículo, mesmo temeroso.

Seguindo para o sul, ao amanhecer, Mortenson abriu a cortina de renda branca que protegia o assento traseiro de olhares curiosos. As grandes muralhas arredondadas do Forte Bala Hisar assomavam sobre a cidade à medida que se afastavam, brilhando sob a luz avermelhada, como um vulcão adormecido pronto para entrar em erupção.

A 100 quilômetros ao sul da cidade, entraram no Waziristão, a mais indomável das províncias da fronteira noroeste do Paquistão, território de tribos ferozes que formaram uma zona de contenção entre o Paquistão e o Afeganistão. Os waziris eram um povo isolado e, como tal, chamaram a atenção de Mortenson.

— Um aspecto que me atraiu em relação aos baltis, eu creio, foi o fato de serem subjugados — diz Mortenson. — Seus recursos e talentos eram explorados pelo governo paquistanês, que lhes dava muito pouco em troca, e nem sequer lhes permitia votar.

Os waziris também eram subjugados, Mortenson pensou. Desde que Jean Hoerni o nomeara diretor da nova empresa, Mortenson jurara se especializar, embora o título soasse estranho aos seus ouvidos — diretor do Instituto da Ásia Central. Durante o inverno, entre as idas à parteira com Tara, e os dias de preparação e

arrumação do quarto no segundo andar onde seu filho nasceria, ele leu todos os livros que encontrou sobre a Ásia

Central. Ele logo encarou a região pelo que era — grupos de poderes tribais encerrados em países criados arbitrariamente pelos europeus, países que pouco levaram em consideração as alianças ancestrais de cada tribo com seu próprio povo.

Nenhuma tribo chamava tanto sua atenção quanto os waziris. Sem respeitar o Paquistão nem o Afeganistão, eles eram pachtuns, (27) e aliados à sua tribo maior acima de tudo. Desde a época de Alexandre, os estrangeiros encontraram grande resistência toda vez que enviavam soldados àquela região. Com cada derrota de uma força maior e mais bem equipada que chegava ao Waziristão, a infâmia aumentou. Depois de perder centenas de homens para uma pequena força de guerrilha, Alexandre ordenou que seus soldados, a partir de então, delimitassem as terras "desses demônios dos desertos". Os britânicos não tiveram melhor sorte, perdendo duas guerras para os waziris e para a grande tribo pachtun.

27. Os pachtuns, também conhecidos como afegãos étnicos, ou povo dos olhos esverdeados, são um grupo etnolinguístico localizado principalmente no leste e no sul do Afeganistão e, no Paquistão, nas províncias da fronteira noroeste e do Baluchistão e nas áreas tribais administradas pelo governo federal. Os pachtuns caracterizam-se pela sua língua (o pachtu), pelo seu código de honra religioso pré-islâmico e pela prática do Islã.

(N. da T.)

Em 1893, as forças britânicas ensanguentadas retrocederam do Waziristão para a Linha Durand, a fronteira criada entre a Índia Britânica e o Afeganistão. A Linha Durand cortava a tribo pachtun ao meio, uma tentativa dos britânicos para dividir e conquistar. Mas jamais alguém havia conquistado os waziris. Embora o Waziristão pertencesse nominalmente ao Paquistão desde 1947, a pequena influência que Islamabad teve sobre os waziris era fruto da corrupção distribuída entre os líderes das tribos e do armamento do Exército em fortificações que detinham pouco controle sobre qualquer coisa que estivesse fora do alcance de

sua mira.

Mortenson admirava esse povo, que havia resistido tão bravamente aos grandes poderes mundiais. Ele igualmente havia lido relatos negativos sobre os baltis antes de escalar o K2 e imaginava se os waziris estariam sendo, da mesma forma, mal-interpretados. Mortenson lembrou-se de ter

ouvido como os baltis tratavam os estrangeiros de modo rude e eram hostis diante de erros. Agora acreditava que nada estava mais longe da verdade. Aqui estavam mais pessoas negligenciadas que ele poderia atender.

O Toyota passou por seis postos de controle da milícia antes de entrar propriamente no Waziristão. Mortenson tinha certeza de que seria parado e mandado de volta. A cada posto, os sentinelas abriram as cortinas do Sedan e examinavam o imenso e suado estrangeiro dentro da roupa ridícula e apertada e, a cada vez, Khan tirava do bolso da jaqueta de vôo de couro que estava usando, apesar do calor, e contava a quantia em rúpias necessária para manter o carro seguindo na direção sul.

O primeiro sentimento que Mortenson teve pelo Waziristão foi de admiração de como aquele povo conseguira sobreviver naquele ambiente hostil. Eles desceram uma trilha de pedregulhos, atravessando um vale plano e sem vegetação, coberto por pedrinhas escuras. As pedras absorviam o sol do deserto e emanavam uma onda de calor, emprestando à paisagem uma sensação de sono febril.

Metade das montanhas marrons a 16 quilômetros a oeste pertencia, oficialmente, ao Paquistão. A outra metade pertencia ao Afeganistão. *Os britânicos deviam estar brincando ao demarcar uma fronteira cortando um deserto tão indefensável*, pensou Mortenson. Cinco anos depois, o Exército americano descobriria a inutilidade de tentar caçar guerrilheiros familiarizados com estas montanhas. Havia tantas cavernas quanto havia montanhas, cada uma conhecida por gerações de contrabandistas que utilizavam estas passagens. O labirinto de Tora Bora, logo depois da fronteira, ludibriaria as Forças Especiais americanas que tentaram, sem sucesso, de acordo com habitantes locais que alegam tê-lo protegido, prevenir que Osama Bin Laden e seus companheiros da Al-Qaeda de entrar no Waziristão.

Ao terminar o rastro de pedregulhos negros, Mortenson sentiu como se tivesse entrado em uma sociedade medieval de cidades-estado em pé de guerra. Antigos

fortes britânicos, agora ocupados por soldados paquistaneses servindo por um ano de trabalhos forçados, estavam concentrados ali. Cabanas das tribos waziris emergiam dos platôs de pedra dos dois lados da estrada. Eram visíveis, cercados por muralhas de terra batida de 6 metros, encimadas por torres de tiro. Mortenson confundiu as figuras solitárias em muitas das torres com espantalhos, até passarem

próximos para ver um atirador acompanhando seu percurso do fundo do vale pelo telescópio de seu rifle.

Os waziris praticavam o purdah, não apenas para as mulheres, mas em relação a todos os estrangeiros. Desde pelo menos 600 a.C., os waziris resistiram à influência do mundo fora de suas muralhas, preferindo manter todo o Waziristão puro e velado como suas mulheres.

Passaram por pequenas fábricas de armas, onde os artesões waziris fabricavam cópias bem-feitas de muitas das armas automáticas do mundo, e pararam para almoçar em Bannu, o maior povoado do Waziristão, onde eles atravessaram um intenso trânsito de carretas puxadas a burro e picapes com duplas cabines. Na casa de chá, Mortenson esticou-se tanto quanto seu shahvar permitiria, e tentou entabular uma conversa com homens sentados a uma mesa, o tipo de anciões que Haji Alio aconselhara procurar, enquanto o motorista foi atrás de uma loja que vendesse a sua marca de cigarros. A pronúncia de urdu de Mortenson provocou olhares admirados, e ele prometeu a si mesmo que devotaria parte do tempo quando voltasse a Bozeman para estudar pachto.

28. Seita muçulmana fundada por Abdul Wahhab (1703-1792), conhecida por sua severa observação do Alcorão, que floresce principalmente na Arábia. (N. da T.) Através da rua empoeirada, por trás das altas muralhas, estava a MadrassaI-Arabia construída pelos sauditas, onde, dois anos mais tarde, John Walker Lindh, o "talibã americano", viria estudar um tipo fundamentalista do Islã chamado "wahhabismo".²⁸ Lindh, habituado com o clima ameno do Condado de Marin, acabaria definhando sob o sol inclemente do Waziristão, e atravessando as planícies pelo interior do Afeganistão, continuaria sua educação em uma madrassa, entre as montanhas, onde a temperatura era mais branda, numa madrassa financiada por outro saudita: Osama Bin Laden.

Durante toda a tarde eles seguiram para o interior do Waziristão, enquanto Mortenson praticou alguns cumprimentos educados em pachto que o motorista lhe ensinara.

— Era a região mais desolada que se pode imaginar, mas também maravilhosamente serena — diz Mortenson. — Estávamos nos

aproximando do coração das regiões tribais, e eu estava eufórico por estarmos conseguindo chegar tão longe.

Ao sul de Ladha, quando o sol baixou sobre o Afeganistão, eles chegaram a Kot Langarkhel, a terra natal de Khan. A aldeia tinha apenas duas vendas de mantimentos ao lado de uma mesquita de pedra calcária e um aspecto de fim de mundo. Uma cabra empoeirada estava deitada no meio da estrada, com as patas esparramadas de tal modo que parecia ter sido atropelada. Khan exclamou uma saudação aos homens que estavam num depósito atrás de duas lojas, e disseram ao motorista para estacionar o carro do lado de dentro, onde ficaria seguro durante a noite.

O que ele viu dentro do depósito pôs Mortenson imediatamente em alerta. Seis waziris com cintos de munição cruzados sobre o peito, sentados em engradados, fumando haxixe de um narguilé com vários tubos. Contra as paredes, Mortenson viu pilhas de bazucas, RPGs (29) e engradados com AK47 (30) novos. Notou as longas antenas de rádios de campo militares levantadas por trás de caixas de Gatorade em pó com sabor de frutas e Óleo de Olay, e percebeu que havia topado numa fortaleza de uma grande e bem organizada operação de contrabando.

29. Rocket-propelled granadas é o termo que descreve armas antitanques, disparadas sobre o ombro, capazes de lançar um míssil equipado com uma granada explosiva, sendo um termo usado apenas no jornalismo, mas entre militares americanos e britânicos é denominada RPG. (N. da T.) 30. O AK-47 é um rifle de assalto projetado por Mikhail Kalashnikov e produzido inicialmente por um fabricante russo, e continua sendo produzido até hoje. (N. da T.) Os waziris, como todos os pachtuns, vivem de acordo com a lei do Pashtunwali. Badal, as rixas de sangue e de vingança, e a defesa de zan, zar e zameen, ou família, o tesouro e a terra, são os pilares centrais do Pashtunwali. Bem como o

nenawatay, hospitalidade e asilo para convidados que cheguem procurando ajuda. O truque era chegar como convidado, no lugar de um invasor.

Mortenson desceu do carro em suas roupas ridículas e tentou se acomodar, uma vez que era muito perigoso procurar outro lugar para ficar depois de escurecer.

— Usei tudo o que aprendera no Baltistão e cumprimentei cada um dos homens tão respeitosa quanto o possível — diz Mortenson. —

Com as poucas palavras em pacho que Khan me ensinara durante a viagem, perguntei como estavam suas famílias e se estavam bem de saúde.

Muitos dos waziris lutaram junto às Forças Especiais Norte-americanas em sua cruzada para expulsar os soviéticos das terras pachtuns no Afeganistão. Cinco anos antes que os B-52 começassem a bombardear estas montanhas, eles ainda cumprimentavam amistosamente alguns americanos.

O contrabandista de pior aparência, que cheirava como se o óleo de haxixe vertesse de seus poros, ofereceu a Mortenson um dos bocais do narguilé, que ele declinou tão educadamente quanto podia.

— Provavelmente devesse ter fumado um pouco, apenas para fazer amizade, mas eu não queria ficar mais paranóico do que já estava — diz Mortenson.

Khan e o mais velho da gangue, um homem alto com óculos de aviador de lentes cor-de-rosa e um grosso bigode preto encurvado como as asas de um morcego sobre o lábio superior, conversavam acaloradamente em pacho sobre o que deveriam fazer com o estrangeiro para passar a noite. Depois de terminar, o motorista deu uma longa tragada no narguilé e virou-se para Mortenson.

— Haji Mirza tem prazer convidá-lo casa dele — ele disse, com a fumaça saindo entre os dentes.

A tensão que fazia Mortenson pressionar seus ombros dentro do shalwar apertado se desfez. Tudo estava bem agora. Ele seria um convidado.

Subiram uma encosta por meia hora no escuro, passando por figueiras maduras, que exalavam um perfume doce tão forte quanto o cheiro acre da fumaça que recendia das roupas dos waziris. O grupo caminhou em silêncio, exceto pelo bater rítmico das armas contra os cintos de munição.

Um horizonte avermelhado apagava a última luz sobre o Afeganistão.

Num prédio em cima da montanha, Haji Mirza gritou, e as portas de madeira maciça encerrando um muro de barro de 6 metros de altura se abriram pelo lado de dentro lentamente. Um guarda de olhos arregalados observou Mortenson sob a luz de um lampião de querosene, e pareceu querer esvaziar seu rifle AK-47 no estrangeiro apenas por prevenção.

Depois de um pigarro forte de Haji Mirza, ele se afastou e deixou o grupo todo entrar.

— Depois de um dia de viagem saindo do mundo moderno, eu realmente senti como se tivéssemos entrado na Idade Média — diz Mortenson. — Não havia um fosso em torno do lugar, mas me senti como se tivesse cruzado um ao entrar.

As paredes eram maciças e as salas cavernosas eram mal-iluminadas pela luz trêmula dos lampiões. Uma torre de tiro se elevava a 15 metros acima do pátio para que os atiradores pudessem detectar qualquer um que se aproximasse sem ser convidado.

Mortenson e seu motorista foram conduzidos a um quarto no centro da fortaleza, onde havia uma pilha de tapetes. Quando o tradicional shin chai, chá verde aromatizado com cardamomo, foi trazido, o motorista havia se jogado sobre uma almofada, posto o casaco de couro em cima da cabeça e deixado os nervos de Mortenson em frangalhos por ter começado uma ruidosa sinfonia de roncos. Haji Mirza ausentou-se para supervisionar o preparo da refeição, e Mortenson bebericou o chá num silêncio desconfortável por duas horas com quatro de seus capangas, até o jantar ser servido.

— Mahnam do die — anunciou Haji Mirza, "Jantar".

O suculento cheiro de carne de carneiro tirou Khan de debaixo do casaco. Mesmo com aparência urbana, o motorista ainda sacava sua adaga ao ver carne assada como os demais waziris durante as refeições. No chão, ao lado do carneiro, os empregados de Haji Mirza serviram uma travessa fumegante de Kabuli pdau — arroz com cenoura, cravo e passas — mas os homens só queriam saber da carne do animal. Eles a atacaram com suas longas adagas, estripando a carne macia dos ossos, e enfiando-a na boca com a ponta das facas.

— Pensei que os baltis comessem carne com prazer — disse Mortenson —, mas

esta foi a refeição mais bárbara e primal da qual participei. Depois de dez minutos de retalhamento e grunhidos, o carneiro havia sido desossado, e os homens arrotavam e limpavam a gordura das barbas.

Os waziris recostaram-se grunhindo sobre os travesseiros e acenderam cigarros e cachimbos fedidos. Mortenson aceitou um cigarro com cheiro de carneiro da mão de um dos waziris e fumou-o até o fim, como deve fazer um convidado de honra. Por volta da meia-noite, as

pálpebras de Mortenson estavam pesadas, e um dos homens abriu espaço sobre um tapete para ele dormir. Ele não havia se saído tão mal, pensou, à medida que o grupo de homens de turbante saía de foco. Ele estabeleceu contato pelo menos com um ancião da tribo, mesmo chapado de haxixe, e amanhã o pressionaria para ser apresentado a outros e começar a explorar o que a aldeia pensava sobre a construção de uma escola.

A gritaria entrou nos sonhos de Mortenson, enquanto ele dormia.

Pouco antes de despertar, ele se via de volta em Khane, ouvindo Janjungpa gritar com Akhmalu sobre por que sua aldeia precisava de uma escola de alpinismo em vez de uma escola infantil. Então ele se sentou e o que viu não fazia sentido. Uma lâmpada de interrogatório balançava sobre seu rosto, lançando sombras grotescas contra as paredes. Por trás da lâmpada, Mortenson viu um AK-47, apontado, ele percebeu, à medida que recobrava a consciência, para o seu peito.

Por trás da arma, um homem bárbaro, com uma barba desgrenhada e um turbante cinza, gritava numa língua que ele não compreendia. Eram duas da manhã. Mortenson dormira apenas duas horas, e ao se esforçar para entender o que estava acontecendo com ele, de ser impedido de dormir, agora que precisava tanto descansar, incomodava-o mais do que os oito estranhos apontando armas para ele e puxando-o pelos braços.

Eles o puseram bruscamente de pé e o arrastaram em direção à porta.

Mortenson olhou em volta no quarto escuro procurando pelos homens de Khan ou de Haji Mirza, mas estava sozinho com os homens armados.

Mãos calosas agarraram-no pelos braços e conduziram-no para fora dos portões da fortaleza abertos de par em par.

Alguém passou uma faixa de turbante desenrolada sobre seus olhos, e apertou bem.

— Lembro-me de pensar: "Está tão escuro que não consigo ver nada"

—diz Mortenson.

Eles o levaram por uma trilha em meio ao breu, pressionando-o a acelerar o passo e levantando-o quando tropeçava nas pedras com as sandálias baixas. Na cabeça da trilha, uma tropa armada o colocou dentro de uma picape e embarcaram depois dele.

— O veículo seguiu por uns 45 minutos — diz Mortenson. —

Finalmente, eu estava completamente acordado e tremendo, em parte porque estava frio num caminhão aberto no meio do deserto. E também porque realmente ficara assustado.

Os homens prensados sobre ele discutiam violentamente em pachto, e Mortenson entendeu que estavam debatendo o que deveriam fazer com ele.

Mas por que o haviam trazido, em primeiro lugar? E onde estavam os guardas armados de Haji Mirza quando este lashkar, ou patrulha, entrou sem dar um tiro? A ideia de que estes homens seriam cúmplices de Mirza atingiu-o como um baque. Pressionados contra ele, seus sequestradores fediam a fumaça e suor e, para Mortenson, cada minuto que a picape avançava pela noite escura parecia diminuir as chances de rever sua mulher.

O caminhão saiu da rodovia, e começou a subir a montanha ao longo de uma trilha sulcada. Mortenson sentiu o motorista pisar no freio, e o caminhão virou bruscamente antes de parar. Mãos fortes o puxaram até o chão.

Ele ouviu alguém mexer num cadeado, depois abrirem uma grande porta de metal. Mortenson tropeçou na soleira, as mãos comprimiram seus braços, passando por um corredor que ecoava com os passos, entrando num quarto escuro. Ele ouviu o pesado portão de entrada ser cerrado com um estrondo. Então retiraram sua venda.

Ele se viu num quarto vazio, de pé-direito alto, com 3 metros de largura por 6 de comprimento. Um lampião de querosene queimava no peitoril de uma única

janela pequena, vedada pelo lado de fora. Ele se virou para os homens que o trouxeram, dizendo a si mesmo para não entrar em pânico, tentando ter presença de espírito para conseguir quebrar o gelo, dizer qualquer coisa para tentar ganhar a simpatia deles, e viu uma porta pesada ser trancada por trás deles. Através da grossa madeira, ouviu o som áspero de um cadeado se fechando.

Na escuridão do fundo do quarto, Mortenson viu um cobertor e um colchonete sobre o chão batido. Um sentimento elementar disse-lhe que dormir seria uma opção melhor do que andar de um lado para o outro, preocupado com o que iria lhe acontecer. Então, deitou-se sobre o colchão fino, com os pés 30 centímetros para fora da beirada, puxou o cobertor de lã cheirando a mofo sobre o peito, e caiu num sono ininterrupto e sem sonhos.

Quando abriu os olhos, viu dois de seus sequestradores agachados ao lado da cama e a luz do dia passando pelas frestas da janela.

— Chai — disse o mais próximo, servindo-lhe uma xícara de chá verde morno.

Ele bebeu em uma caneca de plástico demonstrando entusiasmo, sorrindo para eles, enquanto os analisava. Eles tinham um aspecto endurecido de homens que haviam passado grande parte da vida por privações e ao ar livre. Ambos tinham mais de 50 anos, ele pensou, com barbas maltratadas e densas como o pêlo de um lobo. O homem que lhe servira o chá tinha uma faixa manchada com sangue coagulado na testa. E

Mortenson concluiu que pudesse ter sido produzido por fragmentos de bala, ou um tiro que passara de raspão. Eles haviam sido mujahadeen, pensou, soldados da guerrilha afegã contra os soviéticos. Mas o que seriam agora? E o que pretendiam fazer com ele?

Mortenson secou a caneca de chá e fez uma mímica para expressar o desejo de ir ao banheiro. Os guardas penduraram os rifles no ombro, e conduziram-no até o pátio. As muralhas de 6 metros eram altas demais para que Mortenson pudesse ver qualquer pedaço da paisagem, e viu um guarda vigiando a torre de tiro bem acima no canto da fortificação. O

guarda que ostentava a cicatriz empurrou uma porta com a coronha do rifle e Mortenson entrou em um cubículo onde havia uma privada. Ele empurrou a porta para fechá-la, mas o guarda sem a cicatriz manteve-a aberta com o pé, e entrou junto com ele, enquanto o outro o observava do lado de fora.

— Costumo usar privadas o tempo todo — diz Mortenson. — Mas fazê-lo com dois homens olhando? Sabe como é, ter de se limpar depois, com os dois caras olhando, foi constrangedor.

Assim que acabou, os guardas sacudiram os tambores das armas de volta pelo caminho que vieram e empurraram Mortenson para dentro do quarto. Ele se sentou de pernas cruzadas sobre o colchonete em que dormira, e tentou entabular uma conversa. Porém os guardas não estavam interessados em tentar decodificar seus gestos e sinais de mãos. Postaram-se junto à porta, fumando quantidades enormes de haxixe, e o ignoraram solenemente.

— Comecei a me sentir realmente deprimido — diz Mortenson. —

Pensei: "Isto pode levar muito tempo." E parecia pior do que acabar logo com tudo.

Com a única pequena janela fechada, e a luz do lampião diminuindo, o quarto ficou às escuras. A depressão que Mortenson sentia sobrepujou o medo, e ele dormitou, mantendo-se num estado de entre acordado e dormindo, enquanto as horas passavam.

Voltando à consciência, notou algo no chão ao fim do tapete. Ele pegou para ver o que era. Era uma revista Time em frangalhos, datada de novembro de 1979, 17 anos antes. Sob uma manchete que dizia "O Teste das Vontades", com uma pintura exagerada do Aiatolá Khomeini oscilando como uma carpideira sobre uma fotomontagem de Jimmy Carter com uma expressão de derrota.

Mortenson virou as páginas envelhecidas, que detalhavam os primeiros dias da crise dos reféns americanos detidos no Irã. Com um baque que lhe revirou o estômago, deparou com fotos deles vendados e indefesos à mercê de multidões fanáticas e ameaçadoras. Teria sido esta revista Time colocada ali em especial como um tipo de mensagem? Ou foi um gesto hospitaleiro, por ser a única revista em inglês que seus anfitriões tinham à mão? Ele olhou de soslaio para os guardas para ver entregavam alguma coisa com suas expressões, mas continuavam conversando tranquilamente, fumando haxixe, parecendo ainda ignorá-lo.

Não havia mais nada que ele pudesse fazer senão ler. Virando as páginas em direção ao lampião de querosene, concentrou-se numa reportagem especial, no estilo conciso da Time, sobre o sofrimento dos reféns americanos em Teerã. Os

detalhes eram apresentados por cinco secretárias de embaixada e sete fuzileiros navais negros, que foram libertados logo depois que a embaixada foi tomada. Mortenson descobriu que os reféns negros foram libertados numa entrevista coletiva à imprensa sob uma faixa que dizia: "Negros oprimidos, o Governo dos EUA é nosso Inimigo Comum."

O sargento da Marinha, Ladell Maples, relatou que foi obrigado a gravar depoimentos louvando a revolução iraniana e ameaçado de morte se dissesse alguma outra coisa.

Kathy Jean Gross, que falava um pouco de farsi, (31) disse que fez amizade com uma das guardas femininas e imaginava que isso poderia ter ajudado em sua libertação.

Mortenson leu como os reféns foram forçados a dormir no chão com as mãos e os pés atados. Eles eram desamarrados para comer, usar o banheiro e para os fumantes darem umas tragadas. "Alguns se sentiam tão desesperados para permanecer desatados por mais tempo que os não-fumantes passaram a fumar", transcreveu a Time, citando o que disse Elizabeth Montagne.

A reportagem especial terminava com uma observação não-auspiciosa, de acordo com a equipe de redatores da Time: "A Casa Branca estava preparada para a terrível, porém real possibilidade de que os reféns iriam passar o Natal com os militantes de Khomeini na embaixada em Teerã." Com a vantagem de estar lendo este texto 17 anos depois, Mortenson sabia o que os jornalistas não suspeitavam, em novembro de 1979 — que mais do que dois Natais passariam antes que o cativeiro de 414 dias dos reféns tivesse fim.

31. Língua iraniana moderna, que data do século IX, falada no Irã e no oeste do Afeganistão, escrita em alfabeto árabe; persa moderno. (N. da T.)

Mortenson baixou a revista. Pelo menos ninguém o amarrara ou ameaçara baleá-lo. Ainda. Tudo poderia ser pior, pensou Mortenson. Mas 444 dias neste quarto escuro era um prognóstico terrível demais. Ele poderia não falar pacho, mas encontraria um modo para seguir a deixa de Kathy Jean Gross, decidiu Mortenson. Ele inventaria uma forma de se comunicar com esses homens.

Depois de se alimentar um pouco com dal e Kabuli pilau, Mortenson ficou acordado grande parte da segunda noite, bolando e descartando inúmeras estratégias. A revista Time falava sobre a suspeita dos sequestradores iranianos de que alguns de seus reféns trabalhavam para a CIA. Seria este o motivo por que ele fora sequestrado? Suspeitariam de que fosse um agente enviado para espionar este fenômeno praticamente desconhecido, o Talibã? Era possível, porém, com o conhecimento limitado da língua, não haveria como explicar o trabalho que fizera para as crianças paquistanesas, então abandonou a tentativa de persuadi-los.

Teria sido ele sequestrado para pedir um resgate? Apesar do fato de ainda estar aferrado à esperança de que os waziris seriam bem-intencionados e mal compreendidos, precisava admitir que dinheiro pudesse ser um motivo. Mas, novamente, não sabia falar pachto para convencê-los de que não tinha dinheiro algum. Teria sido sequestrado por ser um infiel passando por uma terra fundamentalista? Pensando nesse aspecto, enquanto os guardas desfrutavam do sono induzido pelo haxixe, admitiu que bem que poderia ser isso. E graças a um alfaiate, poderia influenciar seus sequestradores sem falar a língua deles.

Na segunda manhã no quarto fechado, quando os guardas o acordaram para tomar chá, ele estava pronto.

— O Alcorão? — perguntou ele, imitando um pregador folheando as páginas de uma Bíblia.

Os guardas entenderam imediatamente, uma vez que o árabe é a língua de adoração dos muçulmanos em todo o mundo. O guarda com a cicatriz na testa disse algo em pachto que Mortenson não conseguiu decifrar, mas preferiu interpretar que seu pedido havia sido compreendido.

Apenas na tarde do terceiro dia, um homem mais velho, que Mortenson entendeu ser o **mulah** da aldeia, chegou trazendo um Alcorão empoeirado, com uma capa de veludo verde. Mortenson agradeceu-lhe em urdu, para ver se ele compreendia, mas não percebeu nenhum sinal nos olhos do ancião sob o capuz. Mortenson levou o livro até o seu tapete e realizou o wudu, o ritual de lavagem sem água, antes de abri-lo com respeito.

Mortenson curvou-se sobre o livro sagrado, fingindo ler, falando baixinho os versos do Alcorão que aprendera sob o olhar cego do manequim do alfaiate em

Rawalpindi. O mulá grisalho assentiu, como se estivesse satisfeito, e deixou Mortenson sozinho com os guardas.

Mortenson pensou em Haji Ali, também um iletrado em árabe, mas folheando, do mesmo modo, com carinho, as páginas do Alcorão, e sorriu, confortado pelo calor do seu gesto.

Ele orava cinco vezes por dia quando ouvia o chamado de uma mesquita próxima, do modo sunita nesta terra sunita, devotado ao Alcorão.

Mas se o seu plano era provocar uma reação, não notou qualquer mudança no comportamento dos guardas. Quando não estava fingindo ler o Alcorão, Mortenson pegava a revista Time para se distrair.

Decidiu evitar as histórias sobre a crise dos reféns, notando como se sentia ansioso após cada releitura. Ele se abstraía do que o cercava por trinta minutos de cada vez com um perfil promissor do famoso candidato que acabara de declarar seu desejo de se candidatar à presidência —

Ronald Reagan.

"Já é hora de parar de nos preocupar se gostam ou não de nós e decidir que vamos ser respeitados novamente pelo mundo", Reagan disse aos editores de Time. "De forma que nenhum ditador tomará novamente a nossa embaixada e subjugará nossos cidadãos". Durante o governo do presidente Clinton, o respeito do mundo pela América subiu de forma

progressiva, pensou Mortenson. Mas como, exatamente, isso poderia ajudá-lo? Mesmo se um diplomata americano pudesse usar esse prestígio para tentar libertá-lo, ninguém sequer saberia onde ele estava.

Fotografia: K2 fotografado por Mortenson durante a tentativa malsucedida de atingir o cume em 1993.

Fotografia: Mortenson (terceiro da direita com boné) com Scott Darsney (primeiro à direita) e os líderes da expedição Daniel Mazur (segundo da direita) e Jonathan Pratt (primeiro à esquerda), antes de iniciar a desafiadora rota da Cordilheira Oeste.

Fotografia: Mouzafwe Ali, o famoso carregador balti, que conduziu Mortenson

em segurança para fora da geleira do Baltoro.

Fotografia: Haji Ali, nurmadhar da aldeia de Korphe e mentor de Mortenson.

Fotografia: Mortenson na Tanzânia com as irmãs Kari (em pé), Sonja, e John Haule, amigo da família.

Fotografia: Mortenson com sir Edmund Hillary (ao centro) e Jean Hoemi, cuja doação fundou o Instituto da Ásia Central, no jantar da Fundação Americana do Himalaia, onde Mortenson conheceu a mulher, Tara Bishop.

Fotografia: Conduzidos por Sher Takhi, os aldeões de Korphe carregam as tábuas de madeira do telhado para a escola por 29

quilômetros, uma vez que as avalanches haviam fechado a única estrada que leva ao vale do Braldu.

Fotografia: A escola de Korpe sendo construída.

Fotografia: Mortenson com as alunas da escola de Khanday.

Fotografia: Inauguração da escola de Hushe.

Fotografia: Mortenson com os apoiadores e membros da equipe do IAC em Skardu. Na primeira fileira, ajoelhados: Saidullah Baig (esquerda). Sarfraz Khan; na segunda fileira, em pé (da direita para a esquerda): Mohammed Nazir, Faisal Baig, Ghulam Parvi, Greg Mortenson, Apo Mohammed, Mehdi Ali, Suleman Minhas.

Fotografia: Mortenson com a mulher, Tara Bishop, e a filha, Amira, com 9 meses de idade, no Passo Khyber. Esta foto foi usada como cartão de Natal da família, com a legenda “Paz na Terra”.

Fotografia: Syed Abbas, líder xiita supremo do norte do Paquistão e apoiador-chave da missão de Mortenson.

Fotografia: Mortenson e Twaha, em Korphe, junto ao túmulo do pai de Twaha, Haji Ali.

Fotografia: Mortenson com as crianças de Korphe.

Fotografia: O baixo vale do Hushe.

Fotografia: Aslam, nurmadhar da aldeia de Hushe, com a filha Shakeela, primeira mulher educada no vale do Hushe.

Fotografia: Relin com Ibrahim, ancião da aldeia de Hushe.

Fotografia: Jahan, a primeira mulher educada no vale do Braldu, em Skardu, onde continua seus estudos.

Fotografia: Mortenson passando informações a Mary Bono, congressista americana, sobre os últimos andamentos no Afeganistão.

Fotografia: Relin, no heliporto pessoal do presidente Musharraf em Islamabad, pronto para decolar para visitar as Regiões do Norte do Alouette da época da guerra do Vietnã.

Fotografia: Mortenson com Sadhar Khan, commandhan di Badakshan.

O quarto e o quinto dias transcorreram iguais, marcados apenas pelas mudanças na qualidade de luz que vertia pelas frestas das janelas fechadas.

À noite, tiros curtos e ferozes de armas automáticas ecoaram do lado de fora do forte, e respondidos com mais tiros a partir da torre.

Durante o dia, Mortenson tentava divisar alguma coisa pela fresta da janela. Mas a vista — a face branca, da parede externa da fortaleza — não aliviava o tédio de ficar confinado naquela cela. Mortenson tentava se distrair. Mas já havia cansado de ler a crítica da Time sobre as tendências culturais, ou o incansável relato de como os girassóis estavam se tornando a nova riqueza agrícola da Dakota do Norte.

As páginas de anúncio foram a resposta. Elas o associavam a algo familiar.

No meio do que julgou ser a quinta noite, Mortenson sentiu uma onda de desespero tomar-lhe o corpo, ameaçadora. Ele sentia falta de Tara. Ele dissera que estaria de volta em um ou dois dias e estava arrasado de não ter um meio de se comunicar com ela para acalmá-la. Daria qualquer coisa, ele pensou, para ver a foto que tirara com Tara no dia do casamento.

Na foto, ele a segurava nos braços na frente do trole que os levara naquele passeio de sonhos. Tara sorria para a câmera, felicíssima. Ele se xingava por ter esquecido a carteira em sua mochila no hotel em Peshawar.

Com força de vontade, conteve a ânsia de desespero, e virava as páginas da revista, procurando um ponto de referência no mundo cálido que deixara para trás. Ficou olhando para um anúncio de uma caminhonete Chevrolet Classic, para a linda mamãe sorrindo, no banco de passageiro, para o que estariam dizendo a ela as duas adoráveis crianças sentadas no banco de trás do veículo de última linha com belos painéis de madeira.

Por quase duas horas, vasculhou uma página vendendo Câmeras Kodak Instamatic. Nos galhos de uma árvore de Natal, pendurados como enfeites, estavam fotos de uma família feliz. Um distinto avô, vestido com um robe vermelho, ensinava um lindo menino de cabelos louros como usar seu novo presente — uma vara de pescar. Uma feliz mamãe observava, enquanto crianças de bochechas rosadas desembulhavam capacetes de futebol americano, cercados por cãezinhos brincalhões. Apesar de os Natais da infância de Mortenson terem sido passados na África, e a única árvore tradicional que vira fora um pequeno pinheiro artificial que desempoeiravam todos os anos, ele se agarrou a esta boia de salvação atirada pelo mundo que ele conhecia, o mundo que não era este quarto cheirando a querosene e estes homens de aspecto malevolente.

Na manhã do sexto dia no cativeiro, Mortenson se concentrava num anúncio de um aparelho de higiene bucal. A legenda dizia "Um sorriso vale mais que uma lembrança", e o texto continha uma informação fria sobre uma placa bacteriana que cresce e vive por baixo das gengivas", mas Mortenson lia muito além do que estava escrito. A foto de três gerações de uma estável família americana na varanda de uma bem-construída casa de tijolos era mais do que ele conseguiria suportar. O modo como todos sorriam de orelha a orelha e se abraçavam indicava amor e carinho, os sentimentos que tinha por sua Tara, os sentimentos que ninguém ali tinha por ele.

Ele intuiu, antes de ver, que havia alguém de pé sobre o cobertor amarfanhado. Mortenson olhou para cima, e viu um homem de grandes proporções. Sua barba branca estava aparada, e ele sorriu gentilmente e cumprimentou Mortenson em pacho e disse, em inglês: — Então, você deve ser o americano.

Mortenson levantou-se para apertar-lhe a mão e se sentiu tonto a ponto de quase

cair. Por quatro dias, cada vez mais deprimido, recusara qualquer alimento, exceto arroz e chá. O homem segurou-o pelos ombros, firmando-o no chão, e pediu que servissem o desjejum.

Entre mordidas de um morno chapatti, Mortenson compensou os seis dias que passou sem dizer uma palavra. Quando perguntou o nome do gentil homem, ele fez uma longa pausa antes de dizer: — Apenas me chame de Khan — o equivalente, no Waziristão, para "Silva".

Embora fosse um wazir, "Khan" fora educado numa escola britânica em Peshawar e falava com a mesma entonação entrecortada que aprendera.

Ele não explicou por que viera, mas ficou claro que havia sido chamado para levantar informações sobre o americano. Mortenson contou-lhe sobre o trabalho no Baltistão, desfiando toda a história, enquanto tomavam bules de chá verde. Explicou que planejava construir muito mais escolas para as crianças mais negligenciadas do Paquistão, e viera ao Waziristão para ver se seus serviços seriam requisitados aqui.

Ele esperou ansiosamente Khan responder que sua detenção fora um mal-entendido e que logo poderia voltar para Peshawar. Mas não recebeu essa confirmação do homem de barba à sua frente. Khan pegou a revista Time e folheou-a, distraído, com a atenção distintamente em outro lugar.

Parou diante de um anúncio do Exército americano e Mortenson sentiu um sinal de perigo. Apontando para uma foto de uma mulher camuflada operando um rádio de campo, Khan perguntou: — O Exército americano envia mulheres para a batalha hoje em dia, é isso?

— Não normalmente — respondeu Mortenson, procurando ser diplomático —, mas as mulheres em nossa cultura são livres para escolher qualquer carreira.

Ele sentiu que mesmo esta resposta continha o resquício de uma ofensa. Sua mente tentou procurar assuntos onde pudessem encontrar elementos em comum.

— Minha esposa está para dar à luz o nosso primeiro bebê, um zoi, um filho — disse Mortenson. — E preciso voltar para casa antes que ele nasça.

Meses antes Tara havia feito um exame de ultra-som, e Mortenson vira a imagem líquida e imprecisa de sua primeira filha.

— Eu sabia que para um muçulmano o nascimento de um filho é muito importante — diz Mortenson. — Sentime mal por mentir, mas imaginei que o nascimento de um filho pudesse convencê-los a me libertar.

Khan continuou com o cenho franzido diante do anúncio do Exército como se não o tivesse ouvido.

— Eu disse à minha mulher que logo estaria com ela — insistiu Mortenson. — E tenho certeza de que está preocupada. Posso telefonar para ela para dizer que estou bem?

— Não há telefones neste lugar — respondeu o homem que se autodenominava Khan.

— E se você me levasse a um dos postos do Exército paquistanês? Eu poderia ligar de lá?

Khan suspirou.

— Temo que isso não seja possível — respondeu ele.

Então ele lançou para Mortenson um olhar que deixava entrever uma solidariedade que ele não tinha permissão para externar.

— Não se preocupe — ele disse, recolhendo o bule de chá e preparando-se para sair. — Você vai ficar bem.

Na tarde do oitavo dia, Khan veio visitar Mortenson novamente.

— Você gosta de futebol? — perguntou ele.

Mortenson pesou a pergunta para encontrar alguma cilada e concluiu que não havia nenhuma.

— Claro. Joguei futebol na escola, quero dizer, na universidade — ele respondeu, e ao traduzir do inglês americano para o britânico, percebeu que Khan se referia ao outro tipo de futebol mais comum no mundo.

— Então vamos entretê-lo com um jogo — respondeu Khan, chamando Mortenson em direção à porta. — Venha.

Ele seguiu as costas largas de Khan para fora do portão destravado e, zozzo diante do espaço aberto, olhou pela primeira vez em volta no lugar onde estava havia uma semana. No fim de uma estrada de pedregulhos, junto aos minaretes de uma mesquita quase em ruínas, podia ver uma rodovia bifurcando-se no vale. E na extremidade, a menos de um quilômetro e meio de distância, viu as torres fortificadas de um posto do Exército do Paquistão. Mortenson pensou em correr até lá, depois se lembrou do atirador na torre de seus sequestradores. Então seguiu Khan morro acima, até um amplo campo de pedras, onde mais de vinte jovens barbudos que nunca vira estavam jogando uma partida de futebol surpreendentemente bem, tentando chutar a bola num gol formado por uma pilha de engradados de munição vazios.

Khan conduziu-o até uma cadeira de plástico branca colocada ao lado do campo especialmente para ele. E Mortenson assistiu, atento, os jogadores chutando nuvens de poeira que grudavam às suadas shalwar

kamiz, até um grito vir da torre de tiro. O sentinela vira movimento no posto do Exército.

— Mil desculpas — disse Khan, escoltando Mortenson rapidamente para trás dos altos muros de barro da fortificação.

Naquela noite, Mortenson lutou para conciliar o sono, mas não conseguiu. Pelo seu aspecto e o respeito que os outros lhe dedicavam, pensou Mortenson, Khan seria provavelmente um novo comandante do Talibã. Mas o que isso significava para ele? Seria o jogo de futebol um sinal de que logo seria libertado? Ou o equivalente a um último cigarro?

As quatro da madrugada, quando vieram buscá-lo, obteve a resposta.

Khan amarrou ele mesmo a venda sobre os olhos, pôs um cobertor sobre os ombros de Mortenson, e gentilmente conduziu-o pelo braço até um caminhão cheio de homens.

— Nessa época, antes de 11 de setembro, degolar estrangeiros ainda não tinha virado moda — diz Mortenson. — E eu não achei que ser fuzilado fosse um modo tão ruim de morrer. Mas o pensamento de que Tara teria de criar nossa filha sozinha e provavelmente nunca descobrir o que havia acontecido comigo me enlouquecia. Eu podia imaginar a sua dor e incerteza contínua, e isto parecia o mais horrível de tudo.

Na traseira da picape, alguém ofereceu um cigarro a Mortenson, mas ele recusou. Ele não precisava mais causar uma boa impressão, e um cigarro não era o último gosto que queria sentir na boca. Ao longo dos trinta minutos de viagem, segurou o cobertor sobre os ombros, mas não conseguia parar de tremer. Porém, quando a picape tomou uma estrada de terra, aproximando-se de disparos de armas automáticas, Mortenson começou a suar frio.

O motorista pisou no freio e o caminhão deslizou até parar no meio da cacofonia ensurdecedora de dezenas de rifles AK-47 disparando sem parar. Khan retirou a venda de Mortenson e deu-lhe um abraço apertado.

— Como vê — ele disse —, eu lhe assegurei que tudo daria certo.

Sobre o ombro de Khan, Mortenson viu centenas de waziris grandes e barbudos, dançando em volta de fogueiras, dando tiros no ar. Em seus rostos iluminados pelo fogo, Mortenson surpreendeu-se de não ver sede de sangue, mas encantamento.

O lashkar que o acompanhou saltou da picape gritando de alegria e começaram também a atirar com as armas para o alto. Devia estar quase

amanhecendo, mas Mortenson viu panelas fervendo e cabras assando sobre as chamas.

— O que é isto? — ele gritou, seguindo Khan por entre os homens dançando freneticamente, sem acreditar que seus oito dias de perigo haviam finalmente terminado. — Por que estou aqui?

— É melhor que eu não lhe conte muita coisa — gritou Khan acima do barulho dos tiros. — Vamos dizer que consideramos outras... questões.

Havia uma disputa e poderíamos ter tido um problema muito grande. Mas agora tudo foi resolvido pela jirga e por isso resolvemos fazer uma festa.

Uma festa antes de levá-lo de volta a Peshawar.

Mortenson ainda não conseguia acreditar nele, mas um primeiro punhado de rúpias ajudou a convencê-lo que seu cativoiro havia acabado.

O guarda com a cicatriz de bala na testa tropeçou à sua frente, o rosto sorridente

aceso pelas chamas e o haxixe. Acenou com a mão cheia de notas cor-de-rosa de 100 rúpias, tão imundas e rasgadas quanto ele mesmo, antes de enfiá-las no bolso dianteiro do shalwar de Mortenson.

Mortenson, sem dizer nada, virou-se para Khan pedindo uma explicação.

— Para as suas escolas! — ele gritou no ouvido de Mortenson. —

Assim, Inshallah, você construirá muitas mais!

Dezenas de outros waziris pararam de atirar para abraçar Mortenson, oferecendo-lhe nacos fumegantes de carne de cabra, e fazendo-lhe mais doações. Ao amanhecer, com o estômago e o bolso do shalwar cada vez mais cheios, Mortenson sentiu o medo que lhe oprimira o peito por oito dias se esvanecer.

Tonto, ele se juntou aos homens na comemoração, com a gordura de cabra escorrendo pela barba de mais de uma semana por fazer, executando os velhos passos da Tanzânia que pensava já ter esquecido, aos gritos de estímulo dos waziris, dançando em estado de absoluta felicidade e de selvagem abandono, embebido numa indescritível sensação de liberdade.

Capítulo 14

Equilíbrio

Agora não há mais oposição entre a vida e a morte.

Não arremeta, nem pule, nem tente fugir.

Não há mais um contendor, nem nada para ser contido.

Tudo se resolveu com imensa liberdade.

— em Wanir, Song of King Gezar (A canção do guerreiro do rei Gezar)

O ESTRANHO CARRO COMPACTO ESTACIONADO NA

ENTRADA DE GARAGEM DE Mortenson, em Montana, estava praticamente todo coberto de lama. A placa dianteira do veículo dizia

"COLETOR DE BEBÊS".

Mortenson entrou em sua pequena casa, sempre surpreso por saber que aquela velha casinha pertencia a ele. Colocou a sacola de compras do mercado cheia das coisas que Tara queria comer desesperadamente —

frutas frescas e meia dúzia de potes de sorvete de 500 ml de diferentes sabores da Häagen-Dazs — em cima da mesa da cozinha e foi ver onde estava a mulher.

Encontrou-a no quarto, no andar de cima, em companhia de uma mulher gorda.

— Roberta está aqui, querido — disse Tara, deitada de costas na cama.

Mortenson, que havia chegado a Bozeman havia apenas uma semana, passara três meses no Paquistão, e ainda estava se habituando a ver sua pequena mulher como uma fruta madura. Mortenson acenou com a cabeça para a parteira sentada na ponta da cama.

— Oi.

— Como vai? — perguntou Roberta, com seu sotaque arrastado de Montana, e virou-se novamente para Tara. — Estávamos falando onde deveríamos fazer o parto, e Tara me disse que gostaria de dar à luz a filha

de vocês aqui mesmo, nesta cama, e eu concordei. Este quarto tem uma energia muito pacificadora.

— Por mim, tudo bem — respondeu Mortenson, segurando a mão de Tara.

E ela estava certa. Como ex-enfermeiro, estava satisfeito em evitar que Tara desse entrada num hospital. Roberta lhes deu um número de telefone e disselhes para chamá-la em seu chalé nas montanhas, fora de Bozeman, a qualquer hora, do dia ou da noite, quando as contrações começassem.

No resto da semana, Mortenson desmanchou-se em tanto zelo e atenção sobre Tara, que ela se sentiu sufocada, e lhe pediu que fosse dar uma volta a pé para ela poder dormir. Depois do Waziristão, a perfeição do outono cheio de folhas caídas em Bozeman parecia boa demais para ser verdade. Essas longas caminhadas pelas charmosas ruas arborizadas em volta de sua casa, passando por alunos da Montana State jogando Frisbees para seus cães em parques bem-cuidados, era o antídoto de que ele precisava para os oito dias que passara num quarto sem ventilação.

Depois de ter voltado são e salvo para o hotel em Peshawar, com os bolsos cheios com quase 400 dólares em notas de 100 rúpias cor-de-rosa dadas pelos waziris, Mortenson levou a foto de Tara consigo até um balcão de serviço telefônico do governo e segurou-a à sua frente, enquanto ligava para a mulher no meio da madrugada de domingo nos Estados Unidos.

Tara já estava acordada.

— Oi, querida, eu estou bem — disse ele, numa ligação cheia de estática.

— Onde você estava? O que aconteceu?

— Eu fiquei detido.

— Que quer dizer com "detido"? Pelo governo?

Ele ouviu o tom de medo na voz de Tara.

— É difícil de explicar — respondeu ele, tentando não assustar a mulher mais ainda. — Mas estou voltando para casa. Vejo você dentro de mais alguns dias.

Durante os três longos vôos de volta, o tempo todo ele tirava da carteira a foto de Tara, e ficava olhando para ela, tomando longos goles de remédio.

Em Montana, Tara também estava se recuperando.

— Nos primeiros dias em que não tive notícias dele, eu pensei, é costume de Greg perder a noção de tempo. Mas depois de uma semana, comecei a ficar preocupada. Pensei em ligar para o Departamento de Estado e conversei com

minha mãe, mas sabia que Greg estava em uma região restrita e poderíamos criar um incidente internacional. Eu me senti muito vulnerável, sozinha, grávida, e tive todo tipo de pânico que se possa imaginar. Quando ele finalmente ligou de Peshawar, eu já estava começando a tentar aceitar o fato de que ele estivesse morto.

Às sete da manhã de 13 de setembro de 1996, exatamente um ano depois da noite fatídica no hotel Fairmont, Tara sentiu a primeira contração.

Às 19h12, acompanhado por uma fita cassete de cânticos entoados por monges tibetanos escolhida por seu pai, Amira Eliana Mortenson fez sua primeira aparição oficial no planeta. "Amira", porque significa "a líder" em persa. E "Eliana" significa "presente de Deus" em chagga, a língua tribal da região do Kilimanjaro, em homenagem à sua querida irmã falecida, Christa Eliana Mortenson.

Depois que a parteira se foi, Mortenson deitou-se na cama, aninhado com sua mulher e filha. Ele colocou o tomar multicolorido que Haji Ali havia lhe dado em volta do pescoço do bebê. Depois brigou com a rolha da primeira garrafa de champanhe que comprou na vida.

— Me dê aqui — disse Tara, rindo, e entregou-lhe o bebê, trocando-o pela garrafa.

Quando a mulher estourou o champanhe, Mortenson cobriu a pequena e terna cabeça de sua filha com sua mão imensa. Ele sentia uma alegria tão grande que seus olhos marejavam. Não era possível, ele pensou, que aqueles oito dias, naquele cômodo fedido de querosene e este momento, neste quarto aconchegante, no segundo andar de sua casa, numa rua toda arborizada, aconchegado no abraço de sua família, fizessem parte do mesmo mundo.

— O que foi? — Tara perguntou.

— Shhh! — ele respondeu, alisando o cabelo de sua filha com a mão livre, antes de aceitar a taça de champanhe. — Shhh!

O telefonema de Seattle comprovava que o planeta continuava girando em direção ao equilíbrio. Jean Hoerni queria saber exatamente quando ele poderia ver uma fotografia da escola de Korphe terminada.

Mortenson contou-lhe sobre o sequestro e os planos para voltar ao Paquistão depois de passar algumas semanas com a filha.

Hoerni estava tão agitado e impaciente em relação ao andamento da escola que Mortenson perguntou o que o preocupava. Hoerni tergiversou antes de admitir que recebera um diagnóstico de mielofibrose, uma forma não-curável de leucemia. Seus médicos haviam lhe dito que ele teria apenas poucos meses de vida.

— Preciso ver essa escola antes de morrer — disse Hoerni. —

Prometa-me que irá me trazer uma foto o mais cedo possível.

— Prometo — respondeu Mortenson, sentindo um nó de tristeza na garganta por este homem turrão que tinha, por alguma razão, escolhido confiar as suas esperanças ao mais improvável dos heróis: ele.

Em Korphe, naquele outono, o tempo estava claro, porém mais frio do que o normal. A temperatura tirou as famílias da aldeia de cima dos telhados mais cedo para se amontoarem em volta de fogueiras fumarentas.

Mortenson se separou da nova família poucas semanas depois, tentando manter a promessa a Hoerni. Todos os dias, Mortenson e os aldeões colocavam cobertores sobre os shalwars e subiam no telhado da escola para pregar as últimas tábuas de madeira no lugar. Mortenson ficava nervoso, de olho no céu, preocupado que a neve os impedisse de prosseguir mais uma vez.

Twaha lembra-se de se surpreender ao ver quão facilmente Mortenson se adaptava ao tempo frio em Korphe.

— Todos nós ficávamos preocupados quanto ao dr. Greg dormir do lado de dentro com a fumaça e os animais, mas ele parecia não se importar com essas coisas — diz Twaha. — Víamos que tinha hábitos singulares, muito diferentes dos outros europeus. Ele não fazia exigências quanto à qualidade da comida ou ao ambiente. Ele comia tudo o que minha mãe colocava na frente dele, e dormia conosco em meio à fumaça como um balti. Graças aos modos excelentes do dr. Greg, e o fato de ele nunca mentir, meus pais e eu passamos a amá-lo muito.

Certa noite, envergonhado, Mortenson confessou a história de seu sequestro a Haji Ali, assim que o chefe mastigou sua porção de naswar após o jantar. O nurmadhar cuspiu o naco de fumo que estava mascando no fogo para poder falar melhor.

— Você foi sozinho! — exclamou Haji Ali num tom de repreensão.

— Você não pediu a hospitalidade de um chefe de aldeia! Se aprender apenas uma coisa comigo, aprenda direito a lição: nunca vá sozinho a lugar nenhum no Paquistão. Prometa-me isso.

— Eu prometo — respondeu Mortenson, somando mais uma promessa ao pesado fardo de juramentos que os homens mais velhos obrigavam-no a fazer.

Haji Ali rasgou um naco fresco de naswar, colocou-o dentro da bochecha, e ficou pensando.

— Onde irá construir a próxima escola? — perguntou ele.

— Pensei em viajar até o vale do Hushe — respondeu Mortenson. —

Visitar algumas aldeias e ver quem...

— Posso lhe dar outro conselho? — perguntou Haji Ali, interrompendo-o.

— Certamente.

— Por que não nos deixa escolher? Convocarei uma reunião de todos os anciões do Braldu e verei qual aldeia está pronta para doar terreno e mão-de-obra para construir uma escola. Assim não terá de percorrer o Baltistão de cima a baixo como um corvo novamente, comendo aqui e ali

— respondeu Haji Ali, rindo.

— Então, mais uma vez, um velho balti iletrado ensinou a um ocidental o melhor modo de desenvolver o seu "quintal" — diz Mortenson.

— A partir de então, a cada escola que construí, me lembrei do conselho de Haji Ali, e expandi aos poucos, de aldeia em aldeia, de vale em vale, indo onde já tínhamos criado relacionamentos, em vez de tentar saltar de um lugar a outro

onde não possuísse contatos, como o Waziristão.

No começo de dezembro, todas as janelas da escola de Korphe haviam sido firmadas com cal e os quadros-negros colocados nas quatro salas de aula. Só faltava pregar as telhas de metal corrugado. As telhas de alumínio eram afiadas e poderiam ser perigosas se o vento soprando pelo desfiladeiro as arrancasse e carregasse-as como lâminas cortantes.

Mortenson mantinha seu kit de primeiros-socorros à mão durante o trabalho, já tendo a experiência de tratar alguns ferimentos causados por metal afiado.

Ibrahim, que pertencia à equipe de construção, pediu que Mortenson descesse do telhado para atender uma emergência médica. Mortenson viu

o carregador forte e bem-apessoado, e procurou por marcas de corte, mas Ibrahim agarrou-o pelo pulso e o levou até sua casa.

— É minha mulher, doutor Sahib — explicou ele, nervoso. — O bebê dela não está bem.

Ibrahim era dono da única loja de Korphe, um cômodo de sua casa, onde os aldeões podiam comprar chá, sabão, cigarros e outros artigos de primeira necessidade. No estábulo ao rés-do-chão, sob os quartos da casa de Ibrahim, Mortenson encontrou a mulher, Rhokia, cercada por ovelhas inquietas e parentes frenéticos. Rhokia havia dado à luz uma menina havia dois dias, contaram a Mortenson, mas ela não se recuperara.

— O cheiro de carne pútrida era insuportável — diz Mortenson.

Sob a luz de um lampião a óleo, ele examinou Rhokia, deitada sobre uma cama de palha ensopada de sangue. Com a permissão de Ibrahim, ele tomou o pulso de Rhokia, e viu que estava muito acelerado.

— Seu rosto estava acinzentado e ela estava inconsciente — diz Mortenson. — A placenta não havia sido expelida depois do parto e ela corria risco de morrer de septicemia.

A irmã de Rhokia, tomada de tristeza, segurava a menina semiconsciente no

colo. O bebê também estava quase morrendo, percebeu Mortenson. Como a família acreditava que Rhokia estava envenenada, não haviam lhe dado a criança para amamentar.

— A amamentação estimula o útero, forçando a expulsão da placenta

— diz Mortenson. — Então insisti que deixassem o bebê ser amamentado, e dei a Rhokia um antibiótico para tratar da infecção.

Porém, durante todo o dia, mesmo o bebê recomeçando a ganhar forças, Rhokia continuava deitada sobre a palha, gemendo de dor toda vez que voltava à consciência.

— Eu sabia o que tinha de fazer — diz Mortenson. — Mas estava muito preocupado como Ibrahim iria receber.

Mortenson puxou o carregador de lado. Ibrahim era um dos homens mais civilizados de Korphe. Usava os cabelos compridos e se barbeava, no mesmo estilo dos alpinistas estrangeiros para quem trabalhava transportando as cargas. Mas ainda era um balti. Mortenson explicou, calmamente, que precisava tocar o útero da mulher e remover o que fazia com que ela adoecesse.

Ibrahim colocou as mãos calorosamente sobre os ombros de Mortenson e disse-lhe que ele fizesse o que teria de fazer. Enquanto

Ibrahim segurava um lampião de querosene, Mortenson lavou as mãos com uma chaleira de água quente, depois apalpou o útero de Rhokia e retirou a placenta em decomposição.

No dia seguinte, do telhado da escola, Mortenson viu Rhokia caminhando pela aldeia, cantarolando para a saudável recém-nascida em seu colo, embrulhada numa manta.

— Sentime feliz por ter ajudado a família de Ibrahim — diz Mortenson. — Para um balti permitir a um estrangeiro, um infiel, esse tipo de contato íntimo com a sua mulher exigia um esforço imenso de fé.

Fiquei pasmo com o quanto eles confiaram em mim.

A partir daquele dia, ao passar pelas casas das aldeãs, Mortenson notou-as

desenhando círculos no ar com as mãos abertas, abençoando-o.

Na tarde de 10 de dezembro de 1996, Greg Mortenson agachou-se no telhado da escola de Korphe com Twaha, Hussein e uma equipe de construção radiante, e bateu o último prego do prédio terminado no momento em que os primeiros flocos de neve caíam sobre suas mãos avermelhadas. Do o pátio. Haji Ali cumprimentou o feito.

— Pedi a Alá Todo-Poderoso para retardar a neve até que você tivesse acabado — disse ele, sorrindo —, e em sua sabedoria infinita, ele o fez.

Agora desça e venha tomar um chá!

Naquela noite, à luz da fogueira que ardia em seu balti, Haji Ali abriu o armário e devolveu o prumo, o nivelador de chumbo e o caderno de anotações. Depois lhe entregou um livro de contabilidade. Mortenson o folheou e ficou surpreso ao ver colunas com números que seguiam por várias páginas. Era algo que poderia mostrar orgulhoso para Jean Hoerni.

— A aldeia estava prestando contas de cada rúpia gasta na escola, somando os custos de cada tijolo, prego e tábua, e os salários pagos para realizá-la. Eles usaram o velho método de contabilidade colonial britânico

— diz ele. — E fizeram isso de uma forma muito melhor do que eu teria feito.

Descendo o vale do Braldu, em direção a Skardu, Islamabad e à sua casa, o jipe de Mortenson atravessou uma tempestade de neve que anunciava que o inverno havia chegado ao Karakoram com toda a força. O

motorista, um senhor caolho, colocava a mão do lado de fora da janela a cada cinco ou dez minutos para soltar o gelo que se formava sobre o vidro

sem limpador de pára-brisa. Quando o jipe escorregava por uma beirada congelada, bem acima da ravina onde não estava nevando no Braldu, os passageiros se agarravam cada vez que o motorista tirava as mãos do volante, levando-as ao céu, para pedir, desesperado, que Alá os ajudasse a sobreviver à

tempestade.

O vento, soprando a neve de lado a 80 quilômetros por hora, reduzia a visibilidade da estrada. Mortenson apertava o volante com as grandes mãos e tentava manter o Volvo sob a nevasca em cima do asfalto. A viagem de carro de Bozeman até o hospital em que Jean Hoerni fora internado em Hailey, Idaho, não deveria levar mais de sete horas. Eles saíram de casa havia 12 horas, com alguns flocos de neve caindo entre os galhos despidos das árvores em Bozeman. E agora, às dez horas da noite, em meio à tempestade de neve, ainda faltavam 112 quilômetros para chegarem ao destino.

Mortenson tirou os olhos da neve para checar rapidamente a cadeirinha de bebê atrás dele, na qual Amira dormia. Dirigir sob a tempestade sozinho no Baltistão era um risco aceitável, pensou Mortenson, mas levar a mulher e a filha por este lugar desolado sob a neve, apenas para entregar uma foto a um homem moribundo era indesculpável, principalmente estando a poucos quilômetros do local do acidente que pôs fim à vida do pai de Tara.

A abrigo de uma placa anunciando a entrada de Craters no Parque Nacional de Moon, do qual podia ver uma parte, Mortenson estacionou o velho Volvo no acostamento, de costas para o vento, esperando clarear. Na pressa para chegar até onde Hoerni estava, Mortenson se esqueceu de colocar o anticongelante no radiador, e se desligasse o motor do Volvo, temia que não ligasse de novo. Por duas horas, observou Tara e Amira dormindo, de olho no marcador de combustível, até a tempestade acalmar o suficiente para poderem continuar.

Depois de deixar a mulher e a filha sonolentas na casa de Hoerni, em Hailey, Mortenson chegou ao Centro Médico do Condado de Blaine. O

hospital, construído para cuidar de ferimentos ortopédicos de visitantes da estação, de esquí no vale do Sol, tinha apenas oito quartos e, neste início de estação, sete deles estavam vagos. Mortenson passou na ponta dos pés pela enfermeira do plantão noturno que estava dormindo por trás do balcão de recepção, e foi direto até o foco de luz que se projetava pelo corredor, vindo da última porta à direita.

Encontrou Hoerni sentado na cama. Eram duas da manhã.

— Você está atrasado — disse Hoerni. — De novo.

Mortenson levou um choque ao chegar à porta. Ficou pasmo com o rápido avanço da doença de Hoerni. A expressão intensa de seu rosto se reduzira a pele e osso. E Mortenson se sentia como se estivesse falando com uma caveira.

— Como está se sentindo, Jean? — perguntou ele, aproximando-se para colocar a mão sobre o ombro de Hoerni.

— Trouxe a maldita fotografia? — perguntou Hoerni.

Mortenson apoiou o pacote sobre a cama com cuidado para não incomodar as pernas frágeis de Hoerni, pernas de alpinista que o levaram num circuito em torno do Monte Kailash, no Tibet, apenas um ano antes.

Ele colocou o envelope pardo nas mãos nodosas e observou a expressão de Hoerni ao abri-lo.

Jean Hoerni tirou a foto 20x25 centímetros que Mortenson mandara fazer em Bozeman e segurou-a com as mãos trêmulas. Apertou os olhos para estudar a foto da escola de Korphe que Mortenson tirara na manhã em que partira.

— **Magnifique!** — exclamou Hoerni, em francês, aprovando o sólido prédio amarelado, as janelas recém-pintadas de vermelho, e deslizou o dedo sobre as carinhas perfiladas de setenta alunos sorridentes e mal-ajambrados, que iriam começar a educação formal na escola.

Hoerni pegou o telefone na cabeceira da cama e chamou a enfermeira de plantão. Quando ela assomou à porta, ele pediu que lhe trouxesse um prego e um martelo.

— Para quê, querido? — ela perguntou, sonolenta.

— Para poder pregar a foto da escola que construí no Paquistão.

— Creio que eu não possa fazer isso — ela disse com uma voz doce treinada para aplacar os ímpetos de pessoas sob medicação. — E o regulamento.

— Compro este hospital, se for preciso! — urrou Hoerni, sentando-se na cama, instigando-a a se apressar. — Me traga o maldito martelo!

A enfermeira voltou um pouco depois trazendo um grampeador.

— Esta foi a coisa mais pesada que encontrei — disse ela.

— Tire aquilo da parede e coloque isto ali — ordenou Hoerni.

Mortenson retirou do gancho uma aquarela de dois gatinhos brincando com uma bola de lã, tirou o prego no qual ela estava pendurada,

e prendeu a fotografia da escola de Korphe na linha de visão de Hoerni com o grampeador, arrancando o reboco da parede a cada pancada.

Ele se voltou para Hoerni e viu-o debruçado sobre o telefone, pedindo a uma telefonista internacional para localizar um número para ele na Suíça.

— **Salut! C'est moi, Jean** — disse Hoerni, em francês, finalmente, para um amigo de infância em Genebra.

— Construí uma escola no Karakoram, no Himalaia — disse ele, se gabando. — O que você fez nos últimos cinquenta anos?

Hoerni tinha residências na Suíça e no vale do Sol. Mas ele preferiu morrer em Seattle. No Natal, Hoerni havia sido removido para o Hospital Virginia Mason, no alto de Pill Hill, em Seattle. Do quarto particular, quando o tempo clareava, Hoerni tinha uma vista da baía de Elliot e dos cumes pontiagudos da Península Olímpica. Mas Hoerni, cada vez mais fraco, passou a maior parte do tempo olhando para o documento jurídico que mantinha à mão ao lado de sua cama.

— Jean gastou as últimas semanas de vida revisando seu testamento

— diz Mortenson. — Toda vez que se aborrecia com alguém, e sempre havia alguém para aborrecer Jean, pegava o marcador preto e riscava nomes do testamento. Então ligava para o advogado, Franklin Montgomery, a qualquer hora, dia ou noite, e confirmava se eles haviam sido cortados da herança.

Pela última vez, Mortenson trabalhou como enfermeiro num plantão noturno. Ele deixou a família em Montana e cuidou de Hoerni em período integral, banhando-o, mudando os lençóis da cama, e ajustando o seu cateter, feliz por poder dar-lhe esse conforto em seus últimos dias de vida.

Mortenson tinha outra foto 20x25 centímetros da escola de Korphe numa moldura pendurada sobre a cama do hospital. Ele ligou a câmera que Hoerni lhe

dera antes da última viagem ao Paquistão à televisão do hospital, e mostrou-lhe o vídeo que fez do dia-a-dia da aldeia de Korphe.

— Jean não se despediu da vida tranqüilamente. Ele estava com raiva de ter de morrer — diz Mortenson.

Mas deitado na cama, segurando a mão de Mortenson, assistindo a um vídeo das crianças de Korphe entoando cantigas de roda com suas doces vozes num inglês imperfeito, sua fúria se dissipou.

Hoerni apertou a mão de Mortenson com a força surpreendente dos moribundos. E disse a Mortenson: — Eu o amo como a um filho — O

hálito de Jean tinha o doce odor de cetona que exalam os que estão para morrer, e eu sabia que ele não iria durar muito mais tempo.

— Jean era conhecido por suas conquistas científicas — diz a viúva, Jennifer Wilson. — Mas creio que se importasse da mesma forma em relação a essa pequena escola em Korphe. Ele sentia que realmente havia construído alguma coisa.

Hoerni também queria assegurar que o Instituto da Ásia Central estivesse em terreno tão sólido quanto a escola de Korphe. Doou ao IAC

um milhão de dólares antes de dar entrada no hospital.

No dia de Ano-Novo, em 1997, Mortenson voltou da lanchonete e encontrou Hoerni vestido num terno de caxemira, puxando a sonda em seu braço.

— Preciso ir até meu apartamento por algumas horas — disse ele. —

Chame uma limusine.

Mortenson convenceu o estupefato médico do hospital a deixar Hoerni a seus cuidados, e chamou um Lincoln preto que os levou ao apartamento de cobertura à beira do lago Washington. Fraco demais para segurar o telefone, Hoerni folheou uma agenda de endereços com capa de couro e pediu que fossem enviados buquês de flores a vários amigos de quem havia perdido o contato há muito tempo.

— Bom — disse ele, depois de encomendar o último buquê. — Agora posso morrer. Leve-me de volta ao hospital.

Em 12 de janeiro de 1997, a longa e controvertida vida do visionário que ajudou a fundar a indústria de semicondutores e o Instituto da Ásia Central, chegou ao fim. No mês seguinte, Greg Mortenson comprou o primeiro terno decente de sua vida e fez um discurso, para um grupo formado pela família e por antigos colegas de Hoerni, reunidos para o enterro na Capela da Universidade de Stanford, no coração do vale do Silicóne que Hoerni ajudara a criar.

— Jean Hoerni teve visão para nos conduzir para o século XXI com a sua tecnologia de ponta — disse Mortenson perante uma plateia enlutada.

— Mas também tinha a rara visão de olhar para trás e dar a mão a povos que vivem do mesmo modo há centenas de anos.

Capítulo 15

Mortenson em ação

Não é a batida do martelo, mas a dança das águas que esculpe as pedras com perfeição.

— Rabindranath Tagore

ÀS TRÊS DA MANHÃ, NO "ESCRITÓRIO" DO INSTITUTO DA ÁSIA CENTRAL, EM Bozeman, numa lavanderia adaptada no porão de casa, Greg Mortenson descobriu que o sher de Chakpo, uma aldeia no vale do Braldu, havia declarado uma fatwa contra ele. Já era o final de tarde em Skardu, onde Ghulam Parvi gritava ao telefone que Mortenson instalara em sua residência.

— Este mulá não tem nada a ver com o Islã! — urrou Parvi. — Ele é um corrupto que só pensa em dinheiro! Ele não tem por que declarar uma fatwa!

Mortenson sabia, pela entonação de voz de Parvi, a seriedade do problema que uma fatwa representava. Mas em casa, de pijama, do outro lado do mundo, semi-acordado, com os pés descalços confortavelmente esticados na frente de um aquecedor, era difícil se preocupar com a intensidade que o fato aparentemente merecia.

— Você pode falar com ele para ver se consegue resolver esta questão? — perguntou Mortenson.

— Você precisa vir até aqui. Ele não vai concordar em falar comigo, a menos que eu leve uma pasta estufada com rúpias. Quer que eu faça isso?

— Não subornamos ninguém e não vamos começar a fazer isso agora

— respondeu Mortenson, segurando um bocejo para não ofender Parvi. —

Precisamos conversar com um mulá mais poderoso do que ele. Conhece algum?

— Talvez — respondeu Parvi. — Fazemos isso amanhã? Você me liga à mesma hora?

— Sim, à mesma hora — disse Mortenson. — Khuda hafiz.

— Que Alá também esteja convosco, senhor — disse Parvi.

E desligou. Mortenson havia caído na rotina diária que manteria por toda a década seguinte, ditada pelas 13 horas de diferença de fuso horário

entre Bozeman e o Baltistão. Ele ia dormir por volta das nove da noite, depois de fazer as chamadas "matutinas" para o Paquistão. Acordava às duas ou três da manhã, a tempo de entrar em contato com os paquistaneses antes de encerrarem o expediente. Consumido pela direção do Instituto da Ásia Central, ele raramente dormia mais do que cinco horas por noite.

Mortenson foi arrastando os pés até a cozinha para preparar um bule de café, depois voltou para o sótão para escrever o primeiro e-mail do dia:

"Para: Todos os Membros da Diretoria do IAC", digitou Mortenson.

"Assunto: fatwa declarada contra Greg Mortenson, texto: Saudações de

Bozeman! Acabo de falar ao telefone com o novo Gerente de Projeto do Paquistão do IAC, Ghulam Parvi. (Ele agradece o telefone, que está funcionando bem!) Parvi relatou que o sher local, um líder religioso a quem não agrada a ideia de educarmos meninas, acabou de declarar uma fatwa contra mim, tentando impedir que o IAC construa mais escolas no Paquistão. Para sua informação: fatwa é uma ordem de caráter religioso. E

o Paquistão é governado pela lei civil, mas também pela Shariat, (32) um sistema da lei islâmica semelhante ao que existe no Irã.

32. A Corte Federal Shariat do Paquistão é formada por oito juízes muçulmanos, incluindo o ministro da Justiça. Estes juízes são indicados pelo presidente do Paquistão escolhidos entre os juízes ativos ou aposentados da Suprema Corte ou do Tribunal de Apelação, ou entre indivíduos que possuam qualificação de juiz de segunda instância. (N. da T.)

"Nas pequenas aldeias das montanhas onde trabalhamos, um mulá local, mesmo corrupto, tem mais poder que o governo paquistanês. Parvi me perguntou se eu queria suborná-lo. (Eu disse: "De jeito nenhum!") De qualquer forma, esse cara pode nos causar um monte de problemas.

Perguntei a Parvi se um mulá mais poderoso poderia desfazer a ordem dada por ele e lhes passarei o que ele descobrir. Mas isto significa que provavelmente terei de ir até lá em breve para solucionar esta questão, Inshallah. Paz, Greg."

Jean Hoerni deixara 22.315 dólares em testamento para Mortenson, valor que, segundo os cálculos do velho cientista, seu jovem amigo havia gasto do próprio bolso no Paquistão. E deixou Mortenson em uma posição incomum — responsável por uma organização benemerita com um fundo

de quase um milhão de dólares. Mortenson pediu à viúva de Hoerni, Jennifer Wilson, que integrasse a recém-formada diretoria, com seu velho amigo Tom Vaughan, o pneumonologista e alpinista do Condado de Marin, que ajudou Mortenson a superar seus piores dias quando vivia em Berkeley. Dr. Andrew Marcus, o presidente do Departamento de Ciências da Terra, do Estado de Montana, também concordou em ser nomeado diretor. Mas o acréscimo mais

surpreendente à diretoria foi o de Julia Bergman, prima de Jennifer Wilson.

Em outubro de 1996, Julia viajava pelo Paquistão com um grupo de amigos que alugara um helicóptero russo MI-17 a partir de Skardu, na esperança de ver o K2. No caminho de volta, o piloto perguntou se queriam visitar uma aldeia da região. Acabaram aterrissando logo abaixo de Korphe, e quando as crianças descobriram que Julia Bergman era americana, pegaram-na pela mão e a levaram para ver uma nova e curiosa atração turística — uma sólida escola amarela, construída por outro americano, erigida num lugar onde jamais alguém havia estado antes, numa pequena aldeia chamada Korphe.

— Vi uma placa na frente da escola, e li que fora doada por Jean Hoerni, o marido de Jennifer, minha prima — diz Bergman. — Jennifer havia me contado que Jean estava construindo uma escola em algum lugar no Himalaia, mas aterrissar no exato lugar, numa cordilheira que se estende por milhares de quilômetros, me pareceu mais do que uma simples coincidência. Não sou uma pessoa religiosa, mas senti que eu fora levada até ali por alguma razão, e eu não conseguia parar de chorar.

Poucos meses depois, na cerimônia de enterro de Hoerni, Julia Bergman se apresentou a Mortenson.

— Eu estive lá! — disse ela, abraçando forte o homem que ela acabara de conhecer. — Eu vi a escola!

— Você é a loura do helicóptero! — disse Mortenson, sacudindo a cabeça, boquiaberto. — Ouvi dizer que uma estrangeira havia estado na aldeia, mas não conseguia acreditar!

— Há algo importante nisso. Foi uma coisa predestinada — disse Julia Bergman. — Eu quero ajudar. Há alguma coisa que eu possa fazer?

— Bem, quero juntar livros e criar uma biblioteca para a escola de Korphe — respondeu Mortenson.

Julia sentiu a mesma predestinação como no dia em que esteve em Korphe.

— Eu sou bibliotecária! — respondeu ela.

Depois de enviar seu e-mail para Julia Bergman e os demais diretores,

Mortenson escreveu mensagens a um ministro do governo, muito solícito, que conhecera em sua última viagem, e para Mohammed Niaz, o diretor de Educação de Skardu, pedindo conselhos sobre o sher de Chakpo. Depois se ajoelhou sob a luz tênue do abajur da escrivaninha, e vasculhou as pilhas de livros encostados na parede até encontrar o que estava procurando, um fakhir — um tratado acadêmico sobre a aplicação da lei islâmica na sociedade moderna, traduzida do farsi. Ele secou quatro xícaras de café, lendo atentamente, até ouvir os passos de Tara no chão da cozinha no piso de cima.

Tara estava sentada à mesa, amamentando Amira, e tomando uma caneca de café com leite. Mortenson não queria perturbar aquela cena tranquila com o que tinha para contar. Beijou a mulher e deu-lhe bom dia, antes de narrar as novidades: — Terei de voltar antes do que planejamos

— explicou ele.

Numa manhã gelada de março em Skardu, os colaboradores de Mortenson encontraram-se para o chá na sede informal, o saguão do hotel Indo. O hotel servia perfeitamente a Mortenson. Ao contrário do punhado de acomodações turísticas de Skardu, que se ocultavam em meio a paisagens idílicas, este hotel limpo, barato e despretensioso, ficava na rua principal da cidade, entre o prédio de Changazi e um posto de gasolina da PSO, a poucos metros dos caminhões Bedford que rumavam de volta para Islamabad.

No saguão, sob um quadro de avisos no qual os alpinistas colocavam fotografias de recentes expedições, duas longas mesas de tábua corrida serviam perfeitamente para acomodar as extensas reuniões regadas a chá, necessárias para concluir qualquer negócio na cidade. Nesta manhã, oito dos colaboradores de Mortenson sentaram-se à mesa, passando geleia chinesa nos excelentes chapattis do hotel, e bebericando o chá com leite como Parvi preferia — bem doce.

Mortenson se abismou quão rapidamente conseguira convocar estes homens dos longínquos recantos do norte do Paquistão, mesmo sem telefones em seus vales distantes. Poderia levar uma semana do momento em que enviasse uma mensagem por um motorista de jipe até o dia em que a pessoa chamada chegasse a Skardu, mas numa época antes de os

telefones por satélite se tornarem comuns nesta parte do mundo, não havia outro

modo de driblar as distâncias sinuosas destas cordilheiras.

Do vale do Hushe, a 160 quilômetros a leste, Mouzafer percorreu todo o caminho até chegar nesta mesa de reunião com seu amigo, um antigo carregador e cozinheiro de acampamento-base, muito famoso, conhecido como "Apo" ou "Velho" Razak. Ao lado deles, Haji Ali e Twaha devoravam o café-da-manhã, felizes em terem uma desculpa para sair do norte do vale do Braldu, ainda coberto de neve no meio do inverno. E

Faisal Baig entrara no saguão naquela manhã, depois de ter viajado mais de 320 quilômetros do acidentado vale do Charpurson a oeste, na fronteira do Afeganistão.

Mortenson chegara dois dias antes, depois de 48 horas de viagem de ônibus, subindo a rodovia do Karakoram, trazendo a mais nova aquisição do grupo, um motorista de táxi de Rawalpindi, de 40 anos, Suleman Minhas. Depois do sequestro de Mortenson, Suleman acabou por conhecê-

lo no aeroporto de Islamabad.

No trajeto até o hotel, Mortenson contou os detalhes de seu sequestro no Waziristão, e Suleman, enfurecido com seus compatriotas por colocarem um visitante numa situação tão constrangedora, quis passar a protegê-lo como uma leoa. Convenceu Mortenson a se hospedar em um hotel bem mais em conta que ele conhecia em Islamabad, numa localização muito mais segura que as antigas acomodações, o Khyaban, onde as explosões de bombas sectárias começaram a aterrorizar a vizinhança quase toda sexta-feira após as orações do uma.

Suleman retornava todos os dias para checar a recuperação de Mortenson, trazendo-lhe pacotes de doces e remédios para as parasitas que Mortenson ganhara no Waziristão e levando-o para jantar em seu restaurante Kabuli favorito, para comer carne nas mesinhas da calçada.

Depois que o táxi foi parado num bloqueio da polícia a caminho do aeroporto para pegar o voo de volta para casa, Suleman enrolou a polícia com um charme tão irresistível que Mortenson lhe ofereceu um emprego de "quebra-galhos" do IAC em Islamabad antes de pegar o avião.

No saguão do hotel Indo, Suleman estava sentado como um Buda sorridente ao lado de Mortenson, os braços cruzados sobre a barriga incipiente, entretendo

toda a mesa, entre baforadas de cigarro Marlboro, que Mortenson havia trazido para ele dos Estados Unidos, com as histórias diárias de um taxista de cidade grande. Membro da maioria do Punjabi no

Paquistão, ele nunca estivera antes nas montanhas, e falava sem parar, aliviado que esses homens que viviam na fronteira do mundo conhecido falassem urdu, além de suas línguas nativas.

Mohammed Ali Changazi passou envergando seus trajes brancos, visível através das paredes de vidro do saguão, e o velho Apo Razak, com um muxoxo sob o nariz aquilino, inclinou-se para a frente e contou aos demais sobre a conquista bem-sucedida de Changazi de duas irmãs alemãs que tinham vindo a Skardu na mesma expedição.

— Sim, dá pra ver que ele é um homem muito religioso. Ele deve rezar seis vezes ao dia. E se lavar seis vezes ao dia também — disse Suleman em urdu, apontando o colo, abaixo, e balançando a cabeça para dar ênfase, fazendo piada para os homens da mesa.

A gargalhada geral confirmou a Mortenson que sua intuição estava certa em reunir este grupo de homens tão díspares.

Mouzafer e os aldeões de Korphe eram muçulmanos xiitas, bem como os moradores de Skardu, Ghulam Parvi e Makhmal, o canteiro. Apo Razak, um refugiado da Caxemira ocupada pela Índia, era sunita, da mesma forma que Suleman. E o guarda-costas Faisal Baig era ismailita.

(33)

33. O ismailismo é uma doutrina religiosa considerada um ramo do Islã xiita. Os adeptos do ismailismo são também denominados como septimamicos por apenas reconhecer os sete primeiros imãs do Islã xiita. (N. da T.)

— Ficamos todos ali sentados, tranquilos, rindo e tomando chá — diz Mortenson. — Um infiel e representantes das três seitas inimigas do Islã.

E eu pensei que se conseguíamos nos dar tão bem, poderíamos fazer qualquer coisa. A política britânica era "dividir para conquistar". Mas eu digo "unir para conquistar".

Ghulam Parvi falou calmamente para o grupo sobre a fatwa, já tendo substituído a raiva pelo senso prático. Disse a Mortenson que havia marcado uma reunião entre ele e Syed Abbas Risvi, o líder religioso dos muçulmanos xiitas do norte do Paquistão.

— Abbas é um bom homem, mas desconfia dos estrangeiros — disse Parvi. — Quando vir que você respeita o Islã e os nossos costumes, ele poderá ser de grande ajuda, **Inshallah**.

Parvi também disse que o Sheik Mohammed, estudioso de religião e rival do sher de Chalcpo, tinha, junto com seu filho, Mehdi Ali, se inscrito para obter uma escola do IAC construída na aldeia de Hemasil e escrito uma carta ao Supremo Conselho dos Aiatolás em Qom, pedindo aos líderes religiosos do Irã, a mais alta autoridade do mundo xiita, para determinar se a fatwa seria justificável ou não.

Haji Ali anunciou que se encontrara com os anciões de todas as aldeias do Braldu e que haviam escolhido Pakhora, uma comunidade empobrecida do baixo vale do Braldu, governado por seu grande amigo Haji Mousin, quanto à escolha do local para a segunda escola do IAC.

Makhmal, o pedreiro, que executara um trabalho altamente profissional em Korphe, solicitou uma escola para sua aldeia natal de Ranga, nos arredores de Skardu, e disse que sua família, todos construtores habilitados, estariam disponíveis para concluir rapidamente o projeto.

Mortenson imaginou o quanto Hoerni se sentiria feliz em se sentar nesta mesa com eles. Seu conselho para não guardar ressentimento contra as aldeias que competiram na disputa pela primeira escola soou claramente em seus ouvidos: — As crianças de todas as outras aldeias que tentaram suborná-lo precisam de escolas também.

Mortenson lembrou-se das crianças que ele ensinou, no dia em que saiu correndo do banquete que lhe fora oferecido; da sofreguidão com que absorviam até mesmo a sua desajeitada aula sobre a denominação, em inglês, para "nariz", e propôs a construção de uma escola em Knardu, a aldeia de Changazi, uma vez

que os anciões já haviam concordado em doar terras para este fim.

— Então, dr. Greg — disse Ghulam Parvi, batendo a ponta da caneta sobre o bloco de anotações. — Que escola será construída este ano?

— Todas elas, **Inshallah** — respondeu Mortenson.

Greg Mortenson sentiu que sua vida estava acelerando. Ele tinha uma casa, um cachorro, uma família e, antes de viajar, ele e Tara haviam conversado sobre ter mais filhos. Ele construiu uma escola; foi ameaçado por um mula enfurecido; havia reunido uma diretoria americana e uma mal-ajambrada equipe paquistanesa. Tinha 50 mil dólares do IAC na mochila e mais dinheiro no banco. A negligência e o sofrimento que as crianças do norte do Paquistão suportavam iam mais alto que as montanhas à volta de Skardu. Com a fatwa pendente como uma cimitarra sobre sua cabeça, quem sabia por quanto tempo ele teria permissão para

trabalhar no Paquistão? Agora era a hora de agir com toda a energia que ele pudesse arrebanhar.

Por 5.800 dólares, Mortenson comprou um Land Cruiser Toyota verde-escuro, com vinte anos de uso, e torque baixo, para passar por cima de qualquer obstáculo que surgisse nas estradas do Karakoram. Ele contratou um motorista calmo e experiente chamado Hussain, que fumava como uma chaminé, que imediatamente comprou uma caixa de dinamite e guardou-a sob o banco de passageiros, para poder explodir as pedras que caíssem nas avalanches sem ter de esperar pelas equipes do governo que atendiam as estradas. E com Parvi e Makhmal regateando ao seu lado, Mortenson comprou material de construção suficiente dos comerciantes de Skardu para começar a erguer três escolas assim que a neve derreteu.

Pela segunda vez na vida de Greg Mortenson, um posto de gasolina foi o centro de seu envolvimento com o Islã. Numa tarde quente de abril, sob uma leve chuva, ao lado das bombas do posto de gasolina da PSO, Mortenson encontrou Syed Abbas Risvi. Parvi explicou que era melhor que se encontrassem num lugar público, até que o mulá se definisse em relação ao infiel, e sugeriu este local próximo ao hotel de Mortenson.

Abbas chegou com dois assessores mais novos, ambos de barba, protegendo o mulá. Ele era alto e magro, com a barba aparada do estudioso xiita que se

destacara entre seus pares na madrassa em Najaf, Iraque.

Usava um turbante preto amarrado bem apertado sobre as sobrancelhas altas, e observou o grande americano vestindo roupas paquistanesas através de um par de óculos quadrados e fora de moda, antes de lhe oferecer a mão para apertá-la firme.

— **As-Salaam Alaaikum** — disse Mortenson, inclinando-se respeitosamente, com a mão sobre o coração.

— É uma grande honra conhecê-lo, Syed Abbas — ele prosseguiu em balti. — Sr. Parvi contou-me muito sobre seu conhecimento e compaixão para com os pobres.

— Há certos europeus que vêm ao Paquistão determinados em acabar com o Islã — diz Syed Abbas. — E eu estava preocupado, no princípio, que dr. Greg fosse um deles. Mas senti o seu coração naquele dia no posto de gasolina, e vi quem ele era — um infiel, mas mesmo assim um homem nobre, que dedica sua vida à educação das crianças. Decidi, na mesma hora, ajudá-lo da forma que fosse possível.

Foram necessários mais de três anos de enganos, fracassos e atrasos para cumprir a promessa de construir a escola de Korphe. Tendo aprendido com os erros, finalmente com dinheiro para transformar sua visão em realidade, e uma equipe e um exército de voluntários que se dedicavam apaixonadamente para melhorar as vidas das crianças baltis, o IAC de Greg Mortenson construiu mais três escolas primárias em apenas três meses.

Makhmal cumpriu a palavra. Ele e a família de pedreiros da Caxemira conduziram a construção-relâmpago da escola de sua aldeia de Ranga, fazendo uma réplica da escola de Korphe em apenas dez semanas.

Em um lugar onde as escolas, em geral, levam anos para ser terminadas, este ritmo não encontrava precedentes. Embora a aldeia estivesse a apenas 13 quilômetros de Skardu, as crianças de Ranga não tinham recebido nenhuma educação patrocinada pelo governo. A menos que pudessem pagar pelo transporte e as mensalidades de escolas particulares em Skardu, as crianças de Ranga permaneceram sem educação formal. Depois de uma primavera de muito trabalho, a sorte das crianças de Ranga mudou para sempre.

Em Pakhora, Haji Mousin, amigo de Haji Ali, aproveitou ao máximo a oportunidade para a aldeia. Convencendo muitos dos aldeões de Pakhora a não trabalharem como carregadores nas expedições até que a escola estivesse terminada, o nurmadhar de Pakhora reuniu uma equipe, grande e entusiasmada, de mão-de-obra não-qualificada. Zaman, um empreiteiro local, rejeitou uma obra solicitada pelo Exército e levou a equipe para construir uma linda escola de pedra em forma de arco, sob a sombra de uma floresta de álamos.

— Zaman fez um trabalho incrível — diz Mortenson. — Numa das aldeias mais remotas do norte do Paquistão, ele construiu uma escola em 12 semanas imensamente superior a qualquer coisa que o governo paquistanês poderia ter construído, e com a metade do custo de um projeto que o governo teria levado anos para terminar.

Na aldeia de Kuardu, de Changazi, os anciões estavam tão determinados a fazer da escola um sucesso que doaram um terreno bem no centro do povoado e demoliram uma casa de pedra de dois andares para que a escola ficasse no meio da propriedade. Como tudo associado a Changazi, as dimensões da escola de Kuardu foram estabelecidas para exceder o padrão local. Os aldeões de Kuardu construíram uma fundação

sólida de pedra com 1,8m de profundidade e levantaram as paredes de pedra duplas, para que a escola ficasse, orgulhosamente, no centro do vilarejo para sempre.

Por toda a primavera e o verão, Mortenson girou pelo Baltistão como um dervixe no seu Land Cruiser verde-escuro. Ele e sua equipe entregavam sacas de cimento quando estas terminavam nos vários canteiros de construção, levou Makhmal Braldu acima para ajustar um par de vigas do telhado em Pakhora, e voltou correndo para a loja de madeira em Skardu para acompanhar o acabamento das quinhentas carteiras de alunos que havia mandado fazer.

Quando ficou claro que todos os projetos das escolas estariam concluídos antes do prazo, Mortenson propôs uma nova lista de iniciativas ambiciosas. Parvi avisou a Mortenson que mais de cinqüenta meninas estavam estudando apinhadas na única sala de aula da escola na margem sul do rio Indo, na aldeia de Torghu Balla. Com os materiais de construção que sobraram dos outros projetos, Mortenson fez com que fossem acrescentadas mais duas salas de aula ao prédio da escola.

Numa visita à Halde, aldeia de Mouzafer, no vale do Hushe, onde prometeu aos anciões que construiria uma escola no ano seguinte, Mortenson soube da crise numa escola construída pelo governo na aldeia próxima de Khanday. Ali, um dedicado professor local chamado Ghulam estava lutando para continuar lecionando para 92 alunos, apesar de não receber o pagamento do governo havia mais de dois anos. Um Mortenson enfurecido ofereceu-se para pagar o salário de Ghulam, e contratar mais dois professores para reduzir o número de alunos em sala de aula em Khanday a um nível razoável.

Durante as viagens, Syed Abbas ouviu centenas de baltis elogiando o caráter de Mortenson e tecerem loas às inúmeras ações de zakat que Mortenson realizou enquanto esteve entre eles. Syed Abbas enviou um mensageiro ao hotel Indo convidando Mortenson para vir visitá-lo em sua casa.

Mortenson, Parvi, e o líder religioso sentaram-se de pernas cruzadas no chão da sala de visitas de Syed Abbas, sobre sofisticados tapetes persas, enquanto o filho de Abbas lhes trouxe chá verde em xícaras de porcelana cor-de-rosa e biscoitos açucarados numa bandeja de Delft (34) decorada com moinhos de vento.

34. Delft, cidade da província neerlandesa de Holanda do Sul, com aproximadamente 94.100 habitantes, entre Rotterdam e Haya. Ali se fabrica a porcelana típica azul (Delft Blue), entre outras cores, de inspiração italiana e oriental (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Delft>). (N. da T.)

— Entrei em contato com o sher de Chakpo e pedi a ele que retirasse sua fatwa — disse Syed Abbas, com um suspiro —, mas ele se recusou.

Este homem não segue o Islã. Ele segue a própria cabeça. Ele quer que você seja banido do Paquistão.

— Se você acha que estou fazendo qualquer coisa contra o Islã, diga-me agora para que eu deixe o Paquistão e nunca mais volte — disse Mortenson.

— Continue o trabalho — disse Syed Abbas. — Mas fique longe de Chakpo. Não acredito que esteja em perigo, mas não posso lhe dar garantias.

O clérigo xiita supremo do Paquistão entregou a Mortenson um envelope.

— Preparei uma carta para você declarando o meu apoio. Poderá ajudá-lo, **Inshallah**, com os mulás das demais aldeias.

Passando ao largo de Chakpo, Mortenson voltou em seu Land Cruiser para Korphe, para preparar a festa de inauguração da escola. Quando convocou uma reunião no telhado com Haji Ali, Twaha e Hussein, Hawa, a mulher de Hussein e Sakina sentaram-se junto com os homens e perguntaram se poderiam falar.

— Apreciamos tudo o que está fazendo por nossas crianças — disse Hawa. — Mas as mulheres me pediram para lhe pedir mais uma coisa.

— Sim? — Mortenson perguntou.

— O inverno aqui é muito rigoroso. Passamos os dias todos sentadas como animais nos meses de frio, sem ter nada para fazer. Se Alá quiser, gostaríamos de um centro para as mulheres, um lugar para costurar e conversar.

Sakina puxou a barba de Haji Ali.

— E para nos livrarmos dos nossos maridos.

Em agosto, com convidados chegando para a festa de inauguração da escola. Hawa presidiu o novo Centro Vocacional Feminino de Korphe, Num cômodo sem uso no fundo da casa de Haji Ali, as aldeãs de Korphe

se reuniam todas as tardes, aprendendo a usar as quatro novas máquinas de costura Singer manuais que Mortenson comprara, sob a tutela de Fida, um mestre-alfaiate de Skardu que transportou rolos de tecido, caixas de carretéis linhas, de as máquinas, por gentileza, na viagem "para cima".

— Os baltis já tinham uma rica tradição de costura e tecelagem — diz Mortenson. — Eles apenas precisavam de um pouco de ajuda para reavivar a prática que estava morrendo. A ideia de Hawa foi um modo tão fácil de valorizar as mulheres, que decidi, a partir daquele dia, criar centros vocacionais onde construíssemos escolas.

No início de agosto de 1997, Greg Mortenson subiu, triunfante, o vale do Braldu num comboio de jipes. No Land Cruiser verde-escuro, estava Tara, e no colo,

Amira Mortenson, com menos de 1 ano de idade. A comitiva incluía oficiais da polícia, comandantes do Exército, políticos locais e as diretoras Jennifer Wilson e Julia Bergman, que passaram meses reunindo uma coleção de livros culturalmente adequados para criar uma biblioteca para Korphe.

— Foi incrível finalmente ver o lugar do qual Greg falara tão apaixonadamente por tantos anos — diz Tara. — Fazia com que uma boa parte do íntimo do meu marido se tornasse mais real para mim.

Os jipes estacionaram junto à ponte e, quando a procissão de ocidentais a atravessou, o povo de Korphe acenou e gritou festejando a chegada de cima do penhasco. A pequena escola amarela, recém-pintada para a festa e decorada com faixas e bandeiras paquistanesas, destacava-se à medida que o grupo subia, aproximando-se de Korphe.

Dois anos mais tarde, quando a mãe de Mortenson, Jerene, visitou a aldeia, ela se lembra de se sentir extasiada ao ver o resultado do trabalho do filho.

— Depois que vi a escola a distância, chorei todo o caminho até chegar em cima — diz Jerene. — Sei o quanto ele colocou de seu coração para poder construí-la, quão duro ele trabalhou e o quanto se importou.

Quando os filhos conquistam algo, significa muito mais do que qualquer coisa que tenhamos feito.

— No dia da inauguração, conhecemos Haji Ali e sua mulher, e toda a aldeia disputava a chance de segurar Amira um pouco — diz Tara. — Ela estava nas nuvens, um pequeno brinquedo loiro com que todos queriam brincar.

A escola estava reluzindo. Havia dezenas de carteiras novas em cada sala sobre tapetes grossos para proteger os pés dos alunos no frio. Mapas-múndi coloridos e retratos dos líderes do Paquistão decoravam as paredes.

E no pátio, sobre um palco debaixo de uma imensa faixa escrita à mão onde se lia “Sejam Bem-vindos, Queridos Convidados”, os discursos prosseguiram por horas e horas, sob um sol destemperado, enquanto sessenta alunos de Korphe esperavam pacientemente agachados.

— Foi o dia mais eletrizante de minha vida — diz a professora Tahira, filha de Hussein. — O sr. Parvi entregou livros novos a cada um de nós, e eu não tive

coragem de abri-los: eles eram tão lindos! Eu nunca tivera livros novos antes.

Jennifer Wilson escreveu um discurso sobre o quanto o marido, Jean Hoerni, adoraria estar ali em pessoa, e pediu ajuda a Ghulam Parvi para traduzir o que dizia em balti para que pudesse se dirigir àquela plateia.

Então entregou a cada aluno um uniforme escolar novinho em folha, embrulhado em papel celofane.

— Eu não conseguia tirar os olhos de todas aquelas mulheres estrangeiras — diz Jahan que, junto com Tahira, se tornaria a primeira mulher educada na longa história do vale do Braldu. — Elas eram tão refinadas. Quando via pessoas de fora antes, eu corria, envergonhada de minhas roupas sujas. Mas naquele dia, eu estava segurando o primeiro conjunto de roupas novas e limpas que tive na vida. E me lembro de pensar: "Talvez eu não deva me sentir tão envergonhada. Talvez, um dia, se Alá quiser, também possa me tornar uma senhora respeitável."

Professor Hussein e os dois novos professores que vieram trabalhar com ele fizeram discursos, bem como Haji Ali e cada um dos convidados de honra. Todos, exceto Greg Mortenson.

— Enquanto os discursos prosseguiam, Greg ficou de pé, no fundo, encostado numa parede — diz Tara —, segurando um bebê que alguém lhe entregou. Era o bebê mais sujo que já vi, mas ele parecia não se incomodar. Apenas ficou parado ali, feliz, embalando-o no colo. E pensei:

"Esta é a essência de Greg. Lembre-se sempre deste momento."

Pela primeira vez na história, as crianças da aldeia de Korphe começaram a tarefa diária de aprender a ler e escrever num prédio que deixava o frio do lado de fora. Com Jennifer Wilson, Mortenson derramou as cinzas de Jean Hoerni, da ponte que o cientista custeou para construir, na correnteza do rio Braldu. Então Mortenson voltou com a família para

Skardu. Durante os dias que passou apresentando a cidade natal adotada a Tara, dirigindo até as encostas ao sul de Skardu para almoçar na casa de Parvi, ou escalando até o belo lago Satpara ao sul da cidade, ele se convenceu de que estava sendo seguido por um agente do temido serviço de inteligência do Paquistão, o ISI.

— O cara que eles mandaram me seguir não devia pertencer ao alto escalão — diz Mortenson —, porque desempenhava mal seu papel. Ele tinha cabelos ruivos e ficava dando voltas numa motocicleta Suzuki vermelha, portanto, era impossível não vê-lo. E toda vez que eu me virava, lá estava ele, fumando, fingindo que não estava me observando. Eu não tinha nada a esconder, então decidi que deveria deixá-lo chegar a essa conclusão e relatar isso aos seus superiores.

Outro morador de Skardu também prestava atenção de modo desagradável à família de Mortenson. Uma tarde, Mortenson deixou Tara e Amira no banco de trás do Land Cruiser, quando parou para comprar garrafas de água mineral no mercado de Skardu. Tara aproveitou que estava sozinha para amamentar Amira discretamente. Quando Mortenson voltou, viu um jovem com o rosto colado contra a janela do Land Cruiser, observando Tara. Seu guarda-costas, Faisal Baig, viu o intruso também, mas o pegou antes de Mortenson.

— Faisal arrastou o cara até a esquina, numa alameda, para que Tara não tivesse de presenciar àquilo, e surrou-o até deixá-lo inconsciente —

diz Mortenson. — Corri até ele e pedi a Faisal que parasse. Chequei seu pulso, para ter certeza de que ainda estaria vivo.

Mortenson queria levar o homem até o hospital. Mas Baig chutou e cuspiu no rosto do homem quando Mortenson sugeriu ajudá-lo, e insistiu em deixá-lo aonde ele pertencia, na sarjeta.

— Este shetan, este diabo, tem sorte de eu não tê-lo matado — disse Baig. — E se eu tivesse, ninguém em Skardu desaprovava.

Anos mais tarde, Mortenson soube que aquele homem fora tão ignorado em Skardu depois que se espalhou a notícia de como desrespeitara a mulher do dr. Greg, que se viu obrigado a mudar-se da cidade.

Depois de colocar a mulher e a filha sãs e salvas num avião de volta para casa, Mortenson ficou no Paquistão por mais dois meses. O sucesso do Centro Vocacional Feminino fez os aldeões de Korphe perguntarem se

não havia algo que Mortenson pudesse fazer para ajudá-los a ganhar mais dinheiro também.

Com o irmão de Tara, Brent Bishop, Mortenson organizou o primeiro programa

de treinamento de carregadores do Paquistão, o Karakoram Porter Training and environmental Institute [Instituto de Treinamento de Carregadores e de Meio Ambiente do Karakoram]. Bishop, um bem-sucedido alpinista do Everest como seu falecido pai, convenceu um de seus patrocinadores, a Nike, a doar fundos e equipamento para o trabalho.

— Os carregadores baltis trabalhavam com garbo num dos terrenos alpinos mais difíceis do planeta — diz Mortenson. — Mas não recebiam treinamento de alpinismo.

Numa expedição organizada e liderada por Mouzafer, Mortenson e Bishop, oitenta carregadores subiram o Baltoro. Apo Razak, um profissional em alimentar grandes grupos em lugares inóspitos, trabalhou como chefe da cozinha. Na geleira, os alpinistas americanos deram aulas de primeiros socorros, regaste em fendas, e uso básico de cordas.

Também focalizaram a recomposição do dano ambiental ocasionado no Baltoro a cada temporada de alpinismo, construindo latrinas de pedra em acampamentos ao longo da geleira, que eles esperavam que pudessem eliminar os campos de detritos congelados que as expedições deixavam depois de passar.

E para os carregadores que retornavam depois de cada viagem, com cestos vazios, criaram um programa de reciclagem anual, que removia mais de uma tonelada de latinhas, recipientes de vidro e plástico das bases de acampamento do K2, do Grande Pico e do Gasherbrum naquele primeiro ano. Mortenson fez com que o material reciclável fosse transportado até Skardu e certificou-se de que os carregadores recebessem por cada quilo transportado.

Quando o inverno tomou os altos vales do Karakoram em sua longa temporada anual, Mortenson voltou para casa no final do ano mais cheio de sua vida para o porão em Bozeman.

— Quando me lembro de tudo o que fizemos naquele ano, apesar da farwa, não tenho a menor idéia de como consegui, de onde tirei tanta energia — diz Mortenson.

Mas seus esforços hiperativos apenas o alertaram ainda mais sobre o mar de necessidades que o aguardava. Com a série de telefonemas noturnos para o Paquistão, de e-mails para a diretoria, e incontáveis bules

de café, ele começou a planejar o ataque à pobreza do Paquistão na primavera.

Capítulo 16

A caixa de veludo vermelho

Nenhum ser humano, nem nenhuma forma de vida sobrevivem por muito tempo a céu aberto.

As mais belas mulheres, os homens mais cultos, até mesmo Maomé, que ouviu a voz do próprio Alá, todos enfraqueceram e feneceram. Tudo é temporário.

O céu sobrevive a tudo. Até mesmo ao sofrimento.

— Bowa Johar, poeta balti e avô de Mouzafer Ali MORTENSON IMAGINOU O MENSAGEIRO VIAJANDO

ININTERRUPTAMENTE EM direção ao sudeste. Visualizou a sentença do Supremo Conselho colocada num alforje de um emissário, viajando do Irã ao Afeganistão, viu um pônei montanhês percorrendo a Planície do Shomali, pontilhada de minas terrestres, antes de passar pelas elevadas altitudes do Hindu Kush e entrar no Paquistão. Mentalmente, Mortenson tentou reduzir a velocidade do mensageiro, lançar pedras e derrubar avalanches ao longo do caminho. O mensageiro levaria anos para chegar, ele pensou, esperançoso, pois se trouxesse más notícias, Mortenson seria banido do Paquistão para sempre.

Na realidade, a caixa de veludo vermelha que continha a sentença foi postada de Qom a Islamabad. Foi remetida num avião PIA 737 para Skardu, e entregue aos principais líderes religiosos xiitas do norte do Paquistão para uma audiência pública.

— Enquanto o Supremo Conselho julgava o caso de Mortenson, eles despacharam espiões para sondar as atividades do americano que trabalhava no coração do Paquistão xiita — diz Parvi. — De muitas e muitas escolas, comecei a receber relatórios de que homens desconhecidos haviam visitado, perguntando sobre o currículo de cada escola.

Questionavam se ali se pregava o cristianismo ou se difundiam os costumes ocidentais libertinos. Finalmente, um mulá iraniano veio me visitar, em minha casa. E me perguntou diretamente: "Você já viu este

infiel consumir bebidas alcoólicas ou tentar seduzir mulheres muçulmanas?" Eu disse a ele, de coração, que nunca vira dr. Greg beber, e que era casado, que respeitava a esposa e filhos, e que nunca seduziria nenhuma mulher balti. Também lhe disse que poderia vir e investigar quaisquer de nossas escolas, e que eu providenciaria o transporte e pagaria as despesas, se ele quisesse partir imediatamente. "Já estivemos em suas escolas", disse ele e me agradeceu, educadamente, por minha atenção.

Numa manhã de abril de 1998, bem cedo, Parvi bateu à porta do quarto de Mortenson no hotel Indo e disse-lhe que ambos haviam sido intimados.

Mortenson fez a barba e vestiu a mais limpa de suas cinco shalwar kamiz cor de terra que possuía.

A Mesquita Imam Bara, como grande parte do Paquistão xiita, era praticamente oculta. Suas altas muralhas de barro não possuíam decorações, e voltavam as suas energias para dentro, exceto por um alto minarete pintado de verde e azul, montado com alto-falantes para conclamar os fiéis.

Eles entraram pelo pátio, através de um portão em forma de arco.

Mortenson puxou de lado a pesada cortina de veludo cor de chocolate e se aproximou do santuário interior da mesquita, lugar que nenhum infiel havia sido convidado a entrar antes. Fazendo questão de ultrapassar a soleira com o pé direito para não ofendê-los, Mortenson entrou.

Do lado de dentro, estavam os oito membros imponentes com turbantes negros, que integravam o Conselho de Mulás. Com a gravidade com que Syed Mohammed Abbas Risvi o cumprimentou, Mortenson previa o pior. Com Parvi, ele se sentou pesadamente sobre um belíssimo tapete Isfahan tecido com um padrão de vinhas transbordantes. Syed Abbas convidou todos os membros do conselho a se sentarem em círculo em volta do tapete, depois acomodou-se, colocando uma pequena caixa de veludo vermelho sobre a almofada de lã diante dos joelhos.

Cerimoniosamente, Syed Abbas levantou a tampa da caixa, retirou um pergaminho amarrado com uma fita vermelha, desenrolou-o, e revelou o futuro de Mortenson: "Caro Irmão dos Pobres", traduziu ele da elegante caligrafia farsi, "nosso sagrado Alcorão nos diz que todas as crianças devem receber educação, incluindo nossas filhas e irmãs. Seu nobre trabalho segue os mais altos

princípios do Islã, de servir aos pobres e doentes. No sagrado Alcorão não há lei que proíba um infiel de fornecer

assistência aos nossos irmãos e irmãs muçulmanas. Assim", concluía a sentença, "ordenamos a todos os líderes espirituais no Paquistão de não interferir em suas nobres intenções. Você tem nossa permissão, bênçãos e orações."

Syed Abbas enrolou o pergaminho, guardou-o na caixa de veludo vermelho, e entregou-a a Mortenson, sorrindo. Depois lhe estendeu a mão.

Mortenson cumprimentou cada membro do conselho, sentindo a cabeça girar.

— Isso quer dizer...? — ele tentou perguntar. — Afatwa, ela está...?

— Esqueça tudo a respeito dessa bobagem mesquinha e presunçosa

— disse Parvi, radiante. — Temos a bênção dos mais altos mufti do Irã.

Nenhum xiita ousará interferir em nosso trabalho agora, **Inshallah**.

Syed Abbas convidou-os para tomar chá.

— Quero conversar com você sobre outro assunto — disse ele, agora mais relaxado, depois de ter se desincumbido da obrigação formal. —

Gostaria de propor uma pequena colaboração.

Naquela primavera, a notícia sobre a sentença da caixa de veludo vermelha espalhou-se por todo o Baltistão mais rapidamente do que a água do degelo correndo pelos vales desde o alto do Karakoram. As reuniões matutinas tranquilas de Mortenson para tomar chá no saguão do hotel Indo ficaram lotadas demais para as duas mesas e tiveram de ser transferidas para o salão de banquetes no andar de cima, onde os encontros se tornaram cada vez mais conturbados. Nos dias em que estava em Skardu, emissários de centenas de aldeias remotas do Baltistão o procuravam com pedidos de novos projetos, agora que havia recebido o selo de aprovação do Supremo Conselho dos Aiatolás.

Mortenson começou a fazer as refeições na cozinha do hotel, onde podia terminar de comer uma omelete ou um prato de legumes ao curry sem ter de responder um bilhete, escrito em inglês macarrônico, pedindo um empréstimo

para começar uma prospecção de pedras semipreciosas, ou de fundos para reconstruir uma mesquita em ruínas em alguma aldeia.

Embora ainda não reconhecesse plenamente, uma nova fase havia começado na vida de Mortenson. Ele não tinha mais tempo para falar com cada pessoa que o procurava com um pedido, embora, a princípio, ele tentasse. Ele já era ocupado antes, mas agora cinco ou seis horas por dia pareciam pouco. Ele se impôs a missão de peneirar a torrente de

solicitações e separar os poucos projetos de valor para os quais teria os meios e a capacidade de realizar.

Syed Abbas, cuja influência se estendia por dezenas de vales selvagens nas montanhas, tinha um senso preciso das necessidades de cada comunidade. Ele disse a Mortenson que concordava que a educação era a única tática para combater a pobreza a longo prazo. Mas ele insistia que as crianças do Baltistão estavam diante de uma crise mais imediata. Em aldeias como Chunda, no baixo vale do Shigar, mais de uma criança, entre cada três, morria antes de completar um ano de idade. A falta de higiene e de água potável eram o ponto crítico da questão.

Mortenson acrescentou este novo dado à sua missão com entusiasmo.

Era necessário regar uma planta antes que ela pudesse crescer; as crianças tinham de sobreviver para se beneficiar com a escola. Como Syed Abbas, ele visitou o nurmadhar de Chunda, Haji Ibramim, e convenceu-o a colocar os aldeões à sua disposição. Moradores de quatro aldeias vizinhas pediram permissão para entrar no projeto. E com centenas de trabalhadores abrindo trincheiras durante dez horas por dia eles completaram o projeto em uma semana. Através de 3.658 metros de tubulação que Mortenson providenciou, a água potável da nascente chegava às torneiras públicas nas cinco aldeias.

— Passei a respeitar e a depender da visão de Syed Abbas — diz Mortenson. — Ele é o tipo de líder religioso que mais admiro. Demonstra compaixão em seus atos, não nas palavras. Ele não se limita apenas aos livros que leu. Syed Abbas acredita em arregaçar as mangas e transformar o mundo num lugar melhor. Por causa de seu trabalho, as mulheres de Chunda não tinham mais de caminhar por longas distâncias para buscar água potável. E da noite para o dia, a taxa de mortalidade infantil de uma comunidade de duas mil pessoas foi reduzida à

metade.

Numa reunião antes de Mortenson viajar ao Paquistão, a diretoria aprovou a construção de mais três escolas na primavera e verão de 1998. A escola de Mouzafer era a prioridade de Mortenson. Em seus últimos encontros, Mouzafer não era mais o mesmo. A força de touro do homem que o conduzira para fora do Baltoro havia arrefecido. Ele estava cada vez mais surdo. E como muitos dos baltis que trabalharam por anos a céu aberto, a velhice avançava sobre ele tão rapidamente quanto um leopardo da neve.

Halde, a aldeia de Mouzafer, estava localizada no luxuriante baixo vale do Hushe. Junto à margem do rio Shyok, onde ele diminui seu fluxo e se alarga antes de confluir com o Indo, Halde era o lugar mais perfeito que Mortenson conheceu no Paquistão. Canais de irrigação corriam por campos belamente desenhados que se estendiam até a margem do rio. As alamedas da aldeia eram cobertas por sombras de damasqueiros e amoreiras.

— Halde era o meu Shangri-lá. É o tipo do lugar que me dava vontade de trazer uma pilha de livros, tirar os sapatos e me esconder por um longo tempo — diz Mortenson.

Mas ele não podia se dar a esse luxo. No entanto, Mouzafer, não podendo mais acompanhar expedições, pensava em passar os últimos anos de vida em sua casinha cercada de pomares, com os filhos e netos, bem abaixo da região das neves eternas.

Com o processo que ele, Parvi e Makhmal haviam aperfeiçoado, Mortenson obteve um terreno aberto entre duas florestas de damasqueiros e, com a ajuda da aldeia, construiu uma sólida escola de pedra com quatro salas de aula, em três meses, por um pouco mais de 12 mil dólares. O avô de Mouzafer, Bowa Johar, fora um poeta reconhecido em todo o Baltistão.

Mouzafer trabalhou como simples carregador toda a sua vida adulta, e não desfrutou de nenhuma posição especial em Halde, mas a possibilidade de trazer uma escola para a aldeia conferiu respeito em relação ao homem gentil que transportou pedras talhadas para o canteiro de obras e levantou as vigas do teto, embora trabalhadores mais jovens tenham tentado tirar o fardo de seus ombros.

Olhando com Mortenson para a escola terminada, vendo as crianças de Halde na ponta dos pés para olhar através das inusitadas janelas de vidro as misteriosas

salas em que começariam as aulas no outono, Mouzafer tomou a mão de Mortenson entre as suas.

— Meus dias de escalada acabaram, Greg Sahib — disse ele. —

Gostaria de trabalhar para você por muitos mais anos, mas Alá, em sua sabedoria, tirou muito da minha força.

Mortenson abraçou este homem que o ajudou tantas vezes a encontrar o caminho. Apesar de Mouzafer reclamar de fraqueza, os braços ainda tinham força para tirar o fôlego de Mortenson num abraço apertado.

— O que você vai fazer? — perguntou Mortenson.

— Meu trabalho agora — respondeu Mouzafer, com humildade — é aguardar as árvores.

Acima na cabeça do vale do Hushe, à sombra das geleiras pendentes do Masherbrum, Mohammed Aslam Khan era menino antes da abertura das estradas. Não havia nada de errado na vida da aldeia de Hushe. Ela continuou a mesma de sempre. No verão, meninos como Aslam conduziam ovelhas e cabras aos altos pastos, enquanto as mulheres faziam queijo e iogurte. Nos pastos mais elevados, a montanha chamada Chogo Ri, ou "Grande Montanha", conhecida para o resto do mundo como K2, podia ser vista projetando-se contra o céu acima dos ombros largos do Masherbrum.

No outono, Aslam revezava com outros meninos da aldeia levando um rebanho de seis iaques resfolegantes em círculos em torno de um cajado para que seus cascos pesados amassassem o trigo recém-colhido.

Por todo o inverno, ele tentava se aquecer junto à fogueira, competindo com cinco irmãos, três irmãs e os animais da família, o mais que pudesse nos dias mais frios.

Esta era a vida. Era como todo menino em Hushe esperava passar seus dias. Mas o pai de Aslam, Golowa Ali, era o nurmadhar de Hushe.

Todos diziam que Aslam era o filho mais inteligente, e seu pai tinha outros planos para ele.

No final da primavera, quando o auge do frio já havia cedido, mas o rio Shyok ainda arrastava grandes blocos de gelo, Golowa Ali acordou o filho antes do raiar dodia e disse-lhe para se preparar para deixar a aldeia.

Aslam não sabia o que aquilo significava. Mas quando viu que seu pai havia feito suas malas, embrulhando um pedaço de churpa, queixo duro de ovelha, com uma trouxa de roupas, ele começou a chorar.

Não era permitido questionar a vontade de seu pai, mas Aslam desafiou o chefe da aldeia mesmo assim.

— Por que tenho que ir? — perguntou ele, virando-se para a mãe em busca de apoio.

À luz de uma diminuta lamparina de óleo, Aslam ficou chocado ao ver que ela também estava chorando.

— Você vai para a escola — o pai lhe disse.

Aslam desceu a montanha com o pai por dois dias. Como todo menino de Hushe, Aslam vagara pelos estreitos caminhos nas montanhas junto a precipícios como a hera adere aos muros de pedra. Mas ele nunca

havia se afastado tanto de casa. Embaixo o terreno era arenoso e sem neve.

Atrás dele, o Masherbrum não tinha o mesmo volume que o colocava no centro de um universo conhecido. Era apenas uma montanha entre as outras.

Quando a trilha acabou na margem do Shyok, Golowa Ali pendurou uma bolsa de couro com duas moedas de ouro em torno do pescoço do filho.

— Quando, Inshallah, você chegar à cidade de Khaplu, verá uma escola. Dê ao Sahib que dirige a escola estas moedas para pagar por seus estudos.

— Quando voltarei para casa? — perguntou Aslam, tentando controlar o choro.

— Você saberá quando — respondeu o pai.

Golowa Ali inflou seis bexigas de cabra e amarrou-as formando uma zaks, ou jangada, o meio tradicional dos baltis de atravessar os rios quando eram muito

fundos para serem cruzados a pé.

— Agora segure-se firme — disse ele.

Aslam não sabia nadar.

— Quando meu pai me colocou na água, não consegui me controlar e chorei. Ele era um homem forte e orgulhoso, mas quando comecei a descer o rio Shyok, vi que seus olhos estavam úmidos também.

Aslam agarrou-se a zaks, enquanto o rio o levava para longe da vista do pai. Ele flutuou na correnteza, chorando solto agora que ninguém o via, tremendo com o frio glacial das águas. Depois da sensação do mais completo terrorismo que pode ter durado de dez minutos a duas horas, Aslam notou que passou a se movimentar mais lentamente à medida que o rio se alargava. Viu algumas pessoas na margem distante e bateu os pés naquela direção, temendo perder a zaks, se tentasse remar com os braços.

— Um velho me puxou da água e me embrulhou em uma manta de pêlo de iaque bem quente — disse Aslam. — Eu ainda estava tremendo e chorando, e ele me perguntou por que eu havia cruzado o rio, então contei a ele as instruções que recebera de meu pai.

— Não tenha medo — aconselhou o velho. — Você é um menino valente por ir tão longe de casa. Um dia, será homenageado por todos ao retornar.

Ele colocou duas notas de rúpias amassadas na mão de Aslam e o acompanhou à cidade de Khaplu, até encontrar outro adulto a quem

pudesse entregá-lo.

Desde modo, Aslam e sua história atravessaram todo o baixo vale do Hushe. Ele foi passado de mão em mão, e cada homem que o acompanhava contribuiu de alguma forma para a sua educação.

— As pessoas eram tão gentis que me senti encorajado — Aslam lembra. -E logo fui inscrito numa escola do governo em Khaplu, e comecei a estudar tanto quanto podia.

Alunos da agitada Khaplu, a maior cidade que Aslam já vira, eram cosmopolitas,

por assim dizer. Eles provocavam Aslam por causa de sua aparência.

— Eu tinha sapatos de couro de iaque e roupas de lã, e todos os alunos usavam uniformes — diz Aslam.

Os professores, por pena, fizeram uma vaquinha e compraram uma camisa branca, um suéter marrom e calças pretas para Aslam, para que ele se vestisse como os outros meninos. Ele usava o uniforme todos os dias e o limpava da melhor forma que podia à noite. E, depois de seu primeiro ano de escola, quando subiu de volta o vale do Hushe para visitar a família, causou a impressão que o velho que o retirou do Shyok havia previsto.

— Quando subi — diz Aslam —, eu estava asseado e vestindo meu uniforme. Todos ficaram me olhando e dizendo que eu havia mudado.

Todos me homenagearam. Eu entendi que tive de fazer por merecer este respeito.

Em 1976, depois que Aslam se formou como primeiro aluno da Décima Turma em Khaplu, ofereceram-lhe uma vaga no governo das Regiões do Norte. Mas ele decidiu voltar para casa em Hushe e, depois da morte de seu pai, foi eleito nurmadhar.

— Vi como as pessoas viviam na planície e era minha obrigação trabalhar para melhorar a qualidade de vida em minha aldeia nas terras altas — diz Aslam.

Recorrendo aos funcionários do governo que lhe ofereceram emprego, Aslam ajudou a convencer a administração das Regiões do Norte a aterrar e abrir uma estrada que subisse o vale até Hushe. Ele também pediu-lhes para fundar uma pequena escola, que construiu num galpão de fazenda para 25 rapazes. Mas Aslam teve dificuldade em convencer as famílias da aldeia a enviar seus filhos para estudar neste prédio simplório e parcamente equipado, em vez de trabalharem no campo. Os aldeões de

Hushe tentaram desestimulá-lo, oferecendo suborno de manteiga e de sacas de farinha, se dispensasse seus filhos da escola.

Quando seus filhos atingiram a idade escolar, Aslam percebeu que precisaria de ajuda se quisesse educar a todos.

— Fui abençoado nove vezes — diz Aslam. — Com cinco meninos e quatro

meninas. Mas minha filha, Shakeela, é a mais inteligente. Não havia nenhum lugar para ela estudar e era muito jovem para viver em outro lugar. Embora milhares de alpinistas tenham passado por minha aldeia ao longo de muitos anos, nenhum deles se ofereceu para ajudar nossas crianças. Comecei a ouvir rumores sobre um grande Angrezi que estava construindo escolas que recebia tanto meninos quanto meninas por todo o Baltistão, e decidi procurá-lo.

Na primavera de 1997, Aslam viajou por dois dias de jipe até Skardu e procurou por Mortenson no hotel Indo, apenas para descobrir que ele havia viajado para o alto vale do Braldu e poderia ficar fora por várias semanas.

— Deixei uma carta para o Angrezi, convidando-o a visitar minha aldeia — diz Aslam —, mas ele nunca me respondeu.

Então, num dia de junho de 1998, quando estava em casa, em Hushe, Aslam soube por um motorista de jipe que o Angrezi estava apenas algumas aldeias abaixo no vale, em Khane.

— Naquela primavera eu voltara a Khane — diz Mortenson —, pensando em convocar uma jirga, uma grande reunião, e fazer com que o voto de Janjungpa fosse vencido para que finalmente eu pudesse construir uma escola ali.

Mas Janjungpa, não querendo abrir mão de sua fantasia de possuir uma escola de alpinismo, entrara em contato com a polícia local, e lhes disse a única coisa que levantaria suspeita em relação a um estrangeiro nesta região de fronteira.

— Ele disse que eu era um espião a serviço de seu arquiinimigo —

disse Mortenson —, a Índia.

Quando Mortenson lutava para acalmar um policial que exigia que ele apresentasse seu passaporte para verificação, Aslam chegou num jipe emprestado e se apresentou: — Sou o nurmadhar de Hushe e estou à sua procura há um ano — lembra-se Aslam. — Por favor, à noite, venha a Hushe, e junte-se a nós para o chá.

Mortenson estava começando a considerar Khane uma aldeia amaldiçoada. Ele não queria mais que a lua cheia, sobre o alto do cânion, caísse e a destruísse. Mas estava feliz em ter uma desculpa para sair dali.

Como um inovador educacional entre outras coisas, Aslam pintou as paredes de sua casa com ousados desenhos geométricos em cores primárias. Para Mortenson, a casa tinha um vago aspecto africano, que o fez se sentir imediatamente à vontade. No telhado, ele bebeu **paityucha** toda a noite com seu novo amigo, o nurmadhar, ouvindo a história da odisseia de Aslam. E quando o sol nascente coloriu as geleiras do Masherbrum de rosa-claro, bem acima de suas cabeças no desjejum, Mortenson concordara em transferir os fundos que a diretoria havia autorizado para a condenada escola de Khane acima, para esta aldeia, cujo chefe viajara tão longe rio abaixo para receber sua educação.

— Depois de procurar por ele por todo o Baltistão, fiquei muito surpreso quando finalmente encontrei o dr. Greg — diz Aslam. —

Esperava ter de implorar a um Angrezi Sahib de forma submissa. Mas ele conversou comigo como um irmão. Vi que Greg era um homem muito gentil, de boa índole, e naturalmente agradável. Quando o encontrei pela primeira vez, eu me apaixonei por sua personalidade. A cada ano, desde que construímos a escola, este sentimento se torna mais forte e, finalmente, esse amor se espalhou para todos meus filhos e todas as famílias de Hushe.

O prédio que Aslam e os outros aldeões de Hushe construíram no verão de 1998, com fundos e assistência do TAC de Mortenson, é a escola mais bonita do norte do Paquistão. Não é senão um monumento à esperança que Aslam incutiu em sua aldeia para investir em seus filhos.

Mortenson apresentou os detalhes do projeto para o nurmadhar, e a visão de Aslam se evidencia nas janelas, no telhado e na porta de madeira finamente acabadas e pintadas de escarlate. Em torno do muro do pátio da escola, girassóis crescem mais alto que os alunos mais velhos durante os meses mais amenos. E a visão inspiradora que recebe os alunos de cada sala de aula — o teto do mundo, representado pelo cume da cordilheira do Masherbrum — já ajudou a convencer muitas crianças de Hushe a mirar alto.

Numa casa alugada para ela, próxima ao Colégio Governamental para Meninas, que hoje ela frequenta em Khaplu, a filha mais velha de Aslam, Shakeela, se reflete no caminho que a escola de Hushe abriu para ela no

ano em que foi inaugurada na aldeia, quando tinha 8 anos de idade.

Sentada de pernas cruzadas sobre um tapete de lã rústico ao lado de seu

respeitável pai, Shakeela, bonita e elegante aos 15 anos, sorri confiante sob o véu cor de creme bordado, enquanto fala: — Primeiro, quando comecei a frequentar a escola, muitas pessoas da aldeia me disseram que uma menina não podia fazer isso — diz Shakeela. — Eles disseram que eu terminaria trabalhando no campo, como todas as mulheres, então para que encher a cabeça com as bobagens que estão nos livros? Mas eu sabia o quanto meu pai valorizava a educação, então tentei não ouvir o que me diziam e continuei os estudos.

— Tentei encorajar todos os meus filhos — diz Aslam, apontando os dois irmãos mais velhos de Shakeela, universitários que vivem com ela em Khaplu e a acompanham aonde ela for. — Mas notei um comportamento especial nesta menina desde muito cedo.

Shakeela cobre o rosto com o véu, envergonhada, depois o puxa de lado para falar.

— Não sou uma aluna tão especial — diz ela. — Mas consegui fazer o curso em Hushe com boas notas.

A adaptação à vida cosmopolita em Khaplu foi mais difícil.

— O ambiente aqui é fora de série — diz Shakeela. — Tudo acontece rápido. Tem de tudo.

Ela mostra ao pai uma prova de física recente, na qual se envergonha de ter tirado apenas 8,2.

— Minhas aulas são muito difíceis aqui, mas estou me adaptando —

diz ela. — Em Hushe, eu era a melhor aluna da classe. Aqui, pelo menos, tenho sempre um aluno mais velho ou um professor disponível, para ajudar quando me perco.

Com uma estrada aberta para levá-la para a planície, o caminho de Shakeela para a educação superior em Khaplu não foi tão fisicamente perigoso quanto o de seu pai. Mas, ao seu modo, ela percorreu uma trilha tão dramática quando a dele.

— Shakeela é a primeira moça de todo o vale do Hushe a ter o privilégio de receber educação superior — diz Aslam, orgulhoso. — E

agora todas as moças de Hushe a admiram.

O elogio de seu pai faz com que Shakeela se encolha, por um momento, por trás de seu véu.

— A mente do povo de Hushe está começando a mudar — diz Shakeela, voltando a falar. — Agora quando volto à aldeia, vejo que todas as famílias estão enviando as filhas para a escola. E eles me dizem:

"Shakeela, nós estávamos errados. Você estava certa em ler tantos livros e teve a coragem de ir estudar tão longe de casa. Você honra a nossa aldeia."

Se ela consegue estudar matérias difíceis como física, Shakeela diz que quer ir até onde seus estudos possam levá-la: para a escola de medicina.

— Quero me tornar médica e trabalhar onde eu for necessária — diz ela. — Aprendi que o mundo é muito grande e, até agora, só conheço um pouco dele.

O sucesso acadêmico de Shakeela está influenciando não apenas as mulheres do vale do Hushe, mas seus irmãos mais velhos também. Yakub, de 18 anos, frequentou a universidade em Lahore por um ano, mas foi reprovado em seis das oito matérias. Inscrito agora numa faculdade local em Khaplu, ele está se dedicando novamente aos estudos na esperança de se preparar para conseguir um emprego no governo.

— Não tenho escolha — diz Yakub, ajustando o boné de beisebol que tinha uma estrela dourada, que ilustraria o tipo de nota que a irmã recebera durante o tempo em que estudou na escola de Hushe. — Minha irmã está me incentivando. Se ela se esforça, eu devo me esforçar também.

Vendo uma pasta das últimas provas de Shakeela, Aslam encontra um teste em que a filha tirou um dez redondo — um exame de urdu. Ele segura a folha com carinho, como uma pepita de ouro retirada do rio Shyok.

— Por estas bênçãos, agradeço a Alá Todo-Poderoso — diz Aslam —
e ao sr. Greg Mortenson.

Por todo o norte do Paquistão, milhares de pessoas fizeram os mesmos elogios a Mortenson durante o verão e o outono de 1998.

Retornando a Peshawar, a cidade que continuava a fasciná-lo, Mortenson passou pelos campos de refugiados que se esforçava em alimentar, dar abrigo e educar centenas de milhares, agora que o Islã fundamentalista do Talibã havia dominado grande parte do Afeganistão. Construir escolas nessas condições apocalípticas estava fora de questão. Mas no Campo de Refugiados de Shamshatoo, a sudoeste de Peshawar, organizou oitenta professores, que deram aula para 4 mil alunos afegãos, e assegurou que

seus salários fossem pagos enquanto os refugiados permanecessem no Paquistão.

Como as doenças oftalmológicas estavam crescendo no norte do Paquistão, Mortenson fez um acordo para que o dr. Geoff Tabin, um cirurgião de cataratas dos Estados Unidos, operasse gratuitamente sessenta pacientes idosos em Skardu e Gilgit. E enviou dr. Niaz Ali, o único oculista do Paquistão, para o renomado Hospital Oftalmológico de Tilanga, no Nepal, para receber treinamento especializado, para que pudesse operar depois que dr. Tabin retornasse.

Depois de comparecer a uma conferência de especialistas em desenvolvimento em Bangladesh, Mortenson decidiu que as escolas do IAC deveriam educar alunos apenas até a quinta série e se concentrar em aumentar a inscrição de meninas.

— Depois que os rapazes recebem a educação, eles tendem a deixar as aldeias e procurar trabalho nas cidades — explica Mortenson. — Mas as meninas ficam em casa, tornam-se líderes da comunidade, e ensinam o que aprenderam. Se quisermos realmente mudar uma cultura, valorizando as mulheres, melhorar as condições de higiene e o cuidado com a saúde, e combater os altos índices de mortalidade infantil, a resposta está em educá-las.

Chegando a cada aldeia onde o IAC atuava, Mortenson se reunia com os anciões e insistia que assinassem pedidos para aumentar a inscrição de meninas em cada escola em 10% ao ano, se quisessem manter o apoio do IAC.

— Se as meninas puderem chegar até a quinta série — diz Mortenson

—, tudo muda.

A diretoria do IAC continuava a desenvolver a sua filosofia. Karen, mulher de George McCown, que fundou uma escola na Área da Baía, aderiu, bem como Abdul Jabbar, um professor paquistanês na City College de San Francisco. Toda

a diretoria agora estava formada por educadores profissionais.

As escolas do IAC tinham o mesmo currículo que qualquer boa escola do governo paquistanês. Não havia nenhuma aula de "cultura comparada"

tão comum no Ocidente, nada que os líderes religiosos conservadores pudessem apontar como "antiislâmico", numa tentativa de fechar as escolas. Mas também não deixavam as escolas ensinar o islamismo fundamentalista pregado em muitas das madrassas do país.

— Não quero ensinar às crianças do Paquistão a pensar como os americanos — diz Mortenson. — Apenas que tenham uma educação equilibrada e não-extremista. Esta é a ideia que está no cerne do que fazemos.

Cada projeto concluído com sucesso acrescentava lustro à reputação de Mortenson no norte do Paquistão. Sua foto começou a ser colocada sobre as lareiras das casas e nos consoles dos motoristas de jipe. Restritos pela proibição islâmica contra falsos ídolos, os paquistaneses não aceitam o panteão infinito de deidades colado nos pára-brisas no país hindu a leste.

Mas como na Índia, certas figuras públicas no Paquistão começam a transcender o reino dos comuns mortais.

O herói de críquete Imran Khan tornou-se um tipo de santo secular. E

saindo do escritório de Mortenson em Skardu, passando pelas dunas assoladas de sol, através dos desfiladeiros tortuosos, e subindo os vales do Baltistão, a lenda do gentil infiel chamado dr. Greg também crescia.

Capítulo 17

O lugar mais perigoso no mundo hoje, embora possa ser contestado, é o subcontinente indiano e a linha de controle da Caxemira.

— *Presidente Bill Clinton, antes de deixar Washington, D.C., para uma visita*

diplomática e de missão de paz entre Índia e Paquistão FATIMA BATOOOL
LEMBRA-SE DO PRIMEIRO SOM SURDO

PERFEITAMENTE AUDÍVEL da bateria da artilharia indiana, a 12

quilômetros de distância, sobre as montanhas. Ela se lembra do primeiro projétil zunindo ao cair do azul do céu, e do modo como ela e a irmã Aamina, que trabalhavam no trigal, se entreolharam pouco antes da primeira explosão.

Em Brolmo, sua aldeia no vale do Gultori, um lugar que aparecia nos mapas como local ocupado pelo Exército indiano do outro lado da fronteira próxima como "Caxemira ocupada pelos paquistaneses", nunca acontecia nada de novo. Pelo menos esse era o que parecia para Fatima, aos 10 anos de idade. Ele se lembra de olhar para o rosto de sua irmã mais velha quando o céu começou a rugir de modo estranho, e ver sua própria surpresa estampada nos olhos bem abertos de Aamina, um olhar que dizia:

"Isto é algo novo."

Mas depois do ataque de bombas voadoras do primeiro projétil de 155 milímetros, Fatima prefere se lembrar do mínimo possível. As imagens, como as pedras enterradas entre os carvões usados para assar as formas de kurba, estão quentes demais para se tocar. Havia corpos e cadáveres destroçados por todo o trigal, enquanto os baques, zunidos e explosões soavam tão repentinamente, tão em uníssono, formando um único bramido.

Aamina agarrou Fatima pela mão e, juntas, se uniram aos aldeões fugindo em pânico, correndo o mais rápido possível, mas, ao mesmo tempo, devagar demais em direção às cavernas para escapar do ataque aéreo.

De seu abrigo no escuro, Fatima não se lembra ou não se lembrará como Aamina voltou a sair sob a tempestade de explosões. Talvez, ela

pensa, sua irmã mais velha estivesse trazendo as crianças menores. Isto seria típico de Aamina, diz Fatima. Sobre a bomba que explodiu naquele momento, à entrada da caverna, Fatima não se lembra. Tudo o que ela diz é, que depois da explosão, o hayaat de sua irmã, ou o seu espírito, se partiu, e as vidas das duas nunca mais foram as mesmas.

Em 27 de maio de 1999, no escritório no porão de sua casa, no meio de uma

noite em Montana, Mortenson vasculhou os serviços de informação para saber detalhes sobre a luta que irrompera na Caxemira.

Ele jamais ouvira algo como aquilo.

Desde a divisão violenta que separou a Índia do Paquistão, a Caxemira serviu de pretexto. A Índia, com sua superioridade militar, poderia tomar a maior parte do ex-principado, e embora promettesse realizar eleições, e deixar que os habitantes da Caxemira determinassem o seu futuro, a imensa população muçulmana do país nunca teve essa chance.

Para o povo do Paquistão, a Caxemira tornou-se um símbolo de toda a opressão que os muçulmanos sofreram na retirada do poder britânico da Índia. E para os indianos, a Caxemira representava um limite demarcado, senão pela areia, pela cordilheira de picos a 5.486 metros de altitude.

Tornou-se a joia territorial que os combatentes da Jammu-Kashmir Liberation Front [Frente de Libertação Jammu-Caxemira] (JKLF), transformados em terroristas, não tinham permissão de arrancar da coroa da Índia. E para ambos os lados, a linha demarcada sobre geleiras inóspitas sob a jurisdição inglesa de Lorde Mount, batten permaneceu como uma ferida aberta, lembrando-lhes as humilhações sofridas no período de colônia.

Em 1971, após décadas de pequenos conflitos, ambas as nações concordaram em estabelecer uma Linha de Controle, demarcada por um terreno tão acidentado e inabitável que forma uma barreira natural contra as invasões militares.

— Os relatórios com um grande número de mortos me chocaram —

lembra Mortenson. — Ao longo dos primeiros seis anos que passei no Paquistão, a luta armada ao longo da Linha de Controle acontecia como um acordo de cavalheiros ultrapassado.

— Os soldados indianos e paquistaneses construíram postos de observação e baterias de artilharia sobre as geleiras. Logo depois do chá matinal, os indianos os lançavam um projétil ou dois na direção dos postos

de guarda paquistaneses com seus grandes lança-mísseis Bofors de fabricação sueca. E as forças paquistanesas respondiam atirando algumas vezes após a prece matinal. Havia poucas mortes e, a cada mês de setembro, quando chegava

o frio, num piscar de olhos, ambos os lados abandonavam seus postos até a primavera seguinte.

Mas em abril de 1999, durante um degelo prematuro e incomum, o governo do primeiro-ministro do Paquistão, Nawaz Sharif, decidiu testar a disposição da Índia para lutar. Um ano antes, o Paquistão havia surpreendido o mundo realizando cinco testes bem-sucedidos com armas nucleares. E ao obter uma paridade destrutiva com seu vizinho hindu, cravou uma lança no orgulho nacional — e aprovação do governo do Paquistão — que Sharif tinha um modelo em escala do pico nos Montes Chagai onde a "Bomba Muçulmana" fora detonada, construído ao lado de um anel de uma pista de alta velocidade no Ponto Zero, o local onde Pindi e Islamabad se unem.

Naquele mês, cerca de oitocentos combatentes islâmicos pesadamente armados cruzaram a Linha de Controle através do Gultori e assumiram posições ao longo das cordilheiras dentro da Caxemira indiana.

De acordo com a Índia, membros da Brigada da Cavalaria Ligeira do Norte — a força de elite designada para proteger grande parte das Regiões do Norte do Paquistão — vestiram trajes civis e conseguiram realizar a invasão com o apoio de diversos mujahadeen. As tropas combinadas postaram-se em posição de forma tão astuta as que não foram descobertas por quase um mês, até vigias do Exército indiano perceberam que os cumes acima de suas posições dentro e em torno da cidade de Kargil estavam todos ocupados pelos paquistaneses e seus aliados.

O primeiro-ministro indiano, Atal Bihari Vajpayee acusou Sharif de invadir a Índia. Sharif respondeu que os invasores eram "combatentes da liberdade" que operavam independentes do Exército paquistanês, que haviam decidido espontaneamente aderir à luta para libertar os muçulmanos da Caxemira de seus opressores hindus. Os recibos de pagamento e documentos de identidade da Cavalaria Ligeira do Norte que os indianos mais tarde alegaram ter encontrado junto a soldados mortos insinuam história diferente.

Em 26 de maio de 1999, Vajpayee ordenou que a força aérea da Índia entrasse em ação contra o Paquistão pela primeira vez em mais de vinte anos. Jatos de caça MiG e Mirages indianos bombardearam de modo

contínuo as posições entrincheiradas. E os combatentes que detinham o alto dos

montes, armados com mísseis Stinger que os americanos haviam fornecido aos comandantes dos mujabadeen no Afeganistão para derrubar os aviões soviéticos, explodiram um MiG e um helicóptero de ataque MI-17 nos primeiros dias do que se tornaria conhecido como o "Conflito de Kargil".

Guerras não-declaradas, como a "ação de polícia" americana no Vietnã, como era oficialmente conhecida nos primeiros anos, são todas frequentemente minimizadas por seus nomes oficiais. "Conflito" não consegue descrever o volume de altos explosivos que as forças do Paquistão e da Índia usaram no confronto em 1999. As forças paquistanesas mataram centenas de soldados indianos e, de acordo com a Índia, inúmeros civis foram atingidos pelo fogo cruzado. O Exército indiano, mais poderoso, lançou cinco mil balas de artilharia, tiros de morteiros e mísseis todos os dias.

Durante toda a primavera e verão de 1999, mais de 250 mil balas, bombas e mísseis foram lançados sobre o Paquistão, de acordo com GlobalSecurity.org. Um confronto desse alcance não afetara nenhum outro lugar sobre a Terra desde a Segunda Guerra Mundial. E embora o Exército indiano continue a negar, os relatos civis sugerem que muitas dessas munições foram lançadas indiscriminadamente sobre aldeias que tiveram o azar de estarem localizadas ao longo da Linha de Controle, aldeias como a de Fatima Batool.

Mortenson, sentindo-se impotente, andava de um lado para o outro no porão entre ligações a seus contatos no Exército paquistanês. E os relatórios que ele recebeu roubaram as poucas horas de sono que normalmente conseguia ter. Bandos de refugiados do conflito estavam atravessando as altas passagens a pé e se aproximavam de Skardu exaustos, feridos, e precisando de um atendimento que ninguém no Baltistão estava preparado para fornecer. As respostas não estavam nas pilhas de livros cada vez mais altas contra as paredes que lotavam as prateleiras e se espalhavam pelo chão. Elas estavam no Paquistão.

Incontinente, Mortenson reservou o seu voo.

Platô Deosai, em meados de junho, é uma das regiões selvagens mais belas do planeta, pensou Mortenson, enquanto seu Land Cruiser subia em direção ao Baltistão. Plantações de tremoços azuis acrescentaram-se aos campos entre as montanhas nas elevadas altitudes como largas pinceladas.

Manadas de bharal com grandes chifres, vivendo distantes das habitações

humanas, observavam, impunes, a passagem do veículo. E a oeste, a Face Rupal do Nanga Parbat, o maior monólito do mundo, surpreendia Mortenson, vista de um ângulo inusitado.

Hussein, Apo e Faisal chegaram a Islamabad para buscar Mortenson, e Apo convenceu a dirigir por 36 horas até Skardu passando pelas estradas normalmente inacessíveis do Deosai, uma vez que a rodovia do Karakoram estaria lotada de comboios militares transportando equipamentos para a zona de guerra e levando caminhões cheios de shahids, ou mártires, de volta para casa, para serem enterrados.

Mortenson esperava estar sozinho no Deosai, uma vez que as altas passagens deste platô a 4.267 metros de altitude na fronteira da Índia ainda estavam cobertas de neve. Mas indo e voltando da zona do Conflito de Kargil, comboios de caminhões Toyota com cabines duplas, os vagões de guerra do Talibã, estavam lotados de combatentes com longas barbas e turbantes pretos. Os guerreiros nos caminhões que rumavam em direção ao nordeste acenavam com suas armas Kalashnikovs e as RPGs quando passavam. Os feridos que seguiam para sudoeste exibiam as ataduras sobre os ferimentos, orgulhosos.

— Apo! — gritou Mortenson acima do barulho do motor, depois que quatro comboios buzinaaram em seguida, forçando o Land Cruiser a dar passagem saindo da estrada. — Já viu tantos talibãs assim?

— Os Kabulis sempre vêm — respondeu Apo, usando o termo local para os forasteiros que ele desprezava pela violência que trouxeram ao Baltistão. — Mas nunca tantos assim.

Apo balançou a cabeça com tristeza.

— Eles devem estar com pressa... — disse ele, cuspiando pela janela um longo naco do fumo de mascar que Mortenson trouxera — para se tornarem mártires.

Skardu estava tomada pela febre de guerra quando eles chegaram.

Bedfords chegavam das linhas de frente, cheios de caixões envolvidos com a bandeira paquistanesa. Helicópteros verde-escuros sobrevoavam em uma quantidade que Mortenson jamais vira. E pastores nômades Bojar, os ciganos do Paquistão, conduziam rebanhos de cabras inquietas através do tráfego de militares, tocando-os na longa marcha em direção à Índia, onde iriam alimentar

as tropas paquistanesas.

Do lado de fora do hotel Indo, dois caminhões pretos com placas dos Emirados Árabes Unidos e a palavra SURFE inexplicavelmente grafada nas portas estavam estacionados em frente à entrada, com as traseiras para fora, bloqueando a passagem de motoristas de jipe que não ousavam acionar as buzinas. E no saguão, quando Mortenson abraçou Ghulam, o gerente, e seu irmão mais novo Nazir, viu dois homens grandes e de barba bebendo chá em uma das mesas de tábua corrida. Suas roupas, como as de Mortenson, estavam cobertas de poeira.

— O mais alto ergueu a cabeça e disse: Chai!, convidando-me a me aproximar — diz Mortenson. — Creio que tivesse 50 e poucos anos, e devia ter 2 metros de altura, o que me chamou a atenção, pois eu estava habituado a ser o mais alto no Baltistão. Ele tinha, como se chama, uma papada. E uma barriga enorme. Eu sabia que ele não escalara as passagens a 5.486 metros de altitude, então concluí que deveria ser um comandante.

De costas para eles, Ghulam, o gerente, ergueu as sobrancelhas para Mortenson, tentando alertá-lo.

— Eu sei — respondeu Mortenson, caminhando em direção aos dois.

Ele apertou a mão de ambos, do grandalhão e de seu companheiro, que tinha uma barba que quase chegava à cintura e antebraços nodosos como madeira envelhecida. Antes de se sentar com eles, viu um par de AK-47 reluzentes no chão entre os seus pés.

— Pekhayr raghie — disse o homem em pachto Bem-vindo.

— Khayr ose — respondeu Mortenson, cerimoniosamente em pachto, que ele passou a estudar desde seu sequestro de oito dias no Waziristão.

— Kenastel! — disse o comandante. — Sente-se.

Mortenson sentou-se, e passou a falar em urdu, para ter certeza do que estava dizendo. Ele tinha um kaffieyeh xadrez preto-e-branco sobre a cabeça, o tipo que era usado por Yasser Arafat. Ele o usava para evitar que a poeira do Deosai não entrasse em sua boca. Mas os homens o usavam por questões de filiação política. Eles lhe ofereceram uma xícara de chá.

— O grandalhão se apresentou como Gul Mohammed — diz Mortenson. — Depois me perguntou se eu era americano. Imaginei que iriam acabar descobrindo de qualquer maneira, então disse que sim.

Mortenson acenou quase imperceptivelmente para Faisal Baig, que estava postado a poucos metros da mesa, em alerta. O guarda-costas se afastou e sentou-se com Apo e Parvi.

— O.k., Bill Clinton! — disse Gul Mohammed em inglês, levantando o polegar, fazendo um sinal de positivo, entusiasmado.

Clinton pode ter fracassado, no final, em forjar a paz entre Israel e a Palestina, mas enviara, mesmo tardiamente, as forças americanas para a Bósnia em 1994 para estancar a matança de muçulmanos pelos sérvios cristãos, um fato que um mujahadeen como Gul jamais esqueceria.

O homem enorme colocou a mão satisfeito sobre o ombro do americano. Mortenson sentiu o odor de suor e de carneiro assado.

— Você é um soldado — disse ele, quase afirmando.

— Eu fui — respondeu Mortenson. — Há muito tempo. Hoje construo escolas para crianças.

— Você conhece o tenente-coronel Samuel Smith, de Fort Worth, Texas? Ele foi um soldado americano também. Juntos esmagamos os soviéticos como carrapatos em Spin Boldak — disse o homem mais magro, girando o calcanhar da bota de combate no chão.

— Não, lamento — respondeu Mortenson. — Os Estados Unidos são um país grande.

— Grande e poderoso. Alá estava ao nosso lado no Afeganistão — disse Gul, sorrindo. — E também os mísseis Stinger americanos.

Mortenson perguntou aos homens se estavam voltando do fronte e Gul Mohammed pareceu quase aliviado ao descrever o que vira por lá.

Disse que os mujahadeen estavam lutando bravamente, mas a força aérea indiana

estava provocando uma terrível carnificina, tentando manter as posições sobre os montes desde que aprenderam a lançar as bombas acima do alcance dos mísseis dos mujahadeen.

— Também sua artilharia de Bofors é muito potente — explicou Gul.

—A Suécia se diz um país pacífico, mas vendem armas bastante letais.

Os homens interrogaram Mortenson em detalhe sobre o seu trabalho e assentiram em aprovação quando souberam que estava educando quatro mil refugiados afegãos sunitas em Peshawar, bem como as crianças xiitas do Baltistão. Gul disse que tinha vivido no vale do Daryle, não muito distante da ponte que os mujahadeen haviam bloqueado cinco anos antes, quando Mortenson estava levando o material da escola de Korphe pela rodovia do Karakoram em cima do caminhão Bedford que alugara.

— Temos grande necessidade de escolas no meu vale — disse Gul. —

Por que não volta conosco e constrói umas dez ou vinte por lá? Até para meninas, sem problema.

Mortenson explicou que o IAC trabalhava com um orçamento pequeno e todos os projetos de escola precisavam ser aprovados pela diretoria. Ele prendeu um sorriso ao imaginar fazer esse pedido em especial, então prometeu levar o assunto para a próxima reunião de diretoria.

Às 21 horas, apesar do ar carregado no saguão do hotel Indo, Mortenson sentiu suas pálpebras pesarem. Ele dormira muito pouco durante a viagem poeirenta através do Deosai. Com a hospitalidade ditada pelos Pashtunwali, os comandantes perguntaram a Mortenson se gostaria de pernoitar com eles. Ghulam e Nazir tinham um quarto pequeno e silencioso nos fundos do hotel sempre disponível para Mortenson. Ele agradeceu, mas recusou a oferta e inclinando-se, com a mão sobre o coração, se despediu dos dois.

No meio do corredor, a caminho do quarto, uma figura ruiva e esquelética surgiu com os olhos azuis esbugalhados pela porta da cozinha e agarrou a manga da camisa de Mortenson. Agha Ahmed, o duble de ajudante de cozinha e de carregador do hotel Indo, estava olhando o saguão pela fresta da porta.

— Doutor Greek! — ele gritou, alarmado, alto o suficiente para que todo o hotel

ouvisse, sempre com uma espuma de saliva no canto da boca.

— Talibã!

— Eu sei — respondeu Mortenson, sorrindo, e arrastou-se pelo corredor até o quarto para ir dormir.

Syed Abbas veio pessoalmente visitar Mortenson pela manhã. Nunca o vira tão contrariado. Normalmente, o clérigo portava-se com ar grave e digno, e falava com a mesma lentidão com que mexia seu tasbih, ou contas de oração. Mas nessa manhã, as palavras de Syed Abbas jorravam como uma torrente. A guerra era uma catástrofe para os civis de Gultori, dizia Abbas. Ninguém sabia quantos aldeões haviam sido mortos ou mutilados pelas bombas e artilharia indiana, mas dois mil refugiados já haviam chegado a Skardu, e milhares de outros estavam esperando pelo pior da luta em cavernas, antes de vir se juntar a eles.

Syed Abbas disse que havia contatado a administração das Regiões do Norte e a Alta Comissão de Refugiados das Nações Unidas e ambas haviam recusado seus pedidos de ajuda. O governo local dissera que não dispunha de recursos para lidar com a crise. E as Nações Unidas disseram que não poderiam ajudar as famílias de Gultori que estavam fugindo do

combate por serem refugiados internos que não cruzaram fronteiras internacionais.

— Do que essas pessoas precisam? — perguntou Mortenson.

— De tudo — respondeu Abbas. — Mas principalmente de água.

Syed Abbas conduziu Mortenson, Apo e Parvi a oeste de Skardu para verem o novo aldeamento de tendas de lona de plástico amarelo montadas sobre as dunas de areia ao lado do aeroporto. Eles saíram da estrada, tiraram os sapatos e, enquanto os caças Mirage, de fabricação francesa, da força aérea do Paquistão, passaram raspando em patrulha, eles caminharam sobre as dunas em direção aos refugiados. Contornando o aeroporto, os canhões antiaéreos permaneciam em posição de alerta nas trincheiras de sacos de areia, fazendo arabescos com os canos de suas armas no céu sobre a Índia.

Os refugiados foram alocados no único terreno em Skardu que ninguém queria. Seu acampamento entre as dunas não tinha fonte de água natural, e estavam a

mais de uma hora de caminhada do rio Indo. A cabeça de Mortenson doía, não apenas por causa do calor refletido nas dunas; ele estava vislumbrando a imensa tarefa que tinham pela frente.

— Como vamos trazer água até aqui? — perguntou ele. — Estamos a uma grande distância acima do rio.

— Conheço alguns projetos do Irã — disse Syed Abbas. — São chamados de "elevação de cursos de água". Temos de cavar bem fundo até atingir um lençol d'água e bombeá-la, mas com a ajuda de Alá, será possível.

Syed Abbas, com as roupas pretas revoltas, correu à frente sobre a areia reluzente, apontando para lugares onde imaginava que pudessem prospectar água.

— Queria que os ocidentais que não compreendem os muçulmanos pudessem ter visto Syed Abbas em ação naquele dia — diz Mortenson. —

Eles veriam que grande parte das pessoas que praticam os verdadeiros ensinamentos do Islã, mesmo os **mulahs** conservadores como Syed Abbas, acreditam em paz e justiça, não em terrorismo. Da mesma forma que a Torá e a Bíblia ensinam a cuidar dos aflitos, o Alcorão instrui todos os muçulmanos a cuidar das viúvas, dos órfãos e dos refugiados.

O aldeamento de tendas parecia deserto a princípio, pois os ocupantes estavam recolhidos sob as lonas, protegendo-se do sol. Apo, um ex-refugiado, cuja cidade natal era Dras, adjacente ao Gultori, do lado da

fronteira indiana, foi de tenda em tenda, anotando os pedidos de suprimentos urgentes.

Mortenson, Parvi e Syed Abbas postaram-se numa clareira entre as tendas, discutindo a logística da elevação do curso de água. Parvi tinha certeza de que poderia convencer seu vizinho, o diretor do Departamento de Obras Públicas de Skardu, em lhes emprestar as dragas, se o IAC

concordasse em comprar as tubulações e as bombas d'água.

— Quantas pessoas há aqui? — perguntou Mortenson.

— Um pouco mais de mil e quinhentas agora — respondeu Syed Abbas. — A maioria homens. Eles vieram procurar trabalho e montar um abrigo antes de mandarem vir as mulheres e os filhos. Dentro de poucos meses, teremos quatro ou cinco mil refugiados para cuidar.

Abaixando-se para sair de uma tenda, Apo Razak aproximou-se deles enquanto conversavam. Se havia algo conhecido no Baltistão, era a expressão irônica no rosto do velho cozinheiro de expedições, que passara a vida preparando comida e auxiliando grandes grupos em lugares inóspitos. Mas sua expressão, ao se aproximar, estava estranhamente grave, e seus lábios apertados estavam finos como um veio de quartzo em meio ao granito. Como o bobo de Rei Lear, (35) ele não tinha problema em apontar as duras verdades aos seus assim chamados superiores.

35. Rei Lear, peça de William Shakespeare (1564-1616).

Lear, abandonado pelas filhas após dividir entre elas o seu reino, foge com o bobo da corte, que antes lhe dissera: "A verdade é um cão que precisa ser confinado num canil." (N. da T.)

— Doutor Greg — disse ele, tomando Mortenson pela mão, e conduzindo-o em direção às tendas —, chega de conversa. Como pode saber o que as pessoas precisam se não perguntar a elas?

O **mulah** Gulzar sentou-se sob uma lona azul com um barrete preto e fez força para colocar-se de pé depois que Apo deixou Mortenson entrar. O

velho clérigo da aldeia de Brolmo segurou a mão de Mortenson e desculpou-se por não ter meios de lhe preparar um chá. Quando todos se sentaram de pernas cruzadas sobre uma toalha de mesa plastificada que cobria a areia quente, Apo pediu ao mulá para contar sua história.

A luz brilhante que atravessava a lona azul refletia sobre os óculos graúdos do mulá escurecendo seus olhos enquanto falava, dando a Mortenson a desconfortável impressão de estar ouvindo um cego com lentes azuis opacas.

— Não queríamos ter vindo para cá — disse Mulá Gulzar, acariciando a longa barba. — Brolmo é um lugar muito bom. Ou foi.

Ficamos o máximo que pudemos, escondendo-nos em cavernas durante o dia, e trabalhando nos campos à noite. Se tivéssemos trabalhado durante o dia, nenhum de nós teria sobrevivido, porque havia muitas bombas caindo.

No fim, todos os canais de irrigação estavam partidos, as plantações arruinadas e as casas destruídas. Sabíamos que nossas mulheres e filhos morreriam, se não fizéssemos alguma coisa, então caminhamos através das montanhas até Skardu. Não sou mais jovem e foi muito difícil. Quando chegamos à cidade de Skardu, o Exército nos disse para construirmos nossas moradias aqui. E quando vimos este lugar, esta areia, decidimos voltar para casa. Mas o Exército não nos permitiu. Eles disseram: "Vocês não têm mais um lar. Está destruído". Ainda assim, teríamos voltado, se pudéssemos, porque isto não é vida. E agora nossas mulheres e filhos logo chegarão para este deserto e o que diremos a eles?

Mortenson tomou a mão do velho **mulah** entre as suas.

— Nós ajudaremos a trazer água aqui para as suas famílias — prometeu ele.

— Dou Graças a Alá Todo-Poderoso por isso — respondeu o mulá. —

Mas água é apenas o começo. Precisamos de comida, remédios e educação para nossos filhos. Este é o nosso lar agora. Eu me envergonho de pedir tanto, mas ninguém mais veio até aqui.

O velho clérigo inclinou a cabeça em direção ao céu que a lona azul cobria de seus olhos, como se lançasse seu lamento diretamente nos ouvidos de Má. Deste novo ângulo, o brilho desaparecia de seus óculos e Mortenson viu que os olhos do mulá estavam úmidos.

— E não temos nada. Não posso lhe oferecer nada por sua **mal-la khwong**, por sua gentileza em atender nossas preces — disse Mulá Gulzar.

— Nem mesmo chá.

A primeira elevação de curso de água na história do norte do Paquistão levou

oito semanas para ser construída. Respeitando a sua palavra, Ghulam Parvi convenceu o vizinho em lhes ceder o uso das dragas. O diretor do Departamento de Obras Públicas de Skardu também

cedeu toda a tubulação de que o projeto necessitava. E 12 tratores foram emprestados pelo Exército para retirar as pedras. Mortenson, pacientemente, voltou diversas vezes ao telefone públicos até, finalmente, conseguir falar com San Francisco. Ele solicitou, e lhe foi concedida, permissão para gastar 6 mil dólares dos fundos do IAC no projeto.

Mortenson encomendou bombas potentes e geradores Honda de Gilgit. Com todos os homens de Brolmo trabalhando 24 horas por dia, eles construíram um grande tanque de concreto, capaz de armazenar água suficiente para suprir o acampamento de cinco mil pessoas. E depois de perfurar, até uma profundidade de 36,5 metros, eles encontraram o lençol d'água para poder puxar e enchê-lo. Agora os aldeões de Brolmo poderiam começar a construir casas de tijolos de barro e transformar o deserto em um novo lar verdejante para suas famílias. Mas, primeiro, suas esposas e filhos precisavam sobreviver à viagem até Skardu.

Durante o tempo que passaram nas cavernas, Fatima Batool não conseguia parar de chorar. E Aamina, que sempre consolou a irmã caçula, não era capaz sequer de cuidar de si mesma. Os ferimentos de Aamina provocados por estilhaços de bomba eram superficiais. Mas o dano causado fora mais profundo que a pele. Desde o dia que o projétil aterrissou ao seu lado junto à entrada da caverna, depois de ter gritado de medo e dor, e de ter desmaiado, Aamina não disse mais nada. Nem uma palavra. Em algumas manhãs, aninhada na caverna com os outros, quando as bombas caíam com regularidade brutal, ela tremia e sussurrava um gemido de socorro. Mas o som era um grunhido, não de uma voz humana, e não consolava Fatima.

— A vida era muito cruel nas cavernas — diz Nargiz Ali, amiga de Fatima. — Nossa aldeia, Brolmo, era um lugar lindo, com damasqueiros e até cerejeiras, numa encosta junto ao rio Indo, mas só podíamos olhar para ele e vê-lo ser destruído. Não podíamos ir até lá. Eu era pequena nessa época, e meus parentes tinham de me levar rapidamente para dentro toda vez que as bombas começavam a cair. Eu não podia sair para brincar lá fora ou cuidar dos animais, ou até colher frutas que víamos amadurecer e, em seguida, apodrecer.

— Quando chovia ou nevava, era muito difícil cozinhar ou dormir ali.

Mas permanecemos por muito tempo, pois acima do nullah estava a Índia, e era muito perigoso ficar ao ar livre.

Certo dia, diz Nargiz, voltando às cavernas depois de revirar os escombros de sua casa em busca de suprimentos, seu tio Hawalda Abrahim foi atingido por uma única bomba.

— Ele era um homem adorável e queríamos resgatá-lo imediatamente, mas tivemos de esperar até a noite para termos certeza de que não lançariam mais bombas, para trazê-lo para dentro — diz Nargiz.

— Em geral, lava-se o corpo de um morto. Mas ele estava tão despedaçado que não pudemos lavá-lo. Apenas conseguimos recompô-lo com os panos.

Os poucos aldeões que haviam permanecido em Brolmo realizaram uma jirga e anunciaram a todas as crianças como Fatima e Nargiz, que era hora de serem corajosas. Elas deveriam sair ao ar livre e caminhar por uma grande distância com pouco alimento, pois não poderiam permanecer nas cavernas.

Eles embalaram o pouco que puderam recuperar de suas casas e saíram no meio da noite, indo para uma aldeia vizinha que consideravam suficientemente distante da artilharia indiana para estarem seguros.

Naquela manhã, pela primeira vez, em meses, desfrutaram ao ver o sol nascer ao ar livre, no campo. Mas enquanto assavam kurba para a viagem numa fogueira, bombas começaram a cair aproximando-se vale acima. Um atirador nas cordilheiras ao sul deve tê-los avistado, acredita Fatima, e começou a disparar na direção deles.

— Cada vez que explodia uma bomba, Aamina tremia e chorava, atirando-se no chão — diz Fatima. — Naquele lugar, não havia cavernas, então tudo o que podíamos fazer era correr. Envergonho-me de dizer que eu estava tão assustada que parei de puxar minha irmã e corri para me salvar. Tive medo de que ela fosse morta, mas ficar sozinha deve ter sido mais aterrorizante para minha irmã do que o bombardeio, então ela correu para se juntar ao restante da aldeia.

Por três semanas, os sobreviventes de Brolmo caminharam em direção ao noroeste.

— Em geral, percorríamos trilhas de animais, que não foram feitas para pessoas

— diz Fatima. — Tivemos de abandonar toda a nossa kurba no fogo quando começaram a lançar as bombas. Estávamos famintos. As pessoas cortavam os pequenos frutos ainda verdes de plantas silvestres para comer e se manterem vivos, embora doesse o estômago depois.

Depois de sobreviver a essa odisseia, os últimos moradores de Brolmo chegaram, exaustos, em Skardu, onde o Exército os direcionou ao

seu novo lar. Aqui, nas dunas junto ao aeroporto, Fatima e os demais sobreviventes começariam o longo processo de esquecer o que haviam passado e recomeçar. Todos, menos Aamina Batool.

— Quando chegamos à nova aldeia, Aamina deitou-se e não queria mais se levantar — diz Fatima. — Ninguém conseguia animá-la, nem mesmo estando, afinal, segura com nosso pai e tios parecia alegrá-la. Ela morreu depois de poucos dias.

Ao falar da morte da irmã, cinco anos depois, a angústia estampada no rosto de Fatima parece tão vívida quanto naquele dia, ao permitir que a lembrança venha à tona por alguns instantes, antes de novamente ocultá-

la.

Em sua carteira — na sala de aula da quinta série, da Escola de Meninas Refugiadas de Gultori, que o Instituto da Ásia Central construiu sobre as dunas de areia junto ao aeroporto de Skardu, no verão de 1999, no auge do Conflito de Kargil — Fatima Batool, de 15 anos, puxa seu véu branco sobre o rosto, escondendo-se por trás do pano para evitar tantas perguntas.

Sua colega de classe, Nargiz Ali, hoje com 14 anos, retoma o fio da meada da história, e conta como veio parar naquela carteira na sala de aula, sob um mapa-múndi colorido em baixo-relevo, com seu caderno, lápis e apontador novos fornecidos por uma organização humanitária estabelecida num lugar que ela tentara, mas não conseguira encontrar naquele mapa, chamado Bozeman, Montana.

— Quando chegamos, depois de uma longa caminhada, estávamos, claro, muito contentes em ver toda a nossa família — diz Nargiz. — Mas quando olhei para o lugar onde deveríamos viver, me senti assustada e insegura. Não havia casas. Não havia árvores. Não havia mesquitas. Não havia nenhum recurso de qualquer

tipo. Então Syed Abbas trouxe o grande Angrezi para falar conosco. Ele nos disse que se estivéssemos dispostos a trabalhar duro, ele poderia nos ajudar a construir uma escola. E sabe o que mais? Ele manteve a sua palavra, sua promessa.

Os alunos da quinta série da Escola de Meninas Refugiadas de Gultori, como Fatima e Nargiz, perderam um grande número de parentes.

Como sua educação formal começou apenas depois de terem fugido das aldeias ancestrais, a média de idade aqui é de 15 anos. Seus irmãos caminham uma hora para ir e outra para voltar às escolas de meninos do governo, nas aldeias das redondezas que aceitaram a maioria dos

estudantes refugiados. Mas para as 129 meninas de Gultori que nunca viram uma escola por dentro, este prédio é a única luz no fim de um longo túnel de medo e fuga.

Esta é razão por que, apesar de tudo o que disse sobre o seu sofrimento, Fatima Batool afasta o véu do rosto e ajeita-se em sua carteira para dizer mais uma coisa: — Ouvi algumas pessoas dizerem que os americanos são maus —disse ela baixinho. — Mas amamos os americanos.

Eles são gentilíssimos conosco. São os únicos que se importaram em nos ajudar.

Nos últimos anos, alguns refugiados voltaram para o Gultori, para as duas escolas que o Instituto da Ásia Central construiu lá, esculpida nas cavernas, para que os alunos fiquem protegidos das bombas que ainda podem ser lançadas da Índia quando as relações entre os dois países estremecem. Mas Nargiz e Fatima continuam na nova aldeia perto de Skardu. É seu lar agora, dizem elas.

Além do pátio arenoso da escola pintada de ocre com cinco salas de aula, fileiras bem-arrumadas de casas feitas de blocos de barro agora se alinham até se perder no horizonte, algumas equipadas, até, com o mais novo símbolo de luxo e de residência permanente, a antena de satélite. E

as cerejeiras, lançando sua sombra sobre as casas, onde antes havia apenas dunas de areia, alimentadas pela elevação de cursos de água, crescem fortes, verdes e luxuriantes, florescendo do terreno arenoso, tão inesperado quanto as alunas que retornam para casa após as aulas, sob os galhos, as meninas de Gultori.

Capítulo 18

Corpo em mortalha

Não deixes que nada te perturbe, nem te assuste.

Tudo passa. Deus não muda.

A paciência tudo alcança.

— *Madre Teresa de Calcutá*

ARRUMAR AS DUZENTAS CADEIRAS ESTAVA LEVANDO MAIS

TEMPO DO QUE Mortenson esperava. Na maioria dos almoços, lojas, igrejas e faculdades onde apresentou seu slide show, sempre havia alguém para ajudar. Mas aqui na Mr. Sports, em Apple Valley, Minnesota, toda a equipe estava fazendo levantamento de estoque após as vendas de Natal, então Mortenson teve de trabalhar sozinho.

As 18h45, com a palestra marcada para começar em 15 minutos, Mortenson havia aberto apenas cem das cadeiras de aço escovado, arrumando-as em fileiras bem dispostas entre os cabides com sacos de dormir para temperaturas abaixo de zero, e uma vitrine exibindo aparelhos eletrônicos GPS, altímetros e sinalizadores de avalanche. Ele se obrigou a trabalhar mais rápido, abrindo as cadeiras de um só golpe e arrumando-as no lugar com a mesma urgência que sentiu quando trabalhou na construção da ponte de Korphe.

Mortenson logo estava pingando de suor. Ele se sentia cada vez mais envergonhado com o peso que adquirira desde a última escalada ao K2, e relutava em tirar o suéter verde pesado e amorfo, especialmente num salão que logo estaria cheio de pessoas que se preocupavam em manter a forma física. Abriu as últimas cadeiras colocando-as no lugar às 19h02 e seguiu, sem fôlego entre as fileiras, colocando um panfleto do Instituto da Ásia Central em cada um dos duzentos assentos. No verso de cada panfleto xerocopiado, estava grampeado um envelope para doações, endereçado à caixa postal do IAC em

Bozeman.

A coleta que fazia com o valor doado por meio desses envelopes tornava os slide shows apenas sustentáveis. Com as finanças do AIC

beirando a insolvência, Mortenson estava agora fazendo uma média de

uma palestra por semana quando não estava no Paquistão. Havia poucas coisas que detestava tanto quanto ficar de pé em frente a uma grande plateia e falar de si mesmo, mas a diferença que mesmo uma baixa receita por noite de poucas centenas de dólares poderia fazer para as crianças do Paquistão mantinha-o carregando a mochila com roupa para um dia de viagem até o aeroporto de Bozeman.

Checou o velho projetor de slides que consertara recentemente com fita isolante, para verificar se o carrossel estava encaixado corretamente, apalpou o bolso da calça, certificando-se se a caneta a laser que usava para apontar dos picos do Karakoram estava no lugar, e virou-se para encarar a plateia.

Mortenson estava sozinho com duzentas cadeiras vazias.

Ele afixara cartazes nos campus das universidades locais, pediu anúncios a editores dos jornais da cidade, e concedeu uma rápida entrevista para os ouvintes que costumavam ligar o rádio a caminho do trabalho num programa matinal de uma estação de rádio AM, e esperava ter a casa cheia, então Mortenson se encostou numa pilha de colchonetes infláveis e esperou o público aparecer.

Ele abriu um largo sorriso quando se aproximou uma mulher, vestindo uma parca Gore-Tex cor de laranja com longas tranças grisalhas enroladas no alto da cabeça. Mas ela baixou os olhos, verificou o nível de temperatura de um saco de dormir polar cor de berinjela, e arrastou-o até uma caixa para comprá-lo.

Às 19h30, Mortenson ainda estava olhando para um mar de cadeiras vazias.

Pelos alto-falantes da loja, um empregado pedia aos clientes que procuravam descontos nas gôndolas de artigos em liquidação para virem ocupar a plateia de duzentos assentos.

— Gente, temos um alpinista esperando por vocês para mostrar slides maravilhosos do K2! Vão até lá para vê-lo!

Dois vendedores de uniforme verde, depois de terminarem o levantamento de estoque, sentaram-se em duas cadeiras na última fileira.

— O que devo fazer? — perguntou Mortenson. — Devo começar a palestra?

— É sobre escalar o K2, certo? — perguntou o vendedor jovem e barbudo, cujos **dreadlocks** louros, enfiados num boné de lã prateada, faziam com que sua cabeça parecesse um saco de pipocas.

— Por aí — respondeu Mortenson.

— Legal, cara! — disse ele. — Manda ver!

Depois que Mortenson exibiu as fotos que tirou do K2, e detalhou a tentativa fracassada de chegar ao pico, ele prosseguiu hesitante para o centro de sua apresentação: contou as histórias e mostrou fotos das 18

escolas custeadas pelo IAC agora em funcionamento, demorando-se nas fotos das últimas: duas escolas no vale do Gultori, construídas nas entradas das cavernas, para que as bombas que ainda eram lançadas —

agora que o "Conflito" de Kargil havia oficialmente terminado — não impedissem os milhares de aldeões que retornavam de recompor seus lares destruídos e de mandar seus filhos para a escola em segurança.

Quando as fotos que tirara um mês antes, de Fatima, Nargiz e seus colegas, sorrindo diante dos livros na recém-construída Escola de Meninas Refugiadas de Gultori, foram projetadas, Mortenson notou um cliente de meia-idade com aparência de professor aproximando-se de um lado, tentando ver um mostruário de relógios digitais multifuncionais.

Mortenson parou para sorrir para ele, e o homem se sentou, mantendo os olhos na tela.

Satisfeito pela plateia ter crescido em 50%, Mortenson falou apaixonadamente por mais trinta minutos, detalhando a pobreza devastadora que as crianças do Karakoram enfrentavam todos os dias, e revelando os planos para começar a construir escolas na primavera seguinte no extremo norte do Paquistão, junto à fronteira do Afeganistão.

— Construindo relacionamentos e formando uma comunidade para investir em suas próprias terras e com sua mão-de-obra, podemos fazer e manter uma escola para uma geração que educará milhares de crianças por menos de 20 mil dólares. Esse valor corresponde à metade do que custaria ao governo do Paquistão para construir a mesma escola, e um quinto do que o Banco Mundial gastaria com o mesmo projeto.

Mortenson encerrou a palestra da noite parafraseando uma das frases favoritas de Madre Teresa de Calcutá: — O que estamos tentando fazer pode ser apenas uma gota no oceano -disse Mortenson, sorrindo amavelmente para a plateia de três pessoas. — Mas o oceano seria menor sem esta única gota.

Mortenson agradeceu os aplausos, mesmo de três gatos pingados, tanto quanto por haver terminado a palestra. Ao desligar o projetor e começar a recolher os panfletos do IAC dos assentos vazios, os dois

vendedores vieram ajudá-lo, e começaram a fazer perguntas: — Vocês aceitam, tipo, um serviço voluntário por lá? — o outro vendedor perguntou. — Porque já trabalhei em construção e poderia, vamos dizer, ir até lá e martelar alguns pregos.

Mortenson explicou que, com o orçamento limitado do IAC ("mais limitado do que nunca nessa época", ele pensou), era muito caro mandar voluntários americanos para o Paquistão, e indicou-lhe outras ONGs que aceitam voluntários para trabalhar na Ásia.

O rapaz barbudo com **dreadlocks** remexeu no bolso da frente e deu a Mortenson uma nota de 10 dólares.

— Eu ia tomar umas duas "cervas" depois de largar hoje — disse ele, balançando-se num pé e em outro —, mas sabe como é...

— Obrigado — respondeu Mortenson, agradecido, apertando-lhe a mão, antes de dobrar a nota e colocá-la no envelope pardo vazio que trouxera para coletar as contribuições.

Mortenson pegou os últimos panfletos e enfiou-os na mochila junto com os outros, lamentando o peso extra que carregara pela metade do país para receber 10 dólares, e que agora teria de levar de volta para casa.

No assento da última cadeira na última fileira, próximo ao mostruário de relógios digitais, Mortenson encontrou um envelope retirado do verso do panfleto do IAC. Dentro havia um cheque nominal de 20 mil dólares.

Mortenson não enfrentava um mar de cadeiras vazias todas as semanas. Na costa noroeste do Pacífico, em especial, a comunidade de atividades ao ar livre começara a apoiá-lo, principalmente depois que os detalhes de sua história passaram a vazar para o público. Em fevereiro de 1999, o *Oregonian* foi o primeiro jornal americano da grande imprensa a contar a história de Mortenson. O escritor Terry Richard chamou a atenção de seus leitores para o sucesso do ex-alpinista em escalar um tipo diferente de cume.

— É uma parte do mundo onde desconfiam dos americanos que são, em geral, odiados — escreveu Richard —, mas não Greg Mortenson, um morador de Montana, de 41 anos de idade, cujo trabalho é construir escolas em aldeias remotas nos vales entre as montanhas do Paquistão.

Richard narrou a missão de Mortenson aos seus leitores, defendendo que seu trabalho assistencial a meio mundo de distância estava surtindo mais efeito na vida dessas pessoas do que a maioria dos americanos imaginava. "Uma área politicamente instável, o Paquistão rural é um

terreno fértil para terroristas que compartilham sentimentos antiamericanos. 'Rapazes iletrados, em geral, cerram fileiras em campos (terroristas)' — Richard citou uma frase de Mortenson. — 'Quando aumentamos a alfabetização, reduzimos as tensões de forma substancial'.

Numa das regiões mais instáveis do mundo, o trabalho de Mortenson já está fazendo diferença", concluiu Richard.

No mês seguinte, o editor do caderno de viagens do *San Francisco Examiner*, John Flinn, escreveu um artigo anunciando a palestra seguinte de Mortenson na Área da Baía, resumindo sua notável história de vida, e concluindo: "É algo para se pensar da próxima vez que você se perguntar: Que diferença uma pessoa pode fazer?" Naquele inverno, quando Mortenson apresentou seu slide show em Portland e San Francisco, os organizadores do evento tiveram todas as sessões lotadas e deixou centenas de outras pessoas do lado de fora sem poder assistir.

Na virada do século, Mortenson e o IAC tornaram-se uma causa à qual muitos dos alpinistas mais importantes dos Estados Unidos estavam aderindo. Antes de

morrer, em outubro de 1999, numa avalanche no Shishapangma, no Nepal, o vizinho e amigo de Mortenson, Alex Lowe —

na época talvez o alpinista mais respeitado do mundo — apresentou Mortenson numa palestra para levantar fundos em Montana.

— Enquanto muitos de nós estamos tentando escalar novos cumes —

disse Lowe a uma plateia de alpinistas —, Greg tem silenciosamente movido montanhas muito maiores sozinho. O que ele conquistou, com pura tenacidade e determinação, é incrível. Seu tipo de escalada é do tipo que todos deveriam tentar.

A mensagem de Lowe ecoou por todo o mundo do alpinismo.

— Muitos de nós pensamos em ajudar, mas Mortenson simplesmente faz — diz o renomado alpinista Jack Tackle, que doou 20 mil dólares para ajudar o IAC a construir a escola elementar para meninas em Jafarabad, no alto vale do Shigar.

Mas quanto mais amado Mortenson se tornava no Paquistão, e mais admiração ele inspirava entre a comunidade de alpinistas, mais ele frustrava as pessoas que trabalhavam com ele nos Estados Unidos.

Quando não estava sacolejando nas estradas de terra no Paquistão ou carregando as sacolas para fazer slide shows em seu próprio país, Mortenson reservava seu tempo para gastar com a família em Bozeman e escondia-se no silêncio do seu porão.

— Mesmo quando estava em casa, não tínhamos notícias de Greg por várias semanas — diz o ex-presidente do IAC, Tom Vaughan. — E ele não retornava as ligações nem respondia a e-mails. A diretoria discutiu sobre obrigar Greg a prestar contas de suas atividades, mas descobrimos que isso jamais funcionaria. Greg faz apenas o que quer.

— O que realmente precisávamos fazer era treinar alguns "Greg Juniors" — diz a viúva de Hoerni, Jennifer Wilson —, algumas pessoas a que Greg poderia delegar a realização de certos projetos. Mas ele se recusava a fazer isso. Ele dizia que não tínhamos dinheiro suficiente para alugar um escritório ou contratar uma equipe. E então simplesmente se embrenhava nos detalhes de um projeto e deixava outro de lado. Foi por isso que resolvi me afastar do IAC. Greg realizou

muito. Mas senti que poderíamos fazer muito mais se ele concordasse em dirigir o IAC com mais responsabilidade.

— Sejam honestos — diz Tom Vaughan. — O fato é que o IAC é Greg. Eu não me importava em autorizar qualquer coisa em que ele quisesse trabalhar. Mas sem Greg, o IAC não existe. Os riscos que ele corre naquela parte do mundo, eu entendo, fazem parte do trabalho. Mas comecei a me aborrecer com o modo terrível como ele deixava de se cuidar. Greg parou de escalar e de se exercitar. Parou de dormir. Começou a engordar tanto que nem parecia mais um alpinista. Compreendo que tenha decidido investir tudo no trabalho, mas se ele morrer de um ataque cardíaco, de que adianta?

Contrariado, Mortenson concordou em contratar uma assistente, Christine Slaughter, para trabalhar algumas horas por dia com ele organizando o porão que, até ele tinha de admitir, estava se tornando um caos. Mas durante todo o inverno de 2000, Mortenson estava alarmado demais com os fundos reduzidos do IAC — o saldo bancário estava abaixo de 100 mil dólares — para querer expandir as operações americanas do instituto.

— Eu digo, cheguei a um ponto em que conseguia construir uma escola que educaria uma aldeia por várias gerações por 12 mil dólares —

diz Mortenson. — A maior parte da nossa equipe no Paquistão se animava em receber 400 a 500 dólares por ano. Era difícil pensar em pagar a alguém um salário de patamar americano quando esse dinheiro faria muito mais por lá.

Mortenson estava nessa época recebendo um salário anual de 28 mil dólares. Com a renda ínfima de Tara como psicóloga clínica durante meio período na Montana State, eles conseguiam apenas pagar as contas do mês.

Mas com o IAC em grave situação financeira, Mortenson diz que não poderia, em sua consciência, ter aceitado mais, mesmo se a diretoria tivesse lhe oferecido um aumento.

A ideia de um único doador milionário para resolver todos os problemas de uma penada se alojou na mente de Mortenson. Pessoas ricas não se desvencilham facilmente de suas fortunas. Ele aprendeu isso desde a piada das 580 cartas. Mas Jean Hoerni também lhe ensinou a diferença que uma única doação razoável pode fazer. Quando uma doadora em potencial de Atlanta começou a ligar para o escritório do IAC acenando com dinheiro, Mortenson mordeu a isca e reservou

um voo.

— Venho economizando dinheiro a minha vida inteira — disse uma viúva idosa para Mortenson ao telefone. — Acumulei uma fortuna com pelo menos seis zeros à direita, e depois que li sobre o trabalho que você vem desenvolvendo, descobri para que eu vinha economizando tanto dinheiro. Venha até Atlanta para podermos conversar sobre a minha doação.

No saguão de desembarque do Aeroporto Internacional de Hartsfield, Mortenson ligou o celular e recebeu uma mensagem que o instruía a pegar um ônibus expresso até um hotel a 15 minutos de distância, depois ir a pé até um estacionamento no limite do terreno do hotel.

No estacionamento, Mortenson encontrou Vera Kurtz, uma senhora de 78 anos de idade, aboletada atrás da direção de seu velho Ford Fairlane. O

bagageiro e o banco traseiro estavam abarrotados com jornais velhos e latas vazias. Ele se sentou no banco do carona e colocou a mala de rodinhas entre o console e o peito.

— Ela me mandou encontrá-la nesse lugar para não ter de pagar alguns poucos dólares para estacionar no aeroporto. E quando vi que não conseguia se separar de papéis e de latinhas dentro do carro, eu deveria ter virado as costas e voado de volta para casa, mas a deixa sobre os seis zeros bagunçou o meu julgamento, fazendo com que eu entrasse no carro e fechasse a porta.

Enquanto Mortenson apertava as alças da mala, Vera dirigiu na contramão por ruas de mão única, fazendo gestos obscenos para os motoristas que buzonavam para alertá-la. No sítio construído na década de

1950, Mortenson passou de lado entre gigantescas pilhas de revistas e jornais antigos até chegar à mesa da cozinha de Vera, ao lado de uma pia entupida coberta de água cheia de limo.

— Ela abriu algumas dessas minigarrafas de uísque que colecionara nos vãos por vários anos, serviu-nos uma bebida, e me entregou um buquê de rosas velhas — diz Mortenson. — Estavam escurecidas e praticamente mortas.

Após algum tempo, Mortenson tentou direcionar a conversa para a doação de Vera ao IAC, mas a anfitriã tinha sua própria pauta de assuntos.

Ela apresentou seus planos para os três dias seguintes — visitar o Museu de Arte, passear pelo Jardim Botânico de Atlanta, e três palestras que ela havia agendado para Mortenson na biblioteca local, numa universidade da comunidade, e num clube de viagens. Nunca um lapso de 72 horas oferecera uma perspectiva tão tenebrosa para Mortenson antes. Ele estava avaliando se deveria recusá-las, quando uma batida na porta anunciou a chegada de um massagista que Vera havia contratado.

— Você trabalha duro demais, Greg — disse-lhe Vera, enquanto o massagista montou sua mesa retrátil num espaço aberto no meio da sala de visitas. — Você merece relaxar.

— Ambos queriam que eu ficasse pelado ali mesmo — diz Mortenson —, mas pedi licença e fui até o banheiro para refletir um pouco. Ponderei que, já que havia passado por tanta coisa para fazer o IAC

existir e funcionar, eu poderia encarar qualquer coisa que Vera me oferecesse nos três dias seguintes, especialmente se havia uma chance de uma polpuda doação no final do túnel.

Mortenson procurou no armário uma toalha que fosse grande o suficiente para enrolar em volta da cintura. A maioria das toalhas que Vera armazenava tinha logos apagados de hotéis, e eram pequenas demais para cobri-lo. Ele puxou um lençol do armário de roupa de cama, prendeu-o como pôde em torno da cintura, e saiu para receber a massagem.

Às duas da manhã, Mortenson estava roncando no colchão molenga de Vera, quando as luzes se acenderam, acordando-o. Vera havia insistido em dormir no sofá da sala e oferecido sua cama para Mortenson. Ele abriu os olhos para a visão fantasmagórica da senhora de 78 anos de pé, perto dele, num négligé transparente.

— Ela estava bem ali à minha frente — diz Mortenson. — Eu estava chocado demais para dizer qualquer coisa.

— Estou procurando as minhas meias — disse Vera, revirando as gavetas das cômodas, enquanto Mortenson puxava o travesseiro sobre a cabeça e se encolhia debaixo dele.

Voando de volta para Bozeman, de mãos abanando, Mortenson percebeu que sua

anfitriã nunca teve a intenção de lhe doar dinheiro algum.

— Ela nem sequer fez uma pergunta sobre o meu trabalho, ou sobre as crianças do Paquistão — diz Mortenson. — Era apenas uma mulher solitária que queria receber uma visita, e eu disse para mim mesmo que deveria ficar mais esperto.

Mas Mortenson continuava mordendo a isca que admiradores endinheirados continuavam atirando para ele. Depois de uma palestra concorrida no Festival de Filmes da Montanha, em Banff, Mortenson aceitou o convite de Tom Lang, um rico empreiteiro local, que insinuou que estaria preparado para fazer uma grande doação, e se ofereceu para montar uma festa para arrecadar fundos para o IAC em sua propriedade na noite seguinte.

Lang havia projetado ele mesmo a casa de 3 mil metros quadrados, juntamente com a pintura que imitava o mármore nas paredes do salão em que os convidados passeavam segurando taças de vinho barato que frequentemente os muito ricos servem, e as estátuas de poodles de gesso branco de 3,5 metros de altura que guardavam de cada lado uma lareira de 6 metros de largura.

Lang exibiu Mortenson aos seus convidados com o mesmo orgulho de posse com que apontava para seus adereços personalizados de banheiro e seus poodles ao lado da lareira. E embora Mortenson tivesse colocado uma pilha de panfletos do IAC sobre a mesa do bufê, no final da noite, ele não levantou nenhum centavo de Lang. Tendo aprendido a lição com Vera Kurtz, Mortenson pressionou seu anfitrião para saber mais detalhes sobre a doação.

— Vamos falar sobre isso amanhã — Lang lhe disse. — Mas primeiro você vai andar de trenó.

— De trenó?

— Você não pode vir ao Canadá sem dar uma volta — disse Lang.

Num chalé aquecido a uma hora a oeste de Banff, onde se sentaram depois de Mortenson ter sido arrastado por pares de huskies através de uma pista sinuosa pelo meio da floresta sozinho, Mortenson passou a

melhor parte da tarde seguinte ouvindo o relato épico de auto-engrandecimento daquele homem, contando como um empreiteiro obstinado, armado apenas com coragem e determinação, havia conquistado o mercado de construção residencial

de Banff.

Jerene, que viera de avião de Wisconsin para assistir à palestra, mal viu o filho durante os três dias de visita. Mortenson, como era de se esperar, voltou para Montana de mãos vazias.

— Fico doente de ver Greg correndo atrás dessa gente rica — diz Jerene Mortenson. — Eles é que deveriam se arrastar atrás dele.

Na primavera de 2000, Tara Bishop cansou-se de ver o marido indo de um lado para o outro do país quando não estava no Paquistão. Grávida de sete meses de seu segundo filho, ela convocou o marido para uma reunião de emergência na mesa da cozinha de sua casa.

— Eu disse a Greg que eu amava ver a paixão que ele tinha pelo trabalho dele — diz Tara. — Mas disse que ele também tinha responsabilidades em relação à família. Ele precisava dormir mais, se exercitar e ficar em casa o tempo suficiente para termos uma vida em comum.

Até esse momento, Mortenson tinha saído de casa para ir ao Paquistão por três ou quatro meses em cada viagem.

— Concordamos em estabelecer um limite de dois meses de permanência — diz Tara. — Após dois meses as coisas começam a ficar estranhas por aqui sem ele.

Mortenson também prometeu à mulher que aprenderia a administrar melhor o seu tempo. A diretoria do IAC destacou uma pequena parte do orçamento anual para Mortenson fazer cursos na faculdade sobre assuntos como administração, desenvolvimento, e política asiática.

— Eu nunca tinha tempo para assistir às aulas — diz Mortenson. —

Então gastava o dinheiro em livros. Em grande parte do tempo, quando pensavam que eu estava apenas sentado no porão sem fazer nada, estava lendo esses livros. Começava meu dia às 3h30 da manhã, tentando aprender mais sobre teoria de desenvolvimento financeiro, e como me tornar um administrador melhor.

Mas as lições que teve no Karakoram lhe ensinaram que havia certas respostas que não estavam nos livros. Então Mortenson planejou um curso intensivo sobre

desenvolvimento para si mesmo. Para a leitura, decidiu que os dois melhores programas de desenvolvimento rural existentes no

mundo eram das Filipinas e de Bangladesh. Durante um raro mês de liberdade, deixou o Paquistão e Bozeman para trás e voou para o sudeste Asiático.

Em Cavite, a uma hora de distância ao sul de Manila, Mortenson visitou o Institute of Rural Reconstruction [Instituto de Reconstrução Rural], dirigido por John Rigby, amigo de Lila Bishop. Rigby ensinou a Mortenson como estabelecer pequenos negócios para os pobres do campo, como táxis de bicicleta e balcões de vendas de cigarros, que poderiam produzir um lucro rápido a partir de um pequeno investimento.

No país que fora chamado de Paquistão do Leste, Mortenson visitou a

[Bangladesh Rural Reconstruction Association] Associação de Reconstrução Rural de Bangladesh.

— Muitas pessoas chamam Bangladesh de sovaco da Ásia — diz Mortenson —, por causa de sua extrema pobreza. Mas a iniciativa de educação das meninas é muito bem-sucedida por lá. Bati às portas e visitei ONGs que cuidavam da educação de moças há muito tempo. Vi como mulheres fortes e admiráveis conduziam reuniões em suas aldeias e trabalhavam para valorizar as filhas.

— Eles estavam seguindo a mesma filosofia que eu — diz Mortenson. — Foi a ideia de Amartya Sen, vencedor do Prêmio Nobel, de que podemos mudar uma cultura dando às meninas os instrumentos para crescer com educação para que consigam se ajudar. Era surpreendente ver essa ideia em ação, funcionando tão bem depois de apenas uma geração, e me deu a deixa para lutar pela educação das meninas no Paquistão.

No voo turbulento da Biman Airways entre Dacca e Calcutá, Mortenson teve confirmada a grande necessidade de se educar as meninas do campo. Único estrangeiro no vôo, ele foi conduzido pela aeromoça para a primeira classe, onde se sentou entre 15 belas moças de Bangladesh com novos sáris coloridos.

— Elas eram jovens e estavam assustadas — diz Mortenson. — Elas não sabiam como usar o cinto de segurança ou os talheres de prata e, ao chegarmos ao aeroporto, vi, sem poder fazer nada, quando os funcionários corruptos as tiraram do avião e passaram longe da polícia alfandegária. Eu não podia fazer nada por

elas. Só podia imaginar a horrível vida de prostituição que as esperava.

Nas manchetes dos jornais nas bancas do Aeroporto Internacional de Calcutá, Mortenson descobriu que uma de suas grandes mulheres, Madre

Teresa, havia morrido após um longo período de doença. Ele teria uma curta conexão em Calcutá antes de seguir de volta para casa, e decidiu prestar-lhe sua homenagem.

— Haxixe? Heroína? Uma massagista? Um massagista? — perguntou o motorista de táxi, pegando Mortenson pelo braço dentro do saguão de desembarque, onde não poderia ter acesso aos passageiros. — Do que você gosta? Temos qualquer coisa, sem problema.

Mortenson riu, impressionado com a determinação daquele homem.

— Madre Teresa acabou de falecer. Gostaria de vê-la — respondeu Mortenson.
— Pode me levar até ela?

— Sem problema — respondeu ele balançando a cabeça, enquanto pegava a mala de Mortenson.

O motorista fumava compulsivamente, enquanto seguiam no táxi Ambassador preto e amarelo, inclinando-se de tal forma pela janela, que Mortenson tinha uma visão ampla do tráfego caótico de Calcutá através do pára-brisa. Pararam num mercado de flores no qual Mortenson deu ao motorista o correspondente a 10 dólares em rúpias, e pediu-lhe para escolher um arranjo de flores adequado para o velório.

— Ele me deixou ali sentado, suando, e voltou pelo menos trinta minutos depois, carregando uma imensa braçada de cravos e rosas — diz Mortenson. — Mal cabia no banco de trás do táxi.

Ao anoitecer, do lado de fora da Casa das Missionárias de Caridade, centenas de pessoas silenciosas e enlutadas enchiam os portões, segurando velas e arrumando oferendas de frutas e incensos na calçada.

O motorista desceu do táxi e bateu na grade de metal com força:

“Este Sahib veio dos Estados Unidos da América para prestar sua homenagem!”

— gritou ele em bengalês. — Abram!

Um velho **chokidar** que guardava a entrada se levantou e retornou com uma jovem freira num hábito azul, que olhou para o viajante empoeirado e sua enorme braçada de flores de cima a baixo antes de deixá-lo entrar. Caminhando, contrariada, à sua frente, ela conduziu Mortenson por um escuro corredor onde se ouviam orações entoadas a distância, e apontou-lhe a porta de um banheiro.

— Por que não se lava primeiro? — perguntou ela em inglês com um sotaque eslavo.

Ela estava deitada sobre uma cama de armar, no centro de uma sala iluminada, repleta de velas acesas. Mortenson afastou com cuidado os

outros buquês, abrindo espaço para sua espalhafatosa oferenda, e sentou-se junto à parede. A irmã, encostando a porta, deixou-o sozinho com Madre Teresa.

— Fiquei sentado no canto sem saber o que fazer — diz Mortenson. —

Desde que eu era menino ela era uma das grandes mulheres que eu admirava.

Albanesa étnica, filha de um empreiteiro bem-sucedido em Kosovo, Madre Teresa foi batizada como Agnes Gonxha Bojaxhiu. A partir dos 12

anos de idade, dizia ela, sentiu um chamado para trabalhar com os pobres, e começou a desenvolver uma atividade missionária. Ainda adolescente, entrou para a ordem das Irmãs de Nossa Senhora do Loreto, uma ordem de irmãs irlandesas, por causa de seu compromisso em educar moças. Por duas décadas, ensinou no Colégio de Santa Maria em Calcutá, mais tarde tornando-se a diretora. Mas, em 1946, dizia ela, recebeu um chamado de Deus instruindo-a a servir aos "mais pobres de todos". Em 1948, depois de receber uma dispensa especial do Papa Pio XII para trabalhar de forma independente, fundou uma escola a céu aberto para as crianças de rua de Calcutá.

Em 1950, a mulher então conhecida como Madre Teresa recebeu permissão do Vaticano para fundar sua própria ordem, as Missionárias da Caridade, cujo dever, dizia ela, era cuidar dos "famintos, despidos, sem casa, aleijados, cegos, leprosos, todos que se sentissem indesejados, não-amados, desprotegidos, que se tornaram um fardo para a sociedade e fossem repelidos por todos".

Mortenson, com seu afeto pelos marginalizados, admirava sua determinação em servir às populações mais negligenciadas do mundo.

Ainda menino em Moshi, ele soube de um de seus primeiros projetos fora da Índia, um asilo para os moribundos em Dar-es-Salaam, na Tanzânia.

Quando recebeu o Prêmio Nobel da Paz, em 1979, a fama de Madre Teresa tornara-se a força motriz que impulsionava os orfanatos, asilos e escolas das Missionárias da Caridade em todo o mundo.

Mortenson ouviu as críticas feitas à mulher que jazia sobre a cama de armar à sua frente nos anos que precederam a sua morte. Ele leu a defesa de sua prática em receber doações de fontes duvidosas, como traficantes de drogas, criminosos, e políticos corruptos, que esperavam comprar seu caminho para a salvação. Depois de sua luta para levantar fundos para as crianças do Paquistão, ele achava que compreendia o que a levava a

rejeitar as críticas ao dizer: "Não me importa de onde vem o dinheiro. Ele se purifica a serviço de Deus."

— Fiquei sentado no canto olhando para este corpo naquela mortalha

— diz Mortenson. — Ela parecia tão pequena, envolta naquele pano. E me lembro de pensar o quanto era notável que uma pessoa tão pequena tivesse causado tamanho impacto sobre a humanidade.

As freiras, entrando no quarto para prestar suas homenagens, ajoelharam-se para tocar os pés de Madre Teresa. Ele podia ver onde a musselina cor de creme havia desbotado ao toque de centenas de mãos.

Mas não parecia certo tocar seus pés. Mortenson ajoelhou-se no chão de ladrilhos frios, próximo a Madre Teresa, e colocou a palma imensa de sua mão sobre aquela mão pequena, cobrindo-a completamente.

A irmã que o trouxera até ali retornou, e o viu ajoelhado. Ela acenou com a cabeça uma vez, como se perguntasse: "Pronto?" E Mortenson seguiu seus passos silenciosos pelo corredor escuro, retornando ao calor e clamor de Calcutá.

Seu motorista de táxi estava agachado sobre os calcanhares, fumando, e colocou-se de pé de um salto quando viu a féria do dia se aproximando.

— Sucesso? Sucesso? — perguntou ele, conduzindo o distraído americano através de uma rua atulhada de riquixás, de volta para o Embaixador que o aguardava.

— Agora — inquiriu ele —, quer um pouco de massagem?

A salvo de novo no seu porão, durante o inverno de 2000, Mortenson, vez ou outra, refletia sobre aqueles poucos e raros momentos com Madre Teresa. Ele ficava admirado como ela vivera sem fazer longas viagens de volta para casa, para ficar longe da miséria e do sofrimento, para poder descansar e se preparar para retornar à luta. Naquele inverno, Mortenson sentiu cansaço nos ossos. O ombro que ferira caindo do Monte Sill, no dia em que Christa morreu, nunca sarara de todo. Sem sucesso, ele tentou ioga e acupuntura. Às vezes, doía de forma tão insuportável que Mortenson ingeria 15 ou vinte analgésicos por dia, tentando amortecer a dor o suficiente para se concentrar no trabalho.

Mortenson também tentou, sem nenhum sucesso, se acostumar para o processo de estar se tornando uma figura pública nos Estados Unidos. Mas as infindáveis filas de pessoas querendo arrancar algo dele faziam com que se escondesse em seu porão onde ignorava o telefone que tocava sem parar e as centenas de e-mails que se acumulavam.

Alpinistas entravam em contato com ele querendo ajuda para montar expedições para o Paquistão, aborrecidos quando um ex-montanhista não punha de lado o que estivesse fazendo para ajudá-los. Jornalistas e cineastas ligavam constantemente, esperando embarcar na viagem seguinte com Mortenson, querendo explorar os contatos que fizera ao longo de sete anos para ganhar acesso às regiões restritas antes que seus concorrentes o fizessem. Médicos, glaciologistas, sismólogos, etnologistas e biólogos da vida selvagem escreviam longas cartas, ininteligíveis para leigos, querendo respostas detalhadas para questões acadêmicas que tinham sobre o Paquistão.

Tara indicou um colega terapeuta em Bozeman com quem Mortenson passou a se consultar com regularidade quando estava em casa, tentando encontrar as causas do desejo de se esconder quando não estava no Paquistão, e encontrar uma forma de lidar com a raiva cada vez maior dos que queriam mais tempo do que ele seria capaz de dar.

A casa de sua sogra, Lila Bishop, tornou-se outro abrigo de Mortenson,

especialmente no porão, onde podia passar horas lendo na biblioteca de alpinismo de Barry Bishop, sobre a migração dos baltis para fora do Tibet, ou estudando um volume raro das belíssimas fotos em preto-e-branco do K2 e os demais picos que Vittorio Sella fotografou acompanhando a expedição o duque de Abruzzi em 1909.

Depois, quando a família se reunia para jantar no andar de cima, Mortenson permitia ser arrancado da leitura de seus livros. Lila Bishop, nessa época, compartilhava a opinião da filha sobre Mortenson.

— Eu tinha de admitir que Tara tinha razão: havia algo de estranho nesse "Sr. Maravilhoso" — diz Lila.

E como sua filha, ela chegou à conclusão que o grande e gentil homem que vivia a dois quartos de sua casa era diferente de todos.

— Numa noite em que estava nevando, estávamos preparando um churrasco, e pedi a Greg para ir lá fora virar o salmão — diz Lila. — Olhei pela porta que dava para o quintal um minuto depois, e vi Greg, descalço na neve, virando o peixe com uma espátula, como se fosse a coisa mais normal deste mundo. E creio que, para ele, era. Foi quando me dei conta de que ele não é como nós. Ele pertence à sua própria espécie.

O resto daquele inverno, passado no porão, Mortenson ficou alarmado com os relatórios que começou a receber detalhando a calamidade que se alastrava pelo norte do Afeganistão. Mais de dez mil afegãos,

principalmente mulheres e crianças, fugiram para o norte à frente de tropas talibãs que avançavam, até terminar o território na fronteira do Tajik. Nas ilhas no meio do rio Amu Darya, os refugiados construíram casebres de barro, comendo a grama que crescia à margem do rio por não terem outra opção.

À medida que adoeciam e morriam, os soldados talibãs atiravam para se divertir, lançando RPGs, até explodirem sobre os refugiados aterrorizados. Quando tentavam fugir para o Tajiquistão, agarrando-se a toras de madeiras para atravessar o rio, eram mortos pelos soldados russos que guardavam a fronteira; para impedir que o caos cada vez maior do Afeganistão invadisse o seu território.

— Desde que comecei a trabalhar no Paquistão, deixei de dormir o suficiente —

diz Mortenson. — Mas naquele inverno eu mal dormia.

Passava acordado a noite inteira andando de um lado para o outro no porão, tentando encontrar alguma forma de ajudá-los.

Mortenson mandou mensagens para editores de jornais e membros do Congresso tentando provocar indignação.

— Mas ninguém se importou — diz Mortenson. — A Casa Branca, o Congresso, as Nações Unidas, ninguém respondeu. Cheguei a imaginar pegar um rifle AK-47, pedir a Faisal Baig para chamar alguns homens e ir até o Afeganistão para lutar pelos refugiados por minha conta.

— A verdade é que fracasei. Eu não conseguia fazer ninguém se importar. E Tara sabe como fiquei desesperado. Tudo o que eu conseguia pensar era em todas aquelas crianças congeladas, que nunca teriam a chance de crescer, abandonadas entre grupos de homens armados, morrendo de disenteria provocada pela água do rio ou de inanição. Eu estava quase enlouquecendo. É incrível como Tara conseguiu me aguentar durante aquele inverno.

— Em tempos de guerra, você normalmente ouve líderes, cristãos, judeus e muçulmanos, dizerem: "Deus está do nosso lado". Mas isso não é verdade. Na guerra, Deus está do lado dos refugiados, viúvas e órfãos.

Apenas em 24 de julho de 2000 o ânimo de Mortenson melhorou.

Nesse dia, ele se ajoelhou na cozinha e encheu as mãos com água morna para umedecer as costas de sua mulher. Ele as apoiou sobre os ombros de Tara, apertando os nódulos endurecidos, mas a mente dela estava longe do toque de seu marido. Ela estava concentrada no trabalho de parto que tinha pela frente. Sua nova parteira, Vicky Cain, sugerira que Tara fizesse um

parto n'água para o segundo filho. A banheira deles era pequena demais, então a parteira trouxe uma imensa tina de plástico azul-piscina que costumava usar, encaixada entre a pia e a mesa da cozinha, cheia de água morna.

Seu filho se chamou Khyber Bishop Mortenson. Três anos antes, na inauguração da escola de Korphe, Mortenson levava mulher e filha de um ano para conhecer o Passo Khyber. O cartão de Natal daquele ano trazia uma foto de Greg e Tara na fronteira do Afeganistão, em trajes tribais, segurando Amira ao colo e dois rifles

AK-47, que os guardas da fronteira lhes emprestaram de brincadeira. O cartão dizia: "Paz na Terra."

Duas horas depois que seu filho chegou boiando ao mundo, emergindo em uma tina d'água, Mortenson sentiu-se plenamente feliz pela primeira vez em muitos meses. Apenas colocar a mão sobre a cabeça de seu filho inundou-o com um contentamento imensurável. Mortenson embrulhou o filho recém-nascido num cobertor felpudo, e levou Khyber até a pré-escola para que Amira fizesse uma surpresa para seus colegas de classe.

Amira, mais afeita a falar em público do que o pai jamais fora, revelou aos coleguinhas o milagre dos dedinhos das mãos e dos pés de seu irmão, enquanto o pai o segurava com as mãos enormes como uma bola de futebol americano.

— Ele é tão pequeno e enrugado — disse uma loirinha de 4 anos com marias-chiquinhas no cabelo. — Bebês desse tamanho ficam grandes como nós?

— **Inshallah** — respondeu Mortenson.

— O quê?

— Espero que sim, querida — respondeu Mortenson. — Realmente, espero que sim.

Capítulo 19

Uma aldeia chamada Nova York

O tempo da aritmética e da poesia já passou. Hoje, meus irmãos, aprendam as lições com o AK-47 e a RPG.

— *Grafite pintado com spray no muro do pátio da escola de Korphe*

— O QUE É ISSO? — PERGUNTOU MORTENSON. — O QUE É

ISSO À NOSSA FRENTE?

— Uma madrassa, Greg Sahib — respondeu Apo.

Mortenson pediu a Hussain para parar o Land Cruiser para que pudesse observar melhor o novo edifício. Ele desceu do jipe e encostou as costas sobre o capô, enquanto Hussain aguardava por trás do volante, batendo as cinzas do cigarro entre os pés, sobre a caixa de madeira de dinamite.

Mortenson gostava da forma metódica e constante com que seu motorista percorria as piores estradas do Paquistão e relutava em criticá-

lo. Em todos os milhares de quilômetros atravessados sobre as montanhas aquele homem jamais sofrera um acidente. Mas não seria nem um pouco bom se ele explodisse. Mortenson prometeu a si mesmo cobrir a caixa de dinamite com uma lona plástica quando voltassem a Skardu.

Mortenson endireitou-se com um pigarro e estudou o novo prédio no lado oeste do vale do Shigar, na cidade de Gulapor. Era uma construção com 180 metros de altura, oculta por trás de muros de 6 metros. Parecia algo que esperaria encontrar no Waziristão, mas não a poucas horas de Skardu.

— Tem certeza de que não é uma base militar? — perguntou Mortenson.

— Este é um lugar novo — respondeu Apo. — Uma Wabbabi madrassa.

— Por que precisam de tanto espaço?

— Uma Wabbabi madrassa é como uma... — Apo começou a descrever, tentando encontrar um termo em inglês.

Preferiu emitir um zumbido.

— Abelha? — perguntou Mortenson.

— Sim, como uma colmeia. A Wabbabi madrassa tem muitos alunos escondidos dentro dela.

Mortenson subiu novamente no veículo, atrás da caixa de dinamite.

A 80 quilômetros a leste de Skardu, Mortenson viu dois belos minaretes brancos cortando a vegetação nos arredores de uma pobre aldeia chamada Yugo.

— Onde esse povo conseguiu dinheiro para construir uma mesquita como esta? — perguntou Mortenson.

— Também é Wahhabi — respondeu Apo. — Os xeiques vêm do Kuwait e da Arábia Saudita com malas cheias de rúpias. Eles levam o melhor aluno de volta com eles. Quando o rapaz retorna ao Baltistão, ele tem que arranjar quatro esposas.

Depois de descer a estrada por vinte minutos, Mortenson viu uma mesquita nova igual à de Yugo construída sobre a pobre aldeia de Xurd.

— Wahhabi? — perguntou Mortenson, com um frio na espinha. —

Sim, Greg — respondeu Apo, confirmando o óbvio, mascando seu naco de fumo de Copenhague –, eles estão por toda a parte.

— Soube que a facção dos Wahhabi sauditas estava construindo mesquitas ao longo da fronteira do Afeganistão durante vários anos — diz Mortenson. — Mas naquela primavera, na primavera de 2001, fiquei surpreso com todas aquelas novas construções aqui mesmo no coração do Baltistão xiita. Pela primeira vez, percebi a escala do que estavam tentando fazer, e isso me apavorou.

O wahhabismo é uma ramificação conservadora e fundamentalista dos

muçulmanos sunitas e a religião oficial do estado dos governantes da Arábia Saudita. Muitos seguidores sauditas da seita consideram o termo ofensivo e preferem se chamar al-Muwahhiddun, ou "os monoteístas". No Paquistão, e em outros países pobres mais afetados pelo proselitismo do Wahhabi, no entanto, o termo acabou se fixando.

Wahhabi deriva de Al-Wahhab, que significa, literalmente, "doador generoso" em árabe, um dos muitos pseudônimos de Alá. E é esta doação generosa — o suprimento ilimitado de dinheiro que os operadores Wahhabi contrabandeiam para o Paquistão, tanto em malas como através

do sistema bawala de transferência de fundos, que é imperscrutável —

ajudou a formar sua imagem junto ao povo do Paquistão. O grosso da riqueza gerada pelo petróleo que jorra no Golfo está voltado ao incubador de extremismo religioso mais virulento do Paquistão — as Wahhabi madrassas.

Os números exatos são impossíveis de se saber num ambiente tão secreto, mas uma das raras reportagens que surgiu na censurada imprensa saudita indica a mudança radical que os lucros petrolíferos conscienciosamente investidos estão causando sobre os estudantes mais pobres do Paquistão.

Em dezembro de 2000, a publicação saudita **Ain-al-Yaqeen** divulgou que uma das quatro maiores organizações de proselitismo Wahhabi, a Al Haramain Foundation [Fundação Al Haramain], havia construído "1.100

mesquitas, escolas e centros islâmicos" no Paquistão e em outros países muçulmanos, e empregado 3 mil instrutores pagos no ano anterior.

O mais ativo dos quatro grupos, Organização Internacional de Libertação Islâmica, que mais tarde a Comissão do 11 de setembro acusaria de apoiar diretamente o Talibã e a Al-Qaeda, completou a construção de 3.800 mesquitas, gastou 45 milhões de dólares em

"educação islâmica" e empregou 6 mil professores, muitos deles no Paquistão, durante o mesmo período.

— Em 2001, as operações do IAC se espalharam por todo o norte do Paquistão, desde as escolas que estávamos construindo ao longo da Linha de Controle a leste até as inúmeras novas iniciativas em que estávamos empenhados a oeste ao

longo da fronteira com o Afeganistão — diz Mortenson. — Mas nossos recursos eram nada comparados aos Wahhabi.

Toda vez que eu visitava para acompanhar um dos nossos projetos, haviam aparecido dez Wabhabi madrassas da noite para o dia à nossa volta.

O sistema educacional inoperante do Paquistão tornou o avanço da doutrina Wahhabi uma simples questão de economia. Uma pequena parcela das crianças abastadas do país frequentava as escolas particulares da elite, um legado do sistema colonial britânico. Mas como Mortenson descobriu, as vastas áreas do país mal eram servidas pelas escolas públicas esforçadas e parcamente pagas do Paquistão. O sistema de madrassas visava os alunos pobres que o sistema público deixava de atender.

Oferecendo acomodação e comida gratuitas, e construindo escolas em

locais onde não havia nenhuma, as madrassas possibilitavam a milhões de pais paquistaneses a única chance de educar os filhos.

— Não quero dar a impressão de que todos os Wahhabi são maus —

diz Mortenson. — Muitas de suas escolas e mesquitas estão fazendo um bom trabalho para ajudar os pobres do Paquistão, mas alguns deles parecem existir apenas para ensinar o jihad militante.

Em 2001, um estudo do Banco Mundial estimou que pelo menos 20

mil madrassas estavam ensinando a dois milhões de estudantes paquistaneses um currículo com base islâmica. O jornalista sediado em Lahore, Ahmed Rashid, talvez a maior autoridade mundial sobre a ligação entre a educação das madrassas e a ascensão do Islã extremista, estima que mais de 80 mil desses jovens alunos das madrassas tornaram-se recrutas do Talibã. Nem todas as madrassas eram um berço de extremistas. Mas o Banco Mundial concluiu que 15% a 20% dos que estudavam nas madrassas estavam recebendo treinamento militar, junto com um currículo que enfatizava a jibad e o ódio ao Ocidente utilizando matérias como a matemática, a ciência e a literatura.

Rashid conta a sua experiência entre as Wahhabi madrassas de Peshawar em seu livro Taliban. Os alunos passavam os dias estudando "o Alcorão, as palavras do profeta Maomé e os fundamentos da lei islâmica, segundo a interpretação de

seus professores semi-alfabetizados", escreve ele. "Nem professores, nem alunos tinham qualquer base de formação em matemática, ciência, história ou geografia."

Estes estudantes das madrassas eram "desraigados e inquietos, desempregados e economicamente privados com pouco autoconhecimento", conclui Rashid. "Eles admiravam a guerra, porque era a única ocupação à qual poderiam se adaptar. Sua simples fé em um Islã messiânico, puritano, ensinado a eles por simples mulás das aldeias era a única base a que podiam se agarrar, e que dava algum significado às suas vidas".

— O trabalho que Mortenson está fazendo construindo escolas dá a milhares de alunos o que eles mais precisam: uma educação equilibrada e instrumentos para saírem da pobreza — diz Rashid. — Mas precisamos de muitos como ele. Essas escolas são apenas uma gota no oceano quando se vê a dimensão do problema no Paquistão. Essencialmente, o estado está falhando com seus alunos em escala maciça, tornando-os alvos fáceis para que os extremistas que dirigem muitas das madrassas os recrutem.

A mais famosa dessas madrassas, Darul Uloom Haqqania, que tem 3

mil estudantes, na cidade de Attock, próxima a Peshawar, passou a ser chamada de "Universidade da Jihad", pois entre seus formandos estava o supremo chefe do Talibã, o secreto clérigo caolho, Mulá Ornar, e muitos integrantes do alto comando.

— Pensar na estratégia do Wabbabi fez minha cabeça girar — diz Mortenson. — Não eram apenas alguns xeiques árabes descendo dos aviões da Gulf Air carregando malas de dinheiro. Eles estavam levando os estudantes mais brilhantes das madrassas de volta para a Arábia Saudita e o Kuwait para uma década de doutrinação, encorajando-os a tomar quatro esposas ao voltarem para casa e procriar como coelhos.

— Apo chama as Wahhabi madrassas de "colmeias" e é o termo correto. Eles estão produzindo gerações e mais gerações de alunos que receberam lavagem cerebral e pensando vinte, quarenta, até mesmo sessenta anos à frente de um tempo quando seus exércitos de extremistas terão o número suficiente para tomar o Paquistão e todo o mundo islâmico.

No início de setembro de 2001, o minarete vermelho de uma recém-terminada

mesquita e madrassa Wahhabi elevava-se por trás das altas muralhas de pedra no centro de Skardu, como um ponto de exclamação para a crescente ansiedade que Mortenson sentira ao longo de todo o verão.

No dia 9 de setembro, Mortenson retornou em seu Land Cruiser, em direção ao vale do Charpurson, no extremo norte do Paquistão. No assento de passageiro, George McCown admirava a majestade do vale do Hunza.

— Estávamos voltando da China pelo Passo Khunjerab — diz ele. —

E foi a viagem mais bonita do mundo, com hordas de camelos selvagens pastando por paisagens intocadas antes de passarmos entre os incríveis picos do Paquistão.

Eles estavam dirigindo em direção a Zuudkhan para inaugurar três projetos patrocinados pelo IAC que haviam acabado de ser concluídos —

um projeto de irrigação, uma pequena hidrelétrica, e um ambulatório médico — na terra natal do guarda-costas de Mortenson, Faisal Baig.

McCown, que doara 8 mil dólares para a execução dos projetos, estava acompanhando Mortenson para ver as mudanças que seu dinheiro havia provocado. Atrás deles, o filho de McCown, Dan e sua nora, Susan, vinham num segundo jipe.

Eles pararam para pernoitar em Sost, um antigo alojamento de caravanas da rota da seda reencarnada como uma parada de caminhões que viajavam regularmente pela estrada até a China. Mortenson abriu o celular por satélite e ligou para seu amigo general-de-brigada Bashi, em Islamabad, para confirmar que haveria um helicóptero disponível dali a dois dias para buscá-los em Zuudkhan.

Muito havia mudado no último ano que Mortenson passara no Paquistão. Ele agora usava um colete de fotógrafo sobre seu simples shalwar kamiz, com bolsos suficientes para acomodar tudo o que o acelerado diretor do Instituto da Ásia Central precisava carregar consigo.

Havia diferentes bolsos para os dólares que deveriam ser trocados por pilhas de pequenas notas de rúpias para pagar os gastos diários, bolsos nos quais ele podia enfiar as cartas que lhe entregavam solicitando novos projetos, e bolsos para os recibos que os projetos em andamento geravam, recibos que precisavam ser

entregues aos meticulosos contadores americanos. Nos volumosos bolsos do colete estavam uma câmera com filme e outra digital, formas de documentar o trabalho para os doadores a quem tinha de prestar contas toda vez que retornava.

O Paquistão havia mudado também. O golpe no orgulho nacional causado pela derrota das forças paquistanesas durante o conflito de Kargil derrubara o primeiro-ministro eleito democraticamente, Nawaz Sharif, do poder. E após o golpe militar sem derramamento de sangue que o depôs, o general Pervez Musharraf fora colocado no lugar dele. O Paquistão estava agora sob lei marcial. E Musharraf assumiu o governo prometendo derrotar as forças do extremismo islâmico que responsabilizava pelo recente declínio do país.

Mortenson ainda tentava entender os motivos de Musharraf. Mas estava grato pelo apoio que o novo governo militar oferecera ao IAC.

— Musharraf ganhou respeito imediato ao atacar a corrupção —

explica ele. — Pela primeira vez, desde que estava no Paquistão, comecei a encontrar nas remotas aldeias nas montanhas, auditores militares que estavam lá para verificar se as escolas e as clínicas para onde o governo havia enviado recursos realmente existiam. E, pela primeira vez na vida, os aldeões do Braldu me disseram que parte dos fundos chegara às suas mãos, vindo de Islamabad. Esses sinais representavam muito diante da negligência e a retórica vazia dos governos de Sharif e Bhutto.

À medida que o enfoque de suas operações se alastrava por todo o norte do Paquistão, pilotos militares ofereceram seus serviços para o americano, cujo trabalho admiravam, transportando-o em poucas horas de Skardu às aldeias que levaria dias para alcançar dirigindo o seu Land Cruiser.

O general-de-brigada Bashir Baz, homem de confiança de Musharraf, foi o primeiro a fazer o desembarque de homens e de material lançados por helicóptero nos postos de luta no alto da cordilheira da geleira de Siachen —o campo de batalha mais alto do mundo. Depois de ajudar a combater as tropas indianas, ele se aposentou da ativa para dirigir um serviço de vôo particular, patrocinado pelo Exército, chamado Aviação Askari. Quando tinha tempo e aeronaves livres, ele e seus homens se apresentavam para levar Mortenson aos cantos mais distantes do país.

—Já conheci muita gente em minha vida, mas ninguém como Greg Mortenson

— diz Bashir. — Levando em conta o quanto ele trabalha para as crianças do meu país, oferecer-lhe um vôo de vez em quando é o mínimo que posso fazer.

Mortenson digitou e direcionou a antena do celular por satélite na direção sul, até ouvir a voz de Bashir chegar rouca por causa da estática.

As notícias que vinham do país, cujos picos ele podia ver sobre as cordilheiras a oeste, eram chocantes.

— Repita! — gritou Mortenson. — Massoud está morto?

Bashir havia acabado de receber um relatório não confirmado das fontes de inteligência do Paquistão que Ahmed Shad Massoud havia sido assassinado por terroristas da Al-Qaeda que se apresentaram como jornalistas. O vôo de helicóptero, Bashir acrescentou, estava confirmado.

Se a notícia for verdadeira, pensou Mortenson, o Afeganistão vai explodir.

A informação acabou sendo confirmada. Massoud, o líder carismático da Aliança do Norte, o grupo de ex-mujahadin, cuja experiência militar preveniu que o Talibã tomasse o extremo norte do Afeganistão, foi morto em 9 de setembro por dois argelinos treinados pela Al-Qaeda que se diziam diretores de documentários belgas de descendência marroquina.

Depois de rastrear números de série, a Inteligência da França revelou mais tarde que eles haviam furtado a câmera de vídeo do fotojornalista Jean-Pierre Vincendet no inverno anterior, enquanto trabalhava num comercial

sobre as vitrines de Natal de uma loja de departamento em Grenoble, França.

Os assassinos-suicidas colocaram explosivos dentro da câmera e a detonaram durante uma entrevista com Massoud em sua base em Khvajeh Ba Odin, a uma hora de helicóptero a oeste de Sost, onde Mortenson havia pernoitado na véspera. Massoud morreu 15 minutos depois, em seu Land Cruiser, enquanto seus homens o transportavam às pressas até um helicóptero que o levaria a um hospital em Dushanbe, Tadjiquistão. Mas eles ocultaram a notícia do mundo pelo maior tempo possível, temendo que sua morte encorajasse o Talibã a lançar uma nova ofensiva contra o último enclave livre do país.

Ahmed Shah Massoud era conhecido como o Leão do Panjshir, pelo modo feroz

com que defendera o país da invasão soviética, repelindo as forças superiores do vale do Panjshir por nove vezes, com uma tática de combate de guerrilha brilhante. Amado por seus colaboradores, e desprezado pelos que sobreviveram ao seu cerco brutal a Cabul, ele era considerado o Che Guevara de seu país, embora sob sua boina de lã marrom, seu rosto belo e selvagem, por trás da barba desalinhada, se parecesse mais com Bob Marley.

E para Osama Bin Laden e seus emissários apocalípticos, os 19

sauditas que estavam para embarcar nos aviões americanos portando estiletes, a morte de Massoud significava que o único líder capaz de unir os comandantes do norte do Afeganistão em prol da eminente ajuda militar dos Estados Unidos da América havia sido derrubado, como as torres que estavam por cair a meio mundo de distância.

Na manhã seguinte, dia dez, o comboio de Mortenson subiu o vale do Charpurson no ar rarefeito graças à altitude tornado visíveis as cordilheiras cor de ferrugem do Hindu Kush do Afeganistão. Viajando a apenas 20 quilômetros por hora, eles forçaram os jipes a subir a trilha de terra acidentada, entre as geleiras irregulares sobre os flancos da sucessão de picos a 6 mil metros de altitude.

Zuudkhan, o último povoado no Paquistão, aparecia no final do vale.

As casas de tijolos de barro tinham um tom de areia tão semelhante ao do terreno empoeirado do vale que eles mal notaram a aldeia até chegarem nela. No campo de pólo de Zuudkhan, Mortenson viu seu guarda-costas, Faisal Baig, orgulhoso, em meio à multidão, esperando para receber os convidados. Eu sua aldeia natal, ele usava a indumentária tribal tradicional

wakhi, um colete de lã marrom rústica, com um skiíhd de lã branca macia sobre a cabeça, e botas de montaria na altura do joelho. Mais alto entre os que estavam ali reunidos para receber e cumprimentar os americanos, ele observava tudo por trás dos óculos escuros de aviator que McCown lhe enviara de presente.

George McCown é um homem alto. Mas Baig o ergueu sem esforço do chão, dando-lhe um abraço apertado.

— Faisal é uma joia — diz McCown. — Mantivemos contato desde a nossa viagem ao K2, quando ele me acompanhou com o joelho machucado pelo

Baltoro e praticamente salvou a vida de minha filha Amy, que carregou grande parte do caminho de volta depois que ela ficou doente.

Ele se sentiu orgulhoso de nos apresentar às pessoas de sua aldeia natal.

Ele organizou uma recepção de rei.

Uma banda de músicos tocando cornetas e batendo tambores acompanhou o passo dos visitantes por uma longa e sinuosa fila de recepção de trezentos moradores de Zuudkhan. Mortenson, que estivera na aldeia meia dúzia de vezes para tocar os projetos, e tomara dezenas de xícaras de chá a cada vez, foi recebido como membro da família. Os aldeões de Zuudkhan davam abraços tão apertados quanto os de Faisal Baig. As mulheres, em alegres e multicoloridos shalwar kamiz e véus usuais entre os wakhi, realizaram dast ba, para cumprimentá-lo colocando de leve a mão espalmada sobre o rosto de Mortenson beijando as costas das próprias mãos como ditava o costume local.

Com Baig abrindo o caminho, Mortenson e McCown inspecionaram as tubulações recém-colocadas que transportavam água por um dreno profundo que vinha de um rio da montanha seguindo para o norte do vale e, com pompa e circunstância, ligou o pequeno gerador movido a água, o suficiente para quebrar a monotonia da escuridão por algumas horas por noite para as poucas dezenas de casas em Zuudkhan, onde luminárias novinhas em folha balançavam-se no teto.

Mortenson demorou-se no novo ambulatório, onde a primeira enfermeira da aldeia de Zuudkhan acabara de voltar de seis meses de treinamento — a 150 quilômetros, na clínica médica de Gulmit que o IAC

custeara para ela. Aziza Hussain, 28 anos, sorria feliz, enquanto mostrava o mate médico na sala construída com os recursos do IAC. Balançando o bebê no colo, enquanto a filha de 5 anos se pendurava em seu pescoço, ela

apontou, orgulhosa, para as caixas de antibióticos, de xarope para tosse e de sais de reidratação.

Como o ambulatório médico mais próximo ficava a dois dias de carro descendo por trilhas de jipe frequentemente fechadas, as doenças em Zuudkhan poderiam rapidamente configurar um surto. Um ano antes de Aziza assumir o cuidado da saúde em sua aldeia, três mulheres haviam morrido de parto.

— Também muitas pessoas morreram de diarreia — diz Aziza. —

Depois que recebi o treinamento e dr. Greg providenciou os remédios, pudemos controlar essas enfermidades.

— Após cinco anos, com água potável chegando pelas novas tubulações, e ensinando ao povo como manter seus filhos asseados, e usar alimentos frescos, ninguém morreu aqui devido a esses problemas. Tenho grande interesse em continuar me desenvolvendo nesse campo — diz Aziza. — E passar o meu treinamento a outras mulheres. Agora que progredimos tanto, ninguém nesta região acredita que as mulheres não devam receber educação.

— Eu venho de um mundo onde as empresas desperdiçam milhões de dólares para resolver problemas e, em geral, nada acontece. Pelo preço de um carro barato, Greg foi capaz de operar uma transformação na vida dessas pessoas.

No dia seguinte, 11 de setembro de 2001, toda a aldeia se reuniu num palco armado na beira do campo de pólo. Sob uma faixa que dizia: "Bem-vindos, Caros Visitantes", Mortenson e McCown estavam sentados, enquanto os anciões da aldeia, com longas barbas e bigodes, conhecidos como puhps,- usando longos trajes de lã branca bordados com flores cor-de-rosa, apresentaram a dança circular wakhi de boas-vindas. Mortenson, sorrindo, levantou-se para juntar-se à dança e, executando os passos com surpreendente graça, apesar de seu peso, fez com que toda a aldeia gritasse de satisfação.

Zuudkhan, sob a crescente liderança de Faisal Baig, e dos oito outros anciões que formavam a tanzeem, ou conselho da aldeia, havia estabelecido sua própria escola dez anos antes. Os melhores alunos de Zuudkhan apre—, sentavam as instalações, em inglês, enquanto os infundáveis discursos que se desenrolavam nas inaugurações de todos os projetos do IAC arrastaram-se por toda a tarde.

— Obrigado por gastar seu precioso tempo nesta região remota do norte do Paquistão — um adolescente enunciou, envergonhado, num microfone ligado a uma bateria de trator.

Seu colega tentou superá-lo com as observações previamente preparadas.

— Esta era uma área isolada e afastada de todo o resto — disse ele, agarrando o microfone. — Vivíamos solitários aqui no Zuudkhan. Mas dr.

Greg e sr. George quiseram melhorar a nossa aldeia. Para o benefício dos pobres e necessitados deste mundo, como o povo de Zuudkhan, agradecemos a nossos benfeitores. Estamos muito, muito agradecidos.

As festas terminaram com uma partida de pólo, realizada para o entretenimento das autoridades visitantes. Os baixos e musculosos pôneis de montanha foram trazidos de oito aldeias ao longo daquele vale isolado, e os wakbi jogaram um tipo de pólo tão intrincado quanto a sua própria vida. Enquanto os cavaleiros galopavam em pêlo sobre os pôneis pela clareira, perseguindo uma caveira de bode que servia de bola, eles batiam com os tacos e arremessavam os cavalos uns contra os outros, como motoristas numa competição de demolidores. Aldeões urravam e gritavam de prazer toda vez que os jogadores passavam galopando. Apenas quando a luz do sol desapareceu completamente por trás da cordilheira sobre o Afeganistão os cavaleiros desmontaram e a multidão se dispersou.

Faisal Baig, tolerante com as tradições de outras culturas, comprara uma garrafa de vodca chinesa, que ofereceu aos convidados hospedados em sua casa-fortaleza, mas ele e Mortenson não beberam. A conversa com os anciões da aldeia antes de dormir tratou sobre a morte de Massoud, e o que ela significava para o povo de Baig. Se o restante do Afeganistão — a apenas 30 quilômetros de distância sobre o Passo Irshad — caísse em domínio do Talibã, suas vidas sofreriam uma reviravolta. A fronteira seria fechada, suas rotas comerciais tradicionais seriam bloqueadas, e eles ficariam isolados do restante da tribo, que vagava livremente sobre os altos passos e vales de ambos os países.

No outono anterior, quando Mortenson visitou Zuudkhan para entregar as tubulações para o projeto de irrigação, ele experimentou a proximidade do Afeganistão. Com Baig, Mortenson visitou um descampado acima do Zuudkhan, e viu uma nuvem de poeira descendo pelo Passo Irshad. Os cavaleiros viram Mortenson e cavalgaram direto em direção a ele, como um grupo de bandoleiros. Uma dezena de homens se

aproximou rápido, com cinturões de balas atravessadas sobre o peito, com barbas desalinhas, e botas de montaria feitas à mão, que chegavam acima dos joelhos.

— Eles saltaram dos cavalos e vieram direto até mim — diz Mortenson. — Eram os homens de aparência mais selvagem que eu já vira.

Meu sequestro no Waziristão voltou à minha mente e pensei: "Lá vamos nós de novo."

O líder, um homenzarrão com um rifle de caça jogado sobre o ombro, veio caminhando até Mortenson, e Baig adiantou-se, ameaçador. Mas, um instante depois, os dois estavam abraçados e começaram a conversar amistosamente.

— Meu amigo — disse Baig, apresentando-o a Mortenson. — Há tempos ele está à sua procura.

Mortenson descobriu que aqueles homens—eram nômades kirghiz da região do Wakhan, a estreita projeção no remoto nordeste do Afeganistão, que lança seu braço sobre o vale do Charpurson, onde muitas das famílias kirghiz também vagueiam. Percorrendo este corredor selvagem, entre o Paquistão e o Tajiquistão, e imprensados num canto de seu país pelo Talibã, eles não recebiam ajuda estrangeira nem auxílio de seu próprio governo. Eles cavalgaram por seis dias para alcançá-lo, depois que souberam que Mortenson estaria em Charpurson.

O chefe da aldeia aproximou-se de Mortenson.

— A vida difícil não é um problema para mim — disse ele, interpretado por Baig. — Mas para as crianças não é bom. Não temos comida nem abrigo suficientes. Não temos escola. Sabemos que dr. Greg constrói escola no Paquistão, então pode vir construir para nós? Damos a terra, pedras, homens, tudo. Venha agora e fique conosco durante o inverno, para que possamos conversar e construir uma escola?

Mortenson pensou nos vizinhos deste homem que ficavam a oeste, os 10 mil refugiados ilhados no rio Amu Darya que ele não pudera atender.

Embora o Afeganistão em guerra dificilmente fosse o lugar para lançar um novo plano de desenvolvimento, jurou para si mesmo que encontraria algum modo de ajudar estes afegãos.

Tortuosamente, interpretado por Baig, Mortenson explicou que sua esposa estava esperando por ele em casa dentro de poucos dias, e que todos os projetos do IAC precisariam ser aprovados pela diretoria. Mas

colocou a mão sobre o ombro desse homem, apertando o colete de lã de carneiro escurecida que ele usava.

— Diga-lhe que preciso ir para casa agora. Diga-lhe que trabalhar no Afeganistão é muito difícil para mim — disse ele a Baig. — Mas prometo que virei visitar sua família o mais cedo possível. Então discutiremos se será possível construir uma escola.

O kirghiz ouviu Baig atentamente, franzindo a testa, concentrado, antes que o rosto manchado de sol se abrisse num sorriso. Ele colocou a mão musculosa sobre o ombro de Mortenson, selando a promessa, antes de montar seu cavalo e conduzir os homens na longa viagem de volta para casa sobre o Hindu Kush para comunicar a seu comandante, Abdul Rashid Khan.

Mortenson, na casa de Baig um ano depois, recostou-se no confortável charpoy que seu anfitrião fizera para seus convidados, embora Baig e a família dormissem no chão. Dan e Susan dormiam a sono solto, enquanto McCown roncava em sua cama junto à janela. Mortenson, semi-acordado, perdera o fio da meada da conversa com os anciões da aldeia.

Sonolento, ele meditou sobre a promessa aos cavaleiros kirghiz e pensou se o assassinato de Massoud faria com que fosse impossível de mantê-la.

Baig apagou os lampiões muito depois da meia-noite, insistindo que de madrugada, diante do imponderável, somente havia uma coisa a fazer: pedir a proteção de Alá Todo-Poderoso, e depois dormir.

No escuro, ao se aproximar do final de seu longo dia, o último som que ouviu foi de Baig, sussurrando uma oração, para não acordar seus hóspedes, pedindo a Alá que trouxesse paz com urgência.

Às 4h30 da manhã, Mortenson foi acordado com uma sacudida. Faisal Baig segurava sobre o ouvido um rádio de plástico russo de ondas curtas.

E na luz verde-clara emitida pelo visor, Mortenson percebeu uma expressão no rosto de seu guarda-costas que nunca vira antes: medo.

— Dr. Sahib! Dr. Sahib! Um problemão! — disse Baig. — Levante, levante! O treinamento militar que nunca o abandonou completamente fez Mortenson pôr-se de pé, embora tivesse dormido apenas por duas horas.

— **As-Salaam Alaaikum**, Faisal — disse Mortenson, tentando espantar o sono esfregando os olhos. — **Baaf Ateya**, como você está?

Baig, normalmente educado, apertou os lábios sem responder.

— Uzum Mofsar — respondeu ele, depois de vários segundos, com os olhos fixos em Mortenson. — Me perdoe.

— Por quê? — Mortenson perguntou.

Ele observou, atento, que seu guarda-costas, cujo tamanho servia para espantar qualquer tipo de ameaça, estava segurando seu rifle AK-47.

— Uma aldeia chamada Nova York foi bombardeada.

Mortenson pôs um cobertor de pêlo de iaque sobre os ombros, vestiu as sandálias geladas, e saiu da casa. Em torno da construção, no frio que antecede a aurora, constatou que Baig havia colocado uma guarda cercando seus hóspedes americanos. O irmão de Faisal, Alam Jan, um carregador de altitude de cabelos claros e olhos azuis, segurava um AK-47, protegendo a única janela da casa. Haidar, o mulá da aldeia, perscrutava a escuridão olhando em direção ao Afeganistão. E Sarfraz, um ex-combatente do Exército paquistanês, alto e magro, observava a estrada principal, observando qualquer veículo que se aproximasse, enquanto mexia no dial de seu rádio de ondas curtas.

Greg descobriu que Sarfraz ouvira num canal chinês, uma transmissão em uighur, uma das línguas que ele falava, dizendo que duas grandes torres haviam caído. Ele não compreendia o que isso queria dizer, mas sabia que os terroristas haviam matado muitos e muitos americanos.

Agora estava tentando ouvir mais notícias, mas não importava o quanto mudasse de estação, o rádio apenas captava a melancólica música uighur de uma estação do outro lado da fronteira chinesa em Kashgar. Pediu-lhe o celular por satélite e Sarfraz saiu a cavalo em disparada para buscá-lo em sua casa, onde estava aprendendo a usá-lo.

Faisal Baig não precisava de mais informações. Com seu AK-47 em uma das mãos e o outro punho cerrado, ficou olhando para as primeiras luzes vermelhas que tocavam os picos do Afeganistão. Por anos, ele pressentira a tormenta se aproximando. Levaria meses e custaria milhões de dólares ao aparato de inteligência americana para compreender o que este homem iletrado que vivia na última aldeia no final de uma estrada de terra, sem conexão com a internet ou mesmo um telefone, sabia instintivamente.

— O problema na aldeia de Nova York vem daqui — disse ele, falando com despeito, olhando em direção à fronteira. — Deste shetan da Al-Qaeda.

Ele cuspiu em direção ao Afeganistão.

— Osama.

O imenso helicóptero MI-17 de fabricação russa pousou exatamente às oito da manhã, como o general-de-brigada Bashir havia prometido a Mortenson que chegaria. O tenente superior de Bashir, coronel Ilyas Mirza, pulou antes que o rotor parasse de girar e bateu continência para os americanos.

— Dr. Greg, sr. George, senhor, apresentando-me para o serviço —

disse ele, enquanto combatentes do Exército saltavam do MI-17, formando um círculo à volta dos americanos.

Ilyas era alto e atraente como Hollywood imagina seus heróis. Seu cabelo preto tinha mechas grisalhas exatamente sobre as têmporas de um rosto bem talhado. Tinha o mesmo aspecto jovem de quando serviu como um dos melhores pilotos de combate de seu país. Ilyas também era um wazir, de Bannu, o aldeamento que Mortenson havia cruzado pouco antes de seu sequestro, e o conhecimento do coronel sobre como Mortenson fora tratado por sua tribo inicialmente fez com que determinasse que nenhum outro mal atingisse o amigo americano.

Faisal Baig levantou as mãos a Alá e realizou uma dua, agradecendo-lhe por mandar o Exército para proteger os americanos. Sem fazer as malas, sem idéia de para onde estaria indo, subiu no helicóptero com a família de McCown e Mortenson, apenas para assegurar que o cordão de segurança não fosse rompido.

Do alto, ligaram para os Estados Unidos pelo telefone de Mortenson, tentando fazer ligações curtas devido à pequena durabilidade da bateria de apenas quarenta minutos. Por meio de Tara e Karen, mulher de McCown, souberam dos detalhes sobre os ataques terroristas.

Pressionando o fone em seu ouvido, Mortenson comprimia os olhos diante da vista dos picos que via através das pequenas janelas do MI-17, tentando manter a antena do telefone direcionada para o sul, onde circulavam os satélites que refletiam a voz de sua esposa.

Tara estava tão aliviada por receber notícias de seu marido que começou a chorar, dizendo-lhe o quanto o amava por entre um enorme ruído de estática e de ecos de retorno.

— Sei que está com sua outra família e eles o manterão seguro —

gritou ela. — Termine seu trabalho e depois volte para casa para mim, meu amor.

McCown, que serviu no Comando Estratégico da Força Aérea Americana, reabastecendo B52s que carregavam armas nucleares em pleno

ar, antevia o destino terrível que aguardava o Afeganistão.

— Conheço Rumsfeld, Rice e Powell pessoalmente, então eu sabia que estávamos a ponto de começar uma guerra — diz McCown. — E

imaginei que se o grupo da Al-Qaeda estivesse por trás disso tudo iríamos começar a bombardear o que sobrasse do Afeganistão a qualquer momento. Se isso acontecesse, não sei que decisão Musharraf tomaria.

Mesmo se ele se aliasse com os Estados Unidos, eu não sei se os militares paquistaneses o acompanhariam, porque eles teriam apoiado o Talibã.

Percebi que poderíamos acabar nos tornando reféns e estava ansioso para sair de Dodge.

O engenheiro de vôo se desculpou por não dispor de protetores de ouvido para todos e ofereceu a Mortenson um par de protetores de plástico amarelos. Ele os colocou e pressionou o rosto contra uma janela redonda, desfrutando do silêncio que parecia ampliar a paisagem. Abaixo, as encostas íngremes do vale do Hunza elevavam-se, misturando todos os tons e semitons de verde que envolviam os flancos cinzentos das escarpas de pedra.

Do alto, os problemas do Paquistão pareciam simples. Lá estavam as geleiras verdes de Rakaposhi, refulgindo sob um sol escaldante. Ali, um rio corria levando águas degeladas. Abaixo estavam as aldeias sem água.

Mortenson apertou os olhos, seguindo os trajetos dos canais de irrigação levando água para as plantações em cada aldeia. Desta altura, nutrir a vida e a prosperidade em cada aldeamento isolado parecia simplesmente uma questão de

traçar linhas retas para desviar os cursos d'água.

As obstinações intrincadas dos mulás das aldeias contra a educação das meninas eram invisíveis a esta altura, pensou Mortenson. Bem como o trabalho de rede das políticas locais que poderiam impedir o progresso de um centro vocacional feminino ou atrasar a construção de uma escola. E

como se poderia identificar os ninhos do extremismo, crescendo como doenças nestes vales vulneráveis, quando cuidavam tanto para se ocultar por trás de altos muros e se encobriam para escapar da educação?

O MI-17 aterrisou em Shangri-lá, um caro balneário de pesca custeado pelos generais do Paquistão, à beira de um lago a uma hora a oeste de Skardu. Na casa do proprietário, onde uma antena de satélite trazia uma versão esbranquiçada da CNN, McCown gastou uma tarde e noite, anestesiado, assistindo às tomadas da fuselagem prateada que se

transformou em um míssil ao bater contra as torres ao sul de Manhattan, e os prédios naufragando como navios torpedeados num mar de cinzas.

Na Jamia Darul Uloom Haqqania madrassa em Peshawar, que se traduz como a "Universidade do Supremo Conhecimento", os alunos mais tarde se gabavam para o New York Times como haviam comemorado no dia seguinte quando souberam do ataque — correndo desembestados pelo prédio, batendo palmas, simulando o que seus professores lhes ensinaram ser a vontade de Alá em ação — o impacto dos aviões certos sobre os edifícios comerciais dos infiéis.

Agora, mais do que nunca, Mortenson viu a necessidade de se dedicar à sua missão educacional. McCown estava ansioso para sair do Paquistão por qualquer via possível, e gastou as baterias do celular por satélite, tentando fazer com que parceiros comerciais o encontrassem na fronteira indiana, ou arranjar vôos para a China. Mas todos os postos da fronteira estavam fechados e todos os vôos internacionais cancelados.

— Eu disse a George: "Você está no lugar mais seguro do mundo neste momento" — diz Mortenson. — Essas pessoas vão protegê-lo com a própria vida. Como não podemos ir a lugar algum, por que não seguimos a programação inicial, até colocar você num avião?

No dia seguinte, o general Bashir conseguiu que o MI-17 levasse o grupo de

McCown para um voo panorâmico em volta do K2 para entrete-

los, enquanto descobria um modo de enviar McCown e sua família de volta para casa. Com o rosto prensado contra a janela, mais uma vez, Mortenson viu a escola de Korphe passar bem abaixo, uma lua crescente amarela brilhando de leve como a esperança, entre as plantações verdes da aldeia. Ele se habituara a voltar a Korphe para tomar uma xícara de chá com Haji Ali toda vez no outono, antes de retornar para os Estados Unidos.

Ele prometeu a si mesmo que o visitaria assim que tivesse acompanhado seus convidados em segurança para fora do país.

Na sexta-feira, 14 de setembro, Mortenson e McCown dirigiram por uma hora a oeste de Kuardu no Land Cruiser, à frente de um comboio que se tornara muito maior do que de costume, à medida que as notícias do outro lado do mundo chegavam ao Baltistão.

— Parecia que cada político, policial, militar e líder religioso do norte do Paquistão vieram se juntar a nós para ajudar a inaugurar a escola de Kuardu — diz Mortenson.

A escola primária de Kuardu havia sido terminada e já ensinava aos alunos há alguns anos. Mas Changazi atrasara a inauguração oficial até que pudesse preparar uma recepção que pudesse ser suficientemente pomposa, diz Mortenson.

Havia tantas pessoas se acotovelando no pátio, comendo damascos secos enquanto flanavam, que era difícil admirar a escola. Mas o assunto nesse dia não era o prédio da escola. Syed Abbas em pessoa fora o orador escolhido. E com todo o mundo islâmico em crise, o povo do Baltistão se apegava às palavras de seu líder religioso supremo.

— Bismillah ir-Rahman ir-Rahim — começou ele dizendo. — Em nome de Alá Todo-Poderoso, o Bondoso, o Piedoso.

— As-Salaam Alaaikum. A paz esteja convosco — todos responderam.

— Foi o destino que fez Alá, o Todo-Poderoso, nos reunir neste momento — disse Syed Abbas.

O palco, oculto pela multidão, elevava-o um pouco acima do chão, como se estivesse flutuando com suas vestes e turbante pretos.

— Hoje é um dia que seus filhos lembrarão para sempre e contarão a seus filhos e netos. Hoje, da escuridão do analfabetismo, a luz da educação brilha forte.

— Compartilhamos a tristeza das pessoas que choram e sofrem nos Estados Unidos da América — disse ele, ajustando os óculos grossos sobre o nariz —, ao inaugurarmos esta escola. Aqueles que cometeram este ato maligno contra inocentes, mulheres e crianças, para gerar milhares de viúvas e órfãos, não fazem isso em nome do Islã. Pela graça de Alá, o Todo-Poderoso, que a justiça seja feita em relação a eles.

— Peço humildemente ao sr. George e ao dr. Greg Sahib que nos perdoem por esta tragédia. A todos vocês, meus irmãos: protejam e auxiliem estes dois irmãos americanos que estão entre nós. Não deixemos que nenhum mal os atinja. Compartilhem tudo o que têm para fazer com que sua missão seja bem-sucedida.

Estes dois cristãos viajaram do outro lado do mundo para trazer às nossas crianças muçulmanas a luz da educação — disse Abbas. — Por que não fomos capazes de propiciá-la a nossas crianças por nós mesmos? Pais e familiares, eu lhes imploro que dediquem todos os seus esforços e empenho para que todos os seus filhos recebam educação. Senão, apenas

pastarão como ovelhas no campo, à mercê da natureza e do mundo se transformando tão terrivelmente à nossa volta.

Syed Abbas fez uma pausa, pensando no que iria dizer em seguida e, por alguma razão, até as crianças menores entre as centenas de pessoas que lotavam o pátio estavam em absoluto silêncio.

— Peço aos Estados Unidos da América para olhar fundo em nossos corações — continuou Abbas, com a voz embargada de emoção —, e ver que a grande maioria não é terrorista, mas gente boa e simples. Nossa terra é assolada pela pobreza, porque não temos educação. Mas hoje, outra chama de conhecimento foi acesa. Em nome de Alá Todo-Poderoso, que ela possa iluminar e conduzir nosso caminho para fora da escuridão que temos em nós mesmos.

— Foi um discurso incrível — diz Mortenson. — E quando Syed Abbas terminou, todos estavam chorando. Queria que todos os americanos que pensam

que "muçulmano" é apenas outro termo para designar

"terrorista" pudessem estar ali naquele dia. Os verdadeiros pilares do Islã são justiça, tolerância e caridade, e Syed Abbas representou o centro moderado da fé muçulmana de forma eloquente.

Após a cerimônia, as viúvas de Kuardu formaram uma fila para apresentar suas condolências a Mortenson e McCown. Elas colocaram ovos nas mãos dos dois americanos, pedindo que levassem este símbolo de tristeza para as irmãs distantes que queriam consolar pessoalmente, as viúvas da aldeia de Nova York.

Mortenson olhou para a pilha de ovos recém-colhidos em suas mãos trêmulas. Ele os carregou com cuidado até o Land Cruiser, pensando nas crianças que deveriam estar nos aviões, e em seus próprios filhos em casa.

Agora, ele pensou — atravessando uma multidão que os consolava, sobre um tapete de sementes de damascos picados sobre o chão, sem poder, nem ao menos acenar adeus — tudo no mundo tornara-se frágil.

No dia seguinte, o coronel Ilyas os acompanhou até Islamabad no MI-17, aterrissando no heliporto de uso pessoal do presidente Musharraf, pela alta segurança que oferecia. Os americanos se sentaram na sala de espera fortemente guardada, próximo a uma lareira de mármore decorado que parecia nunca ter sido usada, sob um quadro a óleo do general em uniforme de gala.

O próprio general Bashir aterrissou do lado de fora num helicóptero Alouette da época da guerra do Vietnã apelidado de "Sorte Francesa" pelos

militares paquistaneses, por ser mais confiável que os helicópteros Hueys americanos da mesma época que eles também voavam.

— “A águia pousou” — Ilyas anunciou de forma teatral, enquanto Bashir, apertado em sua jaqueta de vôo, pulou na pista para saudá-los antes de entrarem.

Bashir voou baixo e rápido, passando pelas encostas irregulares, e quando o ponto de referência mais evidente de Islamabad — a Mesquita Faisal construída pelos sauditas, com seus quatro minaretes e um imenso pátio de oração coberto capaz de acomodar 70 mil fiéis — sumiu atrás deles, estavam praticamente em Lahore. O general aterrissou a Alouette no meio de uma pista de táxi no Aeroporto Internacional de Labore, a cinquenta metros do avião 747 das Linhas

Aéreas Singapura que tiraria McCown e seus familiares da região que logo se tornaria uma zona de guerra.

Depois de abraçar Mortenson e Faisal Baig, McCown e os filhos foram levados para seus assentos na primeira-classe por Bashir, que, apresentando suas desculpas aos demais passageiros, cujo voo ele retardara, permaneceu com os americanos até que o avião estivesse pronto para partir.

— Ao lembrar o que aconteceu — diz McCown, — todos foram maravilhosos conosco no Paquistão. Eu estava muito preocupado com o que poderia acontecer comigo neste "país islâmico assustador". Mas não aconteceu nada. O pior aconteceu somente depois que saí.

Na semana seguinte, McCown ficou hospedado no elegante hotel Raffles em Singapura, recuperando-se de uma intoxicação alimentar contraída com a comida da primeira-classe das Linhas Aéreas Singapura.

Mortenson retornou para o norte para encontrar Haji Ali, aproveitando uma carona num voo de transporte militar até Skardu, antes de passar dormindo a maior parte do percurso pelos vales do Shigar e do Braldu no banco de trás de seu Land Cruiser, enquanto Hussain dirigia e Baig mantinha os olhos atentos no horizonte.

A multidão que o esperava no alto precipício do Braldu parecia estranha. Depois, caminhando pela ponte balouçante, Mortenson prendeu o fôlego ao olhar para o extremo direito da laje. O ponto alto em que Haji Ali sempre ficava imóvel como uma pedra estava vazio. Twaha veio ao encontro de Mortenson na margem do rio e deu-lhe a notícia.

Naquele mês, depois da morte de seu pai, Twaha raspava a cabeça em sinal de luto e deixara a barba crescer, o que tornava a semelhança física ainda maior. No outono anterior, quando viera tomar chá com Haji Ali, Mortenson achou que o velho nurmadhar de Korphe estava profundamente transtornado.

A mulher, Sakina, adoecera naquele verão, sofrendo de forte dor estomacal, suportando a doença com a paciência dos baltis. Ela morreu por recusar-se a fazer a longa viagem até um hospital na planície.

Com Haji Ali, Mortenson visitou o cemitério de Korphe, num terreno não muito distante da escola. Haji Ali, com a lentidão causada pela idade, ajoelhou-se

devagar para tocar a simples pedra colocada sobre o lugar onde Sakina fora enterrada virada para Meca. Quando se levantou, seus olhos estavam úmidos.

— Não sou nada sem ela — Haji Ali confidenciou ao seu filho americano. — Nada mesmo.

— Vindo de um muçulmano xiita conservador, isso foi uma homenagem incrível — diz Mortenson. — Muitos homens podem ter-se sentido dessa forma em relação às suas esposas. Mas muito poucos teriam a coragem de dizê-lo.

Então Haji Ali colocou o braço sobre o ombro de Mortenson e, do modo como seu corpo sacudia, Mortenson pensou que ainda estivesse chorando. Mas a gargalhada rouca de Haji Ali, engrossada por décadas mascando naswar era inconfundível.

— Em breve você vai chegar aqui e procurar por mim e vai me encontrar plantado no chão também — disse Haji Ali, gargalhando.

— Não consegui achar graça na ideia de Haji Ali morrer — diz Mortenson, embargando a voz ao falar sobre a perda deste homem anos depois.

Ele envolveu o tutor que tanto lhe ensinara num abraço e pediu-lhe mais uma lição.

— O que devo fazer, daqui a muito tempo, quando esse dia chegar?

— perguntou ele.

Haji Ali olhou para o cume do Korphe K2, pensando no que dizer.

— Ouça o vento — disse ele.

Com Twaha, Mortenson ajoelhou-se junto ao túmulo para prestar sua homenagem ao falecido chefe de Korphe, cujo coração falhara no meio do que Twaha pensava ser a oitava década de vida do pai. Nada dura para

sempre, pensou Mortenson. Apesar de todo o nosso trabalho, nada é permanente.

O coração de seu pai não o deixara viver além dos 48 anos, muito cedo para Mortenson se perguntar sobre o que a vida continuava dispondo à sua volta. E

agora, o balti insubstituível que o ajudara a preencher um pouco desse vazio, que lhe ensinara tantas coisas que ele jamais teria aprendido, decompunha-se debaixo da terra ao lado de sua mulher.

Mortenson se levantou, tentando imaginar o que Haji Ali diria num momento como este, num momento tão negro da história, quando tudo o que mais se prezava era tão frágil quanto a casca de um ovo. As palavras retornaram à sua memória com uma clareza alucinante: — Ouça o vento.

Assim, forçando-se a isso, Mortenson ouviu. Ele ouviu o vento soprando pelo desfiladeiro do Braldu, carregando sussurros de neve e o fim da estação. Mas na brisa que soprava sobre esta frágil concha em que os seres humanos sobreviviam, de alguma forma, no alto do Himalaia, ele também ouviu o som das vozes das crianças brincando no pátio da escola de Korphe. *Esta era a última lição*, pensou Mortenson, secando as lágrimas com a ponta dos dedos. "Lembre-se delas", ele pensou. "Lembre-se sempre delas."

Capítulo 20

Tomando chá com o Talibã

Bomba atômica neles! — deixe que Alá os salve.

— Adesivo na janela da cabine de um Ford-F15 em Bozeman, Montana

— VAMOS AO CIRCO — DISSE SULEMAN.

Mortenson sentou-se no banco de trás de um Toyota Corolla branco que o IAC alugara para o ex-taxista quebra-galhos de Rawalpindi, reclinando-se contra o forro bordado que cobria o encosto de cabeça que Suleman colocara no carro. Faisal Baig mantinha-se em guarda. Suleman fora buscá-los no aeroporto, vindo de Skardu num avião PIA 737, depois que os vôos comerciais recomeçaram no Paquistão, como retomaram nos Estados Unidos no final de setembro de 2001.

— O quê? — perguntou Mortenson.

— Você verá — respondeu Suleman, sorrindo.

Comparado ao pequeno Suzuki que ele dirigia quando tinha um táxi, a Toyota parecia uma Ferrari. Suleman seguia pelo trânsito lento na autopista que ligava Pindi à sua cidade-irmã, Islamabad, dirigindo somente com uma das mãos, enquanto digitava rapidamente seu mais novo objeto eletrônico, um celular Sony de cor vinho do tamanho de uma caixa de fósforos, para avisar ao gerente do albergue Lar Doce Lar para manter a reserva do quarto, pois seu sahib chegaria tarde.

Suleman parou, relutante, para apresentar documentos em uma barreira policial que protegia a Área Azul, o moderno enclave diplomático no qual os prédios do governo, embaixadas e hotéis comerciais de Islamabad estavam localizados, em meio a uma trama de bulevares imensos. Mortenson apoiou-se na janela para mostrar seu rosto estrangeiro. O gramado de Islamabad era luxuriante e o colorido das árvores tão intenso naquela região, onde tudo era seco e polirento, que indicava como podemos transformar a própria natureza. Ao ver Mortenson, o policial deixou-os passar.

Islamabad era uma cidade planejada, construída entre as décadas de 1960 e 1970, como um mundo à parte para os ricos e poderosos do Paquistão. As esplêndidas lojas postadas ao longo das avenidas, todas iluminadas, exibiam os últimos produtos eletrônicos japoneses, bem como os exóticos repastos do Kentucky Fried Chicken e Pizza Hut.

O coração cosmopolita pulsante da cidade era o hotel Marriot, cinco estrelas, uma fortaleza de luxo, protegida da pobreza do país por portões que selavam muros de concreto armado e uma força de 150 guardas de segurança, em uniformes azul-claros, por trás de cada arbusto e árvore do jardim do hotel, com armas no ombro. À noite, as brasas de seus cigarros fulgiam em meio ao verde como vagalumes mortais.

Suleman manobrou o Toyota até a barreira de concreto, onde dois vagalumes portando suas M3 vasculharam debaixo do carro com bastões espelhados e inspecionaram o conteúdo do porta-malas, antes de descerrar o portão de aço e deixá-los entrar.

— Quando preciso fazer alguma coisa, vou até o Marriot — diz Mortenson. —

Eles sempre têm um aparelho de fax funcionando e uma conexão rápida de internet. E, em geral, quando alguém vinha ao Paquistão pela primeira vez, eu os levava direto do aeroporto para o Marriot, para que pudessem se ambientar sem sofrer muito com o choque cultural.

Mas agora, ao passar por um detector metálico, e ter seu colete de jornalista apalpado por dois eficientes seguranças envergando ternos e fones de ouvido, foi a vez de Mortenson se sentir chocado. No imenso saguão de piso de mármore em geral vazio — exceto por um pianista e alguns executivos estrangeiros sussurrando nos celulares, sentados em sofás superestofados — havia uma multidão movida à cafeína: a imprensa mundial havia aportado.

— Este é o circo — disse Suleman, sorrindo orgulhoso para Mortenson, como um aluno apresentando um projeto impressionante numa feira de ciências.

Para onde quer que olhasse, Mortenson via câmeras com logos e as equipes tensas por trás delas: CNN, BBC, NBC, ABC, Al-Jazeera. Abrindo caminho ao lado de um operador de câmera gritando furiosamente no celular por satélite, Mortenson conseguiu chegar à entrada do Nadia Café, isolado do saguão por uma cerca perfumada de vasos ornamentais.

Em torno do bufê, onde normalmente comia, atendido por cinco garçons ociosos, que concorriam para encher seu copo com água mineral,

Mortenson viu que todas as mesas estavam tomadas.

— Parece que o nosso cantinho do mundo de repente se tornou interessante.

Mortenson virou-se para a jornalista canadense Kathy Gannon, chefe do escritório da Associated Press em Islamabad, sorrindo ao seu lado em um shahvar kamiz de corte conservador, esperando por uma mesa, também. Ele a cumprimentou com um abraço.

— Há quanto tempo está assim? — perguntou Mortenson, tentando falar mais alto que o operador de câmera alemão.

— Há alguns dias — respondeu Gannon. — Mas espere até as bombas começarem a cair. Então poderão cobrar 1.000 dólares pelo quarto.

— Quanto custa agora?

— Foram de 150 para 320 dólares, e continuam subindo — respondeu Gannon.
— Esses caras nunca viram uma baba dessas. Todas as redes de televisão estão com seus repórteres filmando no telhado, e o hotel está cobrando 500 dólares de cada equipe por dia apenas para filmar lá em cima.

Mortenson balançou a cabeça. Ele nunca se hospedara no Marriot. As poucas reservas do IAC faziam com que ficasse no hotel que conhecera desde que Suleman o levara até lá pela primeira vez. O albergue Lar Doce Lar, um sobrado bem construído e abandonado pelo ex-proprietário ficava num terreno malcuidado próximo à Embaixada do Nepal. A diária por quartos com encanamentos imprevisíveis e tapetes cor-de-rosa encardidos e com marcas de queimaduras de cigarro era de 12 dólares.

— Dr. Greg, Sahib, sra. Kathy, venham — sussurrou um garçom que os conhecia, trajando um smoking. — Há uma mesa quase pronta, e temo que esses...

Ele parou para procurar a palavra certa:

— ...estrangeiros simplesmente irão agarrá-la.

Kathy Gannon era muito conhecida e admirada pelo seu destemor.

Seus olhos azuis encaravam tudo como desafio. Certa vez, um guarda de fronteira do Talibã, tentando, sem sucesso, encontrar falhas imaginárias em seu passaporte para impedi-la de entrar no Afeganistão, ficou surpreso com sua persistência.

— Você é forte — disse-lhe ele. — Temos uma palavra para definir para uma pessoa como você: homem.

Kathy Gannon retrucou que não considerava isso um elogio.

Sentados a uma mesa coberta com uma toalha cor-de-rosa ao lado do bufê bem-servido do Nadia, Kathy Gannon falou a Mortenson sobre os palhaços, malabaristas e equilibristas que haviam acabado de chegar à cidade.

— É uma pena — disse ela. — Jornalistas novatos que não sabem nada sobre a região ficam no topo do hotel envergando uniformes de campanha e fazendo de conta que os Montes Margala às suas costas são algum tipo de zona de guerra,

em vez de um lugar ao qual se podem levar os filhos nos fins de semana. A maioria não quer sequer se aproximar da fronteira, e estão soltando matérias sem checá-las primeiro. E aqueles que querem ir não têm essa sorte. O Talibã simplesmente fechou o Afeganistão a todos os jornalistas estrangeiros.

— Você vai tentar entrar? — perguntou Mortenson.

— Acabei de chegar de Cabul — respondeu ela. — Eu estava falando ao telefone com meu editor em Nova York, quando o segundo avião atingiu a torre e mandei algumas matérias antes de me "escoltarem" para fora.

— O que o Talibã vai fazer?

— É difícil dizer. Soube que fizeram uma shura e decidiram entregar Osama, mas no último minuto, Mulá Omar deu uma contra-ordem, e disse que iria protegê-lo com sua vida. Então, já sabe o que isso significa.

Muitos estão apavorados. Mas os resistentes estão prontos para lutar por isso — disse ela, fazendo uma careta.

E apontando para os jornalistas em torno da mesa do maitre: — Sorte desses caras.

— Você vai tentar voltar? — perguntou Mortenson.

— Se eu puder ir sem precisar me disfarçar — respondeu ele. — Não vou me enfiar numa burkha como esses caubóis, e ser presa, ou pior. Ouvi que o Talibã já prendeu dois jornalistas franceses que foram pegos tentando entrar escondido.

Suleman e Baig retornaram do bufê com pratos repletos de carneiro ao curry. Suleman trouxe um bônus — uma tigela com um pudim cor-de-rosa de sobremesa.

— Bom? — perguntou Mortenson, e Suleman, mastigando, assentiu.

Antes de ir ver o bufê, Mortenson pegou algumas colheradas da sobremesa de Suleman. O pudim cor-de-rosa lembrava-lhe as sobremesas inglesas que comera na África Oriental.

Suleman comia com prazer sempre que havia carne de carneiro no cardápio.

Quando era menino numa família de sete filhos, na pequena aldeia de Dhok Lima, na planície do Punjabi, entre Islamabad e Lahore, a carne de carneiro era servida apenas em ocasiões especiais. E mesmo então, não sobrava muito até chegar à boca do quarto rebento da família.

Suleman pediu licença e voltou ao bufê por alguns segundos.

Nas semanas seguintes, Mortenson dormia no albergue Lar Doce Lar, mas passava o dia no Marriot — como havia cinco anos na Peshawar tomada pela guerra — com o sentimento de estar presente no olho do furacão da história. E com a mídia mundial acampada na soleira, decidiu fazer o possível para divulgar o IAC.

Dias depois dos ataques terroristas a Nova York e Washington, os dois países, além do Paquistão, que mantinham relações diplomáticas com o Talibã, a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos, romperam com eles. Com as fronteiras do Afeganistão agora fechadas, o Paquistão era o único lugar em que o Talibã poderia se defender perante o mundo. Eles faziam longas entrevistas coletivas diárias no gramado da embaixada em ruínas, a dois quilômetros do Marriot. Táxis, que antes cobravam cerca de oitenta centavos para fazer o percurso, estavam agora exigindo 10 dólares pela corrida.

Toda tarde, as Nações Unidas apresentavam um relatório sobre as condições no Afeganistão no Marriot, e a onda de jornalistas torrados de sol entrava feliz de volta para o ar-condicionado do hotel.

Mortenson, exceto por alguns estrangeiros, no outono de 2001, conhecia o Paquistão mais intimamente do que todos eles, aonde especialmente as regiões de fronteira distantes os jornalistas queriam chegar. Sempre tentavam suborná-lo na esperança de que ele pudesse lhes arranjar um modo de entrarem no Afeganistão.

— Parecia que os jornalistas estavam disputando uma guerra entre si tanto quanto queriam que começasse a guerra no Afeganistão — diz Mortenson. — A CNN se aliava à BBC contra a ABC e a CBS.

Correspondentes paquistaneses entravam no saguão trazendo matérias sobre um predador americano que o Talibã havia abatido e as apostas sobre o início da guerra começavam.

— Um produtor da NBC e um operador de câmera me convidaram para jantar num restaurante chinês no Marriot para me perguntar o que eu sabia sobre o Paquistão — lembra Mortenson. — Mas eles queriam a

mesma coisa que todo o mundo. Queriam ir ao Afeganistão e me ofereceram mais dinheiro do que eu ganhava num ano, se conseguisse fazê-los passar pela fronteira. Então, eles olharam em volta como se a mesa estivesse grampeada e sussurraram: "Não diga nada à CNN ou à CBS."

Em vez disso, Mortenson deu várias entrevistas a repórteres que raramente iam além do Marriot e da embaixada do Talibã para fazer as matérias e precisavam de algum assunto local para preencher as reportagens pautadas sobre entrevistas coletivas amenas.

— Tentei falar sobre as raízes do problema: a falta de educação no Paquistão, e o surgimento das Wahhabi madrassas, e como isso levou a problemas como o terrorismo — diz Mortenson. — Mas isso dificilmente saía na imprensa. Eles apenas queriam notícias drásticas sobre os líderes talibãs para poder transformá-los nos vilões que estavam arrastando o país à guerra.

Toda noite, um grupo dos principais líderes do Talibã em Islamabad atravessava o saguão de mármore do Marriot com seus turbantes e vestes negras esvoaçantes, e aguardavam por uma mesa no Nadia Café para ver o circo também.

— Eles ficavam sentados ali a noite inteira tomando xícaras de chá verde — diz Mortenson —, porque era o item mais barato no cardápio. Com seus poucos salários, os talibãs não poderiam pagar os 20 dólares pelo bufê. Sempre imaginei que um jornalista poderia ter conseguido uma bela matéria, se apenas tivesse se oferecido para pagar pelo jantar, mas nunca vi isso acontecer.

Finalmente, Mortenson sentou-se com eles. Asem Mustafá, que cobria todas as expedições do Karakoram para o jornal paquistanês Nation, sempre contatava Mortenson em Skardu sobre as últimas notícias sobre alpinismo. Mustafá conhecia o embaixador do Talibã, Mulá Abdul Salaam Zaeef e, certa noite, apresentou Mortenson a eles no Nadia Café.

Com Mustafá, Mortenson sentou-se à mesa com os quatro talibãs, ao lado do Mulá Zaeef, sob uma faixa pintada à mão que dizia: "Olé! Olé!"

Olé!" O Nadia Café, onde os executivos estrangeiros comiam todos os dias da semana enquanto estavam em Islamabad, ofereciam jantares temáticos para quebrar a monotonia. Esta era a noite mexicana no Marriot.

Um garçom paquistanês, usando um longo bigode, sentindo-se humilhado sob o imenso sombreiro, parou junto à mesa para perguntar se

iriam pedir algo do bufê, ou se os sahibs gostariam de pedir o jantar do taco bar.

— Apenas chá — disse o Mulá Zaeef em urdu.

Com um movimento do poncho listrado e colorido, o garçom saiu para buscá-lo.

— Zaeef era um dos poucos líderes do Talibã que recebera uma educação formal e ganhara um pouco do traquejo ocidental — diz Mortenson. — Tinha filhos com a mesma idade dos meus, então conversamos sobre eles por algum tempo. Eu estava curioso em saber o que um líder talibã teria a dizer sobre a educação de crianças, especialmente meninas, assim eu lhe fiz a pergunta. Ele respondeu como um político, e falou em termos genéricos sobre a importância da educação.

O garçom voltou com uma baixela de prata e serviu o chá verde kawah a todos à mesa, enquanto Mortenson conversava sobre amenidades com o outro talibã em pachtó, perguntando pela saúde da família, que dizia estarem bem. Em poucas semanas, Mortenson pensou pesaroso, as respostas dele provavelmente seriam diferentes.

O garçom, cujo poncho insistia em cair sobre o bule enquanto servia o chá, prendeu uma das pontas no cinto de munição de brinquedo que usava em cruz sobre o peito.

Mortenson olhou para os quatro homens sérios, de barba, com seus turbantes pretos, imaginando a experiência que tinham com armas de verdade, e imaginou o que achariam da fantasia do garçom.

— Provavelmente, não achavam que se parecesse nem um pouco mais estranho do que todos os jornalistas estrangeiros amontoados ao lado de nossa mesa tentando ouvir o que estávamos conversando — diz Mortenson.

Mulá Zaeef estava vivendo uma situação impossível, Mortenson pensou, à medida que a conversa chegou à iminência da guerra. Vivendo na Área Azul de

Islamabad, ele tinha contato suficiente com o mundo exterior para avaliar o que estava por vir. Mas a liderança máxima do Talibã em Cabul e Kandahar não era assim tão mundial. Mulá Omar, líder supremo do Talibã, como a maioria dos resistentes de primeiro escalão que o cercavam, tinha apenas uma educação recebida em madrassa.

Mohammed Sayed Guiasuddin, ministro de educação do Talibã, não tinha educação formal alguma, de acordo com Ahmed Rashid.

— Talvez pudéssemos entregar Bin Laden para salvar o Afeganistão —

disse Mulá Zaeef a Mortenson, sinalizando para que o garçom de sombrero lhe trouxesse a conta que ele insistia em pagar.

— Mulá Omar acredita que ainda haja tempo para se evitar a guerra —

disse Zaeef num tom triste.

Porém, ao perceber que estava baixando a guarda, empertigou-se.

— Mas não se engane — declarou ele, num tom de bravata —, se formos atacados, lutaremos até o fim.

Mulá Omar continuaria a pensar que poderia evitar a guerra, até que os mísseis de cruzeiro americanos começaram a destruir suas casas. Sem nenhum canal formal de comunicação com Washington, o líder do Talibã telefonou para o número de atendimento público da Casa Branca de seu celular por satélite duas vezes naquele mês de outubro, oferecendo-se para fazer uma jirga, finalmente, com George Bush. O presidente americano, como era de se esperar, nunca retornou as ligações.

Relutante, Mortenson afastou-se do Marriot e retornou ao trabalho.

No albergue Lar Doce Lar, os recados telefônicos da embaixada americana haviam se acumulado, alertando-o que o Paquistão não era considerado mais um lugar seguro para os americanos. Mas Mortenson precisava visitar as escolas que o IAC criara nos campos de refugiados perto de Peshawar, e verificar se teriam como lidar com o afluxo de novos refugiados que o confronto certamente traria até ali. Então chamou Baig e Suleman, e fez as malas para a curta viagem de carro, passando por Peshawar, até a fronteira com o Afeganistão.

Bruce Finley, jornalista do Denver Post, conhecido de Mortenson, estava cansado da falta de notícias no Marriot e pediu para acompanhá-lo até Peshawar. Juntos, visitaram o Campo de Refugiados de Shamshatoo e cerca de cem professores custeados pelo IAC, que se empenhavam em trabalhar no local nas condições mais adversas.

Finley escreveu uma matéria sobre a visita, descrevendo o trabalho que Mortenson estava fazendo e citando suas declarações sobre a iminência da guerra. Mortenson pedia aos leitores de Finley para não rotularem todos os muçulmanos. As crianças afegãs que acorriam aos campos de refugiados com suas famílias eram vítimas, disse Mortenson, que mereciam nossa solidariedade.

— Estes não são os terroristas. Estes não são os caras maus. Culpar todos os muçulmanos pelo horror de 11 de setembro — disse Mortenson

—, está deixando pessoas inocentes em pânico.

— O único modo de derrotar o terrorismo é fazer com que o povo deste país, onde os terroristas estão, aprenda a respeitar e amar os americanos — concluiu Mortenson —, e se nós os respeitarmos e amarmos. O que faz com que se tornem cidadãos ou terroristas? Eu acredito que a chave seja a educação.

Depois que Finley voltou para Islamabad para enviar a reportagem, Mortenson aproximou-se do posto da fronteira afegã para ver o que acontecia. Um sentinela adolescente do Talibã abriu um portão de metal pintado de verde e folheou as páginas do passaporte de Mortenson com ar suspeito, enquanto seus companheiros apontavam as Kalashnikovs para o grupo. Suleman ignorou os rifles, balançando a cabeça ao repreender os meninos, sugerindo que mostrassem respeito pelos mais velhos. Mas as semanas de espera pelo começo da guerra deixaram-nos ansiosos e os guardas acabaram por ignorá-lo.

O sentinela encarregado, com os olhos delineados com surma negro, resmungou quando viu uma página no passaporte de Mortenson que continha uma série de vistos assinados pela embaixada do Afeganistão em Londres.

A embaixada em Londres, sob a chefia de Wali Massoud, irmão do líder da Aliança do Norte assassinado, Shah Ahmed Massoud, se dedicava à derrocada do Talibã. Mortenson tomara chá com Wali Massoud toda vez que passou por Londres a caminho de Islamabad para falar sobre as escolas para meninas que esperava construir no Afeganistão, se o país se tornasse estável o suficiente para

ele poder trabalhar.

— Este é o segundo visto — disse o sentinela, rasgando uma página do passaporte de Mortenson, invalidando o documento.

— Vá a Islamabad para obter o primeiro visto, o visto do Talibã —

disse ele, puxando a arma do ombro, e apontando com ela para que Mortenson retornasse.

A embaixada americana em Islamabad recusou-se a emitir um novo passaporte para Mortenson, uma vez que o anterior fora "danificado de forma suspeita". O oficial do consulado a quem apresentou o caso disse a Mortenson que emitiria um documento temporário com validade de dez dias que lhe permitiria retornar aos Estados Unidos, onde poderia requerer um novo passaporte. Mas Mortenson, que tinha planejado passar mais um mês de trabalho pelo IAC antes de voltar para casa, recusou-o. Em vez

disso, voou para Katmandu, no Nepal, onde o Consulado americano costumava ser mais condescendente.

Mas depois de aguardar pela vez, esperançoso, na fila, e explicar a situação a um agente do consulado inicialmente educado, Mortenson percebeu que a expressão de seu rosto mudou ao verificar o passaporte, e lhe confirmou que ter vindo a Katmandu não iria fazer nenhuma diferença.

O oficial folheou as dezenas de vistos preto-e-branco obrigatórios da República Islâmica do Paquistão colados em todas as páginas, e checkou os vistos afegãos emitidos pela Aliança do Norte, deixando ainda mais em dúvida, e deixou Mortenson sozinho para falar com seu superior.

Quando retornou, Mortenson já sabia o que ele iria dizer.

— Você precisa voltar amanhã para falar com outra pessoa sobre este assunto — disse ele, nervoso, com os olhos baixos. — Até lá, terei de reter seu passaporte.

Na manhã seguinte, um destacamento de fuzileiros navais acompanhou Mortenson pelo gramado do consulado americano em Katmandu, do escritório consular ao prédio da embaixada, e o deixaram numa sala em que havia uma longa mesa de reunião, e trancaram a porta ao sair.

Mortenson ficou sentado à mesa por 45 minutos, sozinho, com uma bandeira americana e um grande retrato do presidente que assumira o governo americano havia dez meses, George W. Bush.

— Eu sabia o que eles estavam tentando fazer — diz Mortenson. —

Nunca assisti a muita TV, mas até eu podia reconhecer que esta era uma cena típica de um filme policial barato. Imaginei que alguém estaria me observando para ver se eu agia de modo suspeito, então apenas sorri, bati continência para Bush e esperei.

Finalmente, três homens bem-apessoados, vestidos com terno e gravata, entraram e sentaram-se nas cadeiras giratórias em frente a Mortenson do outro lado da mesa.

— Todos tinham nomes bem americanos como Bob, Bill ou Pete, e sorriram quando se apresentaram, mas era evidente que se tratava de um interrogatório e que eles eram agentes da Inteligência — diz Mortenson.

O agente encarregado começou a fazer as perguntas. Ele passou a Mortenson um cartão comercial por cima do tampo bem polido da mesa.

Dizia: "Adido Político Militar, sudeste da Ásia", escrito debaixo do nome de guerra do agente.

— Tenho certeza de que poderemos esclarecer tudo isso — disse ele, abrindo um sorriso para quebrar o gelo, enquanto retirava uma caneta do bolso e colocava um bloco de anotações à sua frente, como um soldado pondo um cartucho de munição num armamento militar.

— Bem, por que você quer ir ao Paquistão? — perguntou ele, num tom burocrático. — É muito perigoso estar lá agora e recomendamos a todos os americanos que se retirem.

— Eu sei — respondeu Mortenson. — Eu trabalho lá. Saí de Islamabad há dois dias.

Todos os três escreveram nos blocos.

— Que tipo de trabalho você tinha por lá? — BobBillPete perguntou.

— Trabalho lá há oito anos — respondeu Mortenson. — E ainda tenho mais um mês de trabalho antes de voltar para casa.

— Que tipo de trabalho?

— Construo escolas elementares, principalmente para meninas, no norte do Paquistão.

— Quantas escolas você administra hoje?

— Não sei ao certo.

— Por quê?

— Porque o número está sempre mudando. Se todas as obras terminarem neste outono, o que nunca se sabe ao certo, teremos concluído nossa vigésima segunda e vigésima terceira escolas independentes. Mas, muitas vezes, construímos salas adicionais em escolas do governo, se houver muitas crianças numa mesma sala de aula. E encontramos muitas escolas dirigidas pelo governo ou por outras ONGs estrangeiras, onde os professores não têm recebido salários por vários meses ou anos. Então acabamos por incluí-las, até que possam se gerir sozinhas. Também, pagamos professores nos campos de refugiados afegãos para darem aulas onde não há escolas. Então os números variam de uma semana para outra.

Respondi à sua pergunta?

Os três olharam para os blocos de anotação, como se estivessem procurando por algo que deveria estar escrito ali, mas não estava.

— Quantos alunos você tem agora, no total?

— É difícil dizer.

— Por que é difícil dizer?

— Já estive numa aldeia rural no norte do Paquistão?

— Por que pergunta isso?

— Bem, agora é a época da colheita. A maioria das famílias precisa que seus

filhos os ajudem no campo, então os tiram da escola por algum tempo. E no inverno, especialmente quando faz muito frio, eles podem fechar as escolas por alguns meses, pois não têm dinheiro para aquecê-las.

Então, na primavera, alguns alunos...

— Dê um número aproximado — o agente encarregado perguntou, interrompendo.

— Algo em torno de dez a 15 mil alunos.

As três canetas rabiscaram em uníssono, escrevendo o fato raro no papel.

— Tem mapas dos lugares onde você trabalha?

— No Paquistão — respondeu Mortenson.

Um dos agentes pegou o telefone e, em poucos minutos, um mapa-múndi foi entregue na sala de reunião.

— Então esta área próxima à Caxemira se chama...

— Baltistão — respondeu Mortenson.

— E o povo que mora ali é...

— Xiita, como no Irã — respondeu Mortenson, vendo-os movimentar as três canetas novamente sobre o papel.

— E estas áreas próximas ao Afeganistão onde você está começando a construir escolas chamam-se o noroeste do quê?

— Províncias da fronteira noroeste — respondeu Mortenson.

— E elas fazem parte do Paquistão?

— Depende a quem você pergunta.

— Mas ali são muçulmanos sunitas, basicamente o mesmo povo que os pachtuns no Afeganistão?

— Bem, na planície, a maioria é pachtun. Mas há muitos ismailitas e alguns xiitas também. Então, nas montanhas, há várias tribos com seus costumes, os khowars, os kohistanis, os shinas, os torwalis e os kalamis.

Há também uma tribo animista, os kalashs, que vivem acima num vale isolado além deste ponto que estou desenhando aqui, que, se você tivesse um mapa melhor, estaria escrito Chitral.

O agente encarregado soltou um suspiro. Quanto mais avançava na política paquistanesa, mais os rótulos se subdividiam em meadas cada vez mais finas que não poderiam ser reduzidas a poucos nomes escritos numa folha de papel. Ele jogou a caneta e o bloco sobre o tampo da mesa para Mortenson.

— Quero que escreva uma lista com todos os nomes e telefones de seus contatos no Paquistão — pediu ele.

— Gostaria de chamar o meu advogado — pediu Mortenson.

— Eu não estava tentando ser difícil. Esses camaradas tinham um trabalho sério a fazer, principalmente depois do 11 de setembro — diz Mortenson. — Mas eu também sabia o que poderia acontecer a pessoas inocentes que entraram numa lista como essa. E se esses caras fossem quem eu pensava, eu não suportaria que ninguém no Paquistão acreditasse que eu estaria trabalhando com eles ou, da próxima vez que voltasse, seria um homem morto.

— Vá chamar o seu advogado — BobBillPete disse, destravando a porta, parecendo aliviado por finalmente poder guardar o bloco de anotações no bolso do paletó. — Mas esteja aqui novamente às nove, amanhã de manhã. Em ponto.

Na manhã seguinte, um Mortenson estranhamente pontual sentou-se à mesa de reunião. Desta vez, estava sozinho com o agente encarregado.

— Vamos esclarecer algumas coisas de cara — disse o agente. —

Você sabe quem eu sou?

— Eu sei quem você é.

— Sabe o que acontecerá a você se não me disser a verdade?

— Sei o que me acontecerá.

— O.k. Alguns dos pais de seus alunos são terroristas?

— Não tenho como saber isso — respondeu Mortenson. — Tenho milhares de alunos.

— Onde está Osama?

— O quê?

— Você me ouviu. Sabe onde Osama está?

Mortenson se segurou para não rir, nem deixar que o agente o visse sorrir pelo absurdo da pergunta.

— Espero nunca ter essa informação — respondeu ele num tom sério para colocar um ponto final no interrogatório.

Mortenson retornou a Islamabad com um passaporte temporário com validade de um ano que o consulado em Katmandu emitiu a contragosto.

Ao voltar ao albergue Lar Doce Lar, o gerente entregou a Mortenson uma pilha de recados telefônicos da embaixada americana. Mortenson folheou os recados, enquanto caminhava pelo corredor sobre o tapete cor-de-rosa gasto até o quarto. O tom dos avisos aumentava dia a dia. A última

mensagem atingia um tom quase histérico. Ordenava que todos os cidadãos americanos saíssem imediatamente do país que a embaixada chamava de "o lugar mais perigoso no planeta para os americanos".

Mortenson atirou a mochila sobre a cama e pediu a Suleman para fazer-lhe uma reserva no próximo voo para Skardu.

Um dos muitos admiradores de Mortenson na comunidade de alpinismo é Charlie Shimanski, ex-diretor executivo do Clube Alpino Americano, que conduziu uma campanha para levantar fundos para o IAC

entre os membros da organização naquele ano. Ele compara o momento que Mortenson retornou ao Paquistão após o 11 de setembro, dois meses antes do

sequestro e decapitação de Daniel Pearl, à entrada dos bombeiros de Nova York nas torres do World Trade Center antes do desmoronamento.

— Quando Greg receber o Prêmio Nobel da Paz, espero que os julgadores em Oslo lembrem-se desse dia — diz Shimanski. — Este homem, Greg, voltando, em silêncio, de forma obstinada, para uma zona de guerra para lutar contra as verdadeiras causas do terrorismo é tão heróico quanto aqueles bombeiros subindo correndo as escadas das torres em chamas, enquanto todo mundo tentava sair.

Durante o mês seguinte, enquanto os bombardeiros e mísseis de cruzeiro americanos começaram a destruir o país a oeste, Mortenson cruzou o norte do Paquistão em seu Land Cruiser, certificando-se de que todos os projetos em andamento do IAC fossem concluídos antes do começo do inverno.

— Às vezes, à noite, eu estava dirigindo com Faisal, e ouvíamos aviões militares passando acima de nossas cabeças, cruzando o espaço aéreo do Paquistão, onde as aeronaves americanas tecnicamente não deveriam estar. Víamos todo o horizonte a oeste incendiar-se como luzes de relâmpagos. E Faisal, que cuspi na foto de Osama Bin Laden toda vez que via uma, estremecia ao pensar o que as pessoas sob aquele bombardeio deveriam estar passando e elevava as mãos numa dua, pedindo a Alá que os poupasse de um sofrimento desnecessário.

Depois que escureceu no dia 29 de outubro de 2001, Baig acompanhou Mortenson ao Aeroporto Internacional de Peshawar. No portão de segurança, apenas os passageiros tinham permissão para passar pelos guardas militares. Quando Mortenson pegou a mala das mãos de seu guarda-costas, viu os olhos de Baig marejados de lágrimas. Faisal Baig

havia jurado proteger Mortenson em qualquer lugar onde seu trabalho o levasse no Paquistão, e estava pronto a morrer por ele a qualquer instante,.

— O que foi, Faisal? — perguntou Mortenson, apertando o largo ombro de seu guarda-costas.

— Agora o seu país está em guerra — respondeu Baig. — O que posso fazer? Como posso protegê-lo lá?

Do seu assento, junto à janela na cabine de primeira-classe praticamente vazia do voo de Peshawar a Riad, capital da Arábia Saudita, que os comissários de

bordo indicaram a Mortenson, sorrindo, para se sentar, viu o céu do Afeganistão pulsando sob luzes mortais.

A turbulência contínua indicou que eles haviam deixado o continente e estavam sobrevoando as águas do mar Árábico. Do outro lado do corredor, Mortenson viu um homem de barba usando um turbante preto olhando pela janela com binóculos potentes. Quando as luzes dos navios em alto-mar apareceram abaixo, ele conversava animadamente com um homem de turbante sentado ao lado dele. E tirando um celular por satélite do bolso de seu shalwar kamiz, correu para o banheiro, provavelmente, para fazer uma ligação.

— Ali embaixo na escuridão — diz Mortenson —, estava a força de ataque naval tecnologicamente mais sofisticada do mundo, lançando caças e mísseis de cruzeiro sobre o Afeganistão. Eu não simpatizava muito com o Talibã, e não tinha nenhuma simpatia pela Al-Qaeda, mas tinha de admitir que o que eles estavam fazendo era brilhante. Sem satélites, sem qualquer força aérea, até com os radares antigos derrubados, eram engenhosos o bastante para usar voos comerciais comuns para descobrir a posição da Quinta Esquadra. Percebi que se estávamos contando apenas com nossa tecnologia militar para vencer a guerra contra o terrorismo, ainda tínhamos muito a aprender.

Mortenson entrou no terminal principal do Aeroporto Internacional de Denver após uma hora de inspeção na alfândega de seu passaporte temporário e do visto paquistanês. Era Halloween. Passando por uma floresta de bandeiras americanas espetadas por toda a parte, enfeitando todas as portas e penduradas sobre cada arco, ele se perguntou se a explosão de vermelho, azul e branco não significaria que havia desembarcado num feriado diferente. Ligando para Tara do celular enquanto seguia para o portão de embarque para pegar o voo de conexão para Bozeman, ele perguntou a ela sobre as bandeiras.

— O que aconteceu, Tara? Parece que estamos em 4 de julho por aqui.

— Bem-vindo à nova América, querido — respondeu ela.

Tarde naquela noite, desconjuntado de tanto viajar, Mortenson se empurrou para fora da cama sem acordar Tara e desceu silenciosamente até o porão para enfrentar as pilhas de correspondência que haviam se acumulado enquanto estivera fora. As entrevistas que dera no Marriot, sua viagem até os campos de

refugiados com Bruce Finley, e uma mensagem que enviara por email ao seu amigo, colunista do Seattle Post Intelligencer, Joel Connelly, pedindo solidariedade aos muçulmanos inocentes pegos no fogo-cruzado, foram publicados por dezenas de jornais americanos durante sua ausência.

Os repetidos apelos de Mortenson para não rotularem todos os muçulmanos da mesma forma, e seus argumentos para um combate múltiplo contra o terrorismo — a necessidade de educar as crianças muçulmanas, em vez de simplesmente lançar bombas — pisou no calo de um país que acabara de entrar em guerra. Pela primeira vez em sua vida, Mortenson se viu abrindo cartas e cartas de uma correspondência cheia de ódio.

Uma carta com um selo de Denver, mas sem remetente dizia:

"Gostaria que uma de nossas bombas tivesse caído em cima de você, porque você é contraproducente em relação aos nossos esforços militares."

Outra carta sem assinatura com um selo do Minnesota atacava Mortenson: "Nosso Senhor cobrará de você por ser um traidor", começava dizendo, antes de alertar Mortenson que "em breve sofrerá uma dor mais excruciante do que de nossos bravos soldados".

Mortenson abriu dezenas de cartas semelhantes sem assinatura até ficar deprimido demais para continuar lendo.

— Naquela noite, pela primeira vez, desde que comecei meu trabalho no Paquistão, eu pensei em desistir — diz ele. Esperava ouvir algo assim de um mulá ignorante de aldeia, mas receber esse tipo de carta de meus compatriotas me fez pensar se eu não deveria simplesmente parar.

Enquanto sua família dormia no andar de cima, Mortenson começou a se preocupar com a segurança deles.

— Eu podia enfrentar perigos sozinho onde eu estava — diz Mortenson. — Às vezes, eu não tinha escolha. Mas colocar Tara, Amira e

Khyber em perigo aqui em casa era simplesmente inaceitável. Eu não conseguia acreditar que eu tinha deixado isso acontecer.

Mortenson preparou um bule de café e continuou lendo. Muitas das cartas

louvavam os seus esforços, também. E ele se sentiu encorajado ao saber que num momento de crise nacional, sua mensagem estava ao menos sendo ouvida por alguns americanos.

Na tarde seguinte, 1º de novembro de 2001, Mortenson despediu-se da família antes mesmo de ter a chance de estar com eles, colocou na mala uma muda de roupa, e pegou um voo de ponte aérea para Seattle, onde deveria fazer uma palestra naquela noite. Jon Krakauer, no auge da fama depois do sucesso de seu livro *Into Thin Air* [No meio do nada] sobre os efeitos nefastos da comercialização para escalar o Monte Everest, quis apresentar Mortenson numa conferência que cobrou 25 dólares o ingresso para levantar fundos para o Instituto da Ásia Central. Sem fazer alarde, Krakauer tornou-se um dos maiores colaboradores do Instituto.

Num artigo promovendo o evento, intitulado "Jon Krakauer Reaparece do Meio do Nada", John Marshall, do *Seattle Post Intelligencer*, explicou que o escritor recluso havia concordado em fazer uma rara aparição pública, por acreditar que as pessoas precisavam conhecer o trabalho de Mortenson.

"O que Greg está fazendo é tão importante quanto as bombas que estão sendo lançadas", Marshall reproduziu do discurso de Krakauer. "Se o Instituto da Ásia Central não fizesse o que faz, o povo daquela região estaria provavelmente cantando: 'Odiamos os americanos!' Em vez disso, nos vêem como mediadores de sua salvação."

Na sede da Prefeitura de Seattle, localizada no alto do bairro de First Hill como a Acrópole de Atenas, Mortenson chegou 15 minutos atrasado, usando um shalwar kamiz. No Grande Salão, ele se emocionou ao ver que todas as cadeiras estavam ocupadas, e uma multidão se acotovelava para conseguir ver o palco do hall de entrada em estilo românico. Correu para tomar o seu lugar atrás do pódio.

— Vocês pagaram 25 dólares para estarem aqui. É um monte de dinheiro, mas não vou ler nenhuma passagem de meus livros esta noite —

disse Krakauer, depois que a plateia silenciou. — Em vez disso, vou ler de obras que falam mais diretamente às condições do mundo hoje, e a importância cada vez maior do trabalho de Greg.

Ele começou lendo *The Second Coming* [retorno], de William Butler Yeats.

— "As coisas ruem; o centro não consegue se manter" — leu Krakauer, com sua voz fina e abafada, tão desconfortável em estar diante de uma grande plateia quanto Mortenson. — "A mera anarquia está à solta no mundo,/ A onda de sangue segue ao largo e, por toda parte,/ Sucumbe o rito da inocência;/ Os melhores perderam toda a convicção, enquanto os piores/ São movidos pela força da paixão."

O lamento de Yeats não perdeu seu poder desde a publicação em 1920. O Grande Salão permanecia em silêncio depois que o último verso reverberou sob a abóbada acima da plateia. Então Krakauer leu um longo trecho de uma recente matéria da revista New York Times sobre o trabalho infantil em Peshawar, e quanto as condições econômicas instáveis facilitavam para que os clérigos extremistas os recrutassem.

— Quando Jon me apresentou, toda a plateia estava aos prantos, inclusive eu — diz Mortenson.

No momento de apresentar Mortenson, Krakauer ressaltou uma das observações de Yeats.

— Embora os piores possam realmente estar sendo movidos pela força da paixão — disse ele —, tenho certeza de que os melhores certamente não perderam toda a convicção. Como prova, vocês não precisam procurar além deste grande homem sentado atrás de mim. O que Greg conseguiu fazer, com muito pouco dinheiro, beira o milagre. Se pudéssemos clonar mais cinquenta Gregs, não tenho dúvida de que o terrorismo islâmico rapidamente iria se tornar numa coisa do passado.

Infelizmente, só há um como ele. Por favor, ajudem-me a receber Greg Mortenson.

Mortenson abraçou Krakauer, agradecendo a ele, depois pediu ao técnico para projetar o primeiro slide. K2 surgiu na tela por trás dele, com a sua pirâmide superbranca contra a abóbada azul do céu. Aqui, diante de muitos dos maiores alpinistas do mundo, estava o seu fracasso, projetado bem alto, com a altura de um sobrado de três andares, para milhares de pessoas verem. Então, por que ele sentia que sua vida havia atingido um novo cume?

Capítulo 21

Os sapatos de Rumsfeld

Hoje em Cabul, homens de cara-raspada coçaram os rostos.

Um velho de barba grisalha recém-aparada dançava na rua com um pequeno toca-fitas berrando músicas em seu ouvido.

Os Talibãs — que baniram a música e obrigaram os homens a ter barba — se foram.

— Kathy Gannon, 13 de novembro de 2001, jornalista da Associated Press

OS PILOTOS BRINCAVAM DE "DANÇA DAS CADEIRAS" A 35

MIL PÉS DE ALTITUDE. A cada dez minutos um deles deixava a cabine do velho 727 e outro tomava o assento. Oito dos ansiosos capitães da Ariana se reuniam na frente da cabine semivazia, bebendo chá e fumando pacientemente, enquanto esperavam a vez no comando. Com sete dos oito Boeings das companhias aéreas nacionais afegãs abatidos depois de terem sido atingidos por bombas e morteiros, este vôo de duas horas de quarenta e cinco minutos de Dubai a Cabul era uma chance para cada um dos pilotos pontuarem um pouco do precioso tempo de voo com o único avião comercial em uso no país.

Mortenson estava sentado a meio caminho entre os pilotos e as 15

aeromoças da Ariana espremidas no compartimento de trás. A cada dois minutos, desde que haviam saído de Dubai, uma força-tarefa de afegãs envergonhadas se revezava para encher o copo de plástico de Mortenson com mais Coca-Cola. Entre os revezamentos, um Mortenson cada vez mais intoxicado de cafeína apertava o nariz contra o vidro duplo da janela do avião, estudando o país que havia entrado em seus sonhos desde que começara a trabalhar no Paquistão.

Eles se aproximaram de Cabul vindo pelo sul, e quando o capitão, por sua vez

anunciou que estavam sobrevoando Kandahar, Mortenson endireitou-se para reerguer o encosto quebrado da cadeira, e estudar mais detalhes do lugar que tinha sido a sede de resistência do Talibã. Mas, a 30

mil pés, tudo que viu foi uma rodovia cortando uma extensa planície entre montanhas ocres e algumas sombras que poderiam ser edifícios. Talvez,

pensou Mortenson, isto fosse o que o Secretário de Defesa Rumsfeld estava se referindo quando reclamou que não havia bons alvos no Afeganistão e sugeriu, em vez disso, atacarem o Iraque.

Mas as bombas americanas, as inteligentes e as menos inteligentes, haviam caído sobre esta paisagem desértica. No computador do porão,-

Mortenson estudara as fotografias dos soldados americanos, na casa capturada de Mulá Omar, supremo líder do Talibã, em Kandahar, sentados na gigantesca cama de cores berrantes em estilo da Bavária, exibindo os cofres de aço que encontraram debaixo, cheios de cédulas de 100 dólares novinhas em folha.

A princípio, Mortenson apoiara a guerra no Afeganistão. Mas ao ler os relatórios sobre o aumento do número de mortes de civis, e saber detalhes por telefone por sua equipe nos campos de refugiados afegãos sobre quantas crianças haviam morrido ao pegarem, por engano, as cápsulas amarelas de bombas não-detonadas que se assemelhavam aos pacotes de comida do Exército, também lançados por aviões americanos como gesto humanitário, sua opinião começou a mudar.

"Por que os agentes do Pentágono nos dão o número de membros da Al-Qaeda e do Talibã mortos durante os bombardeios, mas não sabem dizer quando são perguntados sobre as mortes de civis?", quis saber Mortenson numa carta ao editor publicada no Washington Post, em 8 de dezembro de 2001. "Ainda mais assustadora é a relutância da mídia em questionar o secretário de Defesa Rumsfeld sobre essa questão nas entrevistas coletivas que concede à imprensa."

Toda noite, por volta das duas da manhã, Mortenson acordava e ficava deitado em silêncio ao lado de Tara, tentando afastar da mente as imagens dos civis mortos e tornar a dormir. Mas sabia que muitos dos civis nos campos bombardeados pelos americanos eram crianças que haviam frequentado as aulas custeadas pelo IAC no Campo de Shamshatoo, próximo a Peshawar, antes que as famílias se cansassem de viver como refugiados e retornassem ao Afeganistão. Ainda deitado, seus rostos faiscavam em sua mente em meio à escuridão e

inevitavelmente, ele acabava descendo, pé ante pé, até o porão e começava a ligar para o Paquistão para saber as últimas notícias. De seus contatos militares, descobriu que o embaixador do Talibã, Mulá Abdul Salaam Zaeeef, com quem tomara chá no Marriot, fora capturado e enviado, encapuzado e algemado, para a prisão extralegal em Guantánamo, Cuba.

— Durante aquele inverno, abrir a correspondência era como brincar de roleta russa — diz Mortenson. — Eu recebia algumas mensagens de encorajamento e doações. No envelope seguinte, diziam que Deus, com certeza, me daria uma morte dolorosa por estar ajudando os muçulmanos.

Mortenson fez o que pôde para proteger a família, e pediu um número de telefone fora da lista. Depois que a administradora da agência de correios soube das ameaças de morte que ele vinha sofrendo, e com o perigo do antraz ainda pairando no ar, passou a separar a correspondência que fosse enviada a ele sem remetente e repassá-la ao FBI.

Uma das mensagens mais encorajadoras veio de uma senhora filantropa de Seattle chamada Patsy Collins, que se tornou uma doadora regular do IAC. "Sou velha o suficiente para lembrar essa bobagem na época da Segunda Guerra Mundial, quando nos voltamos contra todos os japoneses e os confinamos sem motivo", escreveu ela. "Essas horríveis cartas de ódio são uma procuração para que você venha a público e diga aos americanos o que você sabe sobre os muçulmanos. Você representa a bondade e a coragem que existem nos Estados Unidos da América. Vá, não tenha medo, e espalhe a sua mensagem de paz. Aproveite para transformar este em seu melhor momento."

Embora estivesse com a mente focada no outro lado do mundo, Mortenson aceitou o conselho da sra. Collins e começou a marcar palestras, lançando a maior campanha que ele poderia engendrar. Ao longo dos meses de dezembro e janeiro, ele espantou o medo e apareceu diante de grandes platéias numa loja de produtos de acampamento em Seattle, numa palestra patrocinada pela AARP, em Minneapolis, na convenção estadual dos bibliotecários de Montana, e no Clube de Exploradores, em Manhattan.

Algumas palestras não chegavam a encher. No clube Yellowstone, na área de esqui Big Sky, ao sul de Bozeman, Mortenson foi levado a uma pequena sala no porão, onde seis pessoas estavam sentadas em cadeiras bem estofadas, diante de uma lareira a gás, esperando para ouvi-lo.

Lembrando como até a palestra diante de um mar de duzentas cadeiras vazias no Minnesota tivera um bom resultado no final, desligou a lareira, pendurou uma folha branca amassada na frente, e projetou os slides, enquanto falava apaixonadamente sobre os erros que acreditava que os Estados Unidos estavam cometendo na condução da guerra.

Mortenson reparou numa bela mulher de cerca de 30 anos sentada numa poltrona, vestindo suéter, jeans e um boné de beisebol, que prestava muita atenção no que ele estava dizendo. Ao desmontar a tela improvisada, ela se apresentou.

— Sou Mary Bono — disse ela. — Na verdade, representante Mary Bono. Sou representante republicana por Palm Springs e tenho que lhe dizer que aprendi mais com você na última hora do que em todas as reuniões a que compareci no Capitólio desde 11 de setembro. Temos de levá-lo até lá.

Mary Bono entregou a Mortenson um cartão de visitas e lhe que pediu ligasse quando o Congresso reabrisse suas sessões, para marcar uma palestra em Washington.

Nas mãos de outro capitão, o avião 727 da Ariana iniciou uma descida inclinada em direção a Cabul, mergulhando numa depressão poeirenta cercado por montanhas irregulares. Nervosa, a aeromoça fez uma dua, pedindo que Alá lhes concedesse uma aterrissagem segura. Eles desceram próximo aos Montes Logar, onde Mortenson podia vislumbrar as marcas dos tanques soviéticos do Talibã escondidos nas entradas das cavernas por trás das muralhas, onde, apesar disso, foram alvo fácil para as modernas munições guiadas a laser.

Por meses, Mortenson se informara sobre este local por e-mail, com Kathy Gannon, que havia aberto o caminho de volta à capital afegã depois que a vira pela última vez no hotel Marriot. De Kathy Gannon, ele soube como as forças do Talibã haviam fugido da cidade quando os tanques da Aliança do Norte rolaram para o sul, apoiados pelos aviões de caças americanos que concentraram fogo na "rua dos Convivas", o bairro mais sofisticado de Cabul, onde viviam os combatentes árabes aliados ao Talibã. E de Gannon, Mortenson soube como o povo dançou nas ruas ao som alto de rádios e toca-fitas que sobreviveram escondidos por toda Cabul, no dia 13 de novembro de 2001, o dia em que o Talibã, que banira todo o tipo de música, finalmente deixara a cidade.

Agora, em meados de fevereiro de 2002, ainda havia combates intensos nas distantes Montanhas Brancas que Mortenson podia ver pela janela, onde as forças de terra americanas estavam tentando debelar os focos de resistência entrincheirados. Mas Mortenson acreditou que Cabul, nas mãos da Aliança do Norte e dos aliados americanos seria o último lugar mais seguro para ser visitado.

O percurso entre o avião e o terminal, passando por equipes de resgate em escavadeiras para liberar as pistas de manobra, fez com que ele se questionasse se deveria ter vindo. Partes de outros aviões da Ariana permaneciam no lugar onde haviam sido bombardeados. As caudas dos aviões com a pintura queimada assomavam sobre o cenário como bandeiras de alerta. E fuselagens incineradas pareciam carcaças de baleias em decomposição ao longo da pista de decolagem esburacada.

Junto à porta de entrada do terminal, balançando-se ligeiramente ao vento cortante, o inconfundível chassi de um Fusca queimado oscilava virado de cabeça para baixo, com o lugar do motor e do banco de passageiro vazios.

O único agente da alfândega de Cabul sentado a uma mesa no terminal sem luz inspecionou o passaporte de Mortenson sob um feixe de sol que passava por um dos buracos que as bombas tinham aberto no teto.

Satisfeito, carimbou-o de qualquer jeito e mandou Mortenson seguir diante de um pôster do líder da Aliança do Norte assassinado, Shah Ahmed Massoud, que seus combatentes colaram na parede depois de terem tomado o aeroporto.

Mortenson se acostumara a ser recebido nos aeroportos no Paquistão.

Ao chegar a Islamabad, o rosto sorridente de Suleman era a primeira coisa que via depois de passar pela alfândega. Em Skardu, Faisal Baig forçaria a entrada junto à segurança do aeroporto para que o deixassem chegar próximo ao avião na pista para proteger Mortenson assim que aterrissasse.

Mas do lado de fora do terminal do aeroporto de Cabul, Mortenson se viu sozinho com uma horda de motoristas de táxi agressivos. Confiou em seu velho truque de escolher aquele que parecesse menos interessado, jogando a mala atrás e sentando-se ao lado dele.

Abdullah Rahman, como a maioria dos moradores de Cabul, tinha sido

desfigurado pela guerra. Ele não tinha pálpebras. O lado direito do rosto estava liso e esticado, queimado por uma mina terrestre que explodiu no acostamento da estrada assim que passou com o táxi. Suas mãos tinham sido tão queimadas que agora ele não conseguia mais fechá-las para segurar o volante do veículo. Mesmo assim, provou-se um exímio motorista pelo trânsito caótico de Cabul.

Abdullah, como muitos em Cabul, tinha uma pluralidade de empregos para alimentar a família. Por 1,20 dólar ao mês, trabalhava na biblioteca do Hospital Militar da cidade, guardando três caixas lacradas com velhos

livros de capa dura que, de alguma forma, haviam sobrevivido ao Talibã, que costumava queimar todos os livros que não fossem o Alcorão. Ele conduziu Mortenson ao local onde ficaria hospedado por uma semana, o albergue Paz de Cabul, todo crivado de balas, cujo nome não remetia ao seu estado após a guerra.

Em seu quarto diminuto, sem luz ou água corrente, Mortenson olhou entre as grades das janelas para os edifícios destruídos ao longo da ruidosa rua Bagh-e-Bala, e os cidadãos feridos claudicando entre eles, tentando pensar no que deveria fazer em seguida. Mas o plano de ação era tão difícil de discernir, como as feições das mulheres que passavam flutuando pela janela sob burkhas azul-escuras.

Antes de chegar, teve a ideia de alugar um carro e ir até o Norte, tentando fazer contato com os cavaleiros kirghiz que lhe pediram para ajudá-los em Zuudkhan. Mas Cabul ainda parecia tão vulnerável que ir às cegas até o campo parecia suicídio. A noite, tremendo de frio no quarto sem calefação, Mortenson ouviu tiros de armas automáticas ecoando por toda Cabul e os sons dos mísseis que a resistência talibã lançava contra a cidade das montanhas vizinhas.

Abdullah apresentou Mortenson a seu amigo Hashmatullah, de etnia pathan, (39) um belo jovem, que vivia de bicos, e que fora um soldado talibã, até que seus ferimentos comprometeram a permanência no campo.

39. Minoria étnica que fala afegão e vive a noroeste do Paquistão e sudeste do Afeganistão (N. da T.)

— Como muitos dos talibãs, Hash, como ele era chamado, era um jihadi apenas em teoria — explica Mortenson. — Ele era um rapaz inteligente que teria preferido trabalhar como técnico em telecomunicação a ser um combatente talibã, se tivesse tido essa chance. Mas o Talibã ofereceu-lhe 300 dólares quando se formou na madrassa para se juntar a eles. Então entregou o dinheiro à mãe em Khost, e apresentou-se para receber treinamento bélico.

Hash se feriu quando uma RPG da Aliança do Norte explodiu contra um muro no qual se escondera para se proteger. Quatro meses depois, as feridas nas costas ainda tinham pus e seus pulmões dilacerados assobiavam ao respirar. Mas Hash se sentia aliviado por estar livre das rígidas restrições do Talibã e raspava a barba que fora obrigado a usar. E

depois que Mortenson tratou de seus ferimentos e deu-lhe antibióticos, ele estava pronto para jurar fidelidade ao único americano que conhecera na vida.

Como quase tudo o mais em Cabul, as escolas tinham sido seriamente danificadas durante os combates. Elas haviam sido oficialmente programadas para reabrir mais tarde na primavera. Mortenson disse a Hash e Abdullah que queria ver como as escolas de Cabul estavam operando, então saíram no Toyota amarela de Abdullah, para tentar encontrá-las. Apenas 20% das 159 escolas de Cabul estavam em condições de funcionamento para começar a ter aulas, descobriu Mortenson. Eles teriam de se esforçar para acomodar os 300 mil alunos da cidade em turnos, ministrando aulas ao ar livre, ou em prédios tão destruídos, reduzidos a apenas um monte de pedras amontoadas, que não ofereciam qualquer proteção.

O Colégio Durkhani era o exemplo típico das necessidades não atendidas dos estudantes afegãos. A diretora, Uzra Faizad, disse a Mortenson através de sua burkha azul-clara que, quando a escola reabrisse, ela tentaria acomodar 4.500 alunos do lado de dentro e em volta do edifício construído na época do domínio soviético, onde a equipe de noventa professores pretendia lecionar todos os dias em três turnos. A projeção das inscrições do Colégio Durkhani crescia todos os dias, disse Uzra, à medida que as moças abandonavam o esconderijo, convencidas de que os talibãs, que proibiram a educação de mulheres, houvessem finalmente partido.

— Fiquei extasiado ouvindo a história de Uzra — diz Mortenson. —

Ali estava aquela mulher forte e robusta tentando fazer o impossível. Os muros da escola tinham sido totalmente destruídos. O telhado havia desabado. Ainda assim, ela vinha trabalhar todos os dias para arrumar o lugar, por acreditar piamente que a educação seja o único modo de solucionar os problemas no Afeganistão.

Mortenson tinha tido intenção de registrar o IAC em Cabul para poder providenciar as autorizações oficiais necessárias para começar a construir escolas. Mas como a eletricidade e o sistema de telefonia da cidade, os órgãos burocráticos não estavam funcionando.

— Abdullah me levou de carro de ministério em ministério, mas não havia ninguém em nenhum deles — diz Mortenson. — Então decidi voltar

ao Paquistão, levantar algum material para as escolas, e começar a ajudar no que pudesse.

Após uma semana em Cabul, Mortenson recebeu a oferta de uma passagem num voo da Cruz Vermelha para Peshawar. Depois do Afeganistão, os problemas do Paquistão pareciam contornáveis, pensou Mortenson, ao fazer a vistoria do Campo Shamshatoo para se certificar de que os professores estivessem recebendo seus salários pagos pelo IAC.

Entre Shamshatoo e a fronteira, ele parou para fotografar três garotos sentados sobre sacos de batatas. Com a lente, percebeu algo que não vira de longe. Eles tinham a mesma expressão apavorada que vira em Cabul.

Mortenson baixou a câmera e perguntou-lhes, em pachto, se precisavam de alguma coisa.

O mais velho, um rapaz de uns 13 anos chamado Ahmed, parecia aliviado em conversar com um adulto interessado. Ele explicou que, havia apenas uma semana, seu pai estava transportando uma carreta cheia de batatas que comprara em Peshawar até a pequena aldeia nos arredores de Jalalabad para vender, quando morreu atingido por um míssil lançado de um avião americano, junto com outras 15 pessoas que carregavam comida e suprimentos.

Com seus irmãos mais novos, Ahmed voltou a Peshawar, comprou outro carregamento de batatas com desconto de vendedores solidários que conheciam o pai deles, e estavam tentando arrumar uma carona de volta para reencontrar a

mãe e as irmãs, que tinham ficado em casa cuidando do velório.

Ahmed falou tão sem emoção sobre a morte do pai, e o fato de estar contando esta história para um cidadão do país cujas forças militares haviam matado seu pai, sem se comover, fez com que Mortenson tivesse a certeza de que o rapaz estava em estado de choque.

De certo modo, ele também estava. Mortenson passou três noites sem dormir no albergue Lar Doce Lar, depois que Suleman o buscou em Peshawar, tentando entender o que ele vira no Afeganistão. E depois da miséria de Cabul e do campo de refugiados, Mortenson ansiava em visitar a familiar Skardu. Pelo menos, foi o que sentiu até chamar Parvi para atualizá-lo sobre as condições das escolas do IAC.

Parvi contou a Mortenson que havia poucos dias, no meio da noite, um bando de baderneiros organizados por Agha Mubarek, um dos mais poderosos mulás de aldeia do norte do Paquistão, atacara seu mais novo

projeto, uma escola que estava quase concluída na aldeia de Hemasil, no vale do Shigar. Eles tentaram incendiá-la, Parvi relatou. Mas sem os forros de madeira do telhado e os caixilhos das janelas instalados, as paredes só haviam escurecido, mas não queimado. Então, batendo maças de demolição, os homens de Agha Mubarek reduziram as paredes da escola

— seus tijolos de pedra tão cuidadosamente esculpidos e assentados — a uma pilha de entulho.

Quando Mortenson chegou a Skardu para uma reunião de emergência sobre a escola de Hemasil, foi recebido com outras más notícias. Agha Mubarek havia lançado uma fatwa, proibindo Mortenson de trabalhar no Paquistão. O mais decepcionante para Mortenson foi o fato de um poderoso político local que ele conhecera chamado Imran Nadim, aliando-se à base conservadora xiita, havia declarado publicamente o apoio a Mubarek.

No andar de cima, tomando chá com biscoitos açucarados na sala de jantar particular do hotel Indo, Mortenson realizou uma jirga com seus colaboradores mais próximos.

— Mubarek quer uma colher de doce — disse Parvi, suspirando. —

Este mulá foi até o conselho da aldeia de Hemasil e pediu um "agrado"

para permitir que a escola fosse construída. Quando eles se recusaram, ordenou que a destruíssem e lançaram uma fatwa.

Parvi explicou que havia conversado com Nadim, o político que apoiou Mubarek, que indicou que o problema poderia ser resolvido com um valor em dinheiro.

— Fiquei furioso — disse Mortenson. — Queria atacá-lo com meus aliados da época do Exército e invadir a aldeia de Mubarek para fazê-lo mudar de ideia. Parvi aconselhou-lhe uma solução mais permanente.

— Se você se aproximar da casa desse bandido cercado de soldados, Mubarek prometerá tudo a você, depois mudará de ideia, assim que lhe der as costas — disse Parvi. — Precisamos resolver isso de uma vez por todas, em juízo. Perante a Corte Shariat.

Mortenson havia aprendido a confiar nos conselhos de Parvi. Com o velho amigo de Mortenson, Mehdi Ali, o ancião da aldeia em Hemasil que havia levado adiante a construção da escola, Parvi iria pressionar o caso perante a Corte Islâmica em Skardu, colocando muçulmanos contra muçulmanos. Mortenson, Parvi aconselhou, deveria manter-se à distância da batalha jurídica, e continuar seu trabalho crítico no Afeganistão.

Mortenson ligou para a diretoria de Skardu, relatando o que vira no Afeganistão e solicitou permissão para comprar material para a construção de escolas e levá-lo para Cabul. Para sua surpresa, Julia Bergman se ofereceu para voar até o Paquistão e acompanhá-lo na viagem que planejava fazer de carro de Peshawar a Cabul.

— Foi um gesto muito corajoso — disse Mortenson. — Ainda havia luta ao longo da estrada, mas não consegui convencer Julia a não vir. Ela sabia o quanto as mulheres do Afeganistão haviam sofrido sob o governo do Talibã e estava desesperada para ajudá-las.

Em abril de 2002, Julia Bergman, usando um shalwar kamiz esvoaçante e um pendentif de porcelana em torno do pescoço que dizia:

"Quero viver até o fim", atravessou o posto da fronteira em Landi Khotal com

Mortenson e subiu numa minivan que Monir, o taxista de Peshawar, amigo de Suleman, havia arranjado para a viagem até Cabul. O banco de trás e o porta-malas do veículo estavam lotados até o teto com material para as escolas que Bergman e Mortenson compraram em Peshawar.

Suleman, sem passaporte, estava histérico por não poder acompanhá-los para cuidar de ambos. Diante de sua aflição, Monir, também um pachtun, aproximou-se do amigo na minivan e apertou a nuca do taxista.

— Vou fazer um juramento de sangue — disse ele. — Se alguma coisa acontecer a este sahib e esta memsahib, mato você com as minhas próprias mãos.

— Fiquei surpreso ao ver que toda a área da fronteira estava aberta —

diz Mortenson. — Não vi seguranças em parte alguma. Osama e cem de seus combatentes poderiam ter entrado direto no Paquistão sem que houvesse ninguém para impedi-los.

A viagem de 322 quilômetros até Cabul levou 11 horas.

— Ao longo de toda a estrada vimos tanques e outros veículos militares queimados ou bombardeados — diz Bergman. — Eles contrastavam com a paisagem, que era belíssima. Por toda a parte, os campos estavam cobertos de papoulas vermelhas e brancas e, além delas, as montanhas cobertas de neve faziam o campo parecer mais tranquilo do que realmente era.

— Paramos para tomar chá e comer alguma coisa no hotel Spin Ghar, em Jalalabad — diz Mortenson —, que serviu com um dos quartéis-generais do Talibã. Parecia como as fotos da Segunda Guerra Mundial que eu vira de Dresden tiradas após o bombardeio. Meus amigos que fugiram

para Shamshatoo me disseram que a Força Aérea americana havia arrasado a região com os aviões B52. Em Jalalabad, me preocupei com a segurança de Julia. Eu via no olhar das pessoas o ódio que sentiam e fiquei pensando quantas das nossas bombas haviam atingido pessoas inocentes como o vendedor de batatas.

Depois que chegaram a Cabul em segurança, Mortenson levou Bergman ao hotel Intercontinental, sobre um monte de onde se via toda a cidade arrasada. O Intercontinental era praticamente a acomodação mais completa disponível em

Cabul. Apenas metade do edifício tinha sido destruída. Por 50 dólares por noite, receberam um quarto na ala "intacta", onde janelas explodidas estavam seladas com uma cobertura plástica e a equipe do hotel trazia baldes de água morna uma vez ao dia para eles se banharem.

Com Hash e Abdullah, os americanos percorreram o sistema educacional sobrecarregado da cidade. No Instituto Médico de Cabul, o centro de treinamento de médicos mais prestigiado do país, eles pararam para entregar livros médicos que uma doadora americana do IAC pedira a Mortenson para levar até Cabul. Kim Trudell, de Marblehead, Massachusetts, perdera o marido, Frederick Rimmele, quando, a caminho de uma conferência médica na Califórnia, em 11 de setembro, seu voo 175

da United Airlines, incendiou-se na explosão causada pelo combustível do avião ao se chocar contra a torre sul do World Trade Center. Trudell pediu a Mortenson para levar os livros médicos de seu marido a Cabul, por acreditar que a educação seja a chave para resolver a crise com os militantes do islã.

No salão de conferências lúgubre e sem aquecimento do instituto, sob um teto rombudo, Mortenson e Bergman encontraram quinhentos estudantes que prestaram toda a atenção à palestra. Agradeceram a doação dos livros por terem apenas dez dos livros de matéria médica necessários para o curso de anatomia avançada, descobriu Mortenson. E os quinhentos futuros médicos, 470 homens e 30 intrépidas mulheres, revezavam-se levando-os para casa e copiando os capítulos e os desenhos à mão livre.

Mas mesmo esse processo laborioso era um avanço nas condições da escola em relação a alguns meses antes. Dr. Nazir Abdul, pediatra, explicou que, enquanto o Talibã governou Cabul, baniram os livros que tivessem ilustrações e queimavam publicamente todos os que encontravam. Vigilantes do Talibã armados do desprezível Departamento

de Promoção da Virtude e da Prevenção do Vício postavam-se no fundo do salão de conferências durante as aulas, para garantir que os professores não fizessem desenhos anatômicos no quadro-negro.

— Somos médicos de livro, apenas — disse dr. Abdul. — Não dispomos dos instrumentos mais elementares de nossa profissão. Não temos dinheiro para comprar um medidor de pressão ou estetoscópios. E

eu, um médico, nunca usei um microscópio na vida.

Com Abdullah desviando-os das crateras abertas pelas bombas com as mãos cobertas de cicatrizes, Mortenson e Bergman visitaram um conglomerado de oitenta aldeias a oeste de Cabul chamado Maidan Shah.

Mortenson sabia que grande parte da ajuda estrangeira que começava a chegar lentamente ao Afeganistão se circunscreveria apenas a Cabul, e como a sua estratégia no Paquistão, estava ansioso para atender os pobres da área rural afegã. Os trezentos alunos da Escola Média de Shahabudeen precisavam de muito mais do que os lápis e cadernos que Hash ajudou Mortenson a descarregar do táxi de Abdullah.

Os professores de Shahabudeen davam aula para meninos mais novos em contêineres de navio enferrujados. Os alunos mais velhos da escola, nove meninos da nona série, estudavam no fundo de uma carreta blindada que fora aberta por uma bomba antitanque. Encaixada no buraco de disparo, que usavam como janela, a turma exibia seu prêmio: uma bola de vôlei que um agente da força de auxílio sueco lhes dera de presente.

— O sueco tinha longos cabelos dourados, como um cabrito montês —

disse um menino de olhar vivo a Mortenson, com piolhos saltando de seu cabelo cortado à escovinha, exibindo o conhecimento do vocabulário em inglês.

Mas foi a falta de proteção para as alunas da escola o que mais cortou o coração de Mortenson.

— Oitenta meninas foram obrigadas a estudar ao ar livre — diz Mortenson. — Elas estavam tentando ter aula, mas o vento jogava areia em seus olhos e derrubava o quadro-negro.

Elas ficaram emocionadas em receber cadernos e lápis novos, e seguraram os cadernos firme, para impedir que fossem soprados pelo vento.

Quando Mortenson retornava ao táxi, quatro helicópteros de ataque Cobra do Exército americano passaram sobrevoando a escola em alta velocidade, a 15 metros de altitude, assustando os alunos com os mísseis

Hellfire que brilhavam em suas rampas de lançamento. O quadro-negro das

meninas foi jogado longe com o vento provocado pelo rotor da hélice, arremessando-o contra o chão de pedra.

— Onde quer que fôssemos, víamos aviões e helicópteros americanos. E eu apenas imaginava o dinheiro que estávamos gastando com o Exército — diz Julia Bergman. — Mas onde estava a ajuda? Ouvi tanto falar sobre o que os Estados Unidos da América prometeram ao povo do Afeganistão enquanto eu estava em casa, como a reconstrução do país era uma de nossas prioridades máximas. Mas, chegar lá e ver tão poucas provas da ajuda às crianças afegãs, especialmente dos Estados Unidos, foi realmente vergonhoso e frustrante para mim.

No dia seguinte, Mortenson levou Bergman para conhecer a diretora da escola de Durkhani, e para deixar material para os 4.500 alunos de Uzra Faizad. Ele viu que os alunos de Faizad tinham de escalar toras de madeira para chegar às classes no segundo andar do prédio que resistiram aos bombardeios, pois as escadas foram destruídas pelas explosões e ainda não haviam sido reconstruídas, mas a escola estava funcionando além de sua capacidade, fazendo três turnos por dia. Feliz em ver Mortenson novamente, Uzra convidou os americanos para tomarem chá em sua casa.

Uzra, uma viúva, cujo marido mujahadeen fora morto lutando contra os soviéticos com as forças de Massoud, vivia numa simplicidade monástica num único cômodo num abrigo dentro do terreno da escola.

Durante o período do governo do Talibã, ela fugira para o norte indo para Taloqan, e lecionara para meninas escondido depois que a cidade caíra.

Mas agora, de volta em casa, defendia a educação feminina abertamente.

Uzra levantara a cortina de lençol que cobria a única janela, removeu a burkha que cobria todo o seu corpo, e pendurou-a num gancho acima de um de seus únicos bens, um cobertor de lã perfeitamente dobrado. Então abaixou-se junto a um pequeno fogão de gás propano para preparar o chá.

— Se o Talibã se foi, por que ainda usa a burkha? — perguntou Bergman.

— Sou uma senhora conservadora — respondeu Uzra —, e ela me cai bem. Também, me sinto mais segura dentro dela. De fato, insisto que todas as minhas professoras usem a burkha na rua ou no mercado. Não queremos dar a ninguém

uma desculpa para interferir nos estudos de nossas meninas.

— Mas não se sente, não sei, oprimida, por ter de olhar através dessa pequena fenda? — perguntou Bergman, uma mulher emancipada que

morava em San Francisco.

Uzra abriu um largo sorriso pela primeira vez desde que Mortenson a conhecesse, e como estava sem a burkha, ficou impressionado com o quão bonita ela ainda era aos 50 anos, apesar das dificuldades que já tivera de enfrentar.

— Nós, mulheres do Afeganistão vemos a luz através da educação —

replicou Uzra. — Não através deste ou daquele buraco num pedaço de pano.

Quando o chá verde ficou pronto, Uzra serviu os convidados, desculpando-se por não ter açúcar para lhes oferecer.

— Há um favor que preciso lhes pedir — disse Uzra, depois que todos beberam um gole do chá. — Somos muito gratos pelos americanos terem expulsado os talibãs. Mas há cinco meses não recebo meu salário, mesmo com a promessa de que seria pago em breve. Vocês podem levar meu problema a alguém nos Estados Unidos para ver se eles sabem o que aconteceu?

Depois de entregar 40 dólares dos fundos do IAC a Uzra e distribuir 20 dólares para cada uma das noventa professoras que também não tinham recebido seus salários, Mortenson acompanhou Bergman em segurança até um vôo charter das Nações Unidas para Islamabad e começou a tentar localizar o dinheiro de Uzra. Em sua terceira odisséia através dos corredores cheios de eco do Ministério da Fazenda em ruínas, ele encontrou o assessor do ministro da Fazenda do Afeganistão, que não sabia o que dizer quando Mortenson lhe perguntou por que Uzra e suas professoras não estavam recebendo seu salário.

— Ele me disse que menos de um quarto do dinheiro do auxílio que o presidente Bush havia prometido ao seu país realmente chegara ao Afeganistão. E desses fundos insuficientes, disse que 680 milhões de dólares foram "redirecionados" para construir pistas de aterrissagem e encher depósitos de suprimentos em Barein, Kuwait e Catar para a invasão do Iraque, que todos esperavam para breve.

No voo do 727 da Ariana para Dubai, no 777 da British Air para Londres, e no 767 da Delta Airlines para Washington, D.C., Mortenson se sentiu como um míssil térmico acelerando em direção ao seu próprio governo, insuflado pela indignação.

— O nosso momento para transformar todo o sofrimento que ajudamos a causar ao Afeganistão em algo positivo estava escapando pelos

dedos. Eu estava tão aborrecido que andava de um lado para o outro pelos corredores dos aviões durante todo o trajeto até Washington, D.C. — diz Mortenson. — Se não conseguíamos providenciar algo tão simples como o salário mensal de 40 dólares de uma heroína como Uzra, então como esperar realizar o trabalho duro e necessário para vencer a guerra contra o terror?

Era impossível para Mortenson dirigir sua raiva a Mary Bono.

Quando o ex-cantor de música popular e congressista Sonny Bono, representante republicano por Palm Springs, Califórnia, morreu esquiando num choque contra uma árvore em 1998, ela foi encorajada a se candidatar para ocupar a cadeira do marido por Newt Gingrich.^{4º} E como seu falecido marido, sua representação foi considerada risível pelos seus opositores antes de provar sua competência política. Ex-ginasta, alpinista e instrutora física, Mary Bono mal parecia uma republicana mediana quando chegou a Washington, D.C., aos 37 anos de idade, especialmente quando apresentou o físico bem talhado num traje de gala nas comemorações oficiais.

E logo Mary Bono, com uma inteligência tão perturbadora quanto a sua aparência, estava sendo considerada uma estrela em ascensão dentro do Partido Republicano. Quando Mortenson chegou ao seu gabinete no Capitólio, Bono havia vencido disparado a reeleição e o respeito de seus pares em ambos os partidos. E na capital americana, o Distrito de Colúmbia, dominada pela testosterona, sua aparência não era exatamente uma vantagem.

— Quando cheguei a Washington, D.C., eu não tinha ideia do que iria fazer. Sentime como se tivesse sido abandonado numa aldeia remota no Afeganistão onde não conhecia os costumes — diz Mortenson. — Mary gastou um dia inteiro comigo, mostrando-me como tudo funcionava. Ela me acompanhou por um túnel que ia de seu gabinete ao Capitólio, com dezenas de outros deputados seguindo para o plenário para votar e, ao longo do caminho, foi me apresentando a todo

mundo. Ela fazia todos os congressistas corarem como meninos de escola. E eu, também, especialmente quando começou a me apresentar às pessoas, dizendo:

"Aqui está alguém que você deveria conhecer. Este é Greg Mortenson. Ele é um verdadeiro herói americano."

Mary Bono havia marcado uma palestra para Mortenson, num salão do Capitólio, e enviou um comunicado a todos os membros do Congresso,

convidando-os para "conhecer um americano que está combatendo o terrorismo no Paquistão e no Afeganistão construindo escolas para meninas."

— Depois que ouvir Greg falar, era o mínimo que eu poderia fazer —

diz Mary Bono. — Encontro tantas pessoas todos os dias que dizem que estão tentando fazer algo de bom e ajudar as pessoas. Mas Greg é autêntico.

40. Newton Leroy Gingrich (17/06/1943), Ph.D., foi presidente do Congresso americano de 1995 a 1999. A liderança de Gingrich foi marcada pela oposição a muitas das políticas do governo Clinton (<http://www.reference.com/search?q=Newt%20Gingrich>). (N. da 7.) Ele está fazendo o que é certo. E eu sou sua maior fã. Os sacrifícios que ele e a família tiveram de suportar são impressionantes. Ele representa o que a América tem de melhor. Eu quis apenas fazer o que estava ao meu alcance para que sua humanidade tivesse a chance de contagiar o maior número de pessoas possível.

Depois de instalar o velho projetor de slides, remendado com uma fita isolante recém-colocada, Mortenson virou-se para encarar um salão cheio de membros do Congresso e as equipes de assessores. Ele estava usando seu único terno xadrez de cor parda, e um velho par de mocassins de couro marrom. Mortenson preferia estar encarando um mar de duzentas cadeiras vazias, mas lembrou-se como a pergunta inocente de Uzra sobre o atraso do salário o havia posto nesta missão, então projetou o primeiro slide. Mortenson apresentou imagens da beleza e da pobreza impressionantes do Paquistão, e falou de forma cada vez mais acalorada sobre a falta do pagamento do salário de Uzra e a importância de os Estados Unidos manterem sua promessa de reconstruir o Afeganistão.

Um congressista republicano da Califórnia interrompeu Mortenson no meio da frase para questioná-lo: — Construir escolas para crianças é muito importante, e bonito — disse o congressista, lembra-se Mortenson.

— Mas nossa prioridade agora como nação é a segurança. Sem segurança, que importa tudo isso?

Mortenson respirou fundo. Ele sentiu uma chama da raiva que trouxera consigo durante toda a viagem a partir de Cabul.

— Não estou fazendo isto para combater o terrorismo — respondeu Mortenson, medindo bem as palavras, para não ser expulso do Capitólio. -

Faço porque me importo com as crianças. Combater o terrorismo talvez

seja o sétimo ou oitavo item em minha lista de prioridades. Mas trabalhando lá, aprendi algumas coisas. Aprendi que o terrorismo não acontece por que um grupo de pessoas em algum lugar como o Paquistão ou Afeganistão simplesmente decidiu nos odiar. Acontece porque as crianças não têm uma perspectiva de futuro suficientemente brilhante para preferirem viver em vez de morrer.

Então Mortenson continuou falando de uma forma eloqüente inusitada, com a sensação do que vira na passagem pelo Afeganistão tomando a sua consciência. Falou sobre as escolas públicas empobrecidas do Paquistão. Falou sobre as Wahhabi madrassas reproduzindo-se como células cancerígenas, e os bilhões de dólares que os xeiques sauditas levavam àquelas regiões em malas, para abastecer as fábricas de jihadis. A medida que continuava falando, o salão de conferências ficou em silêncio, exceto pelo ruído das canetas e lápis rabiscando furiosamente.

Depois de terminar de falar e responder uma série de perguntas, uma assessora legislativa de uma congressista da cidade de Nova York apresentou-se enquanto Mortenson guardava seus slides.

— Isto é impressionante — disse ela. — Como não lemos nada disso nos jornais ou em nossos relatórios? Você precisa escrever um livro sobre isto.

— Não tenho tempo para escrever um livro — disse Mortenson, no momento em que o general Anthony Zinni, o ex-diretor do CentCom chegou acompanhado por oficiais uniformizados para apresentar a palestra seguinte.

— Você deveria arranjar tempo — respondeu ela.

— Pergunte à minha mulher, se não acredita em mim. Não tenho tempo nem para dormir.

Após a palestra, Mortenson caminhou a esmo pela avenida principal em direção ao rio Potomac, imaginando se haviam entendido o que ele dissera. Grupos de turistas passeavam pelo gramado, entre o V do memorial do Vietnã e o palácio de mármore branco, onde a estátua de Lincoln, feita à sua semelhança, esperava que o país curasse suas feridas recentes.

Poucos meses depois, Mortenson se viu do outro lado do Potomac, convidado a ir até o Pentágono pelo general da Marinha que doara mil dólares ao IAC depois de ler sobre o trabalho de Mortenson.

O general acompanhou Mortenson por um corredor de chão de mármore polido até o gabinete do secretário de Defesa.

— O que mais lembro é que as pessoas por quem passávamos não nos encaravam — diz Mortenson. — Caminhavam apressadas, a maioria carregando laptops debaixo do braço, correndo até o próximo compromisso, como mísseis, como se não tivessem tempo para olhar para mim. E me lembro de pensar que eu estivera no Exército, mas eles não se assemelhavam aos militares que eu conhecia. Este era um exército de laptops.

No gabinete do secretário de Defesa, Mortenson lembra-se de se surpreender de não terem lhe oferecido uma cadeira para se sentar. No Paquistão, reuniões com altos comissários, mesmo curtas, significavam, no mínimo, serem oferecidas uma cadeira e uma xícara de chá. De pé de forma desconfortável, usando um terno que raramente vestia, Mortenson não sabia o que deveria fazer ou dizer.

— Ficamos apenas um minuto, enquanto eu era apresentado — diz Mortenson. — E gostaria de poder relatar que eu disse algo impressionante a Donald Rumsfeld, o tipo de coisa que o faria questionar toda a condução da guerra contra o terrorismo, mas o que realmente fiz foi olhar para seus sapatos.

— Não conheço muito esse assunto, mas mesmo eu pude ver que realmente eram sapatos muito bons. Pareciam caros e estavam perfeitamente lustrados. Lembro também que Rumsfeld vestia um terno cinza bem talhado, e cheirava a colônia. E me lembro de pensar, mesmo sabendo que o Pentágono havia sido atingido por um avião sequestrado, que estávamos muito longe da frente de batalha, do calor e da poeira de onde eu havia saído em Cabul.

De volta ao corredor inóspito, seguindo até uma sala na qual Mortenson era esperado para falar com planejadores militares de primeiro escalão, ele ponderou sobre quanto a distância que sentia no Pentágono afetaria as decisões tomadas neste edifício. Como seus sentimentos sobre a condução da guerra mudariam, se tudo o que ele acabara de ver, os meninos que perderam o pai vendedor de batatas, as meninas que tinham um quadro-negro que tombava com o vento, e todos os feridos tentando caminhar pelas ruas de Cabul com os restos dos membros que as minas terrestres e as bombas haviam lhes deixado, eram apenas números numa tela de laptop?

Numa pequena sala de palestras praticamente cheia com oficiais uniformizados, entremeados por civis de terno e gravata, Mortenson não atacou.

— Senti que qualquer coisa que eu tivesse a dizer iria parecer fútil.

Eu não iria mudar o modo que o governo Bush havia decidido lutar as suas guerras, então resolvi deixar rolar.

— Eu apoiei a guerra no Afeganistão — disse Mortenson, depois de se apresentar. — Acreditei nele, porque achei que falávamos sério quando dissemos que planejávamos reconstruir o Afeganistão. Estou aqui, porque sei que a vitória militar é apenas a primeira fase para se vencer a guerra contra o terrorismo, mas temo que não queiramos dar os passos seguintes.

Então Mortenson falou das tradições tribais que tratavam dos conflitos na região — o modo como os contendores faziam uma jirga antes de entrar em guerra para discutir quantas perdas seriam capazes de suportar, uma vez que os vencedores teriam de cuidar das viúvas e dos órfãos dos vencidos.

— O povo naquela parte do mundo está habituado à morte e à violência — disse Mortenson. — E se lhes dissermos: "Lamento a morte de seu pai, mas ele morreu como um mártir para que o Afeganistão pudesse se libertar" e, se lhes oferecermos alguma compensação e respeito pelo seu sacrifício, acredito que o povo nos apoiará, mesmo agora. Mas estamos fazendo a pior coisa que se pode fazer: ignorar as vítimas, chamando-os de

"dano colateral", sem sequer contar os mortos. Porque ignorá-los é negar que tenham existido, e não há insulto maior no mundo islâmico. Por isso, jamais seremos perdoados.

Depois de uma hora, reiterando o aviso sobre as legiões de jihadis que estavam sendo forçados nas madrassas extremistas, Mortenson encerrou a palestra com uma ideia que lhe ocorreu enquanto passava pelos escombros de uma casa que vira no local onde caiu um míssil de cruzeiro na rua dos Convivas, em Cabul.

— Não sou um especialista militar — disse Mortenson. — E esses números podem não estar corretos. Mas pelo que sei, lançamos 114

mísseis de cruzeiro Tomahawk até agora no Afeganistão. Agora peguem o custo de um desses mísseis de acordo com o sistema de classificação Raytheon, que acredito que seja cerca de 840 mil dólares. Com todo esse dinheiro, poderiam ser construídas dezenas de escolas que resultariam em dezenas de milhares de estudantes com uma educação equilibrada não-

extremista por mais uma geração. O que acreditam que nos traria mais segurança?

Depois da palestra, um homem de boa aparência, cuja ascendência militar era visível, aproximou-se de Mortenson, mesmo envergando um terno impecável.

— Poderia nos fazer um mapa de todas as Wahhabi madrassas? — perguntou ele.

— Não se eu quisesse continuar vivo — respondeu Mortenson. —

Poderia construir uma escola próxima a cada madrassa?

— Como se fosse uma Starbucks? Para riscar os jihadis do mapa?

— Estou falando sério. Podemos arrumar o dinheiro para você. Que tal 2,2 milhões de dólares? Quantas escolas você construiria com essa quantia? —o homem perguntou.

— Cerca de cem — respondeu Mortenson.

— Não é isso que você quer?

— O povo descobriria que o dinheiro veio de uma fonte militar e eu não poderia mais abrir escolas.

— Sem problema. Podemos fazer parecer uma doação particular de um executivo de Hong Kong.

O homem folheou um caderno com uma lista de bens militares misturados. Mortenson viu nomes estrangeiros que ele não conhecia e valores assinalados nas margens: 15 milhões de dólares, 4,7 milhões de dólares, 27 milhões de dólares.

— Pense nisso e me ligue — disse ele, escrevendo algumas linhas no caderno e entregando um cartão a Mortenson.

Mortenson realmente pensou no assunto. O bem que irradiaria de uma centena de escolas estava constantemente em sua mente, e ele imaginava em pegar o dinheiro do Exército em 2002, embora soubesse que nunca pudesse fazê-lo.

— Percebi que minha credibilidade naquela parte do mundo dependia de eu não estar associado ao governo americano — diz Mortenson —, especialmente os militares.

As concorridas palestras com apresentação de slides que ele continuou a fazer naquele ano elevaram consideravelmente o saldo bancário do IAC, mas as finanças da organização estavam precárias como nunca. Apenas manter as escolas do IAC no Paquistão, enquanto lançava

uma nova iniciativa para as crianças do Afeganistão, acabaria com os recursos do IAC se Mortenson não tomasse cuidado.

Mortenson resolveu abrir mão do aumento que a diretoria havia aprovado para ele, de 28 mil dólares para 35 mil dólares por ano, até que as finanças do IAC estivessem novamente equilibradas. E, ao entrarem em 2003, à medida que as manchetes sobre as armas de destruição em massa e a aproximação da guerra contra o Iraque abatiam Mortenson a cada dia de manhã cedo quando se sentava ao computador, ele ficava ainda mais satisfeito em ter recusado o dinheiro dos militares.

Nos pesados dias após o 11 de setembro, a doadora sênior de Mortenson, Patsy Collins, havia insistido que ele se manifestasse e lutasse pela paz, pouco antes de morrer, para transformar este momento de crise nacional em seu melhor momento. E viajando por todos os Estados Unidos, em meio à turbulência que os ataques deixaram em seu rastro, Mortenson certamente superou a timidez e

cumpriu o dever de falar. Mas, ele se perguntou, preparando a mala para a vigésima sétima viagem ao Paquistão, preparando-se para se separar, mais uma vez, de forma dolorosa, de sua família, quem saberia dizer se alguém estaria ouvindo?

Capítulo 22

"O inimigo é a ignorância"

Enquanto os Estados Unidos confrontam o regime de Saddam Hussein no Iraque, Greg Mortenson, 45, está silenciosamente promovendo a sua própria campanha contra os fundamentalistas islâmicos, que, muitas vezes, recrutam membros por meio de escolas religiosas chamadas madrassas. A abordagem de Mortenson se baseia numa simples ideia: de que construindo escolas laicas e ajudando a promover a educação —

especialmente para meninas — na zona de guerra mais volátil do mundo, o apoio ao Talibã e a outros grupos extremistas acabará se extinguindo.

— Kevin Fedarko, matéria de capa da revista Parade, de 6 de abril de 2003

HUSSAIN PISOU NO FREIO ONDE A ESTRADA TERMINOU, E

OS PASSAGEIROS desceram passando por cima da caixa de dinamite sob a cobertura de plástico. Estava escuro quando a estrada de terra por onde sacolejaram por dez horas acabou numa trilha que continuava entre as pedras — a cabeça de trilha para o Alto Karakoram. Para Mortenson, Hussein, Apo e Baig, chegar ao último povoado antes do Baltoro era um reconfortante sinal de boas-vindas. Mas para Kevin Fedarko, parecia que ele havia caído no extremo selvagem do planeta.

Fedarko, ex-editor da revista Outside, havia deixado de trabalhar na redação para fazer reportagens de campo. E naquela fria noite de setembro, Fedarko e o fotógrafo Tem Kuwayama se viram no meio de lugar nenhum.

— As estrelas sobre o Karakoram naquela noite estavam incríveis, pareciam uma massa sólida de luz — lembra-se Fedarko.

Então três estrelas se despregaram do firmamento e desceram para dar as boas-vindas aos visitantes da aldeia de Korphe.

— O chefe de Korphe e dois de seus companheiros vieram descendo o penhasco em ziguezague acima de nós — diz Fedarko. — Eles traziam lampiões chineses e nos escoltaram por uma ponte suspensa elevando-nos no meio da escuridão. É o tipo de coisa que nunca se esquece: era como

estar entrando em uma aldeia medieval, caminhando entre alamedas de pedra e lama sob a luz fraca dos lampiões.

Fedarko viera ao Paquistão para apurar a matéria que viria a publicar na Outside, chamada "A guerra mais fria". Após 19 anos de luta, nenhum jornalista esteve in loco em nenhum dos lados do conflito nas altitudes entre Índia e Paquistão. Mas com a ajuda de Mortenson, ele seria o primeiro.

— Greg fez de tudo para me ajudar — diz Fedarko. — Obteve as autorizações junto ao Exército paquistanês, apresentou-me a todo mundo, e organizou as viagens de helicóptero para Teru e eu. Eu não tinha conhecidos no Paquistão e jamais poderia ter feito isso sozinho. Greg demonstrou uma imensa generosidade que superava tudo o que já tinha vivido como jornalista.

Mas ao deitar-se para dormir naquela noite e cobrir-se para se proteger do frio em "cobertores de lã sujos que fediam como defunto de bode", ele não tinha como saber que logo estaria retribuindo, e muito, a gentileza de Mortenson.

— De manhã, quando abri os olhos — diz Fedarko —, me senti como se estivesse no meio de um carnaval.

— Antes de morrer, Haji Ali fez uma pequena construção ao lado de sua casa, e me disse para considerá-la o meu lar no Baltistão — diz Mortenson. — Twaha havia decorado ele mesmo com retalhos de tecido de diferentes cores, cobriu o chão com cobertores e almofadas, e colou nas paredes fotos de todas as minhas

viagens a Korphe. Tornou-se uma combinação de clube masculino e prefeitura extra-oficial de Korphe.

Quando Fedarko se sentou para aceitar uma xícara de chá, uma reunião da aldeia estava para começar.

— O povo estava tão ansioso para ver Greg que eles entraram e nos cercaram enquanto dormíamos — diz Fedarko —, e assim que puseram uma xícara de chá em nossas mãos, a reunião começou, com todos rindo, gritando e discutindo, como se já tivéssemos acordado há horas.

— Toda vez que eu vinha a Korphe ou a qualquer aldeia onde estivéssemos trabalhando, normalmente gastava alguns dias fazendo reuniões com o conselho da aldeia — diz Mortenson. — Sempre havia muito trabalho a ser feito. Eu tinha de receber os relatórios sobre a escola, descobrir se algo precisava ser consertado, se os alunos precisavam de material, se os professores estavam sendo pagos regularmente. Também

sempre havia alguns pedidos de outras coisas: mais uma máquina de costura para o centro feminino, um pedido de conserto de uma tubulação de água. Esse tipo de coisa. Trabalho corriqueiro.

Mas nesta manhã, algo inusitado aconteceu na última aldeia do vale do Braldu. Uma jovem bonita e confiante irrompeu na sala, atravessou o círculo de trinta homens que tomavam chá, sentados, de pernas cruzadas, sobre as almofadas, e aproximou-se do homem que construíra a escola para Korphe. Sentando-se de modo corajoso diante de Mortenson, Jahan interrompeu a reunião dos anciões da aldeia.

— Dr. Greg — disse ela em balti, com a voz firme. — Você fez uma promessa à nossa aldeia uma vez e a cumpriu quando construiu a escola.

Mas fez outra promessa a mim no dia em que a escola foi terminada.

Lembra-se disso?

Mortenson sorriu. Toda vez que visitava uma das escolas do IAC, ele aproveitava para perguntar aos alunos um pouco sobre eles e seus objetivos para o futuro, especialmente as meninas. Os líderes das aldeias que o acompanhavam estranharam no início, surpresos que um adulto perdesse horas perguntando

sobre os sonhos e esperanças das meninas.

Mas nas novas visitas, eles logo atribuíram esta conversa à excentricidade de Mortenson e se resignaram a esperar, enquanto ele apertava a mão de cada aluno e lhes perguntava o que queriam ser um dia, prometendo ajudá-

los a atingir esses objetivos, se estudassem bastante. Jahan fora uma das melhores alunas da escola de Korphe, e Mortenson sempre a ouvira falar sobre as esperanças que nutria para sua carreira.

— Eu lhe disse que meu sonho era um dia me tornar uma médica e você disse que me ajudaria — disse Jahan, no meio do círculo de homens.

— Bem, esse dia chegou. Você deve manter a promessa que fez a mim.

Estou pronta para começar o curso de medicina e preciso de vinte mil rúpias.

Jahan desdobrou uma folha de papel onde escrevera cuidadosamente um requerimento em inglês, detalhando o curso de obstetrícia que queria fazer em Skardu. Mortenson, impressionado, reparou que ela havia marcado até o valor da anuidade e o custo do material escolar.

— Isso é ótimo, Jahan — disse Mortenson. — Vou ler assim que tiver tempo e conversar com seu pai.

— Não! — disse Jahan, em inglês, de propósito, antes de voltar a falar em balti para explicar melhor o que queria dizer. — Você não está

entendendo. As aulas começam semana que vem. Preciso do dinheiro agora!

Mortenson sorriu diante da coragem de Jahan. A primeira a se formar na primeira turma de sua primeira escola havia obviamente aprendido a lição que ele esperava que todas as alunas acabassem aprendendo — a não se colocarem atrás dos homens. Mortenson pediu a Apo que lhe passasse a sacola de rúpias do IAC que o velho cozinheiro trazia com ele, curiosamente, uma mochila cor-de-rosa de criança, e separou vinte mil rúpias, cerca de 400 dólares, antes de entregá-las ao pai de Jahan para pagar a anuidade da filha.

— Foi uma das coisas mais incríveis a que assisti na vida — diz Fedarko. Aquela adolescente entrou, valsando no meio de um círculo de homens de uma

aldeia islâmica conservadora, quebrando centenas de anos de tradição ao mesmo tempo: ela se formara na escola e era a primeira mulher a ser educada num vale de três mil pessoas. Ela não se acanhou, sentou-se diante de Greg, e entregou-lhe o resultado das qualidades revolucionárias que ela adquirira: uma proposta, em inglês, para se aprimorar a si mesma, e melhorar a vida de sua aldeia.

— Naquele momento — diz Fedarko —, pela primeira vez em 16

anos trabalhando como jornalista, perdi toda a objetividade. Eu disse a Greg: "O que você está fazendo aqui é algo muito mais importante do que a matéria que vim cobrir. Tenho de descobrir algum jeito de contá-la."

No final do outono, parando em Nova York a caminho de casa para se recuperar após passar dois meses na altitude entre soldados da Índia e Paquistão, Fedarko almoçou com um velho amigo, Lamar Graham, então editor-executivo da revista *Parade*.

— Lamar me perguntou sobre minha matéria de guerra, mas me vi apenas falando sobre tudo o que vira e fizera durante o tempo que passei ao lado de Greg — diz Fedarko.

— Foi uma das histórias mais surpreendentes que já ouvi — diz Graham. — Eu disse a Kevin que, mesmo que apenas metade daquilo tudo fosse verdade, tínhamos de publicá-la na *Parade*.

No dia seguinte, o telefone tocou no porão de Mortenson.

— Cara, você existe? — Graham perguntou com o sotaque arrastado do Missouri. — Você realmente fez tudo o que Kevin me contou? No Paquistão? Sozinho? Porque se fez, você é meu herói.

Mortenson sempre se intimidou por muito pouco. Nesse dia não foi diferente.

— Bem, acho que sim — respondeu ele devagar, sentindo o rosto corar —, mas eu tive muita ajuda.

No domingo, 6 de abril, com as forças de terra americanas reunindo-se nos arredores de Bagdá, abrindo caminho até a posição para o assalto final à capital

de Saddam Hussein, 34 milhões de exemplares de uma revista com a foto de Mortenson na capa e uma manchete que dizia: "Ele combate o terrorismo com livros" invadiu os jornais do país.

Nunca Mortenson alcançara tantas pessoas, num momento tão crítico.

A mensagem que ele lutara tanto para divulgar, desde a manhã em que foi acordado em Zuudkhan para ouvir as notícias sobre Nova York, finalmente fora ouvida. A matéria de Fedarko iniciava com Jahan irrompendo no círculo de homens em Korphe, depois associava o trabalho de Mortenson do outro lado do mundo com o bem-estar dos americanos em suas casas.

"Se tentarmos solucionar o terrorismo com força militar e nada mais", Mortenson dizia na entrevista para os leitores da Parade, "então não estaremos mais seguros do que estávamos antes de 11 de setembro. Se realmente quisermos deixar um legado de paz para nossos filhos, precisamos compreender que esta é uma guerra que será ganha, ao final, com livros, não com bombas."

A mensagem de Mortenson tocou um nervo exposto do país, propondo a uma nação profundamente dividida outra forma de tratar a guerra contra o terrorismo. Mais de 18 mil cartas e e-mails jorraram de todos os cinquenta estados americanos e de vinte países estrangeiros.

— A história de Greg criou uma das respostas dos leitores mais retumbantes nos 64 anos de publicação da Parade — diz Lee Kravitz, o editor-chefe da revista Parade. — Creio que seja por que as pessoas compreendem que ele seja o verdadeiro herói americano. Greg Mortenson está fazendo sua guerra pessoal contra o terrorismo que produz um impacto sobre todos, e sua arma não são metralhadoras ou bombas, mas escolas. Que história seria melhor do que esta?

Os leitores americanos concordaram. Todos os dias, por várias semanas depois que o artigo foi publicado, a onda de e-mails, cartas e ligações de apoio aumentavam, ameaçando inundar uma pequena organização humanitária dirigida de um porão em Montana.

Mortenson pediu ajuda a sua pragmática amiga de família, Anne Beyersdorfer, uma democrata liberal que mais tarde serviria de assessora de imprensa na campanha bem-sucedida de Arnold Schwarzenegger para o governo da Califórnia. Anne voou de Washington, D.C., para montar um centro de "choque e horror" no porão de Mortenson. Ela contratou um serviço de telefone em

Omaha, Nebraska, para atender as ligações, e aumentou a banda larga do site na internet do Instituto da Asia Central para dar maior fluxo aos acessos que ameaçavam derrubá-la.

Na terça-feira depois que o artigo foi publicado, Mortenson foi buscar a correspondência endereçada à Caixa Postal 7209 do IAC. Havia oitenta cartas dentro da caixa postal. Quando Mortenson voltou na quinta, encontrou um bilhete colado na caixa postal pedindo para pegar a correspondência no balcão.

— Então você é Greg Mortenson — disse o agente dos correios. —

Espero que tenha trazido um carrinho de mão.

Mortenson colocou cinco sacos de lona com cartas na Toyota e retornou no dia seguinte para carregar mais quatro. Nos três meses que se seguiram, as cartas dos leitores da Parade mantiveram os agentes dos correios de Bozeman bastante ocupados.

Quando as imagens da derrubada da estátua de Saddam Hussein foram divulgadas em todo o mundo, Mortenson entendeu que sua vida mudara para sempre — o apoio que chegava de todos os lugares não lhe dava outra escolha senão aceitar a nova projeção em nível nacional.

— Senti como se os Estados Unidos da América houvesse dado sua opinião. Minha tribo dera a sua opinião — diz Mortenson. — E a coisa mais surpreendente foi que depois que terminei de ler todas as mensagens, havia apenas uma negativa em todo aquele monte de cartas.

A resposta foi tão positiva que curou as feridas das ameaças de morte que recebera logo após o 11 de setembro.

— O que realmente me comoveu foi como as respostas vinham de todos os tipos de pessoas, de grupos religiosos, muçulmanos, hindus e judeus — diz Mortenson. — Recebi cartas de apoio de uma organização política de lésbicas do Condado de Marin, de um grupo de jovens batistas do Alabama, de um general da Força Aérea americana, e de todos os grupos que se possa imaginar.

Jake Greenberg, um adolescente de 13 anos do subúrbio da Filadélfia, ficou tão impressionado ao ler sobre o trabalho de Mortenson, que doou

mais de mil dólares do dinheiro guardado para seu bar mitzvah ao IAC, e apresentou-se como voluntário para ir ao Paquistão e ajudar pessoalmente.

— Quando ouvi sobre a história de Greg — diz Greenberg —, percebi que, diferente de mim, as crianças do mundo muçulmano nem sempre têm oportunidade de estudar. Não faz diferença se sou um judeu que está mandando dinheiro para ajudar muçulmanos. Todos nós precisamos trabalhar juntos para plantar as sementes da paz.

Uma mulher que se identificou apenas como Sufiya mandou o seguinte e-mail para o site do IAC: "Como muçulmana nascida nos Estados Unidos, recebo todas as bênçãos de Deus, ao contrário de minhas irmãs em todo o mundo, que suportam a opressão. Os países árabes deveriam conhecer o seu trabalho colossal e morrer de vergonha por nunca ter auxiliado o seu próprio povo. Com respeito e admiração sinceros, eu lhe agradeço."

Chegavam cartas de homens e mulheres oficiais das Forças Armadas americanas, apoiando Mortenson como companheiro de frente de batalha contra o terrorismo. "Como capitão do Exército dos EUA e veterano da guerra do Afeganistão na 82a Divisão Aérea, conheci de perto a vida rural extraordinária que existe na Ásia Central", escreveu Jason B. Nicholson, de Fayetteville, Carolina do Norte. "A guerra no Afeganistão foi e continua sendo sangrenta e destrutiva; principalmente em relação àqueles que menos a merecem — os civis inocentes, que apenas desejam ganhar o seu salário e ter uma vida decente com suas famílias. Os projetos do IAC

fornece uma excelente alternativa à educação oferecida em muitas das madrassas radicalizadas de onde surgiu o Talibã com o seu chamado

"islamismo fundamentalista". O que poderia ser melhor do que um futuro em que o mundo possa oferecer segurança a todos através da educação? O

Instituto da Ásia Central é a minha escolha para encaminhar minhas doações."

Milhares de pessoas pensaram a mesma coisa. Quando as forças americanas se instalaram para começar a sua longa ocupação no Iraque, e Anne Beyersdorfer havia desmontado a operação de "choque e horror" e voltado para casa, o IAC saía de uma quase insolvência financeira para um saldo bancário de mais de um milhão de dólares.

— Fazia tanto tempo que o IAC não tinha dinheiro em caixa, que eu queria correr atrás do prejuízo e fazer tudo funcionar novamente — diz Mortenson. — Mas a diretoria me pressionou a fazer algumas mudanças

que havíamos discutido por vários anos, e concordei que já era hora. Por 600 dólares por mês, Mortenson alugou um pequeno escritório com lambris de madeira num discreto edifício a um quarteirão da rua Main, em Bozeman, e contratou quatro pessoas para cuidar de sua agenda de palestras, escrever um boletim de notícias, manter um site na internet, e administrar a crescente lista de doadores do IAC. E, por insistência da diretoria, depois de uma década vivendo com um parco salário, Mortenson aceitou, com atraso, um aumento mais que devido.

Tara Bishop agradeceu que os rendimentos de seu marido finalmente aumentaram, mas ela não estava satisfeita com a frequência com que ele teria de se ausentar de casa agora, lançando novos e ambiciosos projetos que o dinheiro angariado pela Parade possibilitou.

— Depois do sequestro de Greg e de 11 de setembro, eu nem tentava convencê-lo a não voltar, porque eu sabia que ele iria assim mesmo. Então aprendi a viver o que chamo de "negação funcional" nos períodos em que ele está fora. Fico me dizendo que ele estará bem. Confio nas pessoas que o assessoram, e em sua inteligência cultural depois de trabalhar tanto tempo por lá. Mesmo assim, sei que basta apenas um suicida fundamentalista para matá-lo. Mas me recuso a pensar nisso quando ele está longe de casa — diz Tara, rindo, denunciando o nervosismo.

Suleman foi a primeira pessoa no Paquistão a receber a boa notícia.

Assim que passaram de carro pelo modelo em escala da montanha onde o Paquistão detonou a "Bomba Muçulmana", Mortenson contou a seu amigo e pau-para-toda-obra sobre a explosão de apoio que os americanos haviam passado a dar ao IAC. Mortenson, cuja equipe paquistanesa havia trabalhado longamente ao seu lado por tantos anos sem tirarem proveito próprio do modo como outros aliados a estrangeiros poderiam esperar, estava decidido a compartilhar a boa sorte do IAC com seus membros.

Mortenson disse a Suleman que seu salário iria aumentar imediatamente, de 800 para 1.600 dólares por ano. Isso seria dinheiro mais que suficiente para Suleman

conquistar o sonho para o qual vinha economizando, de mudar a família de sua aldeia natal de Dhok Luna para Rawalpindi, e mandar o filho Imran para um colégio particular. Suleman desviou os olhos da estrada à frente para olhar para Mortenson, balançando a cabeça de satisfação.

Desde que começaram a trabalhar juntos há alguns anos, ambos haviam aumentado bastante de peso, e Suleman ficara quase totalmente

grisalho. Mas ao contrário de Mortenson, com seu novo salário, Suleman se recusava a deixar que a idade se mostrasse sem tentar combatê-la.

Suleman dirigiu até o supermercado Jinnah, um bonito shopping center, foi até um cabeleireiro, e pediu o tratamento mais extravagante que tinham. Quando saiu do salão, duas horas depois, e encontrou Mortenson folheando publicações em sua livraria favorita, a massa de cabelo grisalho acima do rosto sorridente de Suleman estava tingida num tom laranja berrante.

Em Skardu, Mortenson convocou uma jirga na sala de jantar do segundo andar do hotel Indo para anunciar a boa-nova. Reunindo a equipe em duas mesas, anunciou que Apo, Hussain e Faisal agora receberiam os aumentos merecidos há anos, e que seus salários iriam dobrar de 500 para mil dólares por ano. Parvi, que já recebia 2.000 dólares por ano como diretor do IAC no Paquistão, agora receberia 4.000 dólares por ano, um excelente salário em Skardu para o homem que tornava possíveis todos os projetos do IAC no Paquistão.

Para Hussain, Mortenson desembolsou mais 500 dólares para que pudesse adquirir o motor para o velho Land Cruiser que havia percorrido sobrecarregado por tantos quilômetros. Parvi sugeriu alugarem um depósito em Skardu, agora que tinham fundos suficientes, para poderem comprar cimento e material de construção no atacado e armazená-los até quando precisassem ser usados.

Mortenson não se sentia tão entusiasmado e motivado para trabalhar desde o dia em que, seis anos antes, reunira a equipe em torno de uma das mesas de tábua corrida no saguão de entrada, pela primeira vez, para começar a gastar o dinheiro doado pelos leitores da revista Parade tão rapidamente quanto conseguiam construir escolas. Antes de deixar a cidade numa série de viagens de jipe e de helicóptero para dar início imediato à construção de vinte novas escolas, centros femininos e projetos de instalação de tubulações de água, Mortenson propôs um projeto a mais:

— Por muito tempo me preocupo com o que fazer quando nossos alunos se formam — disse ele. — Sr. Parvi, poderia levantar quanto custa construir um albergue em Skardu, para que nossos melhores alunos tenham um lugar para morar, se lhes concedermos bolsas para continuarem seus estudos? — Será um prazer, dr. Sahib — respondeu Parvi, sorrindo, finalmente livre para organizar o projeto que defendia há anos.

— Ah, e mais outra coisa — disse Mortenson.

— Sim, senhor, dr. Greg?

— Yasmine seria a perfeita candidata para receber uma das primeiras bolsas de estudo do IAC. Poderia me informar o valor da anuidade, caso ela passasse a freqüentar o segundo grau num colégio particular no outono, no próximo ano letivo?

Yasmine, 15 anos, era filha de Parvi, primeira aluna da classe, que havia herdado a inteligência aguda do pai, fazendo com que ele se dedicasse inteiramente a ela.

— Bem?

Por um raro e longo instante, Ghulam Parvi, o homem mais eloquente em Skardu, ficou boquiaberto.

— Eu não sei o que dizer — respondeu ele.

— "Allah-u-Akbhar!" — gritou Apo, erguendo as mãos num gesto teatral, enquanto todos à mesa estouravam na risada. — Quanto tempo...

— murmurou ele, entre risos de contentamento, com seu tom de voz grave

— eu esperei... por este dia!

Ao longo do verão de 2003, Mortenson trabalhou febrilmente, chegando ao limite do motor reconicionado do Land Cruiser para que ele e a equipe revigorada visitassem cada um dos novos canteiros de construção que o dinheiro dos doadores da revista Parade tornara realidade, removendo os obstáculos e entregando o material. Mais nove escolas no norte do Paquistão estavam sendo construídas normalmente, mas ajudava num dos projetos estabelecidos pelo IAC, a escola de Halde, que o velho Mouzafer ajudara a levar para sua aldeia, havia

algo a ser resolvido, conforme Mortenson soube. A escola de cinco salas havia conseguido tanto sucesso que seu controle agora passara ao governo local, que atuava de forma cada vez mais eficaz.

Yakub, que acompanhara Scott Darsney, membro da equipe de Mortenson, em segurança para fora do Baltoro em 1993, tinha gerado uma crise. Yakub, um velho carregador aposentado, cujos dias de escalada haviam terminado, como seu vizinho Mouzafer, queria ser indicado como o chokidar, ou zelador da escola. Ele escrevera um requerimento ao governo, solicitando o cargo. Mas, pouco tempo depois, sem receber resposta, resolveu passar uma corrente no portão da escola, e exigiu um pagamento.

Um dia após receber a notícia em Skardu, Mortenson chegou em seu Land Cruiser, empoeirado e exausto, depois de oito horas de viagem.

Sorrindo por causa de uma ideia que teve, Mortenson esticou o braço para pegar algo embaixo do banco do motorista de Hussain.

Ele encontrou Yakub inseguro, junto ao portão da escola de Halde que fechara com corrente e cadeado, diante de uma multidão de aldeões.

Sorrindo, Mortenson tocou o ombro de Yakub com a mão direita, antes de mostrar as duas bananas de dinamite que segurava na esquerda.

Depois de trocarem amenidades e perguntarem sobre amigos e familiares, a voz de Yakub estremeceu quando fez a pergunta para matar a sua curiosidade: — Para que isto, dr. Greg, Sahib, senhor?

Mortenson, ainda sorrindo, entregou as duas bananas de dinamite a Yakub. Talvez, ele pensou, os explosivos servissem para remover obstáculos mais intratáveis do que uma estrada fechada por uma avalanche.

— Quero que fique com elas, Yakub — disse Mortenson em balti, colocando-as na mão trêmula de Yakub. — Estou indo agora para Khanday, para acompanhar o andamento de outra escola. Quando voltar amanhã, vou trazer um fósforo. Se eu não encontrar a escola aberta e os alunos em classe, vamos anunciar na mesquita da aldeia para que todos venham até aqui ver você explodi-la.

Mortenson deixou Yakub segurando as dinamites nas mãos trêmulas e retornou ao jipe.

— A escolha é sua — disse ele, olhando por cima do ombro e subindo no carro.
— Até amanhã. Khuda hafiz!

Mortenson voltou na tarde seguinte e distribuiu lápis e cadernos novos aos alunos de Halde, que estavam felizes, sentados novamente nas carteiras. Seu velho amigo Mouzafer ainda não estava tão fraco para fazer valer a sua vontade em relação à escola que ajudara a construir. Apo informou a Mortenson que Mouzafer, cujos dois netos frequentavam a escola de Halde, também ofereceu a Yakub uma opção depois que Mortenson se foi.

— Pegue as chaves e abra a escola — ele disse a Yakub —, ou eu pessoalmente irei amarrá-lo a uma árvore e explodi-lo com a dinamite do dr. Greg.

Como punição, Mortenson soube, mais tarde, o conselho da aldeia de Halde obrigou Yakub a varrer a escola todos os dias de manhã cedo, de graça.

Nem todo obstáculo à educação no norte do Paquistão era tão fácil de remover. Mortenson teria adorado entregar uma dinamite a Agha Mubarek, mas forçou-se a seguir o conselho de Parvi, e aguardar, de longe, enquanto o processo contra o mulá por destruir a escola de Hemasil seguia perante a Corte Shariat.

Depois de Korphe, nenhum outro projeto do IAC no Paquistão era mais querido para Mortenson do que a escola de Hemasil. Em 1998, Ned Gillette, alpinista americano e ex-esquiador olímpico que Mortenson admirava, foi morto escalando o vale Haramosh, entre Hemasil e Hunza, com a mulher, Susan. Os detalhes da morte ainda estão sendo debatidos pelas autoridades do Paquistão, mas a história que Mortenson apurou conversando com os aldeões do Haramosh era a seguinte: Gillette e a esposa foram abordados por carregadores que insistiram em ser contratados por eles. Gillette, habituado a viajar ao estilo dos alpinistas, com apenas duas mochilas leves, recusou-os de forma um pouco rude demais para o gosto dos carregadores. Tarde da noite, os dois homens retornaram armados até a tenda onde o casal estava dormindo.

— Creio que talvez tivessem planejado apenas roubá-los — diz Mortenson. — Pegar algo que, para eles, vingaria a honra ferida. Mas, infelizmente, algo saiu de controle.

Gillette foi assassinado com um tiro no abdome. Susan, gravemente ferida com um tiro de arma de caça na coxa, sobreviveu.

— Que eu saiba — diz Mortenson Ned Gillette foi o primeiro ocidental a ser assassinado no norte do Paquistão. Quando sua irmã, Debbie Law, entrou em contato comigo, e quis fazer uma doação para que uma escola pudesse ser construída em homenagem ao irmão, me apressei para fazer com que isso acontecesse. Eu não poderia imaginar um tributo mais significativo. Mas o local que os anciões do vale do Shigar escolheram para a escola Ned Gillette não era apenas próximo ao passo onde ele fora assassinado: era adjacente a Chutran, a aldeia do mulá Agha Mubarek.

— Depois que as paredes estavam erguidas, e os aldeões iam começar a assentar o telhado, Agha Mubarek e seus homens chegaram para impedir a construção — diz Mehdi Ali, o ancião da aldeia que supervisionou a obra da escola de Hemasil.

Mehdi era um propagador da educação, cujo pai, Sheikh Mohammed, escrevera pedindo uma decisão do Irã, depois que a primeira fatwa foi

declarada contra Mortenson.

— Mubarek nos disse: "Esta escola kafir não presta. Não é uma escola muçulmana. É feita para recrutar cristãos." Eu disse a ele:

"Conheço sr. Greg Mortenson há muito tempo e ele não tem feito nada disso", mas Mubarek não me deu crédito. Então, depois da meia-noite, seus homens vieram trazendo martelos e tentaram arrancar o futuro de nossos filhos.

Mehdi, junto com Parvi, levou testemunhas oculares a favor de Mortenson à Suprema Corte Shariat ao longo de toda a primavera e o verão, além de também prestarem depoimento.

— Eu disse ao mulá encarregado que Agha Mubarek recebe dinheiro do meu povo e nunca fornece qualquer zakat a nossas crianças — diz Mehdi Ali. — Eu disse a eles que Agha Mubarek não tem por que lançar uma fatwa contra um santo homem como dr. Greg. Ele que deveria ser julgado perante Alá Todo-Poderoso.

Em agosto de 2003, quando a Corte Shariat exarou a sentença final, ela deu ganho de causa a Mehdi Ali e Mortenson. A corte declarou ilegal a fatwa de Agha Mubarek e condenou-o a pagar pelos oitocentos tijolos que seus homens destruíram.

— Foi uma vitória emocionante — diz Mortenson. — Aqui temos esta corte islâmica no Paquistão xiita conservador protegendo um americano, num momento em que os Estados Unidos da América detêm, há anos, muçulmanos presos sem terem sido acusados formalmente em Guantánamo, Cuba, sob o nosso chamado sistema de justiça.

Depois de uma década de luta, Mortenson sentiu que, finalmente, todas as folhas de chá do Paquistão estavam girando em sua direção.

Naquele verão, Mortenson ganhou um novo aliado poderoso, quando Mohammed Fareed Khan foi indicado como o novo secretário encarregado das Regiões do Norte. Khan, um wazir de Miram Shah, assumiu o cargo determinado a declarar guerra contra a pobreza no norte do Paquistão com a tradicional agressividade de sua tribo.

Numa reunião durante um repasto de chá, truta e sanduíches de pepino na sede, um sobrado colonial britânico do século XIX em Gilgit, ele pediu o conselho de Mortenson sobre onde gastar o dinheiro que agora estava finalmente fluindo do governo de Musharraf, em Islamabad, até o norte. E para demonstrar o apoio à educação de moças, pediu para

acompanhar Mortenson e inaugurar pessoalmente a escola Ned Gillette, depois que sua força policial havia garantido que seria reconstruída.

Outra personalidade forte, general-de-brigada Bhangoo, tinha um modo diferente de demonstrar o apoio a Mortenson. O general Bhangoo tinha sido o piloto de helicóptero pessoal do presidente Musharraf antes de se aposentar do Exército para se juntar à empresa de aviação civil do general Bashir. No verão de 2003, ele sempre se apresentava voluntariamente para ter a honra de transportar Mortenson aos projetos mais distantes em seu velho helicóptero Alouette.

O general ainda usava o uniforme de vôo militar, mas substituiu o par de tênis azul-claros por botas de combate, que dizia darem melhor controle dos pedais.

Voando pelo vale do Shigar em direção a Skardu, depois de recolher Mortenson em uma aldeia remota, Bhangoo ficou furioso quando Mortenson apontou para as ruínas da escola de Hemasil e contou a história de sua rixa com Agha Mubarek.

— Mostre-me a casa desse senhor, por favor — disse Bhangoo, aumentando a

potência da turbina do Alouette.

Depois que Mortenson apontou para uma grande casa murada onde Mubarek vivia, muito acima das posses de um simples mulá de aldeia, Bhangoo apertou os lábios sob o bigode bem-aparado e empurrou o manche para a frente, imbicando em direção à casa de Mubarek.

Quem estava em cima dos telhados correu para dentro para se proteger, enquanto Bhangoo sobrevoou a residência uma meia dúzia de vezes, como um zangão bravo preparando-se para dar uma ferroada, levantando nuvens de poeira com a rabeira cada vez que passava. Seu polegar tocava o botão vermelho marcado "míssil", brincando com ele.

— Pena que não esteja carregado — disse ele, virando em direção a Skardu. — Mesmo assim, que isso lhe sirva de aviso.

Seis meses depois, os botões vermelhos estariam ligados a armas de verdade, quando 15 helicópteros militares voaram em formação, subindo o vale Daryle, refúgio de resistência do Talibã e da Al-Qaeda, a 322

quilômetros a oeste, caçando extremistas que haviam bombardeado oito escolas de meninas do governo. Mortenson, nessa época, passara a admirar Musharraf, gratificado em ver que o governo do Paquistão estava preparado para lutar pela educação de suas moças.

No outono de 2003, na mesa de sua empresa de aviação em Rawalpindi, ao tentar conseguir um voo para Mortenson para o Afeganistão, agora que o trabalho do IAC no Paquistão havia se firmado o suficiente para poder deixá-lo, o chefe de Bhangoo, o general-de-brigada Bashir Baz, ruminava sobre a importância de educar todas as crianças do Paquistão e o progresso que os Estados Unidos da América estavam fazendo na guerra contra o terrorismo.

— Sabe, Greg, preciso agradecer ao seu presidente — disse Bashir, olhando os horários de voos na tela plana de seu computador high-tech. —

Um pesadelo estava se armando na fronteira ocidental, e ele pagou para pôr um fim a ele. Eu não sei por quê. O único ganhador em toda a equação é o Paquistão.

Bashir fez uma pausa para assistir a uma transmissão da CNN ao vivo a partir de

Bagdá. Numa pequena janela aberta sobre a lista de vôos que apareciam na tela do monitor, Bashir ficou perplexo diante das imagens das iraquianas aos prantos retirando os corpos de crianças dos escombros de um prédio bombardeado.

Ao ver aquelas imagens na tela, os ombros de Bashir sucumbiram.

— Pessoas como eu são os melhores amigos dos Estados Unidos na região — disse Bashir, por fim, meneando a cabeça pesarosamente. — Sou um muçulmano moderado, um homem educado. Mas vendo isto, mesmo eu me tornaria um jihadi. Como podem os americanos dizer que estão se protegendo?

Bashir se fazia a pergunta, tentando não direcionar sua raiva ao grande alvo americano sentado do outro lado de sua mesa.

— Seu presidente Bush fez um trabalho maravilhoso unindo um bilhão de muçulmanos contra os Estados Unidos pelos próximos duzentos anos.

— Osama tem algo a ver com isso também — disse Mortenson.

— Osama, bah! — urrou Bashir — Osama não é um produto do Paquistão ou do Afeganistão. Ele é uma criação dos Estados Unidos.

Graças aos Estados Unidos, Osama está em todos os lares. Como militar, sei que não podemos lutar e vencer alguém que atira e depois foge para se esconder, enquanto temos de manter guarda permanente. Temos de atacar a fonte da força do inimigo. No caso dos Estados Unidos, não é Osama ou Saddam, ou quem quer que seja. O inimigo é a ignorância. O único modo de derrotar é construir relacionamentos com essas pessoas, trazê-las para o

mundo moderno com educação e trabalho. De outro modo, a luta continuará para sempre.

Bashi respirou fundo, e olhou de novo através da pequena janela para Bagdá, onde um operador de câmera estava filmando jovens iraquianos radicais brandindo os punhos e dando tiros para o ar, depois de explodir uma bomba na beira de uma estrada.

— Desculpe-me, senhor — disse ele. — Estou sendo indesculpavelmente grosseiro. Claro que sabe disso tudo tão bem quanto eu. Que tal almoçarmos?

Então Bashir pressionou um botão do interfone e pediu ao tenente para trazer frango do Kentucky Fried Chicken que encomendara na Área Azul, especialmente para seu convidado americano.

Skardu pode ser um lugar deprimente quando o tempo fecha. Mas em outubro de 2003, fazendo a última visita do ano às Regiões do Norte antes de viajar para lançar a nova iniciativa do IAC no Afeganistão, Mortenson se sentia inteiramente satisfeito, apesar das nuvens baixas e do frio mais intenso.

Antes de Mortenson sair de Rawalpindi, o general-de-brigada Bashir havia solicitado 4 lakh rúpias, ou cerca de 6 mil dólares, uma soma considerável no Paquistão, para uma nova escola do IAC a ser construída em sua aldeia natal a sudeste de Peshawar, onde as Wahhabi madrassas abundavam. E ele havia prometido pressionar os amigos militares a fazerem mais doações, dando sua palavra de que pelo menos a guerra de um americano contra o terrorismo estava sendo realizada de modo eficaz.

Mortenson também marcou um tento na Corte Shariat, vencendo a segunda fatwa, humilhando o oponente mais destemido. Mais dez escolas abriam as portas na primavera, uma vez que outras nove escolas custeadas pelos leitores da Parade estivessem terminadas, e a Escola Ned Gillette, em Hemasil, fosse reconstruída. Já havia, no momento em que Mortenson se preparava para viajar ao Afeganistão, mais de quarenta escolas do IAC espalhadas nos altos vales do Karakoram e no Hindu Kush, onde prosperavam. Graças a Mortenson, os alunos que estudavam cercados por muros de pedra haviam se tornado a safra mais bem-cuidada de cada aldeia.

E no sopé da cordilheira, na ativa Skardu, numa pequena casa de tijolos de barro alugada por Twaha, com vista para um grande campo, onde as crianças da vizinhança jogavam futebol em volta de rebanhos de cabras

pastando, a filha do novo nurmadhar de Korphe estava agora vivendo com sua ex-colega de classe, vigiadas por dois primos que descera das montanhas para se certificar que as jovens mais corajosas de todo o Braldu estavam sendo bem cuidadas, enquanto perseguiam seus sonhos.

Jahan e sua colega Tahira, as duas primeiras moças a se formarem na escola de Korphe, vieram para Skardu, como as duas primeiras bolsistas do IAC. E no último dia que passou em Skardu, quando Mortenson foi visitá-las com Twaha

— o pai de Jahan — para perguntar sobre o andamento de seus estudos, Jahan ficou orgulhosa em preparar ela mesma o chá para ele, em sua própria casa, como a avó Sakina fez tantas vezes.

Enquanto Mortenson bebericava sua xícara de chá Lipton, feito, não com punhados de ervas maceradas e leite de iaque rançoso, mas com água da torneira e saquinhos de chá comprados no mercado de Skardu, ele pensou o que Sakina pensaria disso tudo. Ele imaginou que ela teria preferido o seu paiyu cha. De sua neta, ele tinha certeza, ela se sentiria muito orgulhosa. Jahan havia concluído o curso de obstetrícia, mas escolheu ficar em Skardu e continuar seus estudos.

Por cortesia do IAC, Jahan e Tahira estavam tendo aulas complementares integrais no Colégio Modelo para Moças, particular, incluindo aulas de gramática em inglês, e formais de urdu, árabe, física, economia e história.

Tahira, vestindo um véu branco imaculado e sandálias que não eram práticas para serem usadas nas montanhas, disse a Mortenson que depois de se formar, ela planejava retornar a Korphe e lecionar com seu pai, Mestre Hussein.

— Eu tive a minha chance — disse ela. — Agora, quando subimos, todos ficam olhando para nós, para nossas roupas, e pensam que somos elegantes. Acredito que todas as moças do Braldu merecem a chance de descer até a planície pelo menos uma vez. Então a vida delas mudará.

Acredito que o maior bem que posso fazer é voltar e assegurar que isto aconteça a todas elas.

Jahan, que viera para Skardu planejando se tornar uma simples enfermeira e voltar a Korphe, estava revendo seus objetivos.

— Antes de conhecê-lo, dr. Greg, eu não tinha ideia do que fosse educação — diz Jahan, servindo-lhe mais chá. — Mas agora acho que é tão indispensável quanto a água. É importante para tudo na vida.

— E quanto ao casamento? — perguntou Mortenson, sabendo que a filha de um nurmadhar sempre seria muito requisitada, especialmente sendo uma bela garota de 17 anos, e um marido balti poderia não suportar as ambições de sua jovem e impetuosa esposa.

— Não se preocupe, dr. Greg — respondeu Twaha, rindo do mesmo modo rouco

que Haji Ali. — A moça aprendeu muito bem a sua lição. Ela já deixou muito claro que quer terminar seus estudos antes mesmo que possamos conversar sobre o seu casamento com um bom rapaz. E eu concordo. Venderei todas as minhas terras, se necessário, para que ela complete a sua educação. Eu devo isso à memória de meu pai.

— Então, o que vai fazer? — Mortenson perguntou a Jahan.

— Promete não rir? — ela perguntou.

— Pode ser que sim... — Mortenson provocou.

Jahan respirou fundo e se endireitou para falar.

— Quando eu era pequena e via um homem ou uma mulher com roupas boas e limpas, eu corria e me escondia. Mas depois que me formei na escola de Korphe, senti uma grande mudança em minha vida. Senti que eu estava limpa e translúcida, e poderia me apresentar diante de qualquer pessoa e falar o que eu quisesse.

— E agora que estou em Skardu, sinto que tudo é possível. Eu não quero ser apenas uma enfermeira. Eu quero ser o tipo de mulher que possa fundar um hospital e ser uma administradora, e cuidar de todos os problemas de saúde de todas as mulheres do Braldu. Eu quero me tornar uma mulher muito famosa na minha área — disse Jahan, enrolando a ponta do véu de seda marrom em volta do dedo, espiando pela janela um jogador de futebol chutando a bola, sob o chuvisco, em direção ao gol marcado com uma pilha de pedras, procurando a palavra exata para descrever o seu futuro.

— Quero ser uma... Supermulher — disse ela, sorrindo, ousada, desafiando qualquer um, qualquer homem a lhe dizer que ela não poderia.

Mortenson acabou não rindo. Em vez disso, sorriu para a corajosa neta de Haji Ali, e imaginou a expressão de satisfação no rosto do velho nurmadhar, se tivesse vivido para ver este dia, para contemplar o esplêndido fruto que brotou da semente que plantaram juntos.

Quinhentas e oitenta cartas, 12 carneiros e dez anos de trabalho, pensou Mortenson, era um preço pequeno para pagar por um momento como este.

Capítulo 23

Pedras em escolas

Nossa terra está ferida. Seus oceanos e lagos estão doentes; seus rios correm como chagas abertas. O ar está empestado por venenos sutis. E a fumaça oleosa de incontáveis incêndios escurece o sol. Homens e mulheres exilados de sua terra natal, de suas famílias, de seus amigos, vagam desolados e incertos, ressecados sob um sol tóxico...

Neste deserto de incerteza cega e assustadora, alguns se refugiam em busca do poder. Alguns se tornam manipuladores da ilusão e da dissimulação. Se a sabedoria e a harmonia ainda vivem neste mundo, senão como um sonho perdido em um livro não folheado, estão ocultas no pulsar dos nossos corações. E são nossos corações que clamam.

Clamamos, e nossas vozes são a voz única desta terra ferida. Nosso clamor é um vento forte a atravessara terra.

— em The Warrior Song of KingGezar [A. canção do guerreiro do rei Gezar]

O REI ESTAVA SENTADO JUNTO À JANELA. MORTENSON

RECONHECEU-O PELAS imagens na velha cédula afegã que vira à venda nos mercados. Aos 89 anos, Zahir Shah parecia muito mais velho do que seu retrato oficial, a olhar para fora pela janela do avião PIA 737 no país de onde fora exilado por quase trinta anos.

Além dos seguranças do rei e da pequena tripulação de aeromoças, Mortenson estava sozinho no curto vôo de Islamabad a Cabul com o ex-monarca do Afeganistão. Quando Shah desviou os olhos da janela, cruzou o olhar com Mortenson do outro lado do corredor.

— As-Salaam Alaaikum, senhor — cumprimentou Mortenson.

—E para o senhor também, senhor — respondeu Shah.

Durante o exílio em Roma, Shah travou conhecimento com diversas culturas e não teve problema em descobrir o lugar de onde vinha o grande

homem louro com o colete de fotógrafo.

—American? — perguntou ele.

—Sim, senhor — respondeu Mortenson.

Zahir Shah suspirou, uma exclamação típica de um senhor de idade que já viveu muitas décadas de esperanças perdidas.

—Você é jornalista? — perguntou ele sentado do outro lado do corredor.

—Não — respondeu Mortenson —, construo escolas para meninas.

—E o que vai fazer em meu país, se não se importa em me dizer? —

Vou começar a construir cinco ou seis escolas na primavera, Inshallah.

Estou indo para entregar o dinheiro para que possam começar.

—Em Cabul?

—Não — respondeu Mortenson. — No Badakshan e no Corredor do Wakhan.

Shah ergueu as sobrancelhas em sinal de espanto. Ele sinalizou o assento ao lado e Mortenson sentou-se junto a ele.

—Conhece alguém na região? — perguntou Shah.

—É uma longa história, mas há alguns anos, homens kirghiz cavalgaram pelo Passo Irshad até o vale do Charpurson, onde trabalho no Paquistão, e me pediram para construir escolas em suas aldeias. Eu lhes prometi que viria... conversar sobre as escolas com eles, mas não pude vir senão agora.

—Um americano no Wakhan — disse o Shah. — Soube que tenho um chalé de caça que construíram para mim ali em algum lugar, mas nunca estive lá. Muito difícil de alcançar. Não vemos mais muitos americanos no Afeganistão. Há um

ano este avião estaria cheio de jornalistas e agentes de saúde. Mas agora eles estão todos no Iraque. A América se esqueceu de nós —disse o rei. — Novamente.

Havia um ano, Shah voara até Cabul, recém-saído do exílio e foi recebido por uma multidão entusiasmada que via seu retorno como sinal de que a vida retomaria o curso normal, livre da violência que marcara as décadas de desmando dos soviéticos, as rixas entre os comandantes militares, e o Talibã. Antes de ser exilado por seu primo Mohammad Daud Kahn, Shah presidira, de 1933 a 1973, durante o período de paz mais duradouro na época moderna. Ele acompanhou a promulgação de uma constituição em 1964, que tornou o Afeganistão uma democracia, oferecendo o sufrágio universal e a emancipação das mulheres. Fundou a

primeira universidade moderna do Afeganistão e recrutou professores acadêmicos estrangeiros e agentes de saúde para apoiar a campanha de desenvolvimento do país. Para muitos afegãos, Shah era um símbolo da vida que eles esperavam ter novamente.

Porém, no outono de 2003, essas esperanças estavam minguando. As tropas americanas que ainda estavam no Afeganistão, estavam em grande parte confinadas, caçando Bin Laden e seus seguidores, ou fornecendo segurança ao novo governo de Hamid Karzai. O nível de violência no país estava crescendo, mais uma vez, e sabia-se que o Talibã estava se reagrupando.

— Da mesma forma que abandonamos os mujahadeen depois que os soviéticos saíram, eu temia que estivéssemos em vias de abandonar o Afeganistão novamente — diz Mortenson. — Pelo que eu saiba, apenas um terço do dinheiro de auxílio que prometemos conseguiu chegar lá.

Com Mary Bono, encontrei um dos congressistas responsáveis pelas apropriações afegãs. Eu lhe contei sobre Uzra Faizad e todos os professores e professoras que não estavam recebendo seus salários, e perguntei a ele por que o dinheiro não estava chegando. "É difícil dizer", ele me disse. "Não há um Banco Central no Afeganistão. E não há nenhum modo de transmitir o dinheiro."

—Mas não aceitei isso como desculpa — diz Mortenson. — Não tivemos problema para mandar malas de dinheiro de avião para pagar os comandantes militares para lutar contra o Talibã. Pensei se não poderíamos fazer a mesma

coisa para construir estradas, esgoto e escolas.

Se as promessas não forem cumpridas, e o dinheiro não for entregue, faz parecer que o governo americano simplesmente não se importa.

Zahir Shah colocou a mão, com um enorme anel de lápis-lazúli, sobre a de Mortenson.

—Fico feliz que pelo menos um americano esteja aqui — disse ele.

— O homem que você quer encontrar no norte chama-se Sadhar Khan. Ele é um mujahid. Mas ele se importa com o seu povo.

— Ouvi falar isso — disse Mortenson.

Zahir Shah tirou um cartão de visitas do bolso de dentro do paletó que estava por baixo do manto listrado e chamou um dos seus guardas de segurança para trazer sua pasta. Então o rei colocou o polegar sobre uma almofada de tinta e firmou a impressão digital no verso do cartão.

—Isto poderá ajudá-lo, se o entregar ao Commandhante Khan —

disse ele. —Alá esteja com você. E vá com as minhas bênçãos.

O 737 imbicou para aterrissar no aeroporto de Cabul numa espiral fechada. A capital não era tão segura quanto há um ano, e os pilotos agora tomavam esta precaução para se tornarem alvos mais difíceis para os mísseis Stinger que ainda circulavam no país.

Mortenson achou o trânsito de Cabul ainda mais assustador. Com Abdullah calmamente girando o volante de seu Toyota com as mãos marcadas por queimaduras, eles conseguiram escapar de quatro colisões no curto percurso até o albergue Paz de Cabul.

— Um governo apoiado pelos Estados Unidos estava supostamente no controle de Cabul — diz Mortenson. — Mas seu poder mal chegava aos limites da cidade, e eles nem sequer conseguiam conduzir o tráfego. Os motoristas simplesmente ignoravam os sinais e os poucos guardas de trânsito, aos berros, e iam aonde bem entendessem.

Mortenson queria ir a Faizabad, a maior cidade da província de Badakshan, no nordeste do Afeganistão, que seria a sua base para visitar lugares possíveis para a construção de escolas na região rural. E para chegar lá, tinha de seguir pela estrada, enfrentando não só o trânsito caótico, mas viajar por dois dias, atravessando áreas inseguras. Mas Mortenson não tinha outra escolha. Nesta, a terceira viagem ao Afeganistão, ele estava determinado a manter a promessa que fizera aos cavaleiros kirghiz. Durante sua ausência, eles haviam feito um levantamento completo sobre o Corredor do Wakhan, e novamente cavalgado por seis dias, ida e volta, para entregá-lo a Faisal Baig, em Zuudkhan. O levantamento relatava que 5.200 crianças em idade de estudo elementar não tinham nenhum tipo de escola, e estavam esperando, Inshallah, por Mortenson para começar a construí-las.

O general Bashir oferecera um de seus pilotos para levar Mortenson direto a Faizabad, num pequeno Cessna Golden Eagle bimotor que a Aviação Askari alugava para levar sorvete, água mineral, barras de proteína e outros suprimentos para agentes americanos no Afeganistão.

Mas a sede americana do CentCom, com base em Doha, Catar, que controlava o espaço aéreo do Afeganistão, negou o pedido de Bashir para enviar um avião ao Afeganistão numa missão humanitária.

Mortenson andava de um lado para outro em seu quarto sem luz no albergue Paz de Cabul, aborrecido por não ter-se lembrado de carregar o

laptop e as baterias da câmera em Islamabad. A luz era imprevisível na capital afegã e provavelmente ele não iria encontrar um escritório virtual entre o seu quarto no albergue e Badakshan.

Planejou iniciar a longa viagem ao Norte pela manhã, seguindo de dia por motivos de segurança, e pediu que Abdullah procurasse um carro para alugar que pudesse passar pelas crateras abertas pelas bombas e os lamaçais ao longo da única estrada que seguia para o Norte.

Quando Abdullah não retornou à hora do jantar, Mortenson pensou em sair para procurar algo para comer, mas, em vez disso, deitou-se com os pés para fora da beirada da cama estreita, puxou um travesseiro duro, que cheirava a óleo hidratante sobre o rosto, e dormiu.

Pouco antes da meia-noite, Mortenson foi acordado, de sobressalto, por batidas

na porta. Em seu sonho, eram tiros de RPG que explodiam contra as paredes do albergue.

Abdullah trazia boas e más notícias. Ele conseguira alugar um jipe russo e encontrara um jovem tajik, chamado Kais, para acompanhá-lo como intérprete, uma vez que seu companheiro usual, Hash, não seria bem recebido onde eles estariam indo, por causa de seu período no Talibã. O

único problema, explicou Abdullah, o túnel Salang, a única passagem para o Norte para atravessar as montanhas, seria fechado às seis da manhã.

— Quando reabrirá? — perguntou Mortenson, ainda esperando dormir o restante da noite.

Abdullah encolheu os ombros. Com o rosto e sobrancelhas queimadas, era difícil entender a sua expressão, mas os ombros encolhidos disseram a Mortenson algo que deveria saber sem perguntar.

— Doze "hora"? Dois "dia"? — chutou ele. — Quem "saber"?

Mortenson começou a refazer as malas.

Ao dirigir para o Norte através da cidade sem luz, Cabul parecia ilusoriamente pacífica. Homens vestindo mantos brancos e fluidos flutuavam entre os estandes de chá da cidade, abertos a noite toda e iluminados por lampiões, como espíritos benignos, prontos para partir nos vôos matutinos para a Arábia Saudita. Todo muçulmano de posse deve fazer a Haj, a peregrinação a Meca, pelo menos uma vez na vida. E o ânimo nas ruas sombreadas da cidade era de festa, pois muitos homens estavam se preparando para embarcar na viagem que deveria ser o ponto alto de sua existência terrena.

A última coisa que Mortenson se lembra de ter visto, depois de circular pela cidade procurando por um posto de gasolina aberto, foi o antigo Ministério da Defesa do Afeganistão. Passara por ele durante o dia, uma carcaça tão detonada por bombas e mísseis de três guerras diferentes, que parecia pronta a cair a qualquer momento. À noite, as fogueiras acesas dos desabrigados que ali viviam davam ao esqueleto um sinistro brilho de abóbora de **Halloween**. Os buracos irregulares abertos pelas bombas e as fileiras de janelas sem vidro do edifício pareciam olhos vazados em cima de um sorriso banguela iluminado pelo fogo por dentro.

Sonolento, Mortenson assistiu à visão assombrosa do ministério sumir na escuridão atrás dele, e devaneou, vendo um Exército carregando laptops, correndo pelos corredores do Pentágono, e longos pisos de mármore com o mesmo brilho dos sapatos de Donald Rumsfeld.

O túnel Salang estava apenas a cem quilômetros ao norte de Cabul, mas o jipe soviético de baixa rotação cobria a distância tão lentamente subindo as montanhas do Hindu Kush que, apesar do perigo de emboscada, Mortenson acabou adormecendo horas antes de atravessá-lo. Esta cordilheira de picos de 4.600 metros que separam o norte do Afeganistão da planície Shomali central foi a linha de defesa mais formidável de Massoud contra o Talibã.

Sob suas ordens, os homens de Massoud dinamitaram o túnel de dois quilômetros de extensão que os engenheiros do Exército Vermelho haviam construído na década de 1960 para abrir uma rota de comércio para o sul através do Uzbequistão. Deixando apenas as quase intrafegáveis estradas de terra a 3.660 metros de altitude abertas para o seu esconderijo, o vale do Panjshir, os mujahadeen de Massoud, mais bem-armados e em maior número, evitaram que o Talibã entrasse com os tanques e as frotas de caminhões picapes japoneses no Norte à força. O novo governo do Afeganistão estava empregando a mão-de-obra turca para limpar o túnel dos escombros de concreto provocados pelas explosões e reforçar a estrutura comprometida de futuros colapsos.

A falta de movimento o acordou. Mortenson esfregou os olhos, mas a escuridão à volta era impenetrável. Então ouviu vozes além de um ponto onde presumia estar a frente do jipe, e sob a chama de um fósforo, o rosto inexpressivo e ressecado de Abdullah apareceu ao lado da expressão bicuda e preocupada do adolescente tajik chamado Kais.

— Estávamos bem no meio do túnel quando o radiador estourou —

diz Mortenson —, numa curva ascendente, então o fluxo de veículos não conseguiria nos ver a não ser no último minuto. Era o pior lugar para quebrar.

Mortenson agarrou a mochila e tentou encontrar uma lanterna com o tato. Então se lembrou que na pressa de refazer as malas, ele a deixara no albergue em Cabul, com seu laptop e câmeras. Mortenson desceu e inclinou-se para olhar sob o capô aberto junto com Abdullah. E à luz dos fósforos que se apagavam com o vento gelado assim que Abdullah os acendia, Mortenson viu que a mangueira de

borracha do radiador do jipe havia se desintegrado.

Assim que pensou se teria uma fita isolante para tentar consertá-la, um caminhão de carga russo Kamaz III veio em sentido contrário pelo centro do túnel, buzinando alucinado, na direção deles. Não havia tempo para se moverem. Mortenson se encolheu, esperando o impacto, e o caminhão voltou à sua pista, tirando um fino do jipe, arrebatando o espelho retrovisor externo do veículo.

— Vamos! — gritou Mortenson, empurrando Abdullah e Kais contra a parede do túnel.

Mortenson sentiu o vento de inverno soprando mais forte e esticou as mãos à frente, tateando a parede do túnel, procurando alguma saliência.

Quando os faróis de outro caminhão que veio acelerando em direção a eles iluminaram a parede de pedra irregular do túnel, Mortenson viu uma entrada escura que pensou ser uma porta e empurrou os companheiros por ela.

— Saímos do túnel, e nos deparamos na neve, no alto de um passo sobre a montanha — diz Mortenson. — Havia lua no céu, então podíamos ver bem. Tentei me localizar de que lado do passo nós estávamos para começar a descer.

Então, Mortenson viu a primeira pedra vermelha. Estava quase totalmente encoberta pela neve, mas assim que a viu, pôde distinguir claramente as dezenas de outras depressões vermelhas salpicadas pelo campo nevado.

O Afeganistão é o país que possui a maior quantidade de minas terrestres do planeta. Com milhões de pequenos explosivos enterrados por meia dúzia de exércitos diferentes ao longo das décadas, ninguém sabe exatamente onde os explosivos esperam para ser detonados. E depois que

uma cabra, ou vaca, ou criança perde a vida ao encontrá-la ao acaso, equipes de desarmamento de minas pintam de vermelho as pedras da área, até terem o tempo disponível de alguns meses para desarmá-las.

Kais viu as pedras vermelhas que os cercavam, também, e entrou em pânico. Mortenson segurou o rapaz pelo braço, no caso de ele querer sair correndo. Abdullah, que já tivera suficiente experiência com minas, disse o inevitável: — Devagar, devagar — disse ele, virando-se e voltando os passos que caminhara sobre a neve —. Precisamos voltar lá para dentro.

—Tínhamos a mesma chance de morrer tanto fora como dentro do túnel — diz Mortenson. — Mas, com certeza, do lado de fora era morte certa.

Kais estava congelado no mesmo lugar, mas, com calma, Mortenson conduziu o rapaz de volta para a escuridão do túnel.

— Eu não sei o que teria acontecido se o veículo seguinte não fosse um caminhão subindo lentamente — diz Mortenson. — Mas, graças a Deus, era. Saltei na frente dele sinalizando para parar.

Mortenson e Kais sentaram-se espremidos entre os cinco homens na cabine do Bedford. Abdullah conduzia o jipe desligado, empurrado pelo caminhão morro acima.

— Eles eram bandidos, contrabandistas — diz Mortenson —, mas pareciam gente boa. Estavam levando dezenas de geladeiras novas para Mazir-i-Sharif, então o caminhão estava sobrecarregado e mal nos movíamos, mas para mim estava tudo bem.

Kais olhou arregalado para os homens e sussurrou em inglês para Mortenson: — Esses, homens maus — disse ele. — Bandidos.

— Eu disse a Kais para ficar quieto — diz Mortenson. — Eu estava tentando me concentrar, usar todas as qualidades que adquiri ao longo de dez anos de trabalho no Paquistão para conseguirmos sair de lá. Os contrabandistas eram pachtun e Kais era tajik, então ele não confiaria naqueles homens de jeito nenhum. Decidi confiar neles e conversar sobre amenidades. Depois de alguns minutos, todos relaxaram, e até mesmo Kais viu que eles eram do bem, especialmente depois que nos ofereceram um cacho de uvas.

Enquanto subiam até o alto do túnel, Mortenson mordia as frutas suculentas com voracidade, percebendo que não comia desde o café-da-manhã do dia anterior, e viu a parte de trás do jipe recém-alugado ficar marcada por causa da grelha do Bedford.

Quando a estrada começou a descer do outro lado do passo, Mortenson agradeceu ao bando de contrabandistas de geladeira pelo resgate e as deliciosas uvas e, junto com Kais, subiram novamente atrás de Abdullah. O motorista conseguira fazer os faróis funcionarem com a luz fraca, mesmo com o motor desligado, girando o botão de partida, e Mortenson jogou-se no banco de carga,

exausto. Com as mãos hábeis de Abdullah, deslizaram silenciosamente morro abaixo por todo o caminho, até o amanhecer.

Para o Talibã e as tropas soviéticas, o vale do Panjshir, a leste, sob as montanhas tocadas pela luz da manhã, era uma terra de sombras de sofrimento e morte. O andar previsível dos soldados entre os penhascos do desfiladeiro faziam com que fossem alvos fáceis para os bandos dos mujahadeen de Massoud, apontando lançadores de mísseis de pontos privilegiados bem acima do fundo do vale. Mas para Mortenson, com a manhã pintando de rosa as pontas dos picos cobertos de neve, o vale distante parecia Shangri-Lá.

— Eu estava tão feliz de ter saído daquele túnel e voltado à luz do dia que abracei Abdullah tão apertado que ele quase bateu o jipe — diz Mortenson.

Depois que o motorista conseguiu parar próximo a uma pedra na beira da estrada, eles desceram do jipe para tentar consertá-lo. Com a luz do sol, ficou fácil ver qual era o problema: um pedaço da mangueira do radiador de 15 centímetros de comprimento precisava ser emendado.

Abdullah, que não tinha experiência só de guerra, mas de inúmeros consertos à beira da estrada, cortou um pedaço do tubo interno do estepe, enrolou-o sobre a parte danificada da mangueira, e amarrou-a com um rolo de fita isolante que Mortenson encontrou grudado numa caixa de pastilhas para garganta dentro da mochila.

Depois de encher novamente o radiador com suas preciosas garrafas de água mineral, Mortenson estava novamente a caminho do norte do país.

Era o mês sagrado do Ramadã, e Abdullah dirigia rápido, esperando chegar a um estande de chá, onde poderiam tomar um café-da-manhã, antes que o jejum do dia começasse oficialmente. Mas quando atingiram o primeiro povoado, um exposto militar soviético chamado Pol-e-Kamri, ambos os restaurantes de beira de estrada já haviam fechado para o dia.

Então Mortenson dividiu um pacote de amendoim que trouxera para uma situação como esta, e Kais e Abdullah comeram com sofreguidão, até o sol se elevar acima da muralha leste do vale.

Depois do desjejum, Abdullah saiu para procurar a pé alguém que quisesse lhes

vender gasolina. Ele retornou e dirigiu o jipe até o quintal de uma casa de barro cru, onde estacionou próximo a um barril enferrujado.

Um velho quase dobrado ao meio, veio arrastando os pés até onde estavam, apoiando-se numa bengala. Ele levou dois minutos para remover a tampa do tanque de gasolina com as mãos enfraquecidas. Começou ele mesmo a acionar a bomba do barril, mas ao ver o esforço que estava fazendo, Abdullah adiantou-se para ajudá-lo.

Enquanto Abdullah bombeava, Mortenson conversou com o velho, enquanto Kais traduzia do dari, uma língua próxima do farsi, o idioma mais comum no norte do Afeganistão.

— Eu costumava viver no Shomali — disse o velho, que se apresentou como Mohammed, referindo-se à vasta planície ao norte de Cabul que fora o celeiro do Afeganistão.

— Nossa terra costumava ser um paraíso. Kabulis vinham às cidades natais próximas à minha aldeia nos fins de semana, e até mesmo o rei Zahir Shah, abençoado seja o seu nome, tinha um palácio construído ali perto. Em meu jardim, eu tinha todo tipo de árvore e cultivava até uvas e melões — disse Mohammed, a boca desdentada, exceto por dois caninos, rememorando as delícias perdidas.

— Quando o Talibã chegou, tornou-se muito perigoso ficar —

continuou ele —, então me mudei com a família para o norte do Salang para a segurança deles. Na última primavera, voltei para ver se minha casa havia sobrevivido, mas, no início, não consegui encontrá-la. Nasci e vivi naquele lugar por 70 anos, mas não conseguia reconhecer minha própria aldeia. Todas as casas haviam sido destruídas. E todas as colheitas estavam perdidas. O Talibã havia queimado não só nossas casas, mas todos os arbustos e árvores. Reconheci meu próprio jardim somente pelo tronco de um damasqueiro queimado, que se bifurcava de um modo especial, com o formato de mão — disse Mohammed, respirando com dificuldade, indignado com a lembrança.

— Consigo entender matar homens e bombardear edifícios. Essas coisas acontecem em tempos de guerra, como sempre aconteceram. Mas por quê? —

Mohammed perguntou não a Mortenson, mas deixando seu

lamento sem resposta no ar. — Por que o Talibã precisou destruir a nossa terra?

Ao passar pelo Norte, ficava cada vez mais claro para Mortenson quantas mortes houve no Afeganistão, e quanto devem ter sofrido, não apenas os civis, mas também os combatentes. Eles passaram por um tanque soviético T51, com a torre derrubada por forças incoercíveis, que servia como um atrativo para as crianças da aldeia que subiam no tanque para brincar de guerra.

Eles passaram por um cemitério, cujas lápides eram as carcaças queimadas de helicópteros soviéticos Hind pesadamente armados. Suas tripulações, pensou Mortenson, tiveram o azar de voar próximos ao refúgio de Massoud, depois que a CIA disponibilizou os mísseis Stinger e o treinamento para atirar de modo eficaz para os líderes dos mujahadeen que lutavam aqui contra o inimigo dos Estados Unidos durante a Guerra Fria, líderes como Osama Bin Laden.

Colado sobre cada pedaço de armamento militar enferrujado, o rosto de Shah Ahmed Massoud acompanhava-os olhando de cada pôster, um santo secular do norte do Afeganistão, insinuando, de algum lugar além-vida, que estes sacrifícios foram necessários.

Ao anoitecer, haviam atravessado as cidades de Khanabad e Konduz, e estavam se aproximando de Taloqan, onde planejavam parar para fazer a primeira refeição de verdade depois de muitos dias, assim que a prece vespertina os liberasse do jejum do Ramadã. Mortenson, que deveria encontrar um importante grupo de doadores em Denver, Colorado, dali a uma semana, estava pensando se deveria pressionar Abdullah a continuar dirigindo até Faizabad depois do jantar, ou se deveria esperar a luz do dia para prosseguir em segurança, quando o som de disparos de metralhadoras a 45 metros à frente forçou Abdullah a pisar no freio.

Abdullah engatou a marcha a ré e pisou no acelerador, afastando-se das linhas vermelhas das balas tracer atravessando a escuridão. Mas os tiros começaram a vir de trás deles e Abdullah freou novamente.

— Venham! — ordenou ele, puxando Kais e Mortenson para fora do jipe, para uma vala enlameada no acostamento, onde pressionou os companheiros contra a

terra úmida com as mãos encurvadas. Então Abdullah elevou-as numa dua, implorando proteção a Alá.

— Estávamos no meio de uma rixa local entre contrabandistas de ópio — diz Mortenson. — Era temporada de tráfico e sempre havia disputas naquela época do ano para controlar os trens de carga que transportavam a colheita. Atiravam um contra o outro por cima das nossas cabeças com as Kalashnikovs, fazendo um barulho fenomenal. Eu podia ver pela luz vermelha emitida pelas balas tracer que Kais entrara em pânico. Mas Abdullah estava zangado. Ele era um verdadeiro pachtun. Ele ficou deitado, resmungando, culpando-se por colocar a mim, seu hóspede, em perigo.

Mortenson, ficou deitado contra a lama fria, tentando pensar como sair do fogo cruzado, mas não havia nada que se pudesse fazer. Outros atiradores aderiram à batalha, e a intensidade do fogo acima das cabeças aumentou, cortando o ar.

— Parei de pensar em fugir e comecei a pensar em meus filhos — diz Mortenson —, tentando imaginar como Tara iria explicar o modo como morri para eles, e pensando se eles entenderiam o que eu estava tentando fazer: como não pretendia deixá-los, que estava tentando ajudar crianças como eles neste país. Concluí que Tara faria com que entendessem. E esse pensamento me tranquilizou.

Os faróis de um carro que se aproximava iluminaram os acostamentos nos dois lados da estrada onde os grupos de contrabandistas de ópio estavam agachados e eles suspenderam o fogo para se proteger. O

caminhão surgiu, seguindo em direção a Taloqan, e Abdullah saltou da vala para fazê-lo parar. Era um veículo velho, uma picape com a suspensão quebrada, que levava uma carga de couro de cabra recém-arrancado a caminho do curtume, e Mortenson podia sentir o mau cheiro da carne putrefeita antes de parar.

Abdullah correu até a cabine da frente, enquanto tiros esporádicos pipocavam dos dois lados da estrada, depois gritou em direção à vala para que Kais traduzisse. A voz fina e trêmula do garoto, falando em dari, pedia uma carona para o estrangeiro. Abdullah chamou Mortenson e acenou freneticamente na direção da carroceria do caminhão. Mortenson, abaixado como aprendera no Exército vinte anos antes, correu até o caminhão em ziguezague para ser um alvo

mais difícil. Ele saltou na traseira e Abdullah jogou uma coberta de couros de cabra em cima de Mortenson, pressionando-o sob as peles úmidas.

— E você e o menino?

— Má olhará por nós — respondeu Abdullah. — Esses shetans atiram um no outro, não nós. Nós esperamos, depois levamos o jipe de volta a Cabul.

Mortenson esperava que seu amigo tivesse razão. Abdullah bateu na traseira com sua garra e o caminhão partiu.

De seu leito sob uma pilha de peles de cabra em decomposição, Mortenson cobria o nariz com a mão e olhava para a estrada se desenrolar atrás dele à medida que o caminhão barulhento ganhava velocidade. Meio quilômetro depois, ele ouviu o tiroteio cessar. Os riscos espaçados de balas tracer cortavam a estrada em forma de elipse. Mas para Mortenson, que não sabia se seus amigos teriam sobrevivido até a semana seguinte ao retornar a Cabul, pareciam pontos de interrogação.

O caminhão atravessou Taloqan em direção a Faizabad, e Mortenson novamente não jantou. O fedor na parte de trás do caminhão não abria o apetite, mas, aos poucos, ao longo da noite, a fome venceu. Lembrou-se dos amendoins e, apenas nesse momento, ele se deu conta que deixara sua mochila no jipe. Ansioso, Mortenson se sentou e tocou os bolsos de seu colete até sentir o contorno de seu passaporte e o maço de dólares. Então, num salto, lembrou que o cartão de visitas do rei estava na mochila abandonada. Não havia nada a fazer, ele pensou, suspirando. Ele apenas teria de se aproximar do Commandhan Khan sem uma apresentação. Então Mortenson cobriu o nariz e a boca com o lenço de cabeça xadrez e acomodou-se dentro do caminhão sob o céu estrelado.

— Eu estava sozinho. Estava coberto de lama e sangue de cabra. Eu havia perdido minha bagagem. Eu não falava a língua local. Não tinha uma refeição há dias, mas eu me sentia surpreendentemente bem — diz Mortenson. — Eu me senti como anos antes, viajando no alto do Bedford, subindo o desfiladeiro do Indo com meu material para a escola de Korphe, sem ter a menor ideia do que iria acontecer. Meu plano para os dias seguintes era vago. E eu não sabia se teria sucesso. Mas sabe o que mais?

Eu não me sentia nem um pouco mal por isso.

Os vendedores de pele de cabra deixaram Mortenson no hotel Uliah em Faizabad. No auge da temporada do tráfico de ópio, todos os quartos estavam tomados, então o sonolento chokidar ofereceu a Mortenson um cobertor e um leito no corredor, ao lado de trinta homens que dormiam. O

hotel não tinha água corrente, e Mortenson estava desesperado para lavar a catinga de cabra da roupa, então saiu novamente, abriu a torneira de um

caminhão-pipa estacionado ao lado do hotel, e deixou correr um jorro de água gelada sobre as roupas.

— Nem me importei tentando me secar — diz Mortenson. — Apenas me embrulhei no cobertor e deitei no corredor do hotel. Era o lugar mais desagradável para dormir que se pode imaginar, com todos os contrabandistas de sementes de ópio e mujahadeen desocupados arrotando alto. Mas depois de tudo o que tinha passado, dormi tão bem como se estivesse num hotel cinco-estrelas.

Antes das quatro da manhã, o chokidar acordou todos os que dormiam no corredor para receber uma refeição. O Ramadã dizia que não se poderia comer após a prece matutina, e Mortenson, tão esfomeado a ponto de perder o paladar, juntou-se a eles, mesmo assim, empurrando uma porção inteira de lentilhas ao curry e quatro formas de chapatti goela abaixo.

No alvorecer gelado, a região à volta de Faizabad fazia Mortenson se lembrar do Baltistão. O dia surgia se insinuando ao longo dos cumes da Grande Cordilheira do Punir ao norte. Ele estava de volta às suas montanhas, e se não reparasse nos detalhes, quase poderia imaginar que retornara ao segundo lar. Mas as diferenças eram inevitáveis. As mulheres aqui faziam muito mais parte da vida pública, movimentando-se livremente pelas ruas, embora a maioria se cobrisse com burkhas brancas.

E a proximidade das ex-repúblicas soviéticas era evidente, ao ver bandos de chechênios armados até os dentes, falando com a cadência eslava que soava especialmente estranha ao ouvido de Mortenson, marchando em direção às mesquitas para a prece matutina.

Com poucos recursos disponíveis, a economia de Faizabad girava em torno do comércio de ópio. A pasta era coletada no atacado nos campos de papoulas do Badakshan, refinado como heroína nas fábricas em torno de Faizabad, depois despachadas através da Ásia Central até a Chechênia e Moscou. Apesar de todos

os defeitos, o Talibã havia suprimido violentamente a produção de ópio. E com a partida, especialmente no norte do Afeganistão, a plantação de papoulas foi retomada como vingança.

De acordo com um estudo da Human Rights Watch, a colheita de ópio do Afeganistão passou de praticamente inexistente sob o Talibã para quase 4 mil toneladas no final de 2003. O Afeganistão, então, produzia dois terços da matéria-prima da heroína no mundo. E esses lucros da comercialização do ópio, canalizados de volta para os comandantes

militares, como eram chamados no Ocidente, ou commandhans, como eram conhecidos no Afeganistão, possibilitavam-lhes recrutar e equipar milícias particulares extraordinárias, tornando o fraco governo central de Hamid Karzai cada vez mais irrelevante à medida que se distanciava de Cabul.

No Badakshan, o ponto mais distante de Cabul dentro do Afeganistão, o poder absoluto estava nas mãos do Commandhan Sadhar Khan.

Mortenson ouvira histórias sobre Khan por muitos anos. Seu povo o elogiava, bem como ainda elogiavam seu companheiro martirizado na luta contra os soviéticos e o Talibã, Shah Ahmed Massoud. Khan, como todos os commandhans, cobrava uma taxa dos traficantes de ópio, cujos trens de carga passavam por suas terras. Mas ao contrário de muitos, ele recolhia os lucros para o benefício de seu povo. Para seus ex-combatentes, construiu um próspero mercado e fez pequenos empréstimos para que pudessem abrir negócios, ajudando-os na transição de um mujahid a comerciante. Khan era tão amado pelo povo como era temido pelos rivais devido aos duros julgamentos que tinha por hábito prolatar.

Sarfraz, o ex-comandante paquistanês de Zuudkhan, que ajudou a proteger Mortenson quando as notícias de 11 de setembro chegaram ao seu rádio de ondas curtas, encontrara Khan em suas próprias viagens ilegais pelo Corredor do Wakhan como contrabandista.

— Se ele é um bom homem? Sim, bom. Mas perigoso — diz Sarfraz.

— Se o seu inimigo não concordar em se render e juntar-se a ele, ele o amarra entre dois jipes e o arreventa ao meio. Desse modo, ele se tornou como um presidente do Badakshan.

À tarde, Mortenson trocou um pouco de dinheiro e alugou outro jipe de um pai e filho devotos, que concordaram em fazer a viagem de duas horas até o quartel-general do Khan em Baharak, contanto que Mortenson estivesse preparado para partir imediatamente, para que pudessem voltar a tempo para a prece vespertina.

— Posso partir agora — respondeu Mortenson.

— E a bagagem? — perguntou o menino, que falava um pouco de inglês. Mortenson encolheu os ombros e entrou no jipe.

— A distância até Baharak não deveria ser mais de 100 quilômetros

— diz Mortenson. — Mas levou três horas. Estávamos de volta numa região que me lembrava o desfiladeiro do Indo, estendendo-se ao longo de lajes sobre um rio que descia sinuoso atravessando um cânion rochoso. Eu

estava contente por termos um carro bom. Todos aqueles SUVs que os americanos dirigem são feitos para fazer compras no supermercado e levar os filhos para jogar futebol. É preciso algo como um jipe russo de verdade para passar por cima desse tipo de terreno.

Vinte minutos antes de chegarmos a Baharak, o desfiladeiro do rio se alargou num campo verdejante entre encostas suaves. Os fazendeiros cobriram as encostas, plantando papoulas sobre toda a superfície arável.

— Se não fosse pelas papoulas, poderíamos estar na entrada do vale do Shigar — diz Mortenson —, subindo para Korphe. Percebi quão próximos estávamos do Paquistão e, mesmo nunca tendo estado ali antes, me pareceu familiar, como se estivesse em casa novamente.

A cidade de Baharak reforçou esse sentimento. Cercado pelos picos nevados do Hindu Kush, Baharak era o portão de entrada para o Wakhan. A boca do estreito vale estava a apenas poucos quilômetros a leste, e Mortenson se sentiu reconfortado ao saber que muitas pessoas com quem se importava no Zuudkhan estavam tão próximas.

O motorista e o filho foram até o mercado de Baharak, para se informarem sobre o local da residência de Sadhar Khan. No mercado, Mortenson percebeu que o povo de Baharak, que cultivava mais do que traficava ópio, vivia numa economia de subsistência como os baltis. A comida nos celeiros era simples e

rara, e os sobrecarregados burricos que levavam suprimentos ao mercado, pareciam doentes e subnutridos. Do que lera a respeito, Mortenson sabia o quão todo o Badakshan vivera separado do mundo durante a supremacia do Talibã. Mas não sabia quão pobre este lugar realmente era.

Atravessando o mercado, onde todos os demais meios de transporte usavam apenas quatro patas, surgiu um velho jipe russo branco que veio na direção deles. Mortenson fez sinal para pararem, imaginando que alguém que pudesse comprar um veículo desses em Baharak saberia o endereço de Sadhar Khan.

O jipe estava cheio de mujahadeen com aspecto ameaçador, mas o motorista, um homem de meia-idade com olhos penetrantes e uma barba preta muito bem aparada, desceu para falar com Mortenson.

— Estou procurando por Sadhar Khan — disse Mortenson, na língua dari rudimentar que ele obrigou Kais a lhe ensinar assim que saíram de Cabul. — Ele está aqui — respondeu o homem, em inglês.

— Onde?

— Eu sou ele. Eu sou Commandhan Khan.

No telhado da residência de Sadhar Khan, sob as montanhas marrons de Baharak, Mortenson andava de modo nervoso em volta da cadeira que lhe deram para se sentar, esperando pelo commandhan retornar das preces do juma. Khan vivia de modo simples, mas seu aparato de poder era aparente em toda a parte. A antena de um poderoso transmissor de rádio preso além do beiral do telhado como um mastro nu, atestava a associação de Khan com a modernidade. Diversas pequenas antenas de satélite direcionavam-se para o sul. E sobre os telhados dos prédios vizinhos, Mortenson via os atiradores de Khan, que o vigiavam através dos telescópios de seus fuzis.

A sudeste, podia ver os picos nevados de seu Paquistão, o que fez com que imaginasse Faisal Baig montando guarda sob os cumes, para que os atiradores não o perturbassem. De Faisal, Mortenson traçou uma linha mental de escola em escola, de comunidade em comunidade, descendo o vale do Hunza, para Gilgit, atravessando o desfiladeiro do Indo, indo até Skardu, ligando pessoas e lugares que conhecia e amava até este solitário telhado, dizendo-lhe que ele não estava só.

Pouco antes do pôr-do-sol, Mortenson viu centenas de homens deixando a mesquita simples de Baharak, semelhante a um bunker, que mais parecia uma tenda militar do que um templo de adoração. Khan foi o último a sair, conversando atentamente com o mulá da aldeia. Inclinou-se para abraçar o ancião e se virou vindo em direção ao estrangeiro que o esperava em seu telhado.

— Sadhar Khan subiu sem guardas. Trouxe apenas um de seus jovens tenentes para servir de intérprete. Sei que os atiradores que me vigiavam poderiam me derrubar num segundo se eu olhasse torto para ele, mas apreciei o gesto — diz Mortenson. — Do mesmo modo que fez ao me encontrar no mercado, estava disposto para tratar do assunto pessoalmente. — Perdoe-me por não poder lhe oferecer chá — disse Khan, por meio de seu intérprete, que falava muito bem inglês.

— Mas em poucos instantes — ele tornou a dizer, indicando o sol que se punha por trás de uma região pedregosa a oeste —, poderá comer e beber o que quiser. — Está ótimo — respondeu Mortenson. — Viajei bastante para podermos conversar. Sinto-me simplesmente honrado por estar aqui.

— E sobre o que um americano veio conversar num lugar tão distante de Cabul? — perguntou Khan, endireitando o manto de lã marrom, bordado com linhas vermelhas, que lhe serviam de insígnia. Então Mortenson contou ao commandhan a sua história, começando com a chegada dos cavaleiros kirghiz, numa nuvem de poeira descendo o Passo Irshad, e terminando com o relato sobre o tiroteio que teve de atravessar na noite anterior, e sua fuga sob as peles de cabra. Então, para a total surpresa de Mortenson, o temível líder dos mujahadeen do Badakshan gritou de alegria e apertou o perplexo americano num abraço.

— Sim! Sim! Você é dr. Greg! Meu commandhan Abdul Rashid falou-me de você. Isto é incrível! — disse Khan, andando, emocionado, de um lado para o outro. — E em pensar que nem mesmo mandei preparar uma refeição ou uma recepção de boas-vindas dos anciões da aldeia. Perdoe-me! Mortenson sorriu. E a terrível tensão da viagem até o Norte, não fosse pela poeira e o fedor de bode, dissolveu-se completamente. Khan tirou um último modelo de telefone celular por satélite do bolso do colete de fotógrafo que vestia sob o manto e ordenou à equipe para começar a preparar um banquete. Depois, ele e Mortenson ficaram andando em círculos pelo telhado, conversando sobre possíveis locais para a

construção das escolas. O conhecimento de Khan sobre o Corredor Wakhan, onde Mortenson estava mais ansioso para começar a trabalhar, era enciclopédico. E indicou as cinco comunidades que se beneficiariam imediatamente com a educação primária. Em seguida, Khan catalogou um imenso número de moças sem instrução, muito mais vasto do que qualquer coisa que Mortenson havia imaginado. Apenas em Faizabad, disse Khan, havia 5 mil adolescentes que tentavam ter aula num campo ao lado do colégio secundário dos rapazes. A história era a mesma, disse ele, em todo o Badakshan, e ele detalhou uma enorme lista de necessidades que manteria Mortenson ocupado pelas próximas décadas.

Assim que o sol desapareceu por trás das cordilheiras a oeste, Khan apoiou a mão sobre as costas de Mortenson e apontou em volta: —

Lutamos com os americanos, aqui, nestas montanhas, contra os russos. E, embora tenhamos ouvido muitas promessas, eles nunca voltaram para nos ajudar quando as mortes acabaram. Olhe, olhe bem para estas montanhas.

Khan indicou o planalto rochoso que se estendiam das ruas de terra de Baharak, como cabeças de pedra, alinhadas de forma irregular, como um imenso exército de mortos que subiam em direção ao sol poente.

— Já houve mortes demais nestas montanhas — disse Sadhar Khan, num tom sombrio. — Cada pedra, cada rocha que vê adiante é um dos meus mujahadeen, shahids, mártires, que sacrificaram as vidas lutando contra os russos e o Talibã. Agora temos de fazer valer o sacrifício deles.

E virando-se para Mortenson, Khan concluiu:

— Temos de transformar essas pedras em escolas.

Mortenson sempre duvidara que toda a vida de uma pessoa passasse como um filme pela mente um momento antes de morrer. Parecia não haver tempo suficiente para isso. Mas no segundo que levou para divisar os olhos escuros de Sadhar Khan e, depois, através deles, ao contemplar o juramento que lhe pediam para fazer, Mortenson viu toda a sua vida se desdobrar à sua frente.

Este telhado, cercado por estas montanhas severas, era uma encruzilhada onde tinha de escolher um caminho. E se ele se virasse na direção deste homem, e destas pedras, podia ver a trilha pintada adiante mais vívida do que o atalho de

dez anos que iniciara num remoto dia em Korphe.

Haveria novas línguas a aprender, novos costumes a aprender antes de poder interiorizá-los. Haveria meses de ausência de sua família, espalhados como pontos brancos na tela brilhante que se abria à sua frente, este futuro ensolarado que surgia como um campo de neve imaculado, e perigos que não poderia imaginar, que assomavam sobre a estrada como nuvens de trovão. Ele via esta vida se elevar diante dele tão claramente como o pico do Kilimanjaro que viu quando era menino, tão fulgurante quanto a pirâmide incomparável do K2 ainda assombrava os seus sonhos.

Mortenson colocou as mãos nos ombros sobre o manto marrom de Sadhar Khan, como fez há uma década, entre outras montanhas, com outro líder, chamado Haji Ali, consciente, não dos atiradores que ainda o vigiavam pelas lentes dos telescópios de seus rifles, nem das pedras shahid, aquecidas como brasas pelos derradeiros raios de sol, mas da montanha interior com que se comprometia, naquele instante, a escalar.

Agradecimentos

Quando o coração fala, preste muita atenção.

Judith Campbell

É meu entendimento que toda a população do planeta dedicará a próxima década para alfabetizar e educar todas as crianças do mundo, especialmente as meninas. Mais de 145 milhões de crianças de todo o mundo permanecem sem educação devido à pobreza, à exploração, à escravidão, ao extremismo religioso e à corrupção nos governos. Que este livro, *A terceira xícara de chá*, possa servir de catalisador para trazer o bem da alfabetização a estas crianças excluídas que merecem ter a chance de estudar.

No costume tribal de muitas sociedades indígenas, é adequado tanto começar quanto terminar uma reunião fazendo uma apologia, e pedir perdão por qualquer mal-entendido ou transgressão que se possa ter causado num encontro ou relacionamento. É importante honrar e respeitar esta tradição. Ao decidir concluir meu trabalho, em geral de modo bastante peculiar, ofendi ou magoei algumas pessoas. Eu lamento e peço o seu perdão. Teri asees chaunde.

Todas as páginas deste livro poderiam ser facilmente preenchidas com o reconhecimento de milhares de almas incríveis que formaram uma parte vital desta jornada fantástica, que começou com uma viagem frustrada ao Campo dos Sonhos, em Dyersville, Iowa, e terminou num campo de trigo do outro lado do mundo, em Korphe, Paquistão. Eu lamento — e vou passar várias noites sem dormir —por não poder agradecer a cada um neste espaço limitado. Obrigado por abençoar a minha missão de vida a cada dia. Por favor, saibam que uma homenagem a cada um permanece na educação de uma criança, possibilitada por sua empatia e benevolência.

Quero agradecer especialmente ao exímio coautor deste livro, David Oliver Relin, por sua dedicação e perseverança inquebrantáveis por mais

de dois anos para criar o texto que dá vida para *A terceira xícara de chá*.

Sem ele, esta história, em sua totalidade, jamais teria sido revelada.

Commandhan Relin, eu o saúdo!

Nossa agente literária, Elizabeth Kaplan, foi o pulso firme que guiou A terceira xícara de chá por mais de dois anos, de uma simples proposta à sua publicação integral. Para mim, fazer com que este livro fosse escrito era, por vezes, mais árduo do que vivê-lo. Por sua paciente condução e calma graciosa a cada passo, sou eternamente grato.

Os companheiros da Viking Penguin, Ray Roberts, Carolyn Coleburn, Nancy Sheppard, Judi Powers e Sharon Gonzalez são seres extraordinários.

Ao longo do processo, acompanhando o desenrolar deste livro, sua sabedoria profissional e auxílio ensinaram-me muito. Vocês foram incansáveis encorajadores do começo ao fim desta empreitada. Obrigado.

A imprensa desempenhou um papel significativo para trazer este empreendimento a público. Obrigado a todos, do jornal local à rádio pública estatal NPR, à TV nacional, à rádio AM, às revistas e aos canais de divulgação internacionais. Obrigado a Kathy Gannon, a ex-chefe do escritório da Associated Press no Paquistão e no Afeganistão, e Ahmed Rashid, autor de Talibã, pela consulta por mais de uma década de seu conhecimento enciclopédico de montanhas a madrassas e mujahadeen.

Também agradeço à revista Outside, Hal Espen, Elizabeth Hightower e Mark Jenkins, pelas coberturas iluminadas sobre o K2, a guerra na geleira do Siachen e no corredor de Wakhan, no Afeganistão, que lançou uma luz humanista sobre lugares antes conhecidos somente pela guerra ou pela aventura.

Dezenove meses depois de 11 de setembro, quando a revista Parade publicou um artigo de Kevin Fedarko, "Ele combate o terrorismo com livros", os Estados Unidos da América responderam com mais de 14 mil cartas e e-mails a nosso pequeno escritório em Montana. De todo o país, de conservadores a liberais, de muçulmanos, cristãos, judeus, hindus a agnósticos, do Capitólio a articuladores de Washington, D.C. e acampamentos de trailers em Des Moines, os Estados Unidos aceitaram o simples conceito de combater o terrorismo com livros e promover a paz com uma caneta. Obrigado, Kevin, e um agradecimento especial aos editores da Parade, Lee Kravitz e Lamar Graham por abrirem a mente e o coração dos americanos.

Em 12 anos, nunca usamos nem um dólar do dinheiro público federal para construir uma escola ou comprar uma caneta. Mas tenho uma profunda dívida de

gratidão à congressista Mary Bono (representante da Califórnia) que me ensinou como defender e propugnar a causa da educação das meninas no Paquistão e no Afeganistão como um modo eficaz de reverter o abismo permanente da guerra contra o terrorismo.

Obrigado também a Mark Udall (representante do Colorado) por sua ajuda.

Da Dakota do Sul, minha alma mater USD, agradeço por quatro pessoas valiosas que tocaram minha vida: Lars Overskei, Tom Brokaw, dr.

Dan Birkeland e Al Neuharth, fundador da USA 'Today, e do Fórum da Liberdade, com sede em Washington, D.C., que me concedeu o Prêmio Livre Espírito de 2004.

Aos meus queridos amigos, mentores, antepassados, professores, guias, irmãos e irmãs no Paquistão e no Afeganistão: não tenho palavras para expressar minha gratidão, exceto dizer que cada um é uma estrela que ilumina o céu da noite, e que a sua lealdade, ardor e perseverança trazem a educação às suas crianças. Shukuria, Rahmat, Manana, Shakkeram, Baf Bakshish, obrigado!

Como militar de reserva, saúdo nossas Forças Armadas, que servem ao país com honra e valor. Como humanista, também agradeço os dedicados agentes de saúde que combatem o analfabetismo, a doença, a degradação ambiental, as violações dos direitos humanos e os imprevistos colossais.

Obrigado à Escola Elementar de Westside, em River Falls, Wisconsin, por ter iniciado o "Centavos pela Paz"

(www.penniesforpeace.org) em 1994. Hoje, seus 62.340 centavos deram início a mais de 350 escolas, com mais de oitenta mil alunos, para levantar, pelo menos, 12 milhões de centavos, para levar lápis e esperança aos estudantes do Paquistão e do Afeganistão.

Meus agradecimentos à devotada equipe do Instituto da Ásia Central (IAC), Jennifer Sipes, Kelli Taylor, Christiane Leitingner e aos diretores do IAC, dr. Abdul Jabbar, Juba Bergman e Karen McCown: vocês são parte vital dessa jornada. Seu apoio incondicional, encorajamento e dedicação são a razão da nossa contínua realização.

Há alguns amigos especiais que verdadeiramente compreendem as minhas

idiossincrasias. Em minhas freqüentes migrações entre dois

universos distintos, eles são os que aceitam o modo circular com que negocio o mundo para superar os desafios transculturais. Por seu apoio realista e sólido, agradeço a George McCown, Talat Jabbar, Nancy Block, Anne Beyersdorfer, Bem Rice, Charley Shimansky, Bill Galloway, dr.

Louis Reichardt, Jim Wickwire, Steve Swenson, dr. Andrew Marcus, Jennifer Wilson, Kim Klein, Burke (Catherine) Keegan, Vince e Louise Larsen, Lila e Brent Bishop, John e Anne Rigby, Tony O'Brien, Vickie Cain, Keith Hamburg, Jeff McMillian, Andrew Lawson, Brynn Breuner, John Guza, Stefeni Freese, CPA, Tom e Judy Vaughan, Louise Forrest, Pam Heibert, MD, Haji Fida Mohammed Nashad sahib, Saeed Abbas sahib, general-de-brigada Bashir Baz, coronel Ilyas Mirza, capitão Wassim Ifthakhar Janjua, Commandhan Sadhar Khan, Wohid Khan, Twaha, Eliza, e os saudosos Patsy Collins e Jose Forquet.

A única, infatigável equipe do IAC no Paquistão move montanhas de forma incansável para manter a bola rolando. Bohot Shukuria para o persistente Apo Cha Cha Abdul Razak sahib, o incansável Ghulam Parvi sahib, o indômito Suleman Minhas, o astuto Saidullah Baig e o vigilante Faisal Baig e, no Afeganistão, ao invencível Sarfraz Khan, ao engenhoso Abdul Waqil, o iluminado Parvin Bibi, e o exigente Mulá Mohammed.

A Jean Hoerni e Haji Ali — espero não tê-los decepcionado quanto ao respeito aos seus legados!

Quando criança, na Tanzânia, meus pais, Dempsey e Jerene Mortenson, liam para minhas irmãs, Sonja, Kari, Christa e eu todas as noites sob o lampião e depois, um abajur. Essas histórias me encheram de curiosidade sobre o mundo e outras culturas. Elas inspiraram a aventura humanitária que moldou a minha vida. A dedicação de minha mãe de toda uma vida à educação me inspira profundamente. Embora o câncer tenha levado meu pai em 1980, aos 48 anos de idade, sua infinita compaixão, tolerância e espírito continuam a viver em tudo o que faço.

O que me motiva a fazer isto? A resposta é simples: quando vejo a expressão nos olhos das crianças do Paquistão e do Afeganistão, vejo os olhos dos meus filhos cheios de espanto — e espero que façamos a nossa parte para lhes deixar um legado de paz, em vez de um perpétuo ciclo de violência, guerra, terrorismo,

racismo e intolerância, que nós, adultos ainda temos de superar.

Aos meus incríveis filhos, Amira Eliana e Khyber, vocês sempre me dão o seu amor constante e incondicional, que me inspira a fazer algo que



valha a pena pelo mundo, para torná-lo um lugar melhor para vocês, da menor maneira que seja.

Acima de tudo, devo a minha imensa gratidão à minha incrível esposa, Tara. Sinto-me feliz por termos tido fé juntos. Você é uma maravilhosa companheira, confidente, mãe e amiga. Durante minhas constantes ausências ao longo dos nossos dez anos de casamento, na paisagem rugosa do interior do Paquistão e do Afeganistão, seu amor fez com que eu pudesse seguir o meu coração.

GREG MORTENSON

Gostaria de agradecer a Greg Mortenson, por me contar uma das histórias mais incríveis que já ouvi e, depois, por me convidar a contá-la aos outros. Também gostaria de agradecer a Tara, Amira, Khyber, e todo o clã MortensonBishop por transformar minhas freqüentes visitas a Bozeman num encontro familiar.

O general-de-brigada Bashir Baz e o coronel Ilyas Mirza da Aviação Askari não apenas fizeram com que eu chegasse aos vales mais remotos nas Regiões do Norte, mas também me ajudaram a alcançar pelo menos uma compreensão rudimentar dos desafios que os militares normalmente enfrentam no Paquistão. O general-de-brigada Bhangoo me levou de avião até os tesouros nas elevadas altitudes do Karakoram e do Hindu Kush em seu rústico Alouette e me entreteve até altas horas com conversas elevadas sobre o futuro de seu país.

Suleman Minhas passou comigo por barreiras policiais e me levou às aéreas mais interessantes de Islamabad e Rawalpindi, onde, com muito bom humor, ajudou um estrangeiro a enxergar mais claramente. Ghulam Parvi trabalhou incansavelmente como tutor e intérprete, fazendo com que a rica cultura do povo balti ganhasse vida. Apo, Faisal, Nazir e Sarfraz anteciparam e atenderam todas as minhas necessidades enquanto eu viajava pelas Regiões do Norte. Twaha, Jahan e Tahira, junto com o restante do povo correto e orgulhoso de Korphe, ajudaram-me a compreender que isolamento e pobreza não impedem uma comunidade



determinada de alcançar os objetivos que estabelecem para seus filhos. E, repetidamente, sem cessar, o povo do Paquistão provou para mim que não há país mais hospitaleiro em nenhum outro lugar do planeta.

Em Madri, Ahmed Rashid conseguiu fugir do pódio no encontro mundial sobre

o terrorismo e me dar um curso intensivo sobre o intrincado sistema político do Paquistão e a relação entre a ascensão das madrassas e o extremismo. Conrad Anker, Doug Chabot, Scott Darsney, Jon Krakauer, Jenny Lowe, Dan Mazur e Charlie Shimanski, todos me deram visões significativas sobre o mundo de alta-tensão do alpinismo. Jim "Mapman"

McMahon merece kudos pelo trabalho profissional que realizou desenhando os mapas do livro e por se oferecer a enfrentar qualquer um da Fox News que não goste da mensagem de A terceira xícara de chá.

Devo ao meu velho amigo Lee Kravitz, da Parado, pelo dia em que disse: "Há alguém que você deveria conhecer", e por seu sábio conselho quando o livro foi concluído. Gostaria de agradecer a ele também por ter tido o bom senso de se casar com Elizabeth Kaplan, que, graciosamente, acompanhou este livro por todo o processo de publicação e educou um novato sobre o mercado editorial, ao mesmo tempo em que comia, andava, falava ao celular e cuidava dos filhos. Sou grato a Ray Roberts, da Viking, por sua erudição e educação em relação a todas as minicatóstrofes que surgiram ao longo da preparação e da publicação deste livro.

Preciso agradecer a Murphy-Goode Wmery, por fornecer as bebidas durante a realização das entrevistas. Obrigado também a Victor Ichioka, da Mountain Hardwear, por fornecer a indumentária para nossas viagens às Regiões do Norte. E sou grato às cafeterias de Portland, Oregon, algumas das melhores do planeta, por permitir um escritor intoxicado de cafeína falar consigo mesmo durante tantas tardes infindáveis.

Finalmente, quero agradecer a Dawn, por urna lista inumerável de coisas, mas, especialmente, pela expressão em seu lindo rosto iluminado pela lareira naquela noite no Salmon-Huckleberry Wilderness, quando li para ela os primeiros capítulos terminados deste livro.

DAVID OLIVER RELIN

Visite a página www.terceiraxicara.com.br. Lá você encontrará links para o Instituto da Asia Central, notícias sobre os projetos de Greg Mortenson e sua agenda, que inclui uma visita ao

Brasil. Você poderá se cadastrar para receber informações sobre o trabalho do autor e de outros livros.

Table of Contents

[Rosto](#)

[Contracapa](#)

[Introdução](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Agradecimientos](#)

Document Outline

- [Rosto](#)
- [Contracapa](#)
- [Introdução](#)
- [Capítulo 1](#)
- [Capítulo 2](#)
- [Capítulo 3](#)
- [Capítulo 4](#)
- [Capítulo 5](#)
- [Capítulo 6](#)
- [Capítulo 7](#)
- [Capítulo 8](#)
- [Capítulo 9](#)
- [Capítulo 10](#)
- [Capítulo 11](#)
- [Capítulo 12](#)
- [Capítulo 13](#)
- [Capítulo 14](#)
- [Capítulo 15](#)
- [Capítulo 16](#)
- [Capítulo 17](#)
- [Capítulo 18](#)
- [Capítulo 19](#)
- [Capítulo 20](#)
- [Capítulo 21](#)
- [Capítulo 22](#)
- [Capítulo 23](#)
- [Agradecimentos](#)